



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Manuel Vilaça Ribeiro

O ESPAÇO DE CULTO CATÓLICO

REABILITAÇÃO DE IGREJAS SEGUNDO A REFORMA LITÚRGICA DO CONCÍLIO VATICANO II

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pela Professora Doutora Carolina da Graça Cúrdia Lourenço Coelho
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Setembro de 2020

O ESPAÇO DE CULTO CATÓLICO
Reabilitação de igrejas segundo a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Departamento de Arquitetura

Seminário de Investigação em Arquitetura
Sob orientação: Professora Doutora Carolina Coelho
Manuel Vilaça Ribeiro | Setembro 2020

Quero expressar os meus mais vivos agradecimentos aos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho visse a luz do dia:

Aos arquitetos João Luís Marques e João Alves da Cunha pela disponibilidade e paixão com que sempre abordaram o tema, em especial, em algumas conversas tidas e na organização das Jornadas de Liturgia, Arte e Arquitetura, assim como do Congresso Internacional de Arquitetura Religiosa.

Ao padre e arquiteto Fernando Lopez Arias pela simpatia e auxílio que me deu num momento importante de trabalho da dissertação.

Ao padre Joaquim Ganhão pelo tempo disponibilizado no esclarecimento de dúvidas sobre o tema estudado.

Ao arquiteto Esteban Fernandez Cobián pela simpática e elucidativa entrevista, assim como pelo empenho na organização dos Congressos Internacionais de Arquitetura Religiosa, tão importantes para o aprofundamento do tema.

Ao arquiteto Tomás Durán pela explicação e facultação de documentos importantes sobre a Igreja de São Martinho de Cedofeita.

Ao escritório de arquitetura Cerejeira Fontes, na pessoa do arquiteto António Cerejeira Fontes, pelo apoio na compreensão da intervenção realizada na igreja de São Martinho de Cedofeita, assim como pela disponibilização de desenhos e outros materiais.

Ao Padre Joaquim Félix pelas imagens partilhadas da última intervenção realizada na Igreja de Cedofeita.

Ao Padre Carlos Noronha Lopes pelo acolhimento e sabedoria com que me ajudou a compreender a evolução do espaço litúrgico da Igreja Paroquial de Quiaios.

Ao Sr. Augusto Marques pela partilha de imagens antigas da Igreja de Quiaios.

Ao Padre Arlindo Magalhães pela ajuda na compreensão da reabilitação da igreja da Serra do Pilar, e pela facultação de imagens ilustrativas da mesma.

Ao arquiteto Pedro Castro Cruz pela simpatia e apoio dado na leitura da evolução do espaço litúrgico da Igreja da Serra do Pilar.

Ao gabinete de arquitetura Appleton e Domingos, na pessoa do arquiteto João Appleton, pela amabilidade que teve em facultar desenhos e documentos relativos à intervenção realizada na Igreja de Santa Isabel bem como pela conversa tão esclarecedora.

Ao Padre José Manuel Pereira de Almeida pela importante conversa sobre o espaço litúrgico da igreja de Santa Isabel.

Ao arquiteto Gastão da Cunha Ferreira pela simpatia com que me ajudou a compreender a sua intervenção na Igreja de Santa Isabel.

Ao arquiteto Bernardo Pizarro Miranda pela disponibilização de desenhos e documentos relativos à sua intervenção na igreja do Colégio São João de Brito.

Ao Padre António Santana sj e ao Padre Jorge Manuel sj pela facultação de imagens do espaço litúrgico da igreja do Colégio.

Ao Padre António Magalhães pela ajuda na compreensão de algumas intervenções realizadas na região de Braga.

Ao Padre Pedro Rocha Mendes sj pelo apoio no esclarecimento de alguns dos temas associados à problemática da tese.

Ao Padre e arquiteto João Norton sj pela ajuda na compreensão das várias intervenções no espaço litúrgico da Igreja de Santo Inácio, em Paris.

Ao Padre e arquiteto Nuno Branco sj que, desde cedo, me acompanha neste caminho.

Aos DEPA Architects pelo apoio e compreensão ao longo de todo o processo.

Às 1787 almas que amavelmente responderam ao inquérito que realizámos.

À Professora Doutora Carolina Coelho pelo apoio, disponibilidade e ânimo constantes ao longo de todo o percurso.

Por fim, um agradecimento especial aos meus pais, irmãs, avós e restante família, ao Pedro, fiel companheiro de jornada, à Teresinha, e a todos os que comigo caminham e me ajudam na caminhada.

Este documento segue o Acordo Ortográfico de 1990 e rege-se segundo as normas APA para efeitos de citação e de referenciação. Todas as citações encontram-se na Língua Portuguesa, por tradução livre do autor, para facilitar a leitura continuada do texto, estando a citação na língua original em nota de rodapé.

SUMÁRIO

Resumo	11
Abstract	13
Introdução	15
Capítulo I. - “a semente germina e cresce” (Mc 4, 27)	27
I.I. Origem do espaço litúrgico	29
I.II. Antecedentes que permitiram a reforma litúrgica	51
Capítulo II. - “O tempo é chegado” (Mc 1, 14-15)	83
II.I. Análise de documentos do Concílio Vaticano II	85
II.II. Análise da “ <i>Declaratio</i> ”	109
Capítulo III. - “Sejam fortes e corajosos” (Dt 31, 6)	123
III.I. Elementos estruturantes do espaço litúrgico	125
III.II. Análise de exemplos de igrejas reabilitadas pós-concílio Vaticano II	237
Capítulo IV. - “derramarei do meu Espírito sobre todos os povos” (Jl 2, 28)	299
IV.I. Um Concílio não convocado	301
IV.II. O Concílio Vaticano II: da Ideia à Realidade	331
Referências Bibliográficas	341
Sumário de figuras	363
Anexos	405

Palavras chave:

Arquitetura | Igreja Católica | Concílio Vaticano II | Espaço Litúrgico | Reabilitação

RESUMO

O presente trabalho visa explorar a arquitetura religiosa católica na sua dificuldade de intervenção e de reabilitação do espaço interior de igrejas (espaço litúrgico) construídas no período pré-Concílio Vaticano II.

Com o intuito de contextualizar e de sustentar a reforma litúrgica procedente deste Concílio e dado que, essencialmente, a resposta passava por um regresso às origens, inicia-se esta dissertação tentando compreender de que forma surge e se desenvolve, nos primeiros séculos, o espaço sagrado cristão, destacando ainda alguns momentos importantes na definição do espaço até ao século XIX. É através de uma viagem pela história do espaço litúrgico que se procura estudar os antecedentes que permitiram a reforma formalizada pelo Vaticano II, nomeadamente o «movimento litúrgico».

De seguida, procede-se ao estudo de documentos conciliares e pós-conciliares com destaque para as questões arquitetónicas, procurando, desta forma, fixar as dimensões e os aspetos que definem uma igreja e que devem ser tidos em conta aquando de uma qualquer intervenção nos edifícios com este programa.

Foi através da apresentação de seis exemplos de igrejas – a igreja da Serra do Pilar, em Gaia; a igreja Paroquial de Quaiaios; a igreja de Santa Isabel, em Lisboa; a igreja do Colégio São João de Brito, em Lisboa; a nova igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto; e a Igreja de Santo Inácio, em Paris – que se procurou expor o problema da reabilitação de algumas igrejas pré-conciliares, demonstrando como se podem quebrar determinados paradigmas que todavia permanecem relativamente ao assunto.

Por fim, para completar o percurso desenvolvido, procurou-se estabelecer uma relação entre o tema estudado e aquela que é a experiência dos vários fiéis nas igrejas que frequentam. Para tal, foi realizado um inquérito aos utilizadores do espaço litúrgico, por forma a compreender de que forma é que estes veem hoje o espaço da igreja e que caminhos consideram que deve seguir no futuro. Trata-se de uma recolha que, em nosso entender, ajuda a compreender melhor o que deve ser uma igreja nos dias de hoje de acordo com a sensibilidade dos que nela procuram o espaço privilegiado de expressão da sua fé.

Key words:

Architecture | Catholic Church | Vatican Council II | Liturgical Space | Rehabilitation

ABSTRACT

The present thesis aims to explore a dimension of catholic religious architecture, namely its challenges regarding intervention and the rehabilitation of the interior of its churches and temples - the liturgical space - built before the Second Vatican Council.

With the intention of contextualizing and sustaining the liturgical reformation set forth by this council and given the retrospective nature of its intentions - which can be referred as a return to the roots -, the work here presented, intends to grasp the ways through which the sacred christian space was brought about and developed, during its early centuries, singling out relevant moments in space definition, all the way up to the 19th century.

This journey across the history of the liturgical space is what allows for the study of the reality which preceded the Second Vatican Council, namely its "liturgical movement".

Afterwards a study of conciliar and post-conciliar documents is conducted, highlighting the architectural question with the aim to clearly define the different facets and aspects which define a church, and must be taken into account during any intervention made to buildings with a church-like programme.

The issue of rehabilitating some pre-conciliar churches, and the breaking down of certain paradigms which still remain regarding this topic; is approached making use of six different case-studies: the church of the Serra do Pilar; the parochial church of Quiaios; the Santa Isabel church in Lisbon; the São João de Brito school church in Lisbon; the church of São Martinho de Cedofeita, in Porto; and the church of Saint-Ignace in Paris.

Finally, to wrap-up the work developed, it was attempted to establish some correlation between the topic at hand and the experiences of the faithful at the churches which they attend. For this purpose, an inquiry was created and distributed among the main users of liturgical spaces, with the goal to understand what views are held regarding these areas today and what they believe should be the way forward.

This data collection proves invaluable to the question to what should be a church and its space in today's world, according to the sensitivity of those who use it as their preferred place for their worship and cultivation of their faith.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação procura refletir acerca do que poderá ser o edifício igreja¹ nos dias de hoje, tendo como centro um momento contemporâneo marcante da história da Igreja na sua redefinição espacial: o Concílio Vaticano II.

Conscientes que o Concílio veio a alterar a dinâmica espacial do interior das igrejas² (espaço litúrgico) e que, nos dias de hoje, todavia, reabilitar e, até mesmo, projetar uma igreja³, se torna tarefa particularmente exigente⁴ - devido (sobretudo) à pouca clareza da reforma relativamente à arquitetura⁵ -, procuraremos, neste trabalho, compreendê-la, de forma a perceber em que consiste o edifício igreja e de que forma(s) devem ser reabilitadas as igrejas pré-conciliares⁶.

A problemática da reabilitação prende-se, em primeiro lugar, com o facto de, na sua grande maioria, as igrejas existentes pelo mundo fora terem sido construídas antes do Concílio Vaticano II (igrejas pré-conciliares) - ou seja, construídas de acordo com matrizes distintas -, o que faz com que se torne necessário reabilitá-las para que possam servir corretamente a função a que estão destinadas, de acordo com os tempos atuais. Prende-se, em segundo lugar, com o facto de, apesar de já passados mais de cinquenta anos do Concílio Vaticano II, se verificar que, ainda nos dias de hoje, a generalidade das reabilitações realizadas em igrejas pré-conciliares, se encontrarem todavia aquém do objetivo da reforma, tornando-se assim uma ação cada vez mais importante e necessária a sua reabilitação por forma a melhor cumprir os objetivos da reforma⁷.

Assim e, apesar de compreendermos que não se pode descurar o carácter exterior de um edifício, a sua envolvente e a forma com esta relaciona, este trabalho pretende focar-se no seu interior, uma

¹ Sempre que falarmos de igreja, com letra minúscula, referimo-nos ao edifício material ("Pelo nome de igreja entende-se o edifício sagrado destinado ao culto divino, ao qual os fiéis têm o direito de acesso para exercerem, sobretudo publicamente, o culto divino." (CDC 1214) Edição original de 1983; e Igreja, com letra maiúscula, à instituição. Igreja Católica Apostólica Romana, na sua historiografia e na sua especificidade espacial. Importa clarificar ainda que o "modelo" que iremos tratar, será o de igreja.

² "o modo de celebrar pede certo tipo de espaço. Isso ocorre em todas as religiões. A função do espaço determina a sua estrutura, a sua dimensão, a sua estética etc." (Bogaz; Hansen, 2015, p.12)

³ "Olhando as novas igrejas que se estão a construir no nosso país, salvo raras exceções, somos levados a concluir que faltam operadores à altura e, sobretudo, há uma decadência do gosto que não deixa de ser sintoma de decadência espiritual. Em muitos casos o que nos é solicitado é que se alargue as igrejas, com um total desprezo pela arquitectura." (Amorim, 2006, p.109) "Importa fazer igrejas novas que plasmem o mistério da Igreja, comunhão de Deus com os homens e encontro dos homens com Deus. Não meros edifícios funcionais, mais ou menos alegóricos, transposições e colagens exteriores, historicistas ou consumistas, que podem servir para tudo ou quase e não são nada." (Amorim, 2006, p.92)

⁴ "Desde hace ya tiempo diversas voces presentan como urgente la necesidad de dirigirse a la Congregación para el culto divino y la disciplina de los sacramentos -en cuanto organismo competente de la Iglesia universal- para que estudie el problema de una nueva arquitectura litúrgica, con el fin de elaborar una coherente criteriología de evaluación del lenguaje espacial y de la funcionalidad litúrgica (Pontificia Comisión para los Bienes Culturales de la Iglesia, 1995). Tal vez podrá no llamarse "tratado", para no herir la susceptibilidad cultural contemporánea, pero la finalidad, en última instancia, debe ser la misma: explicitar aquellos puntos fijos o principios fundamentales que deben orientar el diseño arquitectónico de las iglesias. En respuesta a esta exigencia Benedicto XVI ha aprobado, el 3 de septiembre de 2012, la reforma del mencionado Dicasterio de la Curia Romana e instituyó una oficina dedicada a la música, al arte y a la arquitectura para la liturgia." (Estivill, 2014, p.71)

⁵ "uma das principais dificuldades do projectista é a escassez de normativas claras, precisas e harmoniosas para a construção de edifícios de culto, que conjuguem a consciência do seu carácter simbólico com os aspectos mais funcionais e práticos." (Arias, 2018, p.14)

⁶ "Um problema especial para a relação entre celebração litúrgica, na qual se exprime a concepção de fé da comunidade, e espaço litúrgico constituem os edifícios antigos, para os quais era referência uma outra concepção de liturgia." (Richter, 2005, p.30) Edição original de 1968.

⁷ "A adequação é, pois, por razões profundas, uma exigência da reforma litúrgica, em favor do património artístico da Igreja. Contudo, "não se deseja que a nossa época passe à história pelo prejuízo causado a complexos artísticos de outras épocas em nome da reforma litúrgica." (Amorim, 2006, p. 109)

vez ai residir parte da essência e o fim para o qual o espaço é erigido. É no espaço litúrgico que recai a nossa atenção enquanto lugar de refrigério (recolhimento individual, oração, adoração, confissão) que acolhe o Mistério (consagração, celebração comunitária). Sem que se materialize corretamente o seu interior, sem ter a consciência de que aí deve residir grande parte do esforço, de pouco ou nada servirá a grandiosidade da fachada da Catedral de Estrasburgo, a beleza compositiva da fachada da Igreja de Santa Maria Novella de Leon Battista Alberti ou a volumetria impetuosa da Igreja de Marco de Canavezes, de Álvaro Siza. Pois esses mecanismos de deslumbre do Homem, nascidos nos tempos áureos da igreja medieval, e que por tanto tempo permaneceram, deixaram de ter o papel proeminente anterior, graças ao surgimento e à ação do Movimento Litúrgico e à sua expressão efetiva no Concílio Vaticano II, que veio recordar que a verdadeira igreja é a reunião dos cristãos em redor da Mesa Palavra e da Mesa Eucarística e que, a partir daí, se deve estruturar o edifício que os acolhe.

Compreendendo que, apesar da importante reforma levada a cabo pelo Vaticano II, permanece uma imagem de uma Igreja estagnada no tempo - pois a sua imagem, que é a igreja construída, assim o demonstra, na generalidade.

É consciente desta urgência, que nos propusemos escrever a presente dissertação. E, porque vivemos um tempo em que a reabilitação é frequente e fundamental, procura-se com este trabalho transportar esta realidade para a requalificação das igrejas, através da compreensão histórica destes espaços, seus elementos constituintes, e do seu percurso evolutivo natural, recorrendo à exposição de seis exemplos de igrejas pré-conciliares reabilitadas: a igreja da Serra do Pilar, em Gaia; a igreja Paroquial de Quaios; a igreja de Santa Isabel, em Lisboa; a igreja do Colégio São João de Brito, em Lisboa; a nova igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto; e a Igreja de Santo Inácio, em Paris. Uma amostra variada de abordagens que consideramos significativas e que ajudam a materializar o nosso pensamento.

Apesar da multidisciplinaridade do programa, importa, desde já, esclarecer que se pretende com este trabalho abordar questões do foro arquitetónico que, por sua vez, nos levam a confrontarmos com problemáticas complementares à disciplina, mas às quais não podemos fechar os olhos⁸. São estas questões teológicas, litúrgicas, políticas, sociais, culturais e artísticas que, como iremos constatar, se tornam importantíssimas na origem, orientação e definição do espaço litúrgico, convergindo assim para o conhecimento em arquitetura.

⁸ É deveras complexo e profundo o tema da arquitetura religiosa católica dada a quantidade de áreas que nele confluem. (Dora avante, os documentos do Concílio Vaticano II provêm da obra: Igreja Católica (1976). *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. (7ª ed). Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. Enumeramos os documentos que vamos usar: *Constituição Sacrosantum Concilium e o Decreto Presbyterorum Ordinis*).

O nosso trabalho estrutura-se em quatro capítulos. Cientes de que a arquitetura religiosa cristã está intimamente relacionada com a História e quão determinante esta é para a compreensão da evolução que a igreja, enquanto edifício e respetivo desenho, foi tomando ao longo dos tempos, o primeiro capítulo procura compreender a origem e o desenvolvimento da organização interior da igreja (tendo em conta a necessária contextualização histórica que cada etapa requer⁹), destacando alguns dos acontecimentos que levaram à realização de um Concílio reformador, como foi o Vaticano II.

O segundo capítulo tem por objetivo compreender as directivas do Concílio¹⁰ relativamente ao espaço e alguns dos seus documentos posteriores que permitiram parte da sua implementação pois, apesar de passado já mais de meio século¹¹, o “Vaticano II não foi somente um evento do passado, mas constitui, de facto, o hoje da Igreja católica, a fonte de onde a Igreja retira o sentido fundamental para sua caminhada histórica e para o diálogo com a realidade atual.”(Bogaz; Hansen, 2015, p.8) O seus conceitos “permanecem não somente válidos, mas normativos no marco da grande tradição católica.”(Bogaz; Hansen, 2015, p.11)

O terceiro capítulo pretende compreender o que é uma igreja, procurando esclarecer que forma(s) pode tomar nos dias de hoje¹², pois é necessária uma sistematização orientadora que, distante de regras rígidas, ajude a aplicar as propostas conciliares de forma correcta para que “não seja reduzido a um jogo de “colocar peças”, isto é, distribuir coisas (objetos litúrgicos) e pessoas (ministros e fiéis) ou ainda gestos (atitudes, movimentos) numa celebração.”¹³ (Gomes, 2010, p. 128) Como tal, procuraremos identificar os elementos que constituem e organizam o espaço, o seu desenvolvimento histórico, as suas alterações e as relações como um todo¹⁴. Procurar-se-á, assim, entender que passos foram dados e quais ficaram por dar, que linhas orientadoras e que exemplos se devem seguir, de forma a compreender as matrizes definidas pelo Concílio e de que forma devem ser transportadas para a definição do espaço litúrgico contemporâneo.

O capítulo termina com a exposição de seis exemplos de igrejas pré-conciliares reabilitadas em várias épocas e de diversas formas, que permitem compreender várias abordagens e possibilidades

⁹ No primeiro capítulo, apesar de serem referidos aspectos de outras religiões, o foco será a Igreja Católica Apostólica Romana, dada a proximidade pessoal, a sua importância histórica e arquitetónica, e acima de tudo, pelo facto de as diferenças entre Igrejas serem demasiado grandes para conseguirmos abordá-las todas nesta dissertação.

¹⁰ “Os grandes Concílios são ponto de chegada e ponto de partida” (Clemente, 2010, p.115)

¹¹ “Com o passar dos anos, os Documentos conciliares não perderam actualidade; ao contrário, os seus ensinamentos revelam-se particularmente pertinentes em relação às novas situações da Igreja e da actual sociedade globalizada.” (Clemente, 2010, pp.152-153)

¹² “Ler o espaço, os seus elementos evidentes e descobrir as relações que se estabelecem entre eles, muitas vezes ocultas e invisíveis para quem, de relance, passeia os seus olhos pelo espaço. Ouvir o que o espaço nos tem para dizer.” (Marques, 2006, p.15)

¹³ “Infelizmente é isto que fazem a maior parte dos arquitectos, engenheiros e sacerdotes ao pensarem num novo espaço litúrgico – um espaço onde uma variedade de coisas e pessoas tem que ser “arrumado”. Alguns destes espaços são claramente reduzidos a uma busca formal (arquitectónica) do exterior, por vezes muito bem conseguida, mas o “lugar litúrgico” foi constituído como pura consequência da forma exterior. Ele aparece quase como que um apêndice duma estrutura. ã aqui que peca gravemente a arquitectura religiosa contemporânea em Portugal, salvo raríssimas excepções.” (Gomes, 2010, p.128)

¹⁴ “aunque una iglesia no es un edificio público cualquiera - construcciones reguladas por exhaustivas, minuciosas y agotadores normativas - debe observar unos requisitos concretos que provienen de su uso y de su significado.” (Arias, 2018, p.16)

no momento de reabilitar uma igreja. Um estudo realizado a partir de visitas, entrevistas, desenhos, fotografias e documentos escritos, que mostram que, apesar de ainda muito estar por concretizar, já muito trabalho teórico e prático se realizou, no sentido da adequação das igrejas que não deve ser esquecido e muito menos menosprezado. Pelo contrário, este deverá ser continuado e aprofundado, clarificando que, “O espaço litúrgico deve corresponder, portanto, por um lado ao mandato apostólico e, por outro lado, às exigências do nosso tempo.” (Richter, 2005, p.33)

Por fim, através da análise de um inquérito realizado, a dissertação procura estabelecer uma relação entre o espaço litúrgico e os fiéis, os verdadeiros utilizadores destes espaços, que tantas vezes ficam à margem da discussão e que acabam por não ter um papel preponderante no desenho do espaço, o que acaba por se refletir, inevitavelmente, em soluções malogradas. Um inquérito que procurou trazer para o tempo presente a discussão acerca do espaço litúrgico, e que possibilitou compreender um pouco melhor a ideia que os fiéis têm acerca do espaço litúrgico e qual o caminho que poderá virá a tomar no futuro.

Da presente dissertação consta ainda, um capítulo denominado de anexos, onde é possível encontrar informação útil adicional. São elas: a passagem bíblica 40 do Profeta Ezequiel, que ajuda a complementar a explicação, por nós feita acerca dos primeiros relatos de sacralização de lugares; a “*Delaratio*”, documento importante da dissertação cujo acesso se tornou difícil e por isso aqui disponibilizamos; a entrevista ao arquiteto Esteban Fernández Cobián e ao arquiteto João Alves da Cunha, duas personagens importantes no panorama internacional relativamente ao tema da arquitetura sacra e que nos ajudaram a compreender dois pontos de vista complementares, relativamente à forma de pensar e desenhar o espaço litúrgico nos dias de hoje; e, por fim, a exposição dos dados resultantes do inquérito, apoio adicional para a compreensão do capítulo IV.I. “Um Concílio não convocado”.

O presente trabalho procura assim compreender em que é que consiste a arquitetura da Igreja Católica nos dias de hoje no que diz respeito ao interior do edifício.

Um estudo que partiu de uma inquietação pessoal relativamente ao tema, uma vez verificada a pouca qualidade arquitetónica que a generalidade dos espaços de culto católico atualmente apresentam¹⁵, tornando inevitável procurar compreender as suas razões e de que forma alterar o paradigma. Pois, “A maneira como construímos as nossas igrejas constituirá a manifestação por excelência da qualidade da nossa vida eclesial, da nossa vida de comunhão no corpo de Cristo.”¹⁶ (Bouyer, 1998, p.12)

¹⁵ “No es raro concluir con decepción que hoy por hoy las buenas iglesias, las que gustan y funcionan, son las iglesias antiguas.” (Cobián, 2005, p.93)

¹⁶ Tradução da citação original: “Il modo in cui costruiamo le nostre chiese sarà la manifestazione per eccellenza della qualità della nostra vita ecclesiale, della nostra vita di comunione nel corpo di Cristo.”

Na sua obra, *Proyectar el espacio sagrado*, Fernando López Arias (2018) coloca, no sub-título, duas elementares questões sobre como projetar uma igreja: “O que é e como se constrói uma igreja?”¹⁷, às quais responde dizendo que, “por surpreendente que pareça, não é fácil responder a nenhuma das duas.”¹⁸ (Arias, 2018, p.13) Afirmando ainda tratar-se de uma “ádua missão”¹⁹ (Arias, 2018, p.13) e de “não ser este um problema novo.”²⁰ (Arias, 2018, p.13).

Foi ao constatar-se isto mesmo, que nos motivámos para a elaboração desta dissertação. A complexidade que este programa pressupõe é fascinante e, reconhecendo que o papel basilar que este programa desempenhou ao longo da história da Arquitetura perdeu visibilidade há já alguns séculos²¹, faz com que se anseio o seu restauro, sem saudosismos serôdios, mas atentos ao que as necessidades hodiernas exigem. Assim, consciente da nova primavera que o Concílio Vaticano II veio impulsionar, mas que em muito falta cumprir, torna-se necessária a reflexão acerca do tema, tal como afirmou Teotónio Pereira: “não nasceu: impôs-se-nos. Teve de ser”, pois permanecer calados “seria traiçoar a sua vocação de arquitetos e católicos”²². (Nuno Teotónio Pereira citado por Cunha, 2014, p.429)

¹⁷ Tradução do sub-título original: “Qué es y cómo se construye una iglesia”

¹⁸ Tradução da citação original: “Por sorprendente que parezca, no es fácil reponder a ninguna de las dos.”

¹⁹ Tradução da citação original: “ardua misión”

²⁰ Tradução da citação original: “No es este un problema nuevo.”

²¹ É clara a compreensão do papel que a Igreja deteve por largos séculos enquanto órgão de poder máximo. Posição essa que permitiu que construísse grandes e notáveis empreendimentos, em especial Igrejas, cujo investimento na dimensão, técnica e desenho arquitetónico se destacavam dos demais edifícios e os tornavam *ex-libris*.

²² “PEREIRA, N. Teotónio, Conversando com o arquitecto Teotónio Pereira (entrevista), O Século, (28.jun.1959), p.4.”

“Que a liturgia seja a celebração da fé e que, por isso, ela influencie a fé, é considerado geralmente algo evidente. Mas que isto seja válido também para o lugar no qual os cristãos se reúnem para as suas celebrações litúrgicas, já não parece ser evidente da mesma forma. E, no entanto, não pode subsistir qualquer dúvida de que também o espaço litúrgico plasma a fé e a exprime através do modo como está organizado.

Em 1995, o presidente da Comissão Episcopal Alemã de Liturgia, o Cardeal Joachim Meisner, testemunhou o seguinte: “Em Agosto celebrei pela primeira vez na vida a Eucaristia na minha cidade natal de Breslau, na igreja em que participava todos os domingos na Missa, durante os primeiros nove anos da minha vida. Sentei-me num dos bancos da igreja e perguntei a mim mesmo: “De qual homilia bem sucedida ainda te recordas?” Não consegui recordar-me de uma única! Mas teria podido descrever-lhes cada uma das imagens com olhos fechados. Isto quer dizer que o espaço das igrejas marca profundamente e de forma impercetível a consciência de fé de uma comunidade, mais do que a palavra do anúncio. Por isso considero uma enorme responsabilidade pastoral a organização do espaço das igrejas.” (Richter, 2005, p.11)

CAPÍTULO I

“a semente germina e cresce”

(Mc 4, 27)

I.I. Origem e desenvolvimento do espaço litúrgico

“A curiosidade pelo passado é uma das características do homem, desde pessoas como o antiquário Nabonido da Caldéia até os arqueólogos e historiadores de hoje. Os cristãos nutrem um interesse especial pela história, porque os fundamentos da sua fé estão firmados na história. Deus fez-se homem e viveu no tempo e no espaço na pessoa de Cristo. O Cristianismo tem sido a mais global e universal de todas as religiões que surgiram no passado no Oriente Próximo e no Oriente Médio. Além disso, tem sido cada vez mais influente na história da raça humana. A história da igreja é, pois, um assunto de enorme relevância para o cristão que deseja estar informado sobre sua herança espiritual, para imitar os bons exemplos do passado, e evitar os erros que a igreja frequentemente tem cometido.” (Cairns, 1995, p.13)²³

²³ Edição original de 1984.

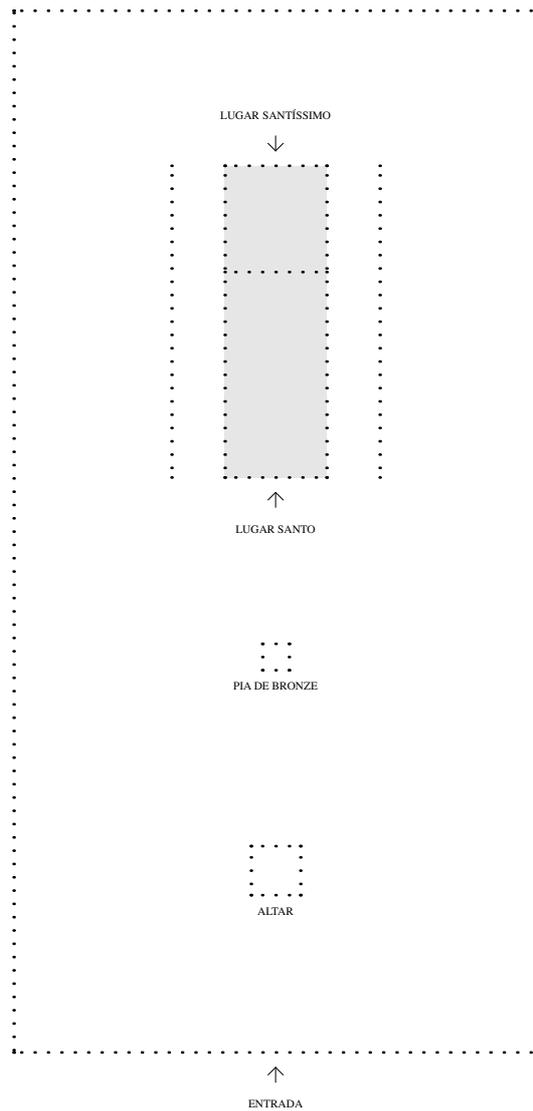


Fig. 1 - Planta esquemática do Tabernáculo



A arquitetura religiosa cristã tem na sua origem uma vasta influência, sendo as mais fortes de tradição judaica e romana. A primeira, pelo berço geográfico, a segunda pelo berço adotivo.

Para compreender como surge e como se vai desenvolvendo o espaço sagrado cristão²⁴ é pertinente e necessário estudá-lo antes mesmo do nascimento de Jesus Cristo pois, como afirma Cairns, “o povo judeu preparou o caminho para a vinda do cristianismo ao legar à Igreja em formação um livro sagrado, o Velho Testamento” (Cairns, 1995, p.33) que, como iremos ver, se torna peça importante de estudo pelo facto de aí se encontrarem os primeiros relatos da sacralização de lugares²⁵.

A primeira narração encontra-se no livro dos *Génesis* quando Noé constrói um altar ao sair da arca²⁶, mas muitos outros se encontram no mesmo livro: quando o Senhor aparece a Abraão e por sua vez este aí constrói um altar em Seu nome²⁷, ou o caso de quando numa noite, o Senhor aparece a Isaac e por conseguinte este, à semelhança de Abraão, aí constrói um altar²⁸, etc.

São assim várias, as passagens bíblicas onde se dá conta da sacralização de lugares que poderíamos citar, mas é no capítulo quarenta do livro do *Êxodo* (consultar anexo a.) que encontramos um momento de particular relevância e totalmente distinto relativamente à questão do início da definição de espaços sagrados cristãos: o pedido e relato da construção de um espaço para Deus. Desta vez não se tratando da sacralização de um lugar por vontade humana, como até então, mas sim de um claro e objetivo pedido divino a Moisés, e ao que este adere, fazendo nascer, o primeiro Santuário²⁹: o Tabernáculo, (fig.1) onde “Deus manifesta a sua presença no meio do seu povo habitando numa tenda como eles”³⁰ (Cobián, 2000, p.49), até à “construção do Templo de Jerusalém (séc. X a.C.). [...] É este segundo templo que Jesus frequenta e respeita, e onde ensina também. A ele refere-se como “a casa de Deus” (Mt 12,4; Lc 6,4), “casa de oração” (Mt 21, 13; Mc 11, 17; Lc 19, 46) e “a casa de meu Pai” (Jo 2, 16).” (Mello, 2007, p.35)

²⁴ “Uma característica de todas as religiões é a existência de “espaços sagrados”, ou seja, locais associados com a realização dos atos de culto, e que, por essa razão, adquirem um valor especial para os seus fiéis. Isso se aplica tanto às religiões denominadas “primitivas”, com suas práticas animistas (atribuição de valores espirituais a elementos da natureza), quanto aos cultos de povos mais evoluídos. Isso quer dizer que sempre houve, pelo homem, a noção do sagrado e a necessidade de manifestá-lo na realidade cotidiana da vida, assumindo várias maneiras ao longo da existência humana, não só porque a interpretação da transcendência é própria de cada tempo, e a forma de expressá-la é característica de cada cultura.” (Oliveira, 2010, p.20)

²⁵ “A Sagrada Escritura não se limita a falar dos momentos em que Deus e o seu povo se encontraram, ela fala também dos lugares nos quais se realizaram esses encontros. A história da salvação não é feita só de tempos, mas também de espaços.” (Costa, 2017, p.15)

²⁶ “Noé saiu da com os seus filhos, a sua mulher e as mulheres de seus filhos. Todos os animais selvagens, todos os répteis, todas as aves, todos os seres que se move sobre a terra, segundo as suas espécies, também saíram da arca. Noé construiu um altar ao SENHOR e, de todos os animais mais puros e de todas as aves mais puras, ofereceu holocaustos no altar.” (Gn 8, 18-20)

²⁷ “O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: “Darei esta terra à tua descendência”. E Abrão construiu ali um altar ao SENHOR, que lhe tinha aparecido. Deixando esta região, prosseguiu até ao monte situado ao oriente de Betel, e montou ali as suas tendas, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente. Construiu também um altar ao SENHOR e invocou o seu nome.” (Gn 12, 7-8)

²⁸ “O Senhor apareceu-lhe naquela mesma noite e disse-lhe: “Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Nada temas, pois estou contigo. Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência, por causa de Abraão, meu servo.”. Isaque construiu um altar naquele sítio e invocou o nome do SENHOR; depois, levantou ali também a sua tenda, e os seus servos abriram ali um poço.” (Gn 26, 24-25)

²⁹ “Al ser el pueblo de Israel un pueblo nómada, ese santuario consistía en una tienda separada del resto del campamento sobre la que se mantenía permanentemente una nube sagrada; en ella se conservaban las Tablas de la Ley y, más tarde, el Arca de la Alianza.” (Cobián, 2000, p.48)

³⁰ Tradução da citação original: “Dios manifiesta su presencia en medio de su pueblo habitando en una tienda como ellos”

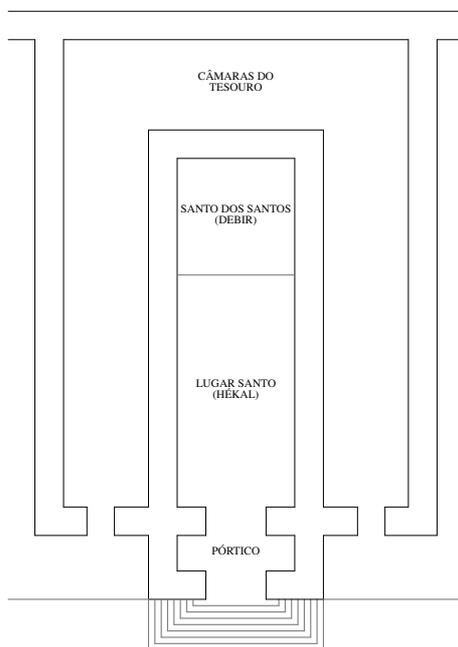
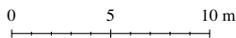


Fig. 2 - Planta do Templo de Salomão



No entanto, apesar de há muito se ter estabelecido um santuário, é na Última Ceia, com o abençoar, o partir e dar o pão e o vinho, que se:

“[...] estabelece um princípio teológico e litúrgico de extrema importância para a arquitetura sacra, pois que, juntamente com outras orientações nos evangelhos canônicos e de acordo com a tradição e liturgia³¹ primitivas da igreja, autoriza o culto em qualquer lugar, sem restrições, diferente do culto judaico, que somente era feito no templo de Jerusalém.” (Mello, 2007, p.35)

Assim, com a Sua “morte e ressurreição, um novo edifício levanta-se para ser a morada de Deus: nós em Cristo e Cristo em nós.” (Machado, 2001, p.19)

A necessidade de abrigo, de delimitação e diferenciação de espaços, são condições e inevitabilidades inerentes à condição humana. Desde a apropriação de cavernas, onde tudo se fazia no mesmo espaço, à construção de abrigos ou de casas, onde se começam a diferenciar espaços e usos, o Homem foi desenvolvendo e melhorando a sua forma de viver e dar significado aos espaços. Na história da Igreja o mesmo se sucede.

Como referimos inicialmente, o culto estava ritual e arquitetonicamente ligado à cultura e tradição judaicas e, por isso, os primeiros cristãos reuniam-se no Templo e em Sinagogas³², (fig.2 e 3) até que, com o tempo, as diferenças se começam a acentuar, levando ao afastamento da lei e cerimonial judaicos³³.

É deste modo que os cristãos passam a juntar-se nas suas próprias casas³⁴. Aí encontram o espaço imediato para, em pequenas comunidades, se reunirem - rezando, cantando, ouvindo a palavra e

³¹ Entendamos por Liturgia a definição dada por Romano Guardini na sua importante obra “O espírito da Liturgia”: “La liturgia ese culto público y oficial de la Iglesia, ejercido y regulado por los ministros, por ella seleccionados para ese fin, es decir, por los sacerdotes. En la liturgia, los homenajes tributados a Dios lo por la unidad colectiva y espiritual, como tal considerada, edificándose y santificándose, a su vez, la comunidad, mediante la adoración que a Dios se rinde”. (Guardini, 2019, p.8); “más noble y serena actitud espiritual del alma.” (Guardini, 2019, p.15) “arte maravilloso que permite a la criatura expresar en toda su plenitud lo más íntimo de su vida espiritual” (Guardini, 2019, p.17) “la renuncia desinteresada de nosotros mismos; un constante salir de uno mismo para involucrarse con la comunidad” (Guardini, 2019, p.32) “En la liturgia, el hombre no se vuelve sobre sí mismo, no se interioriza en su propio espíritu; es Dios a quien se dirigen todas sus miradas y hacia Él que vuelan todas sus aspiraciones”. (Guardini, 2019, p.66) “Mediante un código de severas leyes, ha reglamentado la liturgia el *juego* sagrado que el alma ejecuta delante de Dios.” (Guardini, 2019, p.71) “es el arte que se transforma en vida.” (Guardini, 2019, p.73) “Todo eso se perfecciona y realiza, que se acepta, enseña y transmite bajo determinadas formas de palabras, objetos y de acciones, del culto y del símbolo, es lo que constituye la esencia de la liturgia.” (Guardini, 2019, p.84) Edição original de 1918

³² “casa de pregação do cristianismo primitivo”. (Cairns, 1995, p.13)

³³ Ao princípio “la tarde del sábado los cristianos se juntaban para orar, para recitar los salmos y para efectuar las lecturas en la sinagoga; y ya por la noche, se realizaba el servicio eucarístico propiamente dicho en una casa particular. En la sinagoga, cada vez se hicieron más frecuentes las discusiones con los judíos, por lo que comenzó a ser aconsejable realizar estas reuniones en otro lugar.” (Cobián, 2000, p. 63) Um dos factores que levou ao afastamento foi o facto de “O Templo de Jerusalém, enquanto local central de culto dos judeus, não podia servir para os primeiros Cristãos como modelo de um espaço litúrgico, dado que ele era um lugar do culto sacrificial” (Richter, 2005, p.43), mas, também, devido à simplificação dos costumes judaicos, efectivando-se essa diferença e afastamento no Concílio de Jerusalém. “A fundação da Igreja na vida, morte e ressurreição de Cristo e sua fundação entre os judeus são importantes para se compreender a gênese do cristianismo. O crescimento gradual do cristianismo dentro dos quadros do judaísmo e a ruptura desses quadros no Concílio de Jerusalém antecedem a pregação do Evangelho aos gentios por Paulo e outros, e também a emergência do cristianismo como uma seita separada do judaísmo.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.21) Edição original de 1949.

³⁴ Porque, “en la práctica servía cualquier lugar, ya que el sacrificio eucarístico podía celebrarse lo mismo en una mazmorra que en un navío. Tanto es así, que una de las notas por las que el primitivo cristianismo se distinguía de las demás religiones, era el hecho de no poseer templos propio. Los cristianos llegaron a ser acusados de irreligiosos por este motivo, pero ellos tenían muy claro que Dios no habitaba en templos construidos por manos de hombre”. (Cobián, 2000, p.62)

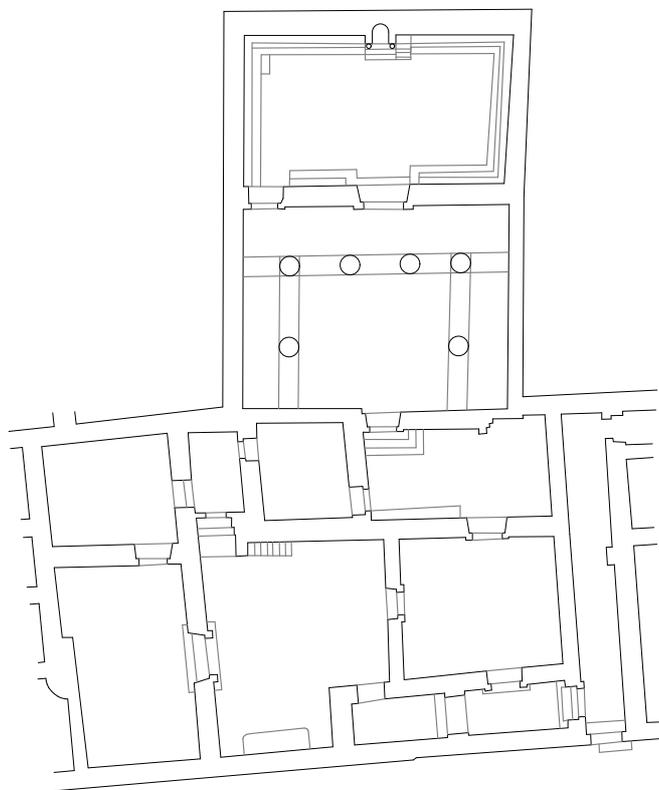


Fig. 3 - Planta da Sinagoga da Dura Europus

0 5 10 m



partindo o pão, num rito que variava de comunidade para comunidade³⁵, mas que se definia substancialmente pela escuta da Palavra e pela fração do pão³⁶ - até porque, uma das grandes novidades do cristianismo, era a de que “O lugar não era tão importante como o propósito de encontro para comunhão uns com os outros e para culto a Deus.” (Cairns, 1995, p.66) O que leva a que apresentem, desde logo, importantes diferenças para com os templos pagãos da Antiguidade Clássica, como o facto de se tratar de “uma construção de carácter fechado, voltada para o interior, para si mesma” (Marques, 2006, p.56) ao contrário das pagãs que “viviam da sua relação com o espaço exterior, sem possuírem um verdadeiro espaço interior”³⁷. (Marques, 2006, p.56)

Era agora clara a diferença espiritual, ritual e espacial dos cristãos relativamente às demais religiões.

Os três primeiros séculos foram, para os cristãos, tempos exigentes de provação, sendo a sua condição analisada, por um lado, como muito favorável ao seu desenvolvimento pois:

“Em nenhum outro lugar na história do mundo antes da vinda de Cristo houve uma região tão grande sob uma mesma lei e um mesmo governo. [...] Uma língua comum tornou possível levar o Evangelho à maioria das pessoas do Império numa língua comum a elas e ao pregador.” (Cairns, 1995, p.34)

Por outro:

“Continua a admirar a rápida expansão da mensagem cristã num mundo como o da bacia mediterrâneo do século I, numa sociedade profundamente desgastada pelo cepticismo religioso e pelo sensualismo, onde a lei do mais forte esmagava multidões de escravos e gente humilde. Que sedução poderia exercer aí tal doutrina [...]. A propagação primitiva do Cristianismo conserva muito de mistério [...]” (Clemente, 2010, p.9)

Uma coisa é possível afirmar: os cristãos eram vistos como uma forte ameaça às tradicionais crenças e ritos do imperador e do povo romano, o que fez com que começassem a ser, em várias

³⁵ “Al principio se trataba simplemente de hacer lo que Cristo había hecho, aunque otras veces se realizaba un ágape previo a la participación del pan. No existían fórmulas, sino tan sólo el pensamiento y las palabras utilizadas por Jesús que habían sido recogidas por los Apóstoles.” (Cobián, 2000, p. 63)

³⁶ Sobre as primeiras comunidades cristãs ver atos dos apóstolos (quinto livro do Novo Testamento).

³⁷ Um local de culto que se distanciava por absoluto dos templos Gregos e Romanos, uma vez que, o culto cristão, se realizava no interior de espaços, ao invés dos segundos, que não eram “apropriados para a reunião de muitos fiéis no momento do serviço religioso mas, sobretudo, destinavam-se a abrigar a estátua do deus e as valiosas ofertas que lhe eram feitas e que deveriam ser guardadas à chave.” (Lawrence; Tomlinson, 1996, p.63)

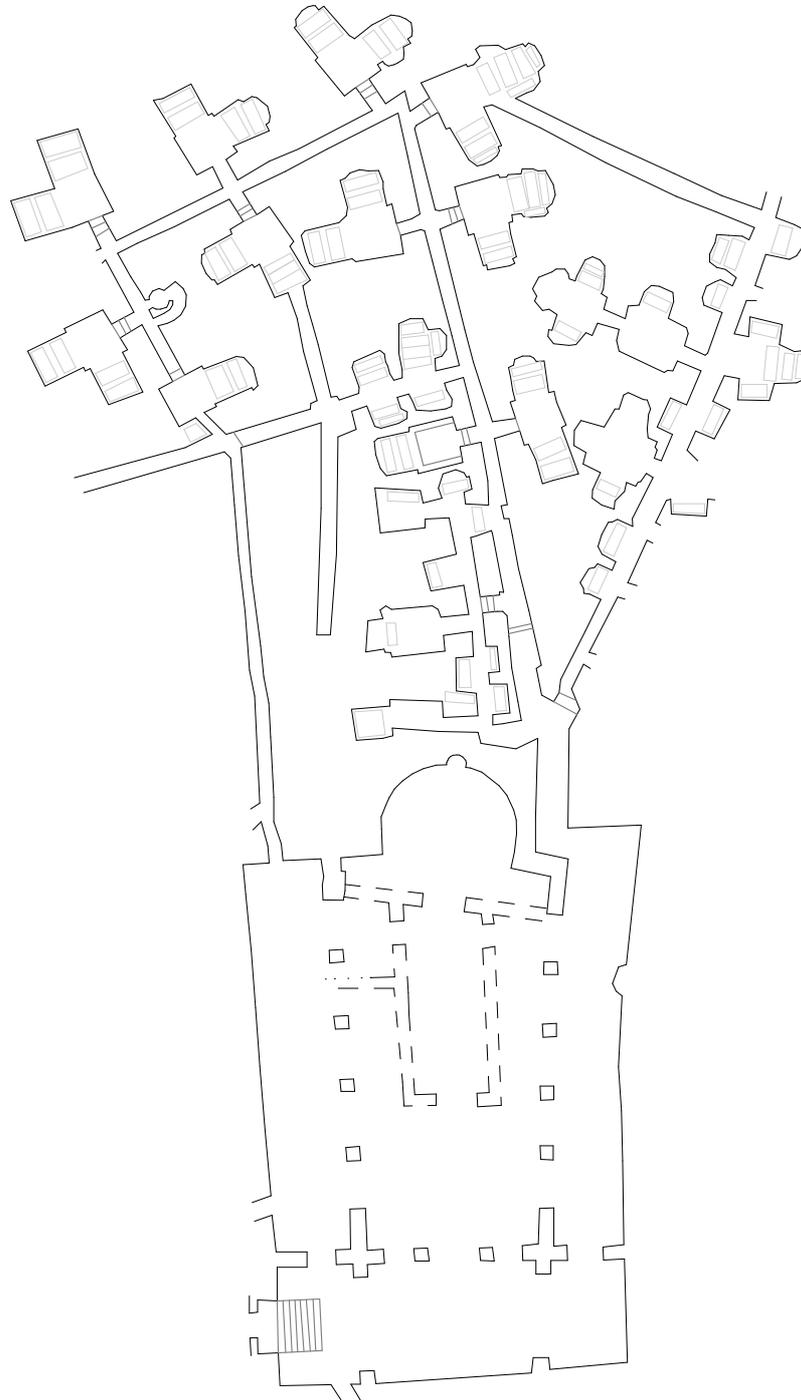


Fig. 4 - Planta da Basílica e Catacumbas de Domitilla



zonas e épocas, fortemente perseguidos³⁸. Assim, dada a condição a que são sujeitos, vêem-se totalmente restringidos em se reunirem de forma clandestina, acabando mesmo por se terem de reunir em catacumbas³⁹, por aí encontrarem um lugar de refúgio seguro para a celebração da sua fé. (fig.4) Os primeiros cristãos não tinham, por isso, um lugar fixo e definido para o culto, celebrando então em espaços ainda sem grande definição litúrgica, até porque se tratavam de apropriações de espaços com usos muito próprios, mas que, no entanto, iam ganhando forma e simbolismo.

Apesar das duras e violentas perseguições a que foram sujeitos, os cristãos não deixaram de viver e assumir a sua fé, acabando muitas vezes em martírios, que só nos finais do século II e inícios do III⁴⁰, começam a abrandar, fazendo-se sentir um clima de alguma liberdade religiosa. Uma mudança que permitiu que os cristãos voltassem a ter uma celebração de certa forma mais pública, nas suas casas, as *domus ecclesiae*⁴¹ - que começam a destinar-se, única e exclusivamente, para fins religiosos - e permitiu que se iniciasse o “processo de ritualização e sacralização inclusive do espaço e dos objetos que se destinam ao culto.”⁴² (Gatti, 2001, p.27)

Quanto à sua definição, podemos encontrar um notável exemplar no nordeste da Síria: a casa *Dura Europos*, (fig.5) “construída por volta do ano 200 DC” (Miranda, 2014, p.27) e que “se remodelou durante a primeira metade do século III⁴³ como *Domus ecclesia*, com uma grande nave, assim como como um batistério próprio.”⁴⁴ (Zahner, 2007, p.40) Uma construção que:

“À semelhança das casas coetâneas romanas, um pátio congrega em seu torno um conjunto de espaços servindo diversas funções. Se no seu exterior ela não revelava qualquer tipo de diferença para o edifício civil, já na forma como se organizam os seus

³⁸ “Enquanto era vista pelas autoridades como parte do judaísmo, que era uma *religião licita*, isto é, uma seita legal, a Igreja sofreu pouco. Mas logo que foi distinguido do judaísmo como seita separada e pôde ser classificado como sociedade secreta, o cristianismo recebeu a interdição do estado romano que não admitia nenhum rival à obediência por parte de seus súditos. Tornou-se então, uma *religião illicita*, uma religião ilegal, considerada como ameaça à segurança do estado romano.” (Cairns, 1995, p.68)

“A resistência dos cristãos atraiu-lhes a punição do Império.” (Clemente, 2010, p.17) Foram assim vários os imperadores que emitiram éditos afim de combaterem o desenvolvimento do Cristianismo.

³⁹ Apesar de, nos dias de hoje, a validade da existência de celebrações eucarísticas em catacumbas ser posta em causa, e por isso se tratar de uma questão controversa, o certo é que há relatos que afirmam a sua existência: “Em Roma, foram decapitados o Papa Sisto II e quatro diáconos, surpreendidos na celebração da Eucaristia nas catacumbas de São Calisto.” (Clemente, 2010, p.20) “tantas catacumbas noutros países, onde os cristãos devem fingir comemorar um aniversário para celebrar a Eucaristia, que é proibida para eles.” (Papa Francisco, 2019)

⁴⁰ “a expansão e consolidação do Cristianismo vieram a encontrar, nos três primeiros séculos da sua história, uma fortíssima oposição, que só na fé dos testemunhos radicais encontrou resistência vitoriosa”. (Clemente, 2010, p.15)

⁴¹ “O espaço sagrado é, por excelência, o lugar da celebração. Não afirmamos que não podemos celebrar fervorosamente em outros espaços; porém, quando um espaço é consagrado para as funções rituais, a fluência das ações litúrgicas é maior. Em nossa concepção cristã, aprendemos que o espaço primordial para cultuar Deus é o espírito humano. Tão evidente é essa afirmação que, nos primeiros tempos da tradição cristã, quando não existiam templos, os cristãos celebravam nos lares, que se tornavam seus templos. Os próprios cristãos eram considerados templos vivos do Espírito Santo. Apregoava-se que os espaços sagrados dos cristãos não eram edificadas com tijolos, mas os fiéis eram considerados “pedras vivas do templo do Senhor”.” (Bogaz; Hansen, 2015, p.15)

⁴² Tradução da citação original: “processo di ritualizzazione e sacralizzazione, inclusi lo spazio e gli oggetti destinati al culto.”

⁴³ “foi adaptada ao culto cristão por volta do ano 232 DC”. (Miranda, 2014, p.27)

⁴⁴ Tradução da citação original: “se remodeló durante la primera mitad del siglo III como *Domus ecclesia*, con una gran nave, así como con un baptisterio propio.”

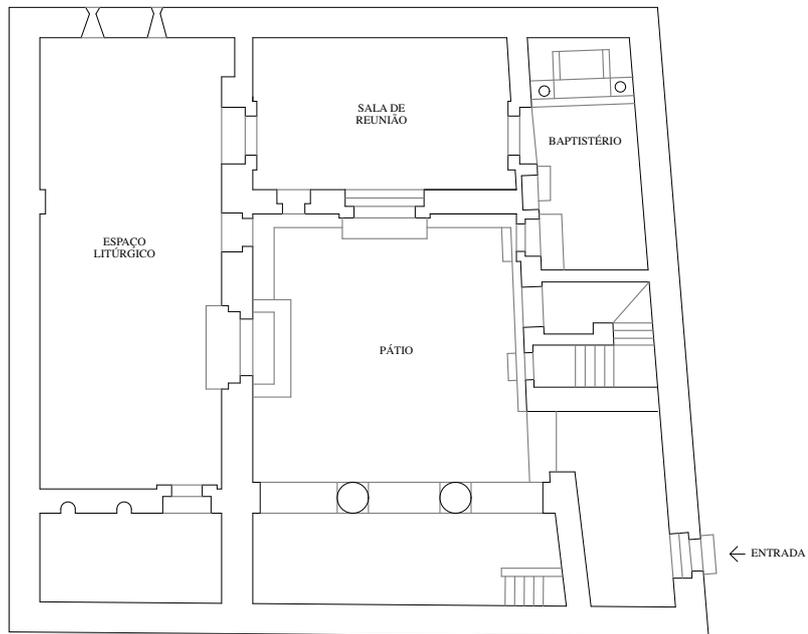
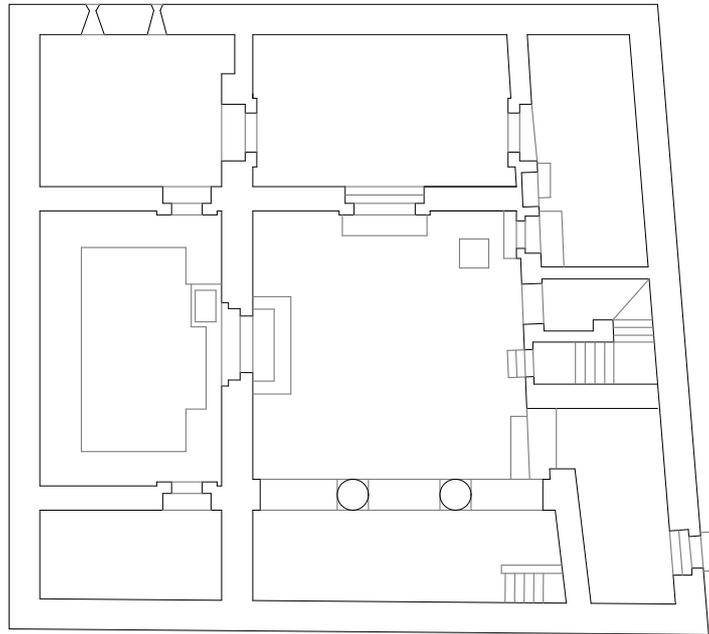


Fig. 5 - Planta da casa-igreja da Dura Europos antes e depois de ser convertida a casa-igreja

espaços interiores, articulados em torno do pátio central, se reconhece um primeiro esforço de adaptação do edifício à estrutura e funcionamento da liturgia cristã. O lugar destinado à celebração da Eucaristia foi encontrado no espaço mais recolhido do conjunto. A obra de adaptação⁴⁵ de duas salas contíguas a um só espaço longitudinal viabilizava uma oração comum orientada para o sol nascente.” (Miranda, 2014, pp. 27-28)

Quanto ao local da liturgia da Palavra, encontrava-se “no lado oriental do pequeno espaço comunitário um estrado sobre o qual, com toda a probabilidade, no momento da liturgia da palavra, era colocada uma cátedra, enquanto durante a Eucaristia era colocado um pequeno altar móvel.”⁴⁶ (J. H. Emminghaus citado por Richter, 2005, p.101)

O clima de alguma paz, agora vivido, permitiu então o desenvolvimento do espaço de culto mas, conseqüentemente, foram levantadas sérias questões quanto à definição do mesmo. Uma delas tratava-se, desde logo, de porquê criar um templo, uma vez que foi dito que “o Altíssimo não habita em casas erguidas pela mão do homem” (Act 7, 48), que “Ele que é o Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários construídos pela mão do homem” (Act 17, 24), que “Templo, não vi nenhum na cidade; pois o senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro são o Templo.” (Ap 21, 22), etc. Por um lado, a necessidade da existência de um espaço de qualidade que acolhesse as celebrações era fundamental, no entanto, a dificuldade em se definir e a importância que eventualmente se poderia dar ao mesmo, preocupava os Padres pré-nicenos⁴⁷:

“Vós acreditais que, por não termos nem templo nem altar, nós temos o objeto de nosso culto escondido. Qual simulacro podeis imaginar em honra a Deus se, refletindo bem, o próprio homem é uma imagem dele? Qual templo podeis construir-lhe, se todo o universo, que ele criou, não pode contê-lo? Quando eu, um homem, poderia encerrar dentro de uma edícula tão poderosa majestade? Não é melhor dedicar-lhe um santuário em nossa alma, e mesmo consagrar sua presença em nosso coração?” (Felix, 1964, pp. 54-55)

Durante a sua passagem terrestre, Jesus apresenta duas possibilidades: por um lado “reconhecendo e defendendo a santidade do templo, a “casa de oração”⁴⁸ e, por outro, relativizando-o, ao indicar que

⁴⁵ “O espaço principal foi ampliado para 5x13 metros através da remoção de uma parede divisória, proporcionando assim um lugar provavelmente para 60 pessoas.” (Richter, 2005, p. 53)

⁴⁶ Desta altura podemos realçar o facto de, em algumas casas, existir a particularidade de distinção entre o espaço para a liturgia da palavra e o da eucaristia, dividindo assim a celebração em dois grandes momentos, claramente sentidos pela mudança de espaço.

⁴⁷ Como o próprio nome indica, tratam-se dos Padres pré (antes) nicenos (concílio de Nicéia, 325).

⁴⁸ “Jesus entrou no templo e expulsou dali todos os que nele vendiam e compravam. Derrubou as mesas dos cambistas e as bancas dos vendedores de pombas, dizendo-lhes: “*Está escrito: A minha casa há-de chama-se casa de oração, mas vós fazeis um covil de ladrões.*” (Mt 21, 12-13)

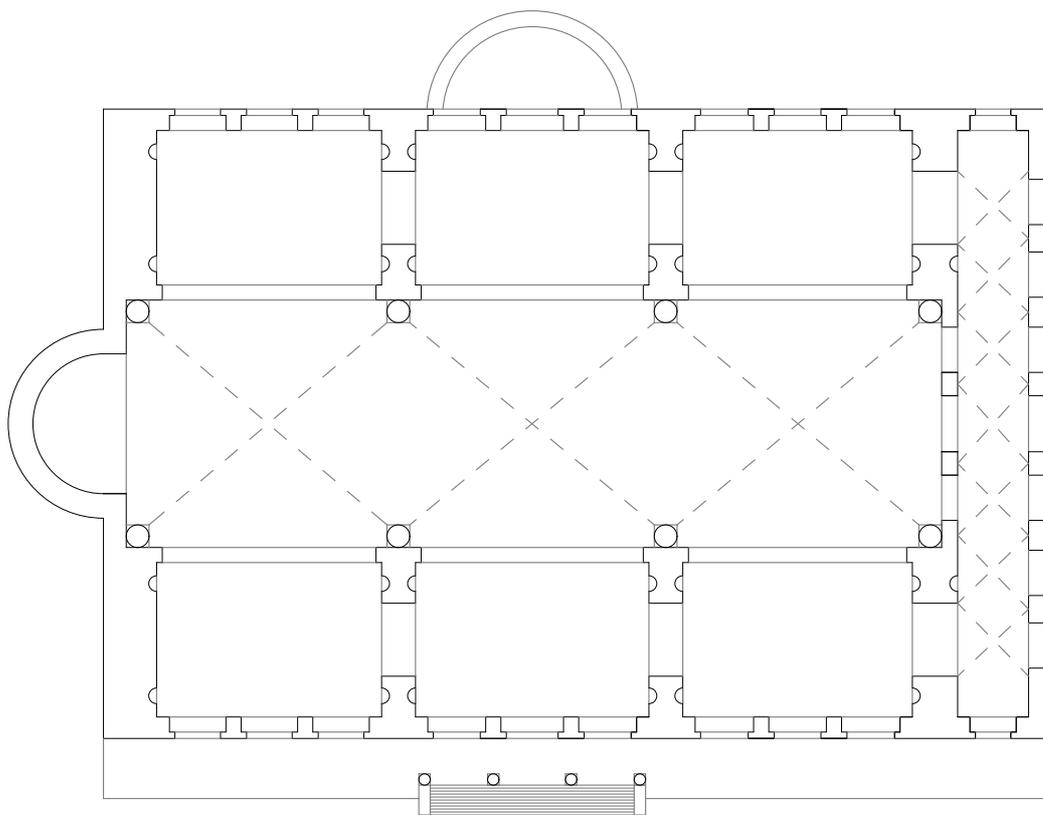


Fig. 6 - Planta da Basílica de Constantino/Maxêncio



o mais importante no culto a Deus não é o lugar em que ocorre, mas a maneira como é prestado”. (Oliveira, 2010, p.21) Uma controvérsia de tal tamanho que, durante algum tempo:

“[...] não se construíam casas para Deus, pois ainda era forte a consciência de que o templo que Deus quer habitar é o coração de cada fiel e a assembleia reunida. Deus está neste ou naquele lugar, porque ali estão os seus filhos e filhas.” (Lima, 2010, p.3)

Contudo, apesar desse facto, o numeroso crescimento das comunidades cristãs⁴⁹, a liberdade religiosa que beneficiaram nos inícios do século IV⁵⁰ e a posterior conversão e consequente apoio⁵¹ de Constantino ao Cristianismo, farão com que as *domus ecclesiae* praticamente desapareçam, dando lugar a novos espaços⁵². (fig.6)

O Imperador Constantino foi sem dúvida um personagem fundamental para que os cristãos deixassem de ser vistos como criminosos, fazendo-os rapidamente passar de perseguidos a privilegiados.⁵³

Muitos dizem tratar-se de uma jogada estratégica por parte do imperador que, perante um império fragilizado e dividido, de olhar atento a uma Igreja que, apesar de reprimida, vai ganhando cada vez mais força e seguidores, vê nela a solução para a união⁵⁴ que tanto anseia. Apesar dessa possibilidade, podemos dar conta que, apesar de algumas ambiguidades⁵⁵, Constantino se tratou de uma peça fundamental no desenvolvimento do Catolicismo e da arquitetura religiosa católica, ao promulgar, juntamente com o Imperador Licínio, no ano de 313, o Édito de Milão⁵⁶.

Perante a promulgação do Édito de Milão, a Igreja passa a ganhar presença, força e dimensão, saindo das suas pequenas casas para se mostrar ao mundo, passando de espaços anónimos, pela sua

⁴⁹ “Conforme la comunidad de creyentes se fue haciendo más numerosa las cosas dejaron de ser tan sencillas.” (Cobián, 2000. p.64)

⁵⁰ “Os tempos de provação aproximam-se, porém, do fim. Em Abril de 311, um édito do imperador Galério permitia finalmente a religião cristã.” (Clemente, 2010, p.21)

⁵¹ “Constantino cria que a “adoração a Deus” deveria ser o “primeiro e o principal cuidado” do governante, por isso ele pensava que não poderia haver outra alternativa senão a liberdade religiosa como política do Império. Talvez a tradição de que ele teve uma visão da Cruz, que lhe deu a certeza da vitória sobre seus rivais tenha algo a ver com esta política tolerante. Certamente ele estava adiante de sua época, pois somente no período moderno a liberdade religiosa tornou-se norma, mesmo nos estados democráticos.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.76)

⁵² “La comunidad cristiana se vio obligada a inventar una tipología nueva, que con el tiempo fue adquiriendo matices propios. Ese tipo conocerá con distintos nombre: basílica, “domus dei”, “dominicum” o “domus eclessiae”, pero nunca como templo.” (Cobián, 2000, p.50)

⁵³ “A pureza de vida, o amor e a coragem da Igreja primitiva em permanecer fiel, e morrer se necessário, exerceram um forte impacto sobre a sociedade pagã da Roma imperial, o que durou três séculos, desde a morte de Cristo até o reconhecimento oficial por Constantino da importância do Cristianismo para o Estado, chegando ele mesmo a convocar e presidir o Concílio de Nicéia.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.69)

⁵⁴ “O Cristianismo não apareceu como religião para um povo, mas como uma fé para todos, a levar a toda a parte, a unir todos os povos.” (Clemente, 2010, p.16)

⁵⁵ “esta fusão do Cristianismo com a vida do Império trouxe consigo ambiguidades. [...] o imperador, tornado cristão, tendeu a olhar a Igreja como parte do Império, os hierarcas como funcionários seus, o Cristianismo como força de coesão social. Cada benesse feita pelo imperador à Igreja trazia risco da intromissão do príncipe na vida religiosa.” (Clemente, 2010, p.23)

⁵⁶ O Édito de Milão pôs fim de vez às perseguições, torturas e mortes que os cristãos sofriam por parte do Estado.

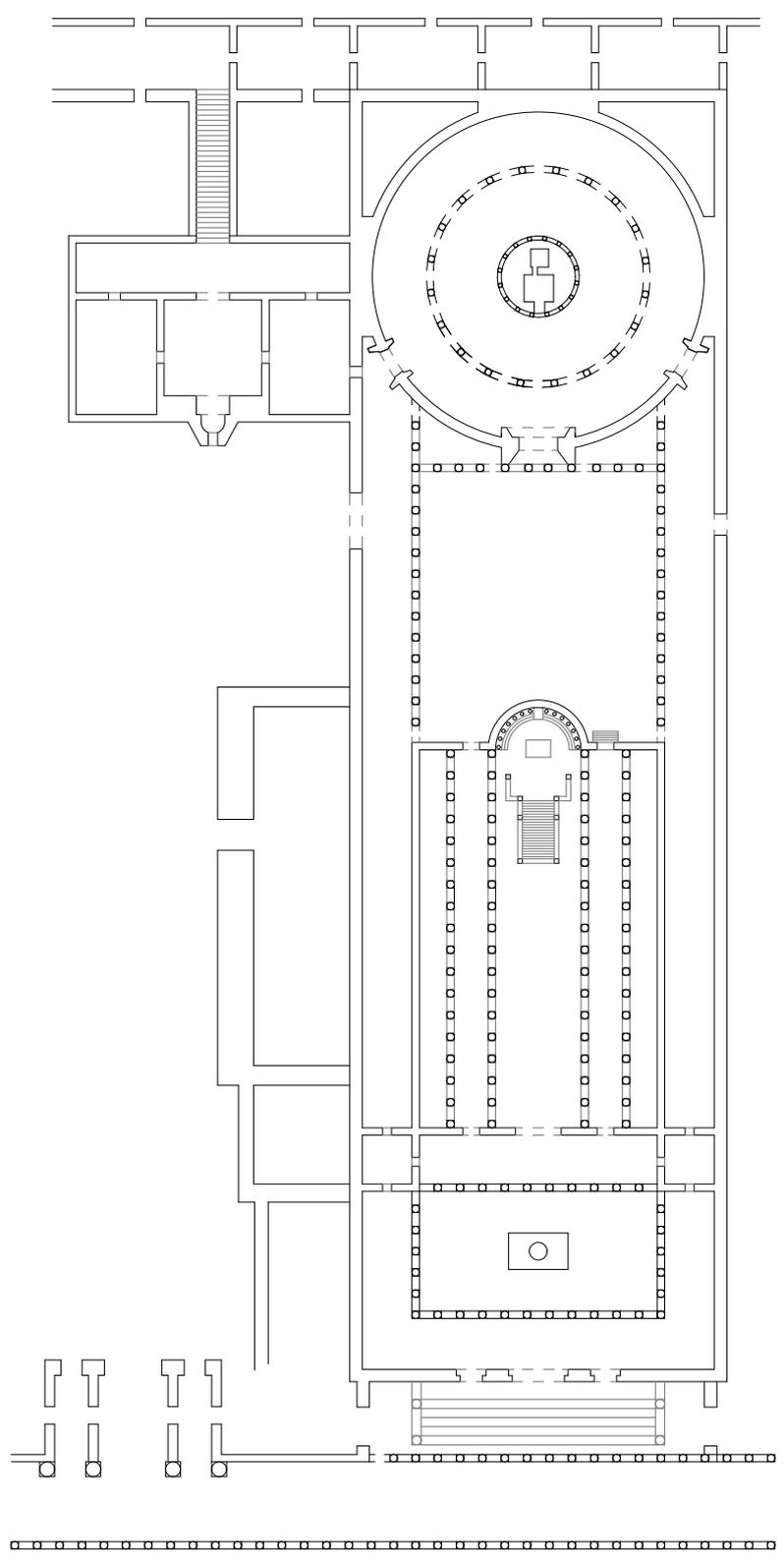


Fig. 7 - Planta do complexo constantiniano do Santo Sepulcro de Jerusalém 0 10 20 m ⊕ N

forma e escala doméstica, a grandes construções, de enorme impacto na organização das cidades⁵⁷. Tempos de “prosperidade que nem a mais febril imaginação teria concebido. [...] Uma após a outra as páginas enumeram os favores de Constantino, sobretudo as grandes igrejas basilicais que ele construiria na cidade e em seus arredores”. (Duffy, 1998, p.18)

A Igreja vive assim um tempo de júbilo, crescendo de dia para dia em número e obras⁵⁸, o que tornou cada vez mais urgente estabelecer normas e regras por forma a um correto crescimento, numa altura em que se sentia já o desmoronamento do Império, inclusivamente no tamanho e magnificência das empreitadas:

“[...] a decadência dos cânones clássicos, tão evidente nos primeiros edifícios cristãos, aparece igualmente nos próprios monumentos romanos tardios. As proporções adaptadas pelos arquitectos dos séculos I e II, assim como a concepção que tinham da função e da relação entre diferentes elementos arquitectónicos, vão dar lugar, no século IV uma maior liberdade [...]” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.85)

Conscientes dessa necessidade, acontece no ano de 325, o Concílio de Nicéia⁵⁹, onde “O Imperador presidiu o Concílio⁶⁰ e custeou suas despesas. Pela primeira vez, a Igreja encontrava-se dominada pela liderança política do chefe do Estado. O problema perene das relações entre a Igreja e o Estado começou aí”.⁶¹ (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.107)

Em 380 (apesar de parecer cedo temporalmente, só ao fim de catorze imperadores após Constantino), uma decisão política vem alterar totalmente o paradigma vivido até à tão pouco tempo pelos Cristãos: o Cristianismo é declarado religião oficial do império, através do Édito de Tessalónica⁶².

Uma vez necessários mais e cada vez maiores espaços de culto e, dada a importância da relação que a Igreja estabelece com o Estado, torna-se necessário que estes sejam cada vez mais imponentes.

⁵⁷ Para além do grande apoio legal que foi a emissão do Édito de Milão, “Como maneira de fazer penitência, Constantino ordenou a construção de diversas basílicas e outros templos e os doou à Igreja. Dentre elas, uma basílica em Roma no local onde, segundo a tradição, o Apóstolo Pedro estava sepultado e, influenciado pela sua mãe, a imperatriz Helena, ordena a construção em Jerusalém da Basílica do Santo Sepulcro (fig.7) e da Basílica da Natividade em Belém.” (Costa, 2019, p.50) E, ainda, “uma catedral, um batistério e a residência papal de Latrão, [...] a igreja de Santa Croce in Gerusalemme, [...] as grandes igrejas-cemitérios, no Vaticano, sobre o santuário de Pedro, e no local do culto conjunto do século II a Pedro e Paulo, San Sebastiano.” (Duffy, 1998, p.18)

⁵⁸ D. Manuel Clemente comenta que, “Ganhou-se em número, perigou a qualidade.” (Clemente, 2010, p.24)

⁵⁹ Nicéia tratou-se do primeiro concílio ecuménico da Igreja, e por sua vez, um dos mais importantes da história pelo facto de aí se terem estabelecido os princípios fundamentais da Igreja Católica Apostólica Romana. Surge do concílio o Credo (declaração que resume a fé cristã, que define a doutrina a seguir), e o interesse do estudo intensivo da bíblia para desenvolvimento da teologia cristã, do qual surgirão grandes e importantes nomes como Santo Agostinho, São Crisóstomo, entre outros.

⁶⁰ “concílios ecuménicos ou universais, geralmente convocados e presididos pelo Imperador romano [...] na busca de solução para os problemas teológicos que preocuparam os cristãos nesta época.” (Upjohn, Wingert, Mahler, 1965, p.107)

⁶¹ “No império pagão, como de modo geral nas sociedades antigas, o príncipe era também o chefe religioso, o *ponifex maximus*; feito cristão, não se resignou a deixar de intervir na vida religiosa.” (Clemente, 2010, p.24)

⁶² “Em Fevereiro de 380, pelo edicto de Tessalónica o imperador Teodósio mandou que todos os povos sob a sua autoridade vivessem “na fé que o santo apóstolo Pedro transmitiu aos Romanos”.” (Clemente, 2010, p. 24)

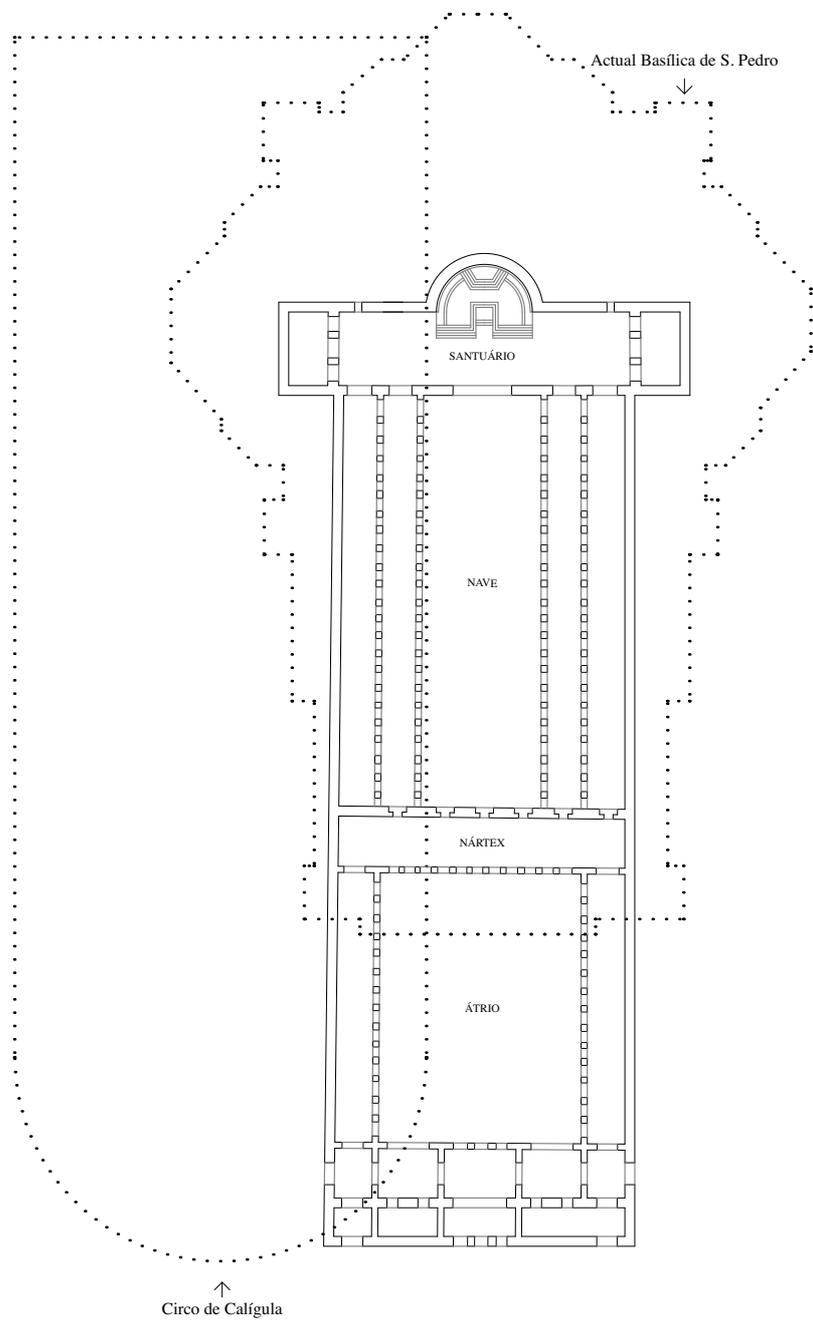


Fig. 8 - Planta da Basílica de S. Pedro

0 20 40 m



Assim, se antes, nas primeiras comunidades, o foco estava na celebração comunitária, o foco passa agora a ser o lugar, o edifício, o espaço, que deverá ser o mais digno possível, uma vez se tratar da casa do Deus do império. Consciencializados da necessidade e importância de um espaço, “numa feliz metonímia, a Igreja deu ao edifício que a abriga o seu próprio nome, porque quis fazer dele a sua imagem”, (Lima, 2010, p.1) sobretudo, a partir da apropriação de edifícios já existentes, pela sua facilidade de adaptação às necessidades litúrgicas⁶³, sua grande dimensão e importância. Assim, a Basílica romana, (fig.8) num “tempo intenso de trabalho de elaboração teológica, de criatividade litúrgica e de adaptação a uma nova realidade arquitectónica”, (Miranda, 2014, p.15) dá lugar à igreja:

“[...] da mesa ao altar; da taça ao cálice; do prato à patena; do saleiro à píxide; da bacia e gomil ao serviço de lavabo, vão sendo lançadas as bases para uma complexa e monumental arquitectura em constante aprimoramento ao longo dos anos respondendo, através de pequenas e grande alterações arquitectónicas e artísticas, às diversas correntes intelectuais e teológicas, aos diversos “contextos político, social, cultural e artístico”.” (Roque, 2004, p.142)

Quanto à adaptação das basílicas é difícil estabelecer um padrão, pois o rito ainda não se havia estabilizado, permitindo diferenças na disposição dos objetos litúrgicos⁶⁴. No entanto, é possível dar conta que “se estruturavam em quatro zonas: átrio, nártex, nave e santuário.”⁶⁵ (Cobián, 2000, p.65) Algumas descrições dão conta que:

“[...] eram caracterizadas por grandes salas retangulares, com uma, três ou cinco naves, geralmente encabeçadas por uma abside. Ao corpo principal, no acesso à nave central, frequentemente era acrescentado um átrio, sobretudo em novas construções, através do qual era feita a transição entre o exterior e o lugar de celebração. O acesso à nave era precedido por uma espécie de vestíbulo ou “nártex”. No esquema romano ocidental acrescentava-se frequentemente um transepto contínuo entre o corpo central e a abside. [...] Na abside eram posicionadas a cátedra do bispo e um banco semi-circular para os presbíteros. O ambão era geralmente posicionado no início da nave. O altar, ou mesa da eucaristia, variava segundo a região.” (Mello, 2007, pp.45-46)

⁶³ “a basílica romana acolheu diferentes formas de viver em comunidade a acção litúrgica, concertadas com a especificidade de diferentes lugares e culturas.” (Miranda, 2014, p.15)

⁶⁴ O século IV foi “porventura mais rico da história da Igreja onde coexistiram sob a mesma fé diferentes tradições litúrgicas.” (Miranda, 2014, p.15)

⁶⁵ Tradução da citação original: “se estructuraban en cuatro zonas: atrio, nártex, nave y santuario.”



Fig. 9 - Arquibasílica de São João de Latrão, séc. IV, Roma, Itália

“O primeiro esquema de inspiração bizantina associava no presbitério os membros do clero que acompanhavam o bispo que presidia a partir da cátedra à liturgia. O altar, normalmente encimado por um cibório, encontrava o seu lugar no centro da abside, diante do presbitério. [...] Uma cancela delimita em três lados o espaço da abside, reforçando a ideia de um santuário. [...] Um pequeno corredor, a solea, liga a abside à bema, ou tribuna do ambão, localizada em elevação no centro da assembleia.” (Miranda, 2014, p.16)

“[...] o santuário era uma peça transversal rematada no seu eixo por uma exedra onde estava localizada a cátedra do bispo; o santuário também continha os assentos para os presbíteros e o altar, frequentemente coberto por uma estrutura em colunas chamada cibório. O altar estava de frente para o povo; à sua direita, encontrava-se o ambão do onde se lia a epístola, e à sua esquerda, o evangelho.”⁶⁶ (Cobián, 2000, pp.65-66)

Podemos assim perceber que a estrutura arquitetónica da igreja é em grande parte definida tendo por base o desenho da basílica romana. É a partir desta que vai ganhando forma e se vai definindo, modificando-a, moldando-a e acrescentando-lhe novas camadas, tanto ao nível formal como simbólico, ao longo dos tempos.

Apesar de, como vimos, estar minimamente estabelecida a imagem que uma Igreja deve ter, é constante, desde o início e estendendo-se até aos dias de hoje, a procura de novas e melhores soluções, numa ânsia permanente do melhor espaço. Assim e, apesar de no ocidente a forma espacial ser essencialmente a da basílica cristã, surgem, desde cedo, “variações na planta (quadrada, redonda, octogonal, em forma de cruz latina ou grega, etc.) e com alguns acréscimos como o do transepto e da cripta.” (Mello, 2007 p.47)

Com este estudo da origem e estabilização do espaço sagrado podemos compreender que, desde cedo, o local de culto se foi definindo e modificando segundo as possibilidades e necessidades, organizando-se ritual e espacialmente de formas distintas consoante cada comunidade. (fig.9 e 10) Claro está, tendo sempre por base a reunião comunitária afim da escuta da Palavra e da celebração do memorial da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, no entanto muito desprendida, de questões que vão para além dessa importância. Podemos assim concluir que, o facto de a religião católica apostólica romana se ter tornado religião oficial do império, apesar dos muitos benefícios, obrigou a grandes mudanças que vieram alterar a vivência da fé em muitos aspetos e, por isso, questionamos se terá sido boa a forma que o espaço de culto começou a tomar com a estreita relação com o

⁶⁶ “el santuario era una pieza transversal rematada en su eje por una exedra donde se situaba la cátedra del Obispo; el santuario también contenía los asientos para los presbíteros y el altar, cubierto a menudo por una estructura sobre comunas llamada ciborio. El altar miraba hacia el pueblo; a su derecha, se encontraba el amón desde donde se leía la epístola, y a su izquierda, el evangelio.”



Fig. 10 - Imagem da igreja Panagia Parigoritissa, séc. XIII, Arta, Grécia

Estado⁶⁷. Pois, deixam praticamente de existir as pequenas comunidades de fiéis⁶⁸, já não existe mais a escala doméstica, já não existe o desprendimento material. Tudo se altera no exato momento em que o Imperador Constantino promulga o Édito de Milão⁶⁹ e, sobretudo, quando o Imperador Teodósio promulga o Édito de Tessalónica.

Toda a proximidade e participação existentes nos primeiros cristãos dão agora lugar a uma cada vez maior divisão entre os membros da Igreja e a sociedade, deixando as igrejas “de ser a casa dos fiéis para tornarem-se monumentos erguidos em glória a Deus.” (Mello, 2007. p.50)

⁶⁷ “A intimidade com o estado monárquico também determinou uma mudança no culto, passando-se de uma forma democrática simples para outra mais aristocrática e colorida de liturgia, com uma clara distinção entre o clero e o laicado.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.129)

⁶⁸ “Fiéis são aqueles que, por terem sido incorporados em Cristo pelo batismo, foram constituídos em povo de Deus e por este motivo se tornaram a seu modo participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo e, segundo a própria condição, são chamados a exercer a missão que Deus confiou à Igreja para esta realizar no mundo. Esta Igreja, constituída e ordenada neste mundo como sociedade, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele.” (CDC 204) Edição original de 1983.

⁶⁹ “O perigo óbvio da união da Igreja com o Estado, seja através do apoio estatal a escolas paroquiais, seja através do envio de embaixadores ao Vaticano, é iluminado pelo declínio da espiritualidade na Igreja e pela interferência do poder temporal na Igreja a partir do controle do Concílio de Nicéia por Constantino em 325.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.18)

I.II. Antecedentes que permitiram a reforma litúrgica

“[...] a mudança fundamental no pensamento litúrgico que ocorreu durante o século XX pode quase ser vista como uma nova reforma e o efeito que teve na arquitetura foi tão drástico quanto o da reforma em si. A arquitetura da reforma foi uma reação a um conjunto de edifícios góticos que se tornaram um anacronismo, não mais relevantes no novo contexto, e geralmente adotavam um despojado, austero e clássico vocabulário, com espaços simples e claros, vistos como a arquitetura mais moderna naquele momento”⁷⁰. (Heathcote, 1997, p.32)

⁷⁰ Tradução livre de “the elemental shift in liturgical thinking which has occurred during the twentieth century can almost be seen as a new reformation and the effect that it had on architecture was as drastic as that of the Reformation itself. The architecture of the Reformation was a reaction to a group of gothic buildings which had become an anachronism, no longer relevant to the new situation, and generally adopted a stripped, austere classical vocabulary with light, simple spaces which was seen as the most modern architecture at the time”.



Fig. 11 - Representação da vida monástica

Como vimos, o edifício igreja que conhecemos hoje em dia nasce da apropriação do desenho de estruturas civis já existentes⁷¹, as Basílicas⁷², mas logo se vai afastando, procurando a sua própria identidade.

Apesar das muitas alterações a que foi sujeito ao longo dos tempos, e porque este trabalho não pretende nomeá-los a todos, atende-se sobretudo a um período temporal de forte mudança que se iniciou em princípios do século V, com o feudalismo, e se formalizou passados seis séculos, na reforma gregoriana (1073).

O Feudalismo⁷³ (fig.11) tratou-se de uma reforma ao sistema governamental vigente - em resposta ao declínio do Império Romano - do qual a Igreja fez parte, ao criar um novo conceito de vida religiosa: o Monaquismo⁷⁴. Um novo modelo organizacional que povoou e organizou o território, onde “Cada mosteiro⁷⁵ era, ao mesmo tempo, uma unidade de vida agrícola e de intercâmbio, foco de irradiação agrícola e de evangelização.” (Clemente, 2010, p.37) O sucesso⁷⁶ da vida monástica foi assim alcançando cada vez maior importância e preponderância na vida da Igreja⁷⁷, o que viria, consequentemente, a alterar profundamente o espaço de culto, uma vez que, o ritmo litúrgico, próprio da vida monástica - que passou a compreender cada vez mais momentos do dia dos monges (*ora et labora*⁷⁸) -, cada vez menos coincidia com o ritmo litúrgico próprio da vida dos fiéis, fazendo com que se começasse a individualizar e complexificar a liturgia⁷⁹.

Assim e, por forma a facilitar as celebrações litúrgicas (agora em grande parte realizadas apenas pelo clero monástico), procederam-se a profundas alterações na dinâmica litúrgico-espacial sendo, a mais notória, a re-localização do altar, deixando a sua posição central na nave, para se posicionar na abside (Miranda, 2014, p.19):

“[...] enfatizando cada vez mais o aspecto misterioso e separado do lugar onde se desenvolve a liturgia, com a criação de uma “zona sagrada” dentro da igreja, cujo

⁷¹ “edifícios colectivos da cidade, apropriando-se de espaços cívicos como as basílicas, adoptando-os aos seus propósitos”. (Pereira, 2014, p.156)

⁷² “Con respecto al origen de la basílica cristiana, la opinión más aceptada es la defendida por Leon Battista Alberti en su tratado “De re aedificatoria” (Florença, 1465). Alberti expone que el templo cristiano proviene directamente de la basílica civil romana de la época del imperio” (Cobián, 2000, p. 65)

⁷³ Sistema assenta na ruralização em detrimento da urbe, utilizando a propriedade como obtenção de riqueza, através da agricultura e criação de gado e desenvolvendo-se da relação entre poderosos e débeis.

⁷⁴ Modo de vida celibatário, de renúncia à vida social, onde a pessoa se retira para um convento para se consagrar e se oferecer a Deus, vivendo sem luxos, afim de receber a sua salvação e a do mundo (irá desenvolver-se principalmente em alturas de crise). São quatro os grandes momentos do monaquismo: no século IV, a sua origem; no século X/XI com as reformas monásticas; no século XIII com a era dos frades, e por fim no século XV com a fundação dos Jesuítas. (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.83)

⁷⁵ Os mosteiros tratavam-se assim de entidades autónomas, pequenas cidades onde existia tudo o necessário à vida. Temos por exemplo máximo a planta sobrevivente aos dias de hoje do modelo ideal de um mosteiro beneditino - Saint Gall.

⁷⁶ Eram de tal forma importantes, os mosteiros, que eram os sinos das suas torres quem marcavam o ritmo do dia, tanto dentro, como fora dos mosteiros.

⁷⁷ “Decadentes as cidades, o Evangelho ganhou os campos.” (Clemente, 2010, p.37)

⁷⁸ Lema de vida de um monge pertencente à Ordem de São Bento, a mais antiga ordem religiosa de clausura católica, que definiu a importante *Regula Benedicti*.

⁷⁹ Um dos exemplos é o facto de que “A comunhão da comunidade dos fiéis desaparecerá, na Idade Média, da missa papal e será só com os papados de João XXIII e Paulo VI, em pleno século XX, que esta prática será reintroduzida.” (Miranda, 2014, p.19)

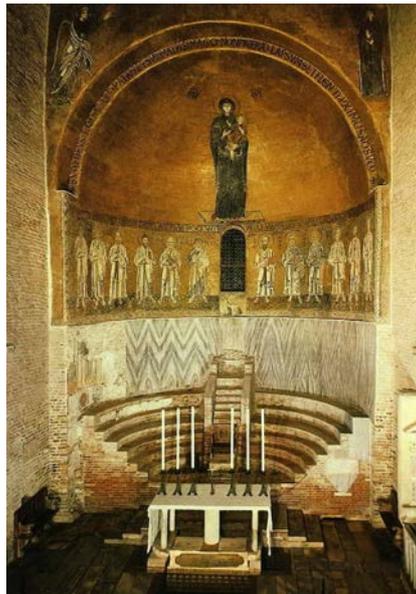
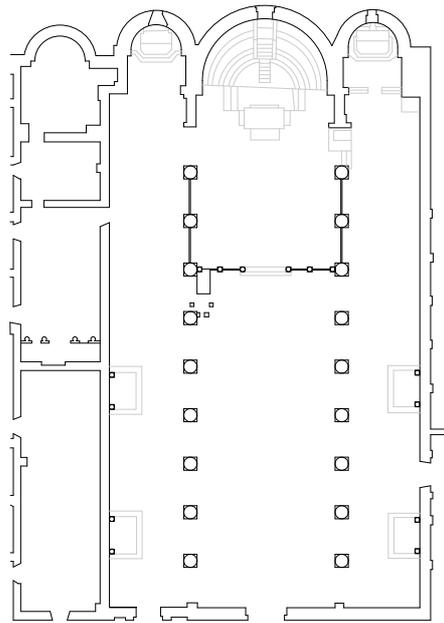


Fig. 12 - Igreja de Santa Maria Assunta, séc.VII, Veneza, Itália

- a. Planta baseada num desenho publicado por Fabio Gorini
- b. Imagem retirada da nave da Igreja
- c. Imagem retirada do presbitério da Igreja



acesso é restrito apenas aos membros do clero [...]. Nasce o coro ou o presbitério, separado da nave por grades ou portas que obstruem a percepção do que acontece [...].” (Moliner, 2019) (fig.12)

A crescente clericalização fez então com que a liturgia se tornasse “cada vez mais um assunto específico do clero, assim, o povo vai-se tornando espectador passivo, até ausentar-se por completo.” (Moliner, 2019) Pois, dada a complexidade⁸⁰ e a distância a que o rito é celebrado, os fiéis deixam de compreender, e até mesmo aceder, passando a restringirem-se a uma mera devoção piedosa de relíquias e imagens de Santos⁸¹. Perde-se então agora, na totalidade, o sentido comunitário que está na gênese da celebração, em detrimento de uma normalização, que divide e hierarquiza cada vez mais a Igreja⁸². Uma alteração litúrgico-espacial de tal forma marcante, que se sistematizará num modelo que prospera, genericamente, até ao século XX⁸³: o modelo basilical⁸⁴, de planta longitudinal, agora, substancialmente definido por dois espaços: o presbitério, na abside, ao fundo da igreja, onde se encontra o clero e é realizada a ação litúrgica; e a nave (uma, ou mais) onde se encontra a assembleia de fiéis, agora distantes da ação litúrgica.

Dado que, desde a reforma gregoriana (1073) até ao século XX, não se deram significativas alterações litúrgicas pois, nessa altura, “a liturgia não teve o mesmo papel determinante na edificação das igrejas. Outros factores tiveram influência, nomeadamente o espírito devocionista e o diálogo com a cultura e a arte, e até prevaleceram sobre a própria perspectiva litúrgica” (Amorim, 2006, p.106), passemos a compreender que acontecimentos se deram para que, no século XX, tanto se alterasse o espaço litúrgico⁸⁵. Como tal, recuemos um pouco na história até ao momento Revolução Industrial (1760-1840), visto estar intimamente ligada com a origem do Movimento Moderno e este, por sua vez, com o Movimento Litúrgico e a redefinição do espaço litúrgico.

⁸⁰ “A Idade Média pode ser considerada o período em que o poder da Igreja Católica atingiu o seu ponto culminante. A nova posição de poder e esplendor da igreja gerou uma progressiva elaboração do culto, surgindo uma liturgia complexa e impressionante. A magnificência da igreja e o poder dos seus bispos expressaram-se em templos cada vez mais suntuosos e em uma liturgia altamente sofisticada. Foi esse o período das magníficas catedrais góticas, que substituíram gradativamente as pesadas estruturas do estilo românico, para se tornarem marcante o suficiente para representar o templo cristão até os tempos modernos.” (Oliveira, 2010, p.22)

⁸¹ A forte devoção e veneração das relíquias e imagens faz com que surjam inovações arquitetónicas como a cripta, o deambulatório e as capelas laterais.

⁸² Em muitos casos, e durante muito tempo, a própria assembleia de fiéis era dividida segundo estratos sociais, ou sexos.

⁸³ Como dissemos, esta ideia de liturgia irá perdurar vários séculos, sendo o caso da Contrarreforma/ Concílio de Trento (1545-1563), um importante momento a assinalar, pelo facto de aí ter sido reiterada a definição litúrgico-espacial definida na reforma gregoriana: “a igreja da Contrarreforma, com a sua mentalidade de resistência à mudança, endureceu a sua posição para resistir aos ataques externos ou às tentações: consciente ou inconscientemente, adotou uma tendência para reduzir a tradição à manipulação exterior de práticas e fórmulas, que deveriam ser transmitidas sem nada mudar da sua materialidade, mas sem também prestar atenção ao seu significado. Tratava-se de uma forma perigosamente distorcida de considerar a tradição cristã”. (Bouyer, citado por Miranda, 2014, p.7)

⁸⁴ “O facto de a concepção arquitectónica da basílica ter substituído em Roma desde Constantino, no século IV, até pouco antes do Renascimento, dez séculos mais tarde, prova a sua eficácia.” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, pp.90-91)

⁸⁵ “Este modo de referirse al lugar de culto cristiano refleja un visión netamente moderna. Nasce en una época contemporánea fruto de la toma de conciencia de que el “lugar esencial” donde se celebra la liturgia es el espacio “viviente”, formado por las personas y cualificado por el evento comunitario. [...] nació dentro del movimiento de renovación litúrgica” (Arias, 2018, pp.15-16)



Fig. 13 - Sé do Funchal, séc. XVI, Madeira, Portugal
Fig. 14 - Igreja do Santo Condestável, séc.XX, Lisboa, Portugal

Enquanto a Europa vivia um período de instabilidade, devido a guerras, a Inglaterra desenvolve-se tecnicamente, criando máquinas de apoio a todo o tipo de produção, num avanço de tal forma importante e significativo para o mundo nessa época, que se apelidou de revolução, a revolução industrial. E foi-o deveras, pois marca uma grande alteração social.

O contexto marcado pelo “enfraquecimento das monarquias absolutistas, que se identificaram com o barroco” (Mello, 2007, p.69) e a ascensão da arqueologia⁸⁶ - que resgatou o fascínio pela arquitetura e temas clássicos - assiste-se, na Europa do século XIX, a um novo período conhecido como historicismo, ou revivalismo. (fig.13 e 14)

Este trata do regresso à linguagem e formas de estilos antecedentes, utilizando-se de novas técnicas e materiais, mas procurando manter o vigor estilístico das mesmas⁸⁷. Desta feita, os “projetistas aplicam do modo mais rigoroso os preceitos do ecletismo e constroem cada edifício no estilo adequado a sua função: os órgãos públicos, em estilo renascentista, as igrejas em estilo medieval, e assim, por diante.” (Benevolo, 2001 p. 728⁸⁸)

Uma abordagem arquitetónica que, de resto, haveria de ser fortemente criticada, pelo que, anos mais tarde, se estabilizará o que virá a denominar-se de Movimento Moderno⁸⁹, que irá apresentar um novo olhar sobre os avanços técnicos⁹⁰, o aparecimento e o uso de novos materiais, abrindo portas a uma nova via arquitetónica. No entanto, apesar da novidade que esta corrente arquitetónica virá trazer, através da já nomeada emergência de novos materiais e técnicas construtivas, no plano da arquitetura religiosa, o desenvolvimento não se dá por inteiro nos primeiros tempos, uma vez que os ideais apresentados aparentam uma impossível convivência⁹¹, o que fez com que “o programa de um templo era algo estranho à Modernidade”⁹². (Cobián, 2005, p.13)

Mas afinal, a liturgia não acompanhou o momento de progresso e de inovação que genericamente se sentia:

“[...] a Igreja não evolui em sua liturgia. Em fins do século XVIII a perda do sentido original da liturgia como reunião de fiéis e sua formalização e teatralização crescente,

⁸⁶ “O património arqueológico, apenas tocado de leve pelo Renascimento não obstante o entusiasmo dos humanistas, é agora explorado de maneira sistemática” (Benevolo, 2001, p. 28)

⁸⁷ No desenvolvimento deste movimento destaca-se um importante personagem: Winckelmann que “propõe as obras antigas como modelos precisos a serem imitados e torna-se o teórico do novo movimento: o neoclassicismo.” (Benevolo, 2001, p. 28) “Winckelmann chega a Roma em 1755, e sua principal publicação, a *Storia dell'arte antica*, vem à luz em 1764. Pela primeira vez, ele se propõe estudar a produção artística dos antigos como ela é, objetivamente, e não como é acolhida pela moda da época, o que faz com que ele mereça ser chamado de fundador da história da arte.” (Benevolo, 2001, p. 28)

⁸⁸ Edição original de 1994.

⁸⁹ “El cambio en la arquitectura que se produjo a partir de la revolución industrial y que cristalizó después de la Primera Guerra Mundial con el nombre de Movimiento Moderno, tuvo tres momentos en su búsqueda de una nueva orientación y de un nuevo método arquitectónico: el reconocimiento programático de la identidad entre forma y función y la necesaria coherencia con el espíritu de los tiempos”(Cobián, 2005, p.69-70)

⁹⁰ “las transformaciones técnicas afectaron de modo muy directo a los procesos constructivos.” (Cobián, 2005, p.69)

⁹¹ O “concepto de no-permanencia - expresado en frases como «nuestras casas durarán menos que nosotros y cada generación deberá construirse las suyas», o «no somos los hombres de las catedrales sino de las estaciones de ferrocarril» - se oponía radicalmente a cualquier visión estática de la arquitectura, visión particularmente acusada en la construcción de templos donde los materiales permitidos —también por razón de decoro y gravedad - eran únicamente los pétreos.” (Cobián, 2005, p.74)

⁹² Tradução da citação original: “el programa de un templo era algo extraño a la Modernidad”

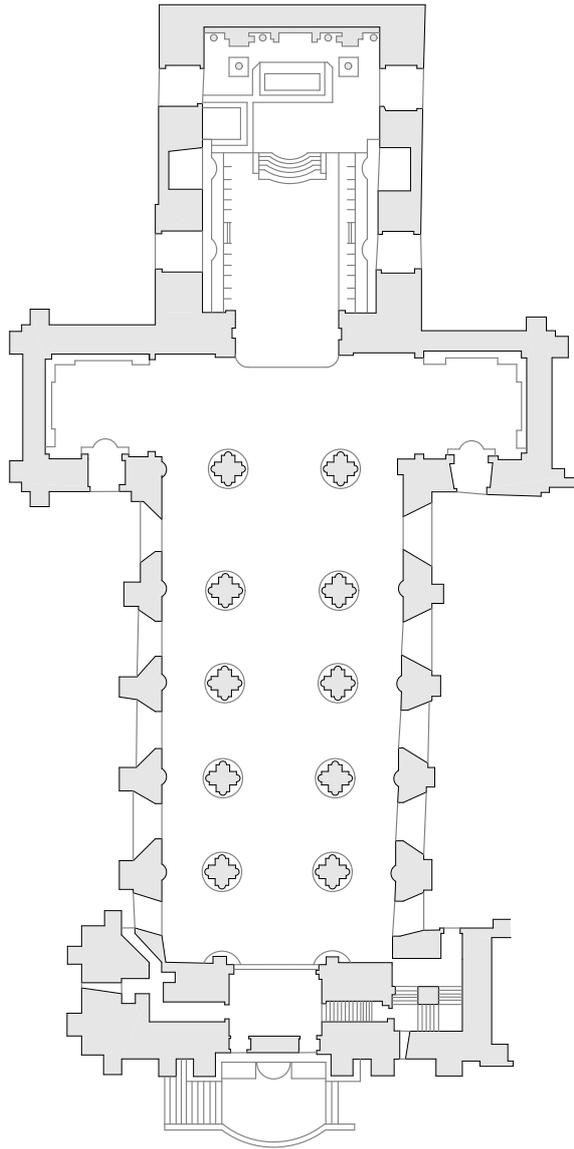


Fig. 15 - Planta da Sé do Porto baseada numa publicação da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

N

com o conseqüente aprofundamento do abismo entre o clero e o povo (que praticamente não participava do culto), passa a se tornar cada vez mais evidente e começa a constituir motivo de discussão na Igreja.” (Mello, 2007, p.70) (fig.15)

Para a Igreja, estes foram tempos deveras exigentes e conturbados devido às grandes mudanças que ocorriam a um ritmo muito elevado, e ainda pelo facto de ter sofrido vários atos cruéis e perseguições, fruto de diversas revoluções, do Comunismo e Socialismo.

Perante tudo isso e, frente a uma crescente secularização e laicização, no dia 29 de junho 1878, uma bula, assinada por Pio XIX, convoca os padres para um novo Concílio, o Vaticano I⁹³. Um Concílio que procurou combater o ateísmo e comprovar a presença de Deus diante do mundo do século XIX, que apresentava caminhos opostos, mundanos, de sobrevalorização do materialismo, mas que, queria, também, estabelecer o dogma da infalibilidade papal. Este último ponto cria uma cisão: “o concílio divide a Europa ainda antes de começar, aumentando o isolamento do catolicismo.” (Romanato, 2019) No entanto, apesar da discordância generalizada e o facto de a guerra franco-alemã obrigar a que o Concílio seja interrompido e acabe por nunca se finalizar, a infalibilidade papal é definida, pela constituição dogmática *Pastor aeternus*.

Apesar das grandes alterações que temos vindo a mencionar, e de constatarmos que a Igreja não acompanha totalmente esses desenvolvimentos - só mais tarde assumindo o seu entendimento e ação, no final do século XX, com o Concílio Vaticano II - deve reconhecer-se que em meados do século XIX começam a ser dados passos de entendimento e desenvolvimento de novas possibilidades que respondessem à necessidade e avanço desses tempos. Desenvolvimentos sem os quais, não seria possível chegar à reforma do Vaticano II, como foi, entre os demais⁹⁴, o já referido movimento litúrgico⁹⁵.

Trataremos então de compreender melhor este revolucionário movimento que ajudará a reconfigurar a Igreja, abrindo portas para a existência e pertinência de uma revisão litúrgica, que acabará no reformador Concílio Vaticano II - a última grande reforma da Igreja Católica e uma das mais importantes da sua história relativamente à consecutiva revolução arquitetónica do espaço de culto.

⁹³ Convoca inclusivamente protestantes e ortodoxos, não tendo estes, no entanto, comparecido.

⁹⁴ O movimento bíblico foi um dos movimentos que a par do litúrgico abriu portas à reforma.

⁹⁵ “em meados do século XIX, assistimos a uma sensibilidade litúrgica nova perfilada por estudiosos com grande amor à verdade histórica da tradição eclesial e que criam um movimento de força incrível que se conhece como “movimento litúrgico”. (Gomes, 2010, p.129)



Fig. 16 - Igreja da Abadia de São Pedro de Solesmes, séc.XXI, Solesmes, França
a. Interior da Igreja
b. Interior da Igreja no momento da celebração da Eucaristia

É atribuído a Prosper Guéranger⁹⁶ (1805-1875) o impulso deste movimento que se virá a denominar de litúrgico. Prosper, consciente que a liturgia se havia estagnado⁹⁷ e se distanciava totalmente da experiência litúrgica e, por sua vez, arquitetónica das primeiras comunidades cristãs; começa a refutar a ideia medieval da liturgia como mistério.

Assim, a partir da sua ação como abade de Solesmes⁹⁸, (fig.16) começa a defender a necessidade de uma via litúrgica distinta da então vigente, assente na promoção do regresso à antiga liturgia romana tradicional. As suas ideias começam então a ser propostas e visíveis, sobretudo através da publicação de várias obras literárias⁹⁹, e rapidamente extravasam as paredes do mosteiro, ganhando seguidores pela Europa fora¹⁰⁰, sobretudo em França, na Alemanha, Suíça e Itália, mas chegando também, anos mais tarde, a Portugal.

Passam, assim a vários os “Arquitectos, artistas e teólogos em diálogo” (Gomes, 2010, p.130) que, comungando da ideia de “renovar as funções dos lugares celebrativos”, (Gomes, 2010, p.130), trabalham a fim de mostrar o rumo que julgam certo e necessário para a Igreja e, por sua vez, para a arquitetura das igrejas, numa corrente que cada vez mais se vai consolidando e ganhando força¹⁰¹:

“O objetivo do movimento litúrgico era transformar os fiéis de ‘espectadores silenciosos’ (Pio XI) em activos participantes da eucaristia; os devotos individuais deveriam unir-se ao sacerdote de modo a formar uma comunidade unida pelo sacrifício. Caberia à arquitetura dar forma à Igreja, envolvendo a comunidade em redor do altar, confirmando-a, fortalecendo-a e fornecendo-lhe um ambiente no qual as pessoas pudessem manter contacto entre elas e com o altar, participando visual e oralmente, sem obstáculos, no sacrifício da missa”.¹⁰² (Henze; Filthaut, 1956, p.85)¹⁰³

⁹⁶ “Um dos pioneiros no campo da purificação e renovação litúrgica – 200 anos antes da SC - foi sem dúvida o monge dom Guéranger, já em 1805, fundador e abade de Solesmes, que pretendeu fazer compreensiva a liturgia, no período que favorecia o abandono dos ritos regionais e a adoção do Rito Romano. Da mesma maneira que Newman, Moehler e Pusey, seus contemporâneos, Guéranger descobriu o valor transcendente do pensamento patristico e sua extraordinária fecundidade para os cristãos de todas as gerações. Associou a este objetivo a restauração da música e a propagação do canto gregoriano.” (Laboa, 2002, p.261)

⁹⁷ “a liturgia teve de submeter-se a transformações profundas, já que se cristalizara numa linguagem e cultura que se tornavam cada vez mais incompreensíveis para as pessoas da modernidade.” (Libano, 2005, p.13)

⁹⁸ O mosteiro beneditino de Solesmes, em França, e os seus ensinamentos foram de tal forma importantes que “o então núncio em Paris, Angelo Roncalli, futuro Papa João XXIII, esteve muitas vezes nas celas de Solesmes; quando foi eleito Papa – Paulo VI – nomeou o então abade Jean Prou para presidente de uma congregação do Concílio Vaticano II e escutou os seus conselhos relativos à reforma litúrgica.” (Fazzini, 2010)

⁹⁹ A destacar sobretudo as obras: *L’année Liturgique* (1841) e *Institutions Liturgiques* (1840)

¹⁰⁰ “O beneditino P. Guéranger (1805-1875) em França, os irmãos Wolter na Alemanha; L. Beauduin (1837-1960) na abadia belga de Mont-César, assim como a de Maredsous... os beneditinos de Maria Laach e O. Casel, o grande teólogo do movimento litúrgico, fazem surgir numerosas publicações sobre liturgia, dedicando-se algumas a difundir uma nova estética de arte sacra marcadamente contemporâneas.” (Gomes, 2010, p.129)

¹⁰¹ “Toda a teologia e as linhas mestras do movimento litúrgico que estes e outros homens redescobriam ou actualizaram – regresso às fontes, revitalização do conceito de mistério, teocentrismo, cristocentrismo, e uma liturgia celebrada pelo povo de Deus – seriam plasmadas esteticamente numa nova arte e numa nova distribuição dos lugares sagrados. Destaque-se com relevância o papel do teólogo Romano Guardini e do seu amigo arquitecto Rudolf Schwartz, autor do célebre livro a visitar ou, talvez mais, a descobrir *Vom Bau der Kirche*, Würzburg, 1938”. (Gomes, 2010, p. 129)

¹⁰² Tradução da citação original: “The aim of the liturgical movement was to transform the faithful from ‘silent onlookers’ (Pius XI) to active participators in the offering; the individual worshipers were to join with the priest to form one community united by sacrifice. It was the task of church architecture to conform to this developing community of the altar, confirming and strengthening it and providing it with an environment in which each person should be in contact with each, and all with the altar, participating visually and orally, unhindered, in the sacrifice of the mass”.

¹⁰³ Edição original de 1856.



Fig. 17 - Celebração da Eucaristia numa Igreja de acordo com o rito Tridentino
Fig. 18 - Celebração da Eucaristia ao ar livre de acordo com o rito Romano

O Movimento defendia então o desaparecimento da eucaristia como um ato privado, particular, ao invés da celebração da missa como expressão de fé comunitária, do povo de Deus unido num só corpo e numa só voz, “considera toda a comunidade como sujeito da acção litúrgica” (Richter, p. 25). Uma ideia de Igreja e liturgia que se fundamentava nos espaços e ritos celebrativos dos primeiros cristãos¹⁰⁴. Em grande parte, o esforço desenvolvido tratava-se de um regresso às origens, ao essencial (fig.17 e 18), da:

“[...] redescoberta arqueológica das *domus ecclesiae* e das basílicas paleocristãs como paradigma funcional e estético para o espaço ritual; o aprimoramento da dimensão comunitária da celebração, que se reflete na estrutura da igreja; a busca pela unidade e integridade da aula litúrgica; a centralidade simbólica e a autonomia espacial do altar, etc.”¹⁰⁵ (Arias, 2019, p.425)

Foi dessa forma, que se foi teorizando e pondo em prática uma “nova”¹⁰⁶ liturgia e um “novo” espaço de culto, assentes no acolhimento da comunidade em redor do mesmo altar, onde conjuntamente expressam e vivem a sua fé, reiterando a ideia da necessidade de uma reforma litúrgica¹⁰⁷.

O espaço começa então a ganhar novas configurações onde a, natural e já canónica preponderância de um grande eixo longitudinal que leva até ao altar, se começa a diluir, fazendo surgir “novas soluções e plantas, para possibilitar através do edificado a participação ativa de todos nas acções litúrgicas, e atribuir ao altar como centro da liturgia o lugar apropriado que lhe compete.” (Richter, p. 24)

Tratou-se de uma fase de grande novidade, originalidade e liberdade na redescoberta do desenho do espaço litúrgico, fazendo com que surgissem e fossem sendo testadas diversas possibilidades de organização que envolvessem mais a comunidade, que a tornassem sujeito ativo da acção. Uma das experiências porventura mais importante e que melhor espelha os valores do movimento litúrgico, está na Sala dos Cavaleiros do Castelo de Rothenfels¹⁰⁸. (fig.19)

¹⁰⁴ “Todo o trabalho desenvolvido pelo movimento litúrgico, mediante o regresso às fontes, veio lançar luz sobre o primado da assembleia, sujeito celebrante, sobre os ministérios, a centralidade do altar, a assembleia como comunidade de mesa, a importância da Palavra e do seu lugar iminente e elevado (Ambão), a relação da eucaristia com os outros sacramentos e sacramentais”. (Amorim, 2006, p.106)

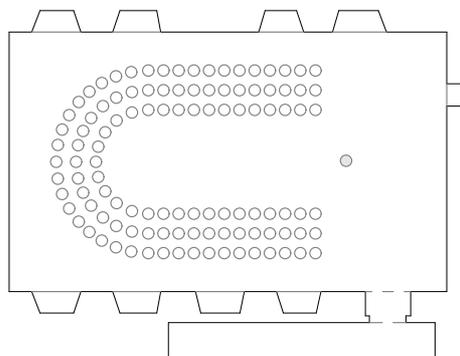
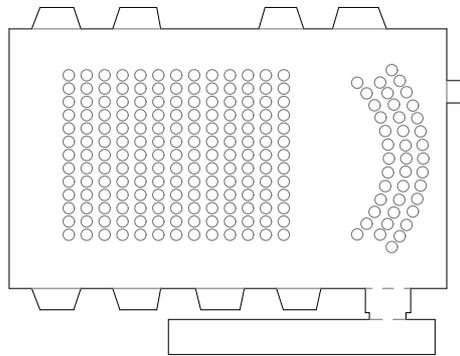
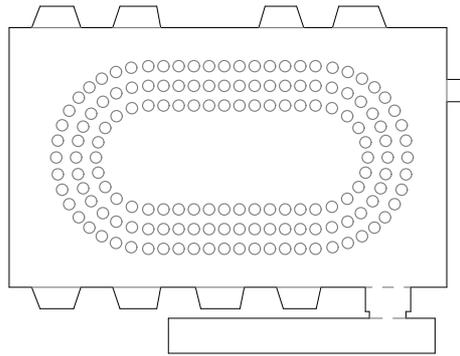
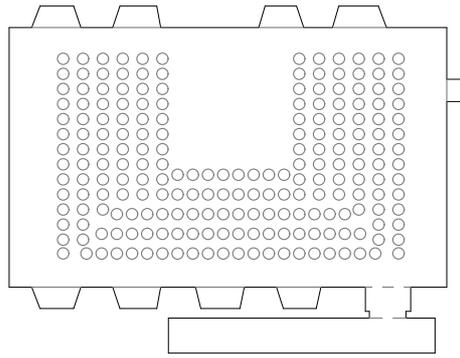
¹⁰⁵ Tradução da citação original: “redescubrimiento arqueológico de las *domus ecclesiae* y las basílicas paleocristianas como paradigma funcional y estético para el espacio ritual; la puesta en valor de la dimensión comunitaria de la celebración, que se refleja en la estructura de la iglesia; la búsqueda de la unidad e integridad del aula litúrgica; la centralidad simbólica y la autonomía espacial del altar, etc.”

¹⁰⁶ Apesar de não ser totalmente nova, uma vez que se trata de um regresso às origens. Acaba por sê-lo na medida em que a linguagem e materialização formal e arquitetónica procuram ser actuais.

¹⁰⁷ “uma nova visão teológica e litúrgica onde sacerdote e povo unem-se através do culto que celebra o sacrifício de Cristo, tal como nos primórdios do cristianismo. A liturgia progressivamente deixa de ser espetáculo e passa a ter como centro a eucaristia, simbolizada pelo altar, cuja concepção de mesa da Última Ceia é retomada.” (Mello, 2007, p.88)

¹⁰⁸ “É no interior de um dos mais intensos e fecundos desses círculos, o movimento de jovens católicos alemães sediado no Castelo de Rothenfels na Baviera, que o Movimento Litúrgico consolida o seu compromisso com a arte e a arquitectura modernas.” (Miranda, 2014, p.85)

O Castelo de Rothenfels tratar-se de um grande complexo onde tem sede o movimento de jovens católicos alemães Quickborn (frequentado anualmente por milhares de jovens). Da intervenção de Schwarz há mais espaços de interesse a nomear, no entanto decidimos centrar-nos apenas na Sala dos Cavaleiros por se identificar mais com o estudo que procuramos.



N
⊙

Fig. 19 - Esquemas de Rudolf Schwarz da Sala dos Cavaleiros do Palácio de Rothenfels, 1928

Na intervenção de renovação (1928), confiada ao arquiteto Rudolf Schwarz, este projeta um espaço cheio de novidade, onde “A ideia de uma participação ativa da comunidade na celebração, uma das orientações de fundo do Concílio Vaticano II, era antecipada”.¹⁰⁹ (Miranda, 2014, p.95)

A intervenção - que procurou, através do essencial, redescobrir uma nova representação e vivência do espaço de culto - passou, primeiro que tudo, pelo distanciamento da atmosfera da arquitetura medieval existente, que claramente não se coadunava com os ideias defendidos pelo movimento moderno e litúrgico. Como tal, procedeu-se à eliminação da ornamentação barroca e à pintura dos tetos e paredes de branco, definindo um espaço sem identidade aparente, onde apenas as ações litúrgicas o tornavam identificante. (Schwarz citado por Richter, 2005, p.26) Como afirma o arquiteto, ao explicar a intervenção: “no início existe apenas espaço mundano e depois fica apenas espaço mundano: o Senhor passou...”.¹¹⁰ (Schwarz citado por Richter, p.26) A modernidade do espaço, conseguida através da intervenção que acabámos de referir, é alcançada também pelo facto de ter sido feita com recurso a poucos e sóbrios elementos de mobiliário mas, sobretudo, pelo facto de a definição e organização do espaço litúrgico não ser algo estático, podendo ganhar diversas formas e significados, consoante a ocasião e o pretendido, criando “um corpo espacial, no qual é a própria comunidade a dar forma ao espaço, através da celebração litúrgica e dos próprios movimentos.” (Richter, p.27) Como afirma Guardini:

“Aqui levava-se a sério o facto de que uma comunidade pode organizar as suas próprias formas espaciais [...]. A forma como a comunidade celebrava a liturgia em Rothenfels teve uma importância à qual nós não atendemos muito no início da organização dos espaços [...]. Que o espaço sagrado repouse inteiramente sobre a comunidade e o seu agir, e que esse espaço surja e desapareça com a liturgia, com renúncia a todo o dispositivo arquitectónico, é uma coisa bela.” (Guardini citado por Miranda, 2014, p.95)

Como pudemos compreender, Rothenfels tratou-se de uma solução totalmente inovadora, onde é exponenciada ao máximo a ideia da participação activa de todos, em todos os momentos, traduzindo-se numa organização litúrgico-espacial que recupera a essência ritual existente nas primeiras comunidades cristãs mas, desta feita, numa linguagem contemporânea.¹¹¹ Uma intervenção que, por sua vez, serviu de inspiração e guia para muitas das futuras intervenções que se vierem a realizar sobre o espaço religioso daí em diante¹¹², até porque “Vários dos arquitectos¹¹³

¹⁰⁹ Este feito é, em grande parte conseguido, graças à estreita relação que tinha com Guardini.

¹¹⁰ Tal ideia só é compreensível pelo facto de existir uma Capela, onde se conserva o Santíssimo Sacramento, numa sala anexa à Sala dos Cavaleiros.

¹¹¹ É bem patente a ânsia de comunicação com a modernidade nesta intervenção.

¹¹² Posterior, materializado de uma outra forma mas, tendo por base a mesma ideia, importa não esquecer a readequação do espaço litúrgico da Capela dos Estudantes, Melk (Áustria), por Ottokar Uhl em 1966.

¹¹³ “Para além de Rudolf Schwarz e de Martin Weber, referimos os nomes de Emil Steffann (1899-1968), dos suíços Fritz Metzger (1998-1973) e Hermann Baur (1894-1980).” (Miranda, 2014, p.86)



Fig. 20 - Retrato de José Escada do coletivo de membros do MRAR

que mais se dedicaram à arquitectura religiosa integraram ou contactaram com este movimento”¹¹⁴ (Miranda, 2014, pp.85-86) e que “transportariam mais tarde para a sua arquitectura.” (Miranda, 2014, p.86)

À semelhança do que se vinha a sentir na Europa, desde meados do século XIX, com o desenvolvimento do movimento litúrgico, surge em Portugal, em meados do século XX¹¹⁵, o Movimento de Renovação de Arte Religiosa (1953-1969), o MRAR. (fig.20)

Este tratou-se de um agrupamento voluntário de pessoas de diversas áreas¹¹⁶ que, conscientes do importante papel desempenhado pelo movimento litúrgico pela Europa fora¹¹⁷, se associaram, procurando transmitir uma imagem de uma Igreja renovada e ativa no nosso País. (fig. 21 e 22)

Tratava-se de um grupo de trabalho com personagens descritos da seguinte forma:

“[...] empenhados em conferir aos edifícios religiosos em Portugal uma maior dignidade e qualidade plástica, numa oposição formal à manutenção dos modelos tradicionalistas. Durante quinze anos politicamente conturbados e de forte secularização, o MRAR realizou reuniões e encontros, organizou exposições, cursos e conferências, editou um boletim, promoveu a realização de concursos de arquitetura e defendeu a execução de obras de arte sacra por artistas competentes, sempre em diálogo com padres e seminaristas.” (Cunha, 2014)

Este movimento, totalmente espontâneo e livre¹¹⁸, através do seu real e efetivo trabalho no País¹¹⁹, contribuiu, por alguns anos¹²⁰, para a renovação arquitetónico-litúrgica¹²¹ no quadro europeu.

“A renovação estava em curso, tal como a sua resistência. Já dizia Raul Lino em 1951, a propósito

¹¹⁴ “movimento de jovens católicos alemães” (Miranda, 2014, p.85)

¹¹⁵ Já nos fomos habituando, na generalidade dos casos, á nossa condição de país na cauda da Europa à “beira-mar plantado”. (Ribeiro, 1990)

¹¹⁶ “foi a concretização da vontade de um grupo de arquitetos, artistas plásticos e historiadores - como Nuno Teotónio Pereira, João de Almeida, Nuno Portas, Diogo Pimentel, Luíz Cunha, Manuel Cargaleiro, José Escada, Maria José de Mendonça e Madalena Cabral”. (Cunha, 2014, resumo)

¹¹⁷ “organização inicial foi profundamente influenciada pela estrutura de duas organizações que lhes eram próximas – a suíça Sociedade de São Lucas que conheciam através de João de Almeida e a Acção Católica Portuguesa.” (Cunha, 2014, p. 430)

¹¹⁸ “O movimento independente da orgânica hierárquica da Igreja”. (Marques, 2017, p.111)

¹¹⁹ “conseguiu não só mudar os protagonistas no desenho das novas igrejas como efetivamente concretizou a renovação da arquitetura religiosa na década de 1960 no Patriarcado de Lisboa, diocese mais importante de Portugal e que maior número de igrejas construiu neste período”. (Cunha, 2014, p. 417) “Pode-se, portanto, considerar que a renovação da arquitetura religiosa em Portugal que se concretizou no início da segunda metade do século XX é profundamente devedora da ação do MRAR. Durante a década de 1960 a construção de igrejas modernas tornou-se aceite por todo o país e o papel central do MRAR nessa transformação cultural é inquestionável.” (Cunha, 2014, p. 418) “Fazendo uso do pouco tempo e dos reduzidos meios que tinham disponíveis, os membros do MRAR conseguiram mudar mentalidades e contribuir para a renovação cultural da Igreja, num processo que afirmou e consolidou a construção da arquitetura religiosa moderna em Portugal.” (Cunha, 2014, p. 431)

¹²⁰ Infelizmente é possível notar que após o término da ação deste Movimento, poucos foram os exemplos de desenvolvimentos vanguardistas no que toca à arquitetura sacra e sua resposta à reforma litúrgica.

¹²¹ “através de um intenso programa de formação estética e crítica que se seguiria feito de novas exposições, mas também de artigos na imprensa, debates, concursos, cursos e conferências.”(Cunha, 2014, pp. 168-169) “conseguiu afirmar em Portugal um programa artístico e pastoral que se constituiu como o melhor exemplo de intervenção religiosa e cultural de uma elite que operou uma efetiva renovação dos edifícios religiosos, bem como uma valorização das dimensões sociológica e antropológica dos espaços litúrgicos. Essa fora a missão com que foi criado por um pequeno grupo de arquitetos mobilizado para a luta por um tema determinado e localizado no tempo. O MRAR, pelas suas características – grupo de amigos a trabalhar em regime de voluntariado sem instalações próprias -, acabou por ser uma organização bastante distinta dos restantes grupos e movimentos que na Europa lutavam pela renovação da arte e da arquitetura religiosa.” (Cunha, 2014, p. 433)



Fig. 21 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, 1962-1970, Lisboa, Portugal, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas
Fig. 22 - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, 1962-1970, Almada, Portugal, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas

de igrejas modernas: “Evolução, sim, mas devagarinho!””. (Marques, 2017, p.111) Posteriormente à criação do MRAR, deu-se:

“[...] a criação do Secretariado para as Novas Igrejas do Patriarcado, que entre outras tarefas elaborou o Programa Base para a Construção de Novas Igrejas e o Regulamento para a Conservação e Restauro dos Edifícios de Culto do Patriarcado de Lisboa, e o aparecimento das Comissões Diocesanas de Arte Sacra para a apreciação dos trabalhos de conservação e de construção de lugares de culto.” (Rosa, 1965, p.189)



Fig. 23 - Celebração da Eucaristia durante a primeira Guerra Mundial

Apesar de todas estas dinâmicas que se faziam sentir na Igreja, é ao Papa, seu órgão máximo, que cabe avaliar as mais diversas propostas que se façam sentir nos mais diversos âmbitos da Igreja e, tratando-se da Eucaristia e do espaço litúrgico uma questão tão basilar para a Igreja, a atenção é redobrada.

Pio X (1903-1914) foi o primeiro Papa capaz de enfrentar os desafios do mundo que a Igreja há muito fingia não ver, abrindo-a a um diálogo, interno e externo, que permitiu que se dessem os primeiros passos rumo a uma verdadeira reforma¹²².

Assim, no seguimento do Movimento Litúrgico, Pio X inicia oficialmente a reforma litúrgica¹²³, juntando-se ao seu decisivo papel, a ação desenvolvida por parte de alguns órgãos da Igreja¹²⁴ que apoiaram a realização das “importantes reformas práticas” (Duffy, 1997, p.246), sendo o seu combate à inativa participação dos fiéis, anos mais tarde, devidamente reconhecido¹²⁵.

O seu pensamento relativamente à liturgia e à forma que deveria tomar, pode-se resumir na seguinte frase: “Não se tem que rezar nem cantar durante a missa, mas sim cantar-se e rezar-se a missa.”¹²⁶ (Laboa, 2002, p.262)

A Pio X seguiu-se Bento XV (1914-1922), cujo ano de eleição a Papa coincide com o do início da primeira guerra mundial¹²⁷ (1914-1918), (fig.23) que por sua vez se prolonga quase até ao fim do mesmo, tornando-o um pontificado difícil, e não permitindo por isso, o foco e atenção num trabalho de continuidade sobre as questões de renovação que se faziam sentir na Igreja desde o papado anterior.

Esta guerra marcou severamente a história contemporânea mundial em vários aspectos e, o seu fim obrigou à ponderação de novas soluções nas mais diversas áreas, tendo também a arquitetura esse

¹²² A 22 de novembro de 1903- três meses depois do início do seu Pontificado- decreta o *Motu Proprio Inter pastoralis officii sollicitudines (Tra le sollecitudini)*, a “carta magna do movimento litúrgico” (Gomes, 2010, p.130), onde apresenta o canto gregoriano como modelo a seguir relativamente à música sacra, posição que valida o trabalho desenvolvido por Guéranger na sua abadia. A 1 de novembro de 1911 promulga a Constituição Apostólica “*Afflatu divino*” que reforma o Breviário, onde é promovida a comunhão. O Missal Romano e os decretos Sacra Tridentina Synodus (1905) e *Quam Singulari* (1910). Em 1911 reformou o calendário litúrgico e, no ano de 1918, na Abadia de Maria Laach, tem lugar a primeira missa dialogada (*versus populum*) fora da clausura de um mosteiro.

¹²³ “La clarividencia de Pio X consistió en que las partes de la liturgia que puso, por así decir, al alcance del conjunto de los fieles son, cabalmente, aquellas que afirman y expresan las verdades más fundamentales de nuestra fé, como las del Oficio dominical y, especialmente, las de las misas de las semanas cuaresmales.” (Guardini, 2019, p.13)

¹²⁴ “Em 1914 publicou-se em Lovaina *La piedad de la Iglesia*, de Lambert Beauduin, um beneditino de Mont-César (Lovaina), que conseguiu que todas estas disposições e inovações litúrgicas fossem assumidas e postas em prática na vida paroquial e diocesana. Este movimento foi completado pela ação da Abadía de Maria Laach e pelos escritos de Pius Parsch (1884-1954) e de Romano Guardini. Com Jungmann, da Universidade de Innsbruck, a história da liturgia renovou seus métodos e facilitou com o estudo das fontes a renovação litúrgica que brilhará no Concílio Vaticano II.” (Laboa, 2002, p.262) Tradução livre do trecho: “En 1914 se publicó en Lovaina *La piedad de la Iglesia*, de Lambert Beauduin, un beneditino de Mont-César (Lovaina), quien consiguió que todas estas disposiciones e innovaciones litúrgicas fueran asumidas y puestas en práctica en la vida parroquial y diocesana. Este movimiento fue completado por la acción de la Abadía de Maria Laach y por los escritos de Pius Parsch (1884-1954) y de Romano Guardini.”

¹²⁵ “às disposições de Pio X se logrou a restauração das mais diletas formas de arte e o consolador reflorescimento do espírito religioso, já que o povo cristão, compenetrado por um mais profundo sentimento litúrgico, começou a tomar parte mais ativa no rito eucarístico, na oração pública e na salmodia”. (Papa Pio XI, 1928) “Por modestas que fossem, essas reformas pastorais, especialmente a da liturgia, seriam retomadas e expandidas em meados do século, por Pio XII, e frutificariam plenamente no Segundo Concílio Vaticano”. (Duffy, 1997, p.246)

¹²⁶ Tradução da citação original: “No hay que cantar ni rezar durante la misa, sino que hay que cantar e rezar la misa.”

¹²⁷ “Tras la I Guerra Mundial tiene lugar en Europa una singular sinergia entre teólogos y pastores influidos por el Movimiento Litúrgico y arquitectos y artistas del Movimiento Moderno, henchidos todos de deseos de renovación espiritual y estética.”(Arias, 2019, p.425)



Fig. 24 - Igreja de St. Fronleichnam, 1928-1930, Aachen, Alemanha, Rudolf Schwarz
Fig. 25 - Steel Church, 1929, Colônia, Alemanha, Otto Bartning
Fig. 26 - Igreja Paroquial de Heilig-Kreuz, 1939, Dulmen, Alemanha, Dominikus Bohm

espaço de reflexão e posterior transformação¹²⁸. (fig.24 - 26) Neste campo deu-se:

“[...] uma mudança radical na disciplina arquitectónica como foi o Movimento Moderno. O fim da Primeira Guerra Mundial é geralmente marcado como o momento concreto em que as experiências e tensões acumuladas desde a revolução industrial confluíram num movimento unitário capaz de aglutiná-las e dar-lhes forma [...]”¹²⁹ (Cobián, 2005, p.67)

Tendo consciência de que, “Nas suas linhas gerais, o modo greco-romano de conceber a arquitetura manteve-se inalterado durante quase vinte e cinco séculos”¹³⁰ (Cobián, 2005, p.67), nasce este movimento, o moderno¹³¹. Um movimento que vem romper a estagnação arquitetónica que se fazia sentir há já muito e que se evidenciava, acima de tudo, nos últimos anos, através dos movimentos revivalistas e historicistas. Do seu desenvolvimento pode-se constatar que um dos programas mais explorado foi a habitação, pelo que é claro e notório que “a arquitetura religiosa não ocupou um lugar predominante na história do projecto moderno.”¹³² (Cobián, 2005, p.66) No entanto, apesar de não se ter debruçado especialmente sobre a questão da construção de igrejas, um dos factores que porventura poderá ter despoletado a rápida expansão do movimento litúrgico, poderá ter sido, o facto do nascimento de um novo estilo arquitetónico, assente em novas premissas, desejos e materiais.¹³³

Contudo, perante todos estes desenvolvimentos (sociais, técnicos, arquitetónicos, etc.) que temos vindo a enunciar, a Igreja vê-se enfraquecida a todos os níveis. Assim, numa tentativa de inversão,

¹²⁸ “Existía una confianza ciega en el poder de la arquitectura para transformar la sociedad. Una sociedad que, unida en el dolor experimentado tras la Primera Guerra Mundial, necesitaba volver a encontrar un orden sobre el que fundamentar su existencia. Era lógico que, en estas circunstancias, el sentimiento religioso pasara al primer plano, si bien de formas muy diferentes: nostálgicas en unos casos, litúrgicas en otros, y por supuesto, también estéticas.” (Cobián, 2005, p. 77)

¹²⁹ Tradução da citação original: “un cambio tan radical en la disciplina arquitectónica como lo fue el Movimiento Moderno. Suele señalarse el fin de la Primera Guerra Mundial como el momento concreto en el que las experiencias y tensiones acumuladas desde la revolución industrial confluyeron en un movimiento unitario capaz de aglutinarlas y darles forma”.

¹³⁰ Tradução da citação original: “En sus líneas generales, el modo grecorromano de concebir la arquitectura se había mantenido inalterado durante casi veinticinco siglos.”

¹³¹ Um dos personagens mais importantes e referência até aos dias de hoje, trata-se de Le Corbusier, que sobretudo estabilizou as ideias do movimento em cinco pontos para uma nova Arquitetura e num “(...) sistema de medidas que relacionava as distintas partes do corpo humano com unidades básicas que permitiam a modulação (relação das partes com a unidade) e a proporção (relação das partes entre si e com a totalidade). Assim se chegaria ao conceito de «canon» e de «orden», o primeiro ligado às artes visuais, e o segundo no âmbito arquitetónico.” (Cobián, 2005, p.67) Tradução livre do trecho: “sistema de medidas que relacionaba las distintas partes del cuerpo humano con unas unidades básicas que permitían la modulación (relación de las partes con la unidad) y la proporción (relación de las partes entre sí y con la totalidad). Así se llegaría al concepto de «canon» y de «orden», el primero ligado a las artes visuales, y el segundo al ámbito arquitectónico.”

¹³² Tradução da citação original: “la arquitectura religiosa no ha ocupado un lugar predominante en la historia del proyecto moderno.”

¹³³ “What made the period so fascinating from an architectural point of view was that it coincided exactly with the birth of modernism and in many ways the objectives of both the liturgical movement and the modernists coincided. Both were a rejection of the hypocrisy of a prevailing situation which was characterised in both fields by complacency and a lack of understanding of the brief or the the fundamental roots of space and the liturgy”. (Heathcote; Spens, 1997, p.33)



Fig. 27 - Catedral de Santa María a Real de Almuñécar, 1883/1993, Madrid, Espanha, Francisco de Cubas, Enrique María Repullés, Fernando Chueca, Carlos Sidro

serve-se de mecanismos espirituais da época medieval¹³⁴, com a “intenção de promover – a impossível – recuperação da fé medieval”¹³⁵ (Gieselmann, 1972, p.10), socorrendo-se a revivalismos arquitetónicos. No entanto, “O renascimento das formas medievais da arquitetura foi acompanhado pelo esforço em recuperar a intensidade de fé medieval. Mas não há recuperação de antigas correntes espirituais.”¹³⁶ (Gieselmann, 1972, p.10) (fig.27)

Mesmo com as dificuldades sentidas durante e após a Guerra, e apesar de no Pontificado de Bento XV não se terem dado passos concretos na continuidade da reforma, o movimento litúrgico não esmoreceu, e teve particular destaque imediatamente após o término da mesma:

“Depois da primeira guerra mundial crescera, precisamente na Europa central e ocidental, o movimento litúrgico, uma redescoberta da riqueza e profundidade da liturgia, que até então estava fechada no Missal Romano do Sacerdote, enquanto o povo rezava pelos seu livros de oração, feitos de acordo com o coração da gente, de modo que se procurava traduzir os conteúdos altos, a linguagem elevada da liturgia clássica em palavras sentimentais, mais próximas do coração das pessoas. Tratava-se, porém, quase de duas liturgias paralelas: o sacerdote com os ajudantes, que celebrava a missa segundo o Missal, e os leigos que rezavam, durante a missa, com os seus livros de oração, sabendo substancialmente o que se realizava no altar.

Mas agora, fora redescoberta precisamente a beleza, a profundidade, a riqueza histórica, humana, espiritual do Missal e a necessidade que não houvesse só um representante do povo, um pequeno ajudante, a dizer: “*Et cum spiritu tuo*”, etc., mas que fosse realmente um diálogo entre o sacerdote e o povo, que realmente a liturgia do altar e a liturgia do povo fosse uma única liturgia, uma participação activa, que as riquezas chegassem ao povo; e assim foi redescoberta, renovada a liturgia.”¹³⁷ (Papa Bento XVI, 2013)

Com a Guerra, a destruição que daí adveio obrigou à construção de novas igrejas, possibilitando a introdução de algumas ideias defendidas pelo movimento nessas novas construções e que

¹³⁴ “Historicamente a Igreja chegou ao século XIX com um “gosto” acomodado à maneira medieval, clássica e barroca, que pretendia alargar no tempo. Neste momento o início das “vanguardas” estavam totalmente afastadas da realidade artística da Igreja. Assim, esta opta por um pastiche artístico onde a arte que surgia, com novas formas e materiais, não tinha cabimento. Paralela a esta situação se encontrava a extensão das práticas de devoção. A liturgia, louvor ao Pai e celebração “comunitária” da fé da Igreja, foi camuflada ao longo dos séculos e substituída definitivamente no século XIX pela prática particular das devoções e exercícios piedosos. A consequência foi transformar a *Domus Ecclesiae*, que era templo, numa verdadeira galeria anárquica de imagens para as devoções. O altar tinha-se tornado um retábulo, a reserva eucarística centrava a atenção dos fiéis e absorveu toda a importância litúrgico-sacramental ao altar e aos outros espaços celebrativos.” (Gomes, 2010, p.129)

“consistió en argumentar que la conveniencia ideológica y moral que mantenía al clasicismo en una posición privilegiada podía aplicar-se a cualquiera de los estilos del pasado” (Cobián, 2005, p.68)

¹³⁵ Tradução da citação original: “Neo-gothic was undoubtedly inspired by an endeavour to bring about the – impossible – regeneration of mediaeval faith”.

¹³⁶ Tradução da citação original: “The revival of mediaeval forms of architecture was accompanied by a striving to rekindle a mediaeval intensity of faith. But there is no rekindling of former spiritual currents.”

¹³⁷ Excerto do encontro de Bento XVI com o Clero de Roma, dias antes, como o próprio afirma ao introduzir o que iria falar, “de deixar o ministério petrino”.



Fig. 28 - Celebrações da Eucaristia durante a segunda Guerra Mundial

a. Celebração da Eucaristia ao ar livre

b. Celebração da Eucaristia na Catedral devastada de Hiroshima

acompanhavam já a novidade trazida pelo movimento moderno:

“[...] a arquitetura de igrejas do pós-primeira guerra mundial foi definida em grande parte pelo esforço dos arquitetos que, de alguma forma ligados ao movimento litúrgico e/ou ao moderno funcionalismo, passaram a introduzir os novos conceitos de funcionalismo voltado à nova liturgia, simplicidade formal, formas primárias e clareza estrutural. Estes arquitetos, [...] Dominikus Böhm, Rudolf Schwarz e Otto Bartning, abriram espaço para as experimentações do modernismo na arquitetura religiosa.” (Mello, 2007, p.98)

Pio XI (1922-1939), dá seguimento à reforma iniciada por Pio X, abrindo “ um novo período da história eclesial” (Clemente, 2010, p.116) vincando, através da constituição apostólica *Divinus Cultus sanctitatem* (1928), a importância da participação ativa dos fiéis, decretada no número IX¹³⁸, passando “decididamente à “reconquista cristã”, como se dizia na época” (Clemente, 2010, p. 116).¹³⁹

A Pio XI seguiu-lhe Pio XII (1939-1958) que, em continuidade com os seus antecessores¹⁴⁰, visível, desde logo, pela escolha do nome para Papa, dá passos no seguimento da reforma então iniciada. À semelhança do seu antecessor Bento XV, inicia o seu pontificado com o despontar de uma nova guerra, desta feita a segunda grande guerra (1939-1945) (fig.28), obrigando a que, só após a mesma, se dêem desenvolvimentos reformadores¹⁴¹.

O impacto pós-guerra foi sem precedentes, em “Nenhum século, na história da humanidade, acumulou centena de milhões de cadáveres por causa das guerras. A Europa terminou a Segunda Guerra em ruínas materiais e espirituais.” (Libânio, 2005, p.8) (fig.29) Assim, uma vez mais e, à semelhança do sucedido com a primeira, a necessidade de reconstrução levou a “uma grande e significativa produção” (Mello, 2007, p.106) de arquitetura religiosa mas, desta feita, graças à

¹³⁸ “Affinché i fedeli partecipino più attivamente al culto divino, il canto gregoriano — per quanto spetta al popolo — sia restituito all’uso del popolo. Infatti, occorre assolutamente che i fedeli non assistano alle funzioni sacre come estranei o muti spettatori ma, veramente compresi della bellezza della liturgia, partecipino alle sacre cerimonie — anche alle solenni processioni dove intervengono il clero e le pie associazioni — in modo da alternare, secondo le dovute norme, la loro voce a quelle del sacerdote e della scuola. Se quanto auspicato si verificherà, non accadrà più che il popolo non risponda affatto o risponda appena con sommesso mormorio alle preghiere comuni proposte in lingua liturgica o in lingua volgare”. (Papa Pio XI, 1928)

¹³⁹ “vimos a Igreja colocar-se numa atitude defensiva, que durou desde o pontificado de Gregório XVI (1831-1846) ao de Pio X (1903-1914), exceptuadas as propostas mais inovadoras de Leão XIII, no final do século passado. Com Pio XI, passou decididamente à “reconquista cristã”, como se dizia na época.”(Clemente, 2010, p.116)

¹⁴⁰ “Los Romanos Pontífices a lo largo de los siglos siguientes, asegurando la puesta al día, definiendo los ritos y los libros litúrgicos, y emprendiendo, desde el comienzo de este siglo, una reforma más general.” (Papa João Paulo II, 1988)

¹⁴¹ “Com a ascensão do partido nazista, contudo, arquitetos como Schwarz e Böhm passam a ter dificuldades em desenvolver seu trabalho, tendo que assistir a uma revitalização do conservadorismo artístico e historicismo. Na Alemanha nazista a construção de igrejas sofre uma quase que total paralisação, porém, em outros países da Europa, frutifica em importantes exemplares.” (Mello, 2007, p.103/104) “Pio XII (...) impossibilitado que estava a fazer grandes intervenções públicas.” (Clemente, 2010, p. 121)

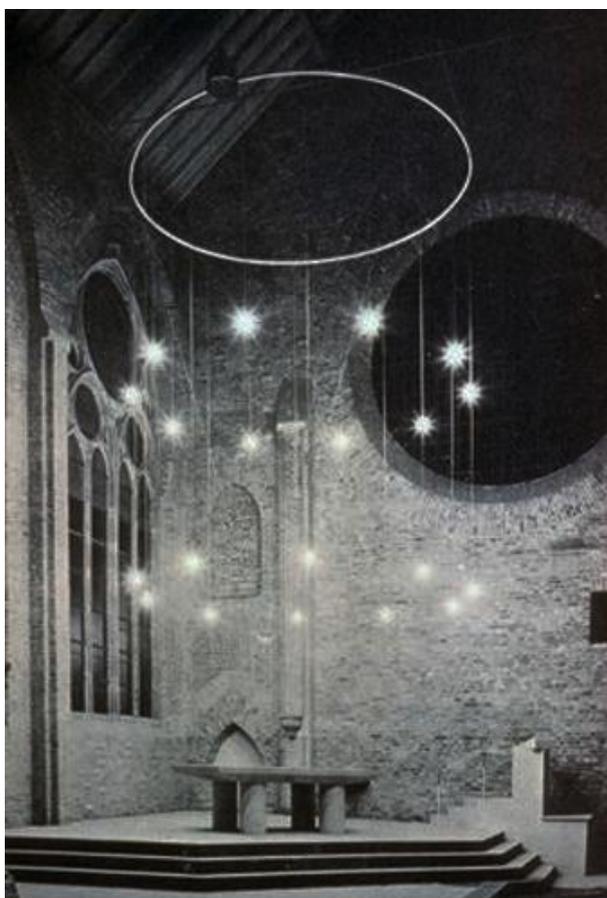
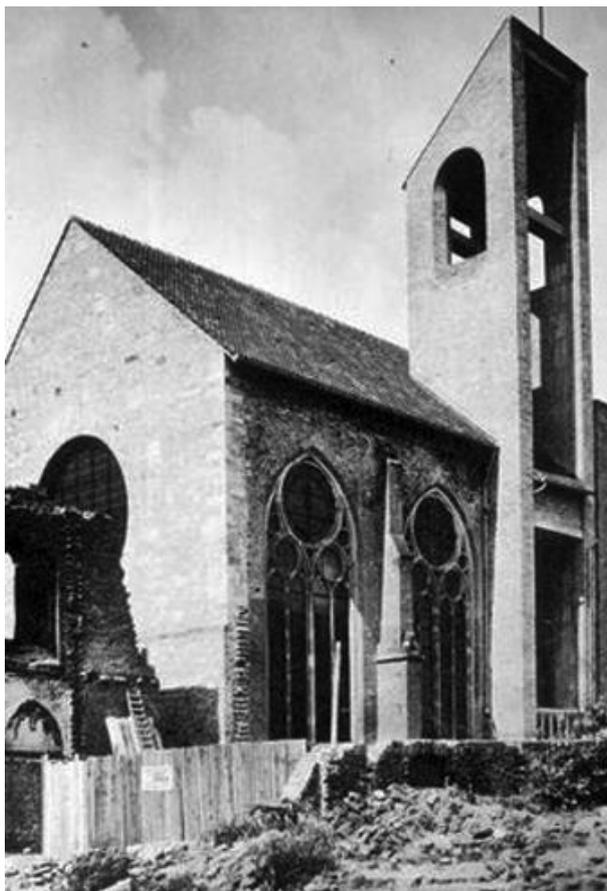


Fig. 29 - Restauo de uma igreja após danos sofridos na Segunda Guerra Mundial, Colónia, Alemanha, Emil Steffann

aprovação do Papa, “baseada nas premissas do movimento litúrgico¹⁴²” (Mello, 2007, p.106) que, após o termino da desastrosa guerra, toma imediatamente decisões em continuidade com a reforma que se fazia sentir¹⁴³, sendo o primeiro importante fator o momento em que “reconhece o movimento aprovando-o e renovando a liturgia”. (Mello, 2007, p.91) Em 1947¹⁴⁴ promulga a encíclica *Mediator Dei*¹⁴⁵, “documento fundamental para a liturgia católica no século XX, onde uma reforma litúrgica que visava a uma maior participação do fiel era posta como o centro da necessária renovação do catolicismo” (Mello, 2007, p.91) e que “abre livremente a via às representações artísticas contemporâneas.” (Gomes, 2010, p.130) Porque a morte do pontífice também representou a morte de uma era da Igreja:

“[...] não foi simplesmente o fim de um pontificado, mas o de uma era da Igreja. Um longo arco de dez séculos de modelo eclesiástico recebia um primeiro golpe de morte. Fatores externos e internos da Igreja provocaram o desmoronamento dessa concepção de Igreja, abrindo o espaço para a novidade do Concílio.” (Libano, 2005, p.8)

Foram estes os desenvolvimentos que permitiram que João XXIII (1958/63) - cuja “sua já longa existência tinha-o levado a várias fronteiras da sociedade e da Igreja” (Clemente, 2010, p.125) - desse o derradeiro passo.

Desde logo, “aprovou os ritos em duas línguas, recuperou o sentido e importância da Vigília Pascal (1951), fez a Reforma da Semana Santa (1955) e autorizou na liturgia a recitação de perícopes na língua vernácula, a língua mãe de cada país.” (Erpen, 2018)

No ano de 1956, a realização de encontros internacionais de liturgia como o Congresso de liturgia pastoral em Assis e a Semana Internacional de Estudos em Nimega são de uma enorme importância e influência, porque se mostraram capazes de “novas mudanças e prepara o caminho para as reformas do Concílio Vaticano II [...] As consequências para a arquitetura religiosa das décadas seguintes será imensa, com a crescente participação da comunidade na liturgia e no cotidiano paroquial.” (Mello, 2007, p.92)

O século XX é já marcado pela construção de algumas igrejas de traçado vanguardista, lançando,

¹⁴² “Un documento de singular importancia en este camino de renovación de la arquitectura sagrada apareció poco después de la II Guerra Mundial. La Conferencia de los obispos de Alemania, reunida en Fulda, publicó en 1949 unas *Richtlinien für die Gestaltung des Gotteshauses aus dem Geiste der Römischen Liturgie* (Directivas para la construcción de iglesias según el espíritu de la liturgia romana).” (Arias, 2019, p.425)

¹⁴³ “as novas linguagens só serão assumidas corporativamente pelo mundo eclesial na década de quarenta sob o pontificado de Pio XII, recuperando assim a milenária tradição do patrocínio das artes de vanguarda” (Cobián, 2005, p.66)

Tradução livre do trecho: “los nuevos lenguajes sólo serán asumidos corporativamente por el mundo eclesial en la década de los cuarenta bajo el pontificado de Pío XII, recuperándose así la tradición milenaria del mecenazgo de las artes de vanguardia.”

¹⁴⁴ “Após esta data a renovação litúrgica ganha impulso em todo o mundo católico, em diferentes graus” (Mello, 2007, p.91)

¹⁴⁵ No ponto 46 da encíclica é referida a constante necessidade de reflexão e evolução da liturgia ao longo dos tempos: “Em verdade, não poucas são as causas pelas quais se explica e desenvolve o progresso da sagrada liturgia durante a longa e gloriosa história da Igreja. Assim, por exemplo, uma formação mais certa e ampla da doutrina católica [...] contribuiu para a adoção de novos ritos, por meio dos quais a luz, mais esplendidamente brilhante na declaração do magistério eclesiástico, veio a refletir melhor e mais claramente nas ações litúrgicas para unir-se com maior facilidade à mente e ao coração do povo cristão”. (Papa Pio XII, 1947)



Fig. 30 - Igreja Notre Dame Du Raincy, 1922, Le Raincy, França, August e Gustave Perret

aos poucos, bases para a tão importante, necessária e esperada reforma trazida pelo Concílio Vaticano II:

“Entre 1922 e 1923 o francês Auguste Perret projeta e constrói a igreja de Notre Dame Du Raincy, sua primeira obra religiosa, considerada por alguns autores a primeira igreja moderna por sua sinceridade construtiva (uso técnico e expressivo do concreto armado) e pela clara e avançada funcionalidade litúrgica (com a aproximação do altar, por exemplo), apesar da presença de alguns elementos espaciais influenciados pela arquitetura gótica. Sem sombra de dúvida foi um dos edifícios sagrados de maior influência para a arquitetura religiosa posterior, demonstrando que materiais e linguagem modernos poderiam ser utilizados para criar uma arquitetura que fosse simultaneamente sacra e relevante à era industrial [...]”¹⁴⁶ (Mello, 2007, p.81) (fig.30)

Mas é a 25 de Dezembro de 1961, que João XXIII, ao convocar através da bula papal *Humanae salutis* o XXI Concílio Ecuménico da Igreja Católica (Concílio Vaticano II), abre a porta rumo à verdadeira reforma¹⁴⁷, (fig.31) que veio consagrar uma nova liturgia, uma renovada forma de ser Igreja e uma outra articulação desta com o mundo, factos que não poderiam deixar de ter consequências na arquitetura dos novos templos católicos:

“A celebração da liturgia católica não é indiferente à arquitectura e, vice-versa, a arquitectura duma igreja não deixa indiferente a liturgia que nela se celebra. Mas essa relação não é imutável. Tal como não existe uma liturgia imutável, também não existe uma arquitectura e uma arte para a liturgia que sejam imutáveis. Por isso, importa abandonar a convicção errónea segundo a qual, sendo a liturgia católica imutável, também a arquitectura em que a liturgia se desenrola se deveria considerar intocável.” (Amorim, 2006, p.105)

¹⁴⁶ “Se Notre Dame du Raincy foi a primeira igreja moderna, a Stahlkirche foi a primeira igreja modernista” (Heathcote, 1997, p.34) “«Sternkirche», uno de los conceptos más importantes de este siglo en arquitectura religiosa y, al mismo tiempo, uno de los logros arquitectónicos más importantes de su tiempo.” (Cobián, 2005, p.77)

¹⁴⁷ “Sem a ousada inspiração e a liderança convicta e perseverante desse papa, certamente o Vaticano II não teria se realizado, ao menos com a dimensão e a profundidade que o caracterizou. Somente pela força carismática de líderes como João XXIII se pode pensar em mudanças como as proporcionadas pelo Concílio em uma instituição milenar com doutrinas e regras cristalizadas.” (Bogaz; Hansen, 2015, p.7)

CAPÍTULO II

“O tempo é chegado”

(Mc 1, 14-15)

II.I. Análise de documentos do Concílio Vaticano II

“Se a concepção de liturgia e de fé, por um lado, e a disposição do espaço litúrgico, por outro, estão assim tão estreitamente ligadas, a descrição da liturgia deveria começar precisamente pelo espaço. Surpreendentemente, porém, sobre a relação assim evidente entre espaço e rito praticamente não existem reflexões fundamentais. [...] A celebração litúrgica é, portanto, descrita sem ter em consideração o espaço.” (Richter, pp.19-20)

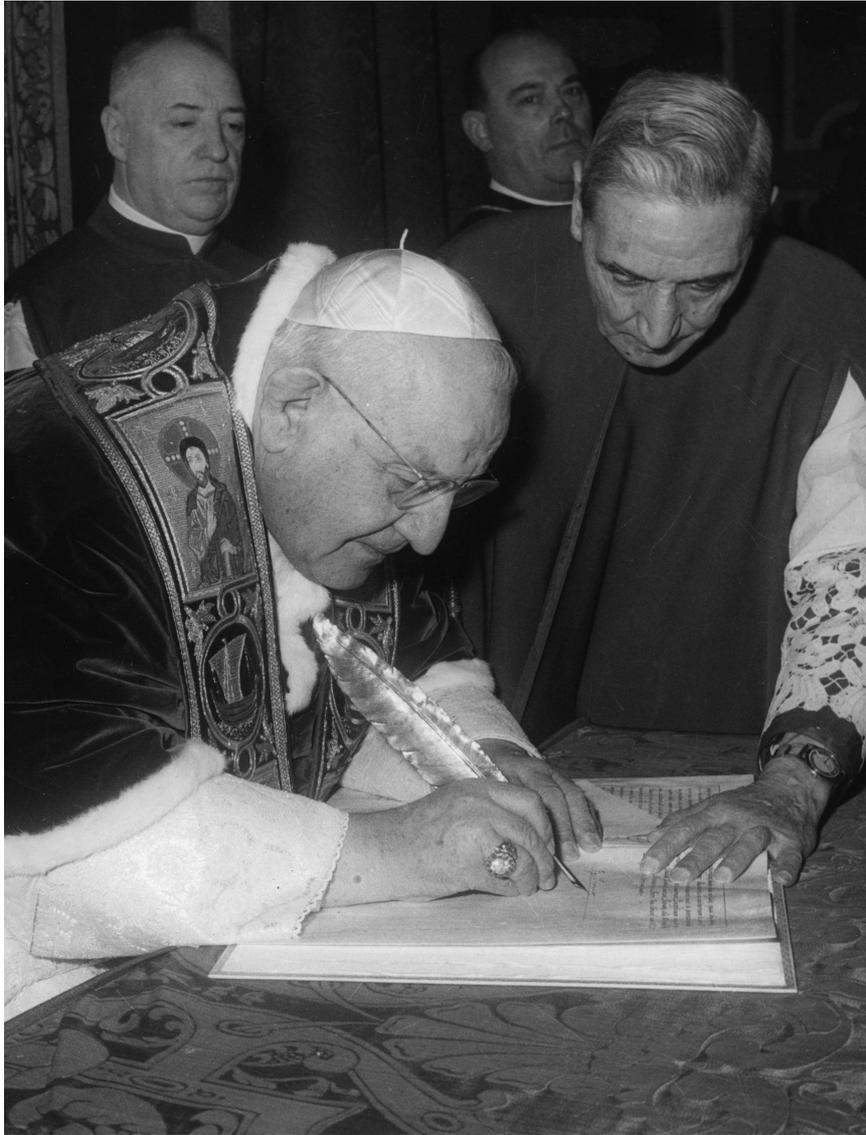


Fig. 31 - João XXIII a assinar o documento que convocou o Concílio Vaticano II

Como temos vindo a compreender, o Concílio Vaticano II¹⁴⁸ (fig.31) surge, em grande parte, graças ao desenvolvimento de um movimento que nasce no seio da Igreja Católica, em meados do século XIX, na Europa.

Este movimento, o litúrgico, procurou de forma concreta, através do “instrumento” mais importante e central do Catolicismo, a Liturgia, abrir os olhos a uma Igreja sentida como distante das origens e fechada em si mesma, tendo sido a sua visão reformista - defendida como necessária e urgente à Igreja daqueles tempos - de tal forma impactante que se disseminou com grande força por vários países.

Este grande impulso - que se foi concretizando na produção de obras literárias e arquitetónicas - permitiu então consciencializar a Igreja dos rápidos e grandes desenvolvimentos sociais e humanos que se faziam sentir, e das respostas que não estava a ser capaz de dar, acabando por constatar a necessidade de reflexão, por forma a acompanhar os tempos e dar aos católicos e ao mundo, a melhor resposta e apoio.

Assim, com este olhar de frente para o “novo mundo”, que há já algum tempo se apresentava à Igreja, João XXIII acaba por concluir que só com um Concílio seria verdadeiramente capaz de responder de aos desafios enfrentados.

A esperança e entusiasmo eram grandes - de tal forma que se tratou do Concílio mais participado da história¹⁴⁹ - mas também o era o sentido de responsabilidade, como afirma Bento XVI:

“[...] sabíamos que a relação entre a Igreja e o período moderno tinha sido, desde o princípio, um pouco contrastante, a começar com o erro da Igreja no caso de Galileu Galilei. Pensava-se em corrigir este início errado e encontrar de novo a união entre a Igreja e as forças melhores do mundo, para abrir o futuro da humanidade, para abrir o verdadeiro progresso. Por isso estávamos cheios de esperança, de entusiasmo e também vontade de contribuir com a nossa parte nisso.” (Bento, 2013, min.10:20)

O advento do Concílio Vaticano II e as diretivas litúrgicas que daí advieram, tiveram então como fim a atualização e reorganização da Igreja nas suas mais diversas dimensões.

Tratando-se da principal ação da Igreja a celebração da Missa, como é referido primordialmente nos artigos sete e dez¹⁵⁰, de um dos documentos mais importantes resultante do Concílio - a

¹⁴⁸ “Foram 20 os concílios ecuménicos realizados através da história da Igreja. Um concílio tira o nome do lugar onde se realiza.” (Gaspar, 1983, p. 10)

¹⁴⁹ “todos vinham com grandes expectativas, nunca se realizara um Concílio com estas dimensões, mas nem todos sabiam como fazer. Os mais preparados- digamos, aqueles com intenções mais definidas- eram o episcopado francês, alemão, belga, holandês, a chamada aliança do Reno. E, na primeira parte do Concílio, eram eles que indicavam a estrada depois, rapidamente se alargou a actividade e todos progressivamente participaram na criatividade do Concílio.” (Bento, 2013)

¹⁵⁰ “Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; [...] qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada par excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja.” (SC 7) “a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força.” (SC 10)

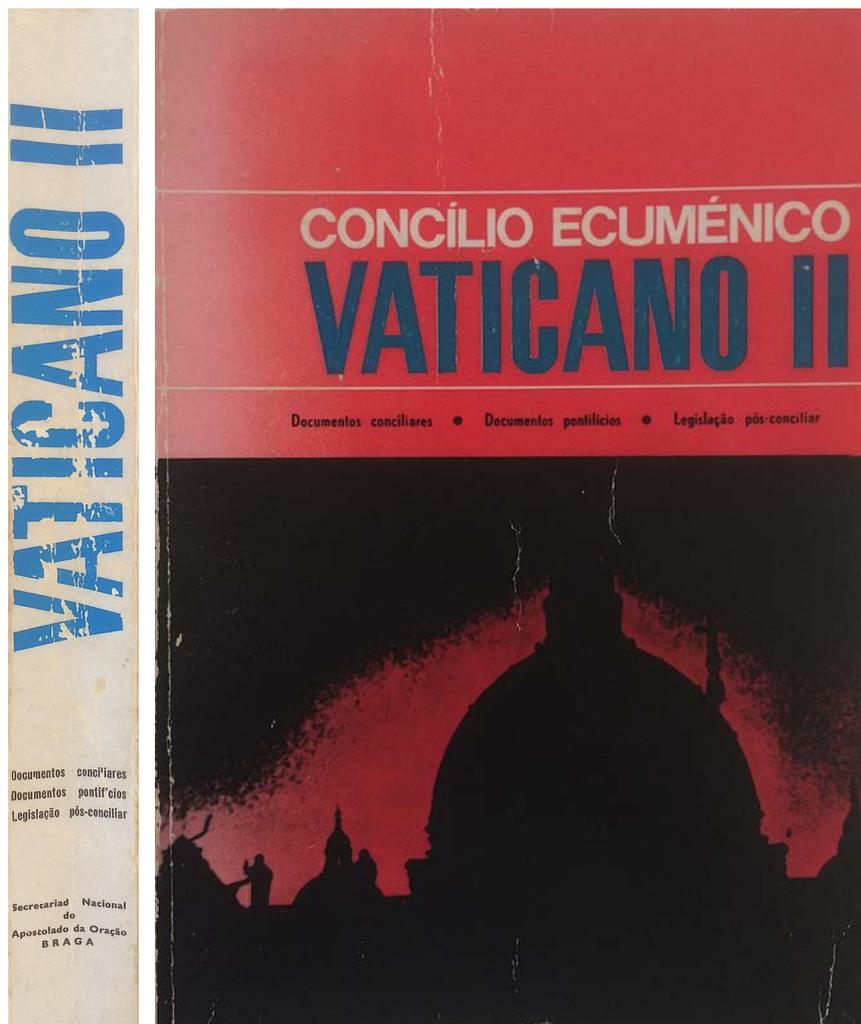


Fig. 32 - Documentos do Concílio Vaticano II

Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*¹⁵¹ - a questão litúrgica ocupa um lugar central na discussão¹⁵² e corresponde à renovação que há muito vinha sendo desenvolvida e defendida na esteira do movimento litúrgico.

Dos vários documentos¹⁵³ saídos do Concílio, (fig.32) apenas dois apresentam, de forma mais direta ou indireta, algumas diretivas relativamente à imagem renovada que a Igreja deverá ter: a já anteriormente nomeada Constituição *Sacrosanctum Concilium* (1963), documento verdadeiramente central e norteador, que trata especificamente da reforma litúrgica¹⁵⁴ e a forma como se deve desenvolver¹⁵⁵; e o Decreto *Presbyterorum Ordinis* (1965), sobre o ministério e a vida dos sacerdotes, que reforça e clarifica em alguns artigos, o que havia sido definido na Constituição *Sacrosanctum Concilium*.

Passemos então a compreender o que estes documentos revelam relativamente ao espaço.

Apesar de, na sua estrutura da *Sacrosanctum Concilium*, ser possível, desde logo, denotar que não trata diretamente a questão da imagem da igreja, ao percorrê-lo com atenção, é possível encontrar indirectamente artigos que poderão dar orientações relativamente ao que deverá ser o espaço litúrgico à luz do Concílio, sobretudo o primeiro, segundo, sexto e sétimo capítulos¹⁵⁶.

O tom reformador¹⁵⁷ que o Concílio procurou, está presente ao longo de todo o documento, sendo

¹⁵¹ “o Concílio Vaticano II dedicou inteiramente seu primeiro documento à liturgia. Trata-se da *Sacrosanctum Concilium* [...] os Padres conciliares pretenderam desta forma reforçar o carácter sagrado da liturgia.” (Marini, 2010)

¹⁵² “Dentre as reformas trazidas pelo Vaticano II, a litúrgica foi, com certeza, a mais visível, a mais universal e, como se sabe, a mais imediata, implantada ainda durante o Concílio.” (Bogaz; Hansen, 2015, p.11)

¹⁵³ Os documentos produzidos pelo Concílio Vaticano II foram dezasseis, divididos em três tipos: Constituições (4: *Dei Verbum, Lumen Gentium, Sacrosanctum Concilium, Gaudium et Spes*), Declarações (3: *Gravissimum Educationis, Nostra Aetate, Dignitatis Humanae*) e Decretos (9: *Ad Gentes, Presbyterorum Ordinis, Apostolicam Actuositatem, Optatum Totius, Perfectae Caritatis, Christus Dominus, Unitatis Redintegratio, Orientalium Ecclesiarum, Inter Mirifica*).

¹⁵⁴ “A santa mãe Igreja, para permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados.

Nesta reforma, proceda-se quanto aos textos e ritos, de tal modo que eles expressem com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, activa e comunitária.” (SC 21)

¹⁵⁵ “Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma acurada investigação teológica, histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da Liturgia que devem ser revistas. Tenham-se ainda em consideração às leis gerais da estrutura e do espírito da Liturgia, a experiência adquirida nas recentes reformas litúrgicas e nos indultos aqui e além concedidos. Finalmente, não se introduzam inovações, a não ser que uma utilidade autêntica e certa da Igreja o exija, e com a preocupação de que as novas formas como que surjam a partir das já existentes.” (SC 23)

¹⁵⁶ São cento e trinta os artigos, divididos por sete capítulos (antecedidos de um prómio e finalizados com um apêndice) que constituem o *Sacrosanctum Concilium*: Cap.I Natureza da sagrada liturgia e sua importância na vida da Igreja; Cap.II O sagrado mistério da eucaristia; Cap.III Os outros sacramentos e os sacramentais; Cap.IV O ofício divino; Cap.V O ano litúrgico; Cap. VI A música sacra; Cap. VII A arte sacra e as alfaias litúrgicas.

¹⁵⁷ “a permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. Na verdade, a Liturgia compõe-se duma parte imutável, porque de instituição divina, e de partes susceptíveis de modificação, as quais podem e devem variar no decorrer do tempo, se porventura se tiverem introduzido nelas elementos que não correspondam tão bem à natureza íntima da Liturgia ou se tenham tornado menos apropriados.

Nesta reforma, proceda-se quanto aos textos e ritos, de tal modo que eles expressem com mais clareza as coisas santas que significam, e, quanto possível, o povo cristão possa mais facilmente apreender-lhes o sentido e participar neles por meio de uma celebração plena, activa e comunitária.” (SC 21)

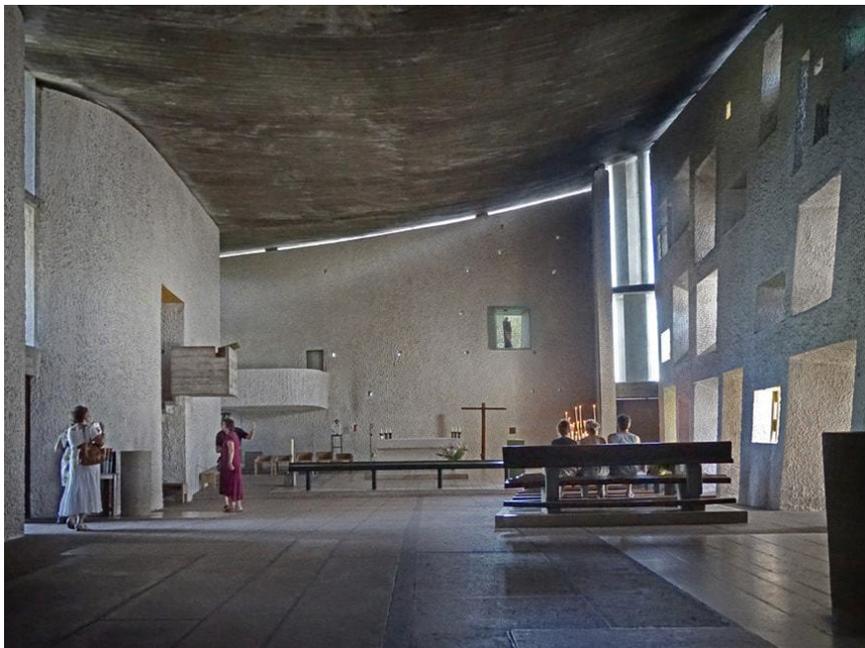


Fig. 33 - Igreja de Notre-Dame du Haut, 1955, Ronchamp, France, Le corbusier

notável, desde logo, no seu artigo primeiro¹⁵⁸, através da utilização dos verbos: propor, fomentar, adaptar, promover, ajudar, fortalecer, contribuir, reformar e incrementar.

O proémio começa por clarificar o que é a “autêntica natureza da verdadeira Igreja” (SC 2), apresentando-a numa dicotomia de equilíbrio entre dois mundos: o terrestre e o celeste, o mundano e o sagrado, o visível e o invisível¹⁵⁹, com a missão de se mostrar ao mundo a fim de reunir¹⁶⁰ todos na mesma assembleia¹⁶¹. Por fim, serve ainda o proémio para esclarecer que, apesar de se tratar de uma reforma (litúrgica), a Igreja não esquece, nem faz tabula rasa, de toda a sua história e tradição¹⁶². Ponto este que introduz maior complexidade à problemática do programa e, porventura, uma maior dificuldade aos arquitetos, uma vez que, no momento de reabilitar uma igreja, conhecer os seus mais de dois mil anos de história, nas suas mais diversas dimensões, ter uma “visão integral do espaço sagrado”¹⁶³ (Arias, 2018, p.15), torna-se tarefa árdua.

Com a ascensão do Movimento Moderno do século XX, assistiu-se a uma rutura com o passado e ao apregoar do seu esquecimento, em detrimento da criação de um futuro desprendido das tradições e conservadorismos pretensamente viciados¹⁶⁴. Premissas essas que se demonstram dificilmente conciliáveis com as da Igreja Católica que, apesar de se procurar renovar, se mantém uma instituição, como temos vimos a compreender, cujos pilares assentam na tradição, nos antigos costumes, na liturgia e na doutrina.

Como podem então, os arquitetos contemporâneos, produzir arquitetura conciliável com os seus ensinamentos, se a sua criação arquitetónica está aliada à matriz moderna, tão distante da linguagem formal clássica utilizada até então pela Igreja? (fig.33)

¹⁵⁸ “O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia.” (SC 1)

¹⁵⁹ “é simultaneamente humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na acção e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a acção à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos” (SC 2)

¹⁶⁰ “mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor.” (SC 2)

¹⁶¹ A assembleia constitui um importante elemento da liturgia pois, “não é o indivíduo o sujeito da liturgia, mas sim a comunidade, a massa de crentes. O que constitui a colectividade não é a soma numérica dos que se congregam no tempo e no espaço, dentro de um recinto (...). A colectividade de que aqui se trata trespassa os limites de um espaço confinado e abarca no seu raio de acção todos os crentes do mundo” (Guardini, 2019, p.27)

¹⁶² “a santa mãe Igreja considera iguais em direito e honra todos os ritos legitimamente reconhecidos, quer que se mantenham e sejam por todos os meios promovidos, e deseja que, onde for necessário, sejam prudente e integralmente revistos no espírito da sã tradição e lhes seja dado novo vigor, de acordo com as circunstâncias e as necessidades do nosso tempo.” (SC 4)

¹⁶³ Tradução da citação original: “visión integral del espacio sagrado”

¹⁶⁴ “La Modernidad fue una ruptura, un comenzar de nuevo, un olvidarse de todo lo anterior y empezar a escribir sobre un papel en blanco: de alguna manera, fue un volver a nacer.” (Cobián, 2005, p. p.71)

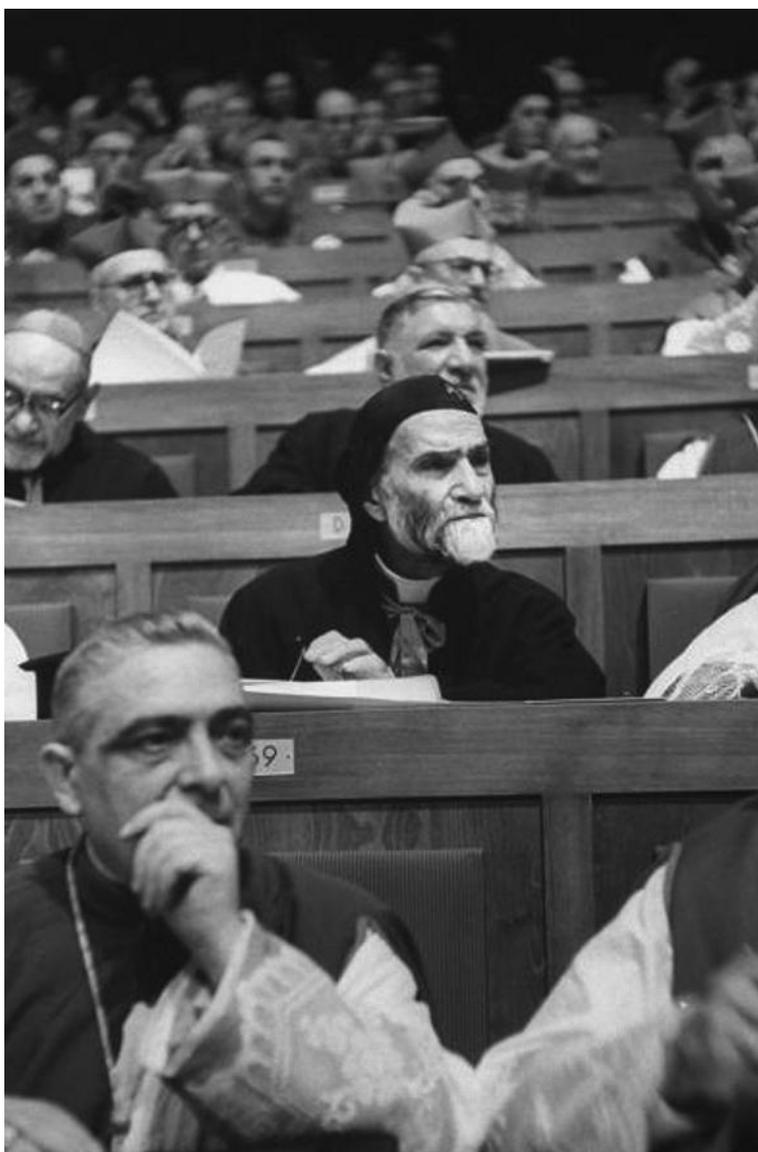


Fig. 34 - Entrada dos Padres Conciliares na Basílica de S. Pedro, Outubro 1962
Fig. 35 - Sessão de abertura do Concílio, Outubro 1962

Se não fosse o Movimento Litúrgico e a confirmação por parte do Concílio, talvez ainda hoje estaríamos a projetar igrejas neo-góticas pois, até aí:

“[...] as criações arquitetônicas e artísticas modernas eram vistas como disformidades estéticas que fariam mal às expressões da fé. Muitos projetos de templos modernos foram rejeitados pelas autoridades eclesiásticas e permaneceram nas gavetas dos arquitetos. Após o Vaticano II abriu-se a temporada da criatividade artística na construção das igrejas e na disposição dos espaços litúrgicos.” (Bogaz; Hansen, 2015, p. 11)

A pertinência do Concílio (fig.34 - 35) foi sem dúvida enorme e o que dela proveio maior ainda.¹⁶⁵ Um dos aspetos mais importantes deste documento, já atrás nomeado, é o facto de destacar o papel central, único e insubstituível da liturgia na vida da Igreja¹⁶⁶, realçando, no nosso entender, o carácter sagrado do edifício e dos atos aí celebrados. O que leva, por sua vez, à pertinência de um espaço de qualidade, pelo facto de nele, Ele se fazer sempre presente¹⁶⁷, porém e, apesar de destacar a liturgia como principal ação da Igreja, não esquecendo que “A participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual.” (SC 12)

Central é ainda o facto de se distinguir a importância da reunião comunitária com o fim de celebrar a Eucaristia¹⁶⁸, promovendo amplamente, ao longo de todo o texto, a imperativa participação de todos, sendo talvez essa a maior novidade da reforma: a passagem dos fiéis de sujeitos passivos a

¹⁶⁵ O Concílio “refez a rota fundamental da Igreja ao colocá-la de frente com o mundo moderno. A Igreja, que estava distante da chamada modernidade e segura de sua posição e verdade, foi capaz de reposicionar-se e elaborar uma nova doutrina sobre o mundo e sobre si mesma. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação dentro do mundo; de detentora da verdade, reconhece a verdade presente nas ciências, e passa a dialogar com elas; então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade.” (Bogaz; Hansen, 2015, p.7)

¹⁶⁶ “Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo”. (SC 8)

¹⁶⁷ “Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro - «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» - quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: «Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt. 18,20).” (SC 7)

¹⁶⁸ “E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir. (...) E «mantinham-se fiéis à doutrina dos Apóstolos, à participação na fracção do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo» (Act. 2, 41-47). Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo «o que se referia a Ele em todas as Escrituras» (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual «se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte», e dando graças «a Deus pelo Seu dom inefável (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, «para louvor da sua glória» (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo.” (SC 6) “se reunam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor”. (SC 10) “Si la Eucaristía es la “fuente y el culmen” de la vida y de la actividade de la Iglesia, como recordaba el Concilio Vaticano II, también ha de serio del espacio de la iglesia. Por ello, la celebración de la Eucaristía será como la “estructura base” para la conformación del espacio litúrgico cristiano.” (Arias, 2018, p.25)



Fig. 36 - Papa João XIII durante a Procissão de abertura do Concílio
Fig. 37 - Papa João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II

sujeitos ativos da ação litúrgica¹⁶⁹. Mantendo-se, apesar disso, conservado ao sacerdote¹⁷⁰, o papel central no cumprimento da ação litúrgica¹⁷¹ (preservando a divisão hierárquica¹⁷² presente desde os inícios do Cristianismo que vai do Sumo Pontífice (fig.36 - 37) até ao Leigo), mas deixando de se reservar apenas a este(s), como em tempos o foi, a beleza da liturgia¹⁷³, como foi, em tempos, a privação do momento da consagração, da comunhão¹⁷⁴, entre muitos outros.

O documento mostra ainda que os católicos devem assumir a sua condição passageira pela terra como peregrinos em permanente caminho que, através da liturgia, experimentam já o que há-de vir¹⁷⁵. Uma Igreja em apostolado, que se mostra ao mundo e, portanto, as igrejas, enquanto “sedes” da Igreja, tornam-se imagem¹⁷⁶ da mesma e, por conseguinte, espaços primordiais de proximidade, devendo assim facilitar, enquanto edifícios, o diálogo com as pessoas, estabelecendo-se como uma ponte, uma porta aberta ao mundo.¹⁷⁷

¹⁶⁹ “a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força. [...] se reunam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor.” (SC 10) “que os fiéis participem nela consciente, activa e frutuosa.” (SC 10) “Ajudem-se os sacerdotes [...] a viverem a vida litúrgica, e a partilharem-na com os fiéis que lhes estão confiados.” (SC 18) “Procurem os pastores de almas fomentar com persistência e zelo a educação litúrgica e a participação activa dos fiéis”. (SC 19) “fomentar a participação activa, promovam-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as acções, gestos e atitudes corporais. Não deve deixar de observar-se, a seu tempo, um silêncio sagrado.” (SC 30) “Na revisão dos livros litúrgicas, procure-se que as rubricas tenham em conta a parte que compete aos fiéis.” (SC 31) “Efectivamente, na Liturgia Deus fala ao Seu povo, e Cristo continua a anunciar o Evangelho. Por seu lado, o povo responde a Deus com o canto e a oração. [...] Por isso, não é só quando se faz a leitura «do que foi escrito para nossa instrução» (Rom. 15,4), mas também quando a Igreja reza, canta ou age, que a fé dos presentes é alimentada e os espíritos se elevam a Deus, para se lhe submeterem de modo racional e receberem com mais abundância a sua graça.” (SC 33) “participação perfeita e activa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor do único altar a que preside o Bispo rodeado pelo presbitério e pelos ministros.” (SC 41) “celebração comunitária da missa dominical.” (SC 42) “a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio dum boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progredam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.” (SC 48) “Recomenda-se vivamente um modo mais perfeito de participação na missa, que consiste em que os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebam do mesmo Sacrifício, o Corpo do Senhor.” (SC 55)

¹⁷⁰ “sacerdote que preside, em representação de Cristo” (SC 33)

¹⁷¹ “Por isso, tais acções pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação actual.” (SC 26)

¹⁷² “O Bispo deve ser considerado como o sumo-sacerdote do seu rebanho, de quem deriva e depende, de algum modo, a vida de seus fiéis em Cristo.” (SC 41) “Impossibilitado como está o Bispo de presidir pessoalmente sempre e em toda a diocese a todo o seu rebanho, vê-se na necessidade de reunir os fiéis em grupos vários, entre os quais têm lugar proeminente as paróquias, constituídas localmente sob a presidência dum pastor que faz as vezes do Bispo.” (SC 42)

¹⁷³ “As acções litúrgicas não são acções privadas, mas celebrações da Igreja, que é «sacramento de unidade», isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direcção dos Bispos.” (SC 26) “Ajudem-se os sacerdotes, quer seculares quer religiosos, que já trabalham na vinha do Senhor, por todos os meios oportunos, a penetrarem cada vez melhor o sentido do que fazem nas funções sagradas, a viverem a vida litúrgica, e a partilharem-na com os fiéis que lhes estão confiados.” (SC 18)

¹⁷⁴ “Recomenda-se vivamente um modo mais perfeito de participação na missa, que consiste em que os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebam do mesmo Sacrifício, o Corpo do Senhor.” (SC 55)

¹⁷⁵ “Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo” (SC 8)

¹⁷⁶ Neste caso referimo-nos a Imagem no sentido lato.

¹⁷⁷ “por este motivo que a Igreja anuncia a mensagem de salvação aos que ainda não têm fé, para que todos os homens venham a conhecer o único Deus verdadeiro e o Seu enviado, Jesus Cristo, e se convertam dos seus caminhos pela penitência (...) mostrar que são a luz do mundo” (SC 9)

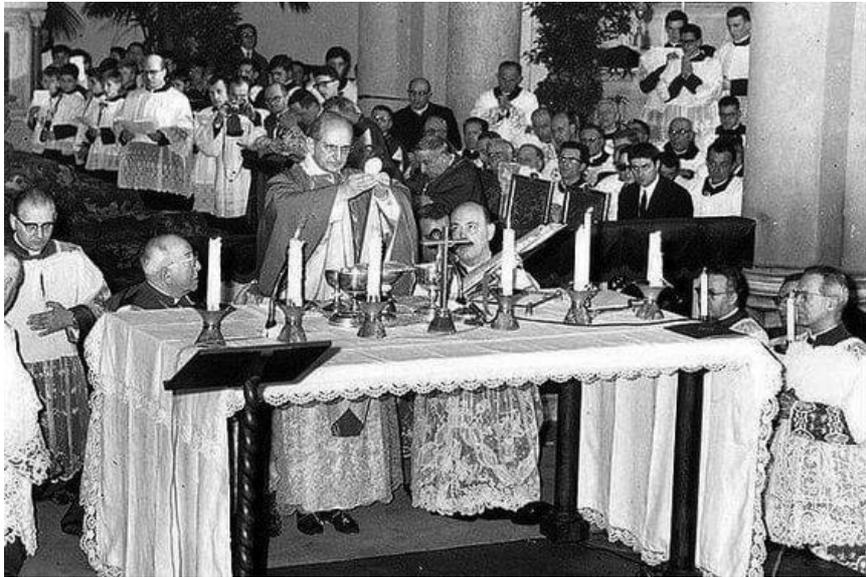


Fig. 38 - Papa Paulo VI presidindo à celebração da primeira Missa em italiano depois do Concílio, Paróquia Romana de Todos os Santos, 7 de Março de 1965

O documento apresenta então, em termos gerais, o caminho para se chegar à efetiva reforma. De entre todos os artigos do *Sacrosanctum Concilium*, o 48 sintetiza eximamente o essencial da reforma:

“[...] a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na acção sagrada, consciente, activa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos.” (SC 48)

Mas passemos a destacar alguns outros, que agrupamos em quatro pontos (Participação; Acesso; Compreensão e Diálogo), por julgarmos serem os norteadores para chegar à especificidade necessária da reforma no que toca à estrutura e definição do espaço litúrgico:

1. PARTICIPAÇÃO - É necessário que o espaço litúrgico crie união:

“E «mantinham-se fiéis à doutrina dos Apóstolos, à participação na fracção do pão e nas orações... louvando a Deus e sendo bem vistos pelo povo» (Act. 2, 41-47). Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo «o que se referia a Ele em todas as Escrituras» (Lc. 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual «se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte» (19), e dando graças «a Deus pelo Seu dom inefável (2 Cor. 9,15) em Cristo Jesus, «para louvor da sua glória» (Ef. 1,12), pela virtude do Espírito Santo.” (SC 6)

“É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige e que é, por força do Baptismo, um direito e um dever do povo cristão [...]. Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e activa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão. [...]” (SC 14)



Fig. 39 - Papa Paulo VI durante a homilia da missa de domingo de páscoa na praça de São Pedro, Cidade do Vaticano, Itália, 29 de Março de 1970

“[...] Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de que sejam aptos para lá se realizarem as acções litúrgicas e permitam a participação activa dos fiéis.” (SC 124)

2. ACESSO - É necessário que os espaço litúrgico crie proximidade: (fig.38)

“[...] permitir ao povo cristão um acesso mais seguro à abundância de graça que a Liturgia contém, deseja fazer uma acurada reforma geral da mesma Liturgia. [...]” (SC 21)

“[...] o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Baptismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor. [...]” (SC 10)

“Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura.” (SC 51)

3. COMPREENSÃO - É necessário que o espaço litúrgico seja claro:

“Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis, e não precisar, em geral, de muitas explicações.” (SC 34)

“[...] sejam omitidos todos os que, com o andar do tempo, se duplicaram ou menos utilmente se acrescentaram; restaurem-se, porém, se parecer oportuno ou necessário e segundo a antiga tradição dos Santos Padres, alguns que desapareceram com o tempo.” (SC 50)

“Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa - a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística - que formam um só acto de culto. Por isso, o sagrado Concilio exorta com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, sobre o dever de ouvir a missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito.” (SC 56)



Fig. 40 - Abertura da segunda sessão, 1963

4. DIÁLOGO - É necessário que o espaço litúrgico comunique com o mundo:
(fig.39)

“A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados.” (SC 123)

Perante a análise da Constituição *Sacrosanctum Concilium* é possível concluir que se trata de um documento que teve por objetivo reformar a liturgia, alertando e clarificando a sua importância na vida da Igreja que, em certa medida se encontrava escondida e que a todos se devia revelar. Como tal, clarifica as mudanças necessárias para alcançar uma ativa participação de todos, mudanças essas que procuravam, sobretudo (1.) uma maior e mais ativa participação de todos, que passava: (2.) pelo acesso à liturgia - restaurando a Eucaristia¹⁷⁸ e as Sagradas Escrituras¹⁷⁹, clarificando a particularidade de cada e a unidade de ambas¹⁸⁰ - e (3.) pela sua compreensão - que deveria passar pela sua simplificação e clareza, alcançadas através de um regresso às origens, ao essencial.¹⁸¹ E, ainda a (4.) importância de diálogo com o mundo das artes, a fim de lhe conferir uma imagem atual¹⁸².

¹⁷⁸ “E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir.” (SC 6) “O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade (36), banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura.” (SC 47)

¹⁷⁹ “É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as acções e os sinais. Para promover a reforma, o progresso e adaptação da sagrada Liturgia, é necessário, por conseguinte, desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura de que dá testemunho a venerável tradição dos ritos tanto orientais como ocidentais.” (SC 24) “O ministério da palavra deve ser exercido com muita fidelidade e no modo devido.” (SC 35) “Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura.” (SC 51)

¹⁸⁰ “As acções litúrgicas não são acções privadas, mas celebrações da Igreja, que é «sacramento de unidade», isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direcção dos Bispos. Por isso, tais acções pertencem a todo o Corpo da Igreja”. (SC 26) Sempre que os ritos comportam, segundo a natureza particular de cada um, uma celebração comunitária, caracterizada pela presença e activa participação dos fiéis, inclua-se que esta deve preferir-se, na medida do possível, à celebração individual e como que privada. Isto é válido sobretudo para a celebração da Missa e para a administração dos sacramentos, ressalvando-se sempre a natureza pública e social de toda a Missa.” (SC 27) “Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa - a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística - que formam um só acto de culto. Por isso, o sagrado Concílio exorta com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, sobre o dever de ouvir a missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito.” (SC 56)

¹⁸¹ “não se introduzam inovações, a não ser que uma utilidade autêntica e certa da Igreja o exija, e com a preocupação de que as novas formas como que surjam a partir das já existentes.” (SC 13) Convirá preparar uma edição com melodias mais simples para uso das igrejas menores.” (SC 117)

¹⁸² “Entre as mais nobres actividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes (...). É esta a razão por que a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objectos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural.” (SC 122)



Fig. 41 - Imagem de uma das sessões do Concílio, no interior da Basílica de S. Pedro, que mostra a configuração do espaço durante as sessões conciliares

É assim que, “Em 4 de Dezembro de 1963, exactamente 4 séculos depois do encerramento do Concílio de Trento, o II Concílio do Vaticano encerrava a 2.a sessão com a promulgação da «Sacrosanctum Concilium», que punha fim ao período tridentino” (Gaspar, 1983, p.12), (fig.40) com “2 147 votos a favor e 4 contra. Então Paulo VI deu a sua aprovação e fez a promulgação. Iria entrar em vigor em 16 de Fevereiro do ano seguinte: 1964.” (Gaspar, 1983, p.12) Nasce assim “o princípio e o fundamento duma era nova na Igreja no que respeita à Liturgia.” (Gaspar, 1983, p.12)

Relativamente ao Decreto *Presbyterorum Ordinis* (1965), é possível encontrar três referências importantes no que toca às orientações que clarificam a reforma: duas em artigos do capítulo II e uma outra num pequeno excerto de um artigo do capítulo III.

A primeira encontra-se no artigo quarto¹⁸³, onde é clarificada, aos sacerdotes, um dos importantes pontos do Concílio: a importância que a Palavra deverá ocupar nas acções litúrgicas, clarificando, logo ao início que, “O Povo de Deus é reunido antes de mais pela palavra de Deus vivo”. (PO 4) De seguida, no último parágrafo do artigo seguinte, encontra-se um importante excerto que sintetiza o que deverá ser uma igreja:

“A casa de oração em que é celebrada e conservada a Santíssima Eucaristia, e os fiéis se reúnem, e na qual a presença do Filho de Deus, nosso Salvador, oferecido por nós no altar do sacrifício, é venerada para auxílio e consolação dos fiéis, deve ser nobre e apta para a oração e para as cerimónias sagradas. Nela são convidados os pastores e os fiéis a corresponderem generosamente ao dom d'Aquele que pela sua humanidade continuamente infunde á vida divina nos membros do seu corpo. Procurem os presbíteros cultivar rectamente a ciência e a arte litúrgica, para que, pelo seu ministério litúrgico, Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, seja louvado cada vez mais perfeitamente pelas comunidades a eles confiadas.”¹⁸⁴ (PO 5)

Podemos assim compreender que, primeiro que tudo, a igreja tem de ser uma casa, um lugar de conforto, refúgio, auxílio e consolação, assim como o lar de cada um o deverá ser e, por isso, “Quem entra na igreja deve sentir-se como quem entra na própria casa”. (Costa, 2017, p.67) Também pelo facto de ser uma casa, deverá ser um lugar com o qual nos identifiquemos, demos uso

¹⁸³ “O Povo de Deus é reunido antes de mais pela palavra de Deus vivo, que é justíssimo esperar receber da boca dos sacerdotes. Com efeito, como ninguém se pode salvar se antes não tiver acreditado, os presbíteros, como cooperadores dos Bispos, têm, como primeiro dever, anunciar a todos o Evangelho de Deus, para que, realizando o mandato do Senhor: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a todas as criaturas» (Mc. 16,15), constituam e aumentem o Povo de Deus. Com efeito, é pela palavra da salvação que a fé é suscitada no coração dos infieis e alimentada no coração dos fiéis; e é mercê da fé que tem início e se desenvolve a assembleia dos crentes, segundo aquele dito do Apóstolo: «a fé vem pelo ouvido, o ouvido, porém, pela palavra de Cristo» (Rom. 10,17).” (PO 4)

¹⁸⁴ Quanto a este excerto do Decreto Fernando López Arias afirma: “Se insiste en el principio de la funcionalidad litúrgica para el edificio sagrado [...] El panorama que estas breves palabras nos hacen de la iglesia es rico y se estructura a partir de tres binomios: celebración y reserva eucarística; adoración y ofrecimiento del sacrificio; oración y acciones sagradas. Esta última distinción hace referencia al papel destacado que la piedad extralitúrgica juega en el templo.” (Arias, 2019, p.432)



Fig. 42 - Missa presidida pelo Papa Paulo VI, Dezembro 1965

e, atrever-nos-íamos mesmo a dizer, que o modifiquemos, caso seja necessário¹⁸⁵. Acrescendo-lhe a singularidade de se tratar de uma casa de oração, onde se celebra e conserva a Eucaristia. Quanto à exigência que obriga, vale a pena notar, ainda, o facto de ser uma casa que não é de um sujeito individual, mas um espaço de encontro para qualquer um que nela queira entrar, que dela queira fazer uso. (fig.41) Um lugar de veneração por excelência que deve ser também um espaço nobre, e apto para a função: oração e celebração. Por fim, o artigo, acaba clarificando a importância da liturgia (“arte litúrgica”) na vida da Igreja.

A última referência que nos parece importante trazer, encontra-se no artigo dezoito¹⁸⁶ que clarifica o lugar que a Palavra (ambão) ocupa. Agora, de igualdade e em estreita relação com o lugar do Mistério (altar). Um ponto extremamente importante para compreender a reforma, e a adequação litúrgica que deverá ser feita.

Em suma, ao analisar estes documentos conciliares, compreendemos que:

“A discussão sobre a Liturgia girou em torno de duas concepções fundamentais a respeito do mistério eucarístico. Predominava a centralização no ato cúllico sacerdotal de modo que os fiéis se compreendiam como receptores dos frutos do sacrifício celebrado que valia por ele mesmo. Por isso, durante a celebração bastava uma presença de fé sem nenhuma participação ativa e mesmo sem muita compreensão do que se realizava, já que a língua latina era ininteligível. Do movimento litúrgico, vinha a valorização da assembleia litúrgica que se constitui com a presença dos fiéis e o ministro ordenado. É ela o sujeito da celebração eucarística que manifesta e realiza o Mistério de Cristo e da sua Igreja. Como consequências práticas, impuseram-se a importância da participação pessoal, comunitária e a maior transparência dos ritos para que os fiéis percebessem mais claramente o seu significado.” (Libano, 2005, p.27)

Contudo, - tendo em conta que um dos objetivos do Concílio se prendeu com a implementação dos valores e ideias que o movimento litúrgico defendia e apresentava, - é deveras estranho - atendendo às profundas alterações litúrgicas trazidas pelo Concílio - que, de todos os documentos daí resultantes, pouco ou nada se tenha escrito acerca das alterações arquitetónicas necessárias para um

¹⁸⁵ Relativamente a este ponto coloca-se a questão: Nas nossas casas, temos o controlo do espaço, tratamos dele, acrescentamos ou retiramos coisas, reorganizamos... que espaço têm os fiéis relativamente a este campo de acção? Em que ponto os fiéis determinam e moldam as suas igrejas? É certo que uma igreja não permite a versatilidade que uma casa permite, uma vez ter de responder a determinação muito específicas da qual não pode fugir, no entanto não deverá haver alguma interação maior com o espaço?

É um tema que daria muito que falar mas que infelizmente não temos possibilidade de o tratar neste documento.

¹⁸⁶ “Entre todos os auxílios espirituais, sobressaem os actos pelos quais os fiéis se alimentam da palavra de Deus, na dupla mesa da Sagrada Escritura e da Eucaristia.” (PO 18)



Fig. 43 - Papa João XXIII a conversar com o seu sucessor, o futuro Papa Paulo VI

melhor cumprimento da reforma, da mudança da Igreja enquanto imagem¹⁸⁷. De resto, algo que o próprio movimento litúrgico clarificou e acentuou pois, grande parte da sua ação passou por concretizar arquitetonicamente os valores que defendiam. O movimento advogava que, aliada à reforma litúrgica, teria de existir uma reforma arquitetónica das igrejas, do espaço litúrgico, e clarifica-o ao longo de todo o seu percurso: para se cumprir integralmente a primeira, a segunda teria igualmente de existir pois, a dimensão litúrgica depende de questões de ordem arquitetónica (uma vez que é crucial um espaço que responda às exigências necessárias quanto à forma, organização, materialidade, etc.) e, por sua vez, a arquitetura de questões de ordem litúrgica.

O certo é que, a palavra “Arquitetura” não foi uma única vez mencionada em todos os documentos conciliares¹⁸⁸. No entanto, esse quase silêncio não impediu o notável impacto da renovação litúrgica na arquitetura sacra. (fig.42 - 43)

¹⁸⁷ Apesar de ao se referir “imagem de Igreja” estar subjacente não só o espaço interior, mas também exterior da igreja, assim como a sua iconografia, paramentos, entre outros e de, em sentido metafórico, imagem possa aludir ao modo como a Igreja é vista pela sociedade em geral, importa clarificar que ao nos referirmos a “imagem de Igreja” queremos mencionar única e exclusivamente a imagem interior que uma igreja deve ter: sua organização, volumetria, materialidade, uma vez que é esse o objeto de estudo desta dissertação.

¹⁸⁸ O artigo 112 do SC mostra claramente a indiferença e desvalorização da arquitetura ao afirmar que a tradição musical da Igreja “excede todas as outras expressões de arte”.

II.II. Análise da “*Declaratio*”

“Mas o Concílio tinha em mente uma reforma ainda mais radical que varreria a maior parte dos entulhos que (inevitavelmente) haviam se acumulado ao longo dos séculos e buscaria adaptar a liturgia à cultura contemporânea – contanto que a continuidade orgânica com o passado fosse respeitado (n. 23). A forma real da reforma subsequente e a compreensão da modernidade por parte dos reformadores litúrgicos estavam prestes a se tornar polémicas.” (Baldovin, 2013)



Fig. 44 - Cardeal Frings e seu jovem assessor teológico no Concílio, Pe. Joseph Ratzinger

Como foi possível constatar no sub-capítulo II.I, “Diferentemente dos concílios anteriores, o Vaticano II não pretendeu tomar posições dogmáticas definitórias nem condenatórias, mas intensificar o diálogo com o homem e a mulher de hoje, lançando ponte para o mundo contemporâneo”. (Libano, 2005, pp.26-27) Uma linha orientadora do Concílio que é possível identificar claramente nos artigos trinta e sete e trinta e oito do *Sacrosanctum Concilium*¹⁸⁹ - dois artigos de grande pertinência, que mostram uma Igreja conhecedora da sua heterogeneidade derivada da singularidade de cada indivíduo e da multiplicidade de formas e expressões próprias de cada comunidade.

Contudo e, apesar de o Concílio ter sido verdadeiramente reformador e importante, esta posição, totalmente diferente da tomada pelos anteriores Concílios e pontífices¹⁹⁰, vem, no entanto, fragilizar, de certa forma, a sua atuação futura no que toca à reforma litúrgica. Uma vez que, a sua pouca definição e clareza, no que toca à definição de orientações arquitetónicas, possibilitou diversas interpretações dos documentos conciliares, originando algum atrito e até mesmo divisão dentro da própria Igreja. Desta feita, devido à ausência de uma voz, como a do Concílio, clara e inquestionável, “A forma real da reforma subsequente e a compreensão da modernidade por parte dos reformadores litúrgicos estavam prestes a se tornar polémicas”. (Baldovin, 2013) E, tais foram as proporções tomadas que, inclusivamente, anos mais tarde, aquando do Papado de Bento XVI, este afirma ser necessária uma “revisão da “forma” da liturgia.”¹⁹¹ (2014, Miranda, p.9) (fig.44)

Isto porque, como o pontífice afirma:

“Para a pessoa comum que frequenta a Igreja há duas coisas que aparecem como os resultados mais tangíveis da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II: o desaparecimento do latim e o virar dos altares em direção ao povo. Quem leia os textos do próprio Concílio constatará com surpresa que [...] não há nenhuma referência do virar dos altares para o povo; apenas aparece em instruções pós-conciliares.”¹⁹² (Ratzinger, 2012, p.349)

Tendo em conta o autor desta citação - o Papa Bento XVI, que esteve presente no Concílio - fomos levados a crer que as opções arquitetónicas tomadas pós-concílio, na reabilitação do espaço

¹⁸⁹ “Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na Liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos.” (SC 7) “Mantendo-se substancialmente a unidade do rito romano, dê-se possibilidade às legítimas diversidades e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos”. (SC 38)

¹⁹⁰ “em nítido contraste com as posições conservadoras de Gregório XVI (1831-1846) e de Pio IX(1846-1878), que conflitavam fortemente, com a modernidade.” (Libano, 2005, pp.26-27)

¹⁹¹ “A discussão sobre a estruturação arquitetónica do espaço litúrgico ganharia protagonismo com o Papado de Bento XVI (2005-2013). Ainda antes da sua eleição como Papa da Igreja Católica, Joseph Ratzinger havia sido na última década do século XX a voz que com mais radicalidade defendeu, explicitamente, a necessidade de uma revisão da “forma” da liturgia.” (Miranda, 2014, p.9)

¹⁹² Tradução livre do trecho: “Para la persona corriente que frequenta la Iglesia hay dos cosas que aparecen como los resultados más tangibles de la reforma litúrgica del Concilio Vaticano II: la desaparición de la lengua latina y el giro de los altares hacia el pueblo. Quien lee los textos del Concilio mismo constatará con sorpresa que [...] no se habla del giro de los altares hacia pueblo; solo aparece en instrucciones post-conciliares.”



Fig. 45 - Papa João XXIII instantes antes de anunciar o Concílio

litúrgico de acordo com a reforma conciliar, não teriam sido as mais correctas, ou até mesmo válidas. No entanto, com o decorrer do estudo, apercebemo-nos que, aquando desta afirmação, ficou por dizer algo verdadeiramente importante e que não poderia ter sido omitido: a *Declaratio* (consultar anexo b.), que passaremos, já de seguida, a estudar.

Apesar de, como anteriormente constatámos, se ter dado no ano de 1961 a convocatória oficial do Concílio, e deste apenas se ter iniciado em Outubro de 1962, um primeiro anúncio (fig.45) já havia sido feito, “no dia 25 de janeiro de 1959” (Papa João XXIII, 1961, art.13), o que fez com que o tempo compreendido entre 1959 e 1962, tenha sido uma altura de preparação do Concílio.

Assim, foram estabelecidas, em Roma, várias comissões¹⁹³, que abrangiam os diversos âmbitos da vida da Igreja, em que cada uma tinha por objetivo preparar um documento denominado de “esquema” que, por sua vez, serviria de base de discussão entre os padres conciliares¹⁹⁴.

Perante isso, a comissão de preparação do Concílio no âmbito litúrgico, desenvolveu o “esquema” da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do qual fazia parte um capítulo dedicado à arte sacra que, de forma genérica, abordava as suas características e a necessidade de reformar as igrejas. Deste, fazia parte um anexo denominado de *Declaratio*, que apoiava este capítulo, com uma aproximação mais detalhada à questão, apresentando “um ousado programa de organização do espaço celebrativo, que traçava um desenho orgânico e praticamente completo para o projeto de uma igreja.”¹⁹⁵ (Arias, 2019, p.428)

Chegado o momento do Concílio em que se tratou da reforma litúrgica - de resto o primeiro tema a ser tratado pelo Concílio -, o “esquema” da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, (já previamente elaborado, como anteriormente esclarecemos), foi aprovado com recurso a poucas alterações. (fig. 46) No entanto, o anexo do capítulo dedicado à arte sacra, a *Declaratio*, foi deixada de lado, não tendo sido aprovada pelos padres conciliares, pois muitos viam como inoportuno que o Concílio desse indicações tão concretas sobre a arquitetura, acabando a Constituição por se restringir a dar apenas indicações gerais, como podemos ver na análise que anteriormente realizámos aos documentos conciliares e que podemos confirmar, através das seguintes palavras:

“Ditas propostas provocaram muitas intervenções por parte dos Padres do conciliares, que revelaram a dificuldade em materializar esta reforma da arquitetura sagrada. Alguns

¹⁹³ O Concílio Vaticano II foi desde o princípio participativo. Para a sua correta execução, João XXIII nomeia uma Comissão Preparatória em 1959 que desde logo “solicitou aos bispos de toda a Igreja, aos superiores religiosos e até às Universidades católicas pareceres e sugestões sobre os temas a tratar no Concílio. Foram para cima de 2 000 respostas”. (Gaspar, 1983, p.10)

¹⁹⁴ Este “esquema” serviu assim para que, quando se iniciasse o Concílio, em Outubro de 1962, os padres conciliares que chegassem a Roma, pudessem começar directamente a discutir sobre um texto que já tinha sido escrito sobre determinado tema. Assim, esses textos (esquemas), depois de discutidos, melhorados, e alterados, durante o Concílio, converteram-se no que vieram a denominar-se de textos conciliares (declarações, constituições e decretos).

¹⁹⁵ Tradução livre do trecho: “un audaz programa de ordenación del espacio celebrativo, que traza una dibujo orgánico y prácticamente completo para el proyecto de una iglesia.”



Fig. 46 - Reunião Padres Conciliares

deles mostraram-se favoráveis a que o texto da constituição desse directrices mais específicas nesta área. Foi vontade da maioria dos Padres, no entanto, que os detalhes particulares sobre a reforma da arquitetura cristã e dos seus locais celebrativos permanecessem reservados - dada a complexidade do argumento - ao trabalho das comissões pós-conciliares. Uma nota escrita que acompanha o primeiro parágrafo do SC 128, modificado após as correções dos Padres ao texto proposto pela Comissão preparatória, reconhece que a *Declaratio* era incerta e que a materialização deste artigo era uma questão extremamente difícil. Os Padres portanto, conhecendo as propostas específicas da *Declaratio*, decidiram expressamente não incluí-las. [...] não houve unanimidade sobre a maneira específica de executar a referida reforma. Isso deveria ser feito ao ritmo da renovação dos livros litúrgicos.”¹⁹⁶ (Arias, 2019, pp.429-430)

Apesar de nos documentos conciliares ser defendida a importância da qualidade e correta definição do espaço litúrgico (questão esta que, por sua vez, passará, obrigatoriamente, pelo campo da Arquitetura), julgamos tratar-se de uma referência insuficiente pois, tendo em conta a complexidade dos assuntos tratados e declarados pelo Concílio, a possibilidade de não se ter desenvolvido esta questão devido à sua complexidade, não se afigura compreensível.

Incompreensível é ainda o facto de sair do Concílio uma normativa que promove a constituição de Comissões litúrgicas, sem que dos especialistas se incluam arquitetos e que, dentro das Comissões, não haja uma que trate única e exclusivamente da arquitetura:

“Convém que a autoridade eclesiástica territorial competente, a que se refere o art. 22 § 2, crie uma Comissão litúrgica, que deve servir-se da ajuda de especialistas em liturgia, música, arte sacra e pastoral. [...] Será atribuição da dita Comissão dirigir, guiada pela autoridade eclesiástica territorial, a pastoral litúrgica no território da sua competência, promover os estudos e as experiências necessárias sempre que se trate de adaptações a propor à Santa Sé.” (SC 44)

“Criem-se em cada diocese, se possível, além da Comissão litúrgica, Comissões de música sacra e de arte sacra.” (SC 46)

¹⁹⁶ Tradução livre do trecho: “Dichas propuestas provocaron muchas intervenciones por parte de los Padres conciliares, que revelaron la dificultad para materializar esta reforma de la arquitectura sagrada. Algunos de ellos se mostraron favorables a que el texto de la constitución diera directrices más concretas en este ámbito. Fue voluntad de la mayoría de los Padres, sin embargo, que los detalles particulares sobre la reforma de la arquitectura cristiana y de sus lugares celebrativos quedaran reservados –dada la complejidad del argumento– al trabajo de las comisiones postconciliares. Una nota de redacción que acompañaba el primer párrafo de SC 128, modificado tras las correcciones de los Padres al texto propuesto por la Comisión preparatoria, reconoce que la *Declaratio* era incierta, y que la materialización de este artículo era una cuestión difícilísima. Los Padres pues, conociendo las propuestas concretas de la *Declaratio*, decidieron expresamente no incluirlas. [...] no existía unanimidad sobre el modo concreto de ejecutar dicha reforma. Esta debería hacerse al ritmo de la renovación de los libros litúrgicos.”

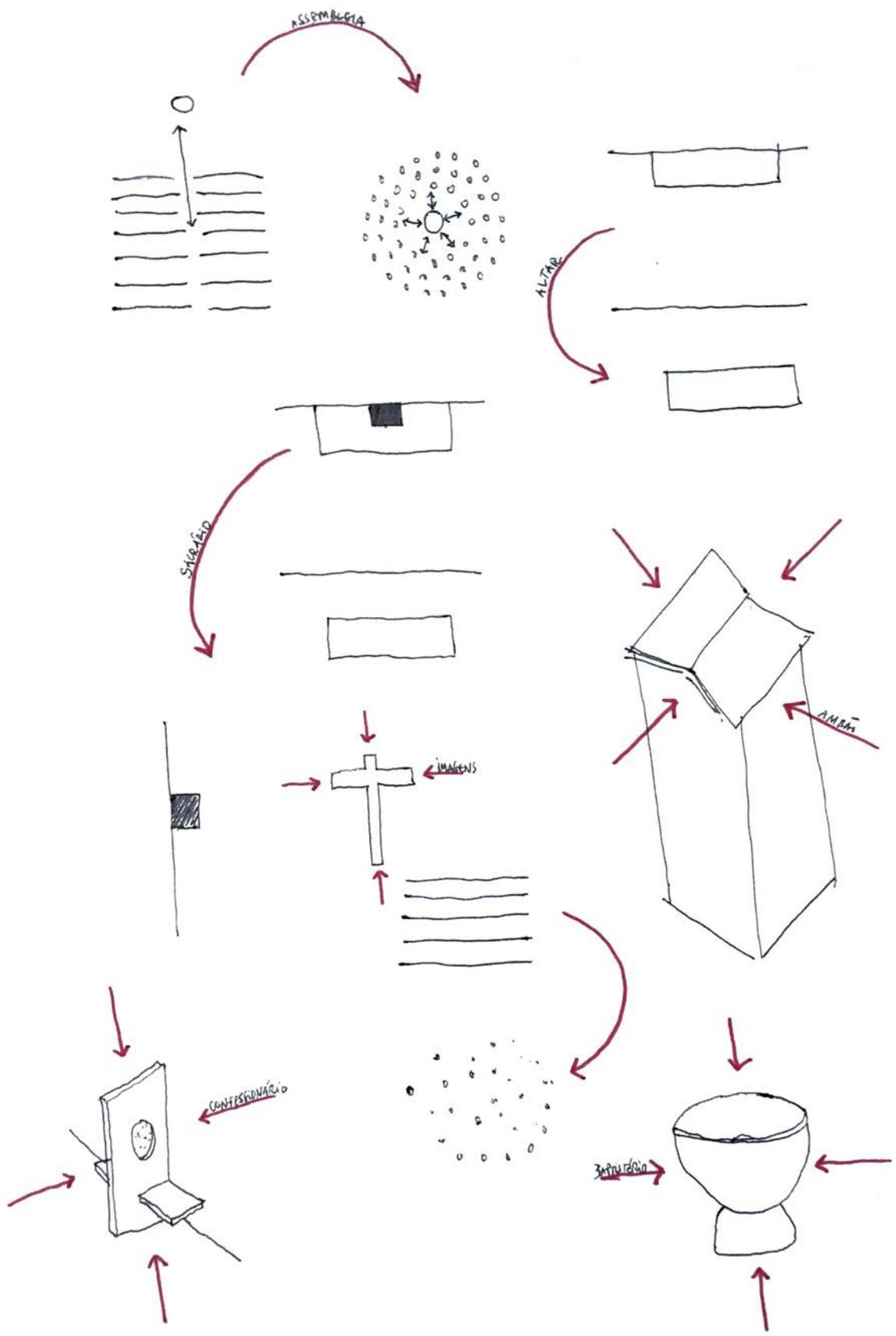


Fig. 47 - Esquema Declaratio

Mas foquemo-nos de novo no que pelos padres conciliares foi rejeitado: a *Declaratio*, cujo resumo dos catorze pontos que a definem, podemos encontrar de forma exímia, num sintético e claro esclarecimento por parte Fernando Lopez Arias: (fig.48)

- “1. A disposição dos espaços celebrativos na igreja que surge da assembleia, como repercussão e símbolo dela.
2. O lugar de destaque da sede presidencial, tanto nas catedrais quanto em outros templos.
3. A posição do altar, como elemento autónomo, separado da parede e constituindo um "centro", mais ideal que geométrico. Embora a *Declaratio* dedique um ponto específico à nave dos fiéis (nº 9), não existe um tratamento específico para o santuário ou presbitério, preferindo expôr independentemente cada um de seus elementos. Ao afirmar que o altar se situa num lugar intermédio entre o presbitério e os fiéis (*loco intermedio inter presbyterium et plebem, idest: in medio synaxeos*), a *Declaratio* parece sugerir que o altar se encontra rodeado pela assembleia.
4. Os altares menores, construídos em capelas independentes, de modo que se perceba a primazia do altar principal.
5. A reserva Eucarística no altar principal ou em outro menor, ou mesmo noutra igreja.
6. A possibilidade de celebrar *versus populum*. A *Declaratio* sobre este ponto indica a consulta de dois pontos no extenso documento que a Conferência dos Bispos Alemães enviou à Comissão Pré-preparatória do Concílio, em abril de 1960, com as suas sugestões sobre os temas a serem discutidos na reunião conciliar.
7. A presença proeminente do ambão para a proclamação das leituras.
8. A definição de um local definido para o coro
9. O lugar para os fiéis, com bancos ou cadeiras.
10. A reverência e espaço de honra para a fonte batismal, que poderia situar-se num espaço celebrativo próprio.
11. O local visível para confesionários.
12. O impulso para a colocação de imagens sagradas, recomendando especialmente para o santuário aquelas que representam os mistérios da vida de Cristo, e alertando para a inconveniência da sua multiplicação, reprovando particularmente essa prática para as que estão por trás o altar.
13. A ordem na decoração, que deveria buscar um equilíbrio entre a função iconográfica e a ornamental, entre a figuração e a abstração.



Fig. 48 - Padres Conciliares na Basílica de S. Pedro, Roma

14. Finalmente, a preferência dos motivos cristãos pela arte funerária.”¹⁹⁷ (Arias, 2019, p.427-428)

Podemos assim compreender a objetividade com que a *Declaratio* tratava da questão arquitetónica, clarificando a particularidade dos elementos que constituem uma igreja e a forma que devem tomar para cumprir a reforma litúrgica. Mas, como sabemos, foi rejeitada.

No entanto, apesar de os Padres Conciliares (fig.48) não terem querido definir normas claras na reabilitação do espaço litúrgico, não deixaram de afirmar a importância da sua revisão, como definido no artigo 128¹⁹⁸ da *Sacrosanctum Concilium*, o que fez, com que, por ordem Papal, e ainda no decorrer do Concílio, a Sagrada congregação dos ritos¹⁹⁹ tenha viabilizado e concretizado a aplicação da *Sacrosanctum Concilium*, tratando já, da importante questão omitida da reabilitação arquitetónica.

Daí resultaram as *Instruções para a recta Aplicação da Constituição sobre a sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II*, um compêndio de cinco documentos publicados em diferentes anos²⁰⁰, do qual resultou a Instrução *Inter Oecumenici*²⁰¹, publicada a 26 de Setembro de 1964 - quando ainda decorria o Concílio -, cujo quinto capítulo se intitulava: *A construção das igrejas e dos altares de modo a facilitar a participação activa dos fiéis*.

Este primeiro de cinco documentos - dada a especificidade do quinto capítulo - é deveras importante, uma vez ter sido o primeiro com orientações concretas relativamente à problemática espacial (que ficou por definir no Concílio).

¹⁹⁷ Tradução da citação original: “1. La disposición de los espacios celebrativos en la iglesia como surgida a partir de la asamblea, como repercusión y símbolo de ella 2. El lugar destacado de la sede presidencial, tanto en las catedrales como en otros templos. 3. La posición del altar, como elemento autónomo separado de la pared y constituyendo un «centro», más ideal que geométrico. Aunque la *Declaratio* dedica un punto concreto a la nave de los fieles (núm. 9), no existe un tratamiento específico para el santuario o presbiterio, sino que se opta por exponer independientemente cada uno de sus elementos. Al indicar que el altar se sitúa en un lugar intermedio entre el presbiterio y los fieles (*loco intermedio inter presbyterium et plebem, idest: in medio synaxeos*), la *Declaratio* parece sugerir que el altar se encuentra rodeado por la asamblea. 4. Los altares menores, construidos en capillas independientes, de modo que se perciba visiblemente la primacía del altar principal. 5. La reserva de la Eucaristía en el altar mayor o en otro menor, o bien en otro lugar de la iglesia. 6. La posibilidad de celebrar *versus populum*. La *Declaratio* en este punto indica consultar dos puntos del extenso documento que la Conferencia de los obispos alemanes envió a la Comisión antepreparatoria del Concilio, en abril de 1960, con sus sugerencias sobre los temas a tratar en la reunión conciliar. 7. La presencia destacada del ambón para la proclamación de las lecturas. 8. La disposición de un lugar definido para el coro. 9. El lugar para los fieles, con bancos o sillas. 10. La reverencia y espacio de honor para la fuente bautismal, que podría situarse en un espacio celebrativo propio. 11. El lugar visible para los confesionarios. 12. El impulso a la colocación de imágenes sagradas, recomendando especialmente para el santuario las que representan los misterios de la vida de Cristo, y advirtiendo la inconveniencia de su multiplicación, reprobando muy particularmente esta práctica para las que se sitúan tras el altar. 13. El orden en la decoración, que debería buscar el equilibrio entre la función iconográfica y la ornamental, entre la figuración y la abstracción. 14. Finalmente, la preferencia de los motivos cristianos para el arte funerario.”

¹⁹⁸ “Revejam-se o mais depressa possível, juntamente com os livros litúrgicos, conforme dispõe o art. 25, os cânones e determinações eclesiais atinentes ao conjunto das coisas externas que se referem ao culto, sobretudo quanto a uma construção funcional e digna dos edifícios sagrados, erecção e forma dos altares, nobreza, disposição e segurança dos sacrários, dignidade e funcionalidade do baptistério, conveniente disposição das imagens, decoração e ornamentos. Corrijam-se ou desapareçam as normas que parecem menos de acordo com a reforma da Liturgia; mantenham-se e introduzam-se as que forem julgadas aptas a promovê-la.

Neste particular e especialmente quanto à matéria e forma dos objectos e das vestes sagradas, o sagrado Concílio concede às Conferências episcopais das várias regiões a faculdade de fazer a adaptação às necessidades e costumes dos lugares, segundo o art. 22 desta Constituição.” (SC 128)

¹⁹⁹ Um documento importante ainda relativamente à liturgia é o *Eucharisticum Mysterium* que “Se impone, por tanto, deducir del conjunto de la doctrina de estos documentos normas prácticas que orienten la conducta del pueblo cristiano con relación al misterio eucarístico para conseguir aquella inteligencia y santidad que el Concilio ha propuesto a la Iglesia.” (EM 2)

²⁰⁰ *Inter Oecumenici* (1964), *Tres abhinc annos* (1967), *Liturgicae instaurationis* (1970), *Varietatis legitimae* (1994) e *Liturgiam authenticam* (2001)

²⁰¹ “Sepan, por tanto, los pastores que ayuda mucho a la celebración correcta y a la participación activa de los fieles una disposición adecuada del lugar sagrado. En consecuencia, pónganse en práctica las reglas y normas establecidas en la instrucción *Inter Oecumenici* (números 90-99).” (EM 24)

Títulos dos pontos constituintes da <i>Declaratio</i> :	Títulos dos pontos constituintes da <i>Inter Oecumenici</i> :
1. A boa ordenação da igreja em vista da assembleia litúrgica;	1. Projecto de igrejas;
2. As sedes da presidência;	2. O altar-mor;
3. O altar-mor;	3. A cadeira para o celebrante e para os ministros;
4. Os altares menores;	4. Altares menores;
5. A consagração dos altares;	5. Acerca do altar;
6. A reserva Eucarística;	6. Reserva da Eucaristia;
7. O ambão ou os púlpitos;	7. Ambão;
8. O lugar da schola ou do grupo de cantores;	8. Lugar para o coro e o órgão;
9. A colocação dos fiéis;	9. Lugar para os fiéis;
10. O Baptistério;	10. Baptistério.
11. As sede das confissões;	
12. As imagens sagradas;	

Fig. 49 - Quadro comparativo

Dado o facto de ter sido a primeira publicação oficial com orientações claras relativamente à prática do cumprimento da reforma no que toca à arquitetura, imediatamente após ter saído a público, surgiram:

“[...] por toda a parte iniciativas para adaptar as igrejas às novas exigências da celebração. De modo geral, pensou-se, no princípio e com muita razão, ser suficiente fazer algo provisório: foi colocado um altar móvel na entrada do presbitério, para que o sacerdote nele pudesse celebrar de frente para a assembleia; o ambão da Palavra substituiu o púlpito para as leituras e a homilia; procurou-se a melhor a melhor colocação para a cadeira do celebrante principal, de modo que este ficasse bem visível sem contudo parecer demasiado distante dos fiéis, já que, juntos, formam o povo de Deus. [...] a transformação das igrejas manifesta de maneira palpável o espírito do Vat. II, a sua ecclesiologia, a sua teologia eucarística e a do sacerdócio, a sua concepção dos ministérios. Se a nova disposição do edificado lembra a das basílicas antigas, isto não provém do vício arqueológico, porém antes do facto de que, com o Vat. II, a igreja do século XX, enraizando-se mais profundamente na tradição dos Padres, redescobriu o tipo de celebração de que eles foram artífices.” (Sartore; Triacca, 1992, p.703)

Ao analisar o documento podemos dar conta que não aprofunda com a mesma intensidade a problemática, como o fez a *Declaratio*: visível, desde logo, pelo número inferior de pontos abordados (não trata da sede das confissões e das imagens sagradas) e do pouco desenvolvimento que cada ponto apresenta. Contudo, é interessante notar que é possível encontrar bastantes semelhanças na estrutura da *Inter Oecumenici* relativamente à da *Declaratio*. (fig.49)

Uma semelhança, desde logo notável, encontra-se na organização de cada ponto - apenas não coincidem os pontos dois e três, que se encontram em ordem inversa; de resto, todos os outros se encontram em estreita relação - e, pelo título usado na apresentação de cada ponto, também eles são muito próximos. Relações tão fortes, que nos levam a concluir que, apesar de omitida do documento final da *Sacrosanctum Concilium*, a *Declaratio* se tratou de um documento inspirador e norteador para o que viriam a ser as normas para a redefinição do espaço litúrgico. Diríamos mesmo que foi aproveitada e transformada noutro tipo de documentos, posteriormente aprovados pela Comissão Litúrgica Geral e pelas próprias comissões de cada país. (fig.51)

Capítulo III

“Sejam fortes e corajosos”

(Dt 31, 6)

III.I. Elementos estructurantes do espaço litúrgico

“Se siente la urgencia de hacer de la arquitectura cristiana un eficaz medio de evangelización” (Arias, 2018, p.15)

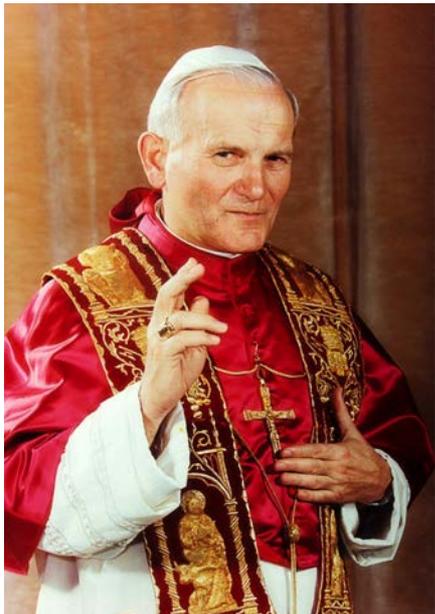
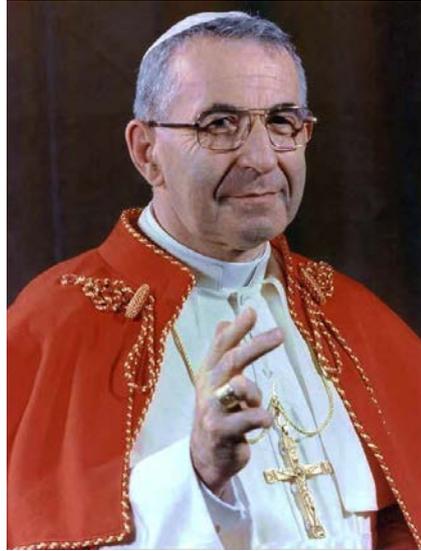
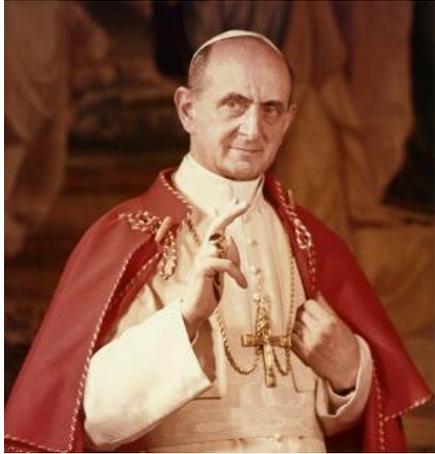


Fig. 50 - Papa Paulo VI
Fig. 51 - Papa João Paulo I
Fig. 52 - Papa João Paulo II
Fig. 53 - Papa Bento XVI

Apesar de, à medida que eram publicados os documentos conciliares, terem sido já implementadas algumas das orientações que deles faziam parte²⁰², depois do término da magna reunião conciliar do Vaticano II, impunha-se, de ampla forma, implementar o que ela veio definir. De resto, uma tarefa que se avizinhava exigente e demorada, devido à amplitude dos temas abordados.

Nesse sentido, foi fundamental o papel dos Pontífices (fig.50 - 53) para a concretização da reforma tendo, na sua generalidade, desde o primeiro dia que tomaram posse do trono de S. Pedro, procurado clarificar essa necessidade pastoral:

“Pode-se dizer que o Vaticano II começou efetivamente no dia seguinte à sua conclusão, em 08 de dezembro de 1965. Na Audiência de 12 de janeiro de 1966, o Papa Paulo VI reconhecia esse desafio de colocar o Concílio em prática”. (Bogaz; Hansen, 2015, p.8)

A Paulo VI segue-lhe João Paulo I que, logo no dia seguinte à sua eleição, apresenta ao mundo um “programa que tinha como primeira alínea receber o Vaticano II, sem imprudências nem atrasos. Caminho aberto para o seu rápido sucessor: a 17 de Outubro, dia seguinte à sua eleição, João Paulo II disse aos cardeais que aplicaria o Concílio”. (Clemente, 2010, p.136) Uma posição bastante visível, na sua ativa ação pastoral, sobretudo nas suas visitas pelo mundo fora, ao atribuir “principal relevo para os eventos litúrgicos e não políticos”²⁰³. (Clemente, 2010, p.137)

Contudo, apesar do esforço destes Pontífices, a aplicação da reforma tratou-se de uma exigente empreitada, mostrando-se difícil de pôr em prática - uma vez que abrangia tantos, tão complexos e importantes âmbitos da vida da Igreja, em particular relativamente à definição dos espaços de culto - pelo que, passados mais de cinquenta anos, ainda se encontra por cumprir na sua totalidade²⁰⁴. E, como temos vindo a compreender, a acrescentar a esta natural dificuldade, surgiram, e ainda surgem, manifestações que procuraram constantemente travar a sua execução, muito especialmente no que trata a questão litúrgica e a definição do seu espaço, como foi o caso do Papa Emérito Bento XVI²⁰⁵, como temos vindo a verificar.

²⁰² Os documentos conciliares foram sendo publicados oficialmente à medida que eram fechados, tendo saído, por isso, em várias datas ao longo dos anos em que decorreu. Importa notar que, a fim de clarificar e aprofundar algumas questões, foram elaboradas instruções complementares aos documentos conciliares como, por exemplo, o caso que referimos no sub-capítulo anterior, da Instrução *Inter Oecumenici* (1964).

²⁰³ “Concluindo um volumoso estudo de 1999 sobre João Paulo II, George Weigel distingue-lhe-á oito características maiores [...] a implementação plena do Vaticano II” (Clemente, 2010, p.148) foi uma delas.

²⁰⁴ “O rumo traçado pelo Concílio encontrou forma, segundo o princípio do respeito da tradição sadia e do progresso legítimo (cf. *SC*, 23), nos livros litúrgicos promulgados pelo Beato Paulo VI, bem recebidos pelos próprios Bispos que participaram no Concílio, e já há quase 50 anos universalmente em uso no Rito Romano. A aplicação prática, guiada pelas Conferências Episcopais nos respetivos países, ainda está a decorrer, pois não é suficiente reformar os livros litúrgicos para renovar a mentalidade. Os livros reformados nos termos dos decretos do Vaticano II desencadearam um processo que requer tempo, receção fiel, obediência prática, atuação celebrativa sábia por parte, primeiro, dos ministros ordenados, mas também dos outros ministros, dos cantores e de todos os que participam na liturgia. Na realidade, sabemos-lo bem, a educação litúrgica de Pastores e fiéis é um desafio a ser enfrentado sempre de novo. O próprio Paulo VI, um ano antes da morte, dizia aos Cardeais reunidos em Consistório: «Chegou o momento, agora, de abandonar definitivamente os fermentos desagregadores, igualmente perniciosos num sentido e noutro, e de aplicar integralmente nos seus justos critérios inspiradores, a reforma por Nós aprovada em aplicação aos votos do Concílio».” (Papa Francisco, 2017)

²⁰⁵ “A eleição de Bento XVI, em Abril de 2005, inscreve-se ainda na senda conciliar. Também ele estivera presente e activo, como perito, nos trabalhos do Vaticano II.” (Clemente, 2010, p.152)



Fig. 54 - Papa Francisco

Posições estas, tomadas em grande parte, devido à imprecisa definição prática de determinadas questões pelos padres conciliares²⁰⁶, o que, de certa forma, fragilizou a reforma, levando a assinalar-se no pós-concílio que, “As decisões conciliares foram interpretadas e praticadas de diferentes modos nos anos que se seguiram à grande assembleia”. (Bogaz; Hansen, 2015, p.8) Perante tais desenvolvimentos, o então Papa Bento XVI:

“[...] encorajou tanto o repensamento da disposição dos espaços da igreja (virando a posição do padre mais uma vez para o "Oriente" – ou seja, de costas para o povo) e um renascimento da liturgia latina pré-Vaticano II, que ele chamou de "forma extraordinária”.” (Baldovin, 2013)

Foram este tipo de posições que acabaram por enfraquecer a grande empreitada que tinha vindo a ser efetuada desde o término do Concílio, fazendo assim com que o seu desenvolvimento perdesse fôlego e dividisse, ainda mais, a própria Igreja.

Contudo, apesar de, ainda nos dias de hoje, se sentir esta divisão, que tanto fragiliza a Igreja, reside a esperança que o Pontificado de Francisco (fig.54) possa:

“[...] muito bem abrir um novo capítulo nos debates pós-conciliares sobre a liturgia. Se as primeiras celebrações litúrgicas do seu pontificado são uma indicação, ele pode, ao menos, temperar o fervor daqueles que têm sido mais críticos às reformas. Suas ações parecem mostrar que ele é favorável à nova liturgia e à sua maior simplicidade.” (Baldovin, 2013)

Como temos vindo a acentuar desde o primeiro momento, é deveras grande a complexidade em que se insere o programa de uma igreja, reclamando ao arquiteto uma enorme capacidade em lidar com tamanha encomenda. Capacidade esta que não se pode limitar apenas à sua inspiração e conhecimentos profissionais, na medida em que exige uma adequada compreensão das funções que se realizam no edifício²⁰⁷ e do seu significado²⁰⁸ pois, para além de toda a complexidade própria que o programa impõe, deve reconhecer-se que, a questão programática em vista, “não pode [...] ser compreendida, nem analisada, desde o ponto de vista exclusivo dessa finalidade”²⁰⁹. (Guardini, 2019, p.65) Conscientes que:

²⁰⁶ “el Concilio no deseó dar indicaciones concretas sobre el modo de construir iglesias, de ordenar sus espacios celebrativos o de erigir los altares. En cambio, estas fueron dadas por la Congregación de Ritos a través del *Consilium*, encargado de la actuación de la reforma litúrgica en los años sucesivos a la publicación de la Constitución SC –adelantándose a la reforma de los libros litúrgicos y contraviniendo así lo que había indicado el Concilio–, especialmente a través de dos instrucciones: *Inter Oecumenici* (1964) y *Eucharisticum Mysterium* (1967).” (Arias, 2019, p.433)

²⁰⁷ “sería ingenuo y poco profesional que un proyectista se enfrente con este encargo sin los conocimientos teológicos y litúrgicos que este complejo edificio requiere”. (Arias, 2018, p.15)

²⁰⁸ “o espaço de celebração cristã não tem apenas uma dimensão funcional; tem também um valor simbólico próprio”. (Richter, 2005, p.7)

²⁰⁹ Tradução da citação original: “no puede [...] ser comprendida, ni analizada, desde el punto de vista exclusivo de esa finalidad”.

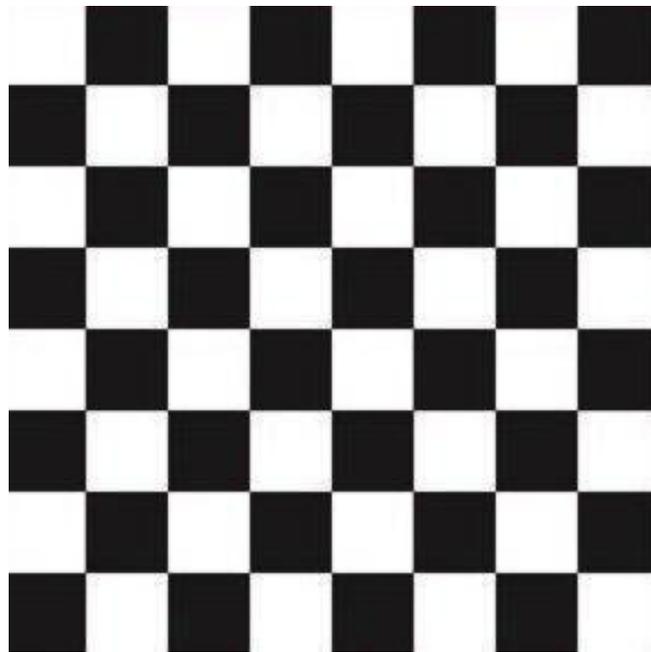


Fig. 55 - Tabuleiro de Xadrez

“A renovação litúrgica posta em movimento pela Constituição litúrgica do Concílio Vaticano II exprime-se também numa nova organização do espaço litúrgico. É certo que, após o Concílio, a organização dos lugares litúrgicos funcionais - altar, ambão, sede presidencial - foi adaptado à letra da Constituição litúrgica e da Instrução Geral ao Missal Romano; contudo o espírito da reforma litúrgica nem sempre foi compreendido e interiorizado”. (Richter, 2005, p.9)

Compreendendo que nem sempre a reforma espacial acompanhou a litúrgica, e que, por isso, muito ainda se encontra por cumprir, procuraremos, no desenvolvimento do trabalho que se segue - tendo em vista, sobretudo, a especificidade da reabilitação destes espaços, e não a sua construção de raiz -, compreender as problemáticas que uma igreja abarca no século XXI , tentando descodificá-las. Como tal, aprofundaremos vários desses aspetos, atendendo, primordialmente, à compreensão do que consiste o espaço litúrgico, “para que este não seja reduzido a um jogo de “colocar peças”, (fig. 55) isto é, distribuir coisas (objectos litúrgicos) e pessoas (ministros e fiéis) ou ainda gestos (atitudes, movimentos) numa celebração.” (Gomes, 2010, p.128)

Pois, como é dito nas *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*:

“À linguagem da liturgia (anúncio, oração, canto e música, sinais e gestos) deve corresponder uma linguagem credível da arquitectura e da arte. [...] Para responder a esta exigência deve-se reflectir sobre todos os elementos que constituem uma obra arquitectónica: forma do espaço, divisão dos espaços, disposições dos lugares, estrutura do espaço, materiais, construção, incidências de luz, equipamento, acústica, iluminação eléctrica”. (Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã, 2002, pp.20-21)²¹⁰

²¹⁰ Edição original de 1988.

Por serem múltiplos e complexos estes factores, como temos vindo a verificar, decidimos organizá-los numa síntese que se estrutura em seis pontos, que denominámos de “dimensões”, que julgamos que uma igreja deve ter por base e que são, a nosso ver, fundamentais de compreender e atender, para se poder alcançar um bom resultado no desenho do espaço litúrgico.

1. Dimensão histórico-cultural;

2. Dimensão Dicotómica;

3. Dimensão tipológica;

4. Dimensão funcional:

4.1. Dimensão Comunitária;

(Eucaristia: Batismo, Confirmação, Matrimónio, Ordem, Exéquias;
Terço, Adoração Santíssimo Sacramento, Liturgia das horas);

4.2. Dimensão Individual.

(Penitencia, Oração individual)

5. Dimensão simbólica, prática e organizacional dos principais objetos litúrgicos;

5.1. Mesa Eucarística;

5.2. Mesa da Palavra;

5.3. Sacrário;

5.4. Batistério;

5.5. Presidência;

5.6. Assembleia.

6. Dimensão da linguagem arquitetónica.



Fig. 56 - Capela de S. Miguel, Universidade de Coimbra
Fig. 57 - Igreja de São Francisco, Porto

1. Dimensão histórico-cultural

“Tarefa delicada, em que o respeito pelo que existe não deve impedir o acto criador, sem o qual tudo o que se faça será mesquinho e indigno. Trabalho em que se exige sensibilidade, amor pelo que é antigo, e capacidade imaginativa.” (Boletim do Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, 1968, citado por Marques, 2017, p.385)

O facto de um “novo rito”²¹¹ se ter instaurado fez com que o modelo de espaço litúrgico,²¹² e muitos dos objetos constituintes da sua definição vigentes até então, perdessem importância ou total pertinência no espaço, sendo a sua presença e permanência, sem qualquer ajuste ou eliminação, factores que dificultam a clareza reformista que o Concílio procurou implementar, como o caso de alteres laterais, de balaústres, de púlpitos elevados, etc.

No entanto, dado que grande parte dos espaços de culto pré-conciliares se tratam, habitualmente, de edificado de elevado valor patrimonial, a sua readaptação à luz da reforma torna-se difícil. Quanto a esta questão, podemos encontrar um importante contributo por parte de Ferbert Muck:

“Não obstante toda a preocupação pela preservação da herança cultural cristã, deve-se retirar da própria história a lição de que adaptações na organização espacial são necessárias de tempos a tempos. Não é verdade que o edificado constitua algo de absoluto e intocável em todos os aspectos da organização do seu espaço. A construção é condicionada ao tempo, mesmo quando procuramos preservá-la. O que é incondicional são as exigências da vida, às quais a construção procura servir. Onde estas exigências não conseguem impor-se existe aí um sinal de falta de intensidade da própria vida. Aqui situa-se uma fronteira que o próprio conservador de património deve conhecer. A não ser que ele não queira esta vida ou queira mesmo opor-se a ela. Considerar um edifício simplesmente como um monumento significa passar-lhe a certidão de óbito.” (Ferbart Muck citado por Richter, 2005, pp.30-31) (fig. 56 - 57)

A inevitabilidade deste confronto com o património faz com que seja necessária coragem e determinação para enfrentar difíceis tomadas de decisão²¹³. Para tal, e no seguimento da reflexão de Muck, vale a pena ter ainda presentes as palavras de São Cipriano: “Por acaso pesa mais o costume que a verdade?” (Cipriano citado por Miranda, 2014, p.50) e de João XXIII: “a Igreja é um jardim a cuidar, mais do que um museu a preservar.”²¹⁴ (Papa João XXIII, citado por Église St Ignace, s.d.)

²¹¹ O Concílio Vaticano II instaurou um “novo rito”, o ordinário, em substituição do tridentino ou extraordinário que, por sua vez, estabelece novas dinâmicas litúrgico-espaciais.

²¹² Entendemos por modelo de espaço litúrgico vigente até então, o definido no sub-capítulo I.II: “o basílica, de planta longitudinal, agora, substancialmente definido por dois espaços: o presbitério, na abside, ao fundo da igreja, onde se encontra o clero e é realizada a acção litúrgica; e a nave (uma, ou mais) onde se encontra a assembleia de fiéis, agora distantes da acção litúrgica.”

²¹³ Vale a pena, quanto a este tema, ter presente a intervenção realizada em meados do século passado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais em diversos edifícios.

²¹⁴ Tradução livre do trecho: “L’Eglise est un jardin à soigner, plus qu’un musée à conserver.”



Fig. 58 - Igreja de São Roque, Lisboa

Caso não tenhamos consciência destas palavras, igrejas podem estar verdadeiramente em risco de se tornarem meros lugares museológicos. Um risco, de resto, real, e que assistimos cada vez mais.²¹⁵ (fig.58) Por descuido, ou até mesmo incapacidade, as “igrejas antigas tornaram-se museus também por conterem e preservarem muitas coisas que, embora sejam testemunhas da concepção da celebração litúrgica de tempos passados, não têm para a liturgia actual qualquer significado.” (Richter, 2005, p.31) O que faz com que, por sua vez, se tornem “resquícios históricos de programas rituais antigos” (Richter, 2005, p.31), esquecendo que, “Uma igreja não é um monumento para ser admirado, mas um lugar para nele se celebrarem os mistérios.” (Nicolau, 1968, p.183)

Apesar de não serem muitos, são felizmente já alguns, os exemplos de igrejas salvas da “certidão de óbito” que Muck fala. É assim necessário olhar para esses bons exemplos a fim de urgentemente, com coragem, audácia, arte e sabedoria, reverter uma certa concepção imobilista que tem prevalecido. Em Portugal:

“O tema tinha já sido trabalhado pelo MRAR ainda na primeira metade da década de 1950. Em 1954, o 1º Encontro do MRAR tinha-se dedicado ao estudo “Adaptação das igrejas antigas às necessidades actuais”. A “Adaptação das igrejas antigas às exigências da espiritualidade litúrgica moderna” foi igualmente o tema tratado por Nuno Teotónio Pereira numa conferência realizada nos Açores em Agosto de 1962, integrada numa iniciativa do MRAR realizada durante o Concílio Vaticano II. Posteriormente ao concílio foram propostos encontros para debater o tema que, contudo, não chegaram a ter lugar.²¹⁶ [...] Posteriormente ao concílio um conjunto significativo de intervenções foram realizadas nas igrejas paroquiais existentes, com especial foco na organização do espaço litúrgico.” (Marques, 2017, pp.385-387)

Relativamente à intervenção de reabilitação, podemos dar conta, no País, da existência de duas vias de soluções significativas: por um lado empreitadas de reabilitação de igrejas que passaram pela ampliação, reorganização e preservação²¹⁷; por outro, empreitadas que passaram por intervenções apenas no interior, de reabilitação do espaço, que se pautaram sobretudo pela alteração do mobiliário litúrgico. Como temos vindo a esclarecer, desde o primeiro momento, procuramos neste trabalho, focar-nos na segunda via.

²¹⁵ Quanto a este aspecto podemos dar conta da dificuldade apresentada pelo Padre e Arquitecto João Norton Sj, na *IV Jornada de Liturgia, Arte e Arquitectura* (24.11.2018): a dificuldade em celebrar na Igreja de São Roque, pelo facto de preservar museologicamente um espaço de culto definido para uma determinada forma litúrgica que não já a vigente.

²¹⁶ “Do plano de actividades do MRAR para o ano de 1966 estava prevista uma reunião de estudo dedicada à “remodelação de igrejas” e para 1968 estava prevista uma outra sobre “Estudos de critérios e formas de intervenção em igrejas antigas para actualização litúrgica e ambiental (análise de experiências em Lisboa e Porto).” Nenhuma das duas foi realizada.” (Marques, 2017, p.387)

²¹⁷ Para mais informação relativamente ao tema, consultar teses e intervenções dos Arquitectos João Alves da Cunha e João Luís Marques.



Fig. 59 - Pintura da criação de Adão, pintada por Michelangelo, no tecto da Capela Sistina

2. Dimensão dicotómica

“O espaço de uma igreja deve ser capaz de combinar diversos opostos: o encontro da comunidade e momentos de individualidade, a celebração e a contemplação, a expressão e a interioridade, a comunhão e o recolhimento, a palavra ou música e o silêncio. Deverá portanto ser um espaço flexível”. (Marques, 2006, pp.41-42)

Uma igreja resulta da convivência de diversas características sendo que, muitas delas e suas problemáticas, se situam em perspetivas opostas como, desde logo, a referida no ponto anterior, com o confronto do dilema: conservar ou eliminar?

O programa de uma igreja encontra, portanto, grande parte da sua complexidade na gestão de uma vasta multiplicidade de pontos antagónicos. Um antagonismo histórico presente, desde logo, na própria figura de Jesus: verdadeiro Deus e verdadeiro homem²¹⁸.

A primeira grande dificuldade e, da qual derivam todas as outras, talvez se prenda com o facto da igreja ser, essencialmente, um lugar de encontro do Homem com Deus, com o sagrado. (fig.59) Condição *sine qua non* que cria, à partida, um grande conflito, uma vez pretender unir duas dimensões que estão nos seus antípodas: o sensível e o inteligível²¹⁹.

Outra dificuldade decorre do facto de, perante uma Igreja universal, criar um espaço que reflita essa universalidade e, ao mesmo tempo, seja “expressão imediata e genuína do peculiar contexto ou fisionomia de uma determinada comunidade”²²⁰, (Guardini, 2019, p.8) sem que perca a especificidade de uma, em detrimento da outra.

Quanto à questão da particularidade de cada comunidade, existe ainda outra dificuldade, que se prende com a necessidade de responder à “natureza do homem, que é um ser individual e social, ao mesmo tempo”²²¹ (Guardini, 2019, p.8), sendo por isso necessário que a igreja possibilite um encontro comunitário, mas também individual²²². Combatendo a sociedade actual que manifesta “febril actividade, essa incontida ânsia de progresso, essa vertiginosidade de trabalho, essa precipitação no prazer”²²³ (Guardini, 2019, p.93), criando espaços onde a alma encontre “um terreno firme onde apoiar-se; um ponto sólido de arranque para poder ultrapassar a sua limitação, um refúgio seguro fora de si mesma”²²⁴. (Guardini, 2019, p.99)

²¹⁸ “Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.” (CIC 464)

²¹⁹ “relación entre el espíritu y el cuerpo” (Guardini, 2019, p.50)

²²⁰ Tradução da citação original: “expresión imediata y genuína de la peculiar textura o fisionomía de una determinada comunidad.”

²²¹ Tradução da citação original: “naturaleza del hombre, que es un compuesto individual y social, a la vez.”

²²² “la necesidad absoluta de las formas extra-litúrgicas de la vida espiritual [...]. Nada, en realidad, más funesto y equivocado que tratar de encuadrar toda la vida espiritual dentro del marco específico de la liturgia [...]. Reconozcamos, sin embargo, la superioridad del rango y excelencia de la liturgia, ya que ella es la forma de orar propia de la Iglesia.” (Guardini, 2019, p.90)

²²³ Tradução da citação original: “febril actividad, essa incontida ansia de progreso, esa vertiginosidad del trabajo, esa precipitación en el placer”.

²²⁴ Tradução da citação original: “un terreno firme donde apoyarse; un punto sólido de arranque para poder remontarse por encima de su limitación, un refugio seguro fuera de ella misma”.



Fig. 60 - Capela de Campo Bruder Klaus, 2007, Mechernich, Alemanha, Peter Zumthor

Como se pode ver, trata-se assim de um programa que extravasa, à priori²²⁵, o campo do intelecto, uma vez que deve “tornar visível o invisível e de tornar audível o inaudível” (Richter, 2005, p.118), permitindo ser:

“[...] um lugar de encontro que procura criar as suas próprias relações horizontais e verticais, para que a experiência da fé numa assembleia possa guardar um equilíbrio entre distância e proximidade, distância e afastamento. Este lugar é construído em ordem à *ecclesia* na sua busca de relações a Deus e aos outros [...]. O que fará com que este lugar seja “sagrado” é precisamente o exercício da liturgia que pede que este espaço seja “construído”, num lugar e num tempo, um espaço de relação a Deus – a relação à memória cristã, a relação aos outros e ao mundo no seguimento da Encarnação de Jesus. Este lugar litúrgico deverá, assim, criar o seu “espaço”, o qual é constituído pela tensão do próximo e do longínquo.” (Gomes, 2010, p.129)

Podemos assim compreender que, perante todo este mistério que pela Missa se concretiza²²⁶, criar este espaço, fundamentalmente definido por dimensões antagónicas, como “do vulgar e do sublime, do natural e do sobre-humano, do sensível e do espiritual, do humano e do divino...”²²⁷, (Arias, 2018, p.13) se torna de particular exigência, mas não impossível²²⁸. (fig.60)

²²⁵ A vertente artística inerente à disciplina da arquitetura possibilita que, qualquer criação arquitetónica se destaque para além da dimensão inteligível estreitamente ligada à sua utilidade meramente funcional.

²²⁶ “A celebração da Missa, como acção de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja, quer universal quer local, como para cada um dos fiéis. Nela culmina toda a acção pela qual Deus, em Cristo, santifica o mundo, bem como todo o culto pelo qual os homens, por meio de Cristo, Filho de Deus, no Espírito Santo, prestam adoração ao Pai. Nela se comemoram também, ao longo do ano, os mistérios da Redenção, de tal forma que eles se tornam, de algum modo, presentes. Todas as outras acções sagradas e todas as obras da vida cristã com ela estão relacionadas, dela derivam e a ela se ordenam.” (IGMR 16) Edição original de 1997.

²²⁷ Tradução da citação original: “lo vulgar y lo sublime, lo natural y lo sobrehumano, lo sensible y lo espiritual, lo humano y lo divino...”

²²⁸ “parece innegable que existen arquitecturas donde la presencia de lo sagrado - la sensación de que hay algo que se escapa a nuestra experiencia cotidiana - se percibe con mayor claridad que en otras. Esto es debido a esa cualidad del espacio que acostumbra a denominarse «carácter» y que suele provenir, o bien de la interiorización de un programa por parte de una sensibilidad peculiar - que origina obras de rasgos personalísimos y difícilmente repetibles -, o bien de una trayectoria profesional dilatada en el tiempo y matizada por el tamiz de la experiencia, generadora de refinamientos que garantizan una adecuada recepción del mensaje por parte del espectador.” (Cobián, 2005, p.80)

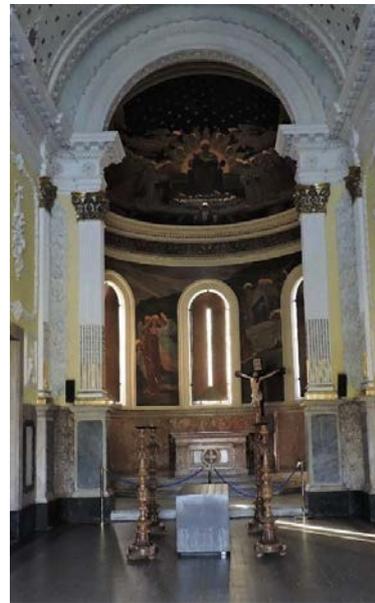


Fig. 61 - Mosteiro de Tibães
Fig. 62 - Igreja Paroquial de Ançã
Fig. 63 - Capela de S. Bento, Vila do Conde
Fig. 64 - Capela do Cemitério de Agramonte

3. Dimensão tipológica.

A questão tipológica é deveras importante pois, “A variedade de espaços litúrgicos que a tradição cristã nos legou é grande.”²²⁹ (Arias, 2018, p.17)

É necessário assim “ter sempre em apreço o tipo de igreja em que se opera: catedral, conventual, paroquial, santuário, oratórios, capelas privadas, capelas de cemitério, etc.” (Amorim, 2006, pp. 107-108) e, por sua vez, compreender a especificidade programática de cada um. (fig. 61 - 64)

Como foi desde o princípio esclarecido, a presente dissertação debruça-se, na tipologia igreja, de modo que focar-nos-emos no estudo desta tipologia.

Quanto a este ponto importa notar que atualmente, “a referência ao “edifício-modelo”, impossível de encontrar entre as igrejas contemporâneas, introduz o problema mais amplo da crise do conceito de tipologia no campo da arquitetura em geral e da influência dessa crise na arquitectura sacra.”²³⁰ (Estivill, 2014, p.45)²³¹

4. Dimensão da multiplicidade funcional

“[...] uma causa frequente de fracasso num projeto é a imprecisão - ou pior ainda, ignorância - do programa. Temos visto nas últimas décadas que é precisamente o desconhecimento do complexo programa de uma igreja o que leva à construção de templos apenas para a missa de domingo, e nem sequer de todos os domingos do ano [...]”²³² (Arias, 2018, pp.23-24)

Como iremos ver, uma igreja deve organizar-se por forma a possibilitar diversas funções (de carácter comunitário e individual), tratando-se, por isso, de um programa polivalente, que responda à especificidade de cada e proporcione, a todas elas, um espaço de acolhimento, de conforto e de calma, que integrem o corpo e a alma.

No estudo que nos propomos fazer de seguida, importa esclarecer que, em ambas as dimensões, trataremos apenas acções estritamente relacionadas com celebrações litúrgicas e de “piedade extra-litúrgica”²³³, (Guardini, 2019, p.9) não reflectindo, por isso, toda uma série de outras actividades que, por vezes, na igreja têm lugar, como por exemplo: concertos de música, palestras, etc.²³⁴

²²⁹ Tradução da citação original: “La variedad de espacios litúrgicos que la tradición cristiana nos ha legado es grande.”

²³⁰ Tradução da citação original: “La referencia al “edificio-modelo”, imposible de encontrar entre las iglesias contemporáneas, introduce el problema más amplio de la crisis del concepto de tipología en el ámbito de la arquitectura en general y de la influencia de esa crisis en la arquitectura sacra.”

²³¹ Citação indirecta de Grasso, G. (1988). *Tra teologia e architettura. Analisi dei problemi soggiacenti all’edilizia per il culto*. Roma.

²³² Tradução da citação original: “una causa frecuente de fracaso en un proyecto es la imprecisión- o peor aún, ignorancia- del programa. Hemos visto a lo largo de los últimos decenios que es precisamente el desconocimiento del complejo programa de una iglesia lo que lleva a edificar templos solo en la misa de los domingos, y ni siquiera de todos los domingos del año...Desde luego, no pretendemos una reducción de la iglesia”.

²³³ Tradução da citação original: “piedad extra-litúrgica”. Expressão de Romano Guardini que se refere à piedade popular.

²³⁴ Quanto a este ponto, importa notar o papel que a igreja, em tempos, desempenhou como importante centro cívico e social na vida de muitos. Exemplo disso, no nosso País, são, por exemplo, as igrejas que dissimuladamente foram construídas com grande salas de cinema, na cave (para mais informação consultar o trabalho que tem vindo a realizar o Arquitecto João Luís Marques, em particular a sua prova de Doutoramento intitulada: *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*).

Olhando para este exemplo ou para a típica imagem de Salão Paroquial, valerá a pena, num outro trabalho, procurar responder-se à pergunta: para além do espaço litúrgico, que espaço carece hoje a igreja para poder responder às necessidades da sociedade?

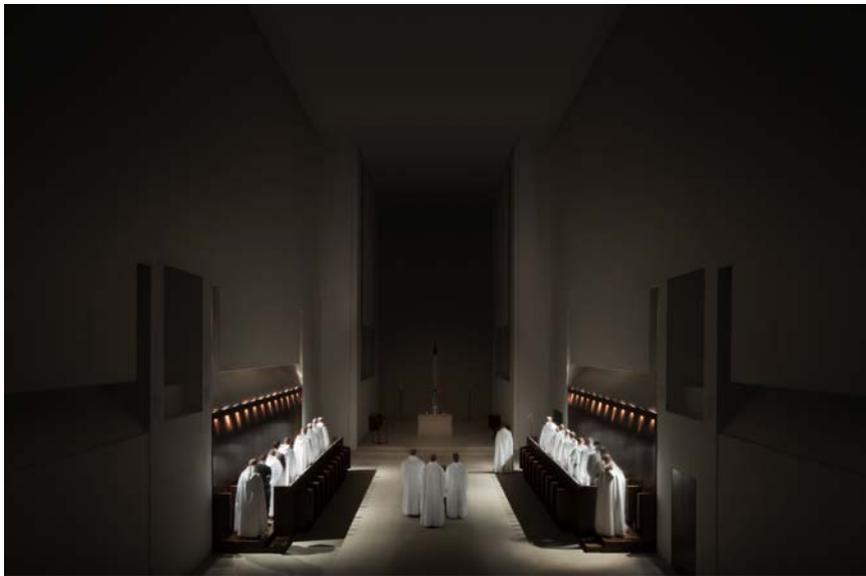


Fig. 65 - Igreja da Abadia Abbey de Nossa Senhora de Nový Dvůr, 1999-2004, Bohemia, Czech Republic, John Pawson
a. Celebração diurna
b. Celebração noturna

4.1. Dimensão Comunitária

As acções comunitárias desempenham um importante e preponderante papel na vida da Igreja, como se pode ver, desde logo, nas palavras de Jesus: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles”, (Mt 18, 20) o que convida e incita à reunião dos crentes.

O motivo principal pelo qual uma igreja é erigida é o de possibilitar a celebração comunitária da Eucaristia²³⁵, devendo o edifício concorrer para a sua maior profundidade espiritual ou, no mínimo, não a prejudicando. Assim, sendo esta a sua ação principal, procuraremos entendê-la melhor - no que consiste e o que é necessário à sua realização -, para assim podermos compreender o que estrutura a organização e definição do espaço litúrgico e de que forma coabitam outras funções e dinâmicas rituais, simultaneamente existentes neste lugar.

A celebração da Missa é fundamentalmente definida por dois grandes momentos: a liturgia da Palavra e a Eucarística²³⁶ que, apesar de diferentes, formam uma só²³⁷. (fig. 65)

Uma das melhores e mais sintéticas explicações, encontra-se no *Leccionario*:

“A Igreja honra com a mesma veneração, embora não com o mesmo culto, a palavra de Deus e o mistério eucarístico; [...] Convém, por isso, ter sempre em conta que a palavra divina, lida e anunciada pela Igreja na Liturgia, leva, por assim dizer, ao sacrifício da aliança e ao banquete da graça, isto é, à Eucaristia, como seu fim próprio.” (MR 10)

²³⁵ “el templo cristiano es «primero y sobre todo» el lugar de la celebración del sacrificio eucarístico, el lugar de la acción de culto sacerdotal del pueblo de Dios.” (Arias, 2019, p.426) Assim o afirmam vários documentos, como: *Eucharisticum Mysterium* - “La celebración de la Eucaristía en el sacrificio de la misa es realmente el origen y el fin del culto que se le tributa fuera de la misa.” (EM 3); *Sacrosanctum Concilium* - “O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura.” (SC 47); ou o Código do Direito Canónico - “A Igreja desempenha o múnus de santificar de modo peculiar pela sagrada liturgia, que pode considerar-se como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, na qual por meio de sinais sensíveis se significa e, segundo o modo próprio de cada um, se opera a santificação dos homens, e pelo Corpo místico de Jesus Cristo, Cabeça e membros, se exerce o culto público integral de Deus.” (CDC 834) Edição original de 1983. “Siempre está presente en la asamblea de los fieles congregada en su nombre (cf. Mateo 18,20). Está presente también en su palabra, puesto que Él mismo habla cuando se leen en la iglesia las Sagradas Escrituras. Pero en el sacrificio eucarístico está presente, sea en la persona del ministro "ofreciéndose ahora por ministerio de los sacerdotes, el mismo que entonces se ofreció en la Cruz", sea, sobre todo, bajo las especies eucarísticas. En este sacramento, en efecto, de modo singular el Cristo total e íntegro, Dios y hombre, se halla presente sustancial y permanentemente. Esta presencia de Cristo bajo las especies "se dice real no por exclusión, como si las otras no fueran reales, sino por excelencia".” (EM 9)

²³⁶ “a celebração da Missa, na qual se escuta a palavra e se oferece e recebe a Eucaristia, constitui um único acto de culto divino, no qual se apresenta a Deus o sacrifício de louvor e se proporciona ao homem a plenitude da redenção.” (MR 10)

²³⁷ “Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a missa - a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística - que formam um só acto de culto. Por isso, o sagrado Concílio exorta com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, sobre o dever de ouvir a missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito.” (SC 56)

“La relación entre la liturgia de la palabra y la liturgia eucarística. Los pastores "instruyan cuidadosamente a los fieles acerca de la participación en toda la misa", mostrando la unión estrecha que existe entre la liturgia de la palabra y la celebración de la cena del Señor, para que puedan percibir claramente que todo esto constituye un solo acto de culto. Pues "la predicación de la palabra se requiere para el ministerio mismo de los sacramentos, como quiera que son sacramentos de la fe, la cual nace de la palabra y de ella se alimenta". Esto se ha de decir, sobre todo, de la celebración de la misa en la cual la liturgia de la palabra tiene la intención de fomentar de manera peculiar la unión estrecha entre el anuncio y la escucha de la palabra de Dios y el misterio eucarístico. Por tanto, los fieles, al escuchar la palabra de Dios, comprendan que las maravillas que les son anunciadas tienen su punto culminante en el misterio pascual, cuyo memorial es celebrado sacramentalmente en la misa. De este modo, escuchando la palabra de Dios, alimentados por ella, los fieles son introducidos, en la acción de gracias, a una participación fructuosa de los misterios de la salvación. Así la Iglesia se nutre del pan de vida tanto en la mesa de la palabra de Dios como en la del cuerpo de Cristo. (EM 10)



Fig. 66 - Escultura *The world becomes silent*, 2004, Jardim da Sereia, Coimbra, Rui Chaves

Esta particularidade e individualidade de cada acto, mas simultânea união de ambos, obriga a tomar uma difícil decisão projetual. Como definir cada um, uma vez serem diferentes mas, ao mesmo tempo, formarem um só? Como se devem reflectir na organização do espaço litúrgico?

Para Klemens Richter, “as acções diferentes da proclamação da palavra e da ceia eucarística exigem lugares diferentes.” (Richter, 2005, p.19) Contudo, apesar desta clara afirmação, passar das palavras para o desenho e sua materialização é tarefa deveras difícil e por vezes, nem sempre consensual.

Mas, tendo em conta a noção da “natureza pública e social de toda a Missa”, (SC 27) defendida pelo Concílio e, querendo este promover uma maior participação de todos, diríamos que se deve tomar, acima de tudo, especial atenção à forma e disposição dos dois elementos (ambão e altar) - que apoiam e possibilitam estes os dois momentos da celebração (da palavra e do mistério) - na sua disposição relativamente à assembleia de fiéis e sacerdote(s). A isto voltaremos mais adiante.

Ainda quanto a esta problemática da celebração da Eucaristia, importa não esquecer que, dentro da estrutura base da celebração, inserem-se excepcionalmente a celebração de outros Sacramentos, e Sacramentais, onde se estabelecem novas relações espaciais e usos, que vão além dos objetos litúrgicos habituais. São eles, entre outros, o Batismo, com a utilização da pia batismal, a Confirmação, com a cadeira do bispo, o Matrimónio, com as cadeiras dos noivos, a Ordem (celebrado habitualmente apenas numa catedral) e as Exéquias, com a colocação do caixão.

Mas, como já referimos, apesar da celebração da Missa ser o motivo principal da existência da igreja, o seu carácter estruturante do espaço, não se esgota em si mesmo. São de facto muitas outras as dimensões comunitárias que uma igreja deve permitir e potenciar como, por exemplo, a recitação do Rosário, a Adoração do Santíssimo Sacramento, ou a Liturgia das Horas. Ações complementares, mas todas elas fundamentais na vivência da fé que, portanto, não podem ser descuradas, como lembra Romano Guardini: “não é admissível, não pode sê-lo nunca, pretender que a liturgia seja a forma única de piedade colectiva. Isso implicaria o gravíssimo erro de desconhecer as necessidades e exigências das necessidades e exigências do povo crente”.²³⁸ (Guardini, 2019, p.9)

Como vemos, são vários, e quase sempre de carácter muito específico, os factores a ter em conta. De que forma podemos lidar com todos eles? Como e o que priorizar?

Encontramos nas palavras de Manuel Amorim uma boa ajuda a fim de o clarificar:

“[...] a igreja é pensada primariamente para a Eucaristia e os restantes espaços articulam-se entre si do mesmo modo que os outros sacramentos e toda a vida da comunidade de oração, da caridade e do apostolado se relacionam com a Eucaristia.” (Amorim, 2006, p.104) (fig.66)

²³⁸ Tradução da citação original: “no es admisible, ni puede serlo jamás, pretender que la liturgia sea la forma única de la piedad colectiva. Ello implicaría el gravísimo error de desconocer las necesidades y exigencias múltiples del pueblo creyente.”

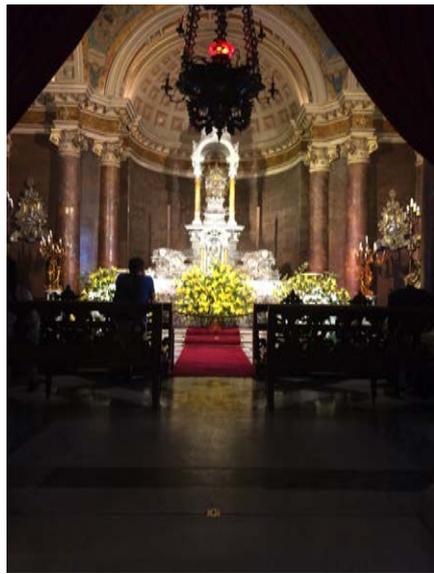
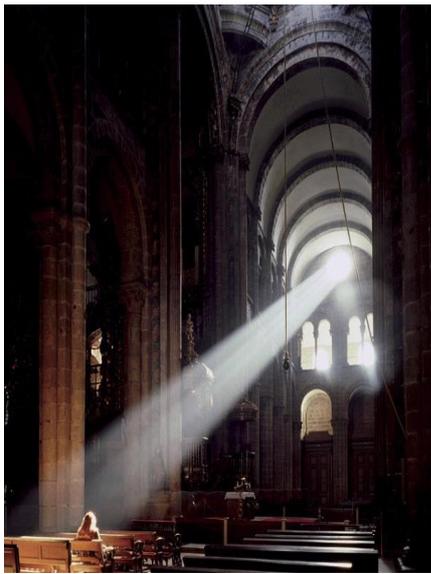
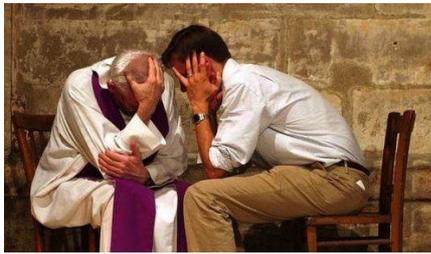


Fig. 67 - Confissão
Fig. 68 - Lettura das Horas
Fig. 69 - Oração Individual
Fig. 70 - Adoração Eucarística

4.2. Dimensão Individual.

Como verificámos no ponto anterior, a igreja não existe com o fim único da celebração da Eucaristia²³⁹, devendo possibilitar ainda diversas outras funções orantes²⁴⁰ complementares, também elas importantes à vida da Igreja. Exemplos disso são a Adoração Eucarística, a reconciliação, a liturgia das horas, e até mesmo a oração individual, que se traduz numa multiplicidade de formas de oração privada, e de expressões de piedade popular²⁴¹. (fig.67 - 70)

Assim, à multiplicidade e complexidade de celebrações comunitárias que o espaço abarca, acrescenta-se a particularidade de dever ser, também, espaço de encontro e recolhimento pessoal, permitindo:

“[...] uma experiência mais individual, onde num ambiente calmo, sereno, de silêncio e paz, propício à introspecção e à reflexão, se possa fazer oração e sentir a presença de Deus. A igreja é, à partida, o local onde homem e Deus entram em contacto, pelo menos é o espaço onde as pessoas se dirigem com abertura e predisposição para uma experiência com o transcendente.” (Marques, 2006, p.41)

Quanto a esta questão, Guardini alerta-nos, em 1918, na sua importante e norteadora obra *O espírito da liturgia*, para algo importante e que todavia permanece nos dias de hoje: “A época moderna trouxe consigo uma profunda transformação da vida. [...] O individualismo avança e explode em todas as ordens da vida”.²⁴² (Guardini, 2019, p.91)

A consciência deste dado faz com que a Igreja se encontre perante um grande desafio, ao qual responde de duas formas, que procuram um equilíbrio. Por um lado, através de celebrações comunitárias, como atrás enunciámos, que em certa medida combatem o individualismo muitas vezes egotista que assola o indivíduo. Por outro, consciente da importância da dimensão individual e da necessidade de a converter em algo positivo, deve criar espaços que possibilitem o recolhimento, oração e adoração pessoal.

Mas, de que forma, num espaço privilegiado para celebrações comunitárias²⁴³, se pode criar um espaço que possibilite a dimensão individual? Como conciliar este dado, em certa medida, oposto à grande escala, que a necessidade de reunião comunitária geralmente obriga?

²³⁹ “A participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual. O cristão, chamado a rezar em comum, deve entrar também no seu quarto para rezar a sós ao Pai, segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar.” (SC 12)

²⁴⁰ Ritos/actos celebrativos, piedade extra-litúrgica.

²⁴¹ “formas de oração privada assim como as várias expressões de piedade popular, realizam, de facto, o sentido genuíno de predispor para a celebração eucarística ou são um prolongar efectivo desta no quotidiano.” (Gomes, 2010, p.137)

²⁴² Tradução da citação original: “La época moderna trajo consigo una profunda transformación de la vida. [...] El individualismo avanza y de reproduce en todos los órdenes de la vida”.

²⁴³ “As acções litúrgicas não são acções privadas, mas celebrações da própria Igreja, que é “sacramento da unidade”, ou seja, o povo santo, reunido e ordenado sob a dependência dos Bispos; por isso, pertencem a todo o corpo da Igreja, que manifestam e afectam; atingem porém cada um dos seus membros de modo diverso, em razão da diversidade das ordens, funções e participação actual.” (CDC 837) Edição original de 1983.

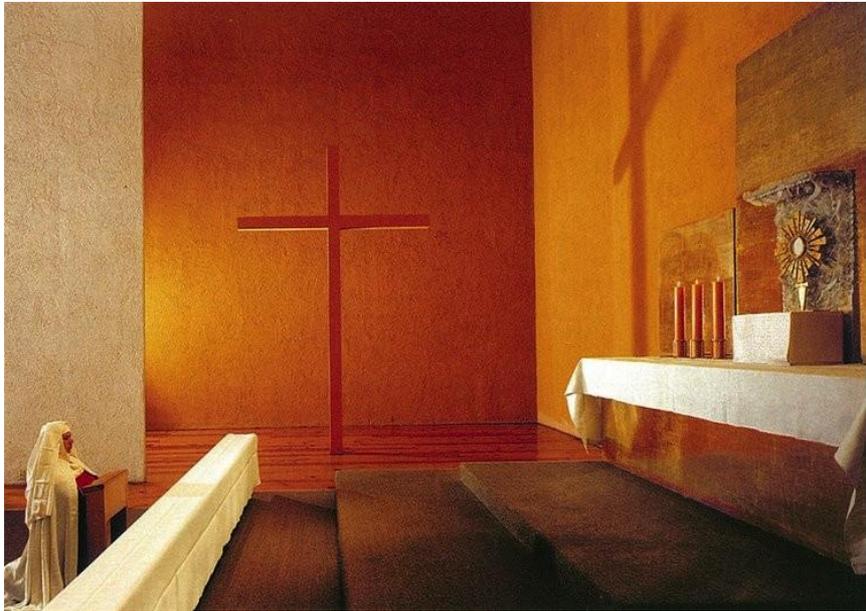


Fig. 71 - Capela do Convento das Capuchinhas, 1960, Cidade do México, Luis Barragán

Quanto a este confronto entre dimensões (comunitárias e individuais) a Comissão Episcopal Italiana dá um claro contributo:

“Este espaço é projectado primariamente para a celebração da eucaristia; por este motivo, impõe-se uma centralidade, não tanto geométrica como focal, da área presbiteral, adequadamente elevada ou, em todo o caso, distinta, em relação à aula.

Além disso, o espaço deve tornar possível o orgânico e ordenado desenrolar, para além da Missa, também dos outros sacramentos (baptismo, confirmação, penitência, unção dos enfermos, ordenação, matrimónio) e sacramentais (funerais, liturgia das horas, bênçãos, etc.), com a margem de adaptabilidade que a prática pastoral possa exigir. Para além disso, os sistemas fixos de acesso e os percursos para a circulação interna, bem como a disposição do equipamento e das alfaias móveis (bancos, cadeiras) da zona dos fiéis devem facilitar os vários movimentos processionais e as deslocações previstas pelas celebrações litúrgicas, bem como a fácil superação das barreiras arquitectónicas.”²⁴⁴ (Commissione Episcopale per la Liturgia Italiana, 1993, p.55)

Quanto a esta questão da materialização de um lugar que permita exercer e exponenciar a dimensão individual, a resposta que imediatamente parece mais natural é definir-se esse espaço através do Sacrário. (fig. 71) Não só devido às indicações eclesíásticas²⁴⁵ - que esclarecem a importância que este objeto litúrgico tem, objetivando a presença de Deus -, mas também por ser já a resposta culturalmente mais enraizada, designadamente em Portugal.

As possibilidades poderão ser muitas outras como, por exemplo, a criação de um espaço totalmente novo, encerrado, um espaço que isole do mundo, sem que haja em redor distrações, quase como que uma cápsula do tempo. Um lugar que poderia servir, tanto como espaço de encontro e recolhimento pessoal como, ao mesmo tempo, de confessionário. Não para tirar protagonismo ao último, mas para dar maior uso a um espaço necessário, como é o confessionário, mas que, na generalidade do

²⁴⁴ Tradução da citação original: “Tale spazio è in primo luogo progettato per la celebrazione dell'Eucaristia; per questo è richiesta una centralità non tanto geometrica, quanto focale dell' area presbiteriale, adeguatamente elevata, o comunque distinta, rispetto all'aula.

Del resto, lo spazio deve rendere possibile l'organico e ordinato sviluppo, oltre che della Messa, anche degli altri Sacramenti (Battesimo, Confermazione, Penitenza, Unzione degli infermi, Ordinazione, Matrimonio) e sacramentali (funerali, Liturgia delle Ore, benedizioni, ecc.), con il margine di adattabilità che la prassi pastorale può esigere.

Inoltre, i sistemi fissi di accesso e i percorsi per la circolazione interna, come pure la disposizione dell'arredo e della suppellettile mobile (banchi, sedie) della zona dei fedeli devono facilitare i vari movimenti processionali e gli spostamenti previsti dalle celebrazioni liturgiche nonché l'agevole superamento delle barriere architettoniche.”

²⁴⁵ “Está mais de harmonia com a natureza do sinal que no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário onde se guarda a Santíssima Eucaristia. A juízo do Bispo diocesano o sacrário pode colocar-se: a) ou no presbitério, fora do altar da celebração, com a forma e a localização mais convenientes, sem excluir algum altar antigo que já não se utilize para celebrar; b) ou também nalguma capela adequada à adoração e oração privada dos fiéis, que esteja organicamente unida à igreja e visível aos fiéis cristãos.” (IGMR 315)

“Capilla para la reserva del Santísimo Sacramento. El lugar de la iglesia o del oratorio en que está reservada la Eucaristía en el sagrario debe ser verdaderamente destacado. Conviene, además, que sea adecuado para la oración privada, de manera que los fieles con facilidad y provecho veneren al Señor en el Santísimo Sacramento con culto privad. Por tanto se recomienda que el sagrario, en cuanto sea posible, se coloque en una capilla separada de la nave central del templo, sobre todo en las iglesias donde se celebran frecuentemente matrimonios y funerales, y en los lugares muy visitados por razón de los tesoros de arte y de historia.” (EM 54)



Fig. 72 - Confessionário da Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo, 2004, Braga, Paulo Providência
 Fig. 73 - Capela Cheia de Graça, Braga, reabilitada em 2017, Cerejeira Fontes
 Fig. 74 - Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja de Cedofeita, reabilitada em 2017, Porto, Cerejeira Fontes

tempo, se encontra vazio e para o qual nem sempre é fácil encontrar uma solução consentânea com a prática e sensibilidade atuais.

São já vários os exemplos existentes que conseguem materializar bem esta ideia de isolamento, permitindo e exponenciando a introspeção, dos quais podemos destacar o confessionário criado pelo arquiteto Paulo Providência, na intervenção realizada em 2004 na Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo, em Braga (fig. 72); a Capela Cheia de Graça, em Braga; (fig. 73) e a Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja de Cedofeita, no Porto, intervencionada em 2017/2018, pelo escritório de arquitetura Cerejeira Fontes. (fig. 74)

Todos estes, espaços que nos transportam para uma outra dimensão e estado de espírito, predisõem-nos à oração, reflexão e contemplação. Lugares de refúgio, até mesmo de esconderijo, esconderijo ao tempo - esse monstro que constantemente persegue o Homem e cada vez mais velozmente - e às preocupações do dia a dia. Um lugar que deve haver sempre numa igreja, procurando materializar o conforto de Deus, quando não há celebrações.

Para isso, seja capaz a Igreja também, de dialogar com artistas contemporâneos que trabalhem este tipo de problemática. Recordamos, por exemplo, Anishi Kapoor, cujas obras (instalações arquitetónicas), constantemente nos interpelam e nos transportam para lugares e sensações inesperadas pois, como nos recordam vários personagens importantes da história da Igreja, a Igreja precisa dos artistas: “Nós temos necessidade de vós – disse ele –. O nosso ministério precisa da vossa colaboração.” (Papa Paulo VI citado por Papa Bento XVI, 2009)

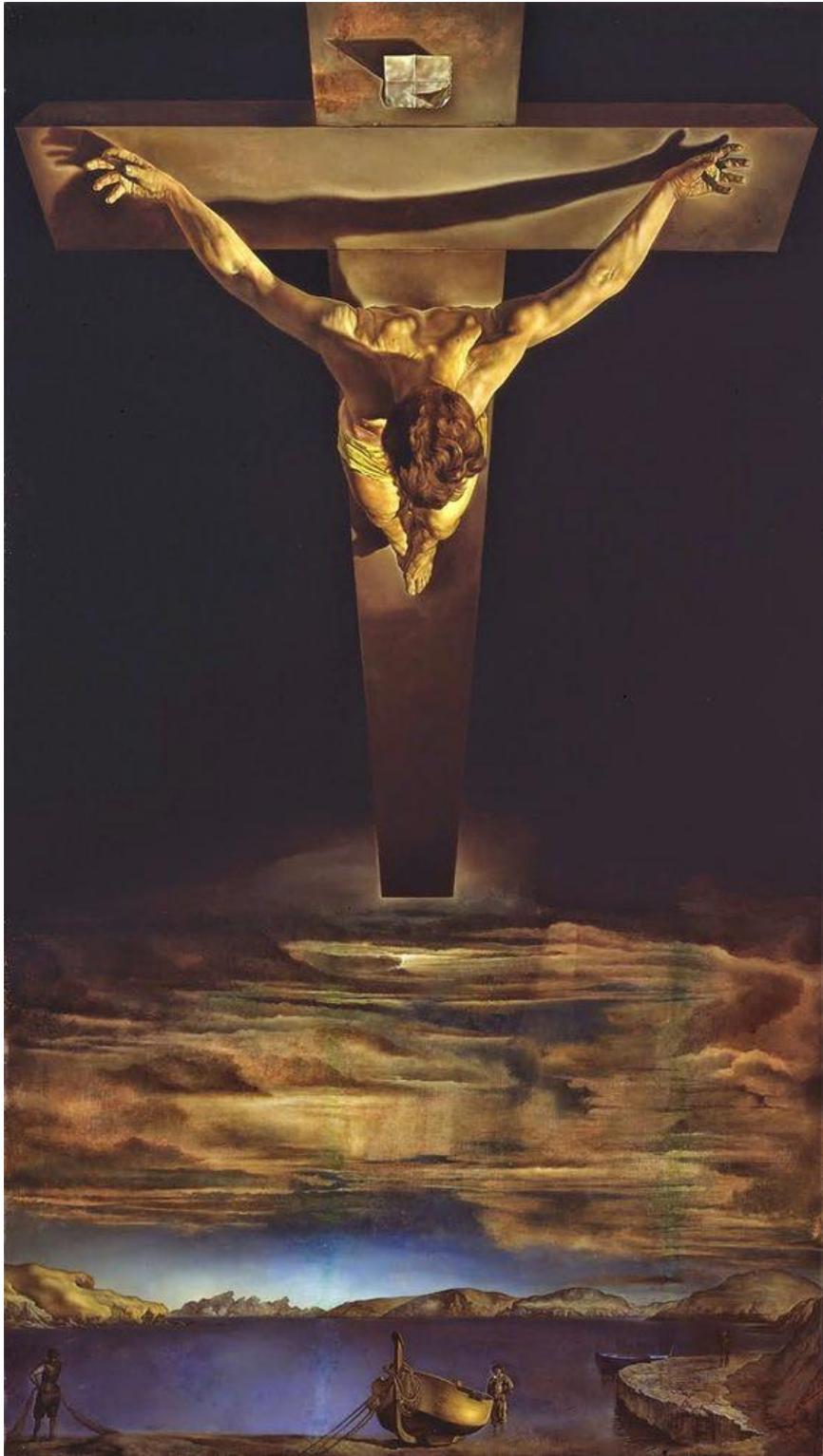


Fig. 75 - Cristo de São João da Cruz, 1951, Salvador Dalí

5. Dimensão simbólica, prática e organizacional dos principais objetos litúrgicos.

“Na construção de novas igrejas ou na restauração e adaptação das antigas, todo cuidado deve ser tomado a fim de que estejam adequadas para se celebrar os serviços litúrgicos de forma autêntica e possam assegurar a participação ativa dos fiéis” (IO 90)

A imagem que uma igreja estabelece provém da integração e utilização de diversos objetos, os quais nomeamos de objetos litúrgicos - dois quais, a grande maioria, senão mesmo a sua totalidade, acompanha, desde sempre, a história das igrejas, ganhando diversas formas e protagonismo ao longo dos tempos. Estes possibilitam a realização das celebrações específicas ao culto católico e imprimem ao espaço um simbolismo próprio, desempenhando assim uma dual “função prática e simbólica”. (Gomes, 2010, p.135)

Por serem vários os objetos e distintas as suas funções e simbolismos, a sua definição formal, material e organizacional deve ser conseguida através de um grande equilíbrio pois:

“Na vida da liturgia o crente encontra-se perante um mundo de imagens, sinais, e coisas, cheias de conteúdo: gestos, movimentos, acções, vestimentas, objectos materiais para o culto, lugares e tempos determinados, etc. Diante todo este mundo de realidades cabe perguntar: Que sentido e propósito tem tudo isto para o tratamento da alma com Deus?”²⁴⁶ (Guardini, 2019, p.49) (fig. 75)

Esta pergunta, colocada desde o princípio, pelos padres da Igreja dos primeiros séculos, deve permanecer sempre ao longo de todo o processo projetual, até porque, o caminho que o Concílio Vaticano II procurou fazer na reorganização do espaço litúrgico, incidiu exatamente sobre esta problemática: a busca da simplificação, da clareza, e do essencial, como indica, entre muitos outros, o artigo cinquenta da *Sacrosanctum Concilium*²⁴⁷.

Com a reforma litúrgica saída do Concílio, a dimensão simbólica, prática e organizacional dos objetos litúrgicos veio ganhar novos contornos e, considerando o desenvolvimento da arquitetura e arte religiosas, confrontando-a com a imagem dominante na altura (movimento moderno), percebe-se que o caminho teria necessariamente que passar por substituir algumas premissas, formas e estilos, fazendo-os corresponder às exigências da mentalidade tão forte daqueles tempos, passando a compreender-se que:

²⁴⁶ Tradução da citação original: “En la vida de la liturgia el creyente se encuentra de pronto ante un mundo de imágenes, de signos y de cosas, llenos de contenido: gestos, movimientos, acciones, vestiduras, objectos materiales para el culto, lugares y tiempos determinados, etc. Ante este mundo de realidades cabe preguntar: Y qué sentido y finalidad tiene todo esto para el trato del alma con Dios?”

²⁴⁷ “Que os ritos se simplifiquem, bem respeitados na sua estrutura essencial; sejam omitidos todos os que, com o andar do tempo, se duplicaram ou menos utilmente se acrescentaram; restaurem-se, porém, se parecer oportuno ou necessário e segundo a antiga tradição dos Santos Padres, alguns que desapareceram com o tempo.” (SC 50)

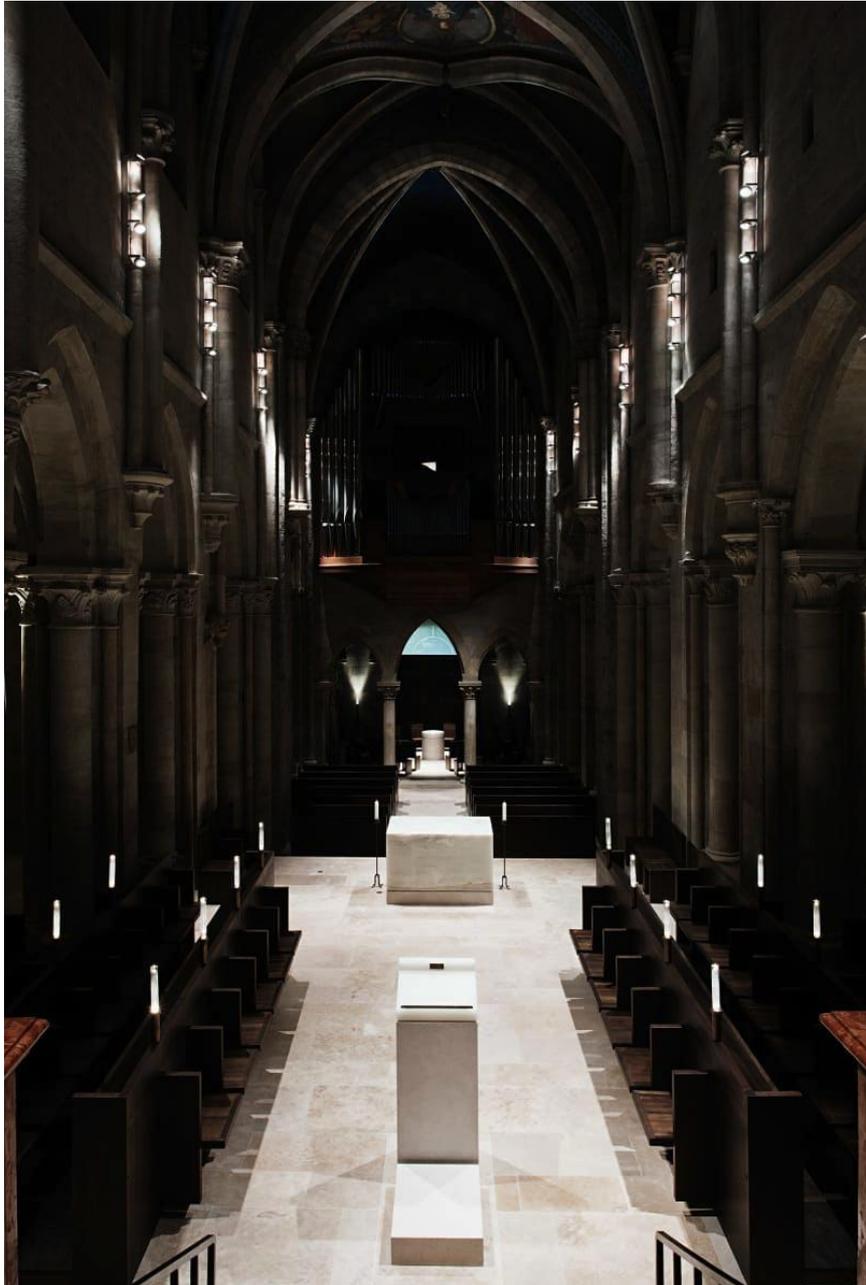


Fig. 76 - Igreja da abadia Beneditina de Pannohalma, séc. XX, Hungria, reabilitada em 2014 por John Pawson

“A simplicidade e o despojamento são os caminhos mais fáceis para atingir o belo e o sublime. Não é preciso encher o local de celebração com muita coisa, muita decoração e muito simbolismo. [...] Um lugar muito cheio de coisas tende a esvaziar a alma humana. O vazio, pelo contrário, tende a se encher pelo espírito.” (Machado, 2001, p. 67) (fig. 76)

Tendo em conta as matrizes da reforma e conscientes que nenhum objecto litúrgico é dispensável, assim o afirma o rito, parece-nos, no entanto, importante, realizar um exercício, apontando quais os objetos litúrgicos para que a celebração da Missa, num dia normal²⁴⁸, se torne possível²⁴⁹?

Perante esta questão diríamos que, de todos eles, talvez o único e indispensável para a celebração seja o altar, devido à sua importância prática para o cumprimento da celebração. Pois, ao invés dos restantes objetos litúrgicos, sem os quais é possível exercer a ação litúrgica, sem a existência do altar tal já não se torna possível, uma vez ser determinante para o apoio da ação eucarística. Um exemplo em que tal se verifica é o caso das missas campais, onde, por vezes, o único objeto presente é o altar pois, “Para a celebração da Eucaristia, entretanto, são necessários pães e vinho, por isso o altar é o suporte para o prato com esses pães e um cálice com o vinho e, para o cumprimento do ritual, o missal; evidentemente, também uma toalha, corporal, sanguinho e pala.” (Lima, 2010, p.6)

Esta razão prática confere-lhe assim, desde os primeiros tempos, uma particular importância, sendo a ela aliada uma outra razão que lhe imprime ainda mais destaque: o facto de a celebração eucarística, durante muito tempo, ter exercido um papel preponderante na ação litúrgica, devido ao peso das seguintes palavras: “Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna”²⁵⁰. (Jo 6, 54) Compreende-se assim o porquê de, durante muito tempo (e ainda nos dias de hoje), o ponto central do espaço litúrgico, ou se quisermos, o ponto de fuga do espaço litúrgico, seja o altar²⁵¹.

Acrescentando um novo nível à questão, e na mesma linha de raciocínio, que outros objetos litúrgicos definem uma igreja e possibilitam a celebração da Missa?

Conclui-se que o ambão, o sacrário, a pia batismal, a presidência e a assembleia são elementos

²⁴⁸ Queremos com isto dizer, sem a realização de batismos, ou outros Sacramentos, que por sua vez necessitam de objetos complementares.

²⁴⁹ Esta pergunta advém do facto de, por vezes, suceder celebrar-se missa fora da igreja. Por sua vez, muitas das vezes, sem todos os objetos litúrgicos necessários e próprios, no entanto, igualmente válidas, como a própria IGMR indica: “A celebração da Eucaristia em lugar sagrado faz-se sobre o altar; fora do lugar sagrado, também pode ser celebrada sobre uma mesa adequada, coberta sempre com uma toalha e o corporal, e com a cruz e os candelabros.” (IGMR 297)

²⁵⁰ Importa recordar que apenas com o Concílio Vaticano II é restituída a importância da Mesa da Palavra, o que por sua vez clarifica que o espaço se define, sobretudo, não apenas num foco (Mesa Eucarística), mas dois (Mesa Eucarística e Mesa da Palavra).

²⁵¹ No primeiro capítulo, é possível perceber o papel central que o altar sempre desempenhou, antes mesmo da vinda de Cristo, e que prevaleceu, constantemente, no desenrolar dos anos até aos dias de hoje.



Fig. 77 - Representação da última Ceia, Mihai Coman

necessários e identificantes²⁵² de uma igreja e, por isso, serão estes seis objetos litúrgicos, que passaremos a analisar, na sua perspectiva simbólica, prática e organizacional, cientes de que, “Mais do que meros objetos funcionais, estes lugares devem ser sinais (ícones) da realização da profecia, do memorial e do anúncio escatológico daquilo que acontece nos sacramentos da Igreja.” (Costa, 2017, p.64)

5.1. Mesa eucarística - altar

“O altar-mor deve ser preferencialmente separado da parede, para permitir que se caminhe ao redor dele e se celebre de frente para o povo. Sua localização no lugar de culto deve ser verdadeiramente central, de modo que a atenção de toda a assembleia se volte naturalmente para ele. A escolha dos materiais para a construção e adorno do altar deve respeitar as prescrições legais. A área do santuário deve ser espaçosa o suficiente para acomodar os ritos sagrados.” (IO 91)

Desde sempre, o altar²⁵³ - no qual se recorda e celebra a última ceia²⁵⁴, o sacrifício de Cristo na Cruz e sua ressurreição - desempenhou um papel preponderante no espaço litúrgico, estabelecendo, até aos dias de hoje, várias representações e posições no espaço²⁵⁵.

Como compreendemos, através do estudo das *domus ecclesia*²⁵⁶, nos primeiros tempos, a celebração Eucarística tratava-se verdadeiramente de uma Ceia em redor da mesa²⁵⁷, (fig. 77) num culto, “autenticamente esotérico, traduzido em banquetes rituais que prefiguravam a missa, enunciando novos “mistérios” como os da Ressurreição, consubstanciada pela reiteração e difusão de textos, parábolas e histórias entre o lendário e o histórico.” (Pereira, 2014, p.156)

Porém, a dificuldade em colocar todos em redor da mesma mesa e o progressivo desvirtuamento do verdadeiro significado da celebração, foram “motivo para separar muito cedo a refeição comum da ceia do Senhor, e antecipar esta última para o início da manhã”. (Richter, 2005, p.82) Assim:

²⁵² Esta expressão, da autoria de Valenciano (VALENCIANO, C. “Architettura Liturgica”, em CHUPUNGCO, Anscar J. (dir.). Scientia Liturgica. Manuale di Liturgia V: tempo e spazio liturgico. Casale Monferrato: Piemme, 2000. p. 423.) parece-nos muito interessante, uma vez definir os elementos que identificam o interior do espaço litúrgico como lugar de culto cristão, pelo menos nas Igrejas Católicas, Orientais e Anglicanas.

Para Valenciano, as qualificações identificantes são três: o altar, o ambão e o batistério. Transportando esta expressão para a nossa análise e, por isso, restringindo-nos à Igreja Católica Apostólica Romana, diríamos que as qualificações identificantes seriam: a mesa eucarística (altar), a mesa da palavra (ambão), o batistério, o sacrário e o cruz.

²⁵³ “O vocábulo “altar” é composto por um adjetivo, ou por um participio, e por um nome: *alta - ara*. A primeira parte do termo poderia derivar tanto do adjetivo latino *altus/ a / um*, como do participio do verbo *alere* = nutrir; por isso pode indicar uma “estrutura alta”, ou uma estrutura com a função de “nutrir”. A segunda parte do vocábulo derivaria do verbo latino *adere*: arder, queimar. O altar aparece, portanto, como *lugar do fogo*.” (Costa, 2017, p.48)

²⁵⁴ “A mesa da Ceia do Senhor neste mundo mostra que o único mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, toma lugar à mesa fraternalmente com os seus.” (Richter, 2005, p.35)

²⁵⁵ “Da mesa situada no centro do templo à progressiva ocultação do sacrifício, que progressivamente se assume e define como mistério, remetendo o altar para zonas cada vez periféricas até ao fundo da abside, há um longo caminho a percorrer”. (Roque, 2004, p.4)

²⁵⁶ Consultar sub-capítulo I.I.

²⁵⁷ Importa recordar, que os objetos litúrgicos nascem da utilização de objetos de uso doméstico e daí se desenvolvem. Assim, inicialmente, o altar era definido por uma “alfaia móvel e com características domésticas” (Roque, 2004, p.142)



Fig. 78 - Pintura do séc. IV, catacumbas de Domitila, Roma, autor desconhecido.
 Fig. 79 - Pintura do séc. II-IV, catacumbas de Proscila, Roma, autor desconhecido.
 Fig. 80 - Mosaico do séc. VI, Basílica de Santo Apolinário Novo, Ravena, autor desconhecido.
 Fig. 81 - Mosaico do séc. IV-V, Baptitério da igreja de São João, Florença, autor desconhecido.
 Fig. 82 - Pintura do séc. XV, Catedral de Segorbe, Jaume Baçó.
 Fig. 83 - Pintura do séc. XVI, Master of Portillo.

“[...] deixou-se apenas uma única mesa (ou eventualmente tripé), mais alta e apta para os utensílios. Poderia ter sido relativamente pequena, porque necessitava apenas de ter espaço para os dons eucarísticos, e quase não necessitava de adornos, ou de velas, ou mesmo de um Missal. O celebrante estava de pé atrás da mesa, os restantes dispunham-se à sua frente em meio-círculo ou em círculos concêntricos”. (J.H. Emminghaus citado por Richter, 2005, p.81)

É interessante notar esta particularidade e novidade que o culto cristão apresenta tão claramente na representação do altar como mesa que, apesar de assumir também um simbolismo de altar sacrificial - que advém do facto de Jesus se ter oferecido “a si mesmo como cordeiro e vítima” (Costa, 2017, p.62) no madeiro da cruz -, e de, por isso, haver uma “dupla valência, sacrificial e convivial” (Costa, 2017, p.49), foi a segunda valência que prevaleceu (convivial). Razão que se percebe pelo facto de que, o que Jesus disse para fazerem em Sua memória, não foi imolarem alguém, mas sim que, se reunissem em comunidade a fim de que se cumprisse e se perpetuasse para sempre o ritual que havia instaurado, do qual comungariam do Seu corpo e sangue.

Assim, uma vez que a última ceia se tratou de um banquete em redor de uma mesa e, dado que o ritual cristão não implica que vítimas sejam imoladas e a seguir consumidas pelo fogo, não existe necessidade de um altar de material incombustível (requisito que a pedra preenche e a madeira não), o que fez com que naturalmente prevalecesse a representação do altar como uma mesa em madeira. Compreende-se portanto que, ao contrário do altar das antigas religiões, em que “é notório que todas indicam uma estrutura de pedra, com a capacidade para acolher as ofertas feitas à divindade (sacrifício)”, (Costa, 2017, p.49) o altar cristão se afasta totalmente dessa identidade sacrificial.

E, se dúvidas existissem relativamente à representação original do altar como mesa, e da Eucaristia como um momento celebrativo, a história da arte confirma-o²⁵⁸ (fig.78 - 83), como se vê em “algumas pequenas imagens nos frescos das catacumbas” (Costa, 2017, p.57) cuja representação mostra que era de madeira “de pequenas dimensões, redondos ou em forma de sigma, semi-circulares ou em forma de ferradura.” (Costa, 2017, p.57)

A reforçar a ideia de altar convivial sobre o sacrificial está ainda o facto de ser de uso obrigatório uma toalha sobre o altar, que enfatiza a representação da ceia, da mesa da refeição, podendo ainda ser “acrescida no seu carácter festivo, por uso oportuno de velas e de flores.” (Costa, 2017, p.76)

A primeira grande alteração sofrida por este objeto litúrgico - a uniformização da utilização de altares em pedra - dá-se aquando da fusão da Igreja Católica com o Império²⁵⁹, passando, a mesa da

²⁵⁸ “A história da arte apresenta-nos frequentemente o altar antigo através da imagem da mesa.” (Costa, 2017, p.72)

²⁵⁹ “Todavia, já no século IV, o altar era quase sempre de pedra”. (Costa, 2017, p.57) “Somente sob o Papa Gregório I, por volta do ano 600, é que em São Pedro, em Roma, são tomadas providências para um altar fixo.” (Richter, 2005, p.82)

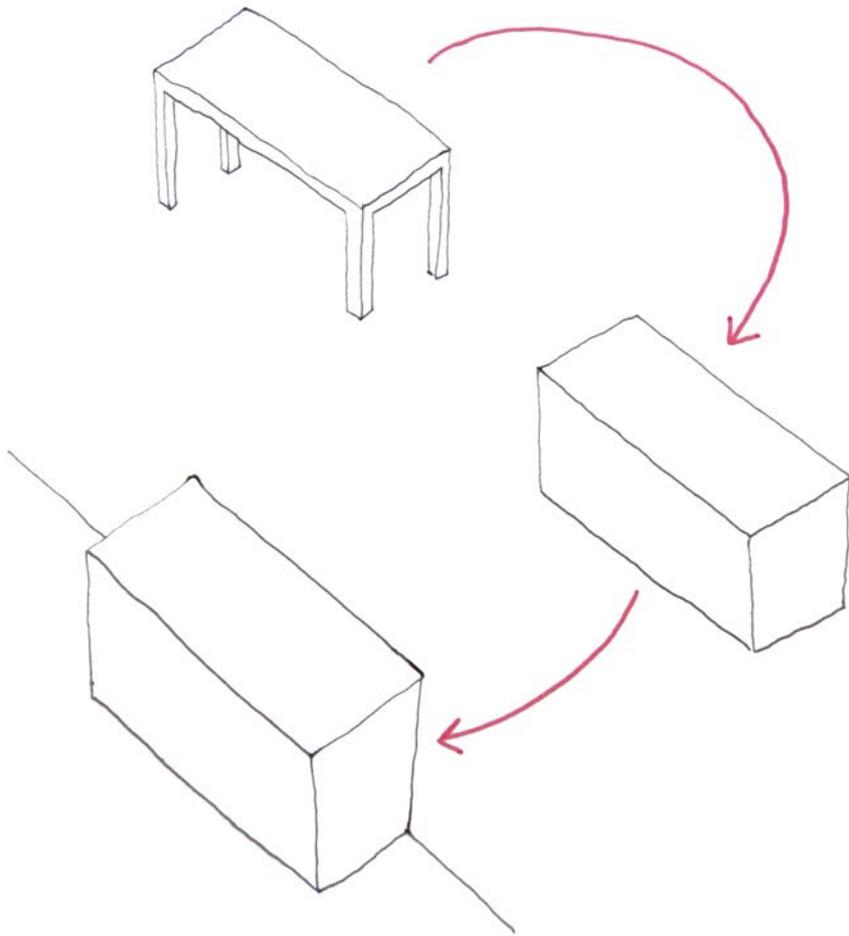


Fig. 84 - Esquema sobre o altar

ceia, em madeira, a “objecto sagrado, fixo e pétreo”²⁶⁰. (Roque, 2004, p.142)

Uma alteração que poderá ter que ver com três motivos: a sumptuosidade que as igrejas e seus objetos passaram a tomar aquando da religião católica como religião do Império (anteriormente aprofundada no sub-capítulo I.I); o facto da conversão de edifícios pagãos em igrejas cristãs, ter levado, por vezes, à transformação “em altar cristão uma ara pagã, que era de pedra”²⁶¹ (Arocena, 2006, p. 30); mas também, o facto de que:

“O sangue dos mártires apareceu muito cedo como continuidade da imolação de Cristo. Sobre o templo destas testemunhas, primeiramente celebrando juntamente com o *refrigerium*, que consistia num banquete fúnebre, era celebrada a eucaristia, a fracção do pão. Com o passar do tempo, o aspecto sacrificial do rito começou a prevalecer sobre o aspecto convivial. O templo do mártir torna-se o altar e sublinha, privilegiando, a dimensão sacrificial da eucaristia.” (Costa, 2017, p.58)

Uma ideia que ganhou força “a tal ponto que o altar não poderá ser dedicado se nele não for colocado o corpo de um santo ou, pelo menos, algumas relíquias.” (Costa, 2017, p.59)

Contudo, apesar destas alterações, as primeiras Basílicas preservavam ainda a espacialidade litúrgica central existente nas primeiras comunidades cristãs, mas pouco tempo durou pois, a crescente tendência do “direccionamento das igrejas para Oriente”²⁶², (Richter, 2005, p.84) faz com que “a disposição do espaço do altar se modifique.” (Richter, 2005, p.84) Sendo que o motivo principal desta radical alteração se pode encontrar na origem e desenvolvimento das ordens monásticas, como anteriormente constatámos no sub-capítulo I.II.

Apesar do “desenvolvimento da patrística²⁶³ e dos cânones saídos das reuniões conciliares”, (Roque, 2004, p.142) o afastamento de ritos e símbolos pagãos - como o caso da construção das igrejas orientadas para oriente - foi um processo de definição de “regras que marcassem a separação entre ambos” (Roque, 2004, p.142) muito demorado e exigente. Não obstante as muitas alterações nas igrejas e na posição do altar no espaço celebrativo, é interessante notar que, este tipo de orientação se mantém até à Contrarreforma.

Apesar de o altar ainda se encontrar *versus populum*²⁶⁴, seguidamente encosta-se à parede, (fig. 84)

²⁶⁰ “A forma do altar como mesa é, porém, modificada para a forma de altar em bloco ou altar tumular, um desenvolvimento que estava também em sintonia com o culto das relíquias. A acentuação excessiva do carácter sacrificial da celebração da Missa, na Idade Média, conduz a uma forma de verdadeira pedra para o sacrifício.” (Richter, 2005, pp.82-83)

²⁶¹ Tradução da citação original: “En ocasiones, se transformó en altar cristiano un ara pagana, que eran de piedra.”

²⁶² “transferência de valores do mundo pagão” (Roque, 2004, p.142) que “associava Cristo ao sol nascente.” (Roque, 2004, p.142)

²⁶³ “Chamamos de “Padres da Igreja” (Patrística) aqueles grandes homens da Igreja, aproximadamente do século II ao século VII, que foram no Oriente e no Ocidente como que “Pais” da Igreja, no sentido de que foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma foram responsáveis pelo que chamamos hoje de Tradição da Igreja; sem dúvida, são a sua fonte mais rica. Padre ou Pai da Igreja se refere a um escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Igreja antiga, considerado pela Tradição como um testemunha da fé.” (Cleofas, 2013)

²⁶⁴ Expressão do latim que significa “virado para as pessoas”. Utilizada para designar a celebração da Missa na qual o Padre celebra de frente para a assembleia e não de costas (*ad orientem* - “para o oriente”)



Fig. 85 - Basílica de Eufrosiana, séc. II-IV, Porec, Croácia
 Fig. 86 - Igreja de Santa Maria de Gondar, séc. XIII, Amarante, Portugal
 Fig. 87 - Igreja da Sé Velha, séc. XII-XIII, Coimbra, Portugal
 (retábulo-mor, séc. XV-XVI, Olivier de Gand e Jean d'Ypres)
 Fig. 88 - Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência
 séc. XVII-XVIII, Rio de Janeiro, Brasil

numa nova alteração que vem romper totalmente com a tradição comunitária da celebração, mantendo-se assim até ao Concílio Vaticano II. Uma modificação que, apesar de não se compreender totalmente o motivo²⁶⁵, poderá encontrar explicação no facto já atrás enunciado de, “nas catacumbas encontrarmos o túmulo do mártir, embelezado com o arcossólio, a desempenhar a função de altar. Como este estava inserido na parede, tal obrigava o sacerdote, durante a celebração da eucaristia, a voltar as costas aos participantes.” (Costa, 2017, p.59)

Agora, transportado do centro para o fundo da parede Oriental²⁶⁶, o altar, “simples e de pequenas dimensões transformou-se numa superfície oblonga, integrada numa estrutura que englobava frontais, relicários, tabernáculo e retábulos e de um cada vez mais numeroso conjunto de alfaia em exposição.” (Roque, 2004, p.141) Ao ponto de se passarem a colocar “alguns degraus para a ele chegar, assumindo cada vez mais a função de monumento, como expressão de glória e de honra.” (Costa, 2017, pp.60-61) É aí que, por muitos anos, se passa a estabelecer e desenvolver o espaço do altar, distante dos fiéis e da vivência litúrgica dos primeiros cristãos, transformando progressivamente o que “se tratava de uma única oração unitária dirigida a Deus Pai” (Richter, 2005, p.85) em algo exclusivo aos clérigos. Pois, encontrando-se então o altar na abside e, dado o desenvolvimento monacal e colegial, este local vê-se envolto de clérigos que, em grande número e sentados em bancos, fazem diminuir o espaço possível para os fiéis e os afasta visual e fisicamente, ainda mais, do altar²⁶⁷: (fig. 85 - 88)

“Nas igrejas grandes a assembleia já não consegue seguir o que acontece no altar, tanto mais que também o sacerdote se coloca entre ela e o altar.

Paralelamente modifica-se também a devoção eucarística. A Missa celebrada em latim, na qual para além disso, a parte principal - a oração eucarística - era dita em voz baixa, já quase não podia ser ouvida.” (Richter, 2005, pp.84-85)

Afastados então da vivência litúrgica, os fiéis procuram alimentar a sua fé das mais piedosas formas²⁶⁸. Assim, a devoção popular ao “culto das relíquias e o ideal de peregrinação provocam novos ritmos na sua utilização e outras exigências”, (Roque, 2004, p.4) o que fez com que, quando não havia “possibilidade de construir uma igreja ao seu santo protector, preparavam para ele uma

²⁶⁵ “Algún tiempo más tarde y por razones todavía desconocidas, se introdujo el hábito de celebrar con espaldas vueltas hacia el pueblo” (Cobián, 2000, p.66)

²⁶⁶ “delinear as relações espaciais do altar com o templo, ou seja, apresentar o seu percurso desde o centro, um ponto nuclear no cruzamento dos eixos da igreja, à periferia, ao fundo da abside, cuja localização é definida e confirmada pelo Concílio de Trento” (Roque, 2004, p.6)

²⁶⁷ “o altar distancia-se consideravelmente da assembleia, o que é ainda reforçado pelo facto de os numerosos clérigos não se sentarem já em bancos ao lado do bispo, mas- tal como nas igrejas monacais e colegiais- sentem-se frente a frente em filas de bancos dispostos nas paredes norte e sul do espaço do altar. Isto tem como consequência que a abside, originariamente pequena, em cuja entrada estava o altar, se desenvolva até formar um espaço frequentemente comprido, aos qual a assembleia deixa de ter acesso.” (Richter, 2005, p.84)

²⁶⁸ “mistérios divinos, que cada vez mais não sendo retirados da vista do povo. O único Mediador Jesus Cristo é cada vez mais empurrado para luz inacessível da divindade, de tal forma que os fiéis, agora reduzidos a súbditos, têm que se erigir a novos mediadores: a Mãe de Deus e os Santos. Com isso teve início um desenvolvimento que marca toda liturgia e a piedade da Idade Média e dos séculos seguintes.” (Richter, 2005, p.21)

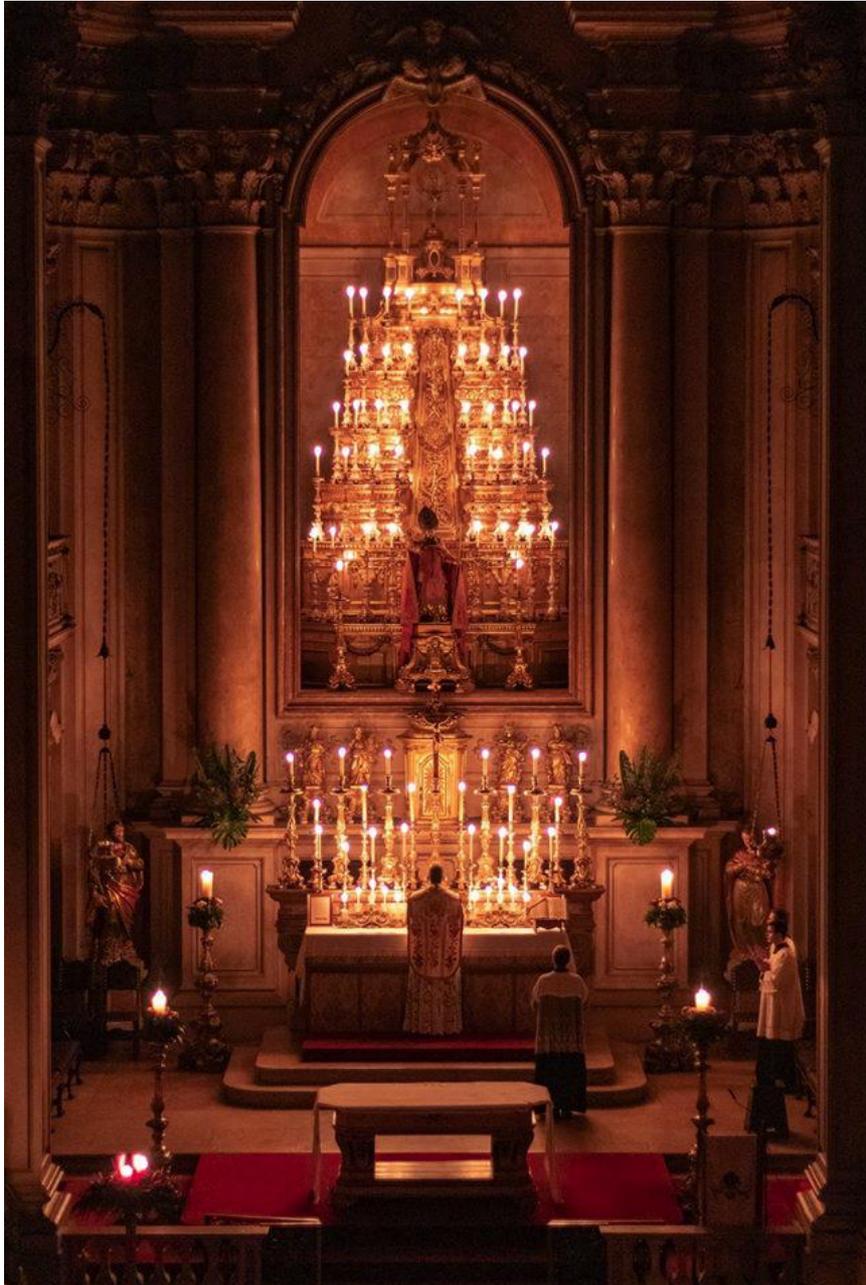


Fig. 89 - Igreja de São Nicolau, séc. XIII, Lisboa

capela num dos lados da igreja principal, e nela colocavam um altar” (Costa, 2017, p.61), dando origem a novos elementos e configurações nas igrejas:

“Regista-se, então, o conceito de altar-mor²⁶⁹, o principal numa igreja em relação aos que lhe são secundários, ou central em relação aos secundários. Mas também provocou o aparecimento de novas soluções como o espaço do deambulatório²⁷⁰”. (Roque, 2004, p.4)

Com o Renascimento dá-se uma “ruptura em relação à estética medieval [...]. Se na época anterior prevalecera a forma, a produção maneirista privilegia o significado e a função”. (Roque, 2004, p.5) Outro aspecto que começa a ganhar cada vez mais importância na vida da igreja foi a hóstia consagrada, a exposição do Santíssimo Sacramento, sinal real do Deus vivo, agora que, vista à distância, ganha cada vez mais força na devoção popular²⁷¹. Isto faz com que no barroco seja exonerada ao máximo a importância do Santíssimo Sacramento, passando a situar-se sobre o altar:

“Nalguns lugares tem-se mesmo a impressão de que o altar é apenas o suporte para o tabernáculo²⁷², ao qual se acrescenta ainda o trono da exposição da custódia para a adoração do pão eucarístico.” (Richter, 2005, p.86) (fig. 89)

Em meados do século XIX, com o Movimento Litúrgico e, sobretudo entre as duas Guerras, no século XX, uma “nova” ideia de espaço litúrgico começa a surgir, procurando “restituir ao altar o seu significado e dignidade próprios”. (Richter, 2005, p.86) No entanto, e apesar do notável esforço e do trabalho desenvolvido, a generalidade apresenta “uma elevação desmedida sobre o espaço dos fiéis através de uma colocação de degraus, em forma de palco, afastando-o, assim, ainda mais da assembleia”. (Richter, 2005, p.86) O que nos leva a compreender que:

“Com excepção do Palácio de Rothenfels e de algumas construções novas após a Segunda Guerra Mundial, que pela primeira vez tentam concretizar a planta emanel aberto, será apenas a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II a fazer com que o altar, tal como nos primeiros tempos da Igreja, se torne de novo “o centro da acção de graças

²⁶⁹ “O seu grau de importância era expresso pela presença de um tabernáculo, pelo número de velas e candelabros.” (Costa, 2017, p.61)

²⁷⁰ Para responder ao querer dos fiéis em se aproximarem das relíquias nasce o deambulatório, o qual “inseria-se no percurso da procissão em torno das relíquias presentes no altar, permitindo contornar lateralmente a igreja, sem interferir nos rituais que decorram na nave central e no presbitério.” (Roque, 2004, p.145)

²⁷¹ “Na vida de fé da Idade Média, a adoração do Santíssimo Sacramento posto torna-se mais importante do que a própria Missa. E isto, por sua vez, tem de novo consequências sobre a forma do altar.” (Richter, 2005, p.85)

²⁷² O tabernáculo, como referimos no primeiro capítulo, tratou-se do primeiro templo do povo hebraico (judeus) e tinha a particularidade de ser móvel. Neste caso a palavra “tabernáculo”, quer dizer Sacrário, o lugar de Deus, onde se encontram depositadas as hóstias consagradas e que habitualmente todas as igrejas têm.



Fig. 90 - Imagens de Missas num campo de férias do Camtil

celebrada na Eucaristia” (IGMR 259 [296]), precisamente a mesa do Senhor.” (Richter, 2005, p.87)

Como verificámos no sub-capítulo anterior (II.II), com o concílio, o altar perde o privilégio do protagonismo exclusivo que detinha até então, igualando-o à mesa da palavra, o que faz com que seja necessário repensar e reorganizar o espaço litúrgico.

Quanto a esta problemática, há um factor prático determinante que confere ao primeiro maior destaque, já anteriormente referido no ponto 4, “Dimensão da multiplicidade funcional”, mas que passaremos a clarificar melhor.

Para além do importante valor simbólico, de “lugar anamnético do sacrifício da cruz, mas também mesa da ceia cristã” (Lima, 2010, p.6), o altar desempenha uma importância prática que se lhe não pode retirar. (fig. 90) Talvez também por este facto, os Padres Conciliares tenham enfatizando tanto a questão da importância da Palavra, de um lugar e materialização dignos para a mesma. Pois, apesar de não ser expressamente necessário um ambão para proclamar as Sagradas Escrituras - uma vez apenas os livros e as próprias mãos servem para o efeito - o momento da liturgia da Palavra deve inscrever-se de sumptuosidade e simbolismo, devendo, para isso, ter um lugar e estrutura próprios.

Um dos pontos de difícil concordância prende-se exatamente com a sua materialização pois, a dualidade simbólica que atrás denotámos, faz com que seja difícil chegar a um consenso quanto à sua representação.

Por um lado, o carácter sacrificial faz com que a materialização do altar se deva aproximar de uma pedra²⁷³; por outro, ao ser mesa da Ceia, faz com que a materialização se deva aproximar de uma mesa, representação, de resto, assumida pelas primeiras comunidades cristãs. Apesar da tendência para a primeira solução, e de ser pouco aceite a segunda, o certo é que:

“Os altares de madeira duraram muito tempo na Igreja; Tanto que, na época carolíngia, foi necessária uma prescrição especial que os proibisse. No entanto, a primeira disposição proibitiva do altar de madeira encontramos no cânon 26 do conselho de Epaon (517) na Borgonha”.²⁷⁴ (Arocena, 2006, p. 29)

Contudo, apesar da sua proibição e de se ter generalizado o uso do altar pétreo, “continuar-se-à a construir altares de madeira até aos nossos dias”. (Costa, 2017, p.57) Importa notar que a própria

²⁷³ Importa recordar que, o altar - no qual se recorda e celebra a última ceia e o sacrifício de Cristo na Cruz - como representação pétreo, surge do aproveitamento de um objeto de “herança pagã dos sacrifícios públicos em honra dos deuses” (Roque, 2004, p.142), que marcava a “distância e a proximidade entre os homens e os deuses, aos quais se pede clemência e auxílio, e se rende graças pelo favor recebido”. (Milan; Matos, 2015)

²⁷⁴ Tradução da citação original: “Los altares de madera duraron largo tiempo en la Iglesia; tanto que en la época carolingia fue necesaria una prescripción especial que los prohibiera. Sin embargo la primera disposición prohibitoria del altar de madera la encontramos en el canon 26 del concilio de Epaón (517) en la Borgoña.”



Fig. 91 - Altar igreja de Cedofeita, Porto
Fig. 92 - Altar igreja da Serra do Pilar, Gaia

Instrução Geral do Missal Romano o permite²⁷⁵: o altar pode ser fixo ou móvel²⁷⁶.

Inseparavelmente ligada à materialidade encontra-se a forma, também esta de difícil consenso. Alguns defendem que “A forma rectangular, ainda que de dimensões não exageradas, cria sempre psicologicamente uma frente e uma barreira”, (Costa, 2017, p.67) o que faz com que uma volumetria mais quadrada, por vezes, seja aconselhada. No entanto, já vimos que inicialmente esta era até circular, ou em forma de ferradura.

Quanto a esta última possibilidade, é curioso notar a polémica criada em redor da adaptação realizada na igreja da Serra do Pilar, na nova disposição central encontrada com o fim de responder à reforma litúrgica. Uma solução que, apesar de num primeiro contacto poder parecer estranha, podemos dar conta de que, na verdade, se encontra em plena comunhão com a definição espacial das primeiras comunidades, como de resto teremos oportunidade de estudar mas à frente.

Relativamente a todos estes pontos, a dúvida é grande e a decisão difícil, originando discussões que talvez se mantenham durante toda a história da igreja. Importa sobretudo notar, em relação a este assunto, que são vários os bons exemplos de parte a parte, dos quais podemos destacar dois de materialização opostas: o altar “De pedra, cheia de formações quartzíticas” (Carvalho, 2019, p.112) da Igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto; e o altar, em madeira, da Igreja da Serra do Pilar, em Gaia. (fig. 91 e 92)

Importa ainda quanto a esta problemática realçar que, “Hoje é mais claro que nos séculos passados que o altar não é uma pedra sacrificial, mas a “mesa Domini”, a mesa do Senhor” (Richter, 2005 p. 81) e, por isso, “deve em primeiro lugar exprimir o significado de mesa do Senhor.” (Richter, 2005, p.81) Mas, mais importante ainda que esta decisão, parece-nos a nós, ser a relação que, como objecto, tem no espaço litúrgico.

Tendo consciência da dimensão central que o altar ocupa na celebração litúrgica, celebração do mistério de Cristo, da Sua paixão, morte e ressurreição e, sendo que “O altar foi definido, num registo de símbolo universal, como centro do mundo” (Roque, 2004, p.141), é indiscutível dizer-se que se trata de um dos elementos identificadores do espaço e, por sua vez, um dos objetos que organizam o espaço litúrgico²⁷⁷. É importante, por isso, que seja reconhecível e não “ofuscado com elementos secundários”, (Richter, 2005, p.87) posicionando-se no espaço com a importância devida. Na generalidade das adaptações das igrejas pré-conciliares, a intervenção arquitetónica realizada

²⁷⁵ “É conveniente que em cada igreja haja um altar fixo, que significa mais clara e permanentemente Cristo Jesus, Pedra viva (1 Ped 2, 4; cf. Ef 2, 20); nos outros lugares destinados às celebrações sagradas, o altar pode ser móvel.” (IGMR 298)

²⁷⁶ De salientar que, ao adaptar as igrejas pré-conciliares à nova liturgia, a solução encontrada de colocar um segundo altar mais próximo da assembleia passou quase sempre pela sua materialização em madeira.

²⁷⁷ “Ante todo, el altar mayor ha de colocarse y construirse de tal manera que aparezca siempre como signo del mismo Cristo, como lugar en el que se realizan los misterios salvíficos y como centro de la asamblea de los fieles, al que se debe la máxima reverencia.” (EM 24)



Fig. 93 - Sé de Lisboa

para o cumprimento da reforma passou, por pouco mais do que a colocação de um novo altar, próximo do existente, portanto no presbitério, que Klemens Richter avalia negativamente pois:

“Tem pouco sentido fazer arranjos do altar, com uma mera concretização de um espaço de palco melhorado, tal como as pessoas da assembleia celebrante estão habituadas a ver no teatro ou na televisão. A liturgia não é, precisamente, uma actividade de entretenimento.” (Richter, 2005, p.66)

Esta afirmação mostra então o equívoco cometido transversalmente no momento de readaptar igrejas pré-conciliares: o erro de se achar que bastaria, para cumprir a reforma litúrgica, afastar o altar da parede. Ideia esta que permanece ainda nos dias de hoje. Mas, o pior, é o facto de até poder ser uma intervenção contraproducente uma vez que, como ainda Richter indica, essa “disposição pode mesmo levar ao contrário do que se pretendia”. (Richter, 2005, p.67) Pois, ao se tratar de uma intervenção isolada e incompleta, poderá apenas ser prejudicial uma vez não se compreender a totalidade da reforma litúrgica que o Concílio pretendeu como, por exemplo, a importância do lugar da liturgia da Palavra.

Ainda relativamente ao altar, há um ponto concreto que altera profundamente o espaço litúrgico que tem que ver com a novidade de não se poder mais celebrar simultaneamente missas na mesma igreja²⁷⁸, ponto este ultrapassado com a possibilidade da concelebração²⁷⁹, “que manifesta bem a unidade do sacerdócio”. (SC 57) O que “Corresponde ao simbolismo e à dignidade da Ceia do Senhor que haja, sempre que possível, apenas um altar. É válido novamente o antigo princípio eclesial: um só Senhor, uma só mesa do Senhor, uma só comunidade.” (Richter, 2005, p.88) (fig. 93)

Este dado, faz com que os altares laterais, até então utilizados para a celebração de missas em simultâneo, deixem de ser usados, e por isso necessários, passando a existir apenas um único altar²⁸⁰. No entanto, a devoção popular a eles inerentes, em parte permanece e, todavia, apesar desta clarificação da existência de um só altar, nada é dito quanto à forma de tratamento de altares laterais (existentes em quase todas as igrejas pré-conciliares), acabando por não se saber o que deles fazer

²⁷⁸ “que se mantém sempre a faculdade de qualquer sacerdote celebrar individualmente, mas não simultaneamente na mesma igreja, nem na quinta-feira da Ceia do Senhor.” (SC 57)

²⁷⁹ “En las celebraciones litúrgicas hay que evitar la dispersión y la distracción de la comunidad. Por lo que se ha de evitar que en la misma iglesia se tengan simultáneamente dos celebraciones litúrgicas que atraigan la atención del pueblo a cosas distintas. Esto hay que tenerlo en cuenta sobre todo en la celebración de la Eucaristía. Por tanto, los domingos y días de precepto, cuando se celebra la misa para el pueblo, debe evitarse la dispersión que se produce al celebrar misas al mismo tiempo y en la misma iglesia. Esto se ha de observar incluso los demás días en lo posible. El modo mejor para lograrlo es, según la norma del derecho, la concelebración de los sacerdotes, que desean celebrar la misma al mismo tiempo. Se debe también evitar, mientras se celebra la misa en la iglesia para el pueblo según el horario establecido, la recitación común o coral del oficio divino, la predicación, la administración de bautismos o la celebración de matrimonios.” (EM 17)

²⁸⁰ “participação perfeita e activa de todo o Povo santo de Deus na mesma celebração litúrgica, especialmente na mesma Eucaristia, numa única oração, ao redor do único altar a que preside o Bispo rodeado pelo presbitério e pelos ministros.” (SC 41) “Ressalva-se, contudo, que se mantém sempre a faculdade de qualquer sacerdote celebrar individualmente, mas não simultaneamente na mesma igreja, nem na quinta-feira da Ceia do Senhor.” (SC 57)



Fig. 94 - Capela do Mosteiro Beneditino da Santíssima Trindade, 1964, Santiago do Chile, Gabriel Guarda e Martín Correa
Fig. 95 - Igreja de São Pedro Mártir, 1958, Madrid, Miguel Fisac

pois, a única coisa que é referida quanto a este aspeto é a de que “Deve haver menos altares menores e, onde o projeto da construção permitir, o melhor lugar para eles é em capelas de certa forma separadas do corpo da igreja.” (IO 93)

Quanto a esta questão é importante compreender que, para além do seu valor artístico, os altares laterais, compreendem ainda um importante vínculo de devoção popular - pelo facto de aí existirem imagens²⁸¹ e por vezes relíquias de santos - o que dificulta a sua intervenção ou até mesmo remoção, o que fez com que, na generalidade dos casos, se tenha assistido à sua manutenção sem grandes alterações.

Importa por isso esclarecer que, para uma melhor adequação, se deve, pelo menos, intervir por forma a limpar todos os elementos que se encontrem a mais, como afirma o artigo 125 do *Sacrosanctum Concilium*²⁸² e o número 5.7 das *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*²⁸³, pois:

“Se o objecto de culto e do serviço de Deus é o de “adorar a Deus em espírito e em verdade”, não é lógico que nos apliquemos mais em eliminar quando possível, tudo o que tenha sabor terreno e material, desta pura e espiritual adoração?”²⁸⁴ (Guardini, 2019, pp.49-50)

Este deverá ser um dos pontos norteadores: eliminar tudo o que não seja essencial. Quanto a esta dificuldade ocorrem-nos duas possibilidades: retirar as imagens a mais e consoante as leituras e festas ir alterando as imagens expostas para a devoção dos fiéis, como foi proposto pelos arquitetos Cerejeira Fontes na intervenção realizada na igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto; assim como a colocação de cortinas ou painéis que, aquando do momento da celebração da Eucaristia, permitam omitir os altares laterais, recentrando os fiéis na ação e espaço litúrgicos.

Ainda quanto ao facto de dever apenas existir um altar, há já diversos exemplos interessantes, de igrejas construídas de raiz – que, para além de não terem duplicação de altares, procuram uma disposição que permite celebrações assembleias de maior ou menor número, através da utilização do altar de diferentes lados -, dos quais podemos nomear: a Capela do Mosteiro da Santíssima

²⁸¹ Quanto à questão importa recordar que as imagens devem ser resultado de um acto de criação artística e não uma mera reprodução sem a qualidade de uma obra original pois, “Nas últimas décadas do século XIX, a Igreja Católica (em França e mais genericamente na Europa; e acrescentamos, – presença continua até hoje em Portugal) viu florescer uma arte “religiosa”, chamada “de Saint-Sulpice”, que invadiu as igrejas e se difundiu massivamente nos países de missão... Clérigos ou religiosos, pouco sensíveis às questões artísticas, foram tentados pelos catálogos de objectos de culto fabricados em série, baratos, devido às novas técnicas de impressão que multiplicaram as “imagens”. Foi por reacção a esta situação que um certo numero de escritores (P. Claudel, Huysmans) e de artistas (Maurice Denis, Georges Descallières), suscitaram através dos seus escritos a criação de ateliers de artistas muito activos, pelo menos até à II Guerra Mundial.” (Gomes, 2010, p.132)

²⁸² “Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa.” (SC 125)

²⁸³ “A sua disposição no espaço não deve dar a impressão de que a veneração destes objectos se trate de algo que esteja no centro da vida de fé cristã. Para tais representações e relíquias devem-se prever, eventualmente, lugares separados que tornem possível a devoção privada.” (Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã, 2002, p.41) Edição original de 1988.

²⁸⁴ Tradução da citação original: “Si el objecto del culto y del servicio de Dios es el “adorar a Dios en espíritu y en verdad, no es lógico que nos apliquemos más bien a eliminar en cuanto sea posible, todo lo que tiene sabor terreno y material, de esta pura y espiritual adoración?”

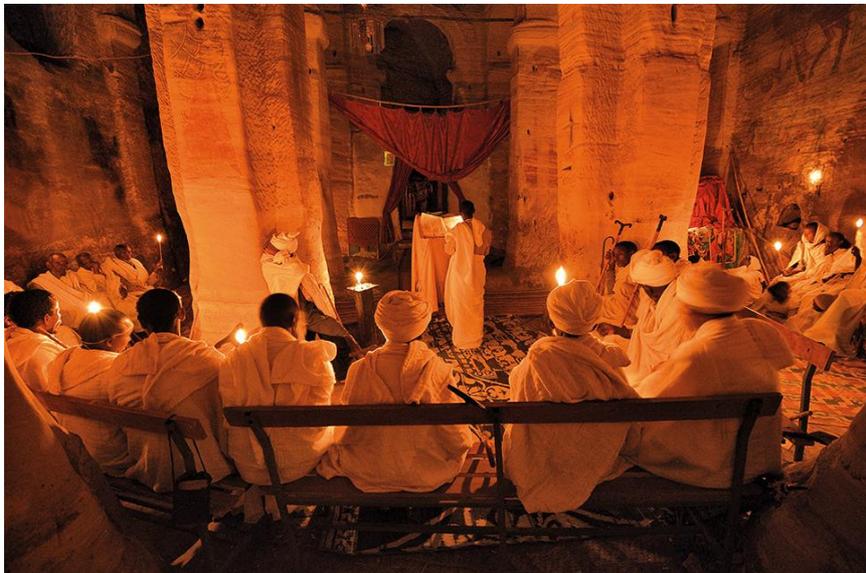


Fig. 96 - Celebração da Páscoa na Igreja rupestre de Maryam Korkorna, Etiópia

Trindade (1961-64), Santiago do Chile, dos arquitetos Gabriel Guarda e Martín Correa, (fig. 94) e a Igreja do teologado de San Pedro Mártir (1955-60), Madrid, do arquiteto Miguel Fisac. (fig.95)

5.2. Mesa da Palavra - Ambão ou púlpito²⁸⁵

“Deve haver um ambão ou mais para a proclamação das leituras, disposto de tal modo que os fiéis possam prontamente ver e ouvir o ministro.” (IO 96)

A importância das Escrituras é antiga, (fig. 96) como se pode compreender através dos dez mandamentos que Deus deu a Moisés (séc. XVI a.C.) no Monte Sinai, e que este transmite ao seu povo²⁸⁶. E a ideia de reunião a fim de escutar a Lei perpetuou-se, como podemos ver, por exemplo, num excerto do livro de Neemias²⁸⁷ (há cerca de 400 a.C.) que relata a reunião do povo de Jerusalém numa praça para ouvir a Lei, que foi lida sobre um “estrado de madeira mandado levantar para a ocasião”. (Ne 8, 4)

Mas é a tradição da cadeira da antiguidade, como lugar de escuta e ensino, que se crê ter prevalecido²⁸⁸ nas primeiras comunidades cristãs, não se encontrando ainda qualquer descrição da existência de um ambão²⁸⁹. De resto, esta ideia da leitura das Escrituras associada à cadeira de quem preside a celebração, mantém-se nos primeiros tempos em que se passam a utilizar as Basílicas Romanas para o culto cristão. Era da presidência (na abside) que inicialmente eram lidas as Escrituras²⁹⁰. Contudo, a dificuldade por vezes em se escutarem fez com que se tivesse elevado a abside, por forma a que se ouvissem melhor, sendo apenas nos finais do século IV que surgem referências da existência do ambão²⁹¹ (Richter, 2005, p.102) que, apesar de diferente no Ocidente e Oriente, habitualmente era construídos em madeira e tinha sempre presente a acessibilidade visual a todos. No Ocidente, o ambão:

²⁸⁵ Embora ambão e púlpito sejam usados como sinónimos, certo é que eram originalmente conceitos diferentes.

²⁸⁶ “Em seguida, aproximaram-se todos os filhos de Israel, aos quais transmitiu todas as ordens que tinha recebido do SENHOR, no monte Sinai. Depois de ter acabado de falar com eles, Moisés cobriu o rosto com um véu.” (Ex 34, 32-33) “Moisés convocou todo o Israel e disse: “Escuta, Israel, as leis e os preceitos que eu hoje vos proclamo aos vossos ouvidos; aprendei-os e ponde-os em prática.” (Dt 5, 1)

²⁸⁷ “Ao chegar o sétimo mês, os filhos de Israel já estavam instalados nas suas cidades. Então todo o povo se reuniu, como um só homem, na praça que ficava diante da porta das Águas e pediu a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que o SENHOR prescrevera a Israel. [...] O escriba subiu para um estrado de madeira mandado levantar para a ocasião.” (Ne 8, 1-5)

²⁸⁸ “Na antiguidade cada mestre ensinava na sua cadeira, à volta de qual estavam os discípulos, em pé ou sentados no chão. Na sinagoga pregava-se na “cadeira de Moisés” (Mt 23, 2)” (Richter, 2005, p.101)

²⁸⁹ “Etimologicamente a palavra “Ambão” está sujeita a diversas interpretações. A mais comum e segura proviria do verbo grego ana-baino (subir), que indicaria um lugar elevado para o qual se sobe” (Costa, 2017, p.38), e deriva directamente do lugar da sinagoga judaica, lugar elevado de onde se lia a Torah.

²⁹⁰ “Se já na altura havia ambões é de duvidar. Eusébio de Cesareia, na sua homilia por ocasião da dedicação da basílica de Tiro, pelo ano de 314, não faz referência a nenhum ambão, apenas simplesmente à sede do bispo”. (Richter, 2005, p.102)

²⁹¹ “Uma tribuna específica para os leitores é conhecida desde finais do século IV na Grécia, à qual é preciso subir (“anabeimen”, por isso “ambão”).” (Richter, 2005, p.102)



Fig. 97 - Basilica Papal de São Lourenço Fora dos Muros, séc. VI, Roma

- a. Imagem retirada da nave da Igreja
- b. Ambão da Epistola
- c. Ambão do Evangelho

Fig. 98 - Basilica de São Clemente, séc. IV-XII, Roma

- a. Imagem retirada da nave da Igreja
- b. Ambão do lado da schola cantorum

“[...] podia consistir numa plataforma quadrada, poligonal, ou também redonda, com um diâmetro até dois metros, ao qual se acedia por degraus, cujo número era entre três e nove. O ambão era colocado com boa visibilidade para a assembleia, frequentemente ligado ao espaço do altar por um corredor ladeado de grades²⁹².” (Richter, 2005, p.102)

Já no Oriente, a sua definição “deriva da estrutura do lugar da Palavra na sinagoga” (Costa, 2017, p. 39), a *bema*²⁹³, sendo “estruturado precisamente com a mesma importância da zona do altar” (Richter, 2005, p.102) através de um:

“[...] supedâneo elevado, colocado um pouco mais à frente do lugar do altar; a meio da nave, no meio dos fiéis; normalmente era de forma semi-circular, como uma ferradura de cavalo, suficientemente ampla para nele poder entrar o leitor e as cadeiras para o clero.”²⁹⁴ (Costa, 2017, p.39)

De todas as diferenças - que se compreendem pelo facto de “em nenhum momento da história é prescrito com obrigatoriedade um lugar determinado.” (Richter, 2005, p.103) - existe uma substancial a destacar por ter que ver com a própria dinâmica litúrgica: o facto de, no Ocidente, a cadeira da presidência se manter na abside, como estrutura e lugar autónomo, enquanto no Oriente, a *bema* incluía a presidência na sua estrutura.

Contudo, independentemente de todas as diferenças, importa sobretudo notar que, “tanto no Ocidente quanto no Oriente, o lugar da liturgia da Palavra tinha grande importância” (Lima, 2010) e situava-se ao centro da nave principal. (fig. 97 - 98)

A primeira grande alteração acontece aquando da deslocação do altar para a parede Oriental da igreja e, ao surgir a “Epístola do lado direito do presbitério e o Evangelho no lado esquerdo, deixou de ser necessário um “ambão.” (Richter, 2005, p.103)

Esta passagem da celebração para a abside, coloca os fiéis cada vez mais longe do centro da ação litúrgica, uma vez que esta se localiza ao fundo da igreja, cercada pelos clérigos, praticamente inacessível, “de tal forma que no presbitério tinha lugar a liturgia clerical e a nave da igreja tinha lugar a liturgia simples para o povo - agora espacialmente separadas por estas cancelas”.²⁹⁵ (Richter, 2005, p.103) O que fez com que, desta feita, a celebração da palavra se desvinculasse, por

²⁹² “O lugar da liturgia da Palavra, o bema, portanto, ligava-se ao lugar da Liturgia eucarística por uma espécie de passarela que simbolizava o caminho que conduz ao céu.” (Lima, 2010)

²⁹³ “O termo *bema* deriva da estrutura do lugar da Palavra na sinagoga (*almenor*) e nas basilicas síriacas.” (Costa, 2017, p.39)
“O “bema” era o lugar central da liturgia da palavra e era estruturado precisamente com a mesma importância da zona do altar.” (Richter, 2005, p. 102)”

²⁹⁴ “Nela podiam ter lugar doze clérigos e leitores.” (Richter, 2005, p.102)

²⁹⁵ Pode-se dizer que “durante um milénio, as leituras, tal como toda a Missa, eram lidas e cantadas em latim, sendo, no melhor dos casos, traduzidas depois à comunidade. As leituras eram, como toda a Missa, lidas ao altar, de costas para os fiéis.” (Richter, 2005, p.99)



Fig. 99 - Catedral Notre-Dame-et-Saint-Castor, Nîmes, França, séc.XI
 Fig. 100 - Catedral de Pisa, Pisa, Itália, séc.XI
 Fig. 101 - Igreja do mosteiro de Huerta, Sória, Espanha, séc.XII
 Fig. 102 - Catedral Santa Maria Assunta, Siena, Itália, séc.XIII
 Fig. 103 - Catedral de São Lourenço, Trapani, Itália, séc. XV
 Fig. 104 - San Giovanni Maggiore, Borgo San Lorenzo, Itália, séc.XVI
 Fig. 105 - Igreja de São Sulpício, Paris, França, séc. XVII
 Fig. 106 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Azambujeira, Portugal, séc. XVII
 Fig. 107 - Igreja de Gesù Nuovo, Nápoles, Roma, séc. XVIII

completo, da sua origem.²⁹⁶

Estando os fiéis algo restritos no acesso à liturgia, surgem novas dinâmicas, como por exemplo a criação de púlpitos, (fig. 99 e 107) com a origem e desenvolvimento das Ordens Mendicantes, onde daí os “ministros instruíam o povo, enquanto um sacerdote celebrava a missa no altar: esses púlpitos não eram um ambão propriamente dito, mas sim o lugar de “catequese” do povo, que já estava entregue às práticas devocionais durante a missa.” (Lima, 2010, p.7) Inicialmente, o púlpito, “era de madeira e podia ser movido” (Costa, 2017, p.39) mas:

“[...] a partir do século XIV usam-se púlpitos de pedra [...]. Por motivos práticos, estes locais de pregação depressa deixaram de ser colocadas no meio da igreja, onde podiam estorvar, por exemplo, por ocasião de procissões, mas eram colocadas junto a uma coluna, [...] da nave central.”²⁹⁷ (Richter, 2005, pp.105-106)

Com o Concílio Vaticano II, surge a vontade e o esforço de restituição da importância das Escrituras e a abertura da sua beleza aos fiéis²⁹⁸. O objetivo não se tratou de meramente restaurar o lugar que em tempos deteve, mas sim a consciência de que “a Palavra de Deus é o único veículo dessa mensagem salvífica [...]. A Palavra foi escrita pela Igreja, divinamente inspirada, e com o entendimento da Igreja. Testemunha uma fé que é comum”. (Clemente, 2010, pp.76-77) E, por isso, o “motivo para o realce do lugar da proclamação da palavra de Deus é devido à convicção de que Cristo está verdadeiramente presente quando a palavra da Eucaristia é anunciada” (Richter, 2005, p. 97), do reconhecimento de “que a fé vem da escuta, da escuta da palavra de Deus. E esta fé é condição para a realização de todas as celebrações sacramentais.” (Richter, 2005, p.99)

Assim, e uma vez que um dos pontos importantes da reforma passou pela promoção das Sagradas Escrituras, inserindo-as no centro da celebração, o ambão - objeto de apoio à celebração litúrgica e símbolo identificante do seu lugar -, tem de clarificar a importância da Palavra e recuperar o destaque que detinha nos primeiros tempos.

O Concílio vem, pois, recordar e mostrar que nem só de pão se alimenta o cristão, mas também das Sagradas Escrituras. Assim, devido ao destaque que passa a desempenhar o ambão, merece que o

²⁹⁶ “A celebração da palavra perdeu assim “o seu verdadeiro e originário significado.” (Richter, 2005, p.103)

²⁹⁷ “Frequentemente eram dois, colocados simetricamente um diante do outro [...]. O facto de ser dois permitia que, em algumas circunstâncias, durante uma pregação especial ou na catequese da tarde dominical, ao segundo púlpito subisse alguém entre as pessoas para questionar o pregador ou pedir algum esclarecimento.” (Costa, 2017, p.39)

²⁹⁸ “O Movimento Litúrgico com a consequente reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, porém, recuperou a importância da Liturgia da Palavra. O ambão recupera seu status de monumento pascal.” (Lima, 2010, p.7) “importância que o Concílio Vaticano II atribui à proclamação da palavra”. (Richter, 2005, p.106)

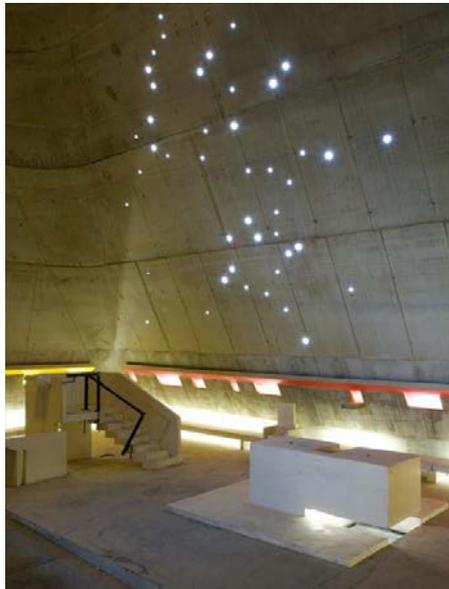


Fig. 108 - Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Portugal, Álvaro Siza
Fig. 109 - Igreja de Firminy, 1960/2006, França, Le Corbusier
Fig. 110 - Igreja do Campus de San Joaquin, 1997, Chile, Teodoro Fernández

designemos de mesa da Palavra²⁹⁹. (fig. 108 - 110)

Perante o resgate da valorização da Palavra torna-se necessária uma grande reflexão acerca do espaço³⁰⁰ pois é fundamental perceber que lugar e dimensão a mesa da Palavra deverá ocupar - atendendo à sua relação com os restantes objetos litúrgicos, sobretudo com o altar, a assembleia e a presidência – a fim de que seja capaz de cumprir o importante papel que agora deve desempenhar, até porque:

“[...] a mudança é significativa em relação à Instrução Geral do Missal Romano; de “É conveniente que haja” (IGMR 309), passou-se a um “Deve haver” (POLM 32); ordenando que em todas as igrejas “deve haver” um lugar da proclamação da palavra e não uma simples estante que sustente o livro.” (Costa, 2017, p.41)

Das várias orientações que se deve ter em conta aquando da colocação do ambão, podemos sintetiza-la nas palavras de João Ribeiro Gomes e Klemens Richter:

“Neste momento de escuta, toda a atenção da assembleia se deve dirigir espontaneamente para o ambão. [...] e permitir, com à vontade, o posicionamento dos ministros (que podem ser dois, ou mais – pensar na procissão do Evangelário). A precaução, mesmo em termos de segurança, sugere que colocá-lo com interrupção de degraus (normalmente de acessibilidade ao presbitério) não será a melhor forma; dando-lhe quase sempre um ar de intromissão, por vezes, abusiva, no conjunto. [...] Podemos, pois, por exemplo, olhar para as igrejas protestantes que, arquitecturalmente, manifestam em força, de modo unívoco, esta dimensão; não para copiar mas perceber o sentido a dar a este lugar da Palavra.” (Gomes, 2010, p.139)

“Assim parecia sensato aproximar novamente o altar da assembleia e ao mesmo tempo reorganizar o lugar do anúncio - e assim voltando ao ambão da Igreja dos primeiros séculos.” (Richter, 2005, p.106)

²⁹⁹ O motivo pelo qual priorizamos a utilização de “mesa da Palavra” em detrimento da identificação toponímia de “ambão”, até então vulgarmente utilizada, dá-se pelo facto de melhor realçar o papel igualitária importância que estabelece com a mesa eucarística, uma vez que, também da Palavra se alimentam os fiéis.

Vale a pena notar que esta expressão é definida no documento *Sacrosanctum Concilium*: “Prepare-se para os fiéis, com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura.” (SC 51) Ou ainda “Alimentada espiritualmente nas duas mesas, a Igreja progride no seu conhecimento graças a uma e na sua santificação graças à outra. Com efeito, na palavra de Deus é proclamada a aliança divina, enquanto na Eucaristia é renovada a mesma nova e eterna aliança. Naquela, a história da salvação é evocada no som das palavras; nesta, a mesma história da salvação é apresentada nos sinais sacramentais da Liturgia.” (MR 10)

³⁰⁰ “na verdade, obviamente, que os dois lugares devem estar em correspondência mútua, que de facto têm um significado de importância semelhante, que deve ser expresso também na sua configuração.” (Richter, 2005, p.98) Os “dois lugares” a que se refere a transcrição são altar e ambão.

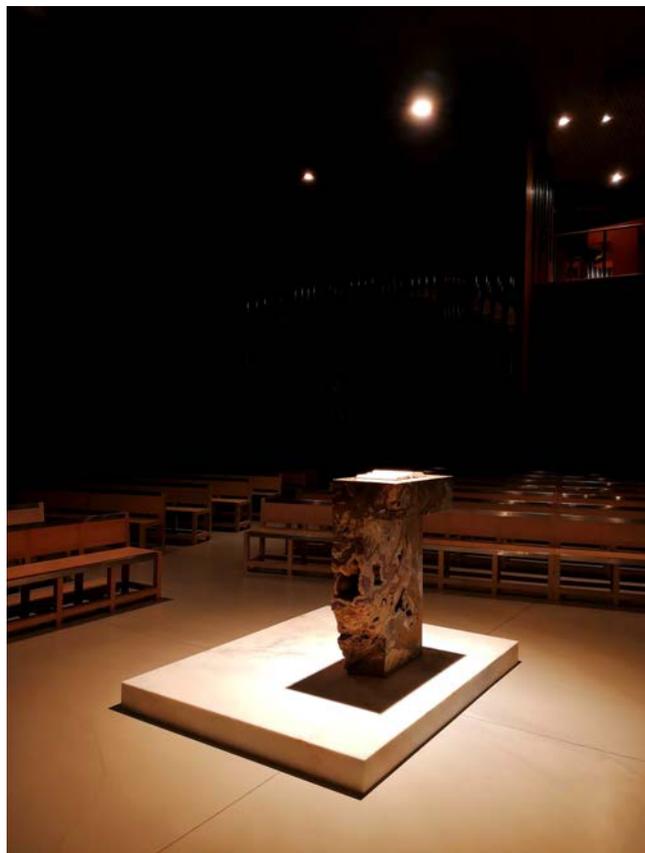


Fig. 111- Ambão da igreja da Serra do Pilar, Gaia
Fig. 112- Ambão da igreja de São Marinho de Cedofeita, Porto

Apesar de se ter escrito bastante acerca da mesa da Palavra, há um esclarecimento fundamental que não se encontra em parte alguma: “não é dito que este lugar³⁰¹ se deva situar no espaço do altar” (Richter, 2005, p.96), o que nos faz crer que a habitual disposição do ambão nas proximidades do altar possa não ser a mais adequada. Como diz Frei Bernardino da Costa, “o ambão enquanto lugar deve ser diferente do lugar do altar; se estivessem sobre o mesmo plano estariam unidos de modo excessivo.”³⁰² (Costa, 2017, p.42)

Podemos encontrar exemplos inspiradores em igrejas antigas, como anteriormente destacamos, mas também actualmente o podemos encontrar como o ambão da igreja da Serra do Pilar, (fig. 111) ou o da igreja de São Martinho de Cedofeita. (fig. 112)

Quanto à reabilitação de um espaço pré-existente, uma questão na qual se deve refletir é a possibilidade de utilização do púlpito presente em muitas das antigas igrejas. Parece-nos que, por vezes, poderia ser equacionada a sua utilização, dado o seu destaque e particularidade no espaço. Apesar de o púlpito ter surgido “para a pregação e não para a proclamação da palavra de Deus” (Costa, 2017, p.39) este acaba por ser um elemento muitas vezes existente, de grande destaque e particularidade.

³⁰¹ “O *Testamentum Domini* (séc. IV) diz que este lugar no qual se fazem as leituras deve ser fora do santuário, mas não longe do altar. Deve-se ter em conta que não haja sobreposição de sinais.” (Costa, 2017, p.42)

³⁰² Apesar desta ideia nos parecer importante, vale a pena conhecer um caso singular, que se encontra na Capela das Sete Alegrias de Nossa Senhora, no Seminário Conciliar de Braga. Um exemplo que contraria esta directiva mas que, no entanto, dado o pouco espaço disponível da capela nos parece uma solução, no mínimo, interessante: um objecto litúrgico que se trata de ambão e altar simultaneamente. “O ambão e o altar fazem parte da mesma criação. A parte superior, depois da liturgia da palavra, abre-se, tornando a mesa mais larga, para a liturgia eucarística. É uma peça toda em cedro, da autoria de Asbjörn Andresen, que recebeu colaboração dos carpinteiros Joaquim e Paulo Alves.” (Carvalho, 2019, p.109)



Fig. 113- Igreja de Santa Clara, Porto

5.3. Sacrário

“A Eucaristia deve ser reservada em tabernáculo sólido e seguro, colocado no meio do altar-mor ou num altar menor, mas num altar verdadeiramente digno, ou, de acordo com os costumes legítimos e nos casos particulares aprovados pelo Ordinário local, também em outra parte especial da igreja, adequadamente ornada.” (IO 95)

Nos primeiros tempos, o pão eucarístico reservado era frequentemente:

“[...] levado para casa dos fiéis, envolvido em simples panos de linho, o mais tardar após o século V é progressivamente restringida a conservação fora da igreja. [...] Paralelamente a sacristia, um espaço anexo da igreja, tornou-se o lugar da custódia da Eucaristia, passando, por isso, a designar-se também com o nome de “sacrarium”, o lugar para o sagrado. [...] Com a crescente veneração, após o século XI, a custódia passa para a própria igreja, primeiro num nicho na parede atrás de uma grade ao lado do espaço do altar, depois também em tabernáculos”. (Richter, 2005, pp.21-22)

Com o Concílio de Trento³⁰³, estabelece-se um importante marco na vivência da celebração: a confirmação da presença de Cristo na Eucaristia e, com isso, dá-se “a presença do sacramento sobre a mesa³⁰⁴ que, do ponto de vista material, se transforma em estreita prateleira de suporte, embora do ponto de vista simbólico, continue necessariamente a ser o local do sacrifício”, (Roque, 2004, p. 147) fazendo com que, a partir daí, o sacramento e o altar fossem “considerados como uma realidade indivisível.” (Costa, 2017, p.63) No entanto:

“[...] é na época barroca que o culto da Eucaristia experimenta o seu cume de esplendor. Todo o espaço da igreja é transformado na sala do trono, cuja parede frontal é completamente preenchida com a construção do altar. [...] Esta atitude devocional, que vê o sentido do espaço litúrgico quase exclusivamente na veneração do Santíssimo por toda a comunidade, leva a uma nova concepção do espaço. [...] Assim, o espaço eclesial barroco congrega a comunidade, mas o motivo desta disposição do espaço não é verdadeira celebração litúrgica, mas o culto do Sacramento. Esta situação dura pelo menos até ao Concílio Vaticano II”. (Richter, 2005, p.22) (fig.113)

Trata-se de uma profunda alteração espacial das igrejas desenvolvida no barroco que mostra “por um lado a intensidade com que a ideia de liturgia, ou o seu desvirtuamento, condiciona a forma do espaço e, ao mesmo tempo, quanto esta mesma forma incentiva determinadas atitudes devocionais.” (Richter, 2005 p. 23)

³⁰³ “También en la reserva eucarística debe ser adorado, porque allí está sustancialmente presente por aquella conversión del pan y del vino que, según el Concilio de Trento, se llama apropiadamente transustanciación.” (EM 3)

³⁰⁴ “colocação do tabernáculo sobre o altar, patente em todas as igrejas paroquiais a partir do século XVII.” (Richter, 2005, p.22)

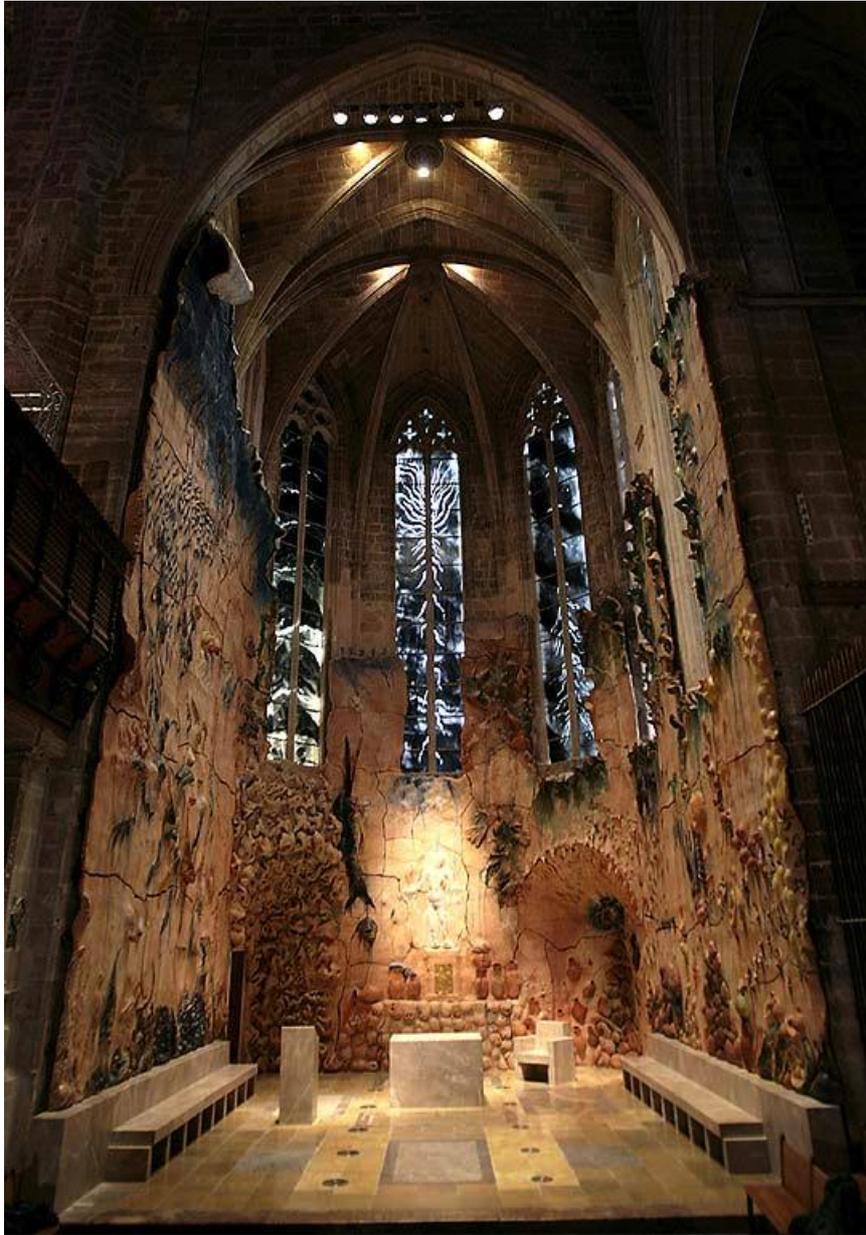


Fig. 114 - Capela do Santíssimo, 2007, Miquel Barceló, Catedral de Palma de Maiorca

O Papado de Pio XII e o fervilhar do movimento litúrgico fazem com que a questão indissociável entre o altar e o sacrário fosse bastante trabalhada na ânsia de uma melhor solução, procurando ao máximo clarificar que os cristãos se encontram “ao domingo, não para a adoração diante do tabernáculo, mas para formar a comunidade de Jesus Cristo ao redor do altar.” (S. Rau citado por Richter, 2005, p. 28) Assim:

“Construíram-se altares “voltados para o povo”, colocando o sacrário, reduzido em suas proporções, no centro do altar ou à frente deste, sobre uma base. As soluções mais originais, mas de breve duração, propunham um “sobe e desce” que, durante a celebração da missa, descia o sacrário abaixo do nível do altar, voltando a elevá-lo quando esta terminava.” (Costa, 2017, p.63)

Finalmente, com a reforma conciliar, é clarificada a sua importância e disposição no espaço, como podemos constatar no artigo 315³⁰⁵ da Instrução Geral do Missal Romano, que mostra que o Sacrário deve continuar a tratar-se do coração³⁰⁶ da igreja, uma vez que é a prova mais clara de que Deus habita o Santuário, ao qual os católicos podem ocorrer, sempre com a luz da sua presença. Porém, dado que “não pertence aos lugares de acção próprios da liturgia”, (Richter, 2005, p.115) não deve estar no mesmo altar onde se celebra a Missa, devendo, o seu lugar de destaque no espaço prevalecente até então, encontrar um novo sítio, mais recolhido. (fig. 114)

Como temos vindo a compreender, “A acção do indivíduo, apoiada em si mesma, com suficiência em si mesma, adquire cada vez mais alcance e lhe concede cada dia mais significado e transcendência. A vida activa avassala impetuosamente a vida contemplativa.”³⁰⁷ (Guardini, 2019, p.92) Encontrando-se o sacrário em estreita ligação com a vida contemplativa, como conseguir criar um espaço de contemplação face à “vida activa que avassala impetuosamente a vida contemplativa”?³⁰⁸ (Guardini, 2019, p.92)

A *Eucharisticum Mysterium* ajuda a responder pois, “Recomenda a construção da capela do Santíssimo Sacramento, independente da nave da igreja, bem como a separação material do altar e do tabernáculo “ratione signi” (pela razão do sinal, nº 55).”³⁰⁹ (Arias, 2019, p.434)

Nesse sentido, importa notar que: tendo em conta que, por norma, as celebrações semanais são, em

³⁰⁵ “Está mais de harmonia com a natureza do sinal que no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário onde se guarda a Santíssima Eucaristia. [...] a) ou no presbitério, fora do altar da celebração, com a forma e a localização mais convenientes, sem excluir algum altar antigo que já não se utilize para celebrar (n. 303); b) ou também nalguma capela adequada à adoração e oração privada dos fiéis, que esteja organicamente unida à igreja e visível aos fiéis cristãos.” (IGMR 315)

³⁰⁶ Mesmo quando o nosso corpo não está em actividade, o coração não deixa de bater. Assim o é com o Sacrário, mesmo quando não existe acção litúrgica, momento em que Deus se faz presente, a igreja não deixa de ter sempre presente, através da reserva eucarística presente no sacrário.

³⁰⁷ Tradução da citação original: “La acción del individuo, apoyada en sí misma, con suficiencia en sí misma, adquire cada vez más rango y se le concede cada día más significación y transcendencia. La vida activa avasalla impetuosamente a la vida contemplativa”.

³⁰⁸ Tradução da citação original: “vida activa avasalla impetuosamente a la vida contemplativa”.

³⁰⁹ Tradução livre do trecho: “*Eucharisticum Mysterium* trata –por lo que respecta al espacio celebrativo– del sagrario en la iglesia (núms. 52-57). Recomienda la edificación de la capilla del Santísimo independiente de la nave de la iglesia, así como la separación material del altar y del sagrario «*ratione signi*» (por motivo del signo, núm. 55).”



Fig. 115 - Sacrário da igreja do campus de San Joaquín da Universidade Católica do Chile, 1997, Teodoro Fernández

Fig. 116 - Tabernáculo da Capela árvore da vida, 2012, Asbjörn Andresen

número de fiéis, bastante inferiores em relação às dominicais e, uma vez que, habitualmente as igrejas tendem em ser cada vez maiores, dado o número inferior de padres, a criação de uma capela mais pequena onde, de forma mais acolhedora e resguardada esteja o Santíssimo e permita celebrar Missa, poderá, ser uma boa solução.

Um exemplo a este nível, sobretudo pelo facto de o Sacrário ser visível quer da igreja quer da capela, é a da igreja do campus de San Joaquín da Universidade Católica do Chile, 1997, de Teodoro Fernández. (fig. 115)

Um outro exemplo, totalmente diferente, trata-se do tabernáculo da Capela árvore da vida, 2012, da autoria de Asbjörn Andresen (fig. 116) que:

“é constituído por um cubo articulado de madeira de freixo, que conserva no seu interior outra caixa de madeira de oliveira, que, por sua vez, alberga no seu interior uma outra caixa de prata com a reserva eucarística. A abertura do mesmo faz-se de forma ritual, numa performance que implica o tempo e o corpo. Como quem abre um segredo e não o pode fazer de forma apressada.” (Carvalho, 2019, p.57)

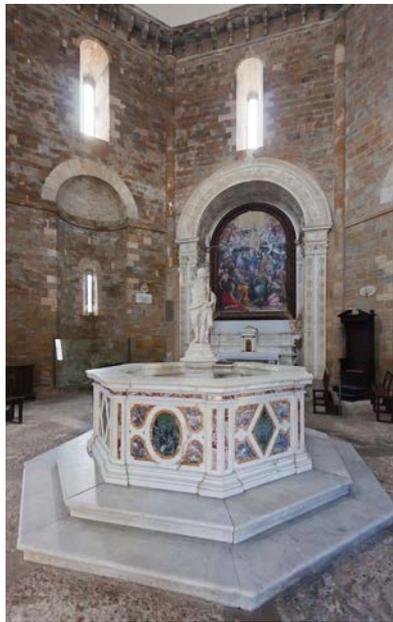


Fig. 117 - Batistério da Basílica de São João de Éfeso, séc. II/VI, Turquia
 Fig. 118 - Batistério Neoniano de Ravena, séc. IV/V, Itália
 Fig. 119 - Batistério em Mértola, séc. V/VI, Portugal
 Fig. 120 - Batistério de Santa Maria Maggiore, séc. VI, Itália
 Fig. 121 - Batistério da Igreja dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, séc. XI, Itália
 Fig. 122 - Batistério da Catedral de Parma, séc. XII, Itália
 Fig. 123 - Batistério de San Giovanni, séc. XVIII, Itália
 Fig. 124 - Pia Baptismal, Igreja de Santo António dos Olivais, séc. XX, Portugal

5.4. Batistério

“Na construção e decoração do batistério, faça-se grande esforço para garantir que ele claramente expresse a dignidade do sacramento do batismo e seja um lugar bem adequado para celebrações comunitárias (cf. SC art. 27).” (IO 99)

A colocação do batistério é mais uma das grandes dificuldades com que os arquitetos são confrontados na altura de desenhar o espaço litúrgico.

Apesar de não ser um objeto fundamental para a realização da Missa (em dia normal), tratar-se de um objeto de grande simbolismo, por nela se ministrar o sacramento de iniciação cristã³¹⁰, o batismo, pelo qual as pessoas passam a pertencer à Igreja, ao povo de Deus.³¹¹

Nas primeiras comunidades era dada:

“[...] grande importância aos sacramentos da iniciação cristã e essa importância se refletia na construção da igreja. Aliás, mesmo antes da liberdade de culto concedida aos cristãos, isso já era uma realidade; vejam-se, por exemplo, as ruínas da *domus ecclesiae* de Dura-Europos. Era, então, via de regra, uma sala separada da igreja, porque prevalecia a visão do batismo como sacramento da purificação antes de entrar na Igreja.” (Lima, 2010, p.9)

O batistério surge por volta do século III, inicialmente assumindo formas que eram típicas das termas, do *tepidarium* e locais de banho, o que levava, por motivos de privacidade, a que na *domus ecclesiae* se tratasse habitualmente de uma divisão da casa, diferente do local do altar, uma vez que no rito do batismo era necessário o batizado despir-se totalmente para ser imerso³¹² na água batismal. Contudo, a partir do início da tolerância para com os Católicos, o batismo de adultos passa a ser cada vez menor, passando a ser o de crianças em maior número, o que levou a alterações no batistério, com a criação de uma estrutura própria para o batismo das crianças. “A pia batismal tornou-se o modelo em miniatura da piscina baptismal original (o batistério)”. (Franz-P. Tebartz van Elts citado por Richter, 2005, p.107)

Com o passar dos séculos, o rito do batismo vai sofrendo diversas alterações (fig. 117 - 124), “a profundidade da bacia torna-se cada vez menor pois a imersão no rito romano é substituída pela infusão e no rito ambrosiano faz-se somente a imersão da cabeça da criança” (Mello, 2007, pp. 48-49), acabando o batistério a passar a ser uma pia batismal, deixando de ser um espaço anexo à

³¹⁰ “O batismo, porta dos sacramentos, necessário de facto ou pelo menos em desejo para a salvação, pelo qual os homens são libertados dos pecados, se regeneram como filhos de Deus e, configurados com Cristo por um carácter indelével, se incorporam na Igreja, só se confere validamente pela ablução de água verdadeira com a devida forma verbal.” (CDC 849) Edição original de 1983.

³¹¹ “Pelo Batismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção filial que «nos faz clamar: Abba, Pai» (Rom. 8,15), transformando-se assim nos verdadeiros adoradores que o Pai procura.” (SC 6)

³¹² “A imersão parece ter sido amplamente praticada no primeiro século, mas de acordo com o *Didaquê*, o batismo podia ser administrado com água na cabeça do batizando, se nenhuma corrente ou uma grande quantidade de água não estivessem à disposição. Somente os batizados participavam da Ceia.” (Cairns, 1995, p.67)



Fig. 125 - Pia Baptismal Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Marco de Canavezes, Álvaro Siza
Fig. 126 - Pia Baptismal Igreja de Cedofeita, Porto, 2017, reabilitação pelo escritório Cerejeira Fontes

igreja para se incluir, no século XVI, no interior do espaço litúrgico, em capelas laterais próximas à entrada principal³¹³:

“A partir do século XVII perde-se toda a simbologia do batismo, restando somente sua importância prática para, dentro da teologia católica, livrar a criança morta prematuramente do limbo. A importância simbólica do batistério será recuperada somente com o Concílio Vaticano II e a renovação litúrgica do século XX.” (Mello, 2007, p.48-49)

Ao percorrer os lugares do batistério e, à semelhança dos restantes objetos litúrgicos, é possível compreender a dificuldade em defini-lo nos dias de hoje. Onde deverá situar-se agora a pia baptismal? Num espaço próprio, mais encerrado? À entrada da Igreja, como símbolo de que pelo batismo se passa a pertencer à Igreja? Ou porventura junto ao presbitério, onde mais facilmente todos os fiéis o possam ver?

Foram estas algumas das dúvidas de Álvaro Siza quando, há mais de 25 anos atrás, projetava a igreja de Marco de Canavezes (fig. 125), e que podemos perceber neste excerto de uma entrevista:

“Nas discussões, os teólogos nunca chegavam a um acordo. [...] O baptistério, o espaço da pia baptismal... um queria que fosse do lado esquerdo antes de entrar porque dizia que o católico para ser recebido tem de ser baptizado, portanto tem de ser antes de entrar na assembleia. Outro dizia que devia ser junto ao altar para toda a assembleia, que é uma ideia de concílio, de democracia. Não concordavam. No fundo, hoje os projectos nas igrejas são sempre um balanço não tão estável como isso entre os séculos de igrejas maravilhosas e uma alteração profunda. O que aconteceu foi não querer abandonar nem uma nem outro.” (Siza, 2018)

Acima de tudo, importa compreender que o Concílio Vaticano II “recuperou a centralidade do mistério pascal na vida da Igreja, sobretudo na liturgia.” (Lima, 2010, p.10) Como nos diz Richter, “Se o Baptismo e a Eucaristia são os dois sacramentos mais significativos, então também o lugar do Baptismo deve apresentar uma configuração correspondente a esta importância.” (Richter, 2005, p. 107) A igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto (fig. 126), parece-nos um bom exemplo de como espacialmente definir um espaço para o batistério. Apesar de pertencente à igreja, e não uma divisão independente, o desenho encontrado para definir o lugar da pia baptismal confere-lhe simultaneamente união e autonomia e, o facto de se encontrar imediatamente à entrada da igreja confere-lhe importância e destaque, enfatizado ainda pelos vitrais que criam uma atmosfera própria.

³¹³ “o batistério migrou para dentro da igreja. Neste caso, a fonte, que então se tornara uma simples pia, ficava numa capela na entrada da igreja; aqui o batismo era visto como o sacramento de entrada da pessoa na Igreja.” (Lima, 2010, pp.9-10)

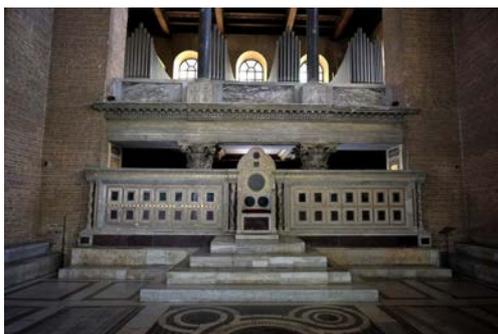
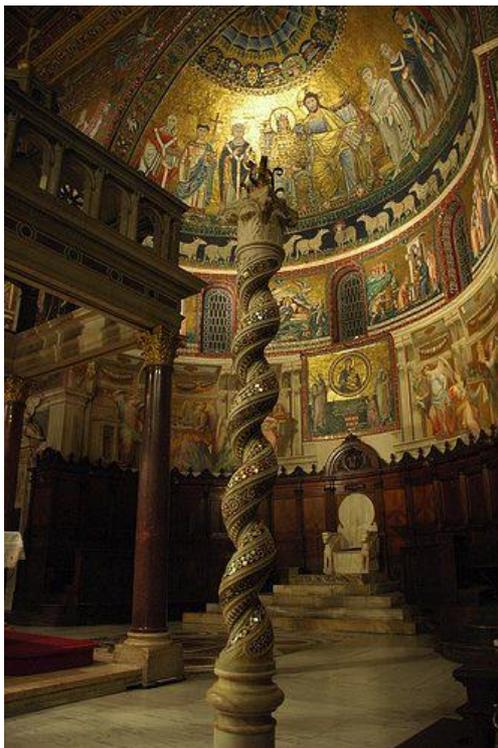


Fig. 127 - Basílica subterrânea da Catacumba de Bomitila, séc. IV
 Fig. 128 - Basílica de Santa Maria in Trastevere, séc. IV Itália
 Fig. 129 - Basílica de São João de Latrão, séc. IV/V Itália
 Fig. 130 - Basílica Papal de São Lourenço Fora de Muros, séc. VI, Itália

5.5. Presidência

“Em relação ao plano da igreja, a cadeira para o celebrante e os ministros deve ocupar um lugar que seja claramente visível a todos os fiéis e que dê a entender que o celebrante preside a inteira comunidade. A cadeira deve ficar atrás do altar e qualquer semelhança a um trono, prerrogativa de um bispo, deve ser evitada.” (IO 92)

Como já anteriormente referimos, a cadeira como símbolo de autoridade sempre existiu³¹⁴.

O primeiro relato que encontramos refere-se ao século II, indicado por Klemens Richter, que afirma que, “Também o bispo cristão se sentava para ensinar. Já no século II a cadeira episcopal, a cátedra (lugar de ensino), é precisamente sinónimo do seu ofício.” (Richter, p.78) Ao princípio “era verdadeiramente simples e “devia ser de madeira, para que se pudesse mover, de modo a ser colocada de acordo com a função e em relação com a estrutura do lugar da celebração.” (Costa, 2017, p.81) Contudo, a partir do momento em que se readaptam as basílicas a igrejas, o Sacerdote passa a ocupar o lugar “da sede da autoridade e seus ministros” (Costa, 2017, p.81), lugar de grande destaque no espaço. Assim, “Pelo facto de o bispo se assemelhar a um dignitário imperial, tal condicionou a construção e ornamentação da sua sede, distinguindo-a dos assentos comuns e aproximando-a da cadeira dos senadores”. (Costa, 2017, p.81) O que fez com que a cátedra episcopal se tornasse fixa, “colocando-a ao centro do hemiciclo absidal, elevada por três ou quatro degraus, para que fosse visível a todos os fiéis” (Costa, 2017, p.81), assumindo cada vez mais a “forma de trono e, conseqüentemente, o mesmo nome” (Costa, 2017, p.81), em “atributo de autoridade e poder.” (Roque, 2004, p.142) (fig. 127 - 130)

Ao dar-se a recolocação do altar do centro da nave para a abside³¹⁵, como já atrás demos conta:

“[...] a cátedra é colocada ao lado e à frente junto ao altar. Enquanto nas igrejas episcopais a cátedra permanece como sinal da sede episcopal, nas igrejas paroquiais, como surgiu a chamada Missa privada, deixa de ser necessário uma sede para o presidente. Dado que o sacerdote agora durante toda a Missa permanecia de pé ao altar, tornava-se supérfluo um assento para o presidente. Os “sedilia”, os lugares sentados na zona do altar, como foi costume até ao Concílio Vaticano II, não eram entendidos como assentos presidenciais. Serviam simplesmente como lugares de repouso, quando o canto do coro, sobretudo no Glória e no Credo, durava mais tempo e o sacerdote já tinha dito entretanto essas orações.” (Richter, 2005, pp.78-79)

³¹⁴ “Quem dirige uma assembleia e lhe dirige a palavra, fá-lo, por motivos prácticos, de uma sede elevada. Assim, já na sinagoga do tempo de Jesus existia a “Cadeira de Moisés”(Mt 23,2)” (Richter, 2005, p.78)

³¹⁵ “o altar toma cada vez mais o lugar da cátedra junto à parede da abside” (Richter, 2005, p.78)



Fig. 131 - Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Portugal, Álvaro Siza
Fig. 132 - Igreja de Firminy, 1960/2006, França, Le Corbusier

Apesar de ser um objeto acima de tudo utilitário³¹⁶ - uma vez que servia para o Padre se sentar apenas quando “estava sem qualquer função, pois limitava-se a esperar pelo fim do canto do coro, para então poder ir de novo para junto do altar” (Richter, 2005, p.79) - começa a ganhar cada vez mais protagonismo, sobretudo devido ao facto de simbolizar a cadeira de S. Pedro³¹⁷. Assim, “Na antiguidade e, particularmente, durante a Idade Média, a cátedra episcopal constituía a principal referência para a comunidade dos fiéis. Pela sua importância e significado, a cátedra do apóstolo Pedro tornou-se objecto de admiração e de culto.” (Costa, 2017, p.80)

Como temos vindo a sublinhar, o sacerdote é a figura principal da ação litúrgica, dado ser ele a conduzir a celebração e apenas ele com o poder de o fazer³¹⁸. Devido a esse facto, sempre deteve um lugar de destaque, chegando mesmo a não prescindir-lo até quando não passava por ele determinada parte da ação e, por isso, sentava-se num assento que se destacava espacialmente e formalmente na igreja.

À luz da reforma litúrgica, o destaque da presidência deve permanecer, devendo “manifestar a função do celebrante simbolizando a sua função de presidir à assembleia litúrgica e de dirigir a oração do povo (cf. LB 880; cf. IGMR 271), excluindo qualquer forma de trono.” (Gomes, 2010, p. 135) (fig. 131 - 132) Devendo, acima de tudo, colocar-se “de tal forma que aquele que preside possa ajudar toda a comunidade, ele incluído, a orientar-se para os pólos centrais da celebração.” (Costa, 2017, p.87)

Um dos grandes anseios do Concílio foi a clara união de todos os membros da ação litúrgica, de um regresso às origens e, apesar do papel único desempenhado pelo sacerdote, também ele faz parte do grande rebanho do Senhor.³¹⁹ Como, desde logo, podemos verificar no exemplo de Jesus, que sempre se sentou com todos³²⁰, até na última ceia, o que nos faz crer que, mais do que visível, a

³¹⁶ “Sem solenidade e sempre em função de repouso, foi colocada nas igrejas não catedrais uma cadeira para o presbítero celebrante. Era normalmente um móvel de madeira, com três lugares, previsto para acolher o celebrante principal, assistido pelo diácono e pelo subdiácono.”(Costa, 2017, p.82) Em geral, o assento do sacerdote distinguia-se, pela forma ou pelas dimensões, dos destinados aos acólitos ou aos concelebrantes.

³¹⁷ “na abside da Basílica de São Pedro, como sabeis, encontra-se o monumento à Cátedra do Apóstolo, obra adulta de Bernini, realizada em forma de um grande trono de bronze, sustentado pelas imagens de quatro Doutores da Igreja, dois do Ocidente, Santo Agostinho e Santo Ambrósio, e dois do Oriente, São João Crisóstomo e Santo Atanásio. Convido-vos a deter-vos diante desta obra sugestiva, que hoje é possível admirar decorada com numerosas velas, e rezar de maneira particular pelo ministério que Deus me confiou. Elevando o olhar ao vitral de alabastro que se abre precisamente acima da Cátedra, invocai o Espírito Santo a fim de que sustente sempre com a sua luz e a sua força o meu serviço quotidiano a toda a Igreja. Por isto, bem como pela vossa atenção devota, agradeço-vos de coração.” (Papa Bento XVI, 2006)

³¹⁸ “A celebração da Eucaristia é ação do próprio Cristo e da Igreja, na qual, pelo mistério do sacerdote, o Cristo Senhor, presente sob as espécies de pão e de vinho, se oferece a Deus Pai e se dá como alimento espiritual aos fiéis unidos à sua oblação.” (CDC 899) Edição original de 1983. “em nome de Cristo oferece o sacrifício e preside à assembleia do povo santo, a própria estrutura dos ritos, o lugar de preeminência e a função mesma do sacerdote a põem claramente em relevo. Os atributos desta função ministerial são enunciados explícita e desenvolvidamente na acção de graças da Missa crismal, na Quinta-Feira da Semana Santa, precisamente no dia em que se comemora a instituição do sacerdócio. Nesta acção de graças é claramente afirmada a transmissão do poder sacerdotal mediante a imposição das mãos; e é descrito este poder, enumerando as suas diversas funções, como continuação do poder do próprio Cristo, Sumo Pontífice da Nova Aliança.” (SC 4)

³¹⁹ “Mas tu, porque julgas o teu irmão? E tu, porque desprezas o teu irmão? E tu, porque desprezas o teu irmão? De facto, todos havemos de comparecer diante do tribunal de Deus, pois está escrito: “Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor, todo o joelho se dobrará diante de mim e toda a língua dará a Deus glória e louvor.” portanto, cada um de nós terá de dar contas de si mesmo a Deus.” (Rm 14, 10-12)

³²⁰ “Quando os fariseus viram isso, perguntaram aos discípulos dele: “Por que ceia o vosso mestre com publicanos e pecadores?” (Mateus 9, 11)



Fig. 133 - Capela do Bom Pastor, Eslovênia, Robert Dolinar
Fig. 134 - Ermida do Cristo do Silêncio, 2005, Palmela, Bernardo Pizarro Miranda
Fig. 135 - Capela do Vaticano, 2018, Veneza, Souto de Moura

presença do sacerdote deve ser, sobretudo “aproximada³²¹ dos fiéis, de tal forma que aquele que preside possa estar e sentir-se em relação dialogal com eles.” (Costa, 2017, p.86) Pois, como dizia Santo Agostinho “Por vós eu sou bispo, convosco eu sou cristão”. (Costa, 2017, p.86) Até porque, o padre, pela forma como se apresenta, com os paramentos, torna-se bem visível e se destaca no espaço, o que nos leva a concluir que a configuração da presidência “deve exprimir de forma simples e credível a tarefa e o serviço do presidente.” (Richter, 2005, p.79)

Podemos tomar como exemplo a Capela do Bom Pastor, na Escola Primária Alojzij Šuštar (Eslovênia), de Robert Dolinar (fig. 133), onde a ausência de assentos formais aproxima a assembleia e destaca o centro onde se concentra a ação; a Ermida do Cristo do Silêncio (2005) (fig. 134), em Palmela, construída pelo arquiteto Bernardo Pizarro Miranda que, apesar de não se tratar de uma igreja, demonstra claramente o que procuramos dizer, por ser um espaço, onde “Um banco em madeira de riga abraça o espaço, convocando a identidade de uma comunidade reunida em torno de um altar.” (Miranda, 2014, XXXII); ou ainda, mais recentemente, a Capela (2018) erigida por Eduardo Souto de Moura, no Pavilhão da Santa Sé, na Bienal de Arquitetura de Veneza, onde um “banco” em pedra define todo o perímetro rodeando o altar. (fig. 135)

³²¹ “a sua colocação mais próxima dos fiéis, evidencia sobretudo o papel activo daquele que preside, privilegiando a função dialogar e reforçando o carácter didáctico daquele que se apresenta como guia da oração.” (Costa, 2017, p.87)

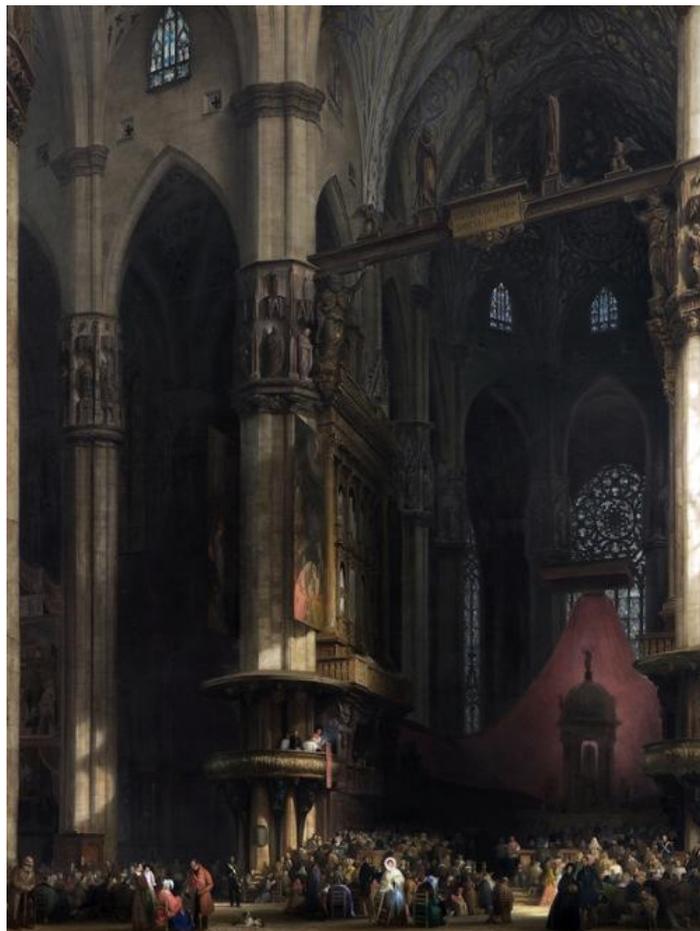
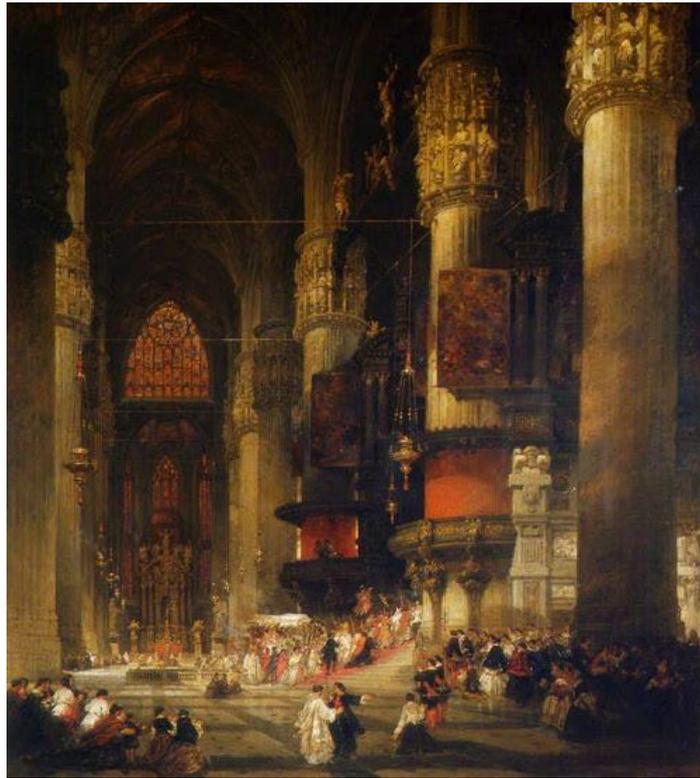


Fig. 136 - Interior da Catedral de Milão.

- a. Pintura do interior da Catedral de Milão, 1837, Luigi Bisi
- b. Pintura do interior da Catedral de Milão, 1857, David Roberts

5.6. Assembleia

“Deve-se ter especial cuidado para que o lugar para os fiéis assegure sua adequada participação nos ritos sagrados, tanto com os olhos como com a mente. Normalmente deve haver bancos ou cadeiras para seu uso, porém, observando a Constituição, no art. 32, o costume de reservar lugares para pessoas específicas deve ser suprimido. Tenha-se cuidado também para permitir que os fiéis não apenas vejam o celebrante e os outros ministros, mas também que os ouçam com facilidade, fazendo uso até dos modernos equipamentos sonoros.” (IO 98)

Quando se fala em lugar da assembleia, imediatamente se associa a estas cadeiras ou bancos. No entanto, esta ligação, trata-se de algo relativamente recente (fig. 136) pois:

“Até ao século XVI havia lugares sentados apenas para o clero. Assentos para os fiéis divulgam-se somente no século XV, sobretudo nas igrejas de pregadores, enquanto que assentos em forma de bancos compridos surgem apenas com a Reforma. A sua origem encontra-se nos sermões, que se tornavam agora cada vez mais longos.” (Richter, 2005, p.76)

Apesar disso, é possível compreender várias formas e graus de importância que a assembleia foi tomando ao longo dos tempos.

Com ou sem cadeiras ou bancos, a igreja trata-se fundamentalmente, nos primeiros tempos, de “uma comunidade reunida para o encontro recíproco, na qual cada um está voltado para o outro. Todos têm no altar o centro espiritual da sua assembleia, e à comunidade é concebida uma proximidade espacial com este centro.” (Bispo Paul Josef Cordes citado por Richter, 2005, p.75)

Todavia, e como temos vindo a compreender, o espaço litúrgico foi sujeito a constantes alterações que levaram na Idade Média ao “desaparecimento da assembleia litúrgica, determinada por particularismos feudais e corporativos, através da separação entre clero e povo e da perspectiva de salvação individualista dos crentes.” (Emminghaus, J. H. citado por Richter, 2005, p.12), conduzindo a uma organização de Igreja e espaço litúrgico:

“[...] estruturada de cima para baixo, ligando assim a celebração da liturgia exclusivamente aos clérigos, os únicos capacitados para a liturgia, enquanto que a Igreja antiga entendia a liturgia como celebração de uma comunidade, certamente não sem o seu presidente. Onde, porém, apenas o presbítero é considerado o único capacitado para a liturgia, é necessária uma divisão do espaço num sector sagrado, a que só o clero pode aceder, e numa área para a restante comunidade, que ali aguarda a graça mediada pelo sacerdote.” (Richter, 2005, p.13)



Fig. 137 - Sala dos Cavaleiros, 1928, Rothenfels, Rudolf Schwarz
Fig. 138 - Capela dos Estudantes, 1966, Melk, Áustria, Ottokar Uhl

Com o movimento litúrgico o paradigma começa a mudar e vão sendo testadas várias soluções que procuram organizar o espaço em função da assembleia, clarificado que “Na assembleia litúrgica, seja ela qual for, manifesta-se a presença de Cristo.” (Costa, 2017, p.65) Surgem assim várias soluções que concorrem para um maior envolvimento da comunidade de fiéis em todos os momentos da ação litúrgica, possibilitando que, posteriormente, seja “fruto do Concílio que o conceito de comunidade se tenha tornado progressivamente a expressão da essência da Igreja” (Bento, 2013, min.30:20) definindo os fiéis como membros activos da celebração, como parte integrante da mesma e “co-actor do evento litúrgico”³²² (Arias, 2019, p.4) (fig.137 - 138) expressamente definido na Constituição Litúrgica do *Sacrosanctum Concilium* onde “é selada na concepção magisterial da Igreja o fim da Idade Média na liturgia. E isso sobre tudo devido ao facto de a comunidade recuperar, após quase um milénio de esquecimento, a sua condição de sujeito titular da acção litúrgica.” (Richter, 2005, p.14) Passando então a figurar o entendimento da “Igreja como comunidade do povo de Deus” (Richter, 2005, p.12) e “a liturgia como celebração de toda a comunidade, em vez de uma celebração para a comunidade.” (Richter, 2005, p.12)

Assim, a assembleia, ao recuperar o seu papel fundamental na estrutura e definição do espaço litúrgico, leva consequentemente a que mais um factor tenha de ser tido em conta aquando da sua reabilitação, tornando-se talvez esse, o grande desafio arquitetónico.

A tendência a que se assistiu na reabilitação (mas em parte também na construção de novas igrejas), nos tempos pós-concílio, foi de uma certa continuidade da disposição da assembleia. Contudo, é possível notar que, na ação do movimento litúrgico, se afirmava já como “modelo” a quebra da relação axial, tão característica e transversalmente usada ao longo de muitos anos na definição espacial da igreja. Fazendo surgir assim novas possibilidades de distribuição da assembleia: de forma radial, em anel aberto, oval, e até mesmo em anel fechado, na clara certeza da necessidade “de um modelo de comunicação totalmente diferente daquele que possibilita a igreja axial longitudinal pré-conciliar, como espaço de “palco e de espectadores”.” (Richter, 2005, p.14)

No entanto, perante as várias soluções que foram sendo aplicadas, muitos foram sendo os que se afirmavam opositores desta nova ideia de espaço de culto, pelo facto de quebrar a tradicional organização axial *Ad orientem*³²³, assim como a ideia de povo peregrino em direção do céu que tem como ponto de fuga o presbitério. O que fez com que, o caminho até então percorrido de desenho de uma nova organização de assembleia visse travado o seu desenvolvimento. Mas estas “novas”

³²² Tradução livre do trecho: “co-actor del evento litúrgico”.

³²³ “No meio de tantas mudanças que caracterizaram, durante o curso do tempo, a arquitectura das igrejas e os lugares onde a liturgia acontece, uma convicção sempre permaneceu clara dentro da comunidade cristã, quase até ao presente dia. Refiro-me à adoração voltada para o oriente, uma tradição que remonta às origens do Cristianismo. (...) Onde tal orientação do espaço não é possível, a Igreja recorria ao uso do Crucifixo colocado sobre o altar, no qual todos podiam focar a atenção. Com o mesmo propósito muitas absides eram decoradas com representações resplandescentes do Senhor. Todos eram convidados a contemplar essas imagens durante a celebração da liturgia eucarística. (...) a oração voltada a oriente, mais especificamente, voltada para o Senhor, é uma expressão característica do autêntico espírito da liturgia.” (Marini, 2010)



Fig. 139 - Oratorio S. Maria di Lourdes Navarons, 1968, Glauco Gresleri
Fig. 140 - Capela dos Estudantes, Pordenone, Itália, 1969, Glauco Gresleri

soluções de espaço litúrgico e disposição da assembleia em nada contrariam a reforma litúrgica, conseguindo espelhar a “imagem de uma assembleia reunida para a celebração dos santos mistérios, hierarquicamente ordenada e articulada nos diversos ministérios, de modo a favorecer o regular desempenho dos ritos e a activa participação de todo o povo de Deus” (IGMR 257), assim como a união entre o presbitério e os leigos, que “formam uma única assembleia”. (Costa, 2017, p.24) (fig. 139 - 140) Pois, como afirma Manuel Amorim, a assembleia é um importante aspeto a ter em conta, uma vez que, os fiéis:

“[...] falam, ouvem, vêem, tocam-se, deslocam-se, sentam-se, levantam-se, ajoelham-se, isto é, são um corpo em acção que precisa de espaço bastante (de acordo com a dimensão da assembleia). Um dos erros frequentes da nossa arquitectura de igrejas é pensá-las como se fossem meros auditórios, com cadeiras individuais e sem espaço para qualquer movimento.” (Amorim, 2006, p.104)

Ainda quanto à definição da assembleia, importa não esquecer o lugar do coro, elemento de grande importância na “condução” da celebração. Como afirma o *Inter Oecumenici*:

“O coro e o órgão³²⁴ devem ocupar um lugar que mostre claramente que os cantores e o organista fazem parte da comunidade dos fiéis unidos e que lhes permita melhor cumprir seu papel na liturgia.” (IO 97)

Uma vez que se assiste, cada vez mais, ao uso de instrumentos que não necessitam de grande rigidez e espaço, parece-nos que o coro deverá encontrar-se o mais organicamente disposto com os restantes fiéis, não se procurando, por isso, qualquer tipo de evidência particular mas sim integrado, por forma a incluir o máximo possível todas as pessoas nos momentos cantados da celebração.

Para além de todas as questões que temos vindo a tratar, e que mais à frente continuaremos a aprofundar, impõe-se também compreender de que forma materializar os assentos, uma vez que, a questão do tipo de assento a utilizar, se coloca agora mais que nunca, dada toda a problemática colocada pelo Concílio relativamente à unidade e comunhão que devem estar presentes numa igreja. A primeira dúvida prende-se com o tipo de assento: deverão ser cadeiras individuais ou bancos corridos? Devem ser confortáveis a quem neles se sente ou pelo contrário?

³²⁴ Esta afirmação parte do princípio de que o órgão é o instrumento central do apoio musical à celebração, o que não é correto. Embora o seu antecessor – o hidraulo – tenha surgido no séc. III a.C., o órgão de foles só apareceu no séc. V. Hoje é frequente haver vários instrumentos, sem o órgão e sem predomínio permanente de um deles em relação aos outros.



Fig. 141 - Capela do Centro universitário Manuel da Nóbrega, 2013, Coimbra, Nuno Valentim
Fig. 142 - Capela do Centro de Reflexão e Encontro Universitário - Santo Inácio de Loyola, 2000, Porto, Nuno Valentim e Frederico Eça

Há quem afirme que os bancos compridos:

“São barreiras que separam a assembleia do presidente e dos outros ministérios, e que incentivam uma participação passiva. Não existe nenhum motivo para considerar os bancos compridos das igrejas como elementos constitutivos do espaço litúrgico. São uma invenção moderna que, na realidade, foi introduzida para os idosos e os mais débeis. Ainda hoje certas igrejas europeias não têm bancos, mas apenas algumas dúzias de cadeiras para os que não têm condições físicas de estar de pé durante toda a liturgia.”
(Marchita Mauck citado por Richter, 2005, p.76)

Este ponto específico levantado por Mauck é importante, recordando-nos que, para além de uma correcta organização do espaço, importa igualmente uma correcta escolha dos objectos de mobiliário litúrgico.

Durante muito tempo, fomos levados a crer que a solução ideal passava pelo já habitual uso de bancos corridos, chegando a estranhar, inclusivamente, igrejas com bancos individuais, como por exemplo acontece na igreja de Marco de Canavezes. Pois, se pensarmos bem, são já poucos os sítios, para além de uma igreja, onde existem bancos que sejam para mais que uma pessoa. Talvez por esta razão, tenhamos sido levados a crer, durante tanto tempo que, era importante preservar este uso devido ao seu carácter quase único. No entanto, com o decorrer do estudo e, ao depararmo-nos com esta afirmação de Mauck, compreendemos que não é totalmente descabido o uso de cadeiras individuais, pelo contrário, pode ser benéfico. Até porque, com a verdadeira aplicação da reforma litúrgica, os fiéis já não necessitam da unidade e comunhão que os bancos proporcionam, pois caso a igreja esteja bem organizada, estas passam por si só, na forma como se organizam em assembleia. Apesar desta constatação, importa realçar que não se deve excluir, à partida, o uso de bancos compridos.

Após toda esta análise podemos concluir que as cadeiras têm uma versatilidade que os bancos, na generalidade, não permitem. No entanto, os bancos têm um carácter comunitário e simbólico único. A importância da escolha deve clarificar que “a verdadeira igreja para os cristãos é a própria assembleia, a comunidade dos fiéis em união. O essencial é essa reunião.” (Marques, 2006, p.40)
Vale a pena destacar duas opções distintas do mesmo arquiteto (Nuno Valentim), a nosso ver adequadas: a utilização de bancos na Capela do Centro Universitário dos Jesuítas, 2013, Coimbra, e a utilização de cadeiras na Capela do Centro Universitário dos Jesuítas, 2000, no Porto. (fig.141 - 142)



Fig. 143 - Saint Antonius Basel, 1927, Suíça, Karl Moser
 Fig. 144 - Ronchamp, 1955, França, Le Corbusier
 Fig. 145 - Church Corpus Christi in Aachen, 1928/30, Alemanha, Rudolf Schwarz
 Fig. 146 - Saint Joseph Le Havre, 1956, France, Auguste Perret
 Fig. 147 - Colegio Apostólico de los Padres Dominicos, 1951, Espanha, Miguel Fisac
 Fig. 148 - Resurrection of Christ Köln, 1957, Germany, Gottfried Böhm

6. Dimensão da linguagem arquitetónica

“A arte exige não só engenho, mas pede também um continuo superar-se a si mesmo, paixão e vontade tenaz. Exige que se faça apelo àquele património do bem e do belo que cada homem traz dentro de si e que encontra em Deus a sua raiz última e mais profunda.”³²⁵ (Papa João Paulo II, 1991, citado por Gomes, 2010, p.133)

É interessante dar conta do interesse particular que muitos arquitetos, mesmo que ateus ou agnósticos, têm neste tipo de programa. Talvez isto suceda porque “a prática da vida espiritual requiere um clima sobrenatural benigno”³²⁶ (Guardini, 2019, p.14), permitindo assim explorar novos campos, formas e linguagens. (fig.143 - 148) Pois, apesar de universal, em ritos e objetos litúrgicos, cada templo encarna dimensões particulares, que têm que ver com factores de cada época, lugar, cultura, sociedade, etc., até à especificidade da igreja que vai projetar para uma determinada comunidade e que, por sua vez, deve exprimir a identidade da mesma, num equilíbrio entre uma identidade universal e esta de carácter mais individual.

O programa de uma igreja permite e obriga assim, o arquiteto,³²⁷ *a priori*, a ir além das suas habituais exigências projetuais³²⁸, pois, como afirma Schwarz:

“[...] não basta trabalhar honestamente com os meios e formas de nosso próprio tempo. É tão somente da realidade sacra que edifícios sagrados podem crescer. O que engendra obras sacras não é a vida do mundo mas a vida da fé – a fé, contudo, de nosso próprio tempo... aquela substância sagrada a partir da qual igrejas podem ser construídas deve ser viva e real para nós [...]” (Schwarz citado por Mello, 2007, p.95)

Se é indispensável, em qualquer obra, um diálogo intenso entre o arquiteto e o cliente, isso torna-se porventura ainda mais exigente no caso do projeto de uma igreja, sobretudo agora, dado que “o Concílio Vaticano II mudou tudo em relação à arquitectura, a organização espacial, séculos de arquitectura sublime servem pouco quando o padre se vira para a assembleia.” (Siza 2018) O que faz com que a nova liturgia requeira uma nova conceção arquitetónica. Para tal, necessita-se:

“[...] não tanto golpes de génio quanto uma notável sapiência litúrgica e profissional: competências variadas e de alto nível, iniciativas pensadas com o contributo de pessoas competentes [peritos] e colaboradores, estudos diligentes, métodos rigorosos,

³²⁵ João Paulo II no discurso que fez aos músicos da Orquestra Nacional Russa, a 31 de Outubro de 1991.

³²⁶ Tradução da citação original: “La práctica de la vida espiritual requiere un clima sobrenatural benigno”.

³²⁷ Inserindo-se a arquitetura no campo das artes, importa realçar que: “Entre as mais nobres actividades do espírito humano estão, de pleno direito, as belas artes (...) a santa mãe Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objectos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural” (SC 122) “Recomenda-se também, para formar os artistas, a criação de Escolas ou Academias de arte sacra, onde parecer oportuno.” (SC 127)

³²⁸ “O projectista deve recorrer ao conselho de diversos especialistas do sector, como o teólogo, o liturgista, o historiador da arte e da arquitectura, o restaurador, o técnico do som, o perito em iluminação, etc. Para além de profunda preparação profissional e experiência amadurecida, necessita de um conhecimento aprofundado dos princípios basilares da reforma litúrgica e de capacidade de colaboração com outros profissionais. Cada igreja é, de algum modo, um caso único, visto que é dotada de fisionomia própria.” (Amorim, 2006, p.107)

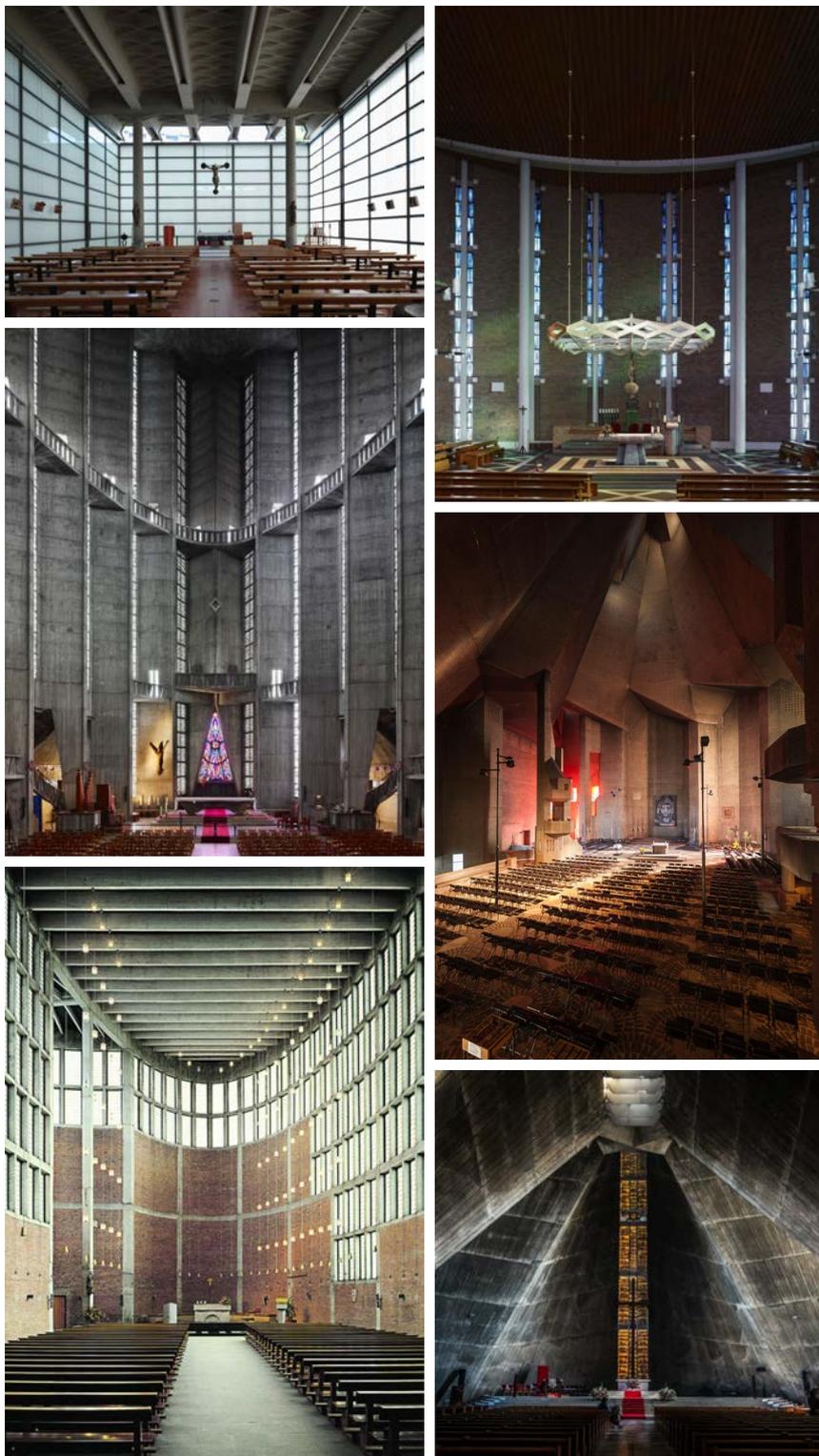


Fig. 149 - Chiesa di nostra Signora della Misericordia, 1958, Itàlia, Angelo Mangiaroti
 Fig. 150 - Église Sainte-Thérèse-de-l'Enfant-Jésus de Metz, 1959/62, França, Roger-Henri Expert e Théophile Dedun
 Fig. 151 - Notre Dame Royan, 1958, France, Guillaume Gillet
 Fig. 152 - Pilgrimage Church of Mary, 1963/1972, Gottfried Böhm
 Fig. 153 - Saint Paulus Saarbrücken, 1961, Germany, Fritz Thoma
 Fig. 154 - Saint Mary's Cathedral Tokyo, 1964, Japan, Kenzo Tange

investigação paciente”. (Comissão Episcopal para a Liturgia de Itália, 2018, p.15)

É necessário então compreender que, às habituais exigências projetuais - que passam pela profunda compreensão do programa, a fim de lhe corresponderem espaços, formas e materiais³²⁹ que lhe imprimam sentido, funcionalidade e beleza necessários³³⁰, numa linguagem contemporânea que não rompa a tradição e herança, de mais de dois mil anos, que a definição deste tipo de espaço tem³³¹ -, acresce-lhe a árdua tarefa de “tornar acessível, compreensível, comovedor até, o mundo do espírito, do invisível, do inefável, de Deus. [...] traduzir este mundo do espírito, este mundo do invisível, em formas inteligíveis”.³³² (Paulo VI citado por Guitton, 1966, p. 238) Uma tarefa exigente e para a qual, como temos acentuado, poucos são os instrumentos ao dispor do arquiteto, que o apoiem e orientem. (fig.149 - 154)

Quando se trata de uma intervenção arquitetónica deste tipo, importa ter-se em especial consideração a questão da identificação do espaço, ou seja, a partir do momento em que uma qualquer pessoa passa a porta³³³ e entra numa igreja, deve imediatamente ser perceptível que se encontra num espaço de culto da Igreja Católica Apostólica Romana. Um resultado que se alcança através da correta utilização de determinados objetos que, de resto, procurámos clarificar nos pontos anteriores.

Em continuidade com esta questão, a intervenção no espaço, deve ser capaz de fazer com que o indivíduo, abandone “o mundo habitual de ideias ou de sentimentos em que vive, para entrar e fazer próprio outro mundo espiritual, infinitamente mais abarcador e rico.”³³⁴ (Guardini, 2019, p.30) Pois, como afirma José Ribeiro Gomes, “O hoje da celebração exige, de facto, um espaço que interrompa

³²⁹ “É através das coisas materiais deste mundo, e não nelas, que nasce a possibilidade de encontro com as realidades espirituais.” (Gomes, 2010, p. 130)

³³⁰ “A igreja, como pede a sua natureza, seja apta para as celebrações sagradas, decorosa, brilhando por nobre beleza, não por mera sumptuosidade, e constitua o verdadeiro símbolo e sinal das realidades celestes...” (RDIA 3)

³³¹ “A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados.” (SC 123)

³³² “Penso... que entre o sacerdote e o artista existe uma afinidade – que digo eu? – uma capacidade de entendimento maravilhosa. O nosso ministério comum consiste em tornar acessível, compreensível, comovedor até, o mundo do espírito, do invisível, do inefável, de Deus. Ora, na arte de traduzir este mundo do espírito, este mundo do invisível, em formas inteligíveis, os artistas são mestres. E decerto que não à maneira dos professores de lógica ou de matemática, que tornam compreensíveis os tesouros do mundo à inteligência. Os artistas tornam acessível este mundo espiritual, mas conservando-lhe o seu carácter inefável, o seu halo de mistério, e, torno a insistir, é-lhes preciso atingir esse mundo inefável, ao mesmo tempo pela força e pelo esforço... Se a ajuda dos artistas viesse a faltar-nos, o ministério sacerdotal ficaria falto de segurança... Sim, concluiu ele, para conseguir exprimir como convém o mistério da beleza intuitiva, seria preciso fazer coincidir o sacerdócio com a arte.” (Guitton, 1966, p. 238)

³³³ “A porta da igreja, por exemplo, tem o duplo significado de limite e de passagem: do ponto de vista sensorial, trata-se de entrar por uma porta aberta sem qualquer objectivo; do ponto de vista espiritual, representa um novo nascimento, uma passagem da esfera sensorial à esfera metafísica.” (Costa, 2017, p.31) Interessa notar que, no início, nas *domus ecclesiae*, provavelmente a porta não tinha sido construída de propósito com esse fim, pelo que a porta era onde já lá estava antes. Nas basílicas romanas reaproveitadas, a porta seria no eixo longitudinal. Mais tarde, nomeadamente na Idade Média, algumas igrejas tinham a entrada só pelo lado, como acontece na Sé Velha de Coimbra, em que a abertura na frontaria não se destinava ao acesso dos fiéis, nem aliás tinha a escadaria que depois lhe foi construída. Tal porta destinava-se à pregação feita pelo Bispo ao povo aglomerado no adro fronteiro (porque não cabia na Igreja). Que a entrada lateral fosse a verdadeira explica que a célebre Porta Especiosa, renascentista, tenha sido feita para aquela e não para a porta da frontaria.

³³⁴ Tradução da citação original: “el mundo habitual de ideas o de sentimientos en que vive, para interarse y haver proprio otro mundo espiritual, infinitamente más abarcador y rico.”

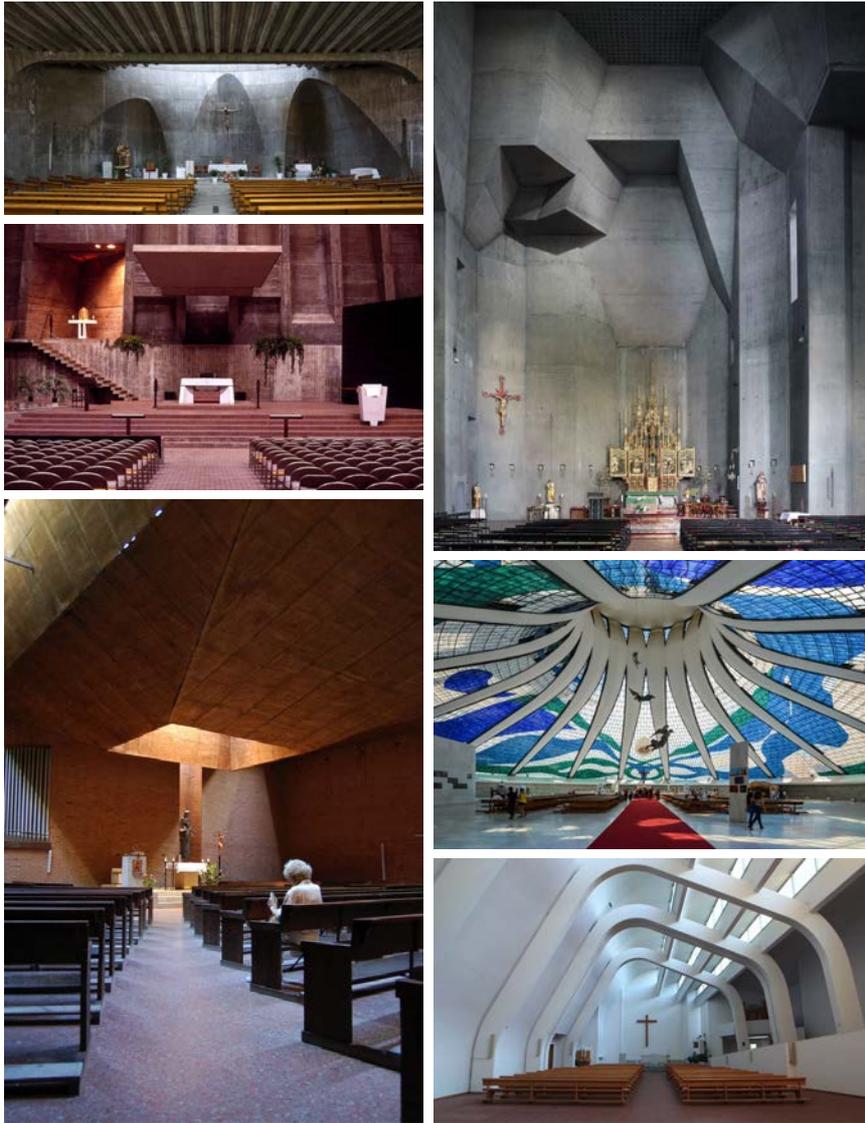


Fig. 155 - Iglesia de Santa Ana, 1965, Espanha, Miguel Fisac
 Fig. 156 - Sankt Ludwig Saarlouis, 1970, Alemanha, Gottfried Böhm
 Fig. 157 - Church of St Francis de Sales, 1967, Estados Unidos, Marcel Breuer
 Fig. 158 - Iglesia de Nuestra Señora de la Luz, 1967, Madrid, Fernández del Amo
 Fig. 159 - Catedral Brasília, 1970, Brasil, Oscar Niemeyer
 Fig. 160 - Igreja de Santa Maria Assunta, 1965-1975, Itália, Alvar Aalto

a marcha quotidiana do tempo”. (Costa, 2017, p.14)

Cabe desta forma ao arquiteto, exponenciar ao máximo o seu saber, criatividade e arte, num equilíbrio profundo e exigente entre tantas questões dicotómicas, com o fim de “ajudar os homens a orientarem-se para Deus e contribuir mais eficazmente ao incremento duma atitude de louvor a Deus e santificação dos homens.” (Gomes, 2010, p.131).

Um dos meios frequentemente utilizados para a sua materialização passou pela verticalidade e monumentalidade. (fig.155 - 160) O facto de se tratar de uma construção de grandes dimensões, pelo menos em altura, é algo de certa forma frequente e que estamos habituados a automaticamente associar a este tipo de edifícios. Uma ideia, de resto, que se foi construindo e consolidando desde a apropriação das basílicas romanas, edifícios monumentais que se destacavam urbanisticamente, até atingir o seu auge nas catedrais góticas. Mas, deverá a sua materialização passar sempre por este tipo de opção arquitetónica que privilegia a monumentalidade e verticalidade? A resposta é difícil, mas podemos dar conta que sempre existiram espaços verdadeiramente identificantes, comoventes e envolventes sem serem monumentais, fazendo uso, por exemplo, de meios como a luz para o alcançar.

Um dos pontos importantes que temos vindo a desenvolver ao longo do trabalho, é a compreensão de que o Concílio Vaticano II se tratou de uma grande charneira no que toca à definição das igrejas³³⁵, em que “No fundo, hoje os projectos nas igrejas são sempre um balanço não tão estável como isso entre os séculos de igrejas maravilhosas e uma alteração profunda”. (Siza, 2018)

Ainda que, de certa forma, se tenha quebrado um vínculo com o que se vinha a desenvolver até então, esta afirmação de Álvaro Siza, mostra uma incompreendida e até inexplicada razão para tal sucedido pois, um dos grandes objetivos da reforma litúrgica e do movimento litúrgico foi mostrar que as igrejas estavam a ser construídas de acordo com premissas ultrapassadas e que se devia refletir e chegar a novas soluções por forma a melhor cumprirem a sua função.

Estranha posição³³⁶ por parte de um personagem tão importante no desenvolvimento da arquitetura

³³⁵ Com o Vaticano II, “Os três critérios que deveriam guiar o desenho dos novos templos cristãos deveriam ser a funcionalidade litúrgica, a fortalecimento da participação ativa dos fiéis e a promoção da nobre beleza (SC 124). Para realizar uma tarefa tão louvável, foi necessário considerar a multifuncionalidade do espaço sagrado: ações litúrgicas e devoção; celebração e reserva eucarística; oração dentro e fora dos ritos (PO 5). Esses breves mas vigorosos traços desenham a “igreja segundo o Vaticano II” que os Padres do Conselho desejaram com o Papa.” (Arias, 2019, pp.434-435) Tradução livre do trecho: “Los tres criterios que deberían guiar el diseño de los nuevos templos cristianos eran la funcionalidad litúrgica, la potenciación de la participación activa de los fieles y el fomento de la noble belleza (SC 124). Para realizar tan laudable tarea, era necesario considerar la plurifuncionalidad del espacio sagrado: acciones litúrgicas y devoción; celebración y reserva eucarística; oración dentro y fuera de los ritos (PO 5). Estos breves pero vigorosos trazos dibujan la «iglesia según el Vaticano II» que desearon los Padres conciliares con el Papa.”

³³⁶ “Esta conseguida mudança de orientação do clero no sentido de abertura à arte moderna – que o Concílio Vaticano II veio confirmar - foi essencial para que a renovação arquitetónica defendida pelo MRAR se tenha concretizado na prática durante a década de 1960, contribuindo de modo crucial para o fim da arquitetura religiosa conotada como “português suave” que se construiu até então com grande intensidade no Patriarcado de Lisboa, como se pode constatar pela análise das igrejas ali inauguradas nessas duas décadas” (Cunha, 2014, p. 415)

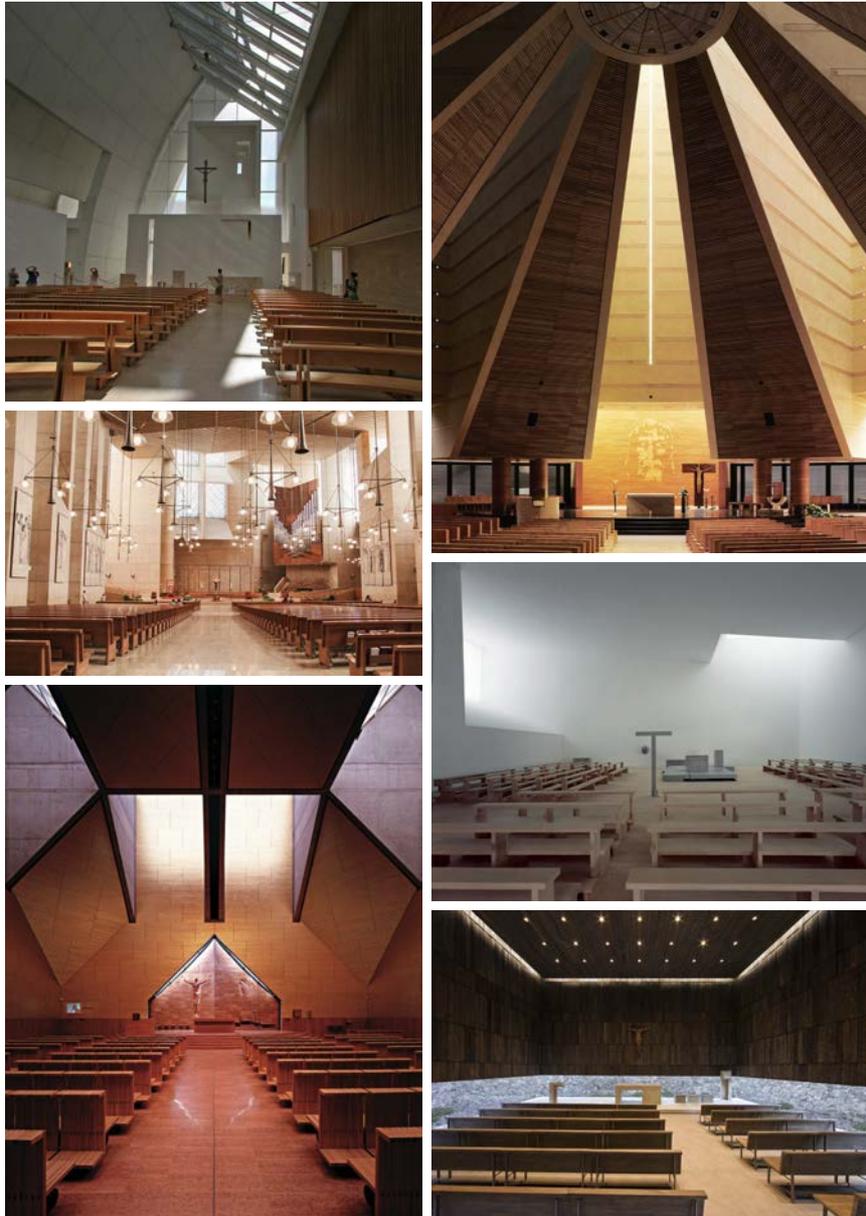


Fig. 161 - La Chiesa del Dio Padre Misericordioso, 1998-2003, Itália, Richard Meier
 Fig. 162 - Santo Volto Torino, 2006, Itália, Mario Botta
 Fig. 163 - Cathedral of Our Lady of the Angels, 2002, Estados Unidos, Rafael Moneo
 Fig. 164 - St. Nikolaus parish center, 2008, Alemanha, Meck Architekten
 Fig. 165 - Pope Giovanni XXIII Seriate, 2004, Itália, Mario Botta
 Fig. 166 - Capela Del Retiro, 2009, Chile, Cristián Undurraga

moderna, mas que é possível esclarecer através das palavras de Teotónio Pereira³³⁷:

“Na hora a que se assiste a uma renovação da vida cristã, em que as verdadeiras tradições são reatadas, e em que a Liturgia vai readquirindo a sua pureza essencial, uma linguagem nova e autêntica da arquitectura e um redescobrimto das suas leis permanentes tornarão possível um florescimento da arquitectura religiosa, idêntico ao que está já a verificar-se em alguns países europeus.” (Nuno Teotónio Pereira, 6 dez. 1953, citado por Cunha, 2014, p.102)

É então possível compreender o papel preponderante que os arquitetos desempenham e a necessidade de compreensão profunda do que o programa implica. (fig. 161 - 166)

O poder que possuem no controlo do projeto, permite que a Igreja progrida, ao invés de se manter com uma imagem e ritualização antigas.

Para além da incompreensão do programa, por parte de muitos arquitetos, encontramos nas palavras de Bouyer uma outra justificação para uma desadequada resposta arquitetónica: a de “uma tendência dos sectores mais conservadores da igreja para reduzir a tradição a uma manipulação da aparência de formas e práticas e (ii) o abandono por, reacção à tendência anterior, da tradição assim compreendida.” (Louis Bouyer, citado por Miranda, 2014, p.7). Resumidamente, “a opção por “velhos formalismos” ou, no extremo oposto a tentação da novidade pela novidade.” (Miranda, 2014, p.6).

Torna-se, por isso, importante olhar de frente para as diretivas conciliares, colocando-as verdadeiramente em prática. Pois, uma vez mais, e como afirma Ratzinger: a Igreja “não se deve definir nem pelos seus ofícios nem pela sua organização, senão pelo seu culto litúrgico, isto é, como uma comunidade de mesa em redor do Ressuscitado que a congrega e reúne”.³³⁸ (Ratzinger, 2005, p.227)³³⁹

Para além de todas estas questões, surgem as diretamente ligadas à organização espacial que já temos vindo a tratar, mas que podemos de certa forma resumir nas palavras Manuel Amorim:

“O trabalho a realizar não é fácil e deverá ser feito com serenidade e sem qualquer espécie de pressão. Trata-se de promover a unidade da assembleia celebrante, a unicidade e centralidade do altar, o destaque e a harmonia do presbitério, as relações

³³⁷ Um dos personagens mais importantes no que toca ao desenvolvimento da arquitetura religiosa moderna em território nacional. Que, aquando da construção da igreja de Marco de Canavezes chegou a afirmar “um retrocesso absoluto” e “um voltar atrás”. (Nuno Teotónio Pereira, 2004, citado por Milheiro; Salema, 2004)

³³⁸ Tradução livre do trecho: “no ha de definirse ni por sus oficios ni por su organización, sino por su culto litúrgico, es decir, como comunidad de mesa en torno al Resucitado que la congrega y reúne en todo lugar”.

³³⁹ Edição original de 2001.

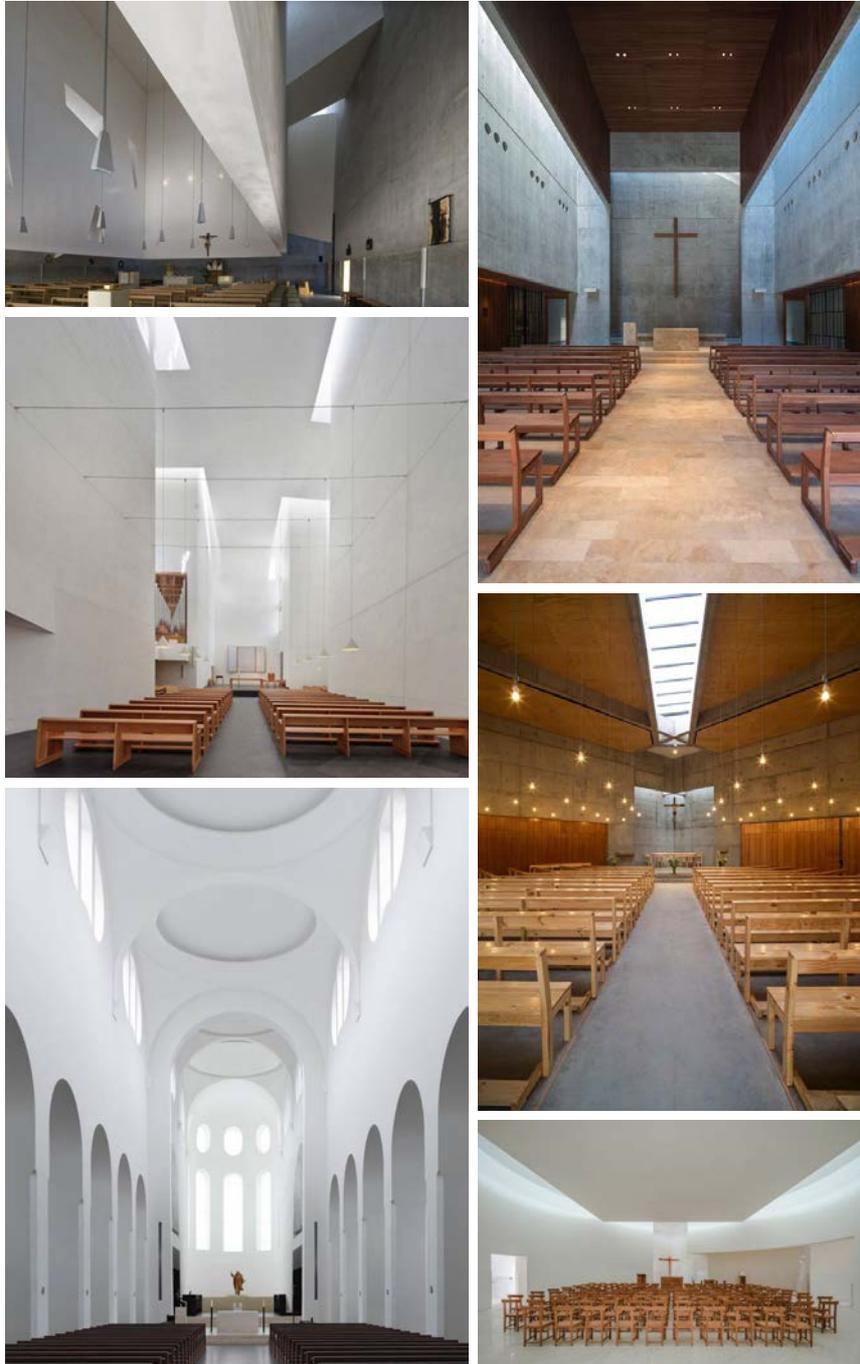


Fig. 167 - Igreja em Foligno, 2009, Itália, Massimiliano e Doriana Fuksas
 Fig. 168 - Igreja do Campus da Universidade Católica da Argentina, 2014, Penedo e Urgell Architects
 Fig. 169 - Iesu Church San Sebastian, 2011, Espanha, Rafael Moneo
 Fig. 170 - San Alberto Magno Chapel, 2014, Chile, Juan Pavez Aguilar e José Requesens Aldea
 Fig. 171 - Saint Moritz Augsburg, 2013, Alemanha, John Pawson
 Fig. 172 - Saint-Jacques-de-la-Lande, 2018, França, Álvaro Siza

entre eucaristia, baptismo e reconciliação-penitência, as capelas e os altares laterais, os percursos dentro e fora da aula, os assentos do presidente, ministros e fiéis, a iluminação, etc. O projecto consiste num conjunto de decisões capazes de coordenar e guiar disciplinas e competências diversas, com vista a obter um resultado coerente com o espírito da reforma litúrgica, em diálogo com as exigências da conservação e da valorização do património. Impõe-se, por isso, um itinerário projectual.” (Amorim, 2006, pp.107-108)

Podemos resumir a ação que um arquiteto deverá ter, aquando da adequação ou construção de igrejas, às seguintes palavras de Rudolf Schwarz: “o importante não é que as igrejas tenham um aspecto moderno, senão que de verdade o sejam no seu interior.”³⁴⁰ (Rudolf Schwarz citado por Cobián, 2005, p.12) (fig. 166 - 172)

Apesar de todas as tentativas de travar o avanço da reforma litúrgica, podemos compreender uma maior aceitação de materiais, técnicas e forma³⁴¹ que, por sua vez, facilitam a ação do arquiteto. Apesar de ainda estar longe a compreensão, por parte das pessoas, do papel importante do arquiteto, tem-se vindo a notar uma maior consciência da sua importância, como se pode ver na seguinte afirmação do Santo Padre João Paulo II há mais de duas décadas:

“A Igreja precisa de arquitectos, porque tem necessidade de espaços onde congregar o povo cristão e celebrar os mistérios da salvação. [...] aos critérios arquitectónicos do nosso tempo.” (Papa Joao Paulo II, 1999)

³⁴⁰ Tradução do trecho original: “lo importante no es que las iglesias tengan un aspecto moderno, sino que de verdad lo sean en su interior.”

³⁴¹ “o tempo actual é de renovação, e por isso a Igreja não faz dificuldades em aceitar “na matéria, na forma e na ornamentação, as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo”. Já não há lugar para as famosas polémicas sobre os materiais e técnicas modernas”. (Nicolau, 1968, p.184)



Fig. 173 - Celebração da Eucaristia na Basílica de Domitila

Após a compreensão da origem e evolução do espaço litúrgico e seus elementos constituintes, percebemos que - a igreja, perante a reforma litúrgica levada a cabo pelo Vaticano II e os tempos actuais -, a sua organização e imagem tradicional (com a assembleia longitudinal com foco no altar), não é sempre/ ou não tem de ser a mais adequada para exprimir o que esta deve ser. Sendo, por isso, necessária uma nova organização espacial / novas respostas de organização espacial. Necessidade esta, de resto, legítima pois, como percebemos ao longo da história da igreja “sempre aconteceu assim: cada época estruturou os edifícios eclesiais de acordo com a sua concepção de liturgia.” (Richter, 2005, p.32)

Contudo, apesar desta constatação, prevalece, na generalidade das pessoas, uma consciência nem sempre refletida ou fundamentada acerca do que deve ou não ser o espaço celebrativo. O que leva, por sua vez, a que a conservação de uma determinada espacialidade se mantenha genericamente até aos dias de hoje por ser difícil a implementação de outras.

Outro factor que tem impedido uma maior abertura a novas soluções espaciais prende-se com o facto de, apesar de há já mais de cinquenta anos se ter implementado um novo rito celebrativo - o ordinário, resultante da reforma litúrgica do Concílio - permanece ainda alguma intransigência na sua aceitação. O que, por vezes, resulta, por parte de algumas minorias (pelo menos em Portugal), numa luta pela defesa da restauração da disposição medieval do altar encostado à parede oriental do edifício³⁴² e, por sua vez, na crença do rito tridentino como única forma possível de celebração, não aceitando, por isso, quaisquer desenvolvimentos no espaço litúrgico:

“A ideia de que o sacerdote e o povo devem ficar frente a frente um para o outro durante a oração nasceu apenas no cristianismo moderno (importante – deve constar), e é completamente alheia à Igreja antiga. O sacerdote e o povo certamente não rezam um para o outro, mas para o único Senhor.” (Marini, 2010)

Uma ideia, de resto, rebatível pois, ao estudar-se a história do espaço litúrgico, como procuramos fazer, torna-se perceptível que nas primeiras comunidades cristãs, o altar encontrava-se no centro onde todos se reuniam em seu redor, não se encontrando portanto encostado a uma parede com todos dispostos atrás. (fig. 173) Para além deste dado, é ainda explicada pelo facto de nunca se ter deixado de celebrar com um altar mais central, como é afirmado por Richter: “não acontece, contudo, com os altares papais em Roma, de tal modo que ali continua possível em princípio a celebração “versus populum”. De resto, isto nunca foi proibido, nem sequer no Missal Romano de 1570, promulgado pelo Concílio de Trento”. (Richter, 2005, p.83)

Mas sobretudo, há que notar que, na celebração *ad orientem*, “o aspecto convivial inerente ao altar,

³⁴² “Hoje os elementos cósmicos já dizem pouco às mentalidades modernas, dizer Oriente ou Ocidente já não constitui um símbolo tão eloquente”. (Lima, 2010, p.5)



Fig. 174 - Celebração da Eucaristia em rito Tridentino

recordado constantemente pelos documentos, só é experimentado na prática por quem preside à celebração eucarística, e pelos eventuais presbíteros concelebrantes” (Costa, 2017, p.68), o que faz com que não vá ao encontro da ativa participação dos fiéis centralmente defendida no Concílio. (fig. 174)

Em consequência deste entrave, ainda por ultrapassar, constatamos que, apesar do esforço imediato de reabilitação das igrejas pré-conciliares - organizadas para um determinado rito que já não o oficialmente vigente -, em resposta às novas exigências litúrgicas definidas pelo concílio, assistimos a um limitado e incompleto cumprimento da reforma que se sintetizou, fundamentalmente na colocação de um novo altar e realocização do ambão e da presidência. Alteração esta, genericamente aceite e que faz já parte do imaginário coletivo de uma igreja, e por isso pouco questionado. No entanto, e como nos recorda Klemens Rícher, “certamente se deve repensar aquele que é ainda modelo habitual nas igrejas católicas, de colocação de altar, ambão e lugar da presidência numa mesma plataforma” (Rícher, 2005, p.17), pois:

“[...] a reforma litúrgica do Concílio fixou ou prosseguiu, do ponto de vista espacial, uma sistematização frontal de sacerdote e povo de Deus, e só raramente realizou uma expressão espacial da comunidade de mesa eucarística, que era um dos objectivos primários do movimento litúrgico.” (H. Muck citado por Rícher, 2005, p.65)

Pode-se, portanto, concluir que, na grande maioria dos casos, a reforma não se deu na sua plenitude pois, apesar de melhorada a participação dos fiéis com a colocação do novo altar, a posição da assembleia de fiéis permaneceu inalterada, tornado incompleta a intervenção, uma vez que, um dos grandes objetivos da reforma, como temos vindo a referir, foi a promoção da ativa participação dos fiéis em redor dos momentos litúrgicos. E, tendo em conta que grande parte do espaço é ocupado pela Assembleia, torna-se sem dúvida necessário ter em especial consideração a organização da mesma e sua relação com o todo.

Apesar de já passados mais de cinquenta anos da grande reforma litúrgica definida no Concílio Vaticano II, são ainda poucos os exemplos de evoluções espaciais efetuadas no que respeita à construção de novos espaços de culto, e menos ainda são os que se referem à reabilitação de igrejas pré-conciliares. Torna-se assim claro que ainda está por assimilar a ideia de que, por forma a cumprir verdadeiramente a reforma litúrgica, é necessário reformar também o espaço, redescobrimo os seus elementos constituintes e reorganizando-os. Só com uma correta organização do espaço se torna possível uma plena execução do rito pois:



Fig. 175 - Capela dos Bispos de França, Avenue de Breteuil, Paris
Fig. 176 - Igreja do mosteiro de Bose, Itália
Fig. 177 - Igreja da abadia de Sainte-Marie-de-la-Pierre-qui-Vire, Saint-Léger-Vauban, França
Fig. 178 - Philadelphia Cathedral (1898), Estados Unidos, reconfigurada em 2002 por Dean Richard Giles

“Os participantes, independentemente dos mesmos acontecimentos objectivos, têm uma vivência totalmente diferente da celebração eucarística, segundo participem numa celebração cuja forma externa se assemelhe à disposição de um autocarro (todos sentados atrás uns dos outros voltados na mesma direcção, devendo-se falar o menos possível com o condutor), ou se estiverem sentados num pequeno círculo ao redor de uma mesa.” (Richter, 2005, p.18)

Como afirma S. Rau, “numa sala de cinema também é possível celebrar um aniversário.” (S.Rau citado por Richter, 2005, p.32) Uma constatação que, em analogia, podemos transportar para esta problemática: são ainda muitas as igrejas que, apesar de permitirem a realização do rito, não se consentem que ele atinja a sua plenitude.

Nesse sentido, parece-nos fundamental um regresso às igrejas pré-conciliares (que são a maioria), a fim de melhorar esse aspecto, a nosso ver, tão importante.

Perante a demarcada longitudinalidade ainda presente, um dos grandes desafios prende-se exactamente no seu tratamento, quebrando essa forte axialidade perspéctica que tem como ponto de fuga o altar e o sacrário, amplamente disseminada por toda a parte como imagem de igreja e do percurso penitencial, que pode ser questionada:

“[...] a sólida simetria, sinal de uma ordem estável e áulica, devia, também ela, dissolver-se numa livre deslocação de todos os objetos que fazem parte do contexto imediato do altar [...] o tabernáculo, o assento do celebrante, o ambão, o crucifixo, os candelabros, etc.”³⁴³ (Estivill, 2014, p.55)

Esta ideia, que tem que ver diretamente com a reforma litúrgica - não só devido à procura da maior e mais ativa participação de todos, mas também porque se passa de um foco (no altar), para “dois focos” (Richter, 2005, p.67), altar e ambão³⁴⁴, tratando-se de um ponto central na definição do espaço. (fig. 175 - 178)

A consciência desta alteração faz-nos assim perceber que a tradicional organização longitudinal não responde tão plenamente à prática litúrgica, por fazer convergir os olhares para um único ponto e por, a nível participativo, deixar “cada um sozinho no todo, o coração permanece em solidão.” (Schwarz citado por Richter, 2005, p.65)

Quanto a toda a questão sobre a configuração e orientação do espaço, podemos afirmar perante o

³⁴³ Tradução livre do trecho: “la sólida simetría, signo de un orden estable y áulico, debía, también ella, disolverse en una libre dislocación de todos los objetos que forman parte del contexto inmediato del altar(...) el tabernáculo, la sede del celebrante, el ambón, el crucifijo, los candelabros, etc.”

³⁴⁴ “Outra directriz extremamente importante definida no Concílio foi o estabelecimento do paralelo entre a «mesa da Palavra de Deus», ambão, e a «mesa do Corpo do Senhor», altar; a interligação clara destes dois pólos de acção litúrgica, e o conseqüente relevo a conceder-lhes na organização do espaço sagrado. Estes dois pólos, conjuntamente com o lugar da presidência, estruturam o santuário.” (Rosa, 1965, p.188)



Fig. 179 - Imagem da capela Anglicana *Bishop Edward King Chapel of Ripon College Cuddesdon*, 2013, Inglaterra, Niall McLaughlin Architects

estudo desenvolvido até aqui e, constatando as diversas exigências do programa, a solução passará por algo que “não esteja orientado exclusivamente para o altar, mas que possibilite um acontecimento que se desloque entre diversos lugares. O espaço eclesial deve ser um conjunto o mais possível diferenciado, que una diferentes zonas de espaço.” (Richter, 2005, p.18) (fig. 179)

Devido a esse entendimento, começam a surgir ainda antes mesmo do Concílio, por ação do Movimento Litúrgico, soluções que quebram a rigidez formal da assembleia, que devem servir de exemplo e abrir horizontes, onde se entendem:

“[...] os próprios membros da assembleia como símbolo do Cristo: é do irmão e da irmã que o Cristo vem (Mt 25,40); na assembleia litúrgica é o outro, o nosso irmão e a nossa irmã em Cristo, o nosso Oriente. Nesta perspectiva, que seja o lugar da assembleia pensado de forma que as pessoas vejam não somente os ministros, mas também possam se ver.” (Lima, 2010, p.5)

É privilegiando este encontro mais efetivo da assembleia em redor dos momentos litúrgicos que deve residir o esforço, como afirma Frei Bernardino da Costa:

“[...] no espaço litúrgico é importante a distância e a posição dos membros da assembleia celebrante, uns em relação aos outros, e de todos em relação aos objectos presentes no lugar em que se celebra. Esta é a razão pela qual a disposição dos espaços deverá ter em conta as acções litúrgicas”. (Costa, 2017, p.18)

Torna-se agora, mais do que nunca necessário romper, de certa forma, “O sacralismo que, durante séculos, circundou o altar” que, por sua vez, “criou à volta dele uma barreira quase absoluta: no rito oriental, com a iconostase, e no rito ocidental, de modo bem evidente, com a balaustrada” (Costa, 2017, p.67), afastando definitivamente os fiéis do centro do evento litúrgico.

Nesse sentido, recordamos algumas vivências litúrgicas existentes nos primeiros tempos que nos parecem coincidir plenamente com a reforma litúrgica que o Concílio procurou definir, atualmente replicadas em algumas comunidades.

Por exemplo, na Síria, a liturgia era vivida em dois momentos, primeiro a “A assembleia estava ao redor do “bema” durante a celebração da palavra, enquanto que de seguida se reunia para a celebração eucarística à volta do altar, colocado mais a Oriente.” (Richter, 2005, p.102)

Relato idêntico é possível encontrar na Argélia:

“Frédéric Van der Meer, arqueólogo e patrólogo de Nimega, descreveu o rito eucarístico celebrado por Agostinho (430) na principal Basílica de Hipona com detalhes precisos e sempre verificados. No capítulo intitulado "um domingo em Hipona", descreve a

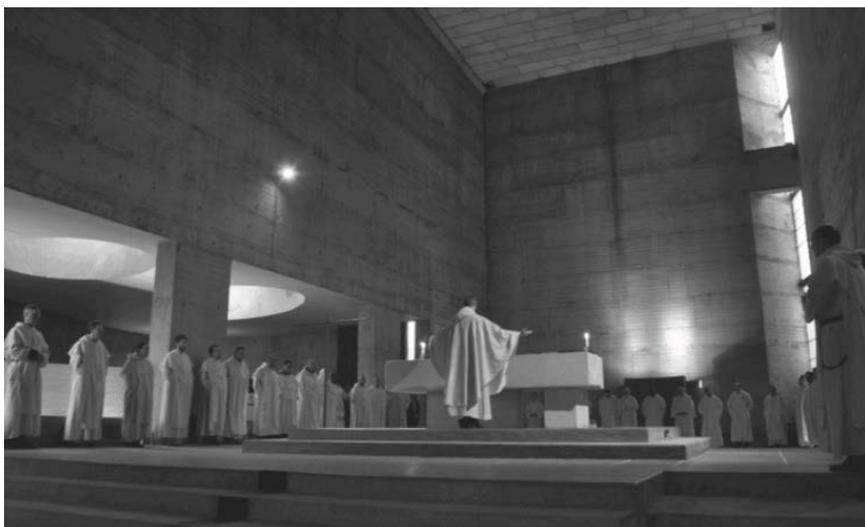
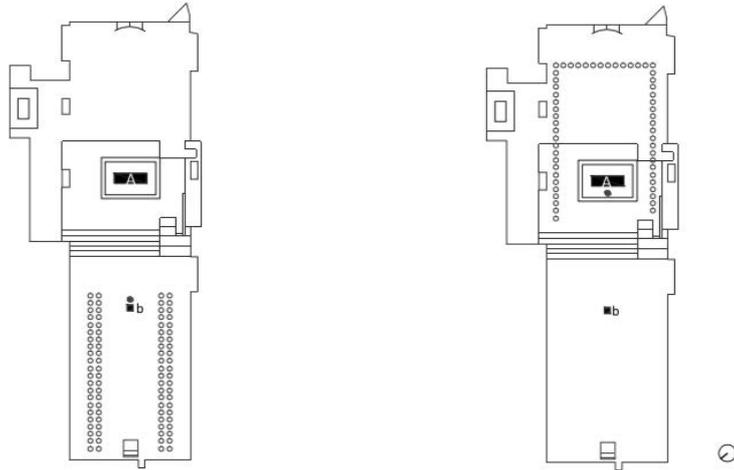


Fig. 180 - Celebração da Eucaristia na Igreja do convento de la Tourette, 1956-1960, França, Le Corbusier

- a. Celebração Litúrgica
- b. Plantas explicativas dos dois momentos da Eucaristia
- c. Celebração Eucarística

basílica do norte-africano dos séculos V e VI, onde o altar se situava no meio da nave. Após a liturgia da palavra, celebrada na abside e na cátedra do bispo, Agostinho e os demais celebrantes desciam os degraus e dirigiam-se em direção ao pequeno altar. Os fiéis disponham-se em torno dele.”³⁴⁵ (Arocena, 2006, p. 29)

Mais recentemente, na igreja do convento dominicano de La Tourette, o rito estabelece-se de igual forma, claramente definido pelos dois momentos. (fig.180)

Com estes exemplos, podemos constatar, mais que nunca, a clareza dos momentos litúrgicos e a activa participação de todos, em todos os momentos. Para o compreender melhor, importa compreender de forma mais clara a questão dispositiva da assembleia.

Numa sala de aula ou de espetáculos, num autocarro ou avião, existe uma única direção que não pressupõe interação. Já num estádio, ou num parlamento, apesar de existir sempre um foco, estabelecem-se várias relações, tornando possível a interação, assim como numa mesa quadrada, redonda, ou oval, a unidade que se estabelece é muito maior que numa rectangular, pois todos se encontram equidistantes, ou pelo menos não permitem tão vincadamente hierarquias espaciais na posição das pessoas no espaço.

Assim sendo, constatamos que o modelo que se aproxima de ideal organização, se deverá distanciar da clássica organização longitudinal e aproximar-se do círculo³⁴⁶, tratando-se de forma que mais plenamente admite uma união total³⁴⁷. No entanto, dada a especificidade do evento litúrgico, a forma adequada poderá tratar-se antes uma elipse, uma vez que o círculo atrai a atenção para um único ponto e a elipse não³⁴⁸, assim como “não centra a assembleia em si mesma, mas aponta, como

³⁴⁵ “Frédéric Van der Meer, arqueólogo y patrólogo de Nimega, ha descrito el rito eucarístico celebrado por Agustín (430) en la basílica principal de Hipona con detalles precisos y siempre verificados. En el capítulo titulado “un domingo en Hipona” describe la basílica norteafricana de los siglos V y VI en la que el altar se situaba en medio de la nave. Tras la liturgia de la palabra, celebrada en el ábside y en la cátedra del obispo, Agustín y los demás celebrantes bajaban los escalones y se dirigían hacia el pequeño altar. Los fieles se disponían en torno de él.”

³⁴⁶ “Projectar igrejas-rotundas pode ajudar a formar comunidades [...]. A rotunda é capaz de sublinhar sem equívoco que o centro é Cristo e de fomentar o conhecimento íntimo da comunidade, porque os fiéis se olham nos olhos uns dos outros e se reveem como Igreja de Cristo, buscando no centro eucarístico alimento para o reconhecimento externo do serviço apostólico, levando a todos os homens-seus-irmãos-na-terra a Alegria do Evangelho.” (Cruz, 2014, p.4)

O círculo, símbolo da perfeição, desde cedo esteve presente nos espaços de culto, e sempre se utilizou como desenho de implantação de igrejas. Mesmo quando se deixam de usar plantas centrais, e se desenvolvem sobretudo igrejas de planta longitudinal, os desenhos e marcação circular sempre esteve presente, através das cúpulas e cabeceiras das igrejas, muitas vezes rematadas em planta com a forma circular.

São alguns exemplos a Igreja de Santa Maria dos Martires, mais conhecida por Panteão (séc.II); Igreja da Natividade, Belém (c. 333); Igreja da Ascensão (c. 330); Igreja de Santa Constança, Roma (séc.IV); Ermida de Santo Amaro, Lisboa (séc.XVI).

³⁴⁷ “Arquitectonicamente verificam-se duas tendências, ambas redutoras da globalidade requerida para a concretização desta “imagem”. Partir do exterior para entrar na Igreja leva a que estes espaços de concretização exigente sejam tratados como polaridades. Ou se fixa o presbitério e “arrumam-se” os fiéis no espaço livre, ou organiza-se o espaço da assembleia e “arruma-se”, isto é, empurra-se para um canto o presbitério. Nem mesmo as formas mais arrojadas escapam a este dualidade. Um dos casos flagrantes acontece quando é usada a forma circular, que é aquela que se impõe progressivamente, e bem, quando se pensa num espaço global com uma assembleia de “circunstantes”. Contudo, rapidamente se verifica uma falta de reflexão teológica para situar os três pólos essenciais sem os quais a assembleia não será *ecclesia*. A solução arquitectónica é então a do “queijo enxertado” e “risco ao meio”, isto é, o presbitério é encostado a um dos lados e um grande corredor ao meio impõe-se – determinando, estruturalmente, os da direita e os da esquerda. Imagem pobre e redutora que disfarça com ares de modernidade um espaço em que a liturgia se vê constrangida a formas estruturais que a impedem de ser uma fraternidade de irmãos em que todos são “celebrantes”. (Gomes, 2010, p.136)

³⁴⁸ Não perdendo de vista o todo que dever ser o espaço litúrgico, ao confrontarmos-nos com o ponto 272 do *Sacrosanctum Concilium*, e o 32 da Ordenação das Leituras da Missa, podemos dar conta da forma como se igualam em importância os dois objectos litúrgicos, levando-nos a concluir que, a ideia de que a disposição circular da assembleia pode não ser a melhor, uma vez convergir para um único ponto e a liturgia dever convergir para dois: a liturgia da Palavra que têm lugar na mesa da palavra e a liturgia eucarística, que tem lugar na mesa eucarística.



Fig. 181 - Capela do Seminário Interdiocesano de S. José, Braga
 Fig. 182 - Capela do Noviciado da Companhia de Jesus, Coimbra, Joana Delgado
 Fig. 183 - Capela do Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo, Braga, Cerejeira Fontes
 Fig. 184 - Capelas Cheia de Graça, do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Braga, Cerejeira Fontes

a igreja longitudinal, para Deus, que quer fazer morada no meio da sua comunidade.” (A. Gerhards citado por Richter, 2005, p.71)

Uma solução de organização do espaço celebrativo que faz com que o centro - espaço compreendido entre o altar e ambão - se encontre vazio, e que este vazio possa ser preenchido com as mais diversas necessidades e especificidades litúrgicas como casamentos, exéquias, etc.

Para além de todas estas razões, há que vincar uma questão verdadeiramente importante para a análise que pretendemos fazer e que já anteriormente destacámos: “a vantagem de se poder manter o direccionamento axial dos clássicos “espaços-corredor”.” (Richter, 2005, p.72) Que faz com que possa ser mais facilmente implementado em igrejas existentes de organização longitudinal.

Estas novas ideias de organização da assembleia e elementos litúrgicos, tão controversas e postas em causa, na verdade nada de novo apresentam pois, basta recuar no tempo, e não é necessário recuar até às primeiras comunidades cristãs, para compreender a disposição tida, por exemplo, nas “cadeiras corais nas igrejas episcopais e conventuais. Nas extremidades do corredor central, que ficava livre, podia-se encontrar de um lado o ambão e do outro o altar, ambos visíveis aos presentes.” (Richter, 2005, p.68)

Esta possibilidade organizacional faz então deste, talvez, o modelo ideal a seguir, no que toca à reforma litúrgica, uma vez que espelha verdadeiramente a ativa participação litúrgica, clarifica os momentos da celebração e evidencia os seus principais objetos, numa liturgia viva, dinâmica, como podemos notar em alguns exemplos que de seguida iremos destacar. Pois, apesar de ainda muito estar por pôr em prática, para que haja uma verdadeira mudança de mentalidade relativamente à urgência e pertinência do incremento da reforma litúrgica, há já exemplos representativos nesse sentido, que é importante conhecer e compreender.

Podemos notar que inclusivamente, pela raiz, têm vindo a ser dados passos nesse sentido, ao constatar que em Seminários como do Porto, os de Braga, o Noviciado da Companhia de Jesus, em Coimbra, sofreram alterações nas suas capelas, obedecendo agora mais fielmente à visão espacial da reforma litúrgica. (fig. 181 - 184) É interessante assim notar que os sacerdotes atualmente formados no País celebram já em espaços que procuram a vivência litúrgica do Vaticano II. Quer por isso dizer que serão, à partida, mais sensíveis e criteriosos relativamente a esta questão.

Como temos vindo a notar, a relação da Igreja com as artes³⁴⁹ e a arquitetura em particular, tem sido conturbada nos últimos séculos. Contudo, apesar de permanecerem ainda distantes, podemos dar conta que a Igreja se tem vindo a aperceber dessa situação, dando, sobretudo, nas últimas décadas,

³⁴⁹ Relativamente à arte, em sentido lato, tem-se notado, nos últimos tempos, um esforço na reaproximação do diálogo público e aberto da Igreja com o mundo das Artes, dos quais destacamos a comemoração do Centenário de Fátima, com a instalação de uma obra de Joana Vasconcelos, a exposição “Brincar diante de Deus. Arte e Liturgia”, a criação de centros culturais, como a Brotéria, dos Jesuítas que procura ser uma ponte importante de diálogo no coração da capital do País.

PRÉMIO ÁRVORE DA VIDA

Igreja premeia Teotónio Pereira, arquitecto de causas sociais e inovações religiosas



ANTÓNIO MARIUJO - 11 de Julho de 2012, 7:16

0 PARTILHAR



Marianne Schlosser and Mario Botta with Pope Francis during the award ceremony. (Vatican Media)

CHURCH POPE FRANCIS AWARD THEOLOGY POPE BENEDICT XVI

Ratzinger prize awarded to theologian and architect

Igreja/Cultura: Santa Sé estreia-se na Bienal de Arquitetura de Veneza com «Vatican Chapels» e marca portuguesa (c/vídeo)

Mai 25, 2018 - 10:11

Capela de Eduardo Souto de Moura faz parte desta presença inédita, com 10 capelas, na ilha de San Giorgio Maggiore



Cidade do Vaticano, 25 mai 2018 (Ecclesia) – A Santa Sé inaugura hoje o seu primeiro pavilhão de sempre na Bienal de Arquitetura de Veneza, as 'Vatican Chapels', um conjunto de 10 capelas de arquitetos internacionais, incluindo o português Eduardo Souto de Moura.

O presidente do Conselho Pontifício da Cultura (Santa Sé), cardeal Gianfranco Ravasi, disse que esta presença católica, na ilha de San Giorgio Maggiore, quer ser uma peregrinação em 10 etapas, para "crentes e não-crentes", em edifícios que têm como sinais tradicionais dos espaços de culto "o ambão e o altar".

Para o cardeal italiano, é necessário promover este "diálogo de linguagens", com a ajuda dos

Fig. 185 - Recortes de notícias de jornais Nacionais e internacionais

- a. Recorte do Público
- b. Recorte do Vatican News
- c. Recorte da Ecclesia

importantes passos no sentido de aproximação³⁵⁰.

São então notáveis algumas iniciativas por parte da Igreja mas que, por se tratarem de momentos e acontecimentos isolados vêm tardia a continuidade.

Podemos assim destacar, a nível internacional, a igreja de Deus Pai Misericordioso (2000) em Roma, vencedora do concurso internacional para o projeto da igreja do futuro³⁵¹, pelo arquiteto Richard Meier; a atribuição do Prémio Ratzinger³⁵², pela primeira vez a um arquiteto - Mário Botta, em 2018 e, por último, o grande e importante acontecimento que se tratou da inédita presença de um pavilhão da Santa Sé na Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2018, com amostras, à escala real, de arquitetura religiosa executada pelos mais reconhecidos arquitetos mundiais³⁵³.

Em território nacional, podemos dar conta da entrega do Prémio Nacional Árvore da Vida-Padre Manuel Antunes, atribuído pela primeira vez a um arquiteto - Nuno Teotónio Pereira, em 2012 (fig. 185), e a criação do ÁTRIO, em 2015, “um grupo informal de arquitetos e artistas que se junta para falar, partilhar, estudar e debater a arquitetura, a arte e a liturgia contemporâneas” (Átrio, s.d.) que, de certa forma, vem resgatar o legado do extinto MRAR, tratando-se atualmente do organismo que mais tem desenvolvido o tema da arquitetura e arte religiosa contemporâneas.

Quanto a este aspeto importa realçar o papel que o Santuário de Fátima tem vindo a desenvolver há já algum tempo de forma continuada. Desde a construção da inovadora capela das aparições (1982) pelo arquiteto Carlos Loureiro³⁵⁴ (fig. 186); o pórtico do jubileu³⁵⁵ (2000) pelo arquiteto Gastão da Cunha Ferreira (fig. 187); a construção da Basílica da Santíssima Trindade (2007), pelo arquiteto Alexandros Tombazis (fig. 188); assim como posteriormente, pelo mesmo arquiteto, a construção do novo presbitério do Recinto de Oração do Santuário (2016)³⁵⁶ arquiteto Alexandros Tombazis,

³⁵⁰ Importa realçar ainda que: “Depois de um parêntesis de quase três décadas, assistiu-se no final do século XX a um renascente interesse por parte dos arquitetos pela arquitetura religiosa em geral. Num registo que tem à cabeça a elite arquitetónica mediática internacional, foram, de facto, vários os projetos que trouxeram de novo esta tipologia para as páginas dos jornais e das revistas da especialidade: nas catedrais, e depois da de Evry, França, pelo suíço Mario Botta, ou da de Manágua, Nicarágua, pelo mexicano Ricardo Legorreta, Rafael Moneo terminou a de Los Angeles, e Santiago Calatrava apresentou uma proposta para a conclusão da de São João o Divino, em Nova Iorque. Mais recentemente, Renzo Piano – o arquiteto do Centro Pompidou em Paris – finalizou a grandiosa obra do santuário do Padre Pio, em San Giovanni Rotondo, Itália, com capacidade para 60 mil pessoas, enquanto que em Fátima se inaugurava a igreja da Santíssima Trindade, da autoria do arquiteto Alexandros Tombazis. Nos mosteiros, destacou-se o cisterciense de Novy Dvur, na República Checa, pelo minimalista britânico John Pawson. Menor dimensão não significou menor produção, tendo sido registadas capelas como a de Santo Inácio, na Universidade de Seattle, de Steven Holl, a de São Bento em Sumvitg, Suíça, de Peter Zumthor, as realizadas por Mario Botta em Ticino, Itália, e as do japonês Tadao Ando, com uma poética inspirada na obra de Kaija e Heikki Siren.” (Cunha, 2009)

³⁵¹ “Cuando en 1996, Peter Eisenman y Richard Meier, los dos arquitectos más puristas dentro de los «Five Architects» y considerados los herederos directos de aquel lenguaje, abordaron el programa eclesial, dentro del concurso «La iglesia del año 2000»”. (Cobián, 2005, p.81)

³⁵² Prémio existente desde 2011 e “Considerado o ‘Nobel’ da Teologia, trata-se de um prémio internacional anual concedido pela “Fundação Joseph Ratzinger – Bento XVI” aos estudiosos que se destacam, durante o ano, pelas suas pesquisas científicas na área da Teologia.” (Eclesia, 2019)

³⁵³ «No último século, ocorreu um divórcio horrível entre arte e fé. Sempre foram irmãs», disse o cardeal Gianfranco Ravasi, presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, na conferência de imprensa que serviu para apresentar o pavilhão da Santa Sé no certame. (Perna, 2018)

³⁵⁴ Para além da linguagem e uso de materiais modernos, é de destacar o desenho do espaço, em que a assembleia se organiza ao redor do altar e capelinha, numa disposição em perfeita harmonia com a definição que o espaço litúrgico deve ter após a reforma litúrgica do Vaticano II.

³⁵⁵ “o pórtico foi concebido com o objectivo de proporcionar aos peregrinos um tempo de pausa e de passagem criador de um espaço para a compreensão do sentido mais profundo do Jubileu.” (Ferreira, 2000)

³⁵⁶ Uma intervenção que substitui o anterior presbitério do recinto de oração - que havia sido construído provisoriamente aquando da visita do Papa João Paulo II ao Santuário, em 1982 - e que se trata de uma arrojada obra de arquitetura e engenharia, desde logo pelo facto de, possivelmente ser a primeira cobertura realizada em fibra de vidro com o fim e dimensões. (Santos, 2015)



- Fig. 186 - Capela das aparições, 1982, Carlos Loureiro
 Fig. 187 - Pórtico do jubileu, 2000, Gastão da Cunha
 Ferreira
 Fig. 188 - Basílica da Santíssima Trindade, 2007,
 Alexandros Tombazis
 Fig. 189 - Presbitério do Recinto de Oração do Santuário,
 2016, Alexandros Tombazis, Paula Santos e
 João Mendes Ribeiro
 Fig. 190 - Basílica de Nossa Senhora do Rosário de
 Fátima, 2016, Joana Delgado

em estreita colaboração com a arquiteta Paula Santos e o arquiteto João Mendes Ribeiro e intervenções dos artistas Filip Moroder e Fernanda Fragateiro (fig. 189). E ainda, o projeto de reformulação do presbitério da Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima³⁵⁷, em 2016, pela arquiteta Joana Delgado e com intervenção do escultor Bruno Marques (fig. 190).

³⁵⁷ “No espaço celebrativo fizeram-se algumas “alterações” tendo-se considerado oportuno remover a grade em pedra, que separava o presbitério da assembleia, e retomar a cota original do presbitério reforçando a relação da assembleia com aquele espaço.

A reformulação do espaço litúrgico proposta convida a uma maior aproximação da assembleia ao presbitério mas também a um uso diferente do espaço celebrativo em que a espacialidade converge de forma inequívoca para o altar”, refere a arquitecta. A redefinição espacial do presbitério determinou, por seu lado, o redimensionamento dos lugares litúrgicos e a sua articulação com os restantes elementos integrantes do espaço nomeadamente os lugares destinados aos concelebrantes e a cruz que, associada à Imagem de Nossa Senhora de Fátima, “se torna marca indelével do lugar.” (Delgado, 2016)

III.II. Análise de exemplos de igrejas reabilitadas pós-concílio Vaticano II

“A adequação das igrejas é uma tarefa delicada, mas não é impossível. Por ela se possibilita que as igrejas continuem a ser uma realidade viva, sinal de uma comunidade que sendo a mesma se manifesta numa rica variedade de expressões e configurações.” (Amorim, 2006, pp.108-109)



Fig. 191 - Igreja da Serra do Pilar, Gaia
Fig. 192 - Igreja de Quiaios, Quiaios
Fig. 193 - Igreja de Santa Isabel, Lisboa
Fig. 194 - Igreja do Colégio São João de Brito, Lisboa
Fig. 195 - Igreja de São Martinho de Cedofeita, Porto
Fig. 196 - Igreja de Santo Inácio, Paris

Procederemos agora, à exposição de alguns exemplos de igrejas, onde várias soluções de reabilitação do espaço litúrgico, pós Concílio Vaticano II, foram aplicadas.

Exemplos de igrejas de diversos tipos³⁵⁸ e construídas em diversas épocas, cuja reabilitação decorreu temporalmente em diferentes alturas com distintas abordagens e resultados entre elas, e que partem do pressuposto que as formas de culto e a sensibilidade religiosa se vão modificando ao longo dos tempos, e que o espaço litúrgico deve ser capaz de acompanhar essas mudanças.

Dessa forma, conscientes as entidades responsáveis pelas igrejas da sua necessária atualização, desenvolvem, em cada, uma:

“[...] obra de renovação e não de restauro, porque se trata da utilização dum edifício vivo e em continuidade com a sua missão, e não da manutenção dum «monumento classificado», edifício morto e ultrapassado nas suas funções, a que eventualmente se dá uma nova aplicação para garantir a sua vitalização e conseqüente utilização.” (Rosa, 1965, p.185)

A escolha destes seis exemplos prendeu-se substancialmente por dois factores: a particularidade e diversidade de propostas nos diferentes tipos de soluções que apresentam; e o facto de terem sido efetuadas em tempos diferentes, tais como: movimento litúrgico; intervenção do MRAR; aquando da reforma litúrgica e mais recentemente.

Tratam-se de cinco exemplos nacionais: a igreja da Serra do Pilar, em Gaia; (fig. 191) a igreja Paroquial de Quaiaios; (fig. 192) a igreja de Santa Isabel, em Lisboa; (fig. 193) a igreja do Colégio São João de Brito, em Lisboa; (fig. 194) a igreja de São Martinho de Cedofeita, no Porto. (fig. 195) E um sexto exemplo, a Igreja de Santo Inácio, em Paris. (fig. 196) Que, apesar de não se tratar de um exemplo Português, pareceu-nos importante apresentá-lo devido à especificidade da solução conseguida e pela importância do seu percurso metodológico.

Procurou-se assim, com a apresentação destas seis igrejas, que julgamos relevantes para a questão da reabilitação de igrejas pós Vaticano II, ajudar a compreender de que forma os aspetos por nós teorizados nos capítulos anteriores se podem aplicar em desenho, espacialmente, dando a conhecer diversas possibilidades de intervenção, materializadas em distintas disposições do espaço e mobiliário litúrgico.

³⁵⁸ Ao dizer “tipo” referimo-nos à forma como cada igreja se materializa no desenho, em planta. Aspecto anteriormente explicado na “Dimensão Tipológica”, no sub-capítulo “III.I Elementos estruturantes do espaço litúrgico”.

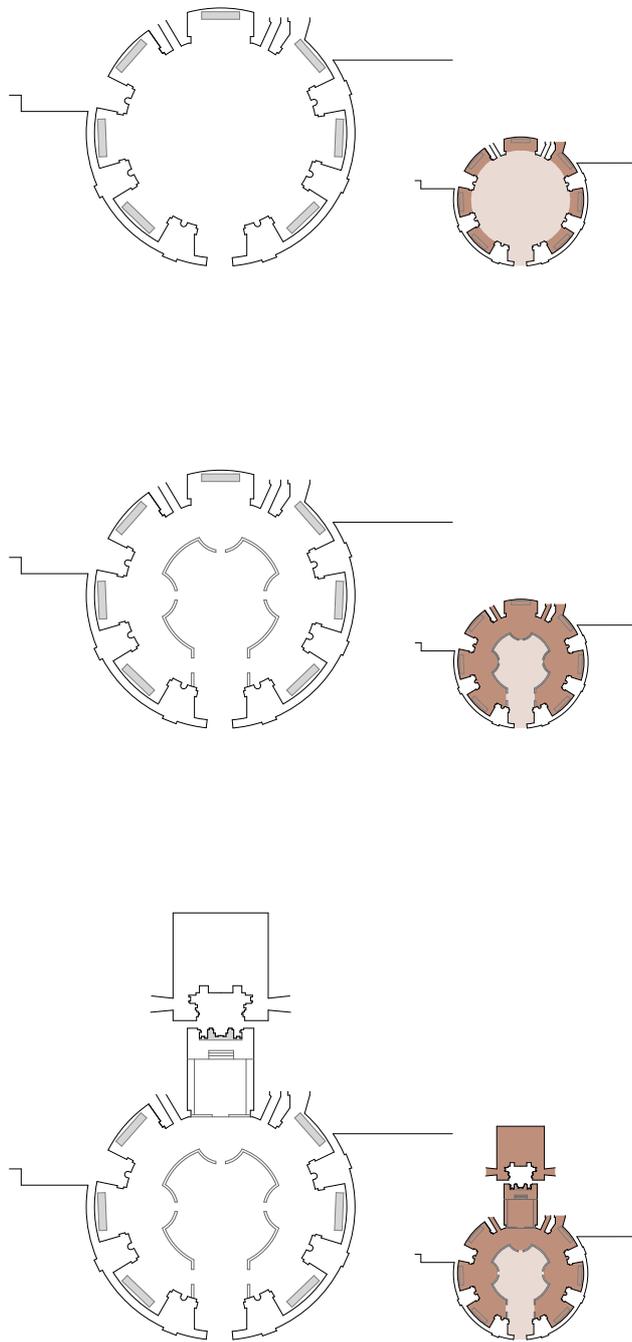


Fig. 197 - Plantas explicativas da evolução do espaço litúrgico da Serra do Pilar
 Desenhos baseados na publicação de Pedro Castro Cruz
 Escala 1:1000/1:2000

- a. Implantação original da igreja (1598)
- b. Introdução da balaustrada (s.d)
- c. Construção da cabeceira e retro-coro (1690)

■ Clero
 ■ Fiéis



1. Igreja da Serra do Pilar, Gaia

A igreja do mosteiro da Serra do Pilar, classificada como monumento nacional em 1910, faz parte de um “um mosteiro fundado no renascimento (1537) sob impulso do bispo do Porto, D. Frei Baltasar Limpo, que participou activamente nas sessões bolonhesas do Concílio de Trento”, (Cruz, 2014, p.1) tratando-se de um exemplo de excelência da arquitetura clássica em Portugal e na Europa³⁵⁹, cuja autoria é dada a “Diogo de Castilho e João de Ruão”³⁶⁰. (Oliveira, s.d.)

Inicialmente, em 1598³⁶¹, a igreja inscrevia-se numa implantação de planta central³⁶², (fig. 197 a) definida por um círculo perfeito com vários altares no limite da parede interior que, tendo em conta a altura em que foi erguida, se apresenta oposta aos cânones da época³⁶³. No entanto, o espaço litúrgico vai sofrendo fortes alterações, sendo:

“[...] progressivamente hierarquizado, contrariando a sua génese central. Primeiro, foi a introdução da balaustrada, servindo o propósito de circulação de peregrinação, fazendo deambular os peregrinos apenas em torno, pensa-se, da relíquia da Santa Cruz que se expunha no centro do espaço vedado.” (Cruz, 2014, p.3) (fig. 197 b)

Apesar de achar que o espaço central seria interdito aos fiéis, tendo em conta o desenho da teia, que vem da porta principal exterior para o centro, parece-nos que seria antes o seu interior reservado aos fiéis, clarificando o espaço dos frades e dos fiéis, agora, os últimos, um pouco mais distantes da ação litúrgica, dos altares que circundavam a igreja.

Mas é no ano de 1690, que se dá a grande intervenção, que vem alterar, por completo, a fisionomia original da igreja³⁶⁴, ao lhe ser aumentada, em profundidade, uma das suas capelas. Neste caso, a que se encontrava a eixo com a porta de entrada, que passou a definir a cabeceira da igreja e o retrocoro³⁶⁵. (fig. 197 c) Uma alteração que, apesar de se compreender a finalidade (a criação de um cadeiral para os frades) quebra o espaço em dois, contrariando a lógica central originária e hierarquizando o espaço entre a zona dos frades e a dos fiéis, encontrando-se, o altar, num lugar

³⁵⁹ "um dos mais notáveis edifícios da arquitectura clássica europeia de todos os tempos devido à sua igreja e ao seu claustro, ambos circulares e da mesma dimensão em planta" (Gomes, 2001, p.79)

³⁶⁰ “Relativamente à fase de lançamento das obras do mosteiro, no início dos anos quarenta, estas cartas documentam o envolvimento de João de Ruão na concepção do espaço da igreja e de Diogo de Castilho na resolução de questões construtivas da obra.” (Oliveira, 1998, p.19)

³⁶¹ “A igreja actual, reconstruída a partir de Janeiro de 1598, é, possivelmente, o resultado de uma intervenção na anterior, sem que tenha sido alterada de forma sensível a implantação e mesmo o seu perímetro.” (Oliveira, 1998, p.20)

³⁶² “Definida desde o início a forma circular” (Oliveira, 1998, p.20)

³⁶³ “a planimetria empregue era não só desajustada ao gosto arquitectónico da época como “desadequada” às normas tridentinas então vigentes.” (Oliveira, s.d.)

³⁶⁴ “Em 1690, Manuel do Couto é contratado para executar a obra do coro novo, de parceria com João Maia, para o que se tornaria necessário desfazer o claustro...” (Oliveira, 1998, p.20)

“Actualmente, a planta do claustro apresenta-se “torcida” em relação ao conjunto do edifício, facto que se deve à forma como este foi remontado em 1690, quando foi deslocado da sua localização original devido à construção do retro-coro.” (Direção Regional de Cultura do Norte, s.d.)

³⁶⁵ “Actualmente, a planta do claustro apresenta-se “torcida” em relação ao conjunto do edifício, facto que se deve à forma como este foi remontado em 1690, quando foi deslocado da sua localização original devido à construção do retro-coro.” (Oliveira, s.d.)

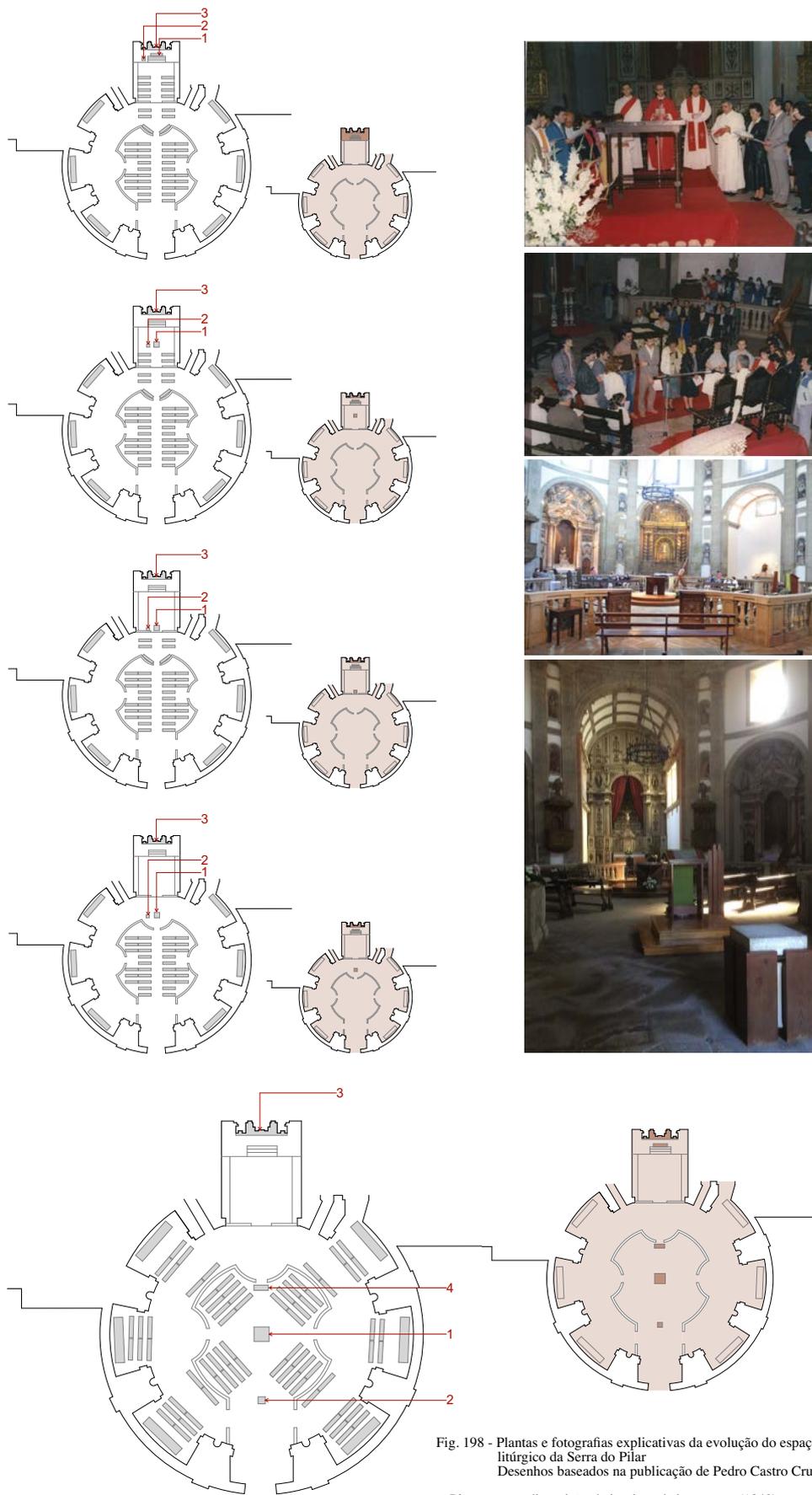


Fig. 198 - Plantas e fotografias explicativas da evolução do espaço litúrgico da Serra do Pilar
Desenhos baseados na publicação de Pedro Castro Cruz

- a. Planta com a disposição da igreja após interregno (1940) 1:1200/1:2000
- b. Planta com o altar ao centro da cabeceira (s.d) 1:1200/1:2000
- c. Planta com o altar no limite da cabeceira (s.d) 1:1200/1:2000
- d. Planta com o altar próximo do centro (s.d) 1:1200/1:2000
- e. Planta com o altar no centro do espaço (s.d) 1:1200/1:2000
- f. Fotografia do espaço litúrgico nos anos de 1970
- g. Fotografia do espaço litúrgico atual (2020)
- h. Fotografia do espaço litúrgico atual (2020)

1. Altar 2. Ambão 3. Presidência 4. Sacrário 5. Pia Batismal ■ Clero ■ Fiéis



longínquo e inacessível³⁶⁶.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834, a igreja deixou de ser utilizada, sendo só em meados do século XX³⁶⁷ que regressa à sua atividade: “a igreja encontrava-se com o altar-mor deslocado para meia-distância do coro, e a disposição litúrgica com tom basilical, com fiadas de bancos afastados para corredor ao eixo, desde o coro até à entrada.” (Cruz, 2014, p.3) (fig. 198 a)

Com a mudança de sacerdote, o novo, o Padre Alindo Magalhães, ao se deparar com a organização da igreja, rapidamente e “quase instintivamente” (Magalhães, 2020³⁶⁸) compreende a discordância em que se encontrava o espaço litúrgico, começando, desde cedo, com a comunidade, a procurar soluções que melhor definissem o espaço por forma a melhor “clarificar o espaço” (Magalhães, 2020) e a celebração da Missa³⁶⁹ pois:

“A disposição dos equipamentos litúrgicos acarretava más condições celebrativas, desde logo más condições de visibilidade e de acústica. Por isso a comunidade iniciou uma procura, progressiva porque experimental, da melhor disposição litúrgica. Para isso, foi trazendo o altar³⁷⁰ “*para baixo*”, para o coro, para o deambulatório, até ao centro da rotunda. Aqui, os bancos abandonaram a sequência linear e assumiram a concêntrica. A liturgia seguiu não a orientação *versus Deo*, não a conciliar *versus Populum*, mas uma orientação que denominaríamos *versus Communio*. Logo então a cadeira da Presidência e o ambão da Palavra se propuseram numa disposição com forte polaridade. A polaridade da escala do edifício era agora trazida à escala litúrgica. Com referência ao centro da rotunda, onde se fez ‘baixar’ o altar, a Presidência em representação da cabeça de Cristo e a mesa da Palavra do corpo de Cristo. O altar, todavia, é entendido como mesa do Pão – e como mesa é posta e tirada, quando se deve dar lugar a outros importantes momentos litúrgicos, como sejam, p.e., o festejo de tradições cristãs mas não europeias, lembrando de novo o diálogo multi-étnico.” (Cruz, 2014, pp.3-4)

(fig. 198 b - d)

³⁶⁶ “ficou longe, inacessível.” (Cruz, 2014, p.3)

³⁶⁷ “Quando a igreja voltou ao culto, após a conturbada história de extinção das ordens religiosas, ocupação militar, invasões napoleónicas, maus estragos e abandonos, reabilitação pela DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e que aqui não temos tempo de detalhar, quando a igreja voltou ao culto por volta de 1940”. (Cruz, 2014, p.3)

³⁶⁸ Informação de conversa pessoal com o Padre Arlindo Magalhães, pároco da igreja, em Setembro de 2020.

³⁶⁹ “impulsionada pelo jovem presbítero, Arlindo de Magalhães (nasc.1944, ord.1967), também ele ‘filho’ entusiasta do Concílio Vaticano II”. (Cruz, 2014, p.3)

³⁷⁰ “o altar, então executado pelo padre Leonel Oliveira”. (Marques, 2019, p. 92)



Fig. 199 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

A re-localização do centro da ação litúrgica através da deslocação dos objetos litúrgicos da cabeceira para o centro da igreja, tratou-se então de um longo período, distando “vários anos da primeira alteração até à configuração”. (Magalhães, 2020) Finalmente estabelecida e definida a organização que desde o primeiro dia o Padre Armindo ambicionava, (fig. 198 e) deu-se a conversão dos objetos litúrgicos provisórios:

“[...] décadas de 1980 e 1990, limitaram-se ao desenho cuidado de mobiliário litúrgico e na mais radical disposição interna, explorando ao máximo as potencialidades da organização centralizada proposta no século XVI. Sempre com a participação da comunidade, foram sendo integrados, primeiramente as peças desenhadas pelo arquitecto José Nobre, o altar móvel frente ao ambão, a cruz, o móvel da partilha fraterna e, posteriormente, o lampadário e suporte do círio idealizados pelo arquitecto José Carvalho, também autor do supedâneo circular central habitualmente ocupado pelo altar, colocado sob o lanterna da cúpula, executado por ocasião da assinatura do protocolo Porto- Património da Humanidade da UNESCO.” (Marques, 2019, pp. 92-93) (fig. 198 f - g)

Como podemos comprovar, através do testemunho dos arquitetos Pedro Castro Cruz e João Luís Marques, a igreja da Serra do Pilar foi alterando a sua configuração, a fim de se adaptar o melhor possível à liturgia própria de cada tempo, sem medos de intervir no edificado existente, desde logo com acréscimo de um novo volume, e mais recentemente, com intervenções menos agressivas ao edifício que passaram pela reabilitação do espaço e mobiliário litúrgicos.

Uma intervenção que, apesar de não ter tido por base um desenho arquitetónico de autor, se compreende o cuidado e atenção prestada ao longo de todo o processo e, em especial, no desenho do mobiliário litúrgico, como a mesa da Palavra e a mesa Eucarística, o que faz desta igreja um exemplo representativo no que toca à reabilitação de igrejas às necessidades de cada tempo e, em especial à reforma litúrgica conciliar.

Uma reabilitação que, para além de se ter recuperado a identidade da planta central, respondeu às exigências litúrgicas resultantes do concílio, pelo facto de abandonar a disposição longitudinal, contrária à génese do edifício, organizando a assembleia em círculo, em redor da mesa da Palavra e da mesa Eucarística, com o objetivo de a tornar mais próxima e participativa da ação litúrgica. Uma solução de organização do espaço litúrgico que apesar de resgatar o desenho de planta central, não deixa de respeitar a direcção axial longitudinal, que vai da porta de entrada até ao sacrário que se encontra sobre o antigo altar *ad orientem*. Um eixo, sobre o qual se dispõem o ambão, altar, presidência e sacrário, respetivamente. (fig. 199)

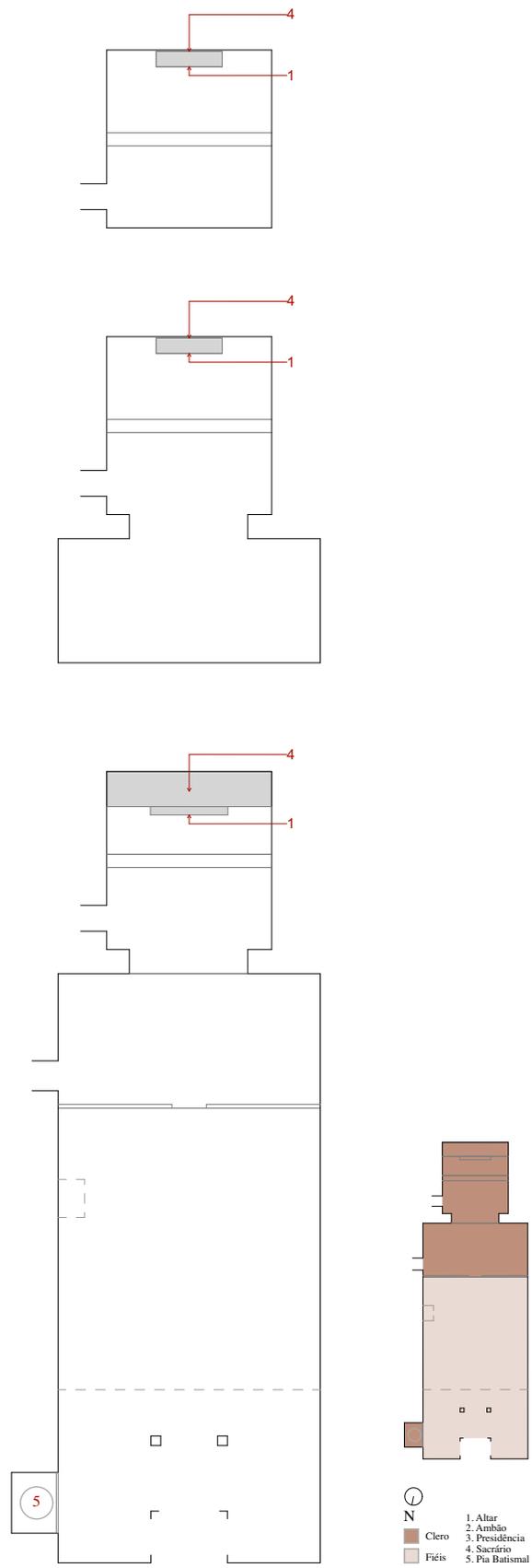


Fig. 200 - Esquema evolutivo do espaço litúrgico segundo o historiador Elias Cação Ribeiro

- a. Oratório do Santíssimo Sacramento, Século XVI (1:200)
 b. Ampliação do oratório do Santíssimo Sacramento, Século XVII (1:200)
 c. Definição da igreja com alteração de altar, Século XVIII (1:200/1:500)

2. Igreja Paroquial de Quiaios

Localizada no centro da povoação, a igreja de Quiaios remonta aos finais Séc. XVI, tendo sofrido várias intervenções até aos dias de hoje.

A primeira construção naquele local tratou-se de uma pequena capela, que se crê ter sido mandada edificar pelos padres Crúzios de Coimbra³⁷¹, dedicada ao padroeiro da vila, São Mamede, e que se definia por um “oratório do Santíssimo Sacramento”³⁷². (Lopes, 2020³⁷³) (fig.200 a.) E, a primeira intervenção dá-se, por vontade da população de Quiaios que “exige do Bispo de Coimbra que a igreja saia do cemitério” (Lopes, 2020) e se estabeleça no centro da vila. Ao que este atendeu, realizando-se, “em meados do século XVII³⁷⁴, uma obra de ampliação, da qual subsiste a capela-mor e o portal principal.” (Oliveira, 2017) Uma intervenção que passou pelo aproveitamento do oratório já existente, abrindo um pórtico, datado de 1659, ao qual foi adossado um novo volume, o espaço para assembleia de fiéis. (fig.200 b.)

A implantação e volumetria que encontramos actualmente resulta de uma nova empreitada, realizada “Em finais do século XVIII”. (Oliveira, 2017) Uma intervenção que teve como resultado a ampliação da nave da igreja, conservando a original “capela-mor maneirista, coberta por abóbada com caixotões de pedra”. (Oliveira, 2017) (fig.200 c.) E, em finais do século XIX, com a extinção das ordens religiosas, terá sido construído um púlpito, no lado esquerdo da nave da igreja e, o altar até então, que se crê³⁷⁵ ser o primitivo oratório do Santíssimo Sacramento (ainda existente e atualmente colocado ao fundo da cabeceira) terá sido deslocado para a nave, tendo sido elevado um novo.

A sua organização interior estruturava-se em três partes: a zona da assembleia³⁷⁶; uma zona intermédia entre a assembleia e a cabeceira da igreja, dividida por um degrau e uma teia, onde se encontravam dois altares colocados a rematar os cantos que ladeavam a entrada da capela-mor; e por fim, a capela-mor, dividida por dois degraus, onde se encontrava o altar e a presidência, com o sacrário incluído no retábulo do altar-mor então erigido.

Sem que se saiba precisar a data, por forma a responder às exigências conciliares, um novo altar e ambão, de madeira, são introduzidos, posicionando-se o altar ao centro da cabeceira e o ambão, encostado ao pórtico, no limite da cabeceira. (fig.201 a.)

³⁷¹ “Quiaios integrava no final do século XII os coutos do Convento de Santa Cruz de Coimbra. Terá sido o cenóbio conimbricense quem ordenou, nesta época, a construção de um templo na vila, dedicado ao mártir São Mamede.” (Oliveira, 2017)

³⁷² É pelo facto de a igreja actual nunca ter sido pensada como tal que “A igreja não tem adro, porque não era para ser uma igreja paroquial” (Lopes, 2020)

³⁷³ Informação de conversa pessoal com o Padre Carlos Noronha Lopes, pároco da igreja, em Agosto de 2020.

³⁷⁴ “Já no interior da mesma, podemos constatar um letreiro indicando a data do termo das obras - 1659.” (Junta de Freguesia de Quiaios, s.d.)

³⁷⁵ Um dos fundamentos fortes para a aceitação desta possibilidade prende-se com a forma do altar que vai buscar o desenho do portal em pedra que define o espaço da cabeceira e da nave da igreja.

³⁷⁶ Da zona pertencente à assembleia faz ainda parte o coro alto. Em tempos destinado unicamente para os homens, enquanto em baixo unicamente para as mulheres.

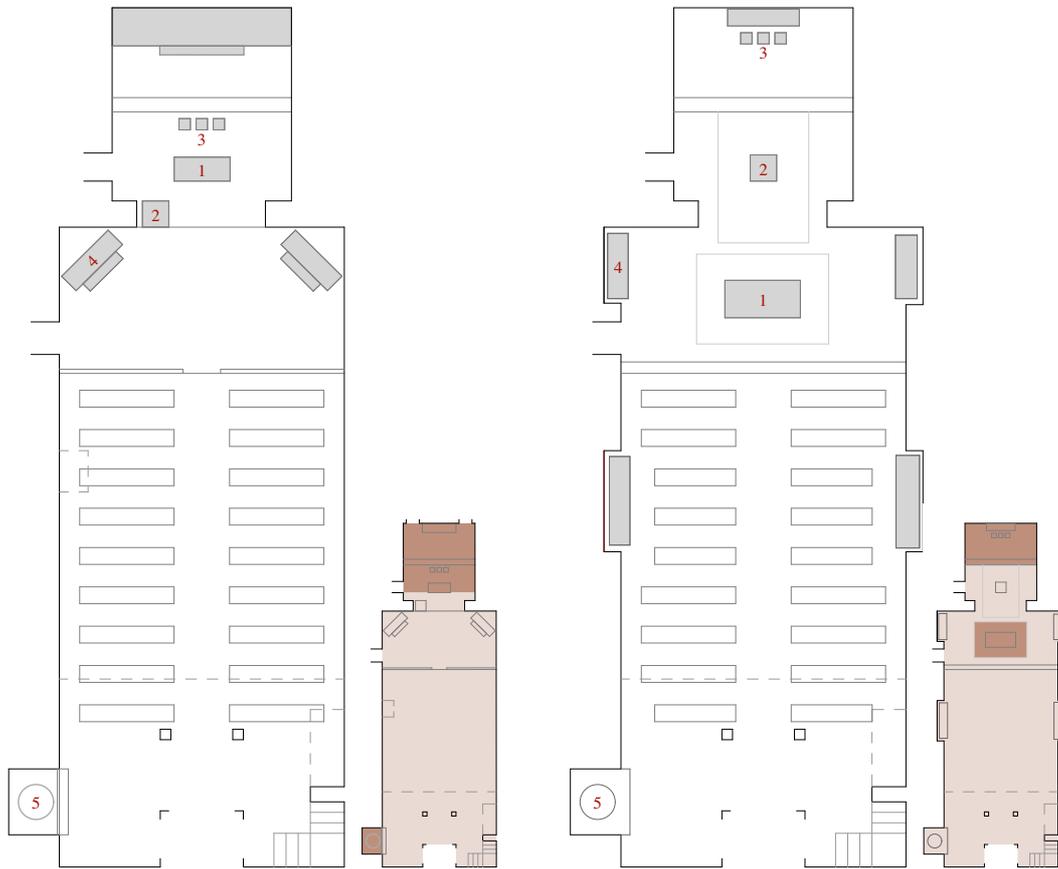


Fig. 201 - Fotografias e plantas explicativas das intervenções no espaço litúrgico

a. intervenção pós concílio
b. intervenção de 2007/2008

- 1. Altar
 - 2. Ambão
 - 3. Presidência
 - 4. Sacristia
 - 5. Pia Batismal
- Clero
 Fieis
 N

Em 2003 a igreja é classificada como edifício de interesse municipal e em 2007/2008, sobre orientação do pároco, sofre obras no seu interior: uma obra de reabilitação litúrgica mas também de depuramento de elementos e cores. (fig.201 b.)

Por forma a diminuir-se o afastamento e divisão entre o presbitério e a assembleia, assim como clarificar os dois momentos litúrgicos (liturgia da Palavra e liturgia Eucarística), aumentou-se o presbitério, trazendo a cota do altar-mor até ao local da teia³⁷⁷ e eliminando-a³⁷⁸. Desta feita, o presbitério, passou a estender-se até à nave principal, colocando-se aí um novo altar, em madeira, agora fora da cabeceira da igreja, tendo sido o altar *ad orientem* que havia sido erigido no século XVIII desmontado, passando para o seu lugar o primitivo oratório do Santíssimo Sacramento, que se encontrava em posição diagonal de remate do canto da nave.

O púlpito foi retirado, assim como o ambão existente, tendo sido colocado um novo ambão, em ferro, posicionado sensivelmente ao centro da capela-mor, a eixo com o altar, onde, imediatamente atrás, encostada à parede do fundo e, em lugar mais elevado, foi colocada a presidência, formando os três (altar, ambão e presidência) um eixo longitudinal centrado, relativamente à igreja.

O batistério, datado de 1682, manteve-se no mesmo sítio, num nicho existente à entrada da igreja, tendo apenas sido retiradas as portas de ferro que o dividiam do espaço.

A par das alterações dos altares, foram ainda introduzidas quatro capelas laterais que, por forma a não retirarem muito espaço à assembleia, se incorporaram, semi-encastradas em quatro vão agora abertos nas paredes laterais (dois em cada, dos quais, dois deles já existentes e os restantes trazidos da Capela de Seiça). A destacar o altar esquerdo mais próximo da cabeceira onde passou a estar a reserva eucarística.

Sobre a intervenção, para além da disposição encontrada, importa destacar alguns pormenores que ajudam a clarificá-la, como o facto de o altar e ambão estarem “marcados” por uma carpete, cada uma de igual tamanho e motivo, apenas posicionadas de forma diferente e, ainda, a colocação de sistemas de luz autónomos que se ligam consoante o momento da celebração, focando claramente cada um dos momentos litúrgicos.

Importante foi ainda o cuidado no depuramento do espaço, que se encontrava muito escuro e com excessiva profusão de elementos. Foram assim retirados os azulejos, que não tinham qualquer valor artístico, pintadas as paredes de branco que ajudam a valorizar os elementos pétreos, e retirados todos os elementos perturbadores que não fossem necessários como cortinas, vasos, etc.

A intervenção realizada na igreja de Quiaios conseguiu assim aproximar a ação litúrgica dos fiéis,

³⁷⁷ A intervenção passou por elevar, em um degrau, o pavimento do desnível intermédio entre a assembleia e o presbitério, por forma a trazer a cota da capela-mor até à zona da teia, dividindo a igreja em dois, e não em três, como até então, passando a haver apenas duas cotas: a da assembleia e a do presbitério.

³⁷⁸ A teia foi aproveitada para o coro alto, fazendo agora de balaustrada do mesmo.



Fig. 202 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

clarificar os momentos da celebração, bem como recuperar e preservar a identidade histórica construtiva da igreja. (fig.202) Uma solução em que, apesar de a assembleia se manter inalterada, as modificações realizadas, que permitiram a colocação de um novo altar, ambão, presidência, e a realocação do sacrário, criam uma relação espacial totalmente distinta, por sua vez, mais clara e comprometida. Uma igreja que, como pudemos constatar foi sofrendo múltiplas alterações significativas, demonstrando a normal e necessária intervenção neste tipo de espaços ao longo dos tempos.

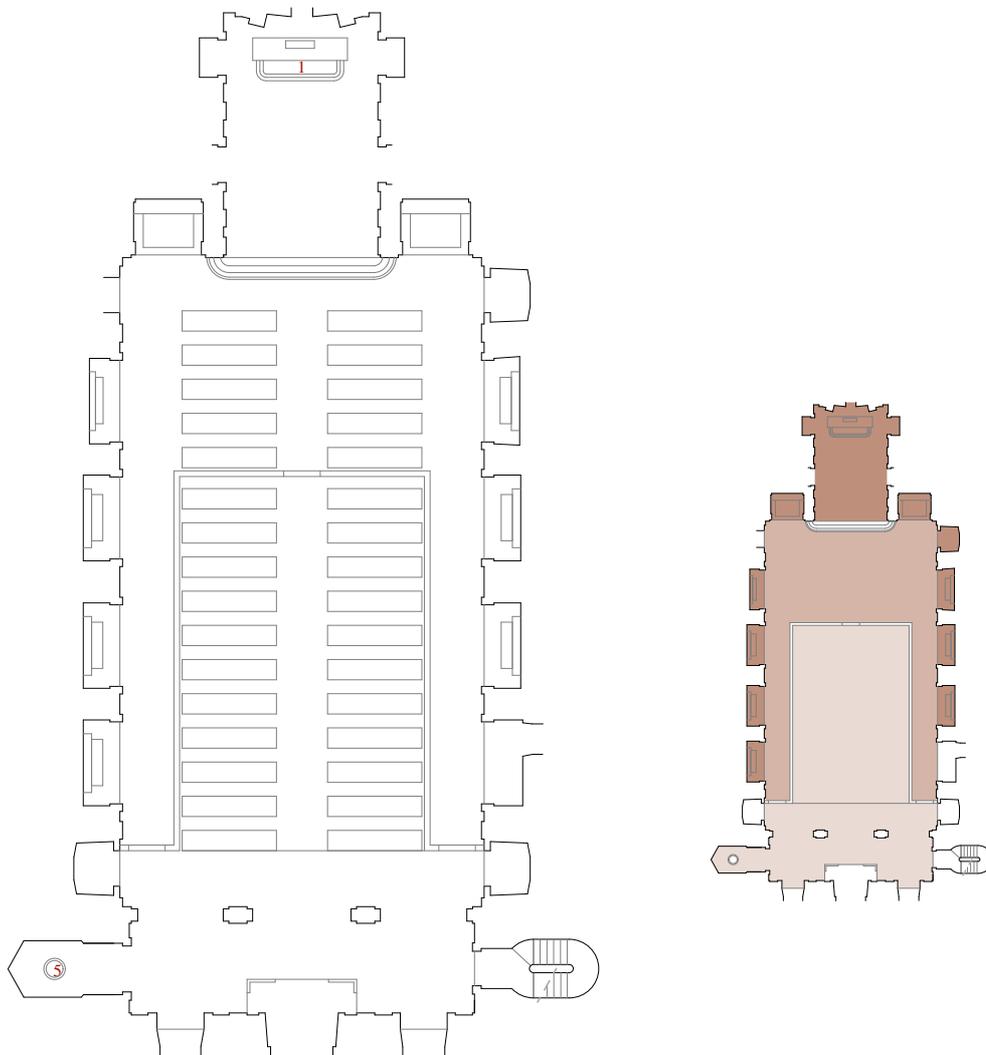


Fig. 203 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original da igreja (século XVIII)

- a. Fotografia do altar-mor
- b. Fotografia da nave com a teia
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

- 1. Altar
- 2. Ambão
- 3. Presidência
- 4. Sacrário
- 5. Pia Batismal

- Clero
- Irmandade
- Fiéis



3. Igreja de Santa Isabel, Lisboa

A igreja de Santa Isabel, de feições “rococó, pombalina, neoclássica” (Vale; Ferreira; Costa, 2001) foi construída no século XVIII, apresentando o curioso facto da sua construção se ter iniciado antes do terramoto - que, apesar de avassalador para a cidade, não causou danos significativos no edifício -, tendo sido concluída apenas cerca de duas décadas depois.

Trata-se de uma igreja de “planta longitudinal, de nave única e capela-mor profunda”³⁷⁹ (Vale; Ferreira; Costa, 2001) projetada pelo “arquitecto húngaro Carlos Mardel (1685-1763)” (Serrão, 2020, p. 4), na qual originalmente:

“O espaço da celebração estava dividido em três núcleos correspondentes a outras tantas divisões da assembleia: A capela-mor, para o clero, isolada do corpo da igreja e em nítido face a face (oposição e não continuidade); na nave, o plano envolvente mais elevado e separado do central por uma teia alta, destinado à irmandade e circulação junto aos altares laterais; e o plano central, mais baixo, para a grande massa indiferenciada de fiéis.” (Rosa, 1965, p.188) (fig.203)

A primeira grande intervenção deu-se no ano de 1960³⁸⁰, por forma a reponder às directivas conciliares, pelas mãos dos arquitetos António Freitas Leal e Diogo Lino Pimentel³⁸¹ que, “Mais do que uma obra de restauro”, (Marques, 2019, p.91) procuraram “uma unidade arquitetural (e não estilística como muitos pretendem); na harmonização com o todo pré-existente dos elementos novos criados; e na eliminação ou atenuação dos elementos antigos cuja integração no todo recriado não era possível ou era deficiente”. (Rosa, 1965, p.186) Sobretudo, “Procuraram acrescentar valor novo dando vida a um edifício que entendiam como “monumento classificado”, mas “morto”, porque incapaz de responder aos desafios do momento.” (Marques, 2019, p.92)

Podemos encontrar um bom resumo da intervenção realizada em Santa Isabel num artigo publicado em 1965 na revista *Arquitectura*:

“[...] unificação de todo o espaço interior: Pela supressão dos desníveis e da teia da nave; pela supressão dos altares laterais, fundidos conjuntamente com as balaustradas

³⁷⁹ “Igreja de grandes dimensões, tendo em conta a data da sua edificação, que, apesar de apresentar afinidades com outras igrejas paroquiais mais ou menos coevas (como as da reconstrução pombalina) [...] constitui-se como objecto excepcional precisamente pelas dimensões que possui.” (Vale; Ferreira; Costa, 2001)

³⁸⁰ “Santa Isabel, paróquia de 20 000 almas, evoluiu rapidamente com o crescimento da cidade de Lisboa, e de paróquia dos arrabaldes e correspondente estrutura social, tornou-se hoje uma paróquia central, com profunda projecção no centro da cidade.

A igreja construída no séc. XVIII exigia uma remodelação vasta, que além de atender obrigatoriamente ao precário estado de conservação, teria de satisfazer: às solicitações de carácter social e cultural para cumprir no plano pastoral; e às de carácter litúrgico, para corresponder à sua missão cultural. Só respondendo correctamente a estes pontos, às realidades da sua missão contemporânea, a igreja de Santa Isabel permaneceria viva.” (Rosa, 1965, pp.185)

³⁸¹ O projeto teve início com o Padre Pietra Torres e finalizou-se já com o Padre Armino Duarte.

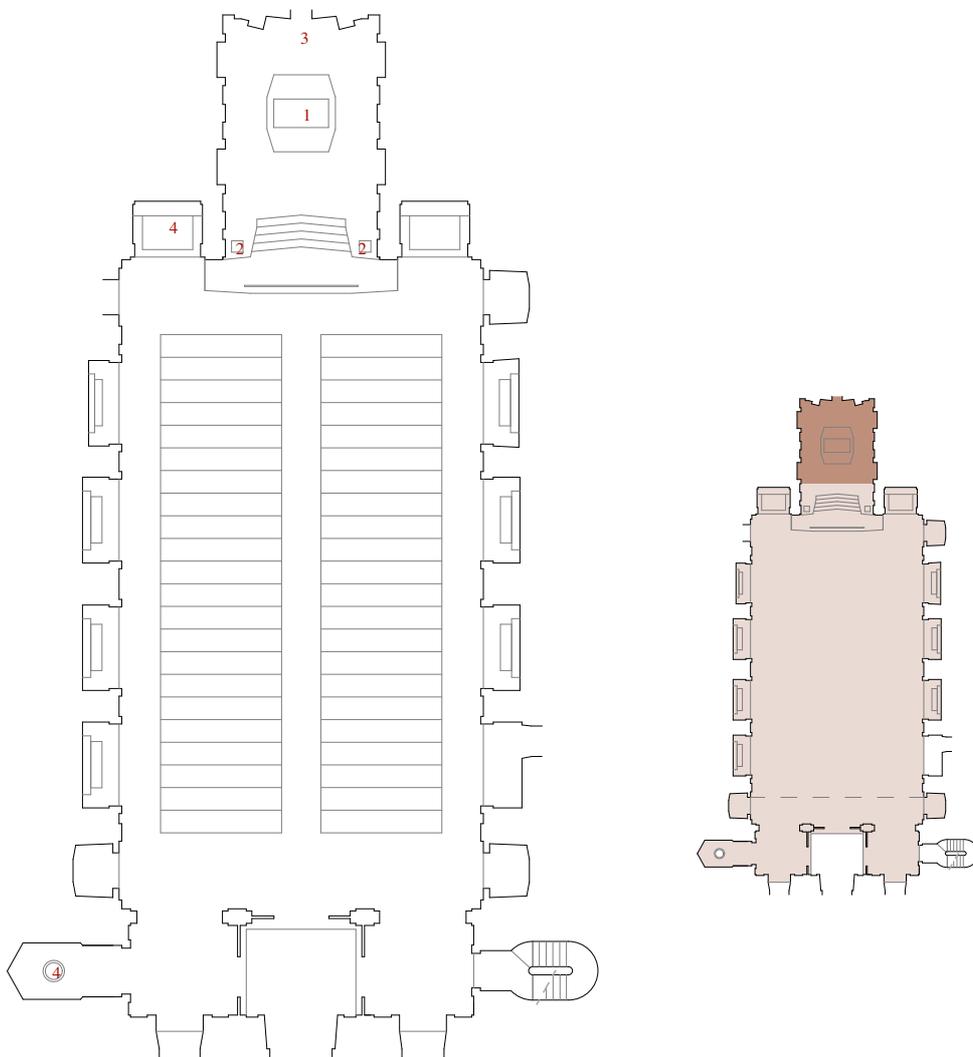


Fig. 204 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após intervenção de 1060

- a. Fotografia da relação da nave com a capela-mor
- b. Fotografia do ambão
- c. Fotografia do altar
- d. Fotografia de um dos confessionários
- e. Fotografia do Batistério
- f. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

- 1. Altar
- 2. Ambão
- 3. Presidência
- 4. Sacristia
- 5. Pia Batismal



no todo das paredes, e sua adaptação à colocação das imagens; pelo avanço do espaço do santuário, sua fusão com a nave, e consequente destruição da independência do espaço da capela-mor; pela harmonização da cor e iluminação do conjunto; pela acentuação da horizontal elevada do entablamento; pela limpeza, em todo o interior, dos objectos que destruíam a sua unidade, nomeadamente os confessionários, integrados no plano das paredes. [...] O sacrário, inicialmente localizado sobre o altar foi, com a generalização da missa «frente à assembleia», deslocado para o altar lateral do lado da epístola e no limiar do Santuário. [...] O ambão não ganhou ainda o relevo necessário. Ao tempo da renovação, e após esta, localizavam-se dois ambões, (o do evangelho e o da epístola), com acentuada contribuição para uma simetria e despersonalização que o ambão único actual (o do Evangelho) não supera.

E o mesmo se passa com o lugar da presidência, não considerado na remodelação.

Já a mesa da comunhão criada não constitui obstáculo, pela sua transparência e dimensão, a que venha a adoptar-se o uso da comunhão ministrada com o celebrante parado e os comungantes aproximando-se em cortejo processional, e que deixa de justificar a sua existência. [...] Mantendo-se a localização anterior do baptistério (e o simbolismo pode relacioná-lo com a entrada), nenhum destes aspectos foi ressaltado, ainda que tenha havido a preocupação de lhe conceder o justo relevo pela valorização efectuada do seu espaço.” (Rosa, 1965, pp.188-189) (fig.204)

Para além de todos estes pontos importantes, diretamente ligados à função-prática litúrgica, há que referir ainda a reformulação do guarda-vento de entrada da igreja³⁸².

Mas, de toda esta exigente empreitada, importa salientar, dois aspectos que constituíram a “principal inovação e pioneirismo” (Marques, 2019, p.91) do projeto: “O altar destacado do retábulo, mas ainda na capela-mor, a par da unificação do espaço da nave, suprimindo a teia e diferenças de cota.” (Marques, 2019, p.91)

No entanto, apesar da inovadora solução adotada, foi criticado o facto de persistir “ainda um certo face a face entre o santuário e a assembleia”, (Rosa, 1965, p.188) uma vez que:

“[...] o altar continua a ser (ainda que libertado da parede do fundo e das proporções de magnificência) a peça central e isolada do Santuário, em que tudo lhe é subordinado numa rígida simetria. E tal contribui em certa medida, para impedir a completa fusão do Santuário com a assembleia.” (Rosa, 1965, p.188)

³⁸² “A solução adoptada escalone esses pontos essenciais do percurso, recebendo num adro exterior a comunidade e levando-a através dum amplo guarda-vento totalmente renovado, a penetrar no espaço interior da igreja.” (Rosa, 1965, p.187)

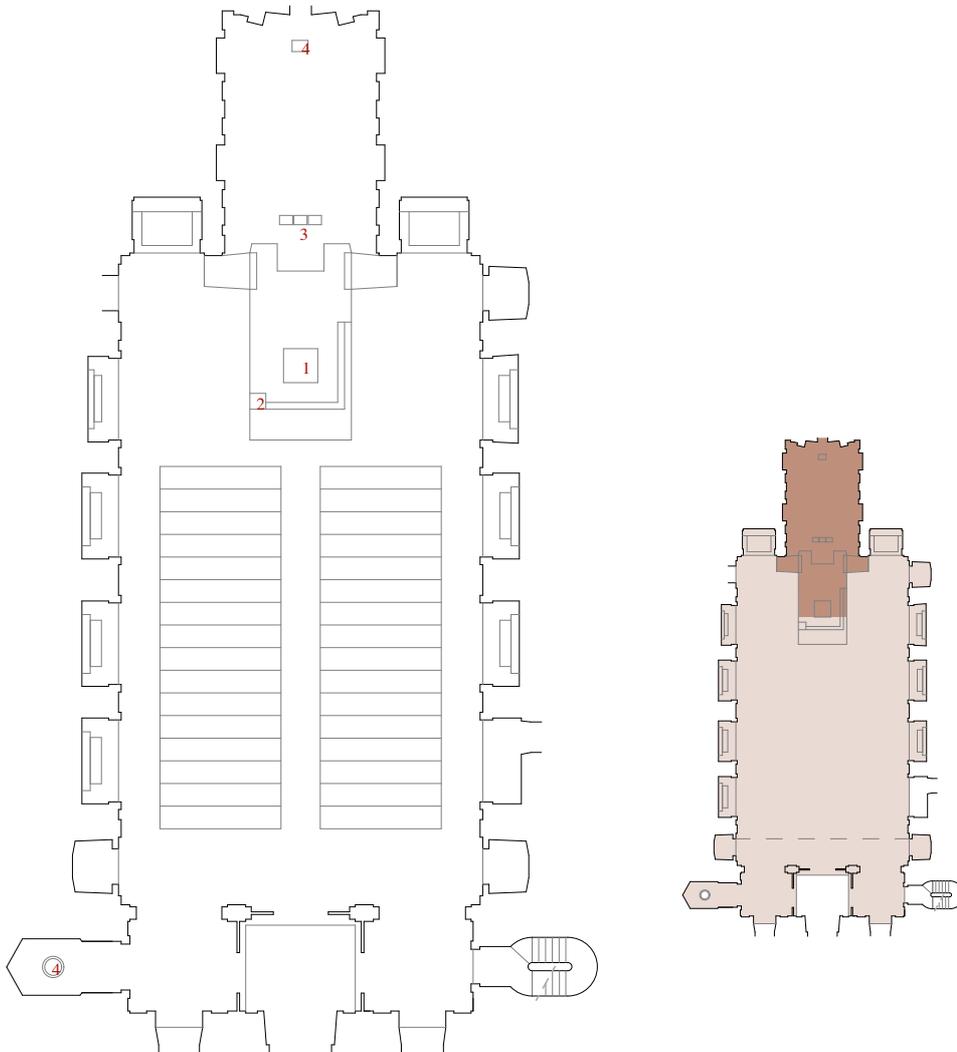


Fig. 205 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após intervenção de 1060

- a. Fotografia demonstrativa da reabilitação do espaço litúrgico
- b. Fotografia demonstrativa da relação do novo presbitério
- c. Fotografia da disposição do espaço litúrgico aquando da celebração de quinta-feira santa
- d. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

- 1. Altar
- 2. Ambão
- 3. Presidência
- 4. Sacristia
- 5. Pia Batismal

- Clero
- Fiéis



Apesar de legítima esta crítica, é importante ter em conta a altura em que foi efetuada esta reabilitação, tratando-se por isso de uma notável e inovadora intervenção, espelho de uma igreja “verdadeiramente viva e nova, que respeita e resulta da construção existente, renovando-a e enriquecendo-a.” (Rosa, 1965, p.186) Uma igreja que ficou “mais poderosa, mais sensível e apelativa. Herança recebida que se transmite numa herança viva e contemporânea; esplêndida continuidade da missão da Igreja no Mundo.” (Rosa, 1965, p.189)

Assim, no dia primeiro do mês de Novembro de 1960:

“[...] foi celebrada a primeira missa no templo renovado. [...] um exemplo contemporâneo de total adequação litúrgica, é sem dúvida um exemplo de pioneirismo que chega até nós pleno de frescura, e como resposta correcta a muitos dos principais aspectos da renovação litúrgica de então para cá efectuados. Este é outro ponto essencial do trabalho realizado: Para lá da antecipação que um profundo conhecimento da matéria e laborioso estudo permitiram apoiar, a solução proposta contém em si a maleabilidade que permite um constante ajustamento na sua utilização. Decorrido o Concílio Vaticano II, promulgada em Dezembro de 1963 a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, experimentados e discutidos os primeiros exemplos, a Igreja de Santa Isabel constitui uma correcta adequada interpretação da liturgia e da espiritualidade e sensibilidade próprias do cristão autêntico dos nossos dias. E tal obtido conjuntamente com uma reencontrada unidade arquitectónica do edifício pré-existente, convergindo o todo para «um grande gesto único carregado de sentido».” (Rosa, 1965, p.187)

Não obstante a inovação da solução adotada, “o altar que tinha sido construído *versus populum* mostrou-se, apesar de tudo, longínquo.” (Almeida, 2020³⁸³) Perante isso, e sem que se saiba o autor³⁸⁴, nos finais dos anos de 1970, a igreja sofre uma nova intervenção no espaço litúrgico por forma a combater a distância e separação, ainda sentida, entre santuário e assembleia.

Assim, e de forma provisória - apesar se ter mantido praticamente até aos tempos atuais - estendeu-se o presbitério para fora da cabeceira³⁸⁵, através da colocação de um estrado de madeira, coberto com alcatifa, que traz a cota da cabeceira, no qual se colocou um novo altar, ambão e presidência. Tendo o sacrário passado da capela lateral para a cabeceira da igreja, sobre³⁸⁶ o altar erigido nos anos 60³⁸⁷.

³⁸³ Informação de conversa pessoal com o Padre José Pereira de Almeida, pároco da igreja, em Junho de 2020.

³⁸⁴ Apenas sabemos que a intervenção aconteceu enquanto era Pároco o já falecido, Padre Armindo Duarte.

³⁸⁵ “avançou para a nave e o envolveu pela comunidade” (Marques, 2019, p.91)

³⁸⁶ “servia para ter o sacrário em cima.” (Almeida, 2020)

³⁸⁷ “durante muitos anos houve duplicação de altares-mores” (Almeida, 2020)

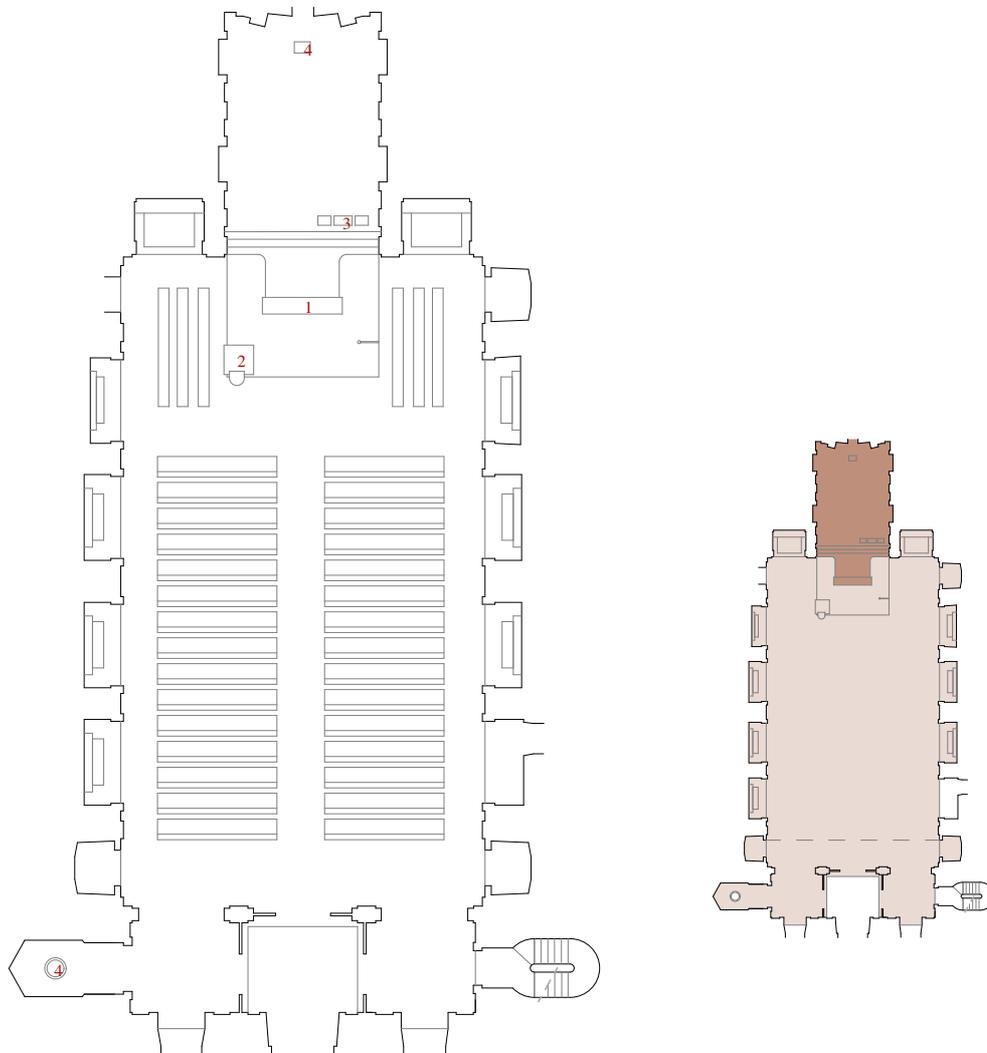


Fig. 206 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da intervenção de 2020

- a. Fotografia demonstrativa da reabilitação do espaço litúrgico
- b. Fotografia demonstrativa da relação do novo presbitério
- c. Fotografia da relação do novo presbitério com a cabeceira da igreja
- d. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

1. Altar
2. Ambo
3. Presidência
4. Sacristia
5. Pia Batismal

- Clero
- Fiéis



Dada a provisoriedade, a pouca qualidade artística dos elementos litúrgicos, e a necessidade de se clarificar melhor o espaço, uma nova intervenção sucede, nos anos noventa do século passado, através de um “convite informal” (Ferreira, 2020³⁸⁸) do pároco ao arquiteto Gastão da Cunha Ferreira³⁸⁹. Uma colaboração que compreendeu a eliminação do altar de 1960³⁹⁰, a reconfiguração do estrado do novo presbitério - com “pequenas variações no tamanho relativamente ao anterior” (Ferreira, 2020) -, e a substituição dos objetos litúrgicos: altar, ambão e base do sacrário mas, mantendo a ideia anteriormente definida. (fig. 205)

Em finais de 2009, um novo rumo era esperado para Santa Isabel. Devido à necessidade urgente de obras de conservação e restauro, um projeto mais alargado acabou por surgir pela mão do escritório de arquitetura Appleton e Domingos. Um projeto que, para além de questões práticas - como a "substituição da cobertura, que deixava entrar água, a alteração da iluminação, a possibilidade de acesso da pessoas de mobilidade reduzida" (Appleton, 2020³⁹¹), entre outras -, o conjunto da intervenção, englobava ainda, a pintura do teto abobadado da igreja, para o qual foi convidado o pintor Michael Biberstein³⁹², e a reformulação do presbitério, por forma a pôr fim à provisoriedade do espaço e elementos litúrgicos.

A ideia de projeto, que “passou fundamentalmente pela conversão do presbitério e mobiliário litúrgico móveis a pétreos” (Appleton, 2020), apresenta-se contudo bastante diferente pois, o uso da pedra em toda a intervenção, o redimensionamento da plataforma que define o presbitério - um novo estrado, em pedra de ruivina amaciada, relativamente escuro e que, de resto, as pessoas já estavam habituadas, por ter sido a pedra utilizada na intervenção dos anos 60, (Appleton, 2020) que varia ligeiramente em altura e tamanho, relativamente ao existente³⁹³ -, a criação de um novo ambão, feito de um monolítico de mármore, e a colocação do altar primitivo - um monólito de pedra lioz de 4m comprimento e 5 toneladas, guardado na sacristia da igreja aquando da sua retirada, na intervenção realizada nos anos 60 - conferem uma nova imagem, uma nova relação, uma nova identidade.

Compreende-se esta intervenção na igreja de Santa Isabel, atualmente a ser executada, (fig. 206) como uma reabilitação que procurou pôr fim à provisória situação que este espaço litúrgico vivia à

³⁸⁸ Informação de conversa pessoal com o arquiteto Gastão da Cunha Ferreira, em Junho de 2020.

³⁸⁹ Com uma intervenção próxima da então realizada na Igreja de Santa Isabel, importa referenciar a da Basílica da Estrela em 2005. No entanto, actualmente inexistente pois, devido à mudança de pároco, este novo, decidiu regressar ao presbitério original e á organização do espaço litúrgico mais convencional. Um retrocesso espacial, uma vez recuar o presbitério, mas sobretudo um retrocesso litúrgico.

³⁹⁰ O altar, por ser construído em “cimento e revestido com mármore”, (Almeida, 2020) não foi possível recuperar, acabando por ser destruído.

³⁹¹ Informação de conversa pessoal com o arquiteto João Appleton, em Junho de 2020.

³⁹² O longo processo de obras na igreja que, ainda hoje duram, teve como grande impulso a Exposição de uma maquete à escala 1/8 na Appleton Square, no âmbito da Trienal de Lisboa (Outubro e Novembro de 2010). A acrescentar à dificuldade em reunir verbas para as obras, dá-se o infortúnio da morte de Michael Biberstein, dificultando, ainda mais o processo. O tecto da igreja de Santa Isabel foi inaugurado apenas a 19 de Julho de 2016, atestando “a mais-valia que as artes plásticas podem representar na valorização, até arquitectónica como aqui, do património histórico que se quer renovado e vivo.” (Marques, 2019, p.91)

³⁹³ Trata-se, agora, de “um quadrado que vai buscar a largura da capela mor.” (Appleton, 2020)



Fig. 207 - Fotografias da celebração da missa no exterior da igreja

já largos anos. Uma intervenção que, recorrendo a alguns ajustes, mantém a ideia da solução até então vigente de presbitério avançado sobre a nave da igreja que, por sua vez, aproxima a comunidade do centro da ação litúrgica, comprometendo-a mais. Uma solução que procura um maior equilíbrio formal e material com a identidade e história do espaço e lhe confere dignidade. Atualmente, devido às obras da igreja e os tempos de Pandemia, a celebração da Missa é feita no adro da igreja. (fig. 207)

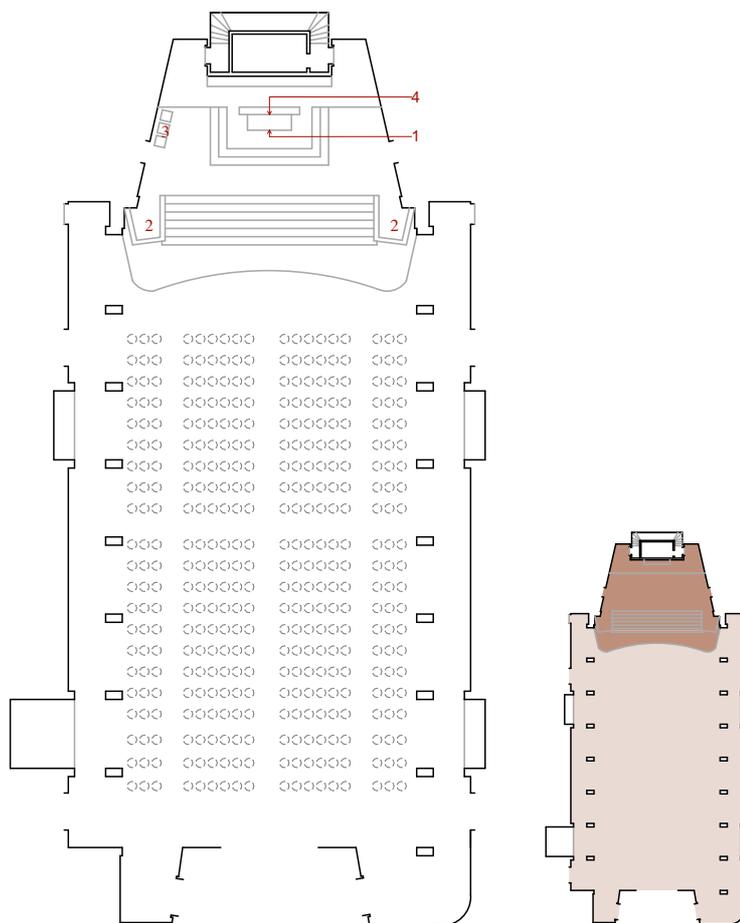


Fig. 208 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original da igreja (1956)

a. Fotografia retirada durante a inauguração da igreja (07.10.1956)
 b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

1. Altar
2. Ambão
3. Presidência
4. Sacristia
5. Pua Batismal

■ Clero
 ■ Fieis



4. Igreja do Colégio de São João de Brito

A Igreja do Colégio de São João de Brito, inaugurada em Outubro de 1956 com projeto do arquiteto Lúcio Cruz³⁹⁴, “À semelhança de tantas outras igrejas coetâneas, o espaço foi originalmente estruturado em torno de um eixo longitudinal com orientação norte-sul.”³⁹⁵ (Miranda, 2014, p.XIII)

No entanto, apesar de apresentar uma estrutura tradicional, apresenta a singular particularidade de se definir por uma “nave única”, (Miranda, s.d.) característica que denota, uma leitura, de certa forma, um pouco distinta relativamente à ideia da definição do espaço litúrgico, e na qual podemos encontrar semelhanças com a igreja de St. Fronleichnam (1929/30), de Rudolf Schwarz, em Aachen, um importante exemplo da arquitetura de igrejas no período antecedente ao concílio Vaticano II que procura pôr em prática alguns dos valores do movimento litúrgico.

Contudo, apesar da existência de uma única nave permitir uma leitura mais unitária entre o espaço dos presbíteros e dos fiéis, é possível compreender ainda uma divisão entre ambos, devido à existência de um lanço de escadas.

Uma igreja que, segundo o arquiteto Bernardo Pizarro Miranda, pode:

“[...] sem grande margem de erro, ser atribuída a designação de “igreja de transição”: uma assembleia orientada em linha para um presbitério sobrelevado; a justaposição à nave de um volume autónomo, sublinhando a separação entre o santuário e a assembleia; o desenho de duas galerias laterais de baixa altura que enfatizam o efeito vertical da nave, ritmada pela métrica dos seus pórticos estruturais e por janelas estreitas e verticais a nascente e poente. À evidência da entrada em jogo dos novos materiais; o betão, o aço e o vidro, importaria ainda juntar a sobriedade e a austeridade da sua decoração.” (Miranda, 2014, p.XV)

Encostado à parede sul, no presbitério, encontrava-se, originalmente, o altar *ad orientem* (fig.208) mas uma intervenção nos anos sessenta, que procurou responder às exigências conciliares, faz nascer um novo altar, ainda no presbitério, em frente ao original, desta feita, *versus populum*. (fig. 209)

Em 1993, cerca de quatro décadas depois da primeira missa, foi encomendado, pela Província Portuguesa da Companhia de Jesus, um estudo para a reorganização do espaço interior da igreja

³⁹⁴ “O espaço original, desenhado por Lúcio Cruz (1914-1999) para os Sacerdotes da Companhia, tinha sido inaugurado em 7 de Outubro de 1955, pelo então Cardeal Cerejeira.” (Miranda, 2018, p. 105)

³⁹⁵ “A grande porta processional, associada ao adro, articulava-se axialmente com o santuário sobrelevado. A escadaria de doze degraus reforçava a ideia de uma “igreja processional”.” (Miranda, 2014, p.XIII)

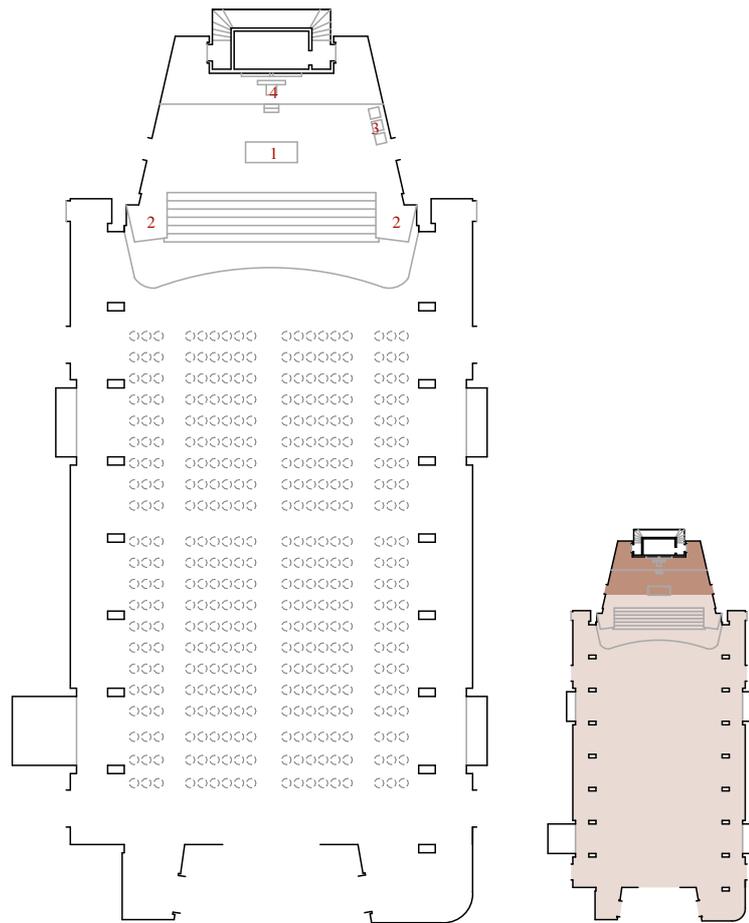


Fig. 209 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção nos anos de 1970

a. Fotografia de 1990

b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

- 1. Altar
 - 2. Ambão
 - 3. Presidência
 - 4. Sacrário
 - 5. Pia Batismal
- Clero
 Fiéis
 N

(Miranda, 2014, p.XII) que tinha por objetivo uma “readequação do espaço litúrgico: a da aproximação da comunidade celebrante do santuário, na celebração da Eucaristia”. (Miranda, 2014, p.XII)

Perante a encomenda, que ficou ao encargo do arquiteto Bernardo Pizarro Miranda este, num diálogo intenso com os Padres da Companhia³⁹⁶ procurou, através dos ensinamentos que haviam sido legados pelo movimento litúrgico³⁹⁷, concretizar uma melhor e mais ativa participação dos fiéis na celebração litúrgica, centrando a proposta numa “disposição dos circunstantes sintonizada com o espírito da liturgia reformada pelo Concílio Vaticano II.” (Miranda, 2014, p.XVI)

Uma intervenção que se aproximou “do carácter precário e efémero da instalação, respondendo à condição programática da reversibilidade”, (Miranda, 2014, pp.XII-XIII) tendo em vista “a autonomia formal do suporte existente” (Miranda, s.d.), mas mantendo a “utilização dos acessos principais existentes.” (Miranda, s.d.)

A solução encontrada passou então pela reprogramação dos “eixos dominantes geradores do espaço original. O eixo processional norte-sul ligará a porta principal ao novo sacrário³⁹⁸, o eixo nascente-poente referencia e organiza a assembleia, centrada na mesa eucarística.” (Miranda, s.d.) O presbitério desce assim do fundo da igreja para se estabelecer no centro do espaço, encostado sobre o lado esquerdo, definindo-se através de um estrado de madeira de 5x5 m, sobre o qual se encontra o altar, ao centro, o ambão, num dos vértices mais próximos da assembleia e a presidência, no vértice oposto.

Em redor do presbitério, dispôs-se a assembleia em 180°, chamando-a “participar na celebração a partir dos vários focos da acção, confirmando o primado da disposição da assembleia sobre a forma do espaço, a identificação e a integração definitiva do presbitério na assembleia.” (Miranda, 2014, p.XVII) (fig.210)

Uma intervenção que se demarca não só espacialmente, mas também pela materialização encontrada, em que “A intensidade e vitalidade da madeira de Afzélia, preconizada na execução das novas peças de mobiliário, altar, ambão, cadeiras da presidência e credência, potencia e caracteriza a singularidade da nova localização.”³⁹⁹ (Miranda, s.d.)

Importa ainda realçar que, completando a intervenção, foram colocadas, nos vãos laterais telas têxteis, que servem de filtros da luz natural e iluminação artificial nova.

³⁹⁶ “As várias decisões tomadas durante a intervenção na igreja dos jesuítas, em Lisboa, foram tecidas, no quadro de um diálogo alimentado sobretudo pelos padres da Companhia de Jesus”. (Miranda, 2014, p.XVI)

³⁹⁷ Um dos exemplos que destaca e se aproxima, é o de “Ottokar Uhl (1931-2011) - na igreja alemã de São Tadeu (1989), onde um estrado móvel sob o altar viabiliza a ideia da plasticidade da assembleia” (Miranda, 2014, p.XVI)

³⁹⁸ Recentemente o sacrário foi recolocado, deixando de estar ao fundo da igreja, no lugar do antigo altar, para se encontrar numa divisão própria, perto da entrada da igreja. Um espaço contíguo à igreja que apela ao recolhimento, e procura proporcionar um encontro mais íntimo com Deus, visível, desde logo, pela escala.

³⁹⁹ “numa mesma linguagem utilizada para os diferentes dispositivos litúrgicos: a sede presidencial, o altar e o ambão, perfeitamente envolvidos pela assembleia celebrante que os circunda, favorecendo a sua participação na acção litúrgica que neles se desenrola.” (Rodrigues, 2018, pp.85.86)

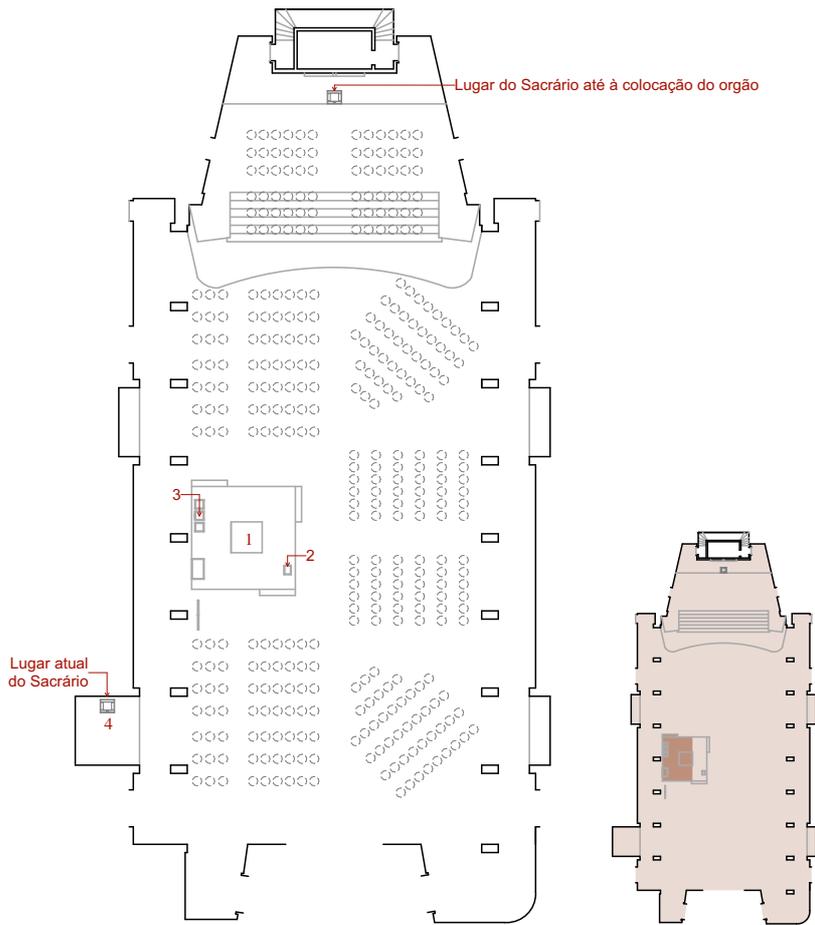


Fig. 210 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção de 1993

- a. Fotografia da disposição da intervenção original (com o sacrário ao fundo da cabeceira)
- b. Fotografia da alteração da cabeceira (retirada do sacrário para uma capela e colocação do órgão)
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

Esta intervenção que, como dissemos tinha um carácter provisório, todavia perdura até aos dias de hoje, estando ainda por um cumprir, uma segunda fase que consiste numa nova intervenção, desta feita, definitiva, com um desenho de espaço litúrgico bastante diferente.

Apesar disso, a intervenção realizada na igreja do Colégio São João de Brito, conseguiu já eliminar a divisão existente entre fiéis e sacerdotes, deslocando o presbitério do alto de uma plataforma ao fundo da igreja, para o centro, passando a situar-se encostado a um dos lados laterais onde se dispôs a assembleia em seu redor. Uma alteração que, apesar de contrariar a implantação longitudinal original da igreja a preserva e, um exemplo, de certa forma distinto dos demais pelo facto de congregar numa mesma plataforma o altar, ambão e presidência.

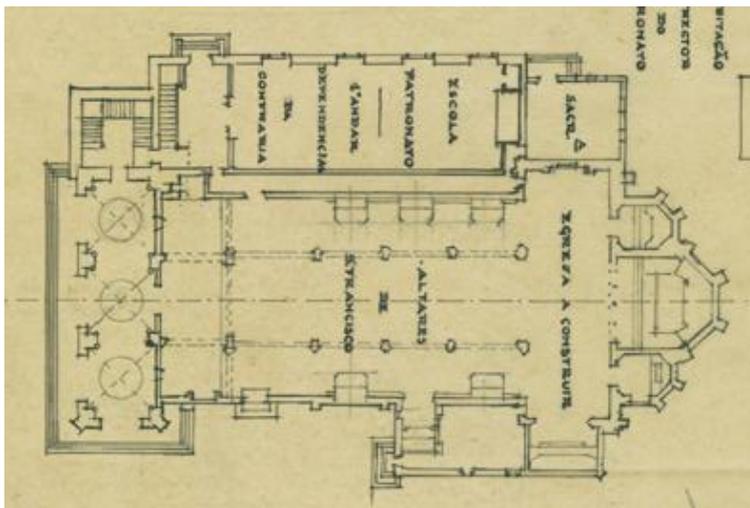
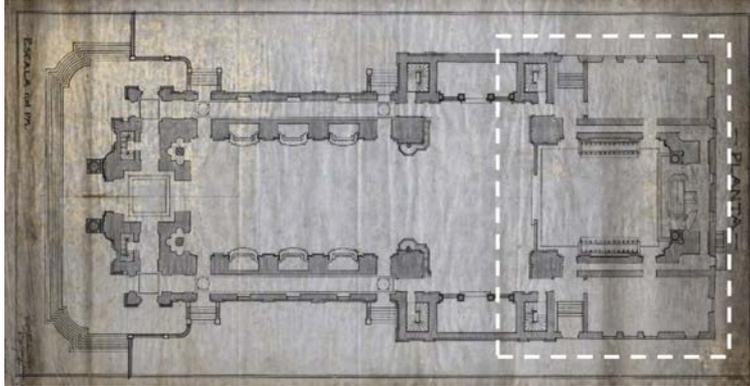


Fig. 211 - Planta do projecto inicial de Marques da Silva com a marcação da parte construída
 Fig. 212 - Imagem da cabeceira da Igreja construída
 Fig. 213 - Projecto de Marques da Silva do fecho da cabeceira
 Fig. 214 - Planta do último projecto de Marques da Silva

5. Igreja de São Martinho de Cedofeita

A igreja de São Martinho de Cedofeita trata-se de um caso peculiar e a forma como se foi desenvolvendo, ao longo dos tempos, perante os mais diversos desafios e vicissitudes, faz da igreja de Cedofeita um importante exemplo de arquitetura religiosa no que toca à readaptação de igrejas.

O projeto inicial da autoria do arquiteto Marques da Silva (1895/1899), (fig.211) que se apresentava como uma importante empreitada, através de um desenho clássico e de grandes dimensões, tornou-se, no entanto, desde cedo, um processo conturbado⁴⁰⁰, tendo por fim, um triste desfecho.

Da totalidade do projeto, apenas a capela mor foi erigida e, perante a paragem da construção, o arquiteto viu-se “obrigado a realizar um projeto de remate provisório para a capela mor da igreja de Cedofeita, a nascente”, (Castro, 2019, p.47) inaugurada no ano de 1929, e que assim viria a permanecer por muito tempo, ficando por cumprir o restante conjunto do projeto. Foi então, limitada à cabeceira da igreja, que a comunidade passou a celebrar missa. (fig.212)

Quanto ao projeto (de fecho provisório) importa destacar um interessante pormenor: como acesso à igreja provisória⁴⁰¹ a proposta de Marques da Silva fazia uso das entradas laterais existentes da construção de até então mas, é possível notar, comparando os desenhos e registos fotográficos, que acabou por ser aberto um vão a nascente que não constava no projeto. (fig.213) Uma intervenção que julgamos ter sido pelo facto do pároco e paroquianos estranharem a não existência de uma entrada axial, como era habitual em qualquer igreja.

No ano de 1937, uma novo rumo parecia surgir para a comunidade de Cedofeita, através da intervenção de Duarte Pacheco⁴⁰² que desencadeou um novo processo para a viabilização da construção da igreja, através da possibilidade de Cedofeita “receber toda a obra de talha da igreja de S. Francisco que a direcção dos monumentos Nacionais pensava em retirar” (Castro, 2019, p.59) o que fez com que Marques da Silva desenhasse um novo projeto⁴⁰³ não tendo sido, contudo, uma vez mais, avançado para construção. (fig.214)

Por volta de 1952 são retomadas diligências no sentido de pôr fim à edificação da igreja de Cedofeita. Apesar do mais expectável ser a conclusão do projeto original, totalmente desenhado por Marques da Silva, o seu desenho era já visto como ultrapassado, tendo sido encarregue ao arquiteto António Teixeira Barbosa de Abreu o futuro da igreja.

⁴⁰⁰ Foram muitas as condicionantes políticas, económicas, sociais e eclesiais que fizeram com que o projeto demorasse em sair do papel (os primeiros esboços, presentes na fundação Marques da Silva, datam os anos noventa do século dezanove), sendo apenas lançada a primeira pedra, em 1899.

⁴⁰¹ Ao dizer “igreja provisória” referimo-nos à cabeceira da igreja até então erguida, com projeto de Marques da Silva, e consequentemente encerramento desta com projeto do mesmo arquiteto.

⁴⁰² Na altura Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

⁴⁰³ O desenho tratava-se praticamente de uma réplica da igreja de São Francisco e previa a demolição da então cabeceira construída.

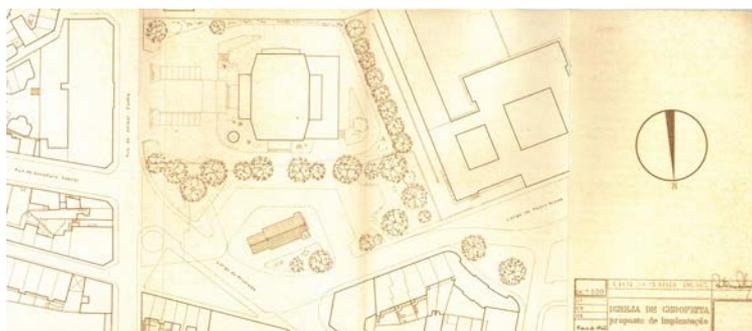
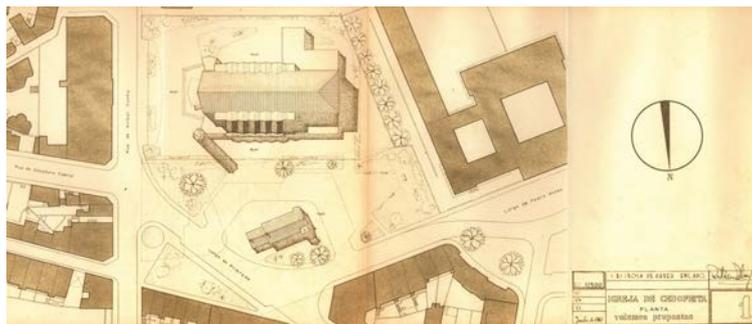
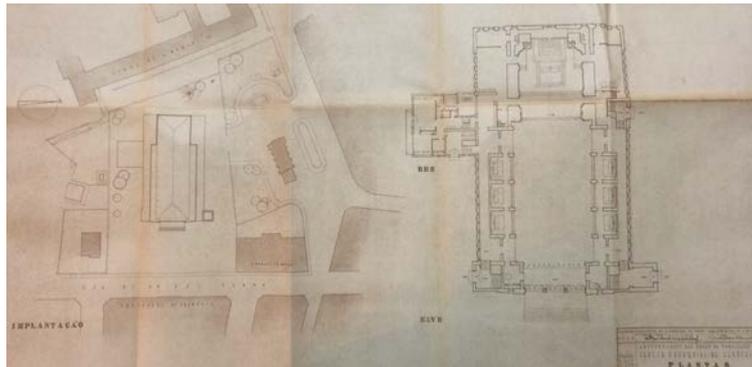


Fig. 215 - Plantas do segundo estudo de Antônio Barbosa de Abreu
 Fig. 216 - Terceiro estudo de Antônio Barbosa de Abreu
 Fig. 217 - Quarto estudo de Antônio Barbosa de Abreu

Das quatro propostas apresentadas, importa notar que, apesar de distantes das propostas por Marques da Silva, as três primeiras, preservavam ainda a implantação definida pelo Mestre, e incluíam a cabeceira existente. Já o último estudo, do qual apenas existe uma planta de implantação, distancia-se⁴⁰⁴ manifestamente dos anteriores, aproximando-se do que viria a ser a proposta construída. (fig. 215 - 217)

Contudo, uma vez mais, o esforço do arquiteto, desta feita, António Barbosa de Abreu, é em vão, dado que a “Comissão Fabriqueira da paróquia de Cedofeita procurou dar início a um concurso interno de arquitectos, para o projeto da igreja, e pôr de parte as experiências anteriores”. (Castro, 2019, pp.87-89)

Sobre o concurso não é possível encontrar grandes esclarecimentos pois, “A ausência de documentação relativa concurso não só torna pouco transparente o seguimento dado ao mesmo, como também impede de confirmar a sua realização.” (Castro, 2019, p.91) Quanto a este dado apenas podemos dar conta de dois aspetos: a proximidade com o concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus⁴⁰⁵, e o facto de ter sido o arquiteto Eugénio Alves de Sousa⁴⁰⁶ a dar seguimento a este longo percurso.

⁴⁰⁴ Esta última proposta data o ano de 1962, o que nos faz crer que o facto de se distanciar das anteriores terá diretamente que ver com a atenção e atualidade que o MRAR tinha acerca da discussão em torno da redefinição do espaço litúrgico. Apesar de, como referimos, apenas existir uma planta de implantação, é possível compreender que a forma tomada não segue já a retangular e longitudinal presente nas anteriores, procurando certamente uma nova organização anterior, já não presa aos cânones de até então.

⁴⁰⁵ “Consideramos que o MRAR influenciou a elaboração deste programa e que essa influência se torna evidente no recurso ao programa de construção para o concurso da igreja do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa (1961), do qual, aliás, a paróquia de Cedofeita ainda possui um exemplar, que contém notas de adaptações. Ambos os programas seguem a mesma estrutura, divididos em quatro partes (I – Dados Fundamentais, II – Igreja, III – Centro Paroquial e IV – Residências), com um total de 88 e 84 artigos, para o Sagrado Coração Jesus e S. Martinho de Cedofeita, respectivamente. Comparados os programas, constatámos que diferem total ou parcialmente, no seu conteúdo, apenas nove artigos, foram suprimidos apenas quatro e acrescentados dois artigos, do primeiro para o segundo programa. No restante, todo o conteúdo é igual ou semelhante, incluindo notas finais.” Castro, 2019, p.91)

⁴⁰⁶ “Alves de Sousa (1921) iniciou o curso de arquitectura na Escola Portuense de Belas Artes, em 1939. Concluiu o mesmo com a prova de CODA intitulada “Novas instalações do «Estrela e Vigorosa Sport»”, em 1947, com a classificação de dezassete valores e, no ano a seguir, aparecia inscrito como arquitecto na Câmara Municipal do Porto. Fez parte da Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM), a partir de 1953, nomeadamente junto do arquitecto João Archer de Carvalho, com quem partilhou o mesmo escritório. Até à data em que apresentou o primeiro estudo para a igreja de Cedofeita (Julho 1964), foi responsável pela execução de um jazigo, no cemitério de Agramonte, e participou num concurso para um edifício da Peugeot (1962), em Buenos Aires. Ainda antes de iniciarem os trabalhos de construção da igreja paroquial de Cedofeita e seus anexos (1969), também elaborou um projecto para o edifício dos serviços da Peugeot (1968), na zona industrial do Porto. Mais tarde, assumiria o projecto de reaproveitamento da capela-mór inacabada de Cedofeita (1975).” (Castro, 2019, p.101)

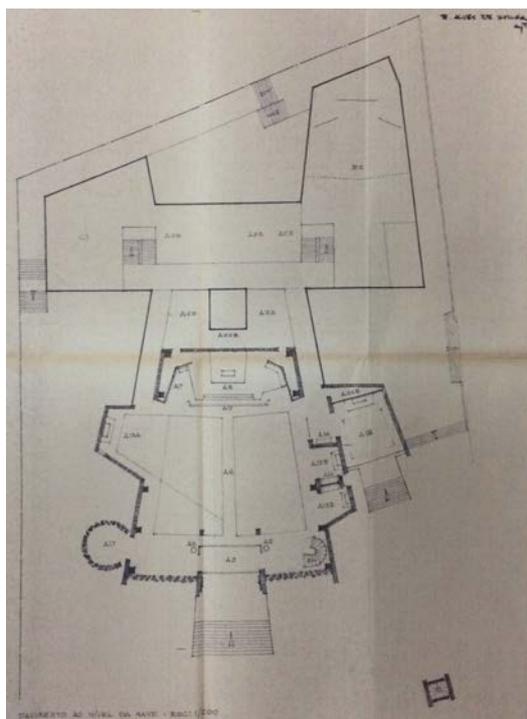
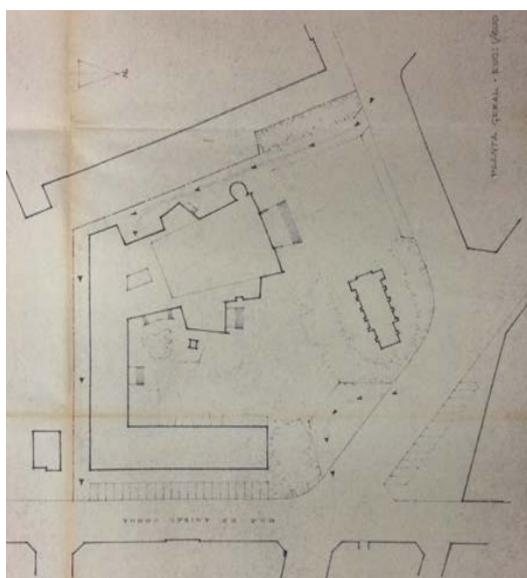
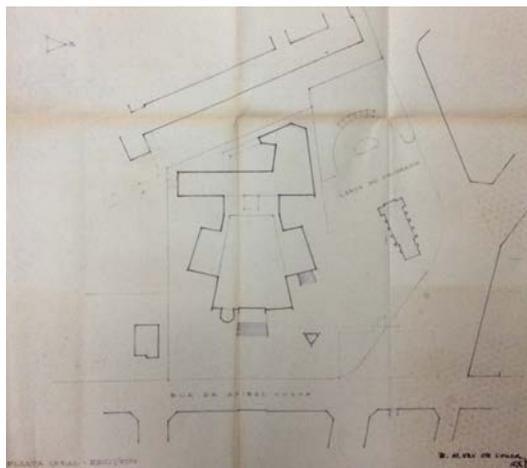


Fig. 218 - Primeiro estudo de Eugénio Alves de Sousa (Jun 1964)
 Fig. 219 - Segundo estudo de Eugénio Alves de Sousa (Nov 1964)
 Fig. 220 - Terceiro estudo de Eugénio Alves de Sousa (Jan 1965)

Alves de Sousa apresenta assim vários estudos⁴⁰⁷, (fig. 218 - 220) dando-se, finalmente, no ano de 1966, início à construção da que viria a ser a definitiva igreja de Cedofeita e que hoje em dia vemos (pelo menos integralmente ao nível da imagem exterior). Uma difícil empreitada que só foi possível efetuar com a qualidade apresentada, em grande parte graças a dois factores, para além da audácia do arquiteto: o Pe. Domingos de Pinho Brandão⁴⁰⁸ e a revista paroquial *Alleluia*⁴⁰⁹.

O resultado do projeto, inaugurado em 1973, é uma construção impactante pela sua linguagem moderna - quanto à forma e uso de materiais - mas também pela sua volumetria, contrastantes com a pré-existente igreja romântica, de pequena escala, assim como do desenho clássico, da cabeceira original ainda existente⁴¹⁰.

O que importa sobretudo notar é que a linguagem arquitetónica moderna que se denota no exterior, se estende para o interior da igreja, na especificidade da organização litúrgico-espacial. Facto este que nem sempre, ou mesmo quase nunca sucede e que, por sua vez, determina em grande parte o destaque e importância que possuiu aquando da sua construção e que, ainda hoje, detém.

Tal é possível confirmar, desde logo, pela originalidade do formato da implantação, mais quadrada que retangular, apresentando uma organização híbrida entre a longitudinal e a radial, e ainda pela forma como são desenhadas as capelas laterais. Quanto a este último ponto podemos notar que, apesar de existir em projeto uma capela lateral esquerda (a capela de S. Martinho), esta acaba por nunca ver construído um altar dedicado ao Santo que dá nome à Paróquia, passando apenas a ser

⁴⁰⁷ “O projeto da igreja paroquial de Cedofeita e seus anexos (Dezembro1965), do arquitecto Eugénio Alves de Sousa, é o culminar de três estudos prévios, datados de Julho de 1964, Novembro de 1964 e Janeiro de 1965.” (Castro, 2019, p.101)

É interessante notar o desenvolvimento das propostas. “Nos diferentes estudos, procuram-se diferentes soluções, porém, independentemente da orientação ou relação com os respectivos anexos, conserva-se a forma essencial da igreja: uma nave de planta trapezoidal com entrada a eixo, de paredes convergentes e cobertura de água única, em formato de hipérbole como que suspensa, sobre um friso horizontal de vitrais.” (Castro, 2019, p. 103)

A primeira respeita ainda a orientação definida por Marques da Silva, no entanto, em Agosto de 1964, é revogando o estudo. “A cópia de uma carta proveniente do Gabinete de Urbanização (G.U.) da Câmara Municipal do Porto (Agosto de 1964), encontrada no acervo da paróquia de Cedofeita, que acompanhava o parecer negativo emitido pela Comissão Municipal de Arte e Arqueologia, denuncia, por um lado, grande parte das condicionantes do projecto e, por outro, os aspectos que estão por detrás de uma considerada má opção generalizada, na opinião dos seus subscritores, os arquitectos Luiz Cunha e Luís de Almeida D’Eça. (...) no que diz respeito aos denominados “*aspectos arquitetónicos*” – fugindo um pouco ao tipo de considerações que faziam parte da competência do Gabinete do Urbanismo –, refere que o espírito de renovação litúrgica é traído pela “*preocupação desnecessária*” com a simetria e, por último, “*a expressão dinâmica dada à forma da cobertura ou aos topos das paredes*” não se compatibilizava com “*o volume pesado e estético que caracteriza a arte românica*”.” (Castro, 2019, pp.103-105)

Dá-se portanto uma reformulação na proposta, alterando-se substancialmente a implantação, mas mantendo-se o desenho da igreja sem grandes alterações, a não ser o desenho das capelas laterais e a localização do batistério, contudo uma terceira proposta é apresentada por imposição da Comissão Fabriqueira que obrigava à disposição da entrada principal da igreja de frente para a rua anibal cunha, fazendo regressar à implantação inicialmente definida.

⁴⁰⁸ “com base em investigação histórica e na experiência das suas viagens, procurou iluminar a opinião dos paroquianos sobre os caminhos que o novo ideal para uma futura igreja poderia tomar. O seu saber partilhado tornou visível esse ideal, na forma dos valores que fomos enunciando (actualidade, modernidade, beleza, grandeza...) e dos exemplos que os ilustravam.” (Castro, 2019, p.98)

⁴⁰⁹ “O *Alleluia* foi um importante meio para a evangelização, para a instrução e para a construção da identidade da paróquia de Cedofeita. Incluía divulgação de iniciativas paroquiais, importantes notícias do mundo eclesial, textos de figuras ilustres, propostas de reflexão, informações, comunicados ou fotografias de momentos marcantes. A mensagem de esperança no futuro e da constante busca de uma paróquia melhor foi o mote permanente do boletim paroquial. (...) Foi sobretudo neste contexto que serviu, também, como um importante instrumento de propaganda à nova igreja, incentivando com grande eficácia a colaboração e o espírito empreendedor de muitos paroquianos. As constantes rubricas, como “Nova Igreja”, a “Nossa Igreja”, “Construção da nova Igreja” ou “Comece que o dinheiro aparece”, entre outras, relatavam os passos dados para a concretização da nova igreja.” (Castro, 2019, p.93)

⁴¹⁰ A cabeceira da igreja inicial, com projeto de Marques da Silva não foi demolida nem aproveitada para o desenho da nova igreja, tendo sido intervencionada posteriormente com projeto de Alves de Sousa, datado de Fevereiro de 1977 que “consistiu em reaproveitar a totalidade dos seus espaços interiores, recorrendo a uma “*nova distribuição de pavimentos*” e “*construção do corpo de ligação*” entre a nova igreja paroquial e a antiga capela mor, denominada “anexos”. Para além da demolição da abóbada, a obra implicou a demolição de um excerto do antigo edifício, situado entre este e o corpo da nova igreja, que correspondia a um antigo coro alto, desenhado por Marques da Silva.” (Castro, 2019, p.125)

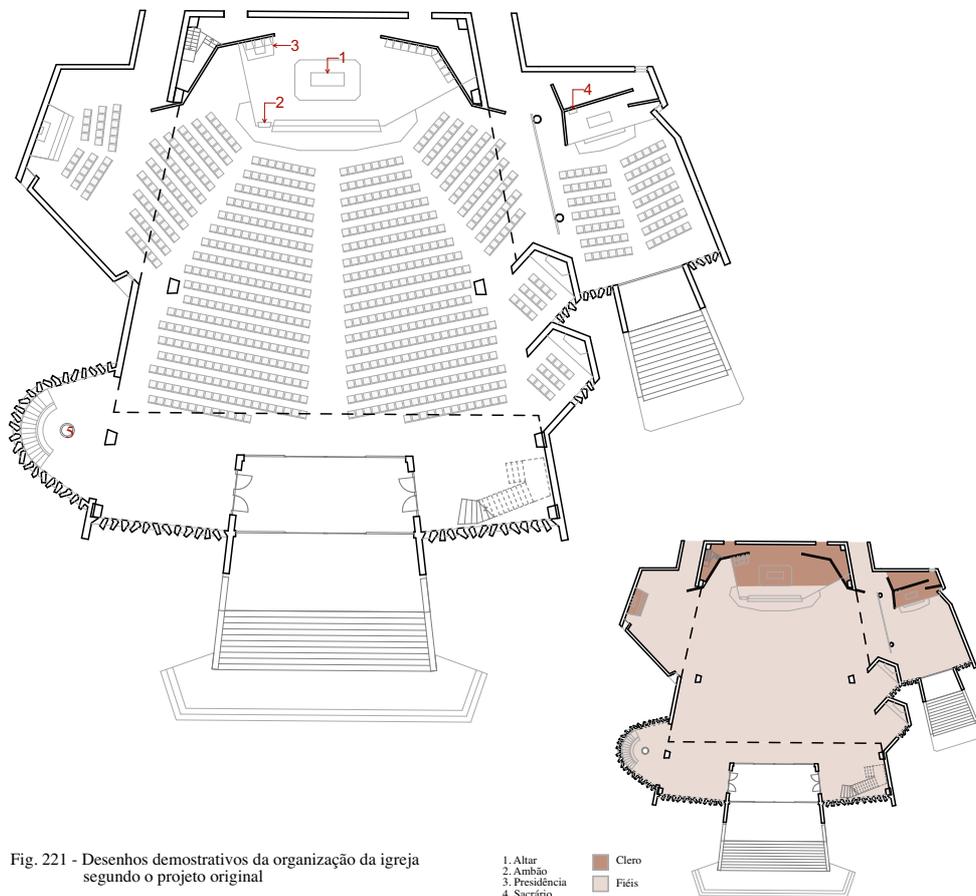
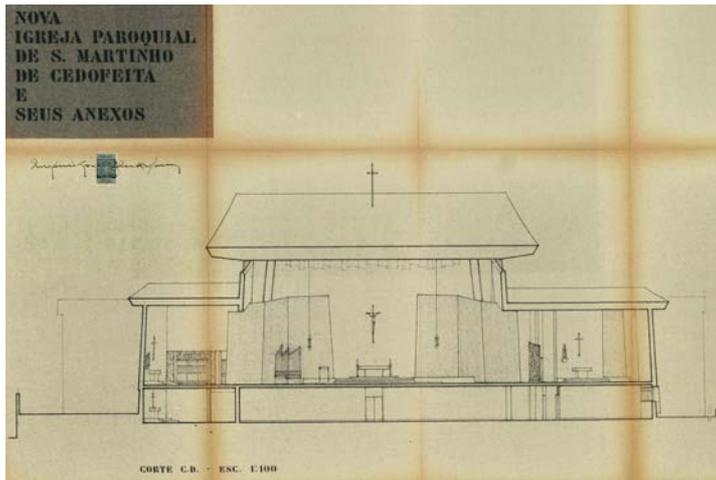
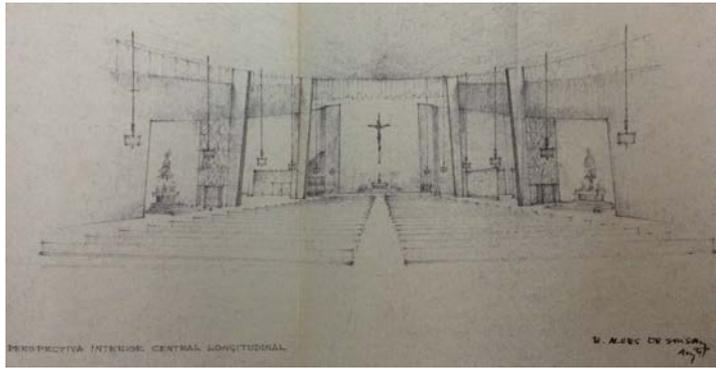


Fig. 221 - Desenhos demonstrativos da organização da igreja segundo o projeto original

- a. Axonometria do interior da igreja
b. Corte perspético do interior da igreja
c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

definida a capela do Santíssimo Sacramento, do lado direito, resguardada com biombos, desenhados pelo arquiteto, que permitiam a divisão ou transparência consoante as necessidades e usos. O facto da capela de S. Martinho nunca ter saído do papel talvez se prenda com as novas diretivas de construção de igrejas, entretanto saídas do Concílio, que referiam que não deveria haver a existência de capelas laterais, a não ser para a colocação do Santíssimo Sacramento. (fig. 221)

Pela consulta das memórias descritivas do projeto e anteprojecto, é possível descobrir que o arquiteto tinha algum conhecimento do trabalho realizado na Europa⁴¹¹ no que toca a arquitetura sacra e que estava atento, ou pelo menos alerta, para os últimos desenvolvimentos da Igreja, destacando o objetivo de ir ao encontro das mais recentes novidades litúrgicas provenientes do Vaticano II:

“Memorial sobre o ante-projecto [...]. O actual movimento de renovação litúrgica encaminha-nos para uma visão nova (não diferente mas restaurada e evoluída) dos problemas da arte Sacra. Tais problemas, não sendo assim os mesmos das gerações que nos precederam, implicam uma nova consciencialização das comunidades cristãs. Uma nova cultura arquitectónica se impõe, e conseqüentemente uma nova opinião pública deve ser preparada e formada dentro das disposições da Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos. Além da aplicação de necessário conhecimento dos autênticos valores da arqueologia, da história da arte, da arquitectura e da engenharia técnica da construção, importa, sobretudo, criar edifícios sagrados destinados ao culto litúrgico com as suas actuais exigências próprias e específicas; importa ainda dar cumprimento ao actual ressurgimento litúrgico defendido e iniciado pelo Papa Pio X e agora claramente expresso pelas decisões do Concílio Ecuménico Vaticano II. A Igreja (edifício) é apenas o abrigo da autêntica Igreja (a assembleia dos fiéis). Esta Igreja reúne-se para cumprir a liturgia (acção do povo – acto de homenagem e veneração). Dentro deste esquema fundamental deve ser criado um espaço (ambiente) próprio que foi sempre limitado através dos tempos, desde as primeiras basílicas, por edifícios construídos de acordo com a religiosidade e liturgia da sua época e as duas possibilidades materiais e construtivas. Em síntese, deve ser procurado o retorno ao «Santuário como centro da Igreja» e a participação plena dos fiéis no Sacramento Divino. [...] Porto, Agosto de 1965, E. Alves de Sousa.” (Eugénio Alves de Sousa citado por Castro, 2019, pp.182-183)

⁴¹¹ É possível encontrar parecenças, por exemplo, com a igreja de ronchamp de corbusier.

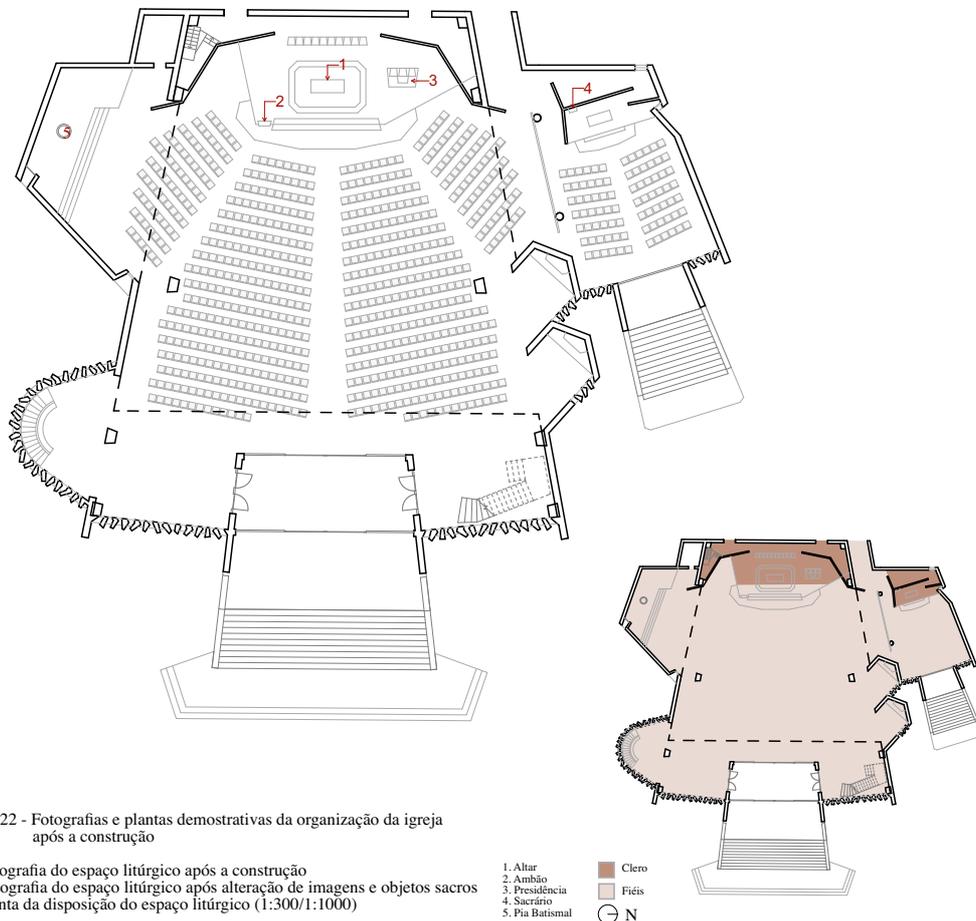


Fig. 222 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após a construção

- a. Fotografia do espaço litúrgico após a construção
- b. Fotografia do espaço litúrgico após alteração de imagens e objetos sacros
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

“Memória Descritiva de (1965.12.20) [...] 3 – Pretendendo-se uma IGREJA MODERNA [...], ela deve responder às mais nobres necessidades e aspirações dos homens do nosso tempo [...]. IV – ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, TEMPLO E ANEXOS – [...] Não cabe aqui nesta memória uma longa descrição de conceitos e justificações dos caminhos e soluções adoptados em face dos problemas comuns da Arquitectura religiosa e em particular da renovação promulgada pelo Concílio Ecuménico Vaticano II através da Constituição da Sagrada Liturgia [...]. Porto, 20 de Dezembro de 1965 – Eugénio Gouveia Alves de Sousa” (Eugénio Alves de Sousa citado por Castro, 2019, pp.213-215)

Perante estes documentos, compreendemos claramente o esforço tido no cuidado de um desenho em conformidade com a visão mais atual da Igreja sobre estes espaços, fazendo surgir a sua inovadora organização litúrgico-espacial.

Notamos, no entanto, com alguma estranheza que, apesar do cuidado mostrado na memória descritiva e na muita documentação que retrata o exaustivo trabalho de pormenorização projetual, este não é igualmente tido em conta na conceção do espaço litúrgico, pois não se encontram desenhos com o mesmo rigor e atenção relativamente à disposição do mobiliário litúrgico.

Comparando os desenhos exigentes do projeto e fotografias da época, podemos dar conta de algumas alterações relativamente ao original. Tais como a não construção da capela lateral, passando a definir-se aí o espaço do batistério, e algumas alterações na definição dos objetos litúrgicos. (fig. 222)

Esta organização, definida aquando da sua execução permanece inalterada até que, nos anos 90 do século passado, à revelia do arquiteto, o pároco, inicia uma nova empreitada, que teve por responsável o reconhecido pintor Júlio Resende.⁴¹² Uma reformulação sobretudo ao nível estético, mas chegando inclusivamente a substituir alguns dos objetos litúrgicos. As cadeiras individuais deram lugar a bancos, os vitrais foram substituídos, e o presbitério coberto a alcatifa vermelha passou a ter uma nova configuração e a ser revestido a pedra, assim como os painéis verticais, anteriormente revestidos a madeira. (fig. 223)

Não bastasse o percurso conturbado, a 25 de abril de 2017, um trágico acontecimento faria surgir uma nova intervenção na igreja que, uma vez mais, acabou por mudar substancialmente a sua utilização.

Um incêndio ocorrido no interior da igreja que, apesar de não ter danificado a sua estrutura provocou “graves danos, nomeadamente naquela que era a capela batismal, no seu mobiliário, nas

⁴¹² Anos antes já se havia dado uma pequena alteração, mas dessa feita apenas alterando a iconografia presente no altar.

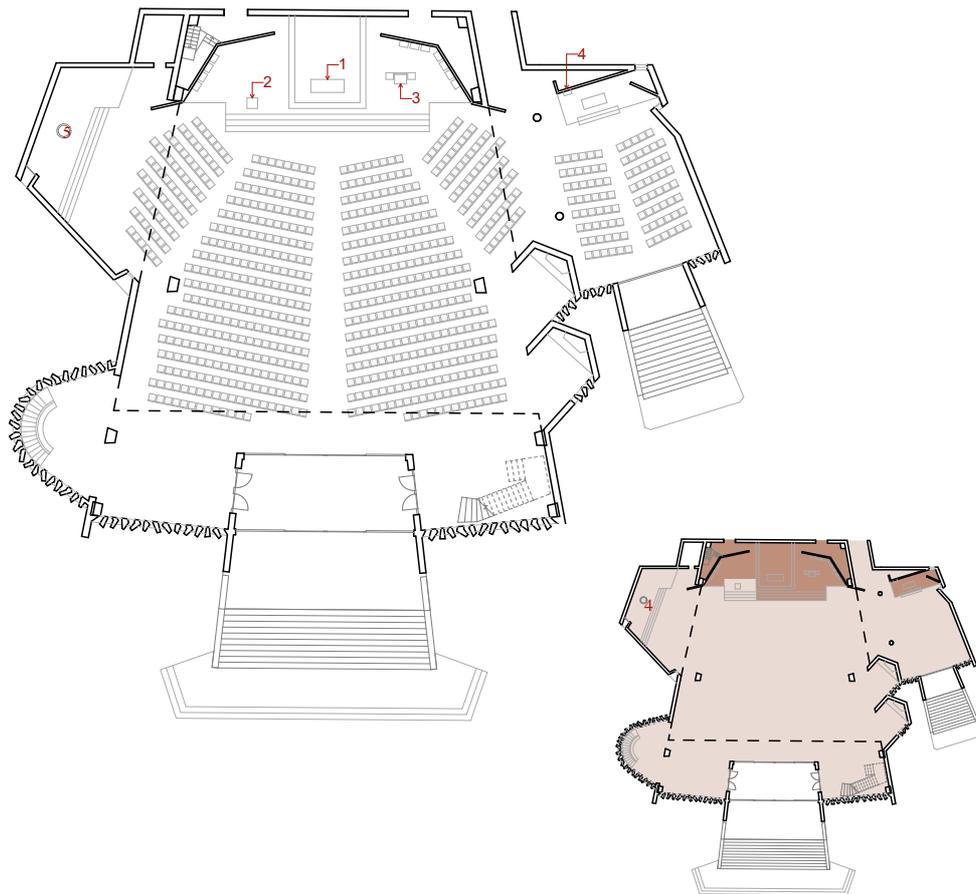
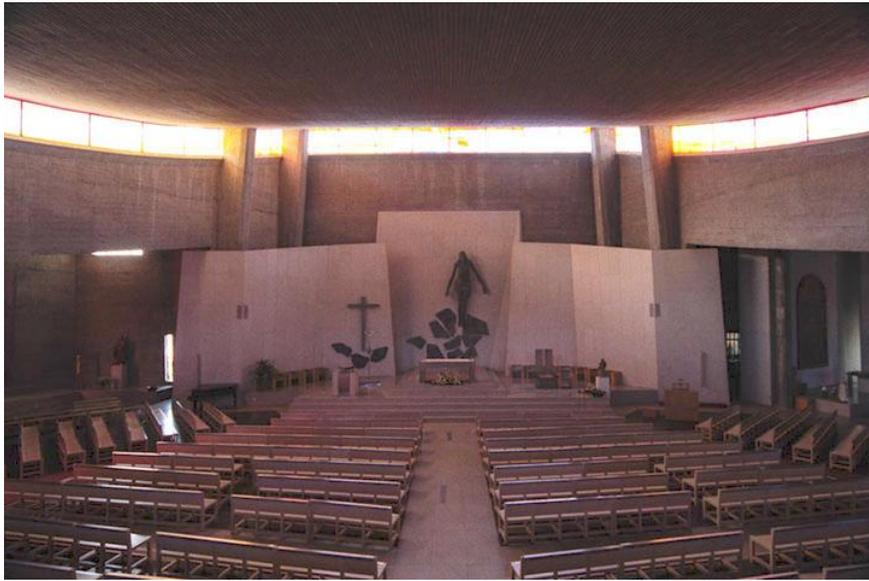


Fig. 223 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção dos anos de 1990

a. Fotografia do espaço litúrgico
 b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

- | | |
|-----------------|-------|
| 1. Altar | Clero |
| 2. Ambão | Fieis |
| 3. Presidência | |
| 4. Sacrário | |
| 5. Pia Batismal | ⊙ N |

suas obras de arte e vitrais (da autoria da escola de Júlio Resende) e no grande órgão de tubos”. (Carvalho, 2019, p.112), precipitando a necessidade de fazer uma intervenção que passaria por reparar a igreja, devolvendo aquilo que era até aquele momento.

Contudo, apesar do infeliz acontecimento, este foi tido como um novo e marcante momento de reflexão acerca da igreja e dois factores convergentes fizeram com que a intervenção não se limitasse a um mero restauro: o facto de o Pe Fernando Silva, Pároco da igreja, achar que seria uma boa ocasião para repensar o espaço⁴¹³; e a consciência, por parte dos arquitetos, de que era necessária uma intervenção que não se limitasse à reposição da configuração espacial existente antes do incêndio pois:

“Quando confrontamos com o espaço, apercebemo-nos que, a intervenção dos anos 90⁴¹⁴, tinha sido absolutamente despropositada e que, o projecto original, tinha uma intenção que, na realidade depois, aquando da sua implementação, ficou muito aquém daquilo que seria, com certeza, a perspectiva do arquitecto⁴¹⁵. Pois, é perfeitamente visível que, a centralização daquele espaço não coincide com a definição e organização do espaço litúrgico. E foi isso que procurei mostrar.” (Fontes, 2020⁴¹⁶)

Perante esta análise, a intervenção arquitetónica estruturou-se em três grandes objetivos: recuperar a intencionalidade do projeto original de Alves de Sousa⁴¹⁷; evidenciar a obra arquitetónica existente; e responder a duas perguntas fundamentais, mas de difícil resposta nos dias de hoje: “O que podemos dizer que é a manifestação ou a presença de Deus num Templo contemporâneo? [...] Como é que, nos dias de hoje, uma pessoa fica sensível à presença de Deus?”. (Fontes, 2020)

A resposta encontrada - por forma a responder à especificidade de cada uma das questões, assim como alcançar uma simultânea simbiose de todas - prendeu-se, sobretudo, com dois factores: a forma como se materializaria o espaço e como se organizaria.

Relativamente ao primeiro aspeto (materialização), a resposta foi encontrada no uso de materiais brutos primários, como a pedra e a madeira. Uma materialização que procurou evidenciar a arquitetura e sua “sofisticação técnica notáveis” (Fontes, 2020), reduzindo “todas as opções da arquitetura ao essencial. Realizando uma intervenção arquitetónica sem grandes adições.” (Fontes,

⁴¹³ “o padre tinha algumas perspetivas de fazer algumas transformações que, de alguma forma, beneficiassem a perspetiva que ele tinha do espaço litúrgico” (Fontes, 2020)

⁴¹⁴ “Nos anos 90 houve uns (supostos) melhoramentos que foram feitos” (Fontes, 2020)

⁴¹⁵ “O arquiteto tinha, no projeto original, uma intencionalidade que nunca chegou a conseguir que se cumprisse como pretendia. Dificuldade que, de resto, se compreende pelo facto de, se nos tempos de hoje, realizar uma intervenção como a executada ser de difícil aceitação, imagine-se naquela altura.” (Fontes, 2020)

⁴¹⁶ Informação de conversa pessoal com o arquiteto António Cerejeira Fontes, em Junho de 2020.

⁴¹⁷ “O espaço foi depurado em relação a certas adições ornamentais, introduzidas ao longo dos tempos, aproximando-se daquela que era a linguagem do arquiteto Eugénio Alves de Sousa.” (Carvalho, 2019, p.112)

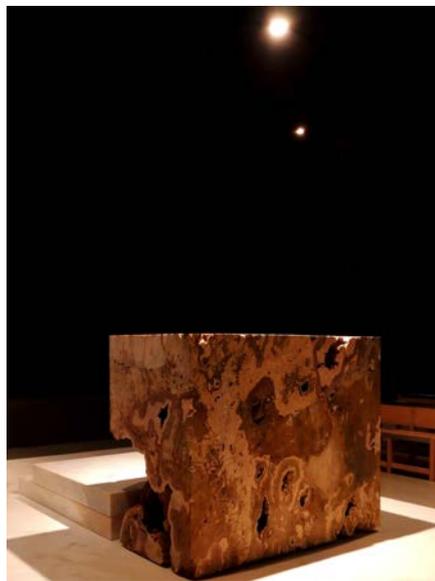


Fig. 224 - Materiais dos elementos constituintes do espaço litúrgico

2020) Aproveitando ao máximo a plasticidade e identidade dos materiais e, colocando em prática os ensinamentos do arquiteto Juhani Pallasmaa que afirma que, para além da visão, a arquitetura tem de estimular todos os outros sentidos como o tato, o olfato e paladar até, pelo facto de perdurarem muito mais tempo na memória que a visão, e ainda pelo facto de possibilitarem que, os utilizadores do espaço, não se limitem a ver apenas o espaço, mas a entrarem no próprio espaço. (Fontes, 2020) (fig. 224)

Relativamente ao segundo aspeto (organização), a disposição encontrada foi resultante de vários estudos testados, inclusivamente, no próprio espaço⁴¹⁸, tendo como fim clarificar os momentos e espaços litúrgicos⁴¹⁹ e, ainda, concorrer para uma maior interação e vivência, procurando que “as pessoas não estejam a assistir, mas a participar.” (Fontes, 2020) Uma organização que faz com que todos estejam “muito mais envolvidos e comprometidos.”⁴²⁰ (Fontes, 2020) Assim o altar e ambão, descem do antigo presbitério elevado, para o centro do espaço, passando a assembleia a dispor-se em seu redor (180°)⁴²¹ destacando os lugares da presidência, do altar e do ambão⁴²² por “supedâneos em mármore de Borba” (Carvalho, 2019, p.112) e por luminárias verticais. (fig. 225)

Quanto a este aspeto da organização é interessante notar uma aceitação muito grande por parte dos fiéis, contrastante com uma grande resistência por parte dos sacerdotes⁴²³ pois:

“Os padres ficam muito mais expostos. Uma coisa é estar numa posição distante, no presbitério, atrás do altar. Outra coisa é estar no meio das pessoas e, esta organização, traz os Padres para ao pé das pessoas. O que faz com que se sintam muito mais expostos, o que faz com que muitos se queixem disso.” (Fontes, 2020)

É possível assim compreender que a intervenção, através da centralização e democratização do espaço litúrgico⁴²⁴, e da utilização de “matérias quase sem as transformar”, (Fontes, 2020) proporcionou uma nova vivência do espaço, que acaba por criar um “confronto contrastante com a

⁴¹⁸ “Desenhámos várias organizações do espaço litúrgico. E a escolha prendeu-se no momento em que se limpou o espaço dos elementos a mais, que permitiram automaticamente compreender de que forma se devia organizar aquele espaço. Não foi na planta que se decidiu. Foi no espaço.” (Fontes, 2020) “Foram inclusivamente testadas algumas possibilidades no próprio espaço, através das cadeiras que permaneceram do incêndio.” (Fontes, 2020)

⁴¹⁹ Os momentos litúrgicos (liturgia da palavra e eucarística) têm de ser sentidos, identificados. (Fontes, 2020) E, “o facto de se afastarem os dois, cria um importante momento de transição de uma para a outra, que clarifica que não se está a fazer a mesma coisa.” (Fontes, 2020)

⁴²⁰ Quanto a este aspeto vale a pena destacar o facto de, por compreenderem que “o coro numa celebração eucarística não é um espetáculo” (Fontes, 2020) e que, a música pode ter um papel colaborante na dimensão espiritual, terem colocado o coro sem destaque, diretamente ligado à assembleia.

⁴²¹ O espaço que definia o antigo presbitério encontra-se vazio pois, na perspetiva do arquiteto António Cerejeira Fontes, “A arquitetura religiosa tem a tentação de ocupar tudo, no entanto não pode assim ser, tem de deixar espaços abertos, sem ocupação.” (Fontes, 2020)

⁴²² “De pedra, cheia de formações quartíticas, fizeram-se o altar e o ambão.” (Carvalho, 2019, p.112)

⁴²³ “A experiência que tenho tido deste tipo de organização espacial que temos vindo a adotar, tem tido muitas resistências por parte dos Sacerdotes, mas curiosamente muita aceitação por parte dos fiéis.” (Fontes, 2020)

⁴²⁴ “O projeto inicial apresentava uma planta de implantação muito democrática” (Fontes, 2020) “O espaço estava muito bem pensado mas, a maneira como tinha sido ocupado, é que tinha sido de uma forma errada.” (Fontes, 2020)

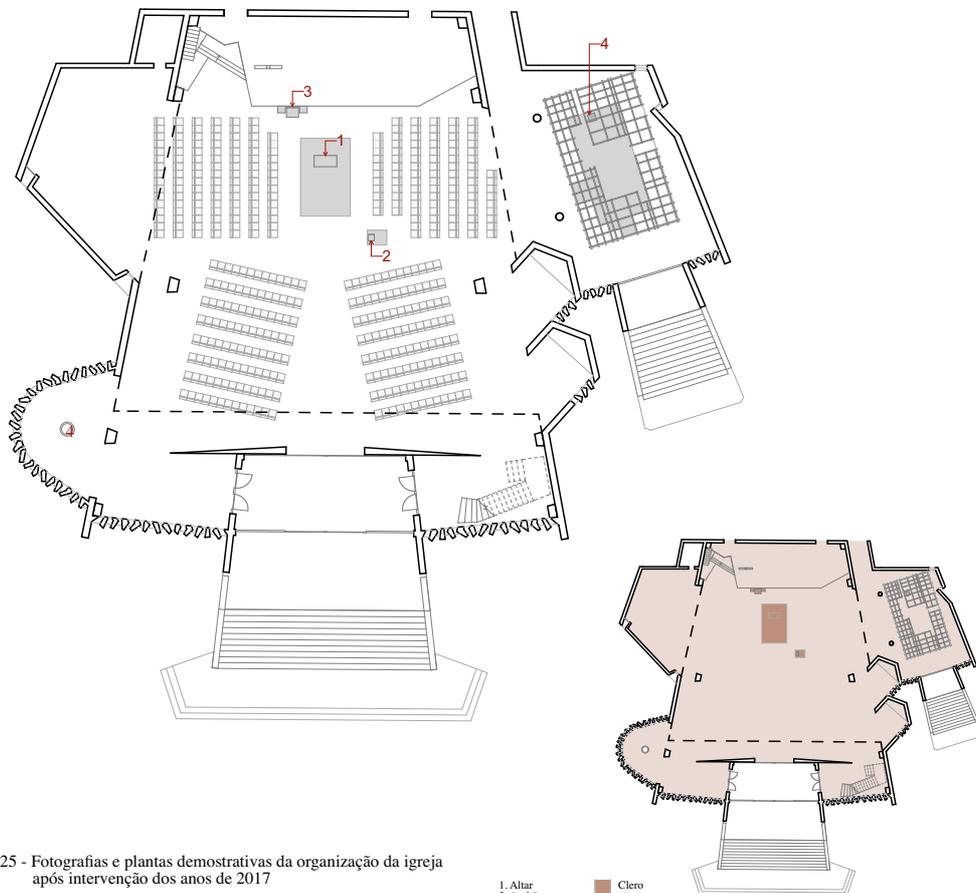


Fig. 225 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção dos anos de 2017

- a. Fotografia do espaço litúrgico
- b. Fotografia dos objetos litúrgicos e sua conexão
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

- 1. Altar
- 2. Ambônio
- 3. Presidência
- 4. Sacrário
- 5. Pia Batismal

- Clero
- Fiéis
- N

nossa vida, pejada de informação visual”, (Fontes, 2020) onde o tempo⁴²⁵, o “silêncio e as matérias primas na essência procuram possibilitar o contacto com Deus.” (Fontes, 2020) Um confronto, de resto que, por vezes, “acaba por ser violento às pessoas. O confrontarem-se com a essência, com a verdade.” (Fontes, 2020)

Da intervenção interessa destacar ainda, a “limpeza” de obras de arte que, em grande número estavam “distribuídas como se fosse uma armazém”, (Fontes, 2020) e a sua recolocação⁴²⁶.

Vale a pena referir ainda a definição de um novo percurso que prepara as pessoas para a entrada na igreja. O biombo de entrada, que compreendia três portas (uma a eixo com a porta de entrada principal da igreja e duas laterais), passou a compreender apenas uma, a lateral esquerda, que liga diretamente a uma segunda antecâmara, o batistério, então recolocado no seu lugar original⁴²⁷. Importa ainda referenciar a Capela do Santíssimo, uma construção nova, no interior da igreja (no antigo local da capela do Santíssimo), que procura ser um grande Tabernáculo, onde as pessoas são convidadas a entrar e mais recatadamente se encontrarem com Deus⁴²⁸, que se materializou numa solução híbrida entre o autónomo e o dialogante.

Resumidamente pode-se dizer que a intervenção procurou responder às variáveis mais importantes no projeto de uma igreja: o tempo e o silêncio⁴²⁹, “regressando ao projeto original dos anos 70”, (Fontes, 2020) compreendendo a singularidade do programa⁴³⁰ e fazendo com que:

“Ao entrar numa igreja temos de sentir um espaço diferente, que nos transporta para uma dimensão e escala temporal diferente, quer estejam lá cinquenta ou quinhentas pessoas, ou mais. E a solução encontrada permite que a questão do número não seja um problema. [...] E portanto é um espaço que permite celebrações de menor dimensão (à semana) e de maior dimensão (ao domingo e festas). E, assim, a antiga capela do santíssimo, que servia para celebrações de menor escala, deixou de existir para esse fim, transformando-se numa verdadeira capela do santíssimo, num grande tabernáculo onde as pessoas são convidadas a entrar.⁴³¹” (Fontes, 2020)

⁴²⁵ “O gesto e o tempo que se empresta é muito importante. E não se pode perder nunca esta dimensão. E o espaço tem de espelhar esta dimensão.” (Fontes, 2020)

⁴²⁶ “As imagens dos santos foram rebaixadas, para um plano de maior proximidade em relação às pessoas que por elas têm devoção. E existe a possibilidade de, periodicamente, apresentar outras, segundo o ritmo do ano litúrgico, no dia da respetiva comemoração, ou quando as circunstâncias pastorais assim o aconselharem.” (Carvalho, 2019, p.112)

⁴²⁷ A pia batismal foi deslocada da “capela lateral” esquerda, para o seu lugar original, no batistério, à entrada da igreja.

⁴²⁸ “Em sintonia com as normas para o lugar da reserva eucarística, edificou-se uma capela em granito e madeira. No fundo, é um grande tabernáculo, onde se pode entrar e adorar o Senhor. Dentro da capela, existe uma câmara formada por grandes lajes de granito dourado.” (Carvalho, 2019, p.112)

⁴²⁹ “As variáveis mais importantes a ter num projeto de uma igreja, de uma forma resumida, são o tempo e o silêncio.” (Fontes, 2020)

⁴³⁰ “Quando se trabalha a questão da arquitetura doméstica, há sempre um prazo de validade relativamente curto, pois o agregado familiar muda e a casa vai mudar também. Agora uma igreja não. Uma igreja pode durar, trezentos, quatrocentos anos.” (Fontes, 2020)

⁴³¹ “A capela do Santíssimo é um anticorpo<, que se estranha inicialmente, por se compreender que está a mais no espaço, mas que ao entrar-se nele, se percebe o que é: um porta aberta de um tabernáculo para nós entrarmos e estarmos na presença de Deus.” (Fontes, 2020)



Fig. 226 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

Como é possível verificar, Cedofeita é um exemplo vivo de comunidade e de Igreja capaz de se adaptar aos tempos. (fig. 226) Um exemplo ímpar entre os demais apresentados, pelo facto de se tratar de uma igreja com uma implantação e organização menos convencional (ao invés de longitudinal, é definida com uma implantação mais central, quadrangular), cuja mais recente intervenção realizada, que teve por fim melhorar o espaço litúrgico, que desde a origem se estabeleceu de forma pouco clara e um pouco conflituosa com a génese do espaço. Uma reabilitação que procurou resgatar e clarificar a essência do projeto original de Eugénio Alves de Sousa, eliminando os elementos a mais, e definindo-o mais claramente, através da deslocação do presbitério do alto de uma plataforma para o nível da assembleia, no centro do espaço, permitindo uma nova disposição da assembleia e sua relação com a liturgia.

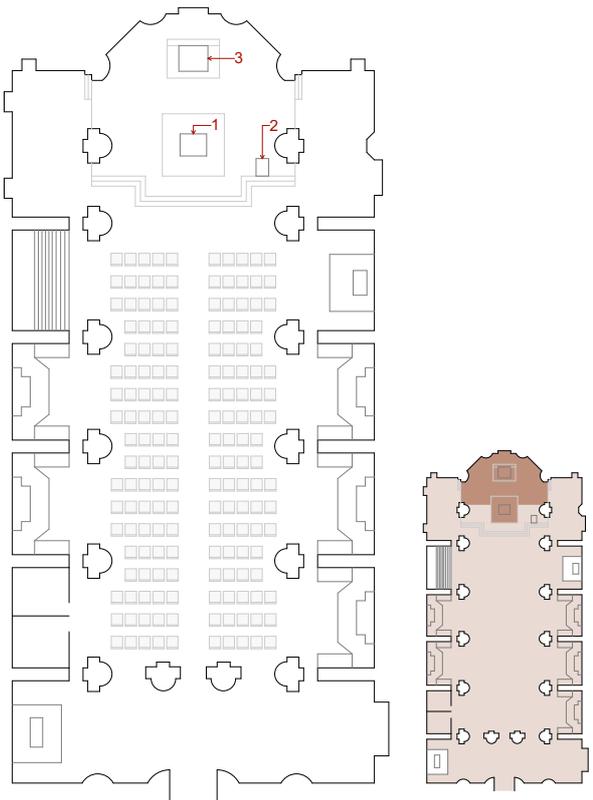
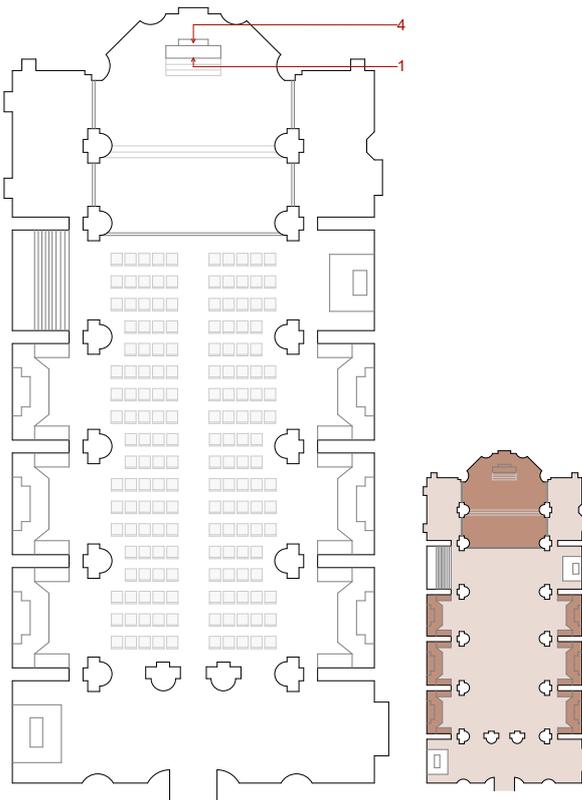
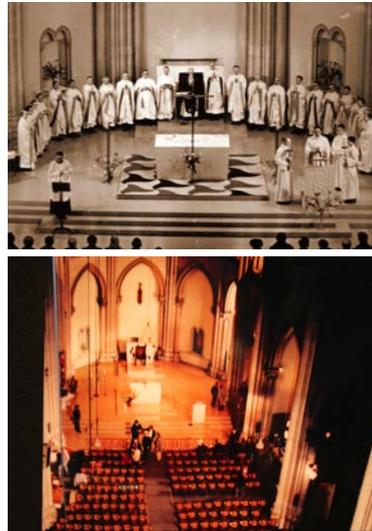


Fig. 227 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original (1855)

- a. Fotografia do altar-mor
- b. Fotografia da organização da nave
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fig. 228 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após a intervenção de 1960

- a. Fotografia do altar-mor
- b. Fotografia da organização da nave
- c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

- 1. Altar
- 2. Ambão
- 3. Presidência
- 4. Sacrário
- 5. Pia Batismal
- Clero
- Fieis
- ⊙ N

6. Igreja se Santo Inácio, Paris

A Igreja de Santo Inácio foi construída em 1855 pela Companhia de Jesus⁴³², em estilo neogótico, acompanhando a corrente historicista fortemente defendida pela Igreja na época. (fig.227)

Contudo, apesar da sua estrutura estar presa a uma conceção litúrgica antiga, trata-se de um exemplo de vanguarda, ainda nos dias de hoje, no que toca à reforma litúrgica.

A primeira grande alteração na sua organização espacial interior deu-se passado quase um século da sua construção, acompanhando o impulso da renovação litúrgica que se fazia sentir, fazendo com que, em 1953, os padres jesuítas inaugurassem “durante a semana, missas noturnas de frente para o povo, num pequeno altar portátil com leituras em francês.”⁴³³ (Rafine, s.d.). Isto fez com que, sete anos depois (1960), se desse uma nova intervenção no espaço litúrgico, que passou pela limpeza dos elementos góticos a mais no espaço e pela reformulação do antigo presbitério (eliminando o antigo altar *ad orientem*, a teia que definia o santuário, e avançando a plataforma que estabelece o presbitério), colocando assim um novo altar e a presidência, e atribuindo um lugar à liturgia da palavra (ambão) que anteriormente não existia.⁴³⁴ (fig.228)

Sem que seja possível precisar o ano⁴³⁵, dá-se uma grande alteração no espaço, ao se deslocar a ação litúrgica da abside para a nave da igreja.

Através da rotação do eixo original é colocado um novo altar⁴³⁶, no meio da nave, encostado a uma das capelas laterais, dispendo-se a assembleia em 180°, em redor do mesmo. (fig.229)

Numa lógica de vivência mais comunitária e participativa da liturgia por todos, e por forma a clarificar melhor os momentos litúrgicos, reorganiza-se uma vez mais o espaço, através da recolocação do altar e ambão frente a frente, encostados a pilares opostos no centro da nave, dispendo-se a assembleia de cada lado, unindo-os através de uma disposição de assembleia “em forma de mandorla⁴³⁷ ou de elipse”. (Rafine, s.d.) (fig.230)

⁴³² “com um projecto do arquitecto jesuíta Magloire Tournesac (1805-1875)” (Miranda, 2014, p.206)

⁴³³ Tradução da citação original: “en semaine, des messes du soir face au peuple sur un petit autel portatif avec les lectures en français.”

⁴³⁴ “no coro da igreja possibilitou aprimorar os três locais de ação litúrgica: o altar, o ambão da Palavra e a sede da presidência.

Os padres Gouet, Gelineau e Tézé trabalham na organização deste empreendimento. O estilo é muito sóbrio. A pedra é o material que faz a união destes espaços. Estas alterações testemunham o renovamento litúrgico que o Concílio Vaticano II inscreverá como orientação para a Igreja universal: missa frente ao povo, a proclamação da Palavra de Deus, a presidência como local de ação litúrgica, distinta do altar.” (Église St Ignace, s.d.)

⁴³⁵ Em tempo compreendido entre 1960 e 2001.

⁴³⁶ Neste momento, é mantido ainda o presbitério dos anos 60.

⁴³⁷ A palavra mandorla, de origem italiana, significa amêndoa. Designa uma figura de forma ovalada ou de amêndoa na qual se inscrevem personagens sagrados.

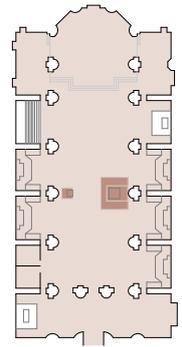
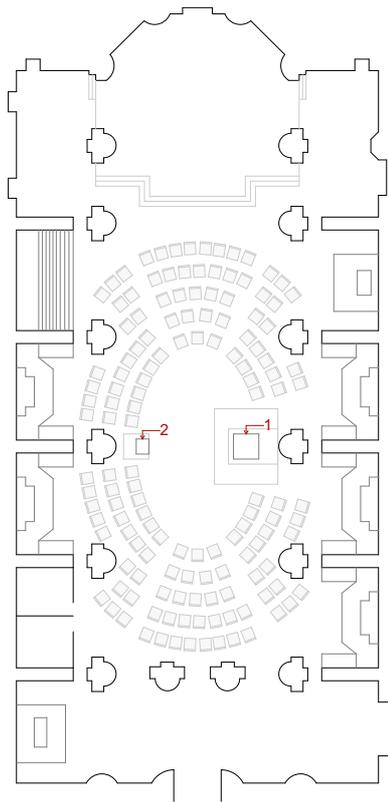
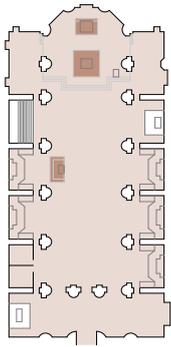
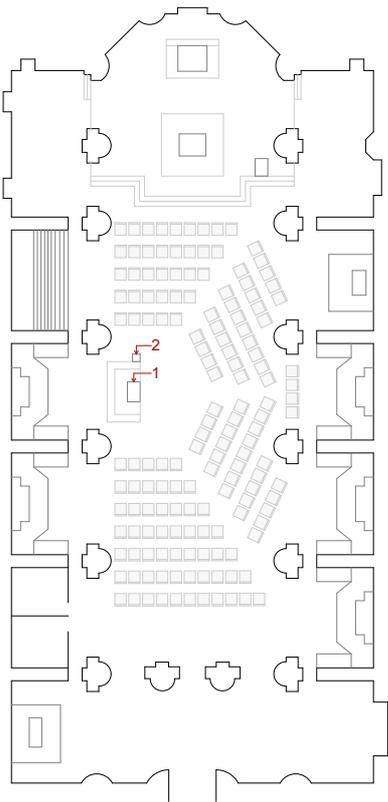


Fig. 229 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização após a segunda intervenção (s.d.)

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico
c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fig. 230 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após a terceira intervenção (s.d.)

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico
c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

- | | |
|-----------------|---------|
| 1. Altar | ■ Clero |
| 2. Ambón | ■ Fieis |
| 3. Presidência | |
| 4. Sacrário | |
| 5. Pia Batismal | |
- N

Em 2001, uma nova intervenção acontece⁴³⁸, passando o altar a colocar-se “sobre o eixo central⁴³⁹, no meio da nave da igreja”. (Église St Ignace, s.d.) O ambão permanece no lugar que detinha e, a presidência, passa a ocupar o lugar onde então se encontrava o altar, em lugares “encostados aos pilares e formando um triângulo com o altar” (Église St Ignace, s.d.), mantendo-se próxima da anterior a disposição da assembleia. (fig.231) A igreja passa assim a organizar-se:

“[...] ao longo de um eixo que liga a entrada ao lugar da presença permanente do sacrário. Os três polos da acção litúrgica articulam-se com a forma da assembleia no centro do espaço. O altar no centro do eixo dominante da igreja e, em dois extremos opostos, a mesa da Palavra e o lugar da presidência. Se o altar ocupa um dos centros da elipse, o segundo constitui-se como um lugar de espera: a espera de um baptizado, de uma ordenação, dos últimos votos de um caminho religioso ou mesmo da presença de um defunto.” (Miranda, 2014, p.206)

Dá-se com isso a dessacralização das capelas laterais, a fim de poder ampliar o espaço para a assembleia⁴⁴⁰, “que também servem como um local mais discreto para os fiéis que buscam mais recolhimento.”⁴⁴¹ (Rafine, s.d.) No entanto, as capelas não são todas dessacralizadas, sendo mantidas duas à entrada. Do lado esquerdo encontra-se a “capela da virgem que acolhe de forma muito calorosa os fiéis. É um local de recolhimento, de oração e devoção pessoal. [...] A parte da direita é dedicada a receção propriamente dita, com informações da vida da igreja” (Rafine, s.d.) e ainda uma “capela dedicada ao sacramento da reconciliação.” (Rafine, s.d.)

O altar mor, apesar de não ser mais o lugar do altar, e por isso, o centro do espaço, mantém um papel importante na igreja ao receber o sacrário, “separado do novo coro por duas portas em teca que constituem uma tela que filtra o olhar e que aumenta o lado místico do local.” (Rafine, s.d.)

De entre os arquitetos a cargo do projeto (Jean-Marie Duthilleul, Étienne Tricaud e Benoît Ferré), o primeiro, Jean-Marie Duthilleul, sintetiza a intervenção na igreja de Santo Inácio, nas seguintes palavras:

“No início, havia sobretudo o desejo da comunidade de encontrar uma organização do espaço litúrgico que tornasse real e visível o facto que a comunidade reunida em torno

⁴³⁸ “Por iniciativa do Padre Furnon, apoiado pelo Padre Gelineau e aconselhado pelo Padre Faure” (Église St Ignace, s.d.), sendo “A implementação da obra foi confiada aos arquitetos Jean-Marie Duthilleul, Étienne Tricaud e Benoît Ferré.” (Chantiers du Cardinal, s.d.)

⁴³⁹ Os arquitetos “propõem-se respeitar o eixo principal da igreja, da porta ao coro passando pelo altar. O altar não está no centro da nave, mas ligeiramente em direção ao antigo coro.” (Rafine, s.d.)

⁴⁴⁰ “A assembleia é colocada sobre estrados em madeira, nos quais circulam todos os elementos técnicos e de conforto. Estes estrados tornam bem visível a acção litúrgica que está decorrendo, com o altar a ser apenas elevado um degrau e o chão da igreja aplanado.” (Rafine, s.d.)

⁴⁴¹ Tradução da citação original: “qui servent également de lieu plus discret pour les fidèles qui recherchent plus de recueillement.”

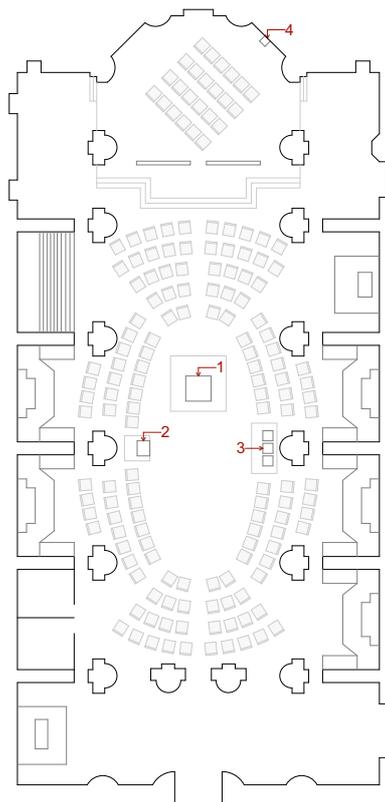
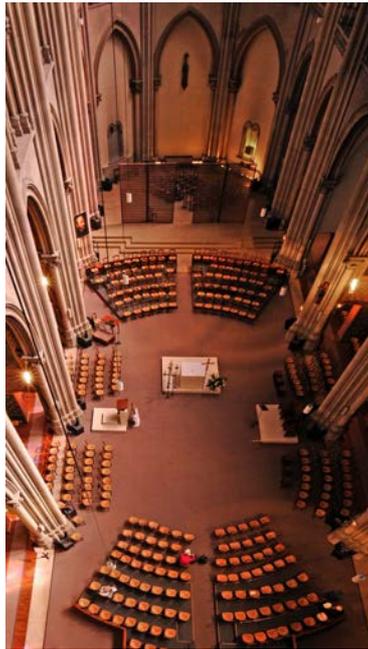


Fig. 230 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização após a intervenção em 2001

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico
 c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

- | | |
|-----------------|---------|
| 1. Altar | ■ Clero |
| 2. Ambón | ■ Fiéis |
| 3. Presidência | ○ |
| 4. Sacrário | ○ |
| 5. Pia Batismal | ○ |
- N

da Palavra e da mesa da Eucaristia, é o corpo de Cristo presente”.⁴⁴² (Jean-Marie Duthilleul citado por Miranda, 2014, p.206)

Em 2003 a disposição oval encontrada para a assembleia é confirmada, “mediante a construção de estrados que elevam progressivamente a partir do centro do espaço, as várias filas de cadeiras.” (Miranda, 2014, p.206) E, em 2007, um passo importante é dado na definição da igreja, ao serem convertidos os objetos litúrgicos móveis, a pétreos (altar, o ambão e a presidência)⁴⁴³, tornando como definitiva a intervenção efetuada em 2001.

Em 2017, é aproveitada a necessidade de obras para mais algumas intervenções. Por forma a relacionar melhor o altar-mor (atual capela do Santíssimo) com a nave da igreja, “os degraus foram removidos e substituídos por um declive suave, com um corredor central que permite passar da celebração à adoração.” (Chantiers du Cardinal, s.d.) Sendo ainda elaborado um novo sistema luminário⁴⁴⁴ que permitiu “valorizar a arquitetura da igreja: pilares, ogivas e abóbadas”. (Chantiers du Cardinal, s.d.)

Como vemos, é possível compreender, através de mais este exemplo, que uma igreja tem a capacidade de se moldar e transformar consoante as necessidades litúrgicas dos tempos e de cada comunidade. E que estes não têm de ser espaços estáticos e inalteráveis, pelo contrário, deve-se neles intervir caso haja necessidade.

É interessante compreender a metodologia utilizada a partir do momento em que se decidem trazer o presbitério da abside para a nave. Pois, dada a dificuldade que uma reabilitação deste tipo implica e compreendendo que deslocar o altar da abside para o centro da nave se tratava de uma solução pouco usual para a organização do espaço litúrgico, ao invés de definirem os novos objetos litúrgicos recorrendo a materiais pétreos, preferiram o uso de materiais perenes, por forma a compreender a aceitação, sentido e eficácia da proposta. Permitindo assim a possibilidade de alterações mais facilmente.⁴⁴⁵ O que mostra que, com poucos meios, com tempo e vontade, é possível adequar igrejas aparentemente de impossível intervenção.

A ideia de uma disposição elíptica, como vemos neste caso, parece tratar-se de um ideal compositivo do mobiliário litúrgico. Poderíamos mesmo dizer tratar-se quase de um desenho

⁴⁴² Tradução da citação original: “Au départ il y a surtout le souhait de la communauté de trouver une organisation de l’espace de la liturgie qui rende réel et visible le fait que la communauté, rassemblée au tour de la table de l’eucharistie et de celle de la parole, est le corps du Christ présent”.

⁴⁴³ “Foi em março de 2007 que o altar, o ambão e a presidência foram refeitos identicamente, mas em pedra.” (Rafine, s.d.)

⁴⁴⁴ “O escultor de luz Patrick Rimoux concebeu um projeto específico para toda a igreja, dando vida às 52 janelas cegas do trifório, graças a “óculos de luz”. Estas peças monumentais são feitas de vidro laminado pintado e caligrafado.” (Chantiers du Cardinal, s.d.)

⁴⁴⁵ “Mesmo que este plano tenha sido cuidadosamente elaborado, seria imprudente implementá-lo imediatamente de forma definitiva. Para erguer um altar em frente ao povo, ou um ambão, por exemplo, convém realizarem-se primeiro modelos provisórios, em materiais leves e baratos [...]. Com a experiência, poder-se-á modificar, a pouco e pouco, a localização, a forma e as proporções. Somente após vários meses de testes é que se poderá proceder às demolições ou às construções definitivas.” (Rafine, s.d.)



Fig. 232 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

utópico, estranho ao nosso olhar. Porém, ao estudá-lo um pouco mais, é possível compreender que o desenho encontrado nada tem de utópico, pelo contrário. A intervenção aí realizada é talvez um dos exemplos mais esplêndidos de adaptações de igrejas pré-conciliares à nova liturgia, pelo facto de se tratar de uma aplicação prática de excelência da reforma que o Concílio iniciou, e que responde muito bem às mais diversas dificuldades implicadas no programa, por nós nomeadas no capítulo anterior.

Uma intervenção que torna esta antiga igreja em espelho de reunião, que congrega verdadeiramente a Igreja. (fig.232) Onde há espaço para todos e onde todos formam um só em redor do mesmo altar e da mesma palavra. Uma disposição que, pelo facto de o padre se encontrar de costas para alguns quando está no altar, poderá parecer estranha ou até mesmo errada. No entanto, dada a controvérsia causada e a possibilidade de celebrar em ambos ritos (tridentino e ordinário), esta disposição mostra-se excepcionalmente inclusiva.

Apesar de poder parecer um exemplo estranho relativamente aos anteriores casos apresentados, desde logo, pelo facto de não se tratar de um exemplo em território nacional, mas sim em França, dado o caminho percorrido da dissertação, não podíamos deixar de o apresentar, devido á originalidade tanto da solução final, e existente atualmente, assim como de todo o processo para até ela chegar: uma intervenção que demorou décadas a se definir, assentando a dificuldade em tratar e conseguir dominar este tipo de espaços e programas, tornando-se exemplo de uma grande reflexão e caminho percorrido até à solução final; e que apresenta uma solução pouco habitual ao nível da disposição do espaço litúrgico e porventura até mesmo estranha, no entanto, de uma grande destreza e funcionalidade, onde uma vez mais e, à semelhança de exemplos anteriores, se coloca um novo altar no centro da nave igreja, desta feita, formando um triângulo juntamente com o ambão e presidência colocados frente a frente, encostados a pilares opostos da nave, dispondo-se de forma elíptica a assembleia, congregada em redor.

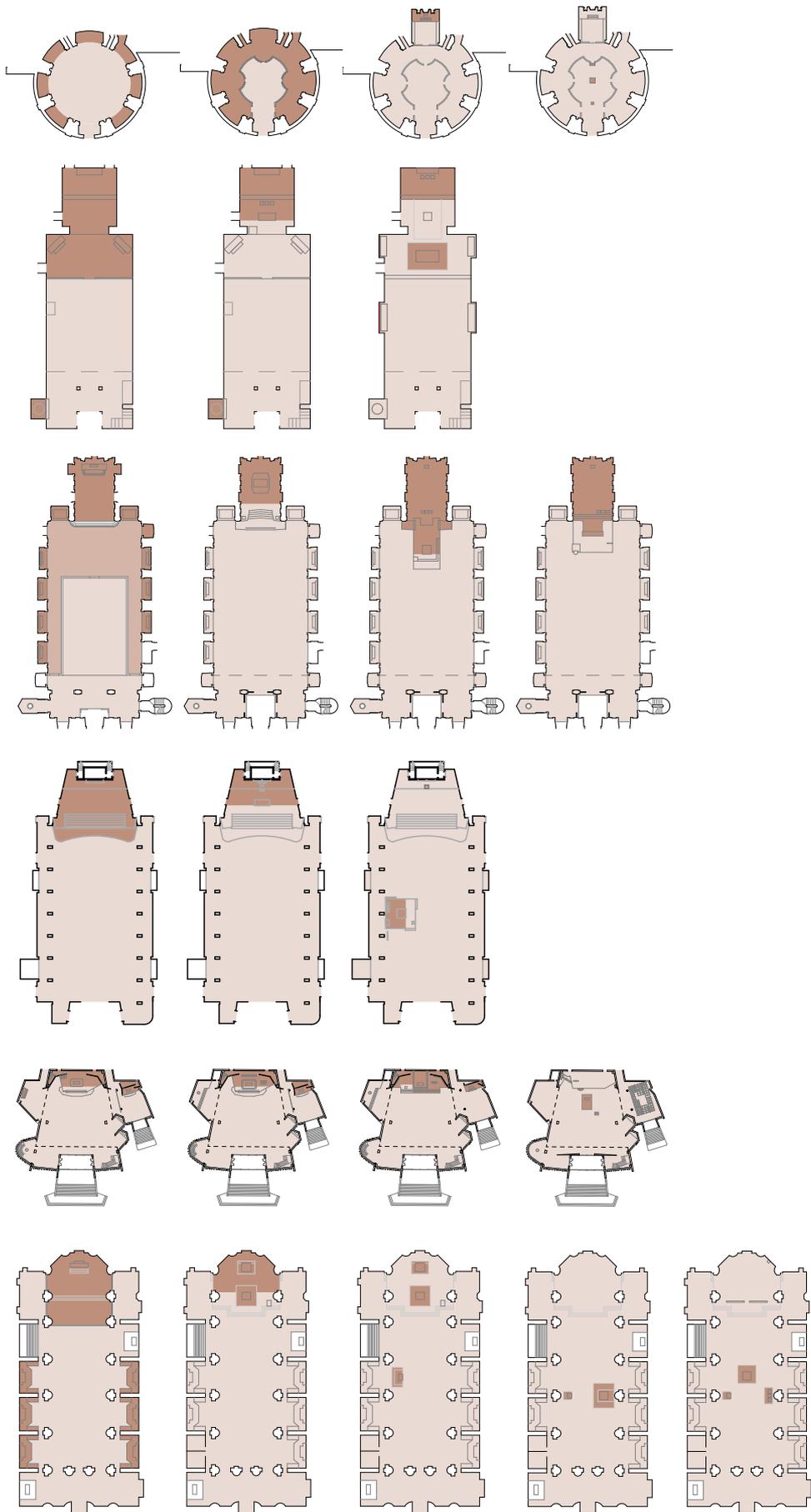


Fig. 233 - Esquemas da evolução do espaço litúrgico

■ Clero ■ Fiéis

Através do estudo destes seis exemplos, é possível compreender que, por meio de intervenções quase cirúrgicas e, por vezes, recorrendo a poucos meios, é possível reabilitar o espaço litúrgico por forma a melhor servir a sua função⁴⁴⁶.

Exemplos que nos ensinam que “o cristão que celebra não se limita a ter lugares para realizar as suas ações litúrgicas, mas “faz o espaço litúrgico”, porque procura e constrói um espaço que esteja de acordo com a celebração do mistério.” (Costa, 2017, p.14) Pois, apesar da possibilidade de se celebrar extramuros, sem grandes obrigatoriedades espaciais, importa ter claro o carácter único e identitário que uma igreja deve ter, dedicando-lhe a devida atenção e esforço, sobretudo mantendo-se, no seu interior, em perfeita conformidade com o uso que lhe é dado a cada momento ou celebração, mesmo que isso implique constantes alterações no espaço litúrgico como, de resto, estes exemplos o demostram.

Podemos notar, em todos eles algo de muito significativo no que toca à novidade da reforma conciliar: a atenção dada ao lugar da palavra, procurando conferir-lhe um espaço próprio e de destaque, assim como a procura de uma disposição de assembleia vs objetos litúrgicos mais harmoniosa e una.

É claro, através dos esquemas de manchas que fomos apresentando ao longo dos exemplos, e que agora condensamos, (fig.233) o grande contraste entre a organização das igrejas pré-conciliares e pós-conciliares, compreendendo-se uma imediata transformação seguido de um progressivo esforço no acesso do espaço, aproximando os objetos litúrgicos (o espaço onde se concentra a ação litúrgica) dos fiéis, numa busca constante de uma maior e mais ativa participação dos fiéis.

No desenvolvimento deste estudo, e por forma a concluir este capítulo, fomos tentados a apresentar uma proposta de modelo que pudesse orientar o desenvolvimento reformador de espaços pré-conciliares. No entanto, ficou claro para nós, no desenvolvimento da presente dissertação, que cada caso é um caso. Cada edifício tem a sua escala, a sua história, as suas proporções, os seus materiais...uma multiplicidade de particularidades que só com audácia, “o engenho e a arte” (Camões, 2002, p. 35)⁴⁴⁷ se transformam numa boa solução, distante de regras rígidas. Até porque, a “nossa cultura é pouco propensa a aceitar o género literário de "tratado", tanto em termos de arquitetura como de qualquer outra disciplina humanística em geral, por considerá-lo uma espécie de prisão pela liberdade criativa”.⁴⁴⁸ (Estivill, 2014, p.71)

⁴⁴⁶ Tendo em conta o panorama nacional é interessante notar que, apesar de ação do MRAR ter sido mais significativa no sul do País. É, no entanto, agora no Norte, que estão a ser dados passos largos no desenvolvimento do caminho lançado pelo MRAR. Talvez por isso, tenha sido escolhido o Norte (Porto e Braga) e não o Sul para o VI Congresso Internacional de Arquitetura Religiosa Contemporânea - que decorreu de 10 a 12 de Outubro 2019, com o título *Arquiteturas para uma nova liturgia. Intervenções no património religioso depois do Concílio Vaticano II* - uma vez encontrarem-se no Norte as mais recentes e significativas intervenções no sentido da renovação da arquitetura religiosa.

⁴⁴⁷ Edição original de 1572.

⁴⁴⁸ Tradução da citação original: “nuestra cultura es poco propensa a aceptar el género literario del "tratado", tanto en materia de arquitectura como cualquier otra disciplina de tipo humanístico en general, por considerarlo una especie de cárcel para la libertad creativa”.

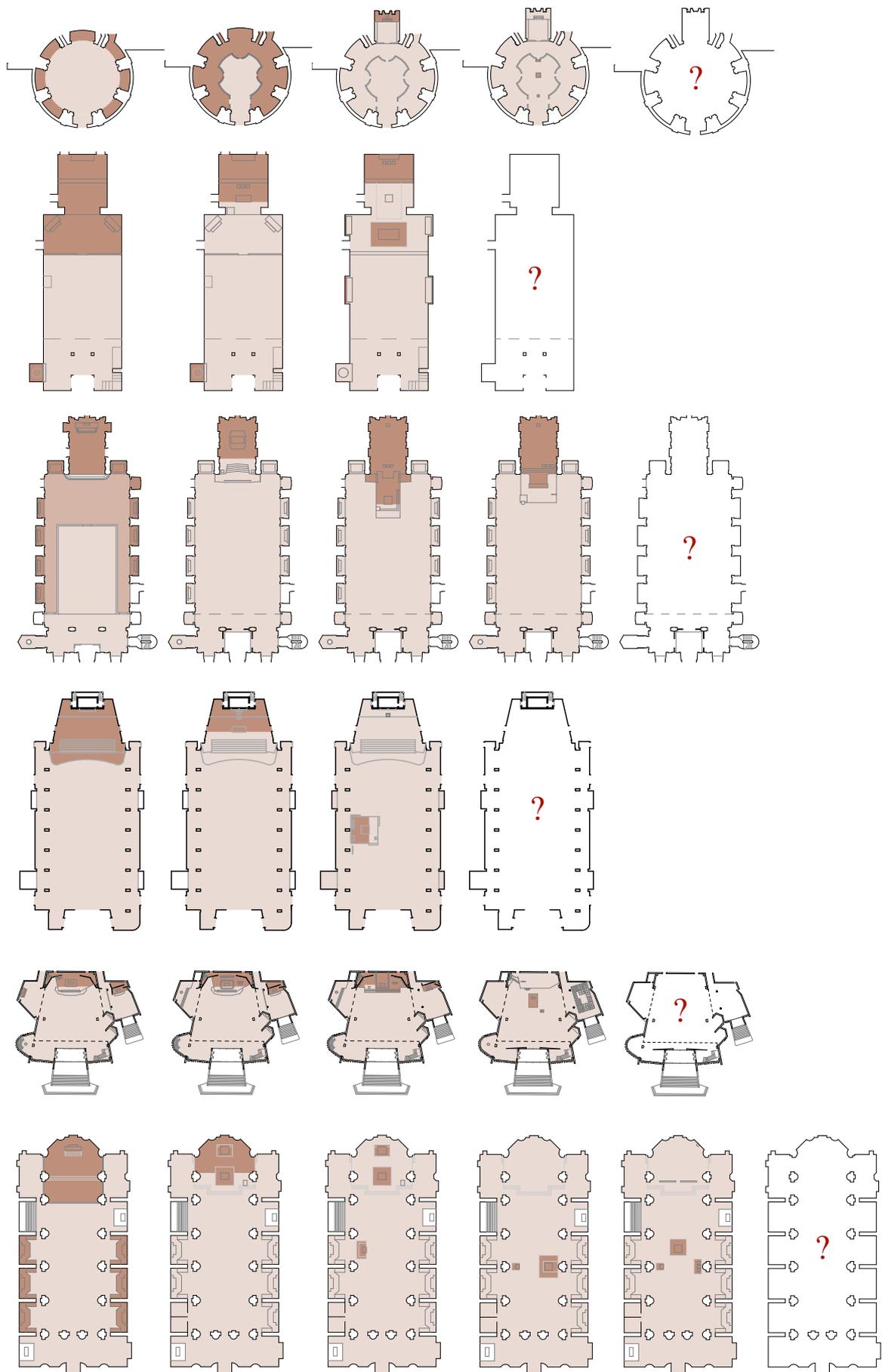


Fig. 234 - Esquemas da evolução do espaço litúrgico

■ Clero ■ Fiéis

Assim, mais do que um modelo, preocupamo-nos em apresentar exemplos, a nosso ver arrojados mas pertinentes. Igrejas que ajudam a sistematizar o pensamento que vimos a apresentar, e que procuram abrir horizontes relativamente à temática da reabilitação de igrejas pré-conciliares, à luz da reforma litúrgica. (fig.233)

CAPÍTULO IV

“derramarei do meu Espírito sobre todos os povos”

(Jl 2,28)

IV.I. Um Concílio não convocado

“A beleza espiritual constitui na liturgia aquela linguagem que por um lado esta aberta ao sobre-individual, ao comunitário, ou mesmo ao universal, e por outro lado acessível ao homem. A própria beleza imprime à arte litúrgica um carácter “sacerdotal”, isto é de serviço, de ministerialidade”. (Rupnik, 2005, p.580)



Fig. 235 - Fotografia da celebração da Missa durante o confinamento

Como temos vindo a compreender, a problemática acerca da definição do espaço litúrgico é algo que acompanha desde sempre a história da Igreja Católica, e a sua alteração com o tempo, igualmente uma constante.

Como verificamos a partir do capítulo segundo, com Concílio Vaticano II, esta problemática da definição do espaço litúrgico tornou-se uma questão central na discussão interna da Igreja, atingindo uma importância de tal modo que acabou por resultar numa certa divisão de frações: as ditas conservadoras, que defendem o rito tridentino como o válido e as ditas progressistas que defendem o rito romano como o rito a seguir.

Ainda longe de se ver apaziguada esta divisão surge, nos últimos meses de 2019, um forte surto epidémico, proveniente da China, que se espalha a tal velocidade que, a 2 de Março de 2020, Portugal já relatava os (dois) primeiros casos conhecidos, tendo sido, inclusivamente, nove dias depois, rotulada de pandemia, pela Organização Mundial de Saúde. Um grave problema de saúde pública que veio, como nunca, alterar vivência quotidiana a nível mundial e, por sua vez, avivar o debate acerca do tema.

A experiência de quarentena e o distanciamento social a que fomos sujeitos obrigou a uma readaptação a todos os níveis. Também a Igreja o foi, colocando “à prova” a celebração dos Sacramentos e o espaço litúrgico de uma forma sem precedentes, levando a que, uma vez mais, se tivesse de readaptar⁴⁴⁹:

“A igreja fechar as portas é a primeira vez na história da humanidade. Não termos celebrações e não estarmos com as comunidades é a primeira vez na história da humanidade...e estamos a falar de uma parte absolutamente essencial em termos da nossa identidade: a comunidade é absolutamente essencial, a reunião comunitária, o estarmos juntos, o tocar, o aproximar.” (Santos, 2020) (fig.235)

Assim, impedidos os fiéis de celebrar a Eucaristia, em comunidade, numa igreja (espaço de excelência para o efeito⁴⁵⁰) e, por sua vez, de contactar com o(s) sacerdote(s) atores principais da

⁴⁴⁹ Como temos vindo a constatar nesta dissertação a palavra adaptar, acompanha todo o percurso da história da Igreja, sendo talvez essa uma das suas grandes virtudes: a grande capacidade de se adaptar, a todos os níveis, às vicissitudes dos tempos.

“A adequação das igrejas não é um problema novo. Com efeito, ao longo da sua história, a Igreja realizou profundas intervenções nos edifícios do culto, a fim de que correspondessem melhor às diversas reformas litúrgicas que se foram sucedendo.” (Amorim, 2006, p.105)

⁴⁵⁰ Espaço de excelência e não único espaço, pois sendo a igreja o espaço mais preparado para o efeito, na verdade não o único espaço para a celebração da Eucaristia, uma vez que esta é possível ser celebrá-la extra-muros, fora de uma igreja. De facto, a acção não está obrigatoriamente ligada a um espaço específico. Por norma, deverá ter lugar numa igreja, mas não única e exclusivamente aí.

“A celebração eucarística realize-se em lugar sagrado, a não ser que a necessidade exija outra coisa; neste caso, deve realizar-se em lugar decente. O Sacrifício eucarístico deve realizar-se sobre altar dedicado ou benzedo; fora do lugar sagrado, pode utilizar-se uma mesa apropriada, mas sempre com toalha e corporal.” (CDC 932) Admite-se até que “Por justa causa e com licença expressa do Ordinário do lugar, e removido o escândalo, o sacerdote pode celebrar a Eucaristia no templo de outra Igreja ou comunidade eclesial não em plena comunhão com a Igreja católica.” (CDC 933)



Fig. 236 - Fotografia da celebração da Missa, durante o confinamento, desde a capela da residência do Bispo de Braga

celebração⁴⁵¹), assim como o inverso, o cumprimento da celebração, por parte das ovelhas do Seu rebanho⁴⁵² poderá parecer, no imediato, ameaçado.

No entanto, graças ao uso de novas tecnologias, é imediatamente colocada em cima da mesa a hipótese da celebração ser realizada à distância, e dos sacerdotes celebrarem sem fiéis, como aliás já fora estabelecida a possibilidade em casos excepcionais⁴⁵³. (fig.236)

A ideia não é original, uma vez já serem usuais as transmissões televisionadas, em *streaming* ou radiofónicas com o fim de cobrirem atos religiosos: no entanto, não eram realizadas com o mesmo fim, pois tratava-se apenas de permitir aos que estavam impedidos de se deslocar à Igreja, acima de tudo a população mais idosa, ou doentes, o acompanhamento da celebração, recebendo posteriormente a hóstia consagrada no seu lar⁴⁵⁴.

A questão é complexa e convém ter em conta vários factores. Por um lado, a condição de crise de saúde pública existente obriga a que não seja à partida possível, sequer, a comunhão posterior em casa por parte dos fiéis, fazendo com que se pudesse achar, ainda assim, uma opção inviável⁴⁵⁵, dada a incompletude da ação litúrgica. No entanto, excepcionalmente, e porque este se trata de um tempo atípico, o comungar por intenção⁴⁵⁶ deverá tornar-se prática, viabilizando desta forma a celebração. Ainda assim, o número 920 do código do direito canónico afirma claramente que:

“Todo fiel, depois que recebeu a sagrada Eucaristia pela primeira vez, tem a obrigação de receber a sagrada comunhão ao menos uma vez por ano.

Esse preceito deve ser cumprido no período pascal, a não ser que, por justa causa, sejam confortados com a sagrada comunhão como viático.” (CDC 920)

Este ponto tão específico, impregna de maior complexidade toda a questão, uma vez que este momento de crise abrangeu o tempo pascal. No entanto, nenhum esclarecimento foi feito por parte

⁴⁵¹ “O ministro que, actuando na pessoa de Cristo, tem o poder de celebrar o sacramento da Eucaristia, é somente o sacerdote validamente ordenado.” (CDC 900) “Na celebração eucarística, não é lícito aos diáconos e leigos proferir as orações, especialmente a oração eucarística, ou executar as ações próprias do sacerdote celebrante.” (CDC 907)

⁴⁵² “Portanto ouvi! Vós, meu rebanho querido, ovelhas da minha pastagem: sois o meu povo, e Eu Sou o seu Deus. Palavra de Yahweh, o Soberano e Eterno SENHOR.” (Ez 31)

⁴⁵³ “As acções litúrgicas, na medida em que por sua natureza importam a celebração comunitária, celebrem-se, onde for possível, com a assistência e participação activa dos fiéis.” (CDC 837) “A não ser por causa justa e razoável, o sacerdote não celebre o Sacrifício eucarístico sem a participação ao menos de algum fiel.” (CDC 906) “Lembrando-se sempre que no mistério do Sacrifício eucarístico se exerce continuamente a obra da salvação, os sacerdotes celebrem frequentemente; e mais, recomenda-se com insistência a celebração cotidiana, a qual, mesmo não se podendo ter presença de fiéis, é um ato de Cristo e da Igreja, em cuja realização os sacerdotes desempenham seu múnus principal. (CDC 904)

⁴⁵⁴ “Recomenda-se sumamente que os fiéis recebam a sagrada comunhão na própria celebração eucarística; seja-lhes, contudo, administrada fora da missa quando a pedem por causa justa, observando-se os ritos litúrgicos.” (CDC 918) “Porque las sagradas especies que quedan después de la misa no sólo proceden de la misma, sino que se guardan para que los fieles, que no pueden asistir, se unan a Cristo y a su sacrificio, celebrado en la misa, por medio de la comunión sacramental recibida con las debidas disposiciones”. (EM 7-8)

⁴⁵⁵ Quanto à validade da celebração desta forma, o mais próximo que nos diz o Código do Direito Canónico é que se deve “pregar o Evangelho a todos os povos, utilizando até meios de comunicação social próprios.” (CDC 747), não existindo assim nenhuma indicação clara que indique a validade ou não de uma celebração televisionada.

⁴⁵⁶ Não comungar fisicamente mas sim espiritualmente.



Fig. 237 - Fotografia do acompanhamento da celebração da Missa, durante o confinamento, através dos meios digitais

do Papa⁴⁵⁷ relativamente a este assunto, fazendo crer que a celebração se torne possível, podendo os fiéis manter-se alimentados pela Palavra e espiritualmente pelo Corpo de Deus. (fig.237)

Passadas estas questões específicas e técnicas da celebração litúrgica, façamos uma abordagem arquitetónica a toda a problemática.

Dada a situação de isolamento generalizado, “presos” em casa, muitos somos confrontados, pela primeira vez, com o ambiente onde vivemos muitos anos, sem nos apercebermos realmente da qualidade da arquitetura dos espaços que constituíram a nossa vida. Privados de contacto e confinados, genericamente, a pequenos espaços, compreendemos a importância do mundo digital no qual vivemos já, agradecendo-o⁴⁵⁸. Contudo, damos-nos conta também, de realidades e necessidades humanas que o mundo tecnológico não consegue e, porventura, nunca conseguirá, substituir. Por muita proximidade que crie é incapaz de possibilitar sensações de tato, olfato, e até uma correta sensação espacial que, presentemente, só em condições muito excecionais se consegue atingir. Ainda assim, uma nova ideia de sociedade e comunidade - grupos que se encontram e se conhecem digitalmente - que já se vinha a sentir ao longo dos últimos anos, enfrentando todos agora, do mais novo ao mais velho, invadindo-nos, e afirmando-se como única salvação possível. E porque nesta crise pandémica de covid-19 somos, na generalidade, todos soldados desarmados numa guerra sem rosto, resta-nos apenas aceitar o desígnio de continuarmos as nossas vidas, explorando ao máximo as possibilidades tecnológicas ao nosso dispor.

Desta feita, sacerdotes e fiéis tiveram, em certa medida, de se reinventar pois, apesar de, como atrás mencionámos, já existirem celebrações televisionadas, este é de um momento de novidade, porque pela primeira vez a possibilidade de acompanhar a celebração da Santa Missa, através de um ecrã⁴⁵⁹, passar a ser a única opção possível, durante muito tempo e, por isso, dadas as circunstâncias, pela primeira vez, as celebrações ultrapassam o espaço da igreja, uma vez que é para além desta, do outro lado do ecrã, que se encontra a assembleia de fiéis.

Assim e apesar de, por um lado, não haver (fisicamente) fiéis e, por outro, ser (fisicamente) inexistente a restante comunidade, assim como a presença real do sacerdote (que leva, por conseguinte, a que não haja o momento da comunhão por parte dos fiéis, como já atrás referimos), a celebração é a mesma, tudo se mantém, todos os momentos litúrgicos permanecem inalterados, mas

⁴⁵⁷ Podemos sim constatar que foi o Próprio Pontífice a dar o exemplo (a infelicidade com que a Península Itálica foi afectada - um dos primeiros países europeus e o que mais rapidamente evoluiu em número de infectados - talvez tenha sido factor determinante na forma como a Igreja Católica agiu perante a pandemia pois, dirigida a partir de Roma, imediatamente se apercebeu da dimensão do problema, passando a adotar uma postura de exemplo, clarificando a forma de alimentar espiritualmente o rebanho, fazendo uso dos meios tecnológicos ao dispor para conduzir todas as celebrações, difundidas, por sua vez, pelos vários canais de comunicação.

⁴⁵⁸ É importante notar, contudo que, muitos, dada a situação económica, social e demais factores, têm um acesso limitado ou mesmo inexistente às novas tecnologias.

⁴⁵⁹ A pouca interação dos fiéis com espaço principal da igreja (presbitério) permite que tal seja possível e relativamente fácil cumprir.



Fig. 238 - Fotografia da Praça de São Pedro, Vaticano, durante a celebração da Sexta-feira Santa

a envolvimento é outra e a validade do sacramento passa a ser discutível.

Como se mostrou, desde o Concílio Vaticano II, a Igreja tem de ser capaz de acompanhar cada vez mais rapidamente os tempos do Homem pois, só assim, estará verdadeiramente presente e disponível ao povo cristão.

Um dos maiores exemplos desse esforço assistiu-se aquando do surto da Covid-19. Talvez pela primeira vez na História moderna, a Igreja tenha desempenhado um papel central e fundamental, num momento de grande debilidade na Europa e no Mundo.

Apesar de desastroso e avassalador, o impacto desta pandemia na vida de cada um trouxe alguns aspetos renovadores, visíveis também na Igreja. Perante a urgência de agir e dar resposta aos fiéis, a Igreja teve de se reinventar e foi capaz de o fazer, adaptando-se às necessidades de cada momento, procurando ser próxima, apesar de toda a distância física. (fig.238)

Desde logo, o Papa deu o exemplo, deixando de celebrar para centenas e milhares de pessoas e passando a celebrar para uma muito pequena assembleia de fiéis, ao fundo da Basílica de São Pedro. Também no dia 27 de Março 2020 um acontecimento surpreendente aconteceu, uma Bênção *Urbi et Orbi* extraordinária, onde os espaços se adaptaram à celebração, colocando-se um altar às portas da Basílica de São Pedro que melhor permitisse a exposição do santíssimo ao mundo.

Pudemos assim compreender, através destes gestos, que a Igreja não se quer estática, e por isso, o espaço de culto também o não pode ser. É preciso estarmos sensíveis às necessidades de cada tempo, de cada assembleia, de cada cerimónia. A resposta da Igreja deve passar também pelo edifício igreja.

Apesar de os fiéis perderem o calor humano da celebração (no espaço e nos seus intervenientes), ganham a oportunidade de colocar o seu cunho na experiência, que imediatamente remete a um regresso às origens do Catolicismo, quando era realizada em casas particulares, as *domus ecclesiae*⁴⁶⁰. Assim, com sensatez, originalidade e criatividade, os fiéis são então convidados a escolherem e até mesmo criarem um espaço para melhor viverem a celebração.

⁴⁶⁰ Domus Ecclesia que significa: igreja doméstica ou, à letra, casa igreja. Prevaleceu nos primeiros tempos da Cristandade (mais informação sub-capítulo I.I), salvo pelo facto de a celebração nesta *domus* não ter a presença física do presbítero.

O presente capítulo pretende assim compreender, através da visão dos fiéis, a importância que o espaço celebrativo representa, o que nele é mais importante e representativo, pois, como afirma Guardini, é necessário dar voz à comunidade, é importante ter em conta os fiéis que irão habitar o santuário, dado que qualquer fiel “penetra e sente de verdade a essência da liturgia, muito melhor que um *perito*, por exemplo, que queira perceber a severa beleza do prefácio⁴⁶¹ e deleitar-se nas cadências e ritmos de forma gradual.”⁴⁶² (Guardini, 2019, p.74)

Para tal, este capítulo apoiar-se-á num inquérito aberto que servirá de base à análise pretendida. O inquérito procurou aproveitar este momento extraordinário vivido pela Igreja, uma vez que toda esta situação obrigou a uma “nova” conceção de espaço litúrgico, que certamente terá desencadeado uma reflexão pessoal acerca do mesmo. O afastamento do espaço levou à saudade e por isso à recordação e, ao mesmo tempo, possibilitou uma distância crítica que permitiu refletir melhor acerca da definição das igrejas onde habitualmente celebravam.

Um inquérito que, ao auscultar os fiéis sobre o espaço litúrgico⁴⁶³, nos permitiu melhor ter noção da visão geral que estes têm acerca do espaço litúrgico, ajudando a compreender que caminhos poderá e deverá tomar no futuro.

⁴⁶¹ Prefácio é um dos momentos da missa. Trata-se do início da fase mais relevante de toda a celebração e é constituído por uma oração que varia ao longo do ano litúrgico.

⁴⁶² Tradução da citação original: “penetran y sienten la esencia de la liturgia, mucho menor que un *perito*, por ejemplo, que quisiera percibir la severa belleza del prefacio y deleitarse en las cadencias y ritmos de un gradual.

⁴⁶³ Foram 1787 as pessoas que responderam ao inquérito aberto por nós realizado de 19 de Maio a 10 de Junho.

O inquérito estrutura-se em quatro partes: a primeira trata da recolha de dados de identificação gerais (idade; género; distrito; ocupação); a segunda de dados de identificação cristã (com que frequência os inquiridos vão à Missa; se pertencem a alguma Paróquia, Obra, Comunidade, Fraternidade ou Movimento; se durante o tempo de confinamento celebraram Missa a partir de casa); a terceira procurou compreender de que forma os que, em período de confinamento, acompanharam a celebração da Missa em casa o fizeram (qual o espaço escolhido e a razão da escolha; de que forma prepararam o espaço, se é que o fizeram; como sentiram a celebração a partir de casa; e o que foi mais difícil na celebração em casa); a quarta e última parte tem como objetivo reflectir acerca da celebração litúrgica na igreja, como é uma igreja nos dias de hoje e o que pensam as pessoas sobre que deve ser uma igreja nos tempos atuais (qual o rito com que mais se identificam; qual a disposição de assembleia ideal; qual a abertura para certo tipo de disposições pouco convencionais; que escala de igreja é preferível; que usos as pessoas fazem de uma igreja; o que é mais importante numa igreja; e o que mudavam na igreja que frequentam).

NOTA: Antes de passar à análise do inquérito, importa clarificar que os valores obtidos são sempre expressos em número e percentagem de pessoas. Como há perguntas que não foram respondidas pela totalidade dos inquiridos⁴⁶⁴ e as percentagens estão sempre em relação a 100%, tornou-se necessária a utilização de ambos os sistemas de análise.

⁴⁶⁴ As perguntas que não foram respondidas pela totalidade dos inquiridos tratam-se da:

II. 2.1 “Se respondeu que sim, indique:”;

II. 3.1. “Durante este tempo de confinamento não celebrei a Missa em casa porque:”;

II. 3.1.1. “Se respondeu “outro motivo”, especifique qual”;

A totalidade da parte III não foi respondida pela totalidade dos inquiridos, tendo sido apenas 1387 (77,6%).

Desses 1387, não responderam na totalidade às perguntas:

III. 1.1. “Se respondeu “Outro”, especifique qual:”

III. 5.1. “Se respondeu “outro”, especifique o quê:”

III. 6. “Que características espaciais ajudaram a uma melhor vivência da celebração em casa?”

Na parte IV do inquérito responderam a totalidade dos inquiridos [1787 pessoas (100%)] à totalidade das perguntas à excepção das:

IV. 8.1. “Se respondeu sim na pergunta anterior, identifique o motivo pelo qual se dirige a uma igreja para além da participação na Missa.”;

IV. 8.1.1. “Se respondeu “Outro”, especifique o motivo”;

IV. 8.1.2. “Se respondeu não, explique o motivo que o leva a não ir:”;

IV. 8.1.2.1. “Se respondeu “Outro”, especifique o motivo”;

IV. 9. “O que para mim é mais importante numa igreja?”;

IV. 10. “Se pudesse, que alteração espacial realizava na igreja que frequento?”.

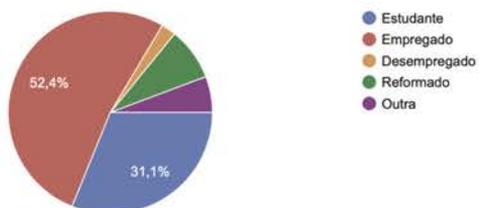
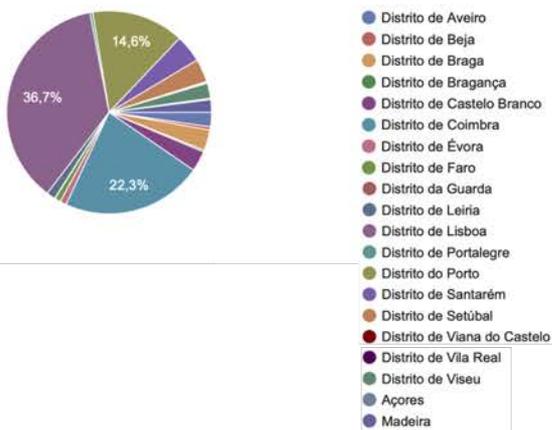
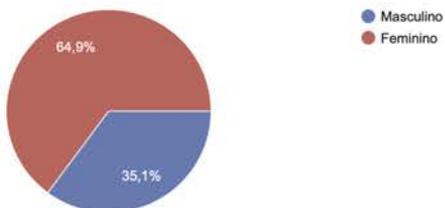
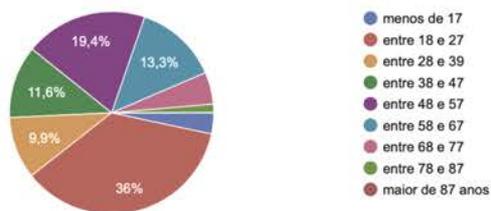


Fig. 239 - Gráfico relativo à Idade
 Fig. 240 - Gráfico relativo ao Sexo
 Fig. 241 - Gráfico relativo ao Distrito
 Fig. 242 - Gráfico relativo à Ocupação

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Ao analisar os dados do inquérito sobre a idade, (fig.239) sexo, (fig.240) zona geográfica (fig.241) e ocupação, (fig.242) é possível compreender que se trata de uma amostra bastante lata e, apesar de alguns desequilíbrios, é genericamente bem proporcionada. Na verdade, seria muito difícil e expectável uma perfeita distribuição da amostra relativamente a cada um dos elementos recolhidos. Assim, por exemplo, estão representados com algum excesso as idades dos 18 aos 27 anos, o sexo masculino, os estudantes e, como se verá na segunda parte dos resultados, o movimento católico ligado aos jesuítas (fig.244 - 245) e a localização nos distritos de Coimbra, Aveiro e Porto. Estas discrepâncias explicam-se pelo facto de a divulgação ter sido feita a título pessoal, daí se compreender o destaque superior destes dados, pois são os dados em que se enquadra o autor deste trabalho e com os quais tem maior contacto. Aliás, o reconhecimento destas heterogeneidades foi tido em devida consideração na análise das respostas, sempre que esse facto nos pareceu relevante. Consideramos, assim, que a amostra é representativa e válida, com um universo de 1787 inquiridos.

II. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO CRISTÃ

Nesta segunda parte do inquérito, pode-se desde logo compreender que a frequência com que os fiéis vão à Missa é semanal (uma vez por semana), tendendo a ir, para além da Eucaristia dominical, “ocasionalmente durante a semana”⁴⁶⁵. (fig.243)

Na tentativa de compreender a recetividade por parte dos fiéis em acompanhar a partir de casa as celebrações litúrgicas, durante a situação pandémica a partir de casa, foi colocada a questão II.3. “Durante este tempo de confinamento e, não me podendo deslocar a uma igreja, celebrei a Missa a partir de casa?”. (fig.246) Através da análise de resultados pode-se concluir que a generalidade dos inquiridos que costumavam ir à missa, pelo menos aos domingos [1274 (82,5%) pessoas⁴⁶⁶], continuou a acompanhar a celebração da Missa, desta feita através de casa, a partir de meios digitais, e desses 1274 (82,5%), 87 (4,9%)⁴⁶⁷ deixaram de o fazer. (fig.247) Dos inquiridos que responderam negativamente a esta questão [400 (22,4%) pessoas], a maioria justificou como motivo o facto de “não tive motivação em fazê-lo” [264 (66%) pessoas], sendo a segunda resposta mais escolhida por “outro motivo” [82 (20,5%) pessoas].

⁴⁶⁵ À pergunta II.1. “Com que frequência vou à Missa?”, a maioria dos inquiridos, cerca de metade da amostra (49,6%), respondeu que ia à missa “Aos Domingos e ocasionalmente durante a semana”, sendo a segunda fatia (23,2%) referente a quem vai à missa “Apenas aos Domingos”, e por conseguinte 9,7% respondeu que ia “Todos os dias da semana”. A destacar, que 15,6% raramente vai à missa e 1,9% nunca vai à missa.

⁴⁶⁶ 415 (23,2%) + 886 (49,6%) + 173 (9,7%) = 1474 (82,5%) pessoas

Dados relativos à pergunta II.1, “Com que frequência vou à Missa?”: 415 (22,2%) pessoas que responderam “Apenas aos Domingos”; 886 (49,6%) pessoas que responderam “Aos Domingos e ocasionalmente durante a semana”; 173 (9,7%) pessoas que responderam “Todos os dias da semana”

⁴⁶⁷ 1474 (82,5%) - 1387 (77,6%) = 87 (4,9%) pessoas

1474 (82,5%) - resultado da soma dos que vão uma ou mais vezes por semana à missa, resultante dos dados recolhidos na pergunta II.1, Com que frequência vou à Missa?;

1387 (77,6%) - resultado de respostas positivas à pergunta II.3, “Durante este tempo de confinamento e, não me podendo deslocar a uma igreja, celebrei a Missa a partir de casa?”

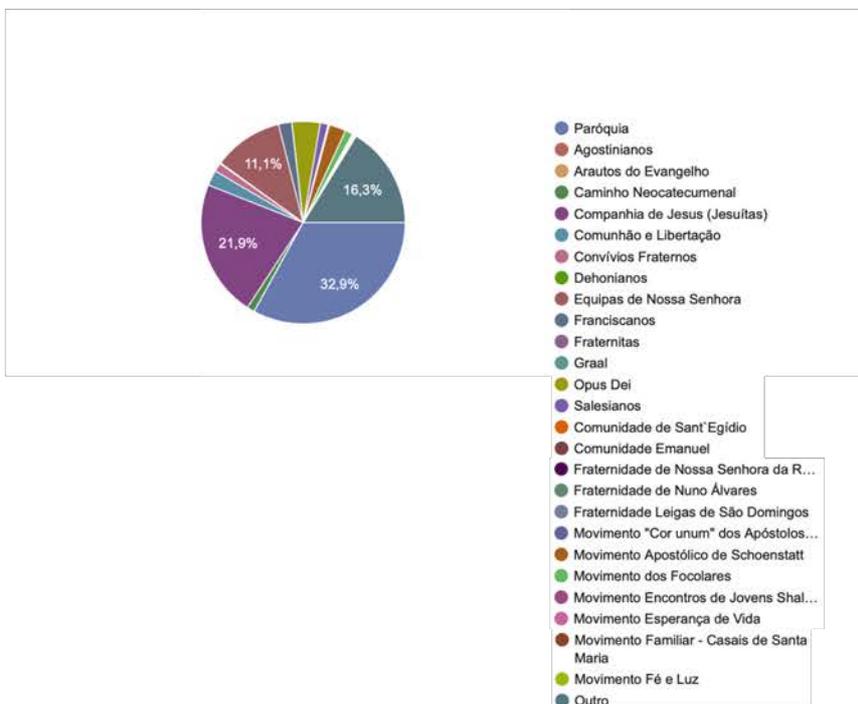
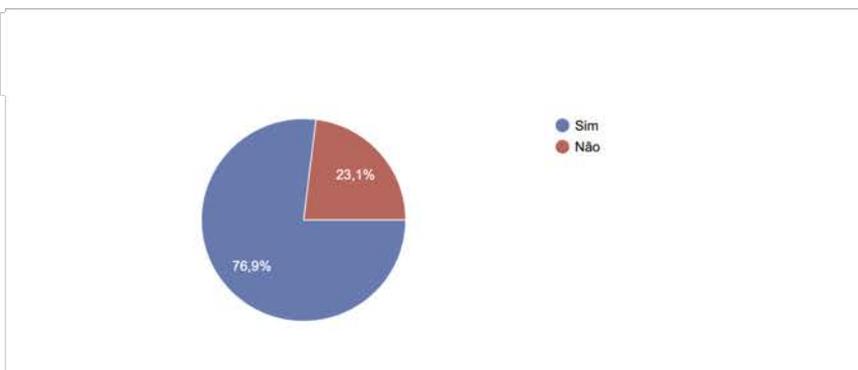
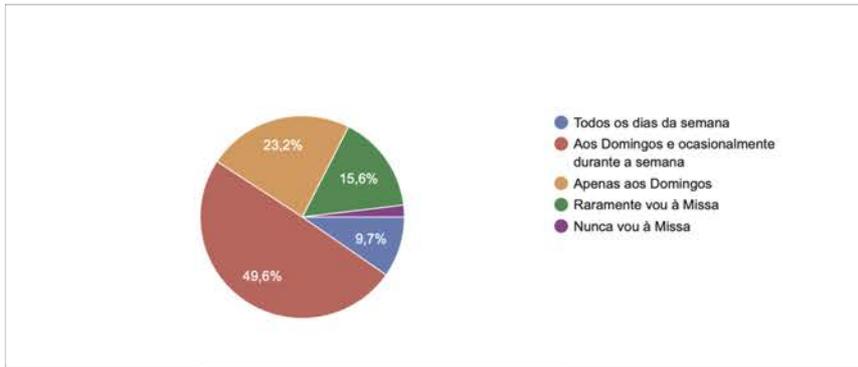


Fig. 243 - Gráfico relativo à pergunta: "Com que frequência vou à Missa?"

Fig. 244 - Gráfico relativo à pergunta: "Pertence a alguma Paróquia, Obra, Comunidade ou Movimento?"

Fig. 245 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu que sim, indique"

Ao esclarecerem através da pergunta “Se respondeu "outro motivo", especifique qual”, das 76 pessoas que especificaram o motivo pelo qual não acompanharam as celebrações litúrgicas a partir de casa, 11 pessoas (0,6%) afirmam ter continuado a ir presencialmente à Missa, resposta que julgamos ter que ver com o facto de se tratarem de sacerdotes. No entanto, 20 pessoas (1,1%) afirmam que não celebraram a Missa a partir de casa, pelo facto de serem leigos e, por isso, não poderem “celebrar Missa”, apenas “assistir” ou “ouvir Missa”⁴⁶⁸, tendo os restantes inquiridos nomeado motivos quase sempre relacionados com o facto de habitualmente já não ser costume irem.

⁴⁶⁸ 1.“Não sou sacerdote”; 2.“Não celebrei, participei na celebração dominical- TVI”; 3.“não celebrei porque não sou padre; se se quer dizer assistir à missa pela televisão, internet, também não o fiz porque não tenho necessidade”; 4.“Não sou um sacerdote. No máximo poderia assistir à missa à distância, mas não substitui a mesma.”; 5.“A missa deve ser celebrada por um padre ou algum representante da igreja”; 6.“A celebração da Missa é feita pelo sacerdote, não pelos leigos que assistem. O sacrifício é oferecido pelo sacerdote na pessoa de Cristo, e nós leigos apenas nos associamos por oração. Mas o sacrifício está presente sem nós. Entretanto continuei a ir à Missa, mesmo em confinamento.”; 7.“Os fiéis leigos não “celebram” a Missa”; 8.“Quem celebra a missa são os padres, eu sou um leigo pelo que apenas posso assistir. Felizmente consegui assistir a algumas missas privadas.”; 9.“Não sou sacerdote, logo não posso celebrar a Santa Missa. Um leigo celebrar uma Missa resulta numa interdição *latæ sententiæ* (Can. 1378/§2/1.º).”; 10.“Não tenho o sacramento da ordem.”; 11.“Porque não é possível aos leigos celebrar Missa sem o sacerdote. Apenas o sacerdote pode celebrar a Missa, porque foi ordenado.Os leigos, participando do sacerdócio de Cristo, não fazem parte do sacerdócio ministerial. Assim, os leigos precisam do sacerdote para celebrar a Missa, mas o contrário não é verdade. Por outro lado, a presença física não é igual à assistência por meios telemáticos.Logo, não podendo ir à Missa, posso unir-me em oração à celebração a que assistir, mas não a posso celebrar.”; 12.“Sou leigo, não celebro Missa”; 13.“Quem celebra a Missa é o padre. Eu assisti. De casa”; 14.“Não sou padre”; 15.“Um leigo não pode celebrar a Santa Missa”; 16.“Como leigo não posso celebrar Missa, apenas ouvir Missa.”; 17.“Não sou sacerdote e apenas os sacerdotes celebram Missa. Eu assisti à Missa (em casa e também fora dela).”; 18.“Evidentemente, assisti à transmissão por tv ou por internet da celebração da Missa sem fiéis, por sacerdote. Mas não pude responder que celebrei a Missa em casa. Primeiro porque quem celebra a Missa é o sacerdote, geralmente com a participação actuosa dos fiéis presentes; depois porque assistir à transmissão da Celebração da Missa por tv ou internet não é equívale a, não é, assistir ou participar realmente na celebração da Missa. Com o devido respeito, a pergunta devia ser reformulada.”; 19.“Assisti na televisão.”; 20.“Nao celebro missa, apenas participo”

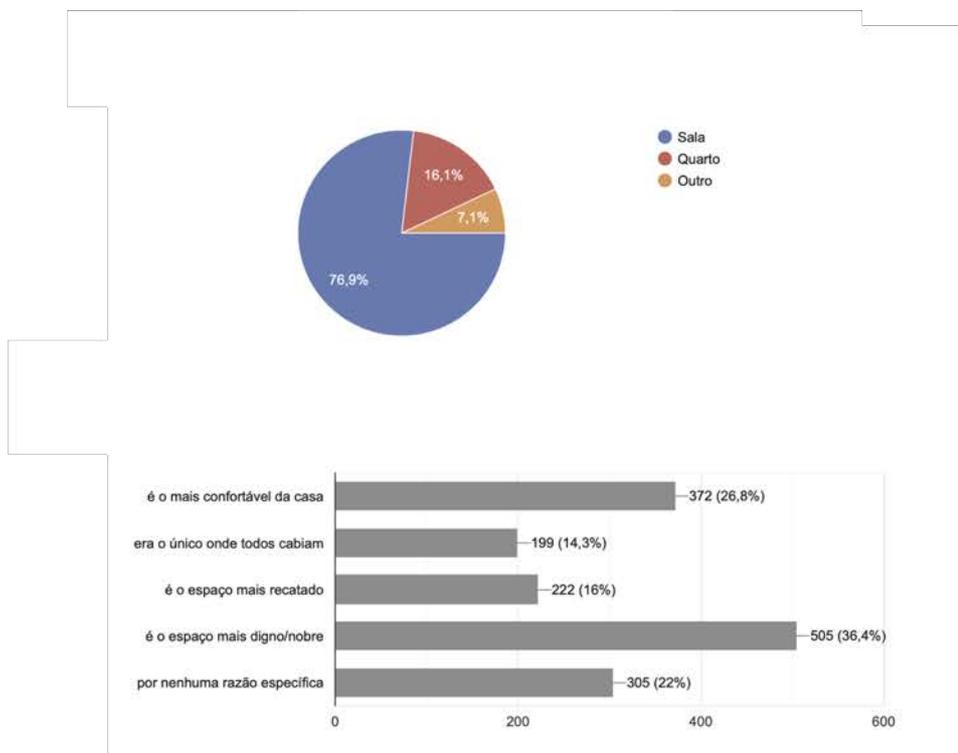
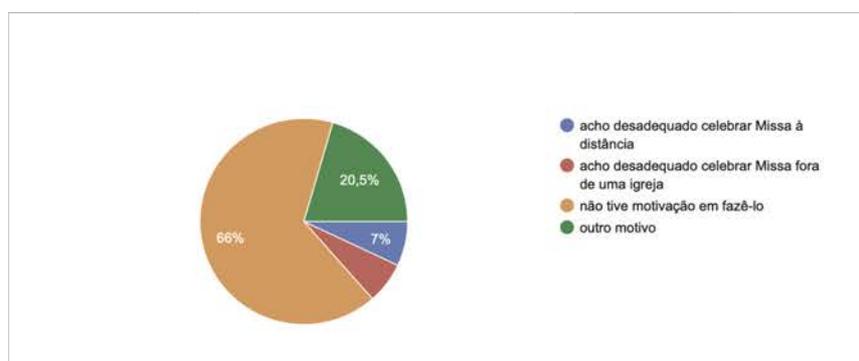
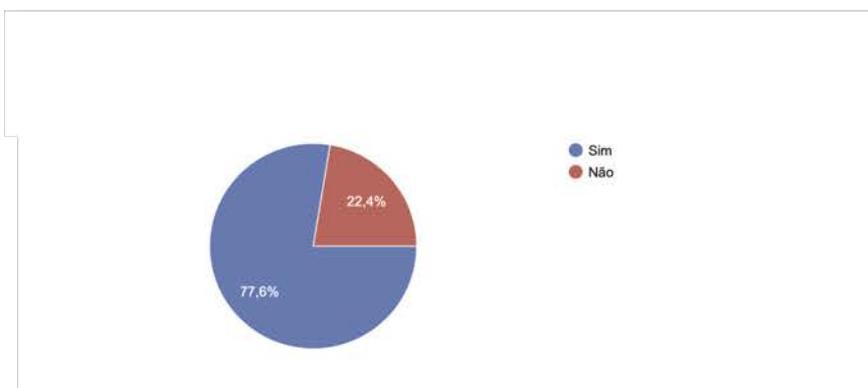


Fig. 246 - Gráfico relativo à pergunta: "Durante este tempo de confinamento e, não me podendo deslocar a uma igreja, celebrei Missa a partir de casa?"

Fig. 247 - Gráfico relativo à pergunta: "Durante este tempo de confinamento não celebrei a Missa em casa porque..."

Fig. 248 - Gráfico relativo à pergunta: "Qual o espaço da casa (habitualmente) escolhido para a celebração?"

Fig. 249 - Gráfico relativo à pergunta: "Porque foi esse espaço o escolhido"

III. CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EM CASA

A terceira parte do inquérito sobre a celebração litúrgica em casa, tem uma quebra na amostra de 400 (22,4%) inquiridos - que corresponde ao número de pessoas que responderam que não seguiram a celebração litúrgica a partir de casa. Com efeito, da amostra total de 1787 pessoas (100%), responderam a esta parte 1387 (77,6%) pessoas.

Quanto à celebração litúrgica em casa, podemos afirmar que a larga maioria [1066 (76,9%) pessoas] escolheu a sala como lugar para acompanhar a celebração, tendo-se prendido a escolha com factores para além do meramente necessário, e não a um simples acaso irrefletido⁴⁶⁹. (fig.248 - 249) Após a decisão do lugar escolhido, a maioria apenas se focou na celebração, ligando a televisão ou computador [949 (68,4%) pessoas], sendo que 438 (31,6%) pessoas procuraram “dentro do possível, recriar um ambiente próximo do da igreja”. (fig.250)

É interessante notar o elevado número de fiéis que não tiveram a preocupação de preparar o espaço para a celebração. Atitude que diríamos poder compreender-se através de dois pontos de vista: a falta de consciência de que o espaço influencia o espírito; e a consciência de que recriar o espaço da igreja é algo impossível de alcançar ou até mesmo caricato. Ao cruzar dados que mais a frente serão destacados, como as respostas à pergunta “O que para mim foi mais difícil?”, (fig.252) podemos compreender que, há uma forte ligação com o espaço pois, a resposta mais escolhida prendia-se com o facto de não poderem estar no espaço sagrado.

Perante esta situação de acompanhamento das celebrações à distância, o sentimento geral dos inquiridos foi misto: entre o sentimento de que apenas assistiam à celebração, ao mesmo tempo que sentiam que nela participavam verdadeiramente [839 (60,5%) pessoas]. (fig.251) Vale a pena destacar, no entanto, que a tendência foi superior relativamente ao sentimento de uma participação na celebração [413 (29,8%) pessoas]⁴⁷⁰.

A dificuldade que mais sentiram a esse nível foi o facto de não poderem estar no espaço sagrado que é uma igreja, assim como o de “não haver interacção entre a restante comunidade de fiéis”⁴⁷¹.

⁴⁶⁹ 505 (36,4%) + 372 (26,8%) + 222 (16,0%) = 1099 (79,2%) pessoas

Importa esclarecer que, nesta pergunta (Porque foi esse espaço o escolhido?), era possível escolher mais que uma opção, tendo dos 1387 inquiridos sido 1603 o número de dados recolhidos. Isto para esclarecer que as percentagens, neste caso, são em relação a 115,5% e não 100%.

As respostas foram: 505 (36,4%) pessoas - “é o espaço mais digno/nobre”; 372 (26,8%) pessoas - “é o mais confortável da casa”; 222 (16,0%) pessoas - “é o espaço mais recatado”; 199 (14,3%) pessoas - “era o único onde todos cabiam”; 305 (22,0%) pessoas - “por nenhuma razão específica”.

⁴⁷⁰ Apenas 135 (9,7%) pessoas afirmaram apenas ter assistido á celebração, sem que tenham sentido que participassem.

⁴⁷¹ Importa esclarecer que, nesta pergunta (O que para mim foi mais difícil?), à semelhança da pergunta “Porque foi esse espaço o escolhido?”, era possível escolher mais que uma opção, tendo dos 1387 inquiridos sido 1954 o número de dados recolhidos. Isto para esclarecer que as percentagens, neste caso, são em relação a 140,7% e não 100%.

As respostas foram: 737 (53,1%) pessoas - “não poder estar no espaço sagrado que é uma igreja”; 497 (35,8%) pessoas - “não haver interacção entre a restante comunidade de fiéis”; 282 (20,3%) pessoas - “outro”; 224 (16,1%) pessoas - “não poder estar na igreja que frequento habitualmente”; 214 (15,4%) pessoas - “não haver interacção entre o(s) sacerdote(s)”.

À pergunta “Se respondeu “outro”, especifique o quê”, a maioria nomeou o facto de não poder comungar como uma das dificuldades sentidas.

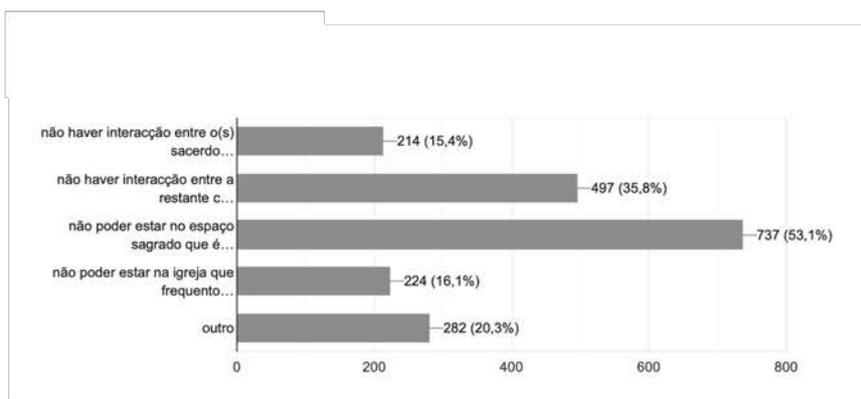
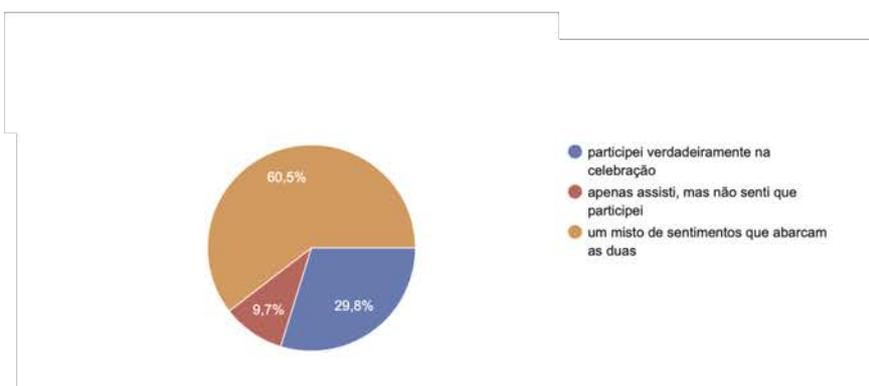
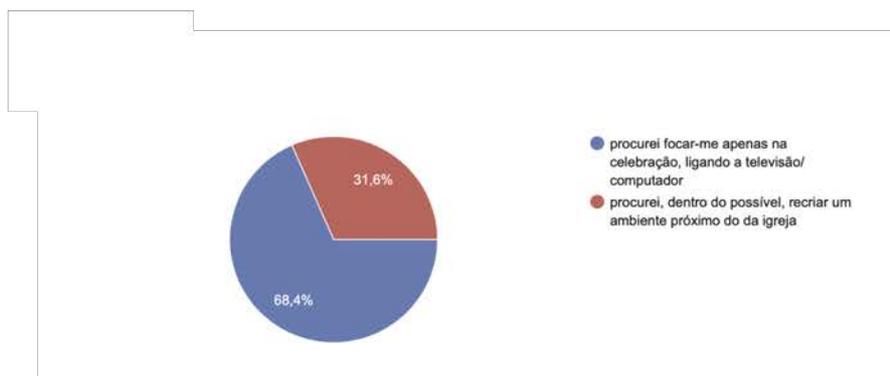


Fig. 250 - Gráfico relativo à pergunta: "Nesse espaço:"

Fig. 251 - Gráfico relativo à pergunta: "Neste tempo de celebrações em casa senti que:"

Fig. 252 - Gráfico relativo à pergunta: "O que para mim foi o mais difícil?"

Foi essencialmente através desta parte do inquérito que foi possível compreender a importância que o espaço desempenha na vida dos fiéis, assim como a capacidade que tem de alterar totalmente a forma como se vive a celebração e melhor possibilita alimentar a fé. Nesta terceira parte do inquérito foi possível compreender realmente que o espaço não se trata de um mero pormenor.

No entanto, apesar de se perceber, por alguns dos exemplos elencados pelos inquiridos, que houve um esforço para aproximar o espaço das casas ao espaço da igreja, a grande maioria (68,4%) não o fez, o que nos leva a concluir que a maioria não se esforçou por recriar o espaço porque, para além de questões práticas de ser mais fácil e de não dar tanto trabalho, ainda não têm a consciência da importância do espaço e que por isso ainda afastam a celebração do espaço onde ocorre.

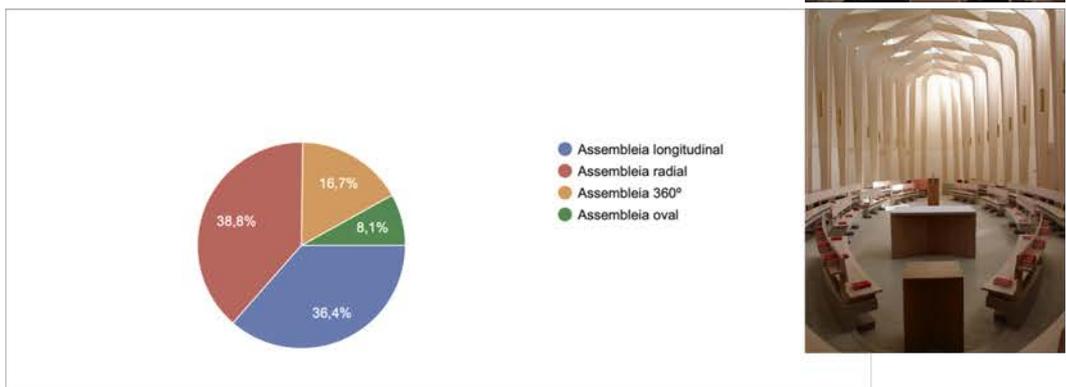
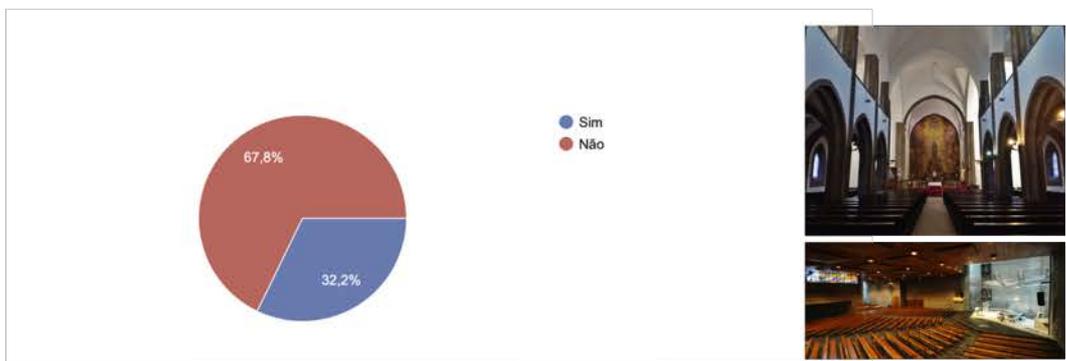
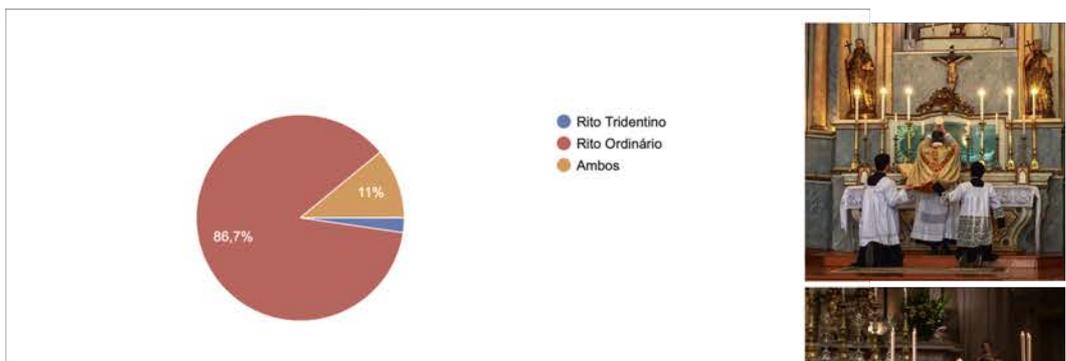


Fig. 253 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Com qual dos ritos me identifico mais?"

Fig. 254 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Já alguma vez participei numa missa de rito tridentino?"

Fig. 255 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?"

IV. CELEBRAÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA

Na quarta e última parte do inquérito é possível notar que o rito mais utilizado para a celebração da Missa é o Ordinário, sendo inclusivamente muitos os que nunca participaram numa missa de rito tridentino⁴⁷². (Fig. 253 - 254) No entanto, dos que já participaram [575 (32,2%) pessoas], apenas [41 (2,3%) pessoas] se identificam mais com o rito tridentino do que com o ordinário⁴⁷³, o que demonstra, em certa medida, uma forte aceitação e implementação do Concílio. O que, por sua vez, nos leva a concluir que, de acordo com os fiéis, se deve priorizar a construção de uma igreja de acordo com o rito ordinário.

No mesmo sentido estão as repostas às perguntas seguintes, onde é possível notar uma abertura para novos formatos e disposições de assembleia, menos convencionais⁴⁷⁴. (fig. 257)

Ao serem apresentadas quatro imagens de distintas formas de disposição do espaço litúrgico (assembleia longitudinal, assembleia radial, assembleia 360° e assembleia oval), da totalidade dos inquiridos, 1136 (63,6%) pessoas⁴⁷⁵ afirmam como mais acolhedora para a celebração da Missa, disposições de assembleia que não a tradicional e convencional disposição longitudinal. E, relativamente à disposição oval, embora minoritariamente escolhida na pergunta IV. 4.⁴⁷⁶ [apenas 145 (8,1%) pessoas], (fig. 255) na seguinte IV. 5.⁴⁷⁷, (fig. 256) que trata desse tipo de organização, é possível constatar que a maioria [1388 (77,7%) pessoas⁴⁷⁸] não se opõe a essa disposição. Ainda no mesmo sentido, na pergunta IV. 7.⁴⁷⁹ (fig. 258) - onde uma disposição e configuração do espaço é totalmente distante da habitual - também à maioria⁴⁸⁰ lhe parece uma opção possível. O que revela uma forte tendência no abandono de uma igreja organizada longitudinalmente, em favor de uma disposição mais aberta.

Podemos ainda relevar uma tendência na preferência de uma igreja de pequena escala [1411 (79,0%) pessoas], ao invés de uma de grande escala [376 (21,0%) pessoas], e que a utilização das

⁴⁷² Respostas à pergunta IV. 2. “Já alguma vez participei numa missa de rito tridentino?”: 1212 (67,8%) pessoas; 575 (32,2%) pessoas.

⁴⁷³ Respostas à pergunta IV. 1. “Com qual dos ritos me identifico mais?”: 1549 (86,7%) pessoas - “Rito Ordinário”; 196 (11,0%) pessoas - “Ambos”; 41 (2,3%) pessoas - “Rito Tridentino”

⁴⁷⁴ Respostas à pergunta IV. 4. “Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?”: 693 (38,8%) pessoas- “Assembleia radial”; 651 (36,4%) pessoas- “Assembleia longitudinal”; 298 (16,7%) pessoas- “Assembleia 360°”; 145 (8,1%) pessoas- “Assembleia oval”.

⁴⁷⁵ 693 (38,8%) + 298 (16,7%) + 145 (8,1%) = 1136 (63,6%) pessoas

Dados da pergunta IV. 4. “Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?”

⁴⁷⁶ “Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?”

⁴⁷⁷ “Esta fotografia é da Igreja de Santo Inácio, em Paris. O que acho acerca desta reorganização do espaço litúrgico?”

⁴⁷⁸ 918 (51,4%) + 296 (16,6%) + 174 (9,7%) = 1388 (77,7%)

Dados relativos à pergunta IV. 5. “Esta fotografia é da Igreja de Santo Inácio, em Paris. O que acho acerca desta reorganização do espaço litúrgico?”: 918 (51,4%) pessoas- “uma solução interessante”; 399 (23,3%) pessoas- “uma má solução”; 296 (16,6%) pessoas- “uma boa solução”; 174 (9,7%) pessoas- “indiferente”.

⁴⁷⁹ “A seguinte imagem refere-se à celebração da Missa de 5ª feira Santa, onde é recriado, para a celebração o cenário bíblico da Última Ceia. De que forma o vejo?”

⁴⁸⁰ Respostas à pergunta IV. 7. “A seguinte imagem refere-se à celebração da Missa de 5ª feira Santa, onde é recriado, para a celebração o cenário bíblico da Última Ceia. De que forma o vejo?”: 977 (54,7%) pessoas- “Interessante”; 593 (33,2%) pessoas- “Estranho”; 217 (12,1%) pessoas- “Inadequado”.

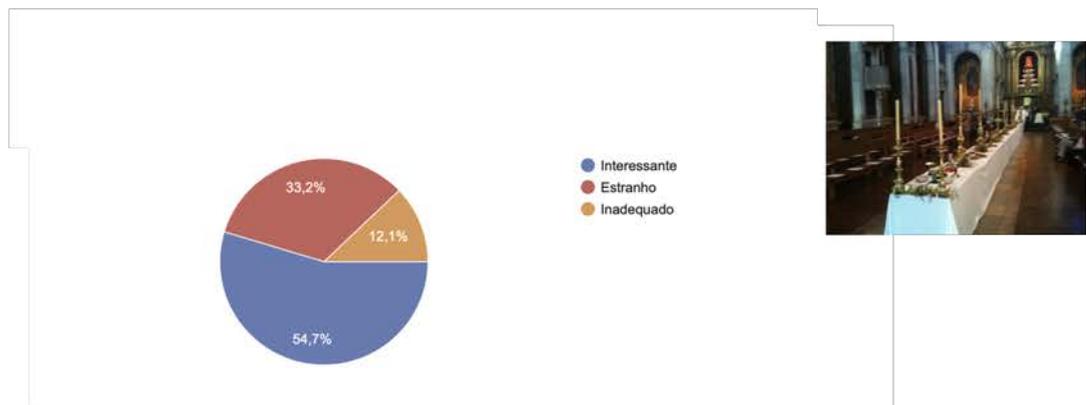
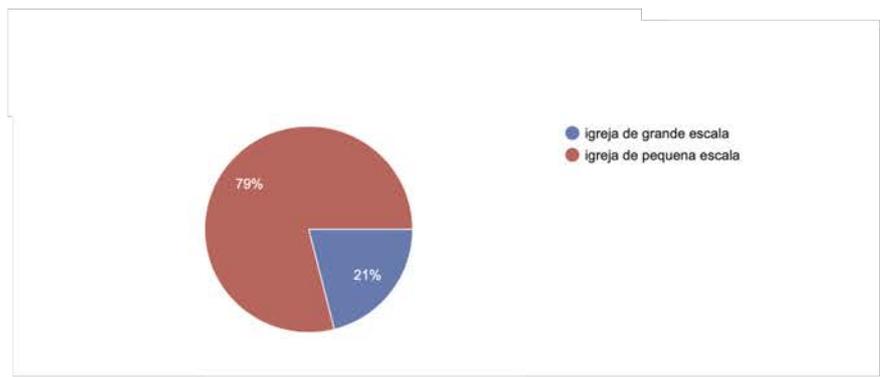
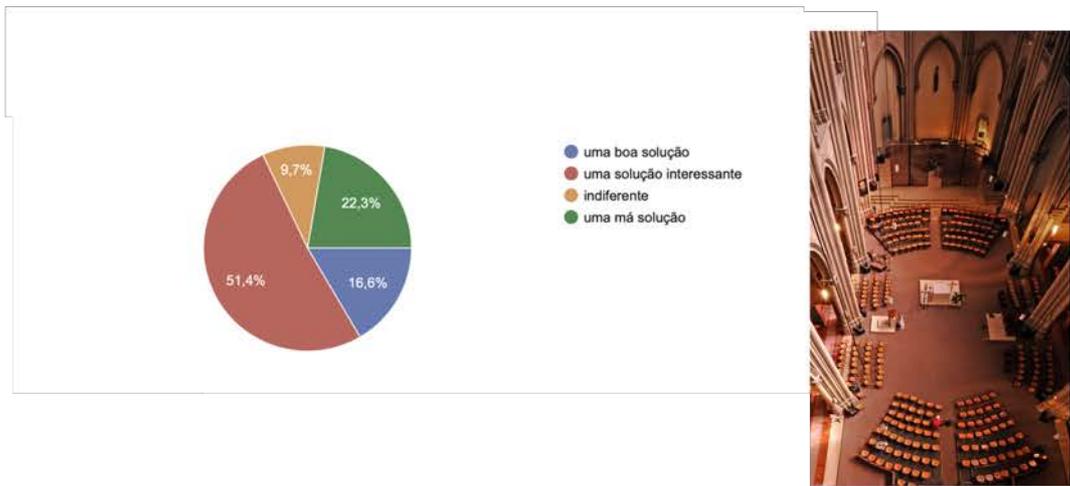


Fig. 256 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Esta fotografia é da igreja de Santo Inácio, em Paris. O que acho acerca desta reorganização do espaço litúrgico?"

Fig. 257 - Gráfico relativo à pergunta: "Que tipo de igreja me parece mais acolhedora para celebrar Missa?"

Fig. 258 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "A seguinte imagem refere-se à celebração da Missa de 5ª feira Santa, onde é recriado, para a celebração, o cenário bíblico da Última Ceia. De que forma o vejo?"

igrejas por parte dos fiéis vai, genericamente, para além da celebração da Missa⁴⁸¹, sendo sobretudo utilizada para “Para rezar espontaneamente”⁴⁸². (fig. 259 - 260) Uma pergunta que nos ajuda a compreender um aspeto muito importante no momento de construir ou reabilitar uma igreja: a necessidade de lhe conferir espaços que permitam, para além das celebrações comunitárias, o encontro pessoal, o desenvolvimento da dimensão individual. Questão que, de resto, anteriormente chamamos a atenção no sub-capítulo “III.I. Elementos estruturantes do espaço litúrgico”.

Através do inquérito foi, também, possível explorar as componentes mais importantes e mais valorizadas para as pessoas do espaço litúrgico, bem como as possíveis alterações espaciais que realizariam através de duas repostas de pergunta aberta: “O que para mim é mais importante numa igreja?” e “Se pudesse, que alteração espacial realizava na igreja que frequento?”.

Procedeu-se ao agrupamento das várias respostas em quatro categorias de forma a facilitar a análise dos dados: 1) objetos litúrgicos, 2) organização espacial / estética 3) conforto/sensações/ambiente, 4) factores celebrativos e comunitários.

Regista-se um total de 725 respostas à questão “O que é que para mim é mais importante numa igreja?”.

As componentes descritas pelos inquiridos que integram a categoria “conforto/sensações/ambiente” são as que apresentam um maior número de referências. Nesta categoria, o “silêncio”, o “recolhimento” e a “iluminação” são para os inquiridos aquilo que assume maior importância no espaço litúrgico e faz sentido compreender de que forma é que a projeção do espaço contribui para que estes factores assumam destaque. Importa, também, salientar outras respostas dadas pelos inquiridos e que referenciam diversos factores que se inserem nas restantes categorias acima indicadas: a importância de um espaço harmonioso, belo e digno, em que a “iconografia” seja própria nesse sentido. O destaque do Sacrário como elemento fundamental e identificante do espaço, a “presença de Cristo vivo” e, ainda, a sua boa organização, tendo em conta a assembleia de fiéis, entre muitos outros. A diversidade de respostas é grande, o que demonstra que as vivências do espaço litúrgico são, verdadeiramente, variadas.

Uma coisa é certa: a forma como o espaço litúrgico está organizado, a sua envolvente e os objectos que o adornam assumem um papel determinante na maneira como a pessoa experiencia o espaço. Quanto a este aspeto é também interessante notar que nem todos os fiéis têm consciência da importância que o espaço assume. O que nos leva a concluir que há ainda um longo percurso a ser desenvolvido, por forma a instruir as pessoas de uma cultura e sensibilidade arquitetónica. Caminho

⁴⁸¹ À pergunta: II.8. “Costumo ir à igreja para além da celebração da Missa?”, a maioria dos inquiridos (74,9%) afirma ir à igreja para além da celebração da Missa, sendo que 25,1% não o costuma fazer.

⁴⁸² À pergunta: II.8.1 “Se respondeu sim na pergunta anterior, identifique o motivo pelo qual se dirige a uma igreja para além da participação na Missa.”, prevalece como motivo (84,4%) o facto de ir “Para rezar espontaneamente”, seguindo-lhe 41,8% dos inquiridos para “Adoração do Santíssimo Sacramento”, 15,2% por outro motivo, e por fim, 5,7% para a “Liturgia das Horas”.

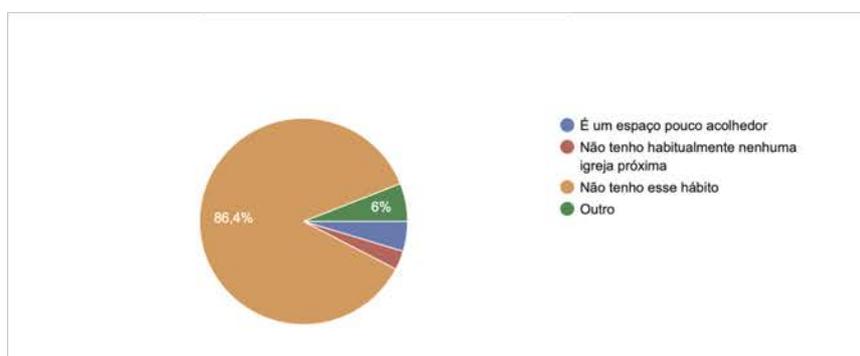
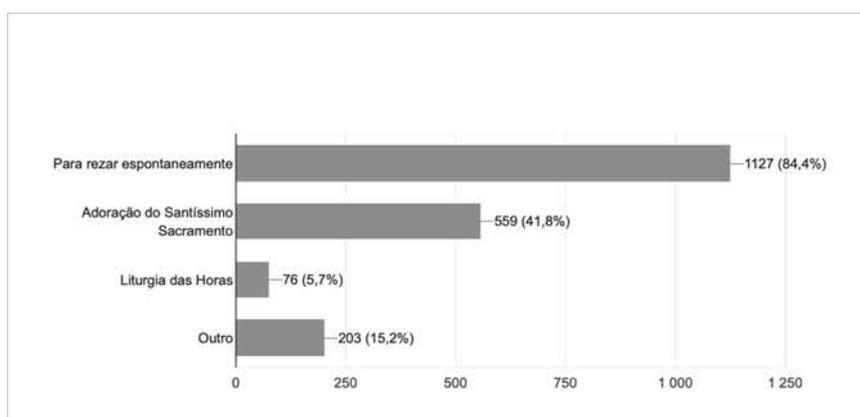
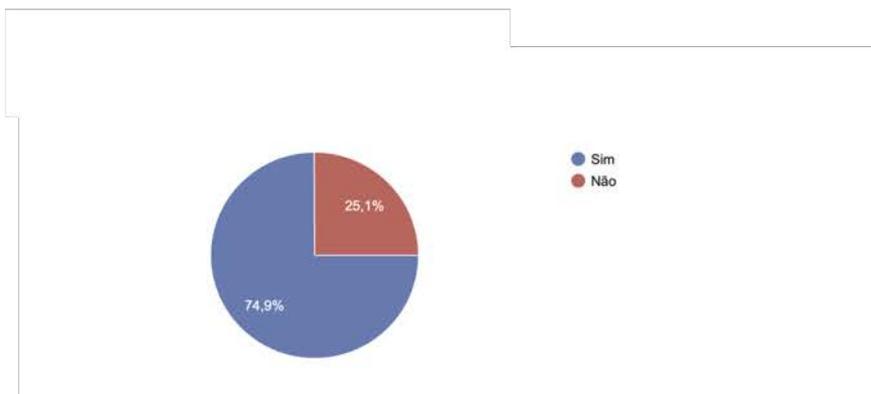


Fig. 259 - Gráfico relativo à pergunta: "Costumo ir à igreja para além da celebração da Missa?"
 Fig. 260 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu sim na pergunta anterior, identifique o motivo pelo qual se dirige a uma igreja para além da participação na Missa."
 Fig. 261 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu não, explique o motivo que o leva a não ir:"

esse que, no caso concreto da arquitetura religiosa deverá passar pela abertura dos padres aos fiéis no momento de construção de uma nova igreja ou reabilitação de uma existente. Tornando-as, também neste assunto, ativas e participativas, como de resto o Concílio procurou demonstrar como importante. Foi interessante notar o feedback que fomos tendo aquando da realização do inquérito onde, muitas pessoas se mostraram incrédulas por, apesar de há muito frequentarem igrejas, nunca terem pensado acerca das questões colocadas no inquérito, tornando-o assim, em certa medida, um instrumento educador, pelo facto de ter obrigado as pessoas a refletir acerca do espaço litúrgico o que, por sua vez, deverá ter levado a uma atitude mais crítica de ora a diante.

A última pergunta do questionário desafiava os inquiridos a identificarem alterações que fariam nos espaços litúrgicos que frequentam.

Regista-se um total de 255 respostas a esta questão e a categoria que assinala mais referências é referente à “organização espacial” que inclui respostas que indicam desejos de alteração na “Presidência”, no “Ambão”, no “Sacrário”, no “Altar”, no “Coro”, nos “Acessos”, nas “Casas de Banho” e, também, ao nível das “Tecnologias”. Mas sobretudo de destacar a alteração que fariam na configuração e disposição geral, atendendo, sobretudo, à assembleia.

Não só nesta categoria como também nas restantes, é possível evidenciar a imensa variedade de referências que permitem concluir que a assembleia de fiéis é parte fundamental aquando da definição dos espaços litúrgicos. As alterações indicadas e analisadas permitem estabelecer uma relação clara e direta entre o espaço a vivência litúrgica, à qual os fiéis não ficam indiferentes.

Para além das várias evidências que estas duas últimas questões permitiram destacar, importa referir, a título de conclusão, a cada vez maior necessidade de envolver os fiéis durante a definição dos programas dos espaços litúrgicos. É de uma assembleia com voz ativa e profundamente consciente da importância do seu papel que nascem os espaços litúrgicos capazes de dar resposta à missão para que foram concebidos.

A partir da análise do inquérito foi possível constatar uma grande aceitação e abertura, por parte dos fiéis, à execução de novas formas de espaço litúrgico que melhor permitam a implementação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II. Podendo assim compreender que a forte reticência à novidade não vem da generalidade dos fiéis:

“Valerá a pena recordar os escritos de S. Giedion a propósito da aceitação popular à obra impar que Le Corbusier propôs para o Notre Dame de Ronchamp (1955) – obra de referência internacional que não passou despercebida em Portugal graças, também, ao grupo de renovação da arte religiosa:⁴⁸³ “Qual a opinião do povo em relação a esta obra?’ – perguntámos-lhe.

‘A princípio’, – respondeu ele – ‘eram 90% contra ela; agora, são 90% a favor’. Não é o povo que põe os obstáculos, mas aqueles que acham que é mais fácil governá-lo, contentando a sua sensibilidade vulgar. Geralmente, não é o povo que é contra – como disse certa vez um arquitecto suíço – mas os que ‘não querem’.” (Marques, 2017, p.35)

Como disse o Papa Francisco:

“É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas tornaram-se particularmente atraentes para os outros.” (Papa Francisco, 2013)

⁴⁸³ “Sobre a recepção de Ronchamp em Portugal na imprensa escreveram Nuno Portas na revista *Encontro* (1956) e Luiz Cunha na revista *Miriam* (1956). No ano seguinte Nuno Portas dava conta na revista *Arquitectura* da discussão protagonizada por E. Rogers e Giancarlo de Carlo na revista italiana *Casabella* motivada pela paradoxal obra de Le Corbusier em Ronchamp. Nos livros “Arquitectura Religiosa Moderna” (Luiz Cunha, 1957) e “Arte Moderna e Arte da Igreja” (Manuel Mendes Atanásio 1959) encontram-se depoimentos escritos pelos autores portugueses após terem visitado aquela obra.” (Cunha, 2014, pp.57-60)

IV.II. O Concílio Vaticano II: da Ideia à Realidade

A realização do presente trabalho contribui para a nossa compreensão acerca da complexidade que estrutura o programa de uma igreja. Um mundo rico e sem fim, que cruza múltiplos factores e cujo desenvolvimento se confunde com a história da humanidade.

No entanto, apesar da história, da beleza, da importância, da complexidade e do mistério que envolvem as igrejas, foi possível entender que há já muito tempo perdeu o destaque que em tempos deteve e, constatando os resultados chegados nas últimas décadas, vê-se longe de recuperar o lugar de importância que deteve no panorama da arquitetura.

Com o estudo realizado foi possível reconhecer que, a partir da revolução industrial, se deu uma drástica e genérica transformação na sociedade, resultando numa forte alteração da forma de viver e pensar que veio abalar a Igreja e cuja radical transformação se formalizará num importante movimento: o moderno, cuja ideologia se posicionava nos antípodas da Igreja, criando um grande choque que, por sua vez, levou a Igreja a uma forte e duradoura reflexão. Uma reflexão que se foi concretizando substancialmente através de dois movimentos: o bíblico e o litúrgico que, por sua vez, abriram portas para o Concílio Vaticano II, presságio de uma nova era para a Igreja.

Contudo, a grande transformação que do Concílio adveio relativamente à definição das igrejas e do seu espaço litúrgico viria a tornar-se, até aos dias de hoje, conflituosa, de difícil compreensão e implementação, fazendo com que projetar ou reabilitar uma igreja, ainda nos dias de hoje, seja uma empreitada difícil. Um grande obstáculo, ainda por ultrapassar, que se compreende, em grande parte, devido ao facto da reforma litúrgica não ter sido acompanhada totalmente por uma reforma arquitetónica, desde logo clara, da falta de definição dos textos conciliares relativamente à temática do espaço da arquitetura. Pois, como verificámos no capítulo segundo da presente dissertação, na *Sacrosanctum Concilium* (documento relativo à reforma litúrgica) não é feita nenhuma referência direta ao espaço litúrgico, à arquitetura das igrejas. Algo de resto, a nosso ver, estranho, uma vez existirem capítulos bastante específicos, como o caso do sétimo (“A arte sacra e as alfaías litúrgicas”), o que nos leva a perguntar: terão os padres conciliares esquecido que “O espaço é uma dimensão fundamental da liturgia”? (Costa, 2017, p.14) Que “a liturgia depende do espaço e o espaço da liturgia”? (Costa, 2017, p.14)

O certo é que esta indefinição possibilitou então variadíssimas interpretações porque na ausência de orientações que encaminhassem padres e arquitetos no momento de reabilitar as igrejas segundo a reforma litúrgica, assistiu-se, por toda a parte, a simples e por vezes erradas intervenções.

O esforço de colocação de um novo altar frente ao antigo que, encostado à parede, não permitia ao sacerdote celebrar *versus populum* foi, na generalidade dos casos, a única solução implementada no momento da reabilitação das igrejas, contudo, tendo em conta o estudo realizado, compreendemos que, só por si, se tratou de uma alteração insuficiente.

É assim possível compreender que, passados mais de 50 anos do Concílio, a reforma litúrgica se

encontra ainda por clarificar e cumprir, pelo que permanece muito caminho a percorrer pois, tal como afirma Daniel Estivill, “Hoje, depois de meio século do Concílio Vaticano II, devemos admitir que é impossível encontrar um modelo arquitetónico de igreja que seja capaz de refletir a identidade católica”.⁴⁸⁴ (Estivill, 2014, p.71) E assim também o afirma o Professor Antonio Paolucci - a propósito do livro *Le chiese della periferia romana: 2000-2013 dal Gran Giubileo all'Anno Costantiniano* (2013), que reflete o panorama geral da arquitetura religiosa contemporânea construída na diocese de Roma - “O edifício belo, funcional e simbolicamente eficaz, adequado para servir de modelo, ainda não existe. Pelo menos eu não o encontrei.”⁴⁸⁵ (Paolucci, 2013, p.2). Ou ainda Dom Carlo Chenis que escreveu nos anos noventa do século passado que: “o balanço que se pode fazer não é muito encorajador.”⁴⁸⁶ (Chenis, 1991, p.189)

Duras afirmações, mas de uma clareza total: não há um modelo arquitetónico de igreja contemporâneo que reflita a identidade católica.

Desde a afirmação de Carlo Chenis passaram quase três décadas e relativamente à de Antonio Paolucci e de Daniel Estivill passou quase uma década e, no entanto, a situação mantém-se praticamente inalterada.

É assim indispensável para a compreensão do que é o edifício igreja, que se compreenda primeiro o que é a Igreja e o que quer ser, pois só dessa forma se poderá verdadeiramente clarificar que imagem deverá ter uma igreja. E o problema encontra-se exatamente neste ponto: a compreensão da identidade da igreja.

Num tempo em que cada vez mais velozmente tudo se altera, é deveras relevante o papel desempenhado pela Igreja na preservação de certos e determinados valores menos perenes e porventura até bastante históricos, no entanto, a Igreja não deve tomar uma atitude fechada às novidades do mundo. Torna-se verdadeiramente necessário que a Igreja se abra ao mundo, aos artistas e que estes se abram à Igreja, procurando compreendê-la, por forma a desenhá-la, esculpi-la, pintá-la... num diálogo que urge realizar-se para que mais plenamente se chegue a um bom resultado⁴⁸⁷ e ao correto cumprimento da reforma.

Urge voltar a unir esforços para cumprir a reforma pois, tal como vem sendo apontado por muitos autores⁴⁸⁸ e o estudo realizado nos revelou também, é preciso compreender a importância da reforma litúrgica do Vaticano II, uma vez que, em grande parte da história, a definição da igreja se

⁴⁸⁴ Tradução da citação original: “hoy, después de medio siglo del Concilio Vaticano II, debemos admitir que resulta imposible encontrar un modelo arquitectónico de iglesia que sea capaz de reflejar la identidad católica”.

⁴⁸⁵ Tradução da citação original “L’edificio bello, funzionale, simbolicamente efficace in grado di servire da modello, ancora non c’è. Almeno io non l’ho trovato.”

⁴⁸⁶ Tradução da citação original: “L’equilibrio che può essere fatto non è molto incoraggiante.”

⁴⁸⁷ “Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus.” (Papa João Paulo II, 1999)

⁴⁸⁸ Tanto por parte de frações da Igreja, ditas mais conservadoras, como as opostas, defendem a necessidade de um intenso estudo da reforma litúrgica por forma a clarificar posições.

prende sobretudo com questões formais e de estilo, afastando-se “do âmbito da discussão sobre a natureza e função do lugar religioso” (Miranda, 2014, p.4), só recuperando a sua importância e centralidade com o movimento litúrgico. Como afirma Ratzinger:

“Podia dizer-se que, em 1918, a Liturgia se assemelhava em muito a um fresco que, apesar de intacto, estava coberto por reboco. [...] Através do Movimento Litúrgico e, definitivamente, após o Concílio Vaticano II, o fresco foi posto a descoberto e, por um instante, ficámos fascinados pela sua beleza, pelas suas cores e formas”. (Ratzinger, 2012, p.5)

Com o concílio, “o entendimento alargado em torno da participação litúrgica permitiria os mais variados ensaios de reorganização interna do espaço celebrativo” (Marques, 2019, p.92) ainda a serem desenvolvidos nos dias de hoje.

Apesar desta abertura renovadora e do sentido orientador descrito nos documentos conciliares e pós-conciliares, permanece, todavia, uma certa ideia imobilista e sacralista que não permite avançar. Já o manifestava Nuno Teotónio Pereira há mais de setenta anos: “Porque, se mudam as casas, os edifícios públicos, os costumes, os transportes, até o vestuário, porque não hão-de mudar as igrejas?”⁴⁸⁹ (Pereira, 1951, p.3) Compreende-se que:

“[...] não se pode construir em linha oposta à concepção de fé e de liturgia de uma comunidade. Mas também não pode acontecer que a organização dos espaços simplesmente reforce uma concepção de piedade já ultrapassada na consciência da Igreja e da teologia” (Richter, 2005, p.29)

Um dos grandes erros das últimas décadas prende-se com o facto de:

“Quando se aborda o problema do tratamento dum construção que constitui um testemunho de arte antiga, há ainda uma corrente que considera como única atitude a sua conservação, abstraindo da sua correcta utilização; e, ainda que admitindo as contribuições das diferentes épocas, recusam vitalizá-la com a marca do seu tempo. Tal atitude, se bem que não tão perniciososa como a que procura a reintegração rigorosa na construção primitiva, não atende à constante renovação do homem, à realidade da evolução do seu conhecimento e da sua sensibilidade.” (Rosa, 1965, p.185)

⁴⁸⁹ “Chaque génération de chrétiens apporte sa contribution à la vie liturgique et aux espaces liturgiques pour que l’assemblée chrétienne soit vivante et la célébration adaptée au temps. A une même époque les sensibilités ne sont pas toutes unanimes même si un bon nombre convergent.” (Église St Ignace, s.d.)

Com este trabalho, mais se radicou na nossa convicção de que não há respostas únicas nem soluções milagrosas. Há sim e, deve haver cada vez mais, um esforço de entendimento do que é a Igreja e da particularidade de cada comunidade, para melhor se reabilitarem e construírem igrejas, pois só através desse entendimento se poderá chegar a bons resultados.

Importa, sobretudo, assimilar um facto que procurámos expor através deste trabalho: o de que, o espaço litúrgico sempre sofreu, em menor ou maior escala, alterações ao longo dos tempos. Sempre se tratou de um edifício vivo, que se foi adaptando às necessidades de cada tempo e comunidade e não de um edifício estático. E, por isso, não há que ter medo em intervir em igrejas antigas dotando-as de novas dinâmicas litúrgico-espaciais como, de resto, pudemos constatar nos seis exemplos apresentados. Até porque, como observámos no inquérito que realizámos - e que esperamos vir a tratar-se de uma importante base de trabalho para desenvolvimentos futuros -, o espaço é um dos aspetos preponderantes da ação litúrgica e, devido a essa consciência, os fiéis estão sensíveis à implementação de novas disposições e organizações do espaço litúrgico, o que demonstra que a falta de desenvolvimentos acerca da temática do espaço litúrgico se trata de uma dificuldade dos sacerdotes e não dos fiéis. É então necessário reavivar a discussão profunda acerca da reforma litúrgica, compreendendo as muitas abordagens possíveis para que, por fim, se chegue à plenitude da mesma.

É, pois, esta a beleza de uma igreja que, para além do complexo programa que a estrutura, apresenta a rica particularidade de ser capaz de se adaptar a diversos tempos e contextos. Falta, no entanto, que a Igreja compreenda que a arquitetura e a liturgia estão lado a lado e que, sem uma delas, o andar é coxo⁴⁹⁰, o resultado insuficiente e pouco claro.

A presente dissertação termina com as últimas palavras da magistral obra de Guardini referindo-se à celebração da Eucaristia: “quando ela se despede do homem com a sua bênção dos recintos sagrados para se lançar à vida, nela, na liturgia, encontrará então o homem a sua melhor salvaguarda e defesa.”⁴⁹¹ (Guardini, 2019, p.101)

Fica também o desejo de, com este trabalho, se contribuir para o entendimento da renovação do espaço litúrgico das igrejas, com fidelidade à sua função e em consonância com a sensibilidade dos homens e das mulheres do nosso tempo que, em cada lugar, constituem a Igreja.

⁴⁹⁰ “Muitos intuirão que a arte convém à Liturgia. Mas não é difícil, racionalmente, concluir que sim, que a Liturgia precisa da Arte. Mons. Albert Rouet, bispo auxiliar de Paris, no seu livro *Art et Liturgie* (Desclée de Brouwer, 1992), analisando as relações tensas entre ambas, fala como que de um namoro mútuo. É que a Liturgia concerne o homem actual, não apenas na sua realidade bruta e superficial, mas nos seus impulsos e movimentos interiores que a Arte procura traduzir; e, ainda, a Liturgia torna presente uma transfiguração deste mundo que a Arte, a seu modo, tenta evocar. Expressão e transfiguração, eis os eixos da mútua atracção.”(Amorim, 2006, p.93)

⁴⁹¹ Tradução da citação original: “cuando ella despide al hombre con su bendición de los sagrados recintos para lanzarse a la vida, en ella, en la liturgia, encontrará entonces el hombre su mejor salvaguardia y defensa.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Almeida, J. P. (2020). *Conversa com o Padre José Pereira de Almeida, pároco da igreja de Santa Isabel, em Junho de 2020.*
- Amorim, M. (2006). A Celebração do Mistério Cristão e o espaço litúrgico: leitura interpretativa das orientações mais recentes da Igreja sobre a construção e adequação das igrejas. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Marques - III Volume.* (pp.91-109). Departamento de Ciências e Técnicas do Património Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Appleton, J. (2020). *Conversa com o arquiteto João Appleton, em Junho de 2020.*
- Arias, F. (2018). *Proyectar el espacio sagrado. Que es y como se construye una iglesia.* Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, S. A.
- Arias, F. (2019). La arquitectura eclesial y el Concilio Vaticano II. *Revista de Pastoral Litúrgica Phase nº353, Espacio Celebrativo*, 423-435.
- Arocena, F. (2006). *El altar cristiano.* Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica.
- Átrio. (s.d). *Sobre.* Recuperado em Maio de 2020 de <https://www.facebook.com/atrio.liturgia.arte.arq/about>.
- Baldovin, J. F. (2013). *A visão litúrgica do Vaticano II, 50 anos depois.* Instituto Humanitas Unisinos. Recuperado em Janeiro de 2019 de <http://www.ihu.unisinos.br/171-noticias/noticias-2013/520279-a-visao-liturgica-do-vaticano-ii-50-anos-depois-artigo-de-john-f-baldovin>.
- Basurko, X. (2006). *Historia de la liturgia.* Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica.
- Benevolo, L. (2001) *História da Arquitectura Moderna.* São Paulo: Editora Perspectiva. 3ª ed. Edição original de 1994.
- Bíblia Sagrada: Para o Terceiro Milénio da Encarnação.* Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica. (2002).
- Bogaz A.; Hansen J. (2015). *Vaticano II: Novos Tempos e Novos Templos.* São Paulo: Paulus.
- Bouyer, L. (1998). *Architettura e liturgia.* Bose: Qiqajon.
- Cairns, E. (1995). *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã.* São Paulo: Vida Nova. 2ª ed. Edição original de 1984.
- Camões, L. (2002). *Os Lusíadas.* Lisboa: Sporpress. 1ª ed. Edição original de 1572.

- Carvalho, J. (2019). Arte Litúrgica com amor: criações das novas Capelas de Braga. *Masf Journal*, nº2.
- Castro, A. (2019). *Olhar crítico sobre a história do centro pastoral da igreja de Cedofeita - Da concepção à concretização*. Prova de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Chantiers du Cardinal. (s.d.). *Réaménagement de l'église saint-ignace à paris 6e*. Recuperado em Junho de 2020 <https://www.chantiersducardinal.fr/projet/reamenagement-de-leglise-saint-ignace-a-paris-6e>.
- Chenis, C. (1991). *Fondamentiteoricidell'artesacra. Magisteropost-conciliare*. Roma: LAS.
- Cleofas (2013). *Você sabe o que é a Patrística?*. Recuperado em Junho de 2020, de <https://pt.aleteia.org/2013/09/04/voce-sabe-o-que-e-a-patristica/>.
- Costa, B. F. (2017). *Espaço Celebrativo*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia. (2ª ed). Edição original de 2015.
- Cobián, E. (2000). *El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Departamento de Construccions Arquitectónicas da Universidade da Coruña, Coruña, Espanha.
- Cobián, E. (2005). *El espacio sagrado en la arquitectura española contemporánea*. Zaragoza: Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia.
- Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã (2002). *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2005. 6ª ed. Edição original de 1988.
- Comissão Episcopal para a Liturgia de Itália (2018). *A adaptação das Igrejas: Segundo a reforma litúrgica*.
- Commissione Episcopale per la Liturgia Italiana (1993). *Progettazione di nuove chiese*. Roma.
- Conferência Episcopal Portuguesa (1990). *Pontifical Romano: Dedicção da Igreja e do Altar*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (2008). *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Edições CNBB. Edição original de 1997.

- Costa, J. (2019). *Livro básico das religiões, seitas e crenças*. Brasil: Clube de Autores.
- Cruz, P. (2014). *Identità tritica: della rappresentazione, della discrezione e del dialogo*. Seminario internazionale La Chiesa nella Città a 50 anni dal Concilio Vaticano II. Itália.
- Clemente, M. (2010). *A Igreja no Tempo*. Lisboa: Grifo Editores.
- Cunha, J. A. (2009). *Apontamentos sobre o diálogo com os arquitetos*. Recuperado em Junho de 2020 de https://www.snpcultura.org/tvb_apontamentos_sobre_o_dialogo_com_os_arquitectos.html.
- Cunha, J. A. (2014). *O MRAR e os anos de ouro na arquitetura religiosa em Portugal no século XX. A ação do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. Prova de Doutoramento em Arquitetura. Faculdade de Arquitectura da Universidade Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Delgado, J. (2016). *Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima reabre a 2 de fevereiro*. Recuperado em Julho de 2020 de <https://www.fatima.pt/pt/news/basilica-de-nossa-senhora-do-rosario-de-fatima-reabre--a-2-de-fevereiro-2016-01-25>.
- Direção Regional de Cultura do Norte. (s.d.). *Mosteiro da Serra do Pilar*. Recuperado em Setembro de 2020 de <https://www.culturanorte.gov.pt/patrimonio/mosteiro-da-serra-do-pilar/>.
- Duffy, E. (1998). *Santos & Pecadores: história dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Eclesia. (2019). *Prémio Ratzinger: Dever da Teologia é o diálogo – Papa Francisco*. Recuperado em Março de 2020 de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/premio-ratzinger-dever-da-teologia-e-o-dialogo-papa-francisco/>.
- Église St Ignace. (s.d.). *L'aménagement*. Recuperado em Fevereiro de 2020 de <https://stignace.net/lamenagement/>.
- Erpen, J. (2018). *João XXIII segue os passos de Pio XII na liturgia*. Recuperado em Agosto de 2019 de <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-11/concilio-vaticano-ii-liturgia-joao-xxiii-pio-xii.html>.
- Estivill, D. (2014). *Apuntes sobre arquitectura sacra contemporánea. Cuestiones Teológicas*. (Vol.4, n.95, pp.41-74). Medellín-Colombia.
- Fazzini, L. (2010). *Solesmes: o reino do Gregoriano*. Recuperado em Março de 2019 de https://www.snpcultura.org/vol_solesmes.html.
- Felix, M. (1964). *Octavius*. Paris: Les Belles Lettres.

- Ferreira, G. C. (2000). *Pórtico do Jubileu*. Recuperado em Julho de 2020 de <https://www.cunhaferreira-arquitectos.pt/pt/portico-do-jubileu-fotografias>.
- Ferreira, G. C. (2020). *Conversa com o arquiteto Gastão da Cunha Ferreira, em Junho de 2020*.
- Fontes, A. C. (2020). *Conversa com o arquiteto António Cerejeira Fontes, em Junho de 2020*.
- Gaspar, M. (1983). A Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Boletim de Pastoral litúrgica* nº32, (pp.10-16). Secretariado Nacional da Liturgia, Aveiro.
- Gatti, V. (2001). *Liturgia e Arte: I Luoghi della Celebrazione*. Bologna: Grafiche Dehoniane.
- Gieselmann, R. (1972). *Contemporary church architecture*. Stuttgart: Verlag Gerd Hatje.
- Gomes, J. R. (2010). O Concílio Vaticano II e a arte: uma abordagem à teologia do espaço litúrgico, *Revista Humanística e Teologia*, Tomo XXXI - Fasc. 2. (pp.127-153). Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Gomes, P. V. (2001) *Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVII - A Planta Centralizada*. Porto: FAUP.
- Goodreads (s.d.). *Earle E. Cairns*. Recuperado em Março de 2019 de https://www.goodreads.com/author/show/462630.Earle_E_Cairns.
- Guardini, R. (2017). *Sinais Sagrados*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia. 2ªed. Edição original de 1922.
- Guardini, R. (2019). *El espíritu de la liturgia*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica. Edição original de 1918.
- Guitton, J. (1966). *Diálogos com Paulo VI*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Heathcote, E.; Spens, I. (1997). *Church builders*. Wiley-Academy.
- Henze, A.; Filthaut, T. (1957). *Contemporary Church Art*. New York: Sheed & Ward. Edição original de 1856.
- Igreja Católica (2007). *Código do Direito Canónico: Promulgado por S.S. o Papa João Paulo II*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. (4ª ed). Edição original de 1983.
- Igreja Católica (1976). *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. (7ª ed). Edição original de 1966.

- Igreja Católica (1993). *Catecismo da Igreja católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Igreja Católica (1998). *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia. (2ª ed). Edição original de 1964.
- Junta de Freguesia de Quiaios. (s.d.). *Igreja Paroquial de Quiaios*. Recuperado em Julho de 2020 de http://jf-quiaios.pt/verpatrimonio.php?id_patrimonio=17.
- Laboa, J. (2002). *Historia de la Iglesia IV: Época Contemporánea*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Lawrence, A. W.; Tomlinson, R. A. (1996). *Greek Architecture*. London and New Haven: Yale University Press.
- Libâneo, J. (2005). Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. *Cadernos Teologia Pública* Ano 2, nº16. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos.
- Lima, M. (2010). *O Espaço Celebrativo segundo a imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola.
- Lopes, C. N. (2020). *Conversa com o Padre Padre Carlos Noronha Lopes, pároco da igreja de Quiaios, em Agosto de 2020*.
- Machado, R. (2001). *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas.
- Magalhães, A. (2020). *Conversa com o Padre Arlindo Magalhães, pároco da igreja da Serra do Pilar, em Setembro de 2020*.
- Milheiro, A; Salema, I., (2004). *Queríamos criar um espaço para a vida moderna*. Recuperado em Janeiro de 2020 de https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EMvKU_-L O 9 Y J : h t t p s : / / i m a g e n s . p u b l i c o . p t / i m a g e n s . a s p x / 1026942%3Ftp%3DUH%26db%3DIMAGENS%26type%3DPDF%26dl%3D1%26fln%3Dentrevista2004.pdf+%cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&client=safari.
- Marini, G. (2010). *Introdução ao espírito da liturgia*. Cidade do Vaticano. Recuperado em Maio de 2019 de <https://www.presbiteros.org.br/introducao-ao-espírito-da-liturgia/>.
- Marques, J. (2006). *Descobrir o Invisível*. Prova de Licenciatura em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Marques, J. L. (2007). *A igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

- Marques, J. L. (2019). "Como pode [um homem] nascer, novo sendo velho?". *RP - Revista Património*.
- Mello, R. (2007). *Introdução à arquitetura religiosa e evolução da igreja cristã na tradição católica apostólica romana*. Prova de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Milan, D.; Matos O. (Eds.). (2015). *Gemas da Terra, imaginação estética e hospitalidade*. São Paulo: edições Sesc.
- Miranda, B. (s.d.). *Reconfiguração do espaço litúrgico, igreja do colégio s. joão de brito, lisboa, 2001/2002*. Recuperado em Maio de 2020 de <http://www.bpmiranda.pt>.
- Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Miranda, B. (2018). Pensar hoy un lugar para la liturgia. *Arquitectura y Cultura*, Santiago de Chile, No10, pp. 98-117.
- Molinero, A. (2019). *O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia*. Paulus.
- Nicolau, M. (1968). *Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Litúrgica*. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração.
- Oliveira, C. (s.d.). *Igreja da Serra do Pilar*. Recuperado em Maio de 2020 de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71225>.
- Oliveira, M. (1998). O Mosteiro do Salvador: Um projecto do Século XVI, *Revista Monumentos*, Direcção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
- Oliveira, D. (2010). *A produção do espaço sagrado na arquitectura contemporânea*. Prova de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Oliveira, C. (2017). *Igreja Paroquial de Quiaios*. Recuperado em Junho de 2020 de <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/3754444>.
- Papa Bento XVI (2006). *Audiência Geral, Quarta-feira, 22 de Fevereiro 2006*. Retirado em Setembro de 2020 de http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060222.html

- Papa Bento XVI (2009). Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro com os artistas na capela sistina. Recuperado em Outubro de 2019 de http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artisti.html.
- Papa Bento XVI. (2013). *Bento XVI: O Vaticano II, tal como eu o vivi*. Recuperado em Maio de 2019 de <https://www.youtube.com/watch?v=YoNTBpo9R9k>.
- Papa Francisco. (2013). *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma.
- Papa Francisco. (2017). *Discurso do Papa Francisco aos participantes na 68ª semana litúrgica nacional*. Vaticano.
- Papa Francisco. (2019). *Papa homenageia “cristãos perseguidos” forçados a esconderem-se para celebrar Eucaristia*. Recuperado em Fevereiro de 2020 de <https://expresso.pt/internacional/2019-11-02-Papa-homenageia-cristaos-perseguidos-forcados-a-esconderem-se-para-celebrar-Eucaristia>.
- Papa João Paulo II. (1988). *Vicesimus Quintus Annus*. Vaticano.
- Papa João Paulo II. (1999). *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*. Vaticano.
- Papa João Paulo II (2003). *Audiência Geral, Quarta-feira, 26 de Fevereiro de 2003, Todos os seres vivos louvem ao Senhor*. Recuperado em Abril de 2020 de https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20030226.html.
- Papa Pio XI. (1928). *Divinus Cultus sanctitatem*. Roma.
- Papa Pio XII. (1947). *Mediator Dei*. Castel Gandolfo.
- Pereira, P. (2014). *Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates.
- Paolucci A. (2013). *Ancora manca il modello, L'osservatore Romano*. L'osservatore Romano: Vaticani Recuperado em janeiro de 2019 http://m.museivaticani.va/content/dam/museivaticani/pdf/musei_papa_saluto_direttore_rassegna_2013/osservatore_romano/MV_130518_Ancora_manca_il_modello.pdf.
- Perna, R. (2018). Arte e Fé voltam a juntar-se na Bienal de Veneza. Recuperado em Junho de 2020 de <https://familiacrista.paulus.pt/arte-e-fe-voltam-a-juntar-se-na-bienal-de-veneza>.
- Pereira, N. (1951). Algumas observações às críticas apontadas ao projecto da nova igreja paroquial das Águas. *Ala - Jornal dos Universitários Católicos de Portugal*, 2-3.

- Rafine, A. (s.d.). La polarité dynamique de l'église Saint Ignace – Paris. Recuperado em Fevereiro de 2020 de <http://archiliturgique.free.fr/index.php/la-polarite-dynamique-de-leglise-saint-ignace-paris/>.
- Ratzinger, J. (2001). Introdução ao espírito da liturgia. Prior Velho: Paulinas. 5ªed. Edição original de 1968.
- Ratzinger, J. (2005). *Introducción al cristianismo*. Salamanca: Ediciones Sígueme. 16ªed. Edição original de 2001.
- Ratzinger, J. (2012). *Obras completas XI Teología de la liturgia*. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos.
- Ribeiro T. (1990). *D. Jaime*. Lisboa: Europress.
- Richter, K. (2005). *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2. Edição original de 1998.
- Rodrigues M. (2018). Palavra de Deus e espacialidade litúrgica: Configurações sob o impulso do Concílio Vaticano II. Prova de Mestrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia.
- Romanato, G. (2019). *Vaticano I: 150 anos do concílio que decretou a infalibilidade papal*. Recuperado em Janeiro de 2020 de https://www.snpcultura.org/vaticano_i_150_anos_do_concilio_que_decretou_infalibilidade_papal.html.
- Roque, M. (2004). *Altar Cristão, evolução até à reforma católica*. Lisboa, Universidade Lusíada Editora.
- Rosa V. (1965). *A renovação do interior duma igreja: Santa Isabel, em Lisboa*. *Arquitectura* nºs 89.90, 185-189.
- Rupnik, M. I. (2005). Applicazione del Concilio: quale arte per la liturgia?, *Notitiae*, 471-491.
- Sagrada Congregacion de ritos y consilium para la reforma liturgica (s.d.). *Eucharisticum Mysterium: Instrucción sobre el culto a la sagrada eucaristía*. Santiago, Ediciones Paulinas. Edição original de 1967.
- Santos, P. (2015). *Santuário de Fátima: projeto para a construção do novo presbitério do Recinto de Oração*. Recuperado em Julho de 2020 de <https://www.youtube.com/watch?v=w1Q6j0AVDOY>.

- Santos, N. (2020). *Esperança: Criatividade e coragem da Igreja, com o padre Nuno Santos*. Recuperado em Abril de 2020 de <https://agencia.ecclesia.pt/portal/esperanca-criatividade-e-coragem-da-igreja-com-o-padre-nuno-santos-emissao-16-04-2020/?fbclid=IwAR2Y5fgx7Zh6pZlrdzfuSb8HE2l83DQM-UAfK7rtJmjny0C42jyPYbj3RWE>.
- Sartore, D.; Triacca A. (1992). *Dicionário de Liturgia*. Lisboa: Edições Paulinas.
- Secretariado Nacional de Liturgia (2003). *Instrução Geral do Missal Romano*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Serrão, V. (2020). *As telas joséficadas da igreja de santa isabel*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Siza A. (2018) *O bonito, o feio, o janota e o efeito Miles Davis na arquitectura*. Recuperado em Janeiro de 2020 de <https://www.publico.pt/2018/02/25/culturaipsilon/entrevista/o-bonito-o-feio-o-janota-e-o-efeito-miles-davis-na-arquitectura-1804242>.
- Upjohn, E.; Wingert, P.; Mahler, J. (1965). *História Mundial da Arte*. (Vol. 2). Lisboa: Bertrand. Edição original de 1949.
- Vale, T.; Ferreira, M.; Costa, S. (2001). *Igreja Paroquial de Santa Isabel*. Recuperado em Junho de 2020 de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=10524.
- Zahner, W. (2007). La construcción de iglesias en Alemania durante los siglos XX y XXI. pp. 38-71. Cobián E. (e.d). *Arquitecturas de lo sagrado Memoria y proyecto*. Coruña: Netbiblo.

SIGLAS:

Act - Actos dos Apóstolos

Ap - Apocalipse de João

Gn - Génesis

Ez - Profeta Ezequiel

Mc - Evangelho de S. Marcos

Mt - Evangelho de S. Mateus

Dt - Deuterónimo

Jl - Profeta Joel

Ex - Êxodo

Ne - Neemias

Rm - Carta aos Romanos

Jo - Evangelho de S. João

(in *Bíblia Sagrada: Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica. (2002).)

CDC - Código do Direito Canónico

(in Igreja Católica (2007). *Código do Direito Canónico: Promulgado por S.S. o Papa João Paulo II*. (4ª ed). Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. Edição original de 1983.)

CIC - Catecismo da Igreja Católica

(in Igreja Católica (1993). *Catecismo da Igreja Católica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra)

EM - *Eucharisticum Mysterium*

(in Sagrada Congregacion de ritos y consilium para la reforma liturgica (s.d.). *Eucharisticum Mysterium: Instrucción sobre el culto a la sagrada eucaristía*. Santiago, Ediciones Paulinas. Edição original de 1967.

IGMR - Instrução Geral do Missal Romano

(in Secretariado Nacional de Liturgia (2003) *Instrução Geral do Missal Romano*. (3ªed.). Coimbra: Gráfica de Coimbra)

IO - *Inter Oecumenici*

(in Igreja Católica (1998). *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*. (2ª ed). Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia. Edição original de 1964.)

LO - Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos

(in Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã (2002) *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*. (6ª ed). Coimbra: Gráfica de Coimbra 2005. Edição original de 1988.)

MR - Missal Romano

(in Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos (2008). *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Edições CNBB. Edição original de 1997.)

PO - Decreto *Presbyterorum Ordinis*

(in Igreja Católica (1976). *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. (7ª ed). Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração)

RDIA - Ritual da Dedicção da igreja e do altar

(in Conferência Episcopal Portuguesa (1990) Pontifical Romano: Dedicção da Igreja e do Altar. Coimbra: Gráfica de Coimbra)

SC - Constituição *Sacrosantum Concilium*

(in Igreja Católica (1976). *Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. (7ª ed). Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração)

SUMÁRIO DE FIGURAS:

Fig. 1 - Planta esquemática do Tabernáculo baseada num desenho publicado no blogue anobiblico

Fonte: <http://anobiblico.blogspot.com/2016/01/exodo-25-31-e-35-40-o-tabernaculo-mini.html?m=1>

Fig.2 - Planta do Templo de Salomão baseada num desenho de Isaac Newton

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Isaac_Newton%27s_Temple_of_Solomon

Fig. 3 - Planta da Sinagoga da Dura Europus baseada num desenho publicado pela Yale Univ. Art Gallery

Fonte: <https://chayacassano.commons.gc.cuny.edu/history/history-of-the-synagogue-and-of-the-jews-in-dura-europos/>

Fig.4 - Planta da Basílica e Catacumbas de Domitilla baseada num desenho publicado no blogue mvrarquitectura

Fonte: <http://martuscavr.blogspot.com/2014/01/las-catacumbas-cristianas-de-roma-iii.html>

Fig. 5 - Planta da casa-igreja da Dura Europos baseada num desenho publicado pela Brooklyn College

Fonte: <http://academic.brooklyn.cuny.edu/classic/wilson/classics%2037/sources5/12dura>

Fig. 6 - Planta da Basílica de Constantino/Maxêncio baseada num desenho existente na wikipedia.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Max%C3%A2ncio

Fig. 7 - Planta do complexo constantiniano do Santo Sepulcro de Jerusalém baseada no desenho de Abel, F. Dictionnaire d'Archeologic. Paris: Cbretienne

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/507992032953752375/>

Fig. 8 - Planta da Basílica de S. Pedro baseada num desenho publicado no site mediterranees

Fonte: https://mediterranees.net/art_antique/monuments/Obelisques/vatican.html

Fig. 9 - Arquibasílica de São João de Latrão, séc. IV, Roma, Itália

Fonte: <https://www.deviantart.com/erhansasmaz/art/Basilica-di-San-Giovanni-in-Laterano-2-299978723>

Fig. 10 - Imagem da igreja Panagia Parigoritissa, séc. XIII, Arta, Grécia

Fonte: <https://greece-moments.com/epirus-arta/>

Fig. 11 - Representação da vida monástica

Fonte: <https://medium.com/@marinafancello/a-igreja-cat%C3%B3lica-e-o-monaquismo-1-7-6f351b84868f>

Fig. 12 - Igreja de Santa Maria Assunta, séc.VII, Veneza, Itália

a. Planta inspirada num desenho publicado por Fabio Gorini

Fonte: Desenho produzido pelo autor

b. Imagem retirada da nave da Igreja

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/87609155223841541/>

c. Imagem retirada do presbitério da Igreja

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/330592428895230969/>

Fig. 13 - Sé do Funchal, séc. XVI, Madeira, Portugal

Fonte: <http://aprenderamadeira.net/se-do-funchal/>

Fig. 14 - Igreja do Santo Condestável, séc.XX, Lisboa, Portugal

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File-Igreja_do_Santo_Condest%C3%A1vel,_Lisboa_2017-02-08.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Igreja_do_Santo_Condest%C3%A1vel,_Lisboa_2017-02-08.png)

Fig. 15 - Planta da Sé do Porto baseada numa publicação da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Fonte: <https://www.iberlibro.com/S%C3%89-CATEDRAL-PORTO/22753678292/bd#&gid=1&pid=4>

Fig. 16 - Igreja da Abadia de São Pedro de Solesmes, séc.XXI, Solesmes, França

a. Interior da Igreja

Fonte: <https://www.lesalonbeige.fr/millenaire-de-labbaye-de-solesmes-1010-2010-programme-des-festivites/>

b. Interior da Igreja no momento da celebração da Eucaristia

Fonte: <https://www.briottieres.com/activites/chants-gregoriens-abbaye-de-solesmes/>

Fig. 17 - Celebração da Eucaristia numa Igreja de acordo com o rito Tridentino

Fonte: <https://apologetica.net.br/2018/07/13/dois-irmaos-um-estranho/rito-tridentino/>

Fig. 18 - Celebração da Eucaristia ao ar livre de acordo com o rito Romano

Fonte: http://www.vozdaverdade.org/site/index.php/id=6568&cont_=ver2

Fig. 19 - Esquemas de Rudolf Schwarz da Sala dos Cavaleiros do Palácio de Rothenfels

Fonte: Desenho produzido pelo autor sobre imagem de Bernardo Miranda em Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Fig. 20 - Retrato de José Escada do coletivo de membros do MRAR

Fonte: <https://gulbenkian.pt/museu/nao-evoluo-viajo/joie-de-vivre/sem-titulo-retrato-coletivo-membros-do-mrar/>

Fig. 21 - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, 1962, Lisboa, Portugal, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Interior_nave_igreja_sagrado_coracao_jesus_lisboa.jpg

Fig. 22 - Igreja de Nossa Senhora da Assunção, 1964, Almada, Portugal, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_da_Nossa_Senhora_da_Assun%C3%A7%C3%A3o_-_Almada

Fig. 23 - Celebração da Eucaristia durante a primeira Guerra Mundial

Fonte: <http://senzapagare.blogspot.com/2018/11/a-santa-missa-durante-primeira-guerra.html>

Fig. 24 - Igreja de St. Fronleichnam, 1928-1930, Aachen, Alemanha, Rudolf Schwarz

Fonte: <https://newchurcharchitecture.wordpress.com/2014/03/23/st-fronleichnam-rudolf-schwarz/>

Fig. 25 - Steel Church, 1929, Colónia, Alemanha, Otto Bartning

Fonte: <https://www.stuttgarter-nachrichten.de/gallery.architekt-otto-bartning-aus-karlsruhe-der-miterfinder-des-bauhauses.66236584-4e18-462e-ae21-7870b6b587c5.html/id/91531882-2767-4938-b288-0252c77a4f56>

Fig. 26 - Igreja Paroquial de Heilig-Kreuz, 1939, Dulmen, Alemanha, Dominikus Bohm
Fonte: https://www.heilig-kreuz-duelmen.de/kreuz12/jupgrade/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=67&Itemid=19

Fig. 27 - Catedral de Santa Maria a Real de Almudena, 1883/1993, Madrid, Espanha, Francisco de Cubas, Enrique María Repullés, Fernando Chueca, Carlos Sidro
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/aragao/10712945574>

Fig. 28 - Celebrações da Eucaristia durante a segunda Guerra Mundial

a. Celebração da Eucaristia ao ar livre

Fonte: <https://pt.churchpop.com/14-fotos-incriveis-de-missas-em-zonas-de-guerra/>

b. Celebração da Eucaristia na Catedral devastada de Hiroshima

Fonte: <https://fratresinunum.com/2015/08/08/os-jesuitas-protegidos-por-nossa-senhora-de-fatima-em-hiroshima/>

Fig. 29 - Restauro de uma igreja após danos sofridos na Segunda Guerra Mundial, Colónia, Alemanha, Emil Steffann

Fonte: <http://s4sa.org/franciscan-church,-cologne,-germany.html>

Fig. 30 - Igreja Notre Dame Du Raincy, 1922, Le Raincy, França, August e Gustave Perret

Fonte: <http://manuelcohen.photoshelter.com/image/I0000EVdKYNUY0ck>

Fig. 31 - João XXIII a assinar o documento que convocou o Concílio Vaticano II

Fonte: https://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html

Fig. 32 - Documentos do Concílio Vaticano II

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 33 - Igreja de Notre-Dame du Haut, 1955, Ronchamp, France, Le corbusier

Fonte: <https://www.inexhibit.com/mymuseum/notre-dame-du-haut-le-corbusier-ronchamp-chapel/>

Fig. 34 - Entrada dos Padres Conciliares na Basílica de S. Pedro, Outubro 1962

Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo.html

Fig. 35 - Sessão de abertura do Concílio, Outubro 1962

Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo.html

Fig. 36 - Papa João XIII durante a Procissão de abertura do Concílio

Fonte: <https://lentehistorica.tumblr.com/post/102197399547/11101962-vaticano-papa-jo%C3%A3o-xxiii-durante>

Fig. 37 - Papa João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II

Fonte: https://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html

Fig. 38 - Papa Paulo VI presidindo à celebração da primeira Missa em italiano depois do Concílio, Paróquia Romana de Todos os Santos, 7 de Março de 1965

Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/540538-homilia-de-paulo-vi-na-primeira-missa-em-italiano-depois-do-concilio>

Fig. 39 - Papa Paulo VI durante a homilia da missa de domingo de páscoa na praça de São Pedro, Cidade do Vaticano, Itália, 29 de Março de 1970

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/455356212323901781/>

Fig. 40 - Abertura da segunda sessão, 1963

Fonte: https://www.snpcultura.org/concilio_vaticano_ii_origem_e_documentos.html

Fig. 41 - Imagem de uma das sessões do Concílio, no interior da Basílica de S. Pedro, que mostra a configuração como se encontravam

Fonte: <https://www.fsspx.es/es/news-events/news/¿qué-debe-pensarse-sobre-el-concilio-vaticano-ii-46068>

Fig. 42 - Missa presidida pelo Papa Paulo VI, Dezembro 1965

Fonte: https://www.snpcultura.org/vol_concilio_vaticano_ii_memorias_de_um_tempo_novo

Fig. 43 - Papa João XXIII a conversar com o seu sucessor, o futuro Papa Paulo VI

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/325033298101504397/>

Fig. 44 - Cardeal Frings e seu jovem assessor teológico no Concílio, Pe. Joseph Ratzinger

Fonte: <http://pastorbonusimp.blogspot.com/2012/10/foi-uma-jornada-esplendida-recorda.html?m=0>

Fig. 45 - Papa São João XXIII instantes antes de anunciar o Concílio

Fonte: <https://www.acidigital.com/noticias/ha-60-anos-foi-anunciado-o-concilio-vaticano-ii-por-sao-joao-xxiii-76987>

Fig. 46 - Reunião Padres Conciliares

Fonte: <https://www.catolicosalerta.com.ar/concilio-vaticano2/recordando-concilio>

Fig. 47 - Esquema *Declaratio*

Fonte: Esquema realizado pelo autor

Fig. 48 - Padres Conciliares na Basílica de S. Pedro, Roma

Fonte: <https://fratresinunum.com/tag/uma-historia-nunca-escrita/>

Fig. 49 - Quadro comparativo

Fonte: Esquema realizado pelo autor

Fig. 50 - Papa Paulo VI

Fonte: <http://paroquiadomuro.blogspot.com/2013/08/o-papa-paulo-vi-faleceu-ha-35-anos>

Fig. 51 - Papa João Paulo I

Fonte: http://www.igrejaortodoxahispanica.com/Biografias/Joao_Paulo_I

Fig. 52 - Papa João Paulo II

Fonte: <https://www.pinterest.com.mx/pin/532972937131734348/>

Fig. 53 - Papa Bento XVI

Fonte: https://www.ovale.com.br/_conteudo/brasil/2020/01/95213-celibato--bento-xvi-rejeita--duas-vocacoes-ao-mesmo-tempo.html

Fig. 54 - Papa Francisco

Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-04/papa-francisco-reza-pela-uniao-da-europa>

Fig. 55 - Tabuleiro de Xadrez

Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/xadrez-o-que-veio-primeiro-o-jogo-ou-a-estampa/>

Fig. 56 - Capela de S. Miguel, Universidade de Coimbra

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/univdecoimbra/14666341298>

Fig. 57 - Igreja de São Francisco, Porto

Fonte: <http://ordemsaofrancisco.pt/noticia/a-beleza-da-igreja-do-convento-de-sao-francisco-do-porto/>

Fig. 58 - Igreja de São Roque, Lisboa

Fonte: <https://mais.scml.pt/museu-saoroque/reliquias-e-relicarios-de-sao-roque/>

Fig. 59 - Pintura da criação de Adão, pintada por Michelangelo, no tecto da Capela Sistina

Fonte: https://www.campanicultural.com.br/2014/04/a-criacao-de-adao_21.html

Fig. 60 - Capela de Campo Bruder Klaus, Mechernich, Alemanha, 2007, Peter Zumthor

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/601283/feliz-aniversario-peter-zumthor>

Fig. 61 - Mosteiro de Tibães

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Tib%C3%A3es

Fig. 62 - Igreja Paroquial de Ançã

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 63 - Capela de S. Bento, Vila do Conde

Fonte: <https://viladoconde.com/capela-de-sao-bento/>

Fig. 64 - Capela do Cemitério de Agramonte

Fonte: <https://altasensibilidade.blogs.sapo.pt/capela-do-cemiterio-de-agramonte-145875>

Fig. 65 - Igreja da Abadia Abbey de Nossa Senhora de Nový Dvůrat, 1999-2004, Bohemia, Czech Republic, John Pawson

a. Celebração diurna

Fonte: <http://www.johnpawson.com/journal/seasons-and-cycles>

b. Celebração noturna

Fonte: <http://www.johnpawson.com/journal/seasons-and-cycles>

Fig. 66 - Escultura The world becomes silent, 2004, Jardim da Sereia, Coimbra, Rui Chaves

Fonte: <https://ruichaves.net/>

Fig. 67 – Confissão

Fonte: <https://otcarmo.org/confissao-sacramental/>

Fig. 68 - Leitura das Horas

Fonte: <https://padrepauloricardo.org/episodios/o-que-e-a-liturgia-das-horas-e-qual-a-sua-importancia>

Fig. 69 - Oração Individual

Fonte: https://www.turismo.gal/recurso/-/detalle/3444/catedral-de-santiago-de-compostela?langId=pt_PT&tp=8&ctre=30

Fig. 70 - Adoração Eucarística

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 71 - Capela do Convento das Capuchinhas, 1960, Cidade do México, Luis Barragán

Fonte: <http://moleskinearquitectonico.blogspot.com/2008/08/capilla-de-las-capuchinas-barragn.html>

- Fig. 72 - Confessionário da Igreja Paroquial de São Salvador de Figueiredo, 2004, Braga, Paulo Providência
Fonte: Fotografia captada pelo autor
- Fig. 73 - Capela Cheia de Graça, Braga, reabilitada em 2017, Cerejeira Fontes
Fonte: Fotografia captada pelo autor
- Fig. 74 - Capela do Santíssimo Sacramento da Igreja de Cedofeita, reabilitada em 2017, Porto, Cerejeira Fontes
Fonte: Fotografia captada pelo autor
- Fig. 75 - Cristo de São João da Cruz, 1951, Salvador Dalí
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/312789136596746502/>
- Fig. 76 - Igreja da abadia Beneditina de Pannohalma, séc. XX, Hungria, reabilitada em 2014 por John Pawson
Fonte: <https://divisare.com/projects/304186-john-pawson-tamas-bujnovszky-archabbey-of-pannonhalma>
- Fig. 77 - Representação da última Ceia, Mihai Coman
Fonte: <https://www.pinterest.com/casal0163/institui%C3%A7%C3%A3o-da-eucaristia/>
- Fig. 78 - Pintura do séc. IV, catacumbas de Domitila, Roma, autor desconhecido
Fonte: <https://www.semprefamilia.com.br/blogs/acreditamosnoamor/15-imagens-dos-primeiros-seculos-do-cristianismo-retratando-jesus-e-os-apostolos/>
- Fig. 79 - Pintura do séc. II-IV, catacumbas de Proscila, Roma, autor desconhecido
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Catacumba_de_Priscila
- Fig. 80 - Mosaico do séc. VI, Basílica de Santo Apolinário Novo, Ravena, autor desconhecido
Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ravenna,_sant%27apolinare_nuovo_ultima_cena_\(inizio_del_VI_secolo\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ravenna,_sant%27apolinare_nuovo_ultima_cena_(inizio_del_VI_secolo).jpg)
- Fig. 81 - Mosaico do séc. IV-V, Baptistério da igreja de São João, Florença, autor desconhecido
Fonte: <https://pt.dreamstime.com/saint-john-florence-ital-de-bapistry-da-ab%C3%B3bada-do-mosaico-%C3%BAltima-ceia-cristo-image126203457>
- Fig. 82 - Pintura do séc. XV, Catedral de Segorbe, Jaume Baçó
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaume_Ba%C3%A7%C3%B3
- Fig. 83 - Pintura do séc. XVI, Master of Portillo
Fonte: <https://fineartamerica.com/featured/the-last-supper-master-of-portillo.html>
- Fig. 84 - Esquema sobre o altar
Fonte: Esquema realizado pelo autor
- Fig. 85 - Basílica de Eufasiana, séc. II-IV, Porec, Croácia
Fonte: <https://adventurescroatia.com/the-churches-basilicas-and-cathedrals-of-croatia-divinely-inspired-architecture/>
- Fig. 86 - Igreja de Santa Maria de Gondar, séc. XIII, Amarante, Portugal
Fonte: <https://www.rotadoromanico.com/canaljuvenil/monumentos/show.aspx?idmonumento=122&title=igreja-de-santa-maria-de-gondar&idioma=pt>

Fig. 87 - Igreja da Sé Velha, séc. XII-XII, Coimbra, Portugal (retábulo-mor, séc. XV-XVI, Olivier de Gand e Jean d'Ypres)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9_Velha_de_Coimbra

Fig. 88 - Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, séc. XVII-XVIII, Rio de Janeiro, Brasil

Fonte: <https://www.viajarcorrendo.com.br/2018/11/igreja-ordem-terceira-de-sao-francisco-da-penitencia.html>

Fig. 89 - Igreja de São Nicolau, séc. XIII, Lisboa

Fonte: <https://www.paroquiaaonicolau.pt/fotos-da-missa-rorate/>

Fig. 90 - Imagens de Missas num campo de férias do Camtil

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 91 - Altar igreja de Cedofeita, Porto

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 92 - Altar igreja da Serra do Pilar, Gaia

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 93 - Sé de Lisboa

Fonte: <http://pilulasliturgicas.blogspot.com/2018/12/25-anos-de-ordenacao-do-conego-luis.html>

Fig. 94 - Capela do Mosteiro Beneditino da Santíssima Trindade, 1964, Santiago do Chile, Gabriel Guarda e Martín Correa

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/01-48834/classicos-da-arquitetura-capela-do-monasterio-beneditino-gabriel-guarda-e-martin-correa/puc-faba_1289573908-b57

Fig. 95 - Igreja de São Pedro Mártir, 1958, Madrid, Miguel Fisac

Fonte: <https://www.metalocus.es/en/news/san-pedro-martir-theologate-set-dominican-fathers-miguel-fisac>

Fig. 96 - Celebração da Páscoa na Igreja rupestre de Maryam Korkorna, Etiópia

Fonte: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/1140-fe-escavada-rochas-sagradas-etioopia-ago2016>

Fig. 97 - Basílica Papal de São Lourenço Fora dos Muros, séc. VI, Roma

a. Imagem retirada da nave da Igreja

Fonte: <https://www.romeartlover.it/Vasi46sl.html>

b. Ambão da Epistola

Fonte: http://www.gliscritti.it/gallery3/index.php/album_074/San-Lorenzo-fuori-le-mura-Roma-064

c. Ambão do Evangelho

Fonte: <https://www.mediaforme.net/?p=13867>

Fig. 98 - Basílica de São Clemente, séc. IV-XII, Roma

a. Imagem retirada da nave da Igreja

Fonte: <http://conoscere.ilbello.com/Roma/Basilica%20di%20San%20Clemente/index.html>

b. Ambão do lado da schola cantorum

Fonte: <https://www.teggelaar.com/en/rome-day-3-continuation-9/>

Fig. 99 - Catedral Notre-Dame-et-Saint-Castor, Nîmes, França, séc.XI

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_de_catedrais_e_grandes_igrejas

Fig. 100 - Catedral de Pisa, Pisa, Itália, séc.XI

Fonte: [https://br.pinterest.com/pin/447334175490494152/?amp_client_id=CLIENT_ID\(&mweb_unauth_id=&url=https%3A%2F%2Fbr.pinterest.com%2Famp%2Fpin%2F447334175490494152%2F&from_amp_pin_page=true](https://br.pinterest.com/pin/447334175490494152/?amp_client_id=CLIENT_ID(&mweb_unauth_id=&url=https%3A%2F%2Fbr.pinterest.com%2Famp%2Fpin%2F447334175490494152%2F&from_amp_pin_page=true)

Fig. 101 - Igreja do mosteiro de Huerta, Sória, Espanha, séc.XII

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%BAlpito>

Fig. 102 - Catedral Santa Maria Assunta, Siena, Itália, séc.XIII

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/423338433722916775/>

Fig. 103 - Catedral de São Lourenço, Trapani, Itália, séc. XV

Fonte: https://www.tripadvisor.ca/LocationPhotoDirectLink-g494955-d8069938-i182128898-Cattedrale_di_San_Lorenzo-Trapani_Province_of_Trapani_Sicily.html

Fig. 104 - San Giovanni Maggiore, Borgo San Lorenzo, Itália, séc.XVI

Fonte: <https://tuttatoscana.net/itinerari-2/san-giovanni-maggiore-a-panicaglia/>

Fig. 105 - Igreja de São Sulpício, Paris, França, séc. XVII

Fonte: <http://rio-maior-cidania.blogspot.com/2010/01/igreja-matriz-de-nossa-senhora-do.html>

Fig. 106 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Azambujeira, Portugal, séc. XVII

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/338755203217757850/>

Fig. 107 - Igreja de Gesù Nuovo, Nápoles, Roma, séc. XVIII

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%BAlpito#Amb%C3%A3o>

Fig. 108 - Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Portugal, Álvaro Siza

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 109 - Igreja de Firminy, 1960/2006, França, Le Corbusier

Fonte: <https://www.pinterest.ca/pin/159948224242680669/>

Fig. 110 - Igreja do Campus de San Joaquín, 1997, Chile, Teodoro Fernández

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 111- Ambão da igreja da Serra do Pilar, Gaia

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 112- Ambão da igreja de São Marinho de Cedofeita, Porto

Fonte: Fotografia cedida por Joaquim Félix

Fig. 113 - Igreja de Santa Clara, Porto

Fonte: <https://www.publico.pt/2019/08/14/local/noticia/igreja-santa-clara-vai-retomar-obras-sera-devolvida-cidade-2020-1883436>

Fig. 114 - Capela do Santíssimo, 2007, Miquel Barceló, Catedral de Palma de Maiorca

Fonte: <https://paulardenne.wordpress.com/2017/03/03/devotion-et-esthetisation-a-majorque/>

Fig. 115 - Sacrário da igreja do campus de San Joaquín da Universidade Católica do Chile, 1997, Teodoro Fernández

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 116 - Tabernáculo da Capela árvore da vida, 2012, Asbjörn Andresen

Fonte: Fotografia retirada de Carvalho, J. (2019). Arte Litúrgica com amor: criações das novas Capelas de Braga. *Masf Journal*, nº2.

Fig. 117 - Batistério da Basílica de São João de Éfeso, séc. II/VI, Turquia

Fonte: <http://ars-the.blogspot.com/2018/11/o-lugar-do-batisterio-na-igreja.html>

Fig. 118 - Batistério Neoniano de Ravena, séc. IV/V, Itália

Fonte: <https://ensina.rtp.pt/atualidade/descoberto-segundo-batisterio-paleocristao-em-mertola/>

Fig. 119 - Batistério em Mértola, séc. V/VI, Portugal

Fonte: <https://br.depositphotos.com/143751351/stock-photo-agliate-brianza-italy-historic-church.html>

Fig. 120 - Batistério de Santa Maria Maggiore, séc. VI, Itália

Fonte: <https://www.br.iha.com/alugueres-casa-monticelli-d-ongina/3px/>

Fig. 121 - Batistério da Igreja dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, séc. XI, Itália

Fonte: <http://ars-the.blogspot.com/2018/11/o-lugar-do-batisterio-na-igreja.html>

Fig. 122 - Batistério da Catedral de Parma, séc. XII, Itália

Fonte: <http://ars-the.blogspot.com/2018/11/o-lugar-do-batisterio-na-igreja.html>

Fig. 123 - Batistério de San Giovanni, séc. XVIII, Itália

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Battistero_di_San_Giovanni,_Volterra-8338.jpg

Fig. 124 - Pia Baptismal, Igreja de Santo António dos Olivais, séc. XX, Portugal

Fonte: <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/tag/igreja+de+santo+ant%C3%B3nio+dos+olivais+pia>

Fig. 125 - Pia Baptismal Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Marco de Canavezes, Álvaro Siza

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 126 - Pia Baptismal Igreja de Cedofeita, Porto, 2017, reabilitação pelo escritório Cerejeira Fontes

Fonte: Fotografia cedida por Joaquim Félix

Fig. 127 - Basílica subterrânea da Catacumba de Bomitila, séc. IV

Fonte: <https://twitter.com/ciminacional/status/1185966255523713025>

Fig. 128 - Basílica de Santa Maria in Trastevere, séc. IV, Itália

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/541346817681354978/>

Fig. 129 - Basílica de São João de Latrão, séc. IV/V, Itália

Fonte: <http://comunidadesantarosa.com.br/2014/11/09/09nov-basilica-do-latrao/>

Fig. 130 - Basílica Papal de São Lourenço Fora de Muros, séc. VI, Itália

Fonte: <https://www.mediaforme.net/?p=13867>

Fig. 131 - Igreja de Marco de Canavezes, 1996, Portugal, Álvaro Siza

Fonte: <https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/cadeira-da-presidencia/>

Fig. 132 - Igreja de Firminy, 1960/2006, França, Le Corbusier
Fonte: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=7884&sysLanguage=en-en&itemPos=19&itemSort=en-en_sort_string1%20&itemCount=78&sysParentName=&sysParentId=64

Fig. 133 - Capela do Bom Pastor, Eslovênia, Robert Dolinar
Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589712-altar-um-espaco-de-imaginacao>

Fig. 134 - Ermida do Cristo do Silêncio, 2005, Palmela, Bernardo Pizarro Miranda
Fonte: <http://habitarportugal.org/EN/projecto/ermida-do-cristo-do-silencio/>

Fig. 135 - Capela do Vaticano, 2018, Veneza, Souto de Moura
Fonte: <https://shifter.sapo.pt/2018/05/souto-de-moura-leao-de-ouro-veneza/>

Fig. 136 - Interior da Catedral de Milão
a. Pintura do interior da Catedral de Milão, 1837, Luigi Bisi
Fonte: <http://poulwebb.blogspot.com/2015/11/david-roberts-part-7.html>

b. Pintura do interior da Catedral de Milão, 1857, David Roberts
Fonte: https://madamescherzo.tumblr.com/post/79922127966/speciesbarocus-luigi-bisi-interno-del-duomo#_=_

Fig. 137 - Sala dos Cavaleiros, 1928, Rothenfels, Rudolf Schwarz
Fonte: Imagem retirada de Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Fig. 138 - Capela dos Estudantes, 1966, Melk, Áustria, Ottokar Uhl
Fonte: <https://www.catalunyareligio.cat/ca/node/26041>

Fig. 139 - Oratorio S. Maria di Lourdes Navarons, 1968, Glauco Gresleri
Fonte: <https://stanzadipaolo.blogspot.com/2019/01/oratorio-s-maria-di-lourdes-navarons-di.html>

Fig. 140 - Capela dos Estudantes, Pordenone, Itália, 1969, Glauco Gresleri
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/548031848397777815/>

Fig. 141 - Capela do Centro universitário Manuel da Nóbrega, 2013, Coimbra, Nuno Valentim
Fonte: <https://pontosj.pt/cumn/espacos/>

Fig. 142 - Capela do Centro de Reflexão e Encontro Universitário - Santo Inácio de Loyola, 2000, Porto, Nuno Valentim e Frederico Eça
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-47093/capela-do-creu-il-nuno-valentim-e-frederico-eca-arquitectos>

Fig. 143 - Saint Antonius Basel, 1927, Suíça, Karl Moser
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/493918284108366550/>

Fig. 144 - Ronchamp, 1955, França, Le Corbusier
Fonte: <https://newchurcharchitecture.wordpress.com/2014/03/23/st-fronleichnam-rudolf-schwarz/>

Fig. 145 - Church Corpus Christi in Aachen, 1928/30, Alemanha, Rudolf Schwarz
Fonte: <https://www.archdaily.pe/pe/790991/clasicos-de-arquitectura-colegio-apostolico-de-los-padres-dominicos-miguel-fisac>

- Fig. 146 - Saint Joseph Le Havre, 1956, France, Auguste Perret
Fonte: <https://historiadlarte.wixsite.com/arte/19-arq-s-xx-imgn>
- Fig. 147 - Colegio Apostólico de los Padres Dominicos, 1951, Espanha, Miguel Fisac
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/259379259772388867/>
- Fig. 148 - Resurrection of Christ Köln, 1957, Germany, Gottfried Böhm
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/559853797411956435/>
- Fig. 149 - Chiesa di nostra Signora della Misericordia, 1958, Itália, Angelo Mangiarotti
Fonte: <https://divisare.com/projects/273460-angelo-mangiarotti-sbg-architetti-marco-introini-restoration-of-the-church-of-glass-by-morassutti-mangiarotti-favini-1958>
- Fig. 150 - Église Sainte-Thérèse-de-l'Enfant-Jésus de Metz, 1959/62, França, Roger-Henri Expert e Théophile Dedun
Fonte: <https://hiddenarchitecture.net/notre-dame-a-royan/>
- Fig. 151 - Notre Dame Royan, 1958, France, Guillaume Gillet
Fonte: <https://apps.derstandard.de/privacywall/story/2000076691733/sproede-und-reichhaltig-architektur-der-anderen-moderne>
- Fig. 152 - Pilgrimage Church of Mary, 1963/1972, Gottfried Böhm
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/188517934374231820/>
- Fig. 153 - Saint Paulus Saarbrücken, 1961, Germany, Fritz Thoma
Fonte: <https://www.dezeen.com/2014/09/17/brutalist-buildings-pilgrimage-church-neviges-by-gottfried-bohm/>
- Fig. 154 - Saint Mary's Cathedral Tokyo, 1964, Japan, Kenzo Tange
Fonte: <https://architecturetokyo.wordpress.com/2016/08/13/1964-st-mary-cathedral-kenzo-tange/>
- Fig. 155 - Iglesia de Santa Ana, 1965, Espanha, Miguel Fisac
Fonte: <https://divisare.com/projects/385156-miguel-fisac-simon-garcia-arqfoto-santa-ana-church>
- Fig. 156 - Sankt Ludwig Saarlouis, 1970, Alemanha, Gottfried Böhm
Fonte: <http://dome.mit.edu/handle/1721.3/28881>
- Fig. 157 - Church of St Francis de Sales, 1967, Estados Unidos, Marcel Breuer
Fonte: <https://arquitecturatvblog.wordpress.com/2009/07/29/del-am/>
- Fig. 158 - Iglesia de Nuestra Señora de la Luz, 1967, Madrid, Fernández del Amo
Fonte: <https://www.pinterest.com/flowatelier/gottfried-bohm/>
- Fig. 159 - Catedral Brasília, 1970, Brasil, Oscar Niemeyer
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/782719/catedral-de-brasilia-pelas-lentes-de-gonzalo-viramonte>
- Fig. 160 - Igreja de Santa Maria Assunta, 1965-1975, Itália, Alvar Aalto
Fonte: <https://www.floornature.com/long-story-alvar-aaltoas-church-riola-14244/>
- Fig. 161 - La Chiesa del Dio Padre Misericordioso, 1998-2003, Itália, Richard Meier
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/32215181@N08/3039815044>

Fig. 162 - Santo Volto Torino, 2006, Itália, Mario Botta

Fonte: <https://www.archdaily.com/305871/photography-mid-century-modern-churches-by-fabrice-fouillet/50c793d7b3fc4b2b1000004b-photography-mid-century-modern-churches-by-fabrice-fouillet-photo>

Fig. 163 - Cathedral of Our Lady of the Angels, 2002, Estados Unidos, Rafael Moneo

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/502081058448970388/>

Fig. 164 - St. Nikolaus parish center, 2008, Alemanha, Meck Architekten

Fonte: https://www.archdaily.com/305871/photography-mid-century-modern-churches-by-fabrice-fouillet/50c793d7b3fc4b2b1000004b-photography-mid-century-modern-churches-by-fabrice-fouillet-photo?next_project=no

Fig. 165 - Pope Giovanni XXIII Seriate, 2004, Itália, Mario Botta

Fonte: <https://www.subtilitas.site/post/44003899187/meck-architekten-st-nikolaus-parish-center>

Fig. 166 - Capela Del Retiro, 2009, Chile, Cristián Undurraga

Fonte: <https://www.archilovers.com/projects/68227/capilla-del-retiro.html>

Fig. 167 - Igreja em Foligno, 2009, Itália, Massimiliano e Doriana Fuksas

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/460633868113269449/>

Fig. 168 - Igreja do Campus da Universidade Católica da Argentina, 2014, Penedo e Urgell Architects

Fonte: https://www.snpcultura.org/oscar_da_arquitetura_sacra_entregue_a_arquiteto_espanhol.html

Fig. 169 - Iesu Church San Sebastian, 2011, Espanha, Rafael Moneo

Fonte: <https://divisare.com/projects/388281-john-pawson-fabrice-fouillet-st-moritz-church>

Fig. 170 - San Alberto Magno Chapel, 2014, Chile, Juan Pavez Aguilar e José Requesens Aldea

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/796755/dock-9-sul-urgell-penedo-urgell-architects>

Fig. 171 - Saint Moritz Augsburg, 2013, Alemanha, John Pawson

Fonte: <https://www.interiordesignblogs.eu/san-alberto-magno-chapel-juan-pavez-aguilar-jose-requesens-aldea/>

Fig. 172 - Saint-Jacques-de-la-Lande, 2018, França, Álvaro Siza

Fonte: <https://divisare.com/projects/379615-alvaro-siza-vieira-joao-morgado-saint-jacques-de-la-lande-church>

Fig. 173 - Celebração da Eucaristia na Basílica de Domitila

Fonte: <https://twitter.com/ciminacional/status/1185966255523713025>

Fig. 174 - Celebração da Eucaristia em rito Tridentino

Fonte: <https://www.3-foldcord.com/2011/04/communion-could-transubstantiation-be.html>

Fig. 175 - Capela dos Bispos de França, Avenue de Breteuil, Paris

Fonte: <http://archilitturgique.free.fr/index.php/laxialite-frontale-de-la-chapelle-de-la-conference-des-veques-de-france/>

Fig. 176 - Igreja do mosteiro de Bose, Itália

Fonte: <https://www.monasterodibose.it/pt/trabalho/carpintaria>

Fig. 177 - Igreja da abadia de Sainte-Marie-de-la-Pierre-qui-Vire, Saint-Léger-Vauban, França

Fonte: https://www.snpcultura.org/espaco_liturgico_de_tres_capelas_braga.html

Fig. 178 - Philadelphia Cathedral (1898), Estados Unidos, reconfigurada em 2002 por Dean Richard Giles

Fonte: https://www.snpcultura.org/espaco_liturgico_de_tres_capelas_braga.html

Fig. 179 - Imagem da capela Anglicana Bishop Edward King Chapel of Ripon College Cuddesdon, 2013, Inglaterra, Niall McLaughlin Architects

Fonte: <https://newoxfordarchitecture.com/2015/09/18/ripon-college-cuddesdon-bishop-edward-king-chapel/>

Fig. 180 - Celebração da Eucaristia na Igreja do convento de la Tourette, 1956-1960, França, Le Corbusier

a. Celebração Litúrgica

Fonte: Imagem retirada de Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

b. Plantas explicativas dos dois momentos da Eucaristia

Fonte: Imagem retirada de Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

c. Celebração Eucarística

Fonte: Imagem retirada de Miranda, B. (2014). *Liturgia e Arquitectura*. Prova de Doutoramento em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Fig. 181 - Capela do Seminário Interdiocesano de S. José, Braga

Fonte: <https://www.diariodominho.pt/2019/03/20/seminario-interdiocesano-avalia-positivamente-formacao-em-braga/>

Fig. 182 - Capela do Noviciado da Companhia de Jesus, Coimbra, Joana Delgado

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 183 - Capela do Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo, Braga, Cerejeira Fontes

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/329888741438236613/>

Fig. 184 - Capelas Cheia de Graça, do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Braga, Cerejeira Fontes

<https://setemargens.com/capelas-bracarenses-vencem-concurso-de-arquitetura-religiosa/>

Fig. 185 - Recortes de notícias de jornais Nacionais e internacionais

a. Recorte do Público

Fonte: <https://www.publico.pt/2012/07/11/culturaipsilon/noticia/igreja-premeia-nuno-teotonio-pereira-arquitecto-de-causas-sociais-e-de-inovacoes-religiosas-1554348>

b. Recorte do Vatican News

Fonte: <https://www.vaticannews.va/en/church/news/2018-11/ratzinger-prize-benedict-xvi-awarded-theologian-architect.html>

c. Recorte da Ecclesia

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/igreja-cultura-santa-se-estreia-se-na-bienal-de-arquitetura-de-veneza-com-vatican-chapels-e-marca-portuguesa-c-video/>

Fig. 186 - Capela das aparições, 1982, Carlos loureiro

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 187 - Pórtico do jubileu, 2000, Gastão da Cunha Ferreira

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 188 - Basílica da Santíssima Trindade, 2007, Alexandros Tombazis

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 189 - Presbitério do Recinto de Oração do Santuário, 2016, Alexandros Tombazis, Paula Santos e João Mendes Ribeiro

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 190 - Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, 2016, Joana Delgado

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 191 - Igreja da Serra do Pilar, Gaia

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 192 - Igreja de Quiaios, Quiaios

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 193 - Igreja de Santa Isabel, Lisboa

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 194 - Igreja do Colégio São João de Brito, Lisboa

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 195 - Igreja de São Martinho de Cedofeita, Porto

Fonte: Fotografia cedida por Sara Madureira

Fig. 196 - Igreja de Santo Inácio, Paris

Fonte: <https://www.chantiersducardinal.fr/projet/reamenagement-de-leglise-saint-ignace-a-paris-6e>

Fig. 197 - Plantas explicativas da evolução do espaço litúrgico da Serra do Pilar

Desenhos baseados na publicação de Pedro Castro Cruz

Escala 1:1000/1:2000

a. Implantação original da igreja (1598)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

b. Introdução da balaustrada (s.d)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

c. Construção da cabeceira e retro-coro (1690)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

Fig. 198 - Plantas e fotografias explicativas da evolução do espaço litúrgico da Serra do Pilar

Desenhos baseados na publicação de Pedro Castro Cruz

a. Planta com a disposição da igreja após interregno (1940) 1:1200/1:2000

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

b. Planta com o altar ao centro da cabeceira (s.d) 1:1200/1:2000

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

c. Planta com o altar no limite da cabeceira (s.d) 1:1200/1:2000

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

d. Planta com o altar próximo do centro (s.d) 1:1200/1:2000

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

e. Planta com o altar no centro do espaço (s.d) 1:1200/1:2000

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Pedro Castro Cruz

f. Fotografia do espaço litúrgico nos anos de 1970

Fonte: Fotografia cedida por Arlindo Magalhães

g. Fotografia do espaço litúrgico atual (2020)

Fonte: Fotografia captada pelo autor

h. Fotografia do espaço litúrgico atual (2020)

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 199 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

Fonte: Fotografias captadas pelo autor

Fig. 200 - Esquema evolutivo do espaço litúrgico segundo o historiador Elias Cação Ribeiro

a. Oratório do Santíssimo Sacramento, Século XVI (1:200)

Fonte: Desenho realizado pelo autor

b. Ampliação do oratório do Santíssimo Sacramento, Século XVII (1:200)

Fonte: Desenho realizado pelo autor

c. Definição da igreja com alteração de altar, Século XVIII (1:200/1:500)

Fonte: Desenho realizado pelo autor

Fig. 201 - Fotografias e plantas explicativas das intervenções no espaço litúrgico

a. intervenção pós concílio

Fonte: Fotografia cedida por José Augusto Tavares

b. intervenção de 2007/2008

Fonte: Fotografia captada pelo autor

Fig. 202 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

Fonte: Fotografias captadas pelo autor

Fig. 203 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original da igreja (século XVIII)

a. Fotografia do altar-mor

Fonte: Rosa V. (1965). *A renovação do interior duma igreja: Santa Isabel, em Lisboa. Architectura* n.ºs 89.90, 185-189.

b. Fotografia da nave com a teia

Fonte: Rosa V. (1965). *A renovação do interior duma igreja: Santa Isabel, em Lisboa. Architectura* n.ºs 89.90, 185-189.

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Appleton & Domingos

Fig. 204 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após intervenção de 1060

a. Fotografia da relação da nave com a capela-mor

Fonte: Fotografia cedida por João Appleton

b. Fotografia do ambão

Fonte: Fotografia cedida por João Appleton

c. Fotografia do altar

Fonte: Rosa V. (1965). *A renovação do interior duma igreja: Santa Isabel, em Lisboa. Architectura* n.ºs 89.90, 185-189.

d. Fotografia de um dos confessionários

Fonte: Fotografia captada pelo autor

e. Fotografia do Batistério

Fonte: Fotografia captada pelo autor

f. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Appleton & Domingos

Fig. 205 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após intervenção de 1060

a. Fotografia demonstrativa da reabilitação do espaço litúrgico

Fonte: <https://pontosj.pt/especial/o-ceu-espera-por-si/>

b. Fotografia demonstrativa da relação do novo presbitério

Fonte: <https://diasdodesassossego.org/2019/10/16/encerramento-pessoa-ressoa-30-de-novembro-18h30-igreja-de-santa-isabel/>

c. Fotografia da disposição do espaço litúrgico aquando da celebração de quinta-feira santa

Fonte: https://fotos.web.sapo.io/i/oa506cb4b/8375707_vB4fu

d. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Appleton & Domingos

Fig. 206 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da intervenção de 2020

a. Fotografia demonstrativa da reabilitação do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia captada pelo autor

b. Fotografia demonstrativa da relação do novo presbitério

Fonte: Fotografia captada pelo autor

c. Fotografia da relação do novo presbitério com a cabeceira da igreja

Fonte: Fotografia captada pelo autor

d. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:333/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Appleton & Domingos

Fig. 207 - Fotografias da celebração da missa no exterior da igreja

Fonte: Fotografias captadas pelo autor

Fig. 208 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original da igreja (1956)

a. Fotografia retirada durante a inauguração da igreja (07.10.1956)

Fonte: Fotografia cedida por António Santana sj

b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 209 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção nos anos de 1970

a. Fotografia de 1990

Fonte: Fotografia cedida por António Santana sj

b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 210 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção de 1993

a. Fotografia da disposição da intervenção original (com o sacrário ao fundo da cabeceira)

Fonte: Fotografia cedida por António Santana sj

b. Fotografia da alteração da cabeceira (retirada do sacrário para uma capela e colocação do órgão)

Fonte: Fotografia captada pelo autor

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:700)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 211 - Planta do projecto inicial de Marques da Silva com a marcação da parte construída

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 212 - Imagem da cabeceira da Igreja construída

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 213 - Projecto de Marques da Silva do fecho da cabeceira

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 214 - Planta do último projecto de Marques da Silva

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 215 - Plantas do segundo estudo de António Barbosa de Abreu

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 216 - Terceiro estudo de António Barbosa de Abreu

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 217 - Quarto estudo de António Barbosa de Abreu

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 218 - Primeiro estudo de Eugénio Alves de Sousa (Jun 1964)

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 219 - Segundo estudo de Eugénio Alves de Sousa (Nov 1964)

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 220 - Terceiro estudo de Eugénio Alves de Sousa (Jan 1965)

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

Fig. 221 - Desenhos demonstrativos da organização da igreja segundo o projeto original

a. Axonometria do interior da igreja

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

b. Corte perspético do interior da igreja

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Cerejeira Fontes

Fig. 222 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após a construção

a. Fotografia do espaço litúrgico após a construção

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

b. Fotografia do espaço litúrgico após alteração de imagens e objetos sacros

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Cerejeira Fontes

Fig. 223 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção dos anos de 1990

a. Fotografia do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia cedida por Tomás Durán

b. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Cerejeira Fontes

Fig. 224 - Materiais dos elementos constituintes do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia cedida por Joaquim Félix

Fig. 225 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização da igreja após intervenção dos anos de 2017

a. Fotografia do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia captada pelo autor

b. Fotografia dos objetos litúrgicos e sua conexão

Fonte: Fotografia captada pelo autor

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo escritório Cerejeira Fontes

Fig. 226 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

Fonte: Fotografias captadas pelo autor

Fig. 227 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização original (1855)

a. Fotografia do altar-mor

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

b. Fotografia da organização da nave

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fig. 228 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após a intervenção de 1960

a. Fotografia do altar-mor

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

b. Fotografia da organização da nave

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 229 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização após a segunda intervenção (s.d.)

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 230 - Fotografias e plantas demonstrativas da organização após a terceira intervenção (s.d.)

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico

Fonte: Fotografia cedida por João Norton sj

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 230 - Fotografia e plantas demonstrativas da organização após a intervenção em 2001

a. Fotografia da disposição do espaço litúrgico

<http://archiliturgique.free.fr/index.php/la-polarite-dynamique-de-leglise-saint-ignace-paris/>

c. Planta da disposição do espaço litúrgico (1:300/1:1000)

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 232 - Imagens retiradas no interior da igreja durante a celebração da Missa

Fonte: Fotografia cedida por Nuno Branco sj

Fig. 233 - Esquemas da evolução do espaço litúrgico

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 234 - Esquemas da evolução do espaço litúrgico

Fonte: Desenho realizado pelo autor sobre documento cedido pelo arquiteto Bernardo Miranda

Fig. 235 - Fotografia da celebração da Missa durante o confinamento

Fonte: <https://observador.pt/2020/03/31/fotogaleria-padre-pedro-tavares-celebro-todos-os-dias-a-missa-sozinho-com-a-igreja-vazia/>

Fig. 236 - Fotografia da celebração da Missa, durante o confinamento, desde a capela da residência do Bispo de Braga

Fonte: http://www.arquidiocese-braga.pt/noticia/1/24973?fbclid=IwAR1UD8mK7VfywxmR69aGXRK11H0PpIaHZGSHnnsiWkk8RiF_pOSrb93ZiY

Fig. 237 - Fotografia do acompanhamento da celebração da Missa, durante o confinamento, através dos meios digitais

Fonte: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-12-As-imagens-que-contam-o-dia-em-que-a-missa-de-Pascoa-no-Vaticano-nem-teve-bencao-a-janela-nem-fies-na-praca>

Fig. 238 - Fotografia da Praça de São Pedro, Vaticano, durante a celebração da Sexta-feira Santa

Fonte: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/sexta-feira-santa-papa-reza-pelos-incontaveis-lugares-de-dor-da-humanidade-diante-de-uma-praca-de-sao-pedro-vazia-c-fotos/>

Fig. 239 - Gráfico relativo à Idade

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 240 - Gráfico relativo ao Sexo

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 241 - Gráfico relativo ao Distrito

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 242 - Gráfico relativo à Ocupação

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 243 - Gráfico relativo à pergunta: "Com que frequência vou à Missa?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 244 - Gráfico relativo à pergunta: "Pertencço a alguma Paróquia, Obra, Comunidade ou Movimento?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 245 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu que sim, indique"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 246 - Gráfico relativo à pergunta: "Durante este tempo de confinamento e, não me podendo deslocar a uma igreja, celebrei Missa a partir de casa?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 247 - Gráfico relativo à pergunta: "Durante este tempo de confinamento não celebrei a Missa em casa porque..."

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 248 - Gráfico relativo à pergunta: "Qual o espaço da casa (habitualmente) escolhido para a celebração?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 249 - Gráfico relativo à pergunta: "Porque foi esse espaço o escolhido"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 250 - Gráfico relativo à pergunta: "Nesse espaço:"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 251 - Gráfico relativo à pergunta: "Neste tempo de celebrações em casa senti que:"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 252 - Gráfico relativo à pergunta: "O que para mim foi o mais difícil?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 253 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Com qual dos ritos me identifico mais?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 254 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Já alguma vez participei numa missa de rito tridentino?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 255 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 256 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "Esta fotografia é da igreja de Santo Inácio, em Paris. O que acho acerca desta reorganização do espaço litúrgico?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 257 - Gráfico relativo à pergunta: "Que tipo de igreja me parece mais acolhedora para celebrar Missa?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 258 - Gráfico e imagem relativos à pergunta: "A seguinte imagem refere-se à celebração da Missa de 5ª feira Santa, onde é recriado, para a celebração, o cenário bíblico da Última Ceia. De que forma o vejo?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 259 - Gráfico relativo à pergunta: "Costumo ir à igreja para além da celebração da Missa?"

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 260 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu sim na pergunta anterior, identifique o motivo pelo qual se dirige a uma igreja para além da participação na Missa."

Fonte: Gráfico realizado do autor

Fig. 261 - Gráfico relativo à pergunta: "Se respondeu não, explique o motivo que o leva a não ir:"

Fonte: Gráfico realizado do autor

ANEXOS

a. Passagem bíblica (Ex, 40);	406
b. Delaratio;	407
c. Entrevista ao arquiteto Esteban Fernández Cobián;	410
d. Entrevista ao arquiteto João Alves da Cunha;	417
e. Resultados do Inquérito.	423

a. Passagem bíblica (Ex, 40)

“O Senhor falou a Moisés nestes termos: «No primeiro dia do primeiro mês, erigirás o santuário da tenda da reunião. Colocarás nele a Arca do testemunho e vedarás a entrada com o véu. Introduzirás a mesa e colocarás nela o que a deve guarnecer; introduzirás o candelabro e acenderás as suas lâmpadas. Instalarás o altar de ouro para o perfume, diante da Arca do testemunho e fixarás o véu de entrada, diante do santuário. Instalarás o altar do holocausto diante da entrada do santuário da tenda da reunião. Colocarás a bacia entre a tenda da reunião e o altar e nela deitarás água. Disporás o átrio em redor e colocarás a cortina à porta do átrio. Tomarás o óleo de unção e ungirás o santuário e tudo quanto encerra; consagrá-lo-ás com todos os utensílios, e será santo. Ungirás o altar dos holocaustos e todos os seus utensílios; consagrarás o altar, que se tornará santíssimo. Ungirás a bacia e a sua base para a consagrar. Mandarás avançar Aarão e os filhos até à entrada da tenda da reunião e lavá-los-ás com água. Revestirás Aarão com as vestes sagradas; hás-de ungi-lo e consagrá-lo, e ele exercerá para mim o sacerdócio. Mandarás aproximar os filhos e vestir-lhes-ás as túnicas. Ungi-los-ás como ungieste o pai, e exercerão para mim o sacerdócio. Esta unção conferir-lhes-á o sacerdócio para sempre, de geração em geração.» Moisés obedeceu; fez tudo quanto o Senhor lhe ordenara.

No primeiro dia do primeiro mês do segundo ano, foi erigido o santuário. Moisés erigiu o santuário: assentou as bases, as pranchas, as travessas e ergueu as colunas; estendeu a tenda sobre o santuário e, por cima, a cobertura da tenda, como o Senhor lhe tinha ordenado.”Tomou o testemunho e depositou-o na Arca; meteu os varais na Arca, sobre a qual colocou o propiciatório. Transportou a Arca para o santuário, fixando o véu de protecção, para vedar o acesso à Arca do testemunho, como o Senhor lhe tinha ordenado.

Colocou em seguida a mesa na tenda da reunião, do lado norte do santuário, da parte de fora do véu, e distribuiu ordenadamente sobre ela os pães diante do Senhor, como o Senhor lhe tinha ordenado. Colocou o candelabro na tenda da reunião, em frente da mesa, do lado sul do santuário, e acendeu as lâmpadas diante do Senhor, como o Senhor lhe tinha ordenado. Colocou o altar de ouro na tenda da reunião, diante do véu, e queimou os perfumes, como o Senhor lhe tinha ordenado. Fixou a cortina à entrada do santuário. Colocou o altar dos holocaustos à entrada do santuário, da tenda de reunião, e ali ofereceu o holocausto e a oblação, como o Senhor tinha ordenado a Moisés. Instalou a bacia entre a tenda da reunião e o altar, e nela deitou água para as abluções. Moisés, Aarão e os filhos deviam lavar ali as mãos e os pés. Sempre que entravam na tenda da reunião e se aproximavam do altar deviam fazer estas abluções, como o Senhor tinha ordenado a Moisés. Erigiu, por fim, o átrio em volta do santuário e do altar, e colocou a cortina à porta do átrio. E assim Moisés concluiu a sua obra.

Então, a nuvem cobriu a tenda da reunião, e a majestade do Senhor encheu o santuário. Moisés já não pôde entrar na tenda da reunião, porque a nuvem pairava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o santuário. Quando a nuvem se retirava de cima do santuário, os filhos de Israel partiam de viagem, e quando a nuvem não se retirava, não partiam, até ao instante em que ela se elevava. Porque uma nuvem do Senhor cobria o santuário durante o dia, e um fogo brilhava ali durante a noite, aos olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas caminhadas.” (Ex, 40)

b. Declaratio

“Declaración unida al art. 104 esquema, que es ahora el 128

En la revisión de toda la decoración exterior del culto sagrado, lo que sigue parece digno de ser especialmente tenido en cuenta:

1. La buena ordenación de la iglesia en vistas de la asamblea litúrgica.- En la construcción de una iglesia, se asienta a que el orden del conjunto de las cosas y los lugares sea ya un signo claro y como un eco fiel de la asamblea litúrgica, que es la reunión del pueblo de Dios, constituido jerárquicamente de “servidores” de Dios y del “pueblo santo” (cf. el canon de la misa) y reunido en orden. Que no sea solamente elegido con todo cuidado el altar, sino que se disponga también según las exigencias de la liturgia restaurada- principalmente en las iglesias de nueva construcción- la sede presidencial del obispo (si hay lugar) y de los presbíteros, así como los taburetes o banquetas para los ministros, los abones o pupitres para la proclamación de las lecturas bíblicas, el lugar conveniente para la schola o el grupo de cantores así como para el órgano, y los lugares propios de los fieles, desde donde “ellos puedan participar en los oficios divinos, con mejor visión y corazón”.
2. La sede de la presidencia.- En las iglesias catedralicias, a fin de que el obispo aparezca con claridad como el presidente de la asamblea y su jefe, conviene dar a su sede el emplazamiento en medio del ábside, o sea a la cabecera de la iglesia o de la asamblea. Conviene situar a los lados de la cátedra episcopal las sedes de los cónegos o de los presbíteros. En las demás iglesias, donde no hay cátedra episcopal, sobre todo en las iglesias parroquiales, se puede dar también este mismo lugar de honor a la simple silla del párroco o presbítero, que preside la asamblea en nombre del obispo, cuyo colaborador es; pero evítese todo aspecto de trono para aquellos a quienes no les compete.
3. El altar mayor.- El altar mayor, que debe estar separado de la pared para que pueda fácilmente ser rodeado, tendrá el emplazamiento que le conviene situado entre el presbiterio y el pueblo, es decir en medio de la asamblea (entiéndase idealmente y no matemáticamente). En la medida en que las condiciones del edificio lo sugieran, este altar podrá estar vantajosamente recubierto por un ciborio o baldaquino a fin de que subraye su santidad. Los rectores de iglesia tendrán presente que el altar es el lugar del sacrificio eucarístico y la mesa venerable del banquete sagrado: encuentra su belleza en la noble sencillez de sus formas y rechaza cuando estrictamente no pertenece al culto eucarístico. La cruz y los candelabros requeridos por la propia condición de la Misa, podrán ser colocados ya sobre el altar, ya también, según antiquísima costumbre de la Iglesia, bien junto al altar, bien en su entorno.
4. Los altares menores.- Los altares menores se dispondrán de manera que no distraigan a la asamblea litúrgica que se celebra en torno al altar mayor; además, en la medida en que la estructura del edificio y las circunstancias lo permiten, es preferible que estos altares estén ubicados en capillas particulares más que en la nave principal de la iglesia.
5. La consagración de los altares.- Además del altar mayor, que siempre debe ser fijo, conviene que hasta los altares menores sean de piedra y fijos, a no ser que la condición del lugar, como en los oratorios, lo impida. Para su consagración, si puede realizarse cómodamente, se preferirá la manera indicada en el Pontifical romano, que prevé el sepulcro de las santas reliquias en la base del altar, o también según el uso más antiguo, “debajo del altar”, para no herir sin necesidad la mesa del altar excavando el sepulcro en su parte superior; es muy conveniente, en efecto,

guardar en su integridad la mesa sagrada, decorada con sus cruces de consagración. Aunque no parece oportuno apelar con rigor a la ley primitiva de la Iglesia romano: “que nadie se lleve una parte del cuerpo de un mártir” (Código de Teodosio 1, 9, kit. 17 et 7), parece sin embargo deseable que las reliquias de los santos, que deben ser encerradas en los sepulcros de los altares, no sean excesivamente pequeñas. Además se plantea la cuestión, que parece digna de ser considerada con la mayor benevolencia, de ver si se puede restaurar el uso de consagrar altares sin reliquias, al menos en ciertos casos, especialmente cuando se trata de altares menores, y sobre todo portátiles. El uso de exponer cuerpos ficticios de los santos, incluso con una reliquia pequeña pero verdadera, parece que debe ser adrogado.

6. La reserva de la Eucaristía.-La santa Eucaristía será conservada habitualmente en un tabernáculo muy sólido e inviolable en medio del altar mayor, o de un altar menor pero verdaderamente excelente o en otro lugar de la iglesia muy noble y debidamente decorado siguiendo las costumbres de los lugares y países. Que sea posible celebrar el Sacrificio de la Misa estando vuelto hacia el pueblo en un altar adecuado, aunque en medio de este altar se encuentre un tabernáculo pequeño, pero precioso y sumamente digno, donde se conserve la Eucaristía.

Más frecuentemente, sobre todo en las grandes iglesias, insignes ya por su antigüedad ya por la belleza del edificio, parece más oportuno reservar para la veneración y el culto de tan gran sacramento, una capilla propia exclusiva para la Eucaristía, decorada con el máximo arte posible, que quede fuera del alcance de los simples visitantes, pero bien accesible a aquellos que vienen para la adoración; por lo demás, esta capilla podrá estar mejor protegida contra los peligros de violación.

7. El ambón o los pupitres.-En la construcción de nuevas iglesias se colocarán normalmente ambones o pupitres para la proclamación de las lecturas bíblicas de modo que luzca con claridad la dignidad y el honor de las santas Escrituras, más aún de la misma palabra de Dios proclamada.
8. El lugar de la schola o del grupo de cantores.-El lugar de la schola o del grupo de cantores se dispondrá de tal manera que quede bien patente que los que participan en la schola cantorum ejercen verdaderamente un servicio litúrgico. Al disponer este lugar siempre será necesario prever que cada uno de los cantores pueda, si así lo desea, acceder fácilmente a la Santa Comunión.
9. La colocación de los fieles.-Es de desear que normalmente haya en las iglesias bancos o sillas para los fieles. Se reprueba la costumbre de reservar asientos a ciertas personas privativas, pues hay que evitar la acepción de personas.
10. El Baptisterio.-Se concederá el máximo honor al baptisterio, tanto en las iglesias catedralicias como en las parroquiales. Es de desear que la fuente bautismal esté dispuesta de tal modo que sea poise bautizar encima de ella. Si puede lograrse cómodamente, nada impide que el baptisterio sea grande y dispuesto dignamente en forma de aula para la instrucción de los fieles: así el mismo lugar sagrado de la iniciación y su decoración serán una ayuda para la misma.
11. Las sedes de las confesiones.-Se dará a las sedes para la confesión un lugar honorable, a la vista de todos y destacado; que estén de acuerdo con la arquitectara de la iglesia y sean dignas para la administración del sacramento de la Penitencia.
No se colocarán, en cuando sea posible, sedes provisionales o en forma de simple banco. Pero consérvense las sedes de confesiones dispuestes bajo forma de una celda, cerca de la sacristía y destinadas a los hombres.

12. Les imágenes sagradas.-Desde los tiempos más antiguos, la Iglesia católica reserva en sus edificios los lugares más honorables para las imágenes sagradas, ante todo de nuestro Señor Jesucristo, después de la bienaventurada Virgen María Madre de Dios, de los santos Apóstolos y de todos los santos, y es a ellos a quienes se dirige su veneración ante sus imágenes, por medio de las cuales despierta y desarrolla la piedad de los fieles. Para la disposición de las imágenes en las iglesias y en los oratorios, es evidente que debe guardarse estrictamente un orden sagrado. La imagen de Cristo en su encarnación, pasión, crucifixión, resurrección, ascensión al cielo, triunfo glorioso, su entronización a la derecha del Padre y su retorno glorioso, tiene derecho al lugar más honorable en la cima de la cabecera de la iglesia. Esta ley exige que, aunque es posible colocar detrás del altar mayor la imagen del titular de la iglesia, la imagen de Cristo tenga siempre el puesto más relevante. No se multipliquen in muy graves razones las imágenes de los mismos santos en el mismo edificio sagrado: repruébase absolutamente su multiplicación detrás del mismo altar.
13. El orden de la decoración.-Dado que hay un notable función tanto de la pintura como la escultura en la decoración de los edificios sagrados, la iconografía y la de ornamentación, es preciso buscar siempre un equilibrio entre ambos, así como entre los elementos figurativos y los que se denominan abstractos, a fin de que resplandezca en todo una belleza ordenada. En la decoración de los edificios sagrados, en general se concederá a las partes más importantes la decoración más bella.
14. El arte funerario.-Se persuadirá a los fieles que adopten para los funerales y los monumentos funerarios los temas de la muerte cristiana y de la vida eterna rechazando toda imagen mitológica o todo otro símbolo profano.” (Basurko, 2006, pp.552-559)

d. Entrevista ao arquiteto Esteban Fernández Cobián (Julho de 2020)

Manuel Vilaça Ribeiro - O espaço de culto da Igreja Católica sofreu várias alterações ao longo dos tempos até se estabilizar no modelo basilical, de planta longitudinal, substancialmente definida por dois espaços: o presbitério, na abside, onde se situa o clero, executando a ação litúrgica; e a nave, uma ou mais, onde se localiza a assembleia de fiéis.

Mas, com o Concílio Vaticano II, e a sua reforma litúrgica, surgem novas representações do espaço litúrgico que quebram este modelo. Que matrizes sustentam a edifício igreja no século XXI?

Esteban Fernández Cobián - A primeira coisa que não partilho da mesma opinião é a afirmação de que o Concílio mudou o espaço de culto.

O Concílio não mudou o espaço de culto. A mudança no espaço de culto foi uma mudança posterior, algo forçada. Não existe nenhum documento do Concílio Vaticano II que diga que o altar se deva virar. Portanto, todas as conclusões que tiremos a partir daí estão erradas. O Concílio não disse que as igrejas deveriam ser mudadas, e muito menos disse que a liturgia deveria mudar-se. O que disse foi que seria necessário promover algumas questões como a participação dos fiéis nas celebrações, inclusivamente de forma ativa (sem especificar mais o que significava a palavra ativa) e logo, já depois do concílio, o que ele fez foi simplificar os ritos por meio de duas ferramentas: uma foi o *Concilium*, um organismo criado durante o concílio para aplicar e desenvolver alguns documentos; outra foi a Sagrada Congregação dos Ritos, que se encarregou de modificar os ritos litúrgicos e atualizar os livros litúrgicos, especialmente o missal romano, que teve várias atualizações.

O missal romano é sempre precedido por um estudo prévio denominado Ordenação Geral do Missal Romano, onde é explicado como fazer as igrejas. Mas não se pode apenas olhar para aquele livro, porque nas igrejas não só se celebra a missa, como também se celebram outros sacramentos. É assim que outros livros sobre os sacramentos são criados. Existem então outros textos que devem ser consultados como, por exemplo, os desenvolvimentos da constituição *Sacrosanctum Concilium*. Todos falam do capítulo sete da *Sacrosanctum Concilium*, que trata da arte e dos aspetos destinados ao culto, mas, na verdade, esse capítulo apenas se trata de uma declaração de intenções, algo muito abstrato e poético, até. Portanto, tentar tirar conclusões físicas de um texto poético é totalmente absurdo.

A primeira realização da *Sacrosanctum Concilium* ocorreu no ano seguinte com a instrução *Inter Oecumenici* (que foi um dos primeiros documentos do *Concilium*). Mas logo houve muitos outros, especificamente mais quatro. Aos poucos vê-se como as indicações vão mudando, coisas que foram ditas na *Inter Oecumenici* que foram descartadas. Por exemplo: a *Inter Oecumenici* dizia que tinham que haver dois ambões, no entanto passou a usar-se apenas um. A *Inter Oecumenici* autorizou colocar o tabernáculo em cima do altar e celebrar a missa atrás do altar, e logo isso se proibiu, etc.

A lei é um marco, o regulamento é o executivo. A *Sacrosanctum Concilium* é uma constituição, uma lei, mas é um marco muito amplo, enquanto que os diferentes regulamentos - mesmo nesta questão não há apenas um - foram sendo desenvolvidos em diversos documentos, onde alguns se opuseram a outros e, inclusivamente, alguns negaram outros.

Então, o que é que o Concílio disse sobre a arquitetura religiosa? Bem, disse poesia.

O Concílio mudou o quadro hermenêutico? Não, não mudou.

O Concílio disse que as igrejas têm que ser de outra forma? Não, não o disse.

O que o Concílio queria era tornar a liturgia acessível ao povo e tentar fazer o povo de Deus viver a liturgia, tomá-la como sua, participar nela intelectual e fisicamente. Mas ele não disse como, muito menos como é que as igrejas deveriam ser. A interpretação mais comum de tudo isso é uma

interpretação fisiológica ou mecânica de como se deve participar na liturgia, com a qual se teria que ver, ouvir, tocar, sentir, de forma física, o que ali acontece. Mas se lermos textos anteriores, especialmente os textos de Pio X ou Pio XII, o que existia desde o tempo do Movimento Litúrgico era, antes de tudo, uma aspiração de que os fiéis, Povo de Deus, participassem de forma espiritual na liturgia, que a compreendessem, que a tivessem nos seus lábios, que a tivessem como uma parte importante de sua vida espiritual.

Não era, portanto, uma interpretação mecânica, uma interpretação física. Foi uma interpretação, digamos, pastoral.

M - Como é que a mudança aconteceu?

E - É muito interessante porque, do meu ponto de vista, para resumir, acho que foi um trauma alemão. Os alemães sofreram uma ruptura muito abrupta com a reforma de Lutero no século XVI. Entre muitas outras coisas, Lutero encorajou a celebração da liturgia em língua vernácula, em alemão, o que levou ao desenvolvimento da literatura alemã, ao desenvolvimento da música alemã, etc. Foi um ponto de partida brutal que, de certa forma, transformou os católicos em cidadãos de segunda categoria. Desde então, os católicos alemães passaram 400 anos a tentar fazer com que Roma autorizasse a celebração em língua vernácula, algo que em outros países ninguém estava interessado. Os alemães, durante o Concílio Vaticano II (a teologia alemã era muito poderosa, era muito forte), tentaram, por todos os meios, chegar a esse acordo, o que não conseguiram. O Concílio não disse que se devia celebrar em língua vernácula. O que disse foi que se devia celebrar em latim, que a música vocal na liturgia romana era o gregoriano e a música instrumental de órgão. O que é que o Concílio quis fazer e não fez por causa de uma série de blocos que se formaram, entre padres conciliares avançados e conservadores? Porque a questão da arquitetura está bem aí. O que o Concílio queria aprovar e não foi aprovado foi o que foi imposto depois.

Ao ler, por exemplo Ratzinger, este, em seus textos, fala sempre da hermenêutica do Concílio, da batalha pela hermenêutica do Concílio. E, de facto, na liturgia, ele usa um termo que é muito esclarecedor. Diz: provavelmente podámos demais a árvore da liturgia. Claro, podar muito uma árvore impede o seu crescimento. Temos que poder, sim, mas se podarmos muito, matamos.

M - O que é que o Concílio disse então? Como ocorreu a mudança arquitetónica?

E - O Concílio não abre as portas à modernidade. Isso já o tinha feito Pio XII, na encíclica *Mediator Dei*. O que o Concílio fez foi repetir o que Pio XII havia escrito no ano 48 na encíclica *Mediator Dei*, onde diz que as portas devem ser abertas a todos os estilos. O património arquitetónico religioso é enorme e em muitos países representa uma percentagem muito grande dessas construções, o que faz com que comessem a haver confrontos - especialmente após o concílio - entre o que diferentes pessoas queriam fazer e o que os Estados estavam dispostos a permitir.

Este problema de conservação veio de trás. Houve países, não conheço o caso de Portugal, mas Espanha, em 1931, fez-se uma primeira lista de monumentos nacionais, de edifícios onde ficavam as catedrais mais importantes, etc. Assim encontramos, na década de 60, alguns padres muito modernos, que queriam mudar os presbitérios das igrejas e a forma de se estabelecer o espaço dentro das catedrais, segundo o que supunham ser o espírito da época; para eles, com o Vaticano II começou uma nova era na Igreja. E, por outro lado, havia os funcionários do Estado, que queriam justamente o contrário, preservar os edifícios significativos de cada país da forma mais fiel possível ao que eles foram. Esse movimento de conservação em cada país teve a sua própria jornada e há muita literatura sobre isso.

Em Espanha, até 1985, ou seja, 20 anos após o Concílio, não havia legislação nacional sobre património cultural. Até então tudo era muito impreciso e um tanto indefinido. Estes dois campos do jogo devem ser levados em consideração: o campo litúrgico, entre o que se diz e o que se supõe que foi dito, e o cultural, entre o que se quer mudar e o que se quer preservar, o que se entende que é propriedade exclusiva da Igreja e dos fiéis que utilizam esses edifícios e o que se pensa ser

propriedade de toda a sociedade. Então, podemos adicionar um terceiro campo de jogo. O campo da sensibilidade, um campo da arte. Como mudar o gosto? Assim, os gostos mais recarregados eram, digamos, o consenso maioritário e os gostos mais depurados, mais minimalistas, eram apenas dos artistas ditos Modernos. Algo que vai evoluindo, agora, o gosto maioritário é da arquitetura moderna e do minimalismo e o gosto minoritário é o da sensibilidade mais barroca, etc.

M - A *Inter Oecumnece* é a que mais fala sobre arquitetura?

E - Sim, o que acontece é que é um campo minado, porque muitos desses postulados que estão já ultrapassados, ou mesmo anulados. Não se pode referir apenas à *Inter Oecumenice*, é muito arriscado.

Com todo esse *corpus* doutrinal, houve conferências episcopais, mesmo bispos isolados, que fizeram os seus prontuários para os seus arquitetos ou para os seus párocos, etc.

Os primeiros foram os franceses nos anos setenta, depois também os alemães, os americanos, os espanhóis, os italianos, os australianos, etc. Nestes casos, estes são os documentos atuais. E que se supõe ser escrito por pessoas que estudaram toda a literatura anterior, toda a legislação anterior e a condensaram num documento mais fiel, claro e acessível ao povo. Mas o realmente válido será consultar a última edição do missal romano que está em vigor e, dentro dessa instrução anterior, desse grande prólogo existente no capítulo cinco da instrução geral do missal romano encontra-se descrito como devem ser as igrejas e o que se pode, e não se pode fazer.

M - O que é que aconteceu para que, passados mais de 50 anos do Concílio, ainda não haja um consenso sobre a questão de como construir ou preservar as igrejas?

E - Tudo esteve na intervenção de Bento XVI, em 2007, com o motu proprio *Summorum Pontificum*, que esclarece que o missal de Paulo VI não proibia o missal de João XXIII, mas simplesmente o complementa. Nisto esclarece que a celebração em latim não é absolutamente proibida, mas recomendada, e que celebrar os fiéis e o sacerdote na mesma direção não é proibida, mas também recomendada, etc. Um motu propriamente dito que introduzia um factor com uma espécie de surpresa quando quase todos pensavam que a situação estava resolvida, o que tornava a questão difícil.

Além disso, houve o movimento litúrgico do século XIX que tentou contornar todas as mudanças litúrgicas da história e voltar à última ceia de Jesus Cristo com os seus apóstolos. O que ele fez com dezoito séculos de história é inútil. Mas não podemos saltar. Não dá para saltar porque a Igreja é uma religião histórica, é uma realidade que foi se formando como recifes de coral, aos poucos. Não podemos voltar ao início. E isso foi expressamente condenado por Pio XII. Era arqueologia gratuita .. Não se pode apagar repentinamente três séculos de liturgia barroca, ou oito séculos de liturgia moçárabe, ou catorze séculos de liturgia visigótica ... não se pode. A intenção era apresentar aos fiéis a liturgia, para que pudessem entendê-la, para que pudessem participar, para que pudessem responder às invocações do sacerdote, que pudessem entender as leituras bíblicas, que pudessem comunicar-se com mais frequência e que se sentissem um só corpo com o sacerdote e não apenas espectadores de uma ação teatral. Tudo isso tem que ver com o movimento bíblico, o movimento que tenta redescobrir a sagrada escritura e fazer com que os fiéis na sua vida espiritual se alimentem dela. Mas como traduzir isso para o espaço?

Quando a missa era celebrada no início do século vinte, o padre estava ereto, de costas, ignorando o povo, fazendo as suas orações em voz baixa e apenas dirigindo-se a eles no início e no fim e então especialmente na homília. O que é que pode ser feito? O que podemos fazer para que a sagrada escrita chegue aos fiéis é, obviamente, que se pregue face a face. Para que se oiça, para que se compreenda. Então habilita-se um local específico para isso, perto das pessoas, para que se veja simbolicamente que elas também participam e que isso as integra. Habilita-se um púlpito (agora chamado de ambão) já não como mero suporte, mas como um lugar sagrado em si mesmo, da mesma entidade que o altar.

Começa-se assim a falar de duas mesas: a mesa da palavra e a mesa da Eucaristia. E logo se cria um

terceiro lugar: a presidência, onde o padre começa a celebração e a termina. Há como um movimento interno de todo o presbitério. Deixa de ser um espaço pequeno e homogêneo e passa a ser um espaço maior, até porque depois do Concílio é autorizada a concelebração da Missa entre vários sacerdotes, portanto, as dimensões do espaço devem ser maiores.

O altar deve ser circundado o que pressupõe trasladá-lo de uma posição quase subsidiária do retábulo para um local próprio, separado do retábulo. Ao separar-se entende-se que também pode ser celebrada a olhar para as pessoas, mas é como consequência subordinada, não era o que se pretendia inicialmente. O presbitério começa então a ter outro aspeto, passa a ser o suporte de outras dinâmicas.

É curioso que se incorpore também a comunhão processional, para receber a comunhão, quando antes existia um genuflexório contínuo, uma barreira física que separava o presbitério da nave, onde os fiéis se ajoelhavam. Isso nunca foi proibido em nenhum momento, mas agora praticamente nenhuma igreja tem espaço para a comunhão onde o fiel se possa ajoelhar.

Foi criado também um novo rito de batismo, que o entendia como um importante sacramento, um sacramento de iniciação e, portanto, deveria ter novamente um lugar adequado dentro da igreja.

Os antigos batistérios foram colocados de volta ao primeiro plano. O lógico seria que o batistério estivesse ao pé da entrada para simbolizar a entrada dos fiéis, mas logo, por motivos puramente pragmáticos, muitos padres começaram a colocar a pia batismal no presbitério, porque era mais confortável, porque era mais habitável, porque as crianças podiam estar lá, as pessoas podiam estar por perto...o presbitério tornou-se então um espaço muito mais complexo do que antes.

E depois há o problema que ainda é muito polémico: a centralidade do tabernáculo. Onde colocar o tabernáculo? A *Inter Oecumenici* recomenda ter uma capela de adoração independente do presbitério, para a adoração dos fiéis. Algo, desde cedo, muito controverso, uma vez que depende do tamanho da igreja: se é um edifício grande, uma igreja de peregrinação, uma catedral, isso faz sentido mas, numa igreja menor deixa de fazer sentido. Em todo caso, o que se recomenda sempre é que seja um lugar especial, um lugar onde a reserva eucarística seja especialmente enfatizada do ponto de vista arquitetónico e não deslocada, como se incomodasse, algo que começou a ocorrer, devido a uma corrente litúrgica que tenta explicar que a Eucaristia atrapalha a celebração, porque há uma duplicidade, que não se pode ficar de costas para o tabernáculo, etc. O que está estatisticamente comprovado é que, na década de 1970, devido a esse afastamento da Eucaristia do centro das igrejas, houve uma intensa diminuição da piedade eucarística, que João Paulo II tentou recuperar.

É um assunto delicado, é um assunto muito debatido que tem algum factor de complexidade no desenho das igrejas.

M - Teria sido diferente se pontos mais claros tivessem sido definidos nos documentos conciliares, como a declaração?

E - É difícil que um Concílio defina coisas muito claras, especialmente um Concílio que, por definição, não era dogmático (o Concílio Vaticano II não definiu nenhum dogma).

Um Concílio é infalível no que afirma, mas não no que deixa de dizer. E, na arquitetura, não há nada certo. O grau de desenvolvimento da arquitetura na Alemanha não era o mesmo que no Brasil, por exemplo... Quando o Concílio começou - os Estados Unidos tinham acabado de vencer a Segunda Guerra Mundial e a Alemanha perdido - os bispos americanos foram os que colocaram o dinheiro na Santa Sé, foram eles que conseguiram os fundos para a reconstrução da Itália e, portanto, todos pensavam que os bispos americanos iriam controlar o Concílio, mas eles não o fizeram.

Na primeira sessão, no Outono de 1962 - o Concílio desenrolou-se em quatro sessões, sempre no Outono, de Outubro a Dezembro de 62, 63, 64 e 65 -, os bispos americanos não abriram a boca, nada disseram. No ano seguinte, instalaram um sistema de tradução simultânea de latim para inglês (pagaram-no eles), para poderem perceber o que foi dito no Concílio e poderem intervir, pois o Concílio foi realizado em latim e os bispos americanos não sabiam suficientemente de latim.

Contudo, foram os alemães que controlavam o Concílio. Organizaram-se como máquinas.

Cada vez que se ía discutir um tema, formavam equipas de trabalho, e redigiam um documento a favor ou contra, com toda a maquinaria académica que justifica o assunto. Discutiam eles e os outros não tinham a capacidade de contradizê-los.

No Concílio havia cerca de dois mil padres conciliares e cada um podia levar um assessor, um especialista. Os especialistas eram os que preparavam o material, os que estudavam as questões e aconselhavam os bispos a votar (os especialistas não votavam). Mas é claro que no primeiro ano pensava-se que o Concílio ia ser uma coisa muito tranquila, mas as pessoas iam dar-se conta que não, que iam ser discutidas coisas muito importantes, como o caso da liturgia (um dos temas principais).

Mas, na primeira sessão, nada foi aprovado. Em 1963 a primeira coisa que foi aprovada - algo tinha que ser aprovado porque se não fosse seria um fracasso - foi precisamente a liturgia, e foi aprovada praticamente por unanimidade, ninguém se opôs. Mas como é que a questão mais controversa do Concílio pode ter chegado a um consenso tão rapidamente?

Acontece que os especialistas, sobretudo, perceberam que, com a caixa de Pandora aberta, poderiam discutir coisas muito mais importantes do que a liturgia ou a arte e a arquitetura como: o que era a Igreja, a disciplina do clero, os estudos bíblicos, a relação da Igreja com o mundo, o ecumenismo, as relações internacionais, a ecologia, etc.

M – No momento da implementação da reforma litúrgica, procedeu-se ao *aggiornamento* das igrejas pré-conciliares. Uma reabilitação que passou, na generalidade dos casos, pelo mero afastamento do altar da parede, ou pela colocação de um novo altar, junto ao primeiro, que permitisse a celebração *versus populum*. Foi, na altura, uma medida suficiente?

E - Cada bispo tem autoridade para fazer o que julga apropriado na sua diocese, salvando as grandes linhas comuns, a comunhão com o Papa, etc. Normalmente os bispos ingressam nas conferências episcopais e tomam decisões de forma consensual, mas é claro que, desse ponto de vista, as intervenções de Bento XVI sobre este assunto foram bastante significativas. Francisco parece que não se interessa tanto por estes assuntos, não me lembro dele dizer quase nada sobre eles.

A reflexão de Bento XVI parece-me muito lógica, dizendo que quando o sacerdote começa a missa, ele se dirige aos fiéis, em vernáculo; depois, a primeira parte da missa, a proclamação da palavra, é feita no ambão, pelos leitores e depois pelo sacerdote, olhando também para os fiéis; depois a homilia, que o padre faz, evidentemente dirigindo-se ao povo em língua vernácula.

Mas já o cânone eucarístico, a liturgia eucarística, era favorável fazê-lo no altar, mas sem olhar para as pessoas, rezando todos juntos para o mesmo lugar, para o oriente, como a orientação primitiva, para o sol. E então, depois da comunhão, já nos ritos finais, o padre volta à sede e dá a bênção olhando para o povo. Que esta policentricidade do presbitério correspondia a uma 'poliposição' - poderíamos dizer - do padre; Que não é uma posição única do sacerdote em relação aos fiéis, mas sim que para sublinhar o que acontece a cada momento da celebração, a postura corporal será alterada.

Somente no caso de igrejas que não permitem, pela disposição atual, que o sacerdote durante a celebração eucarística se coloque na mesma posição que os fiéis, só então esse ponto de vista teria justificação em fazê-lo ao contrário; mas, nesse caso, ele teria que colocar uma cruz num ponto intermédio entre o sacerdote e os fiéis para que os olhares de todos convergissem para a cruz. Suspeito que, pouco a pouco, as coisas caminharão para essa compreensão mais profunda do rito da liturgia, deste rito não monolítico mas articulado que é proposto pelo concílio, cuja articulação tem que ver com a posição que o sacerdote ocupa dentro do presbitério. Eu entendo que as coisas possam ser assim.

Também é conveniente estudar a liturgia do ponto de vista da fenomenologia corporal. O que acontece quando entramos numa igreja, quando começamos a andar? O que significa essa jornada

em direção à luz? Como é que o sol intervém no espaço? Que pontos é que ele marca? Que pontos é que deixa na escuridão? É o mesmo que entrar ou sair da igreja? Como é que essa fenomenologia corporal da pessoa que atua no espaço se relaciona com a liturgia que ela frequenta?

Há estudos sobre este tema que ajudam um pouco a compreender que a liturgia, o espaço da liturgia, não é monolítico. Não era monolítico antes do Concílio nem depois do Concílio, mas é um espaço muito articulado porque a liturgia é algo articulada. A maneira de se adaptar ao ponto central do espaço, que era uma questão absolutamente central no movimento litúrgico, foi questionada por causa da contradição com a afirmação da mesa dupla. Se o ambão e o altar têm o mesmo peso, se são feitos do mesmo material, com a mesma dignidade, não existe mais um único centro, para onde todos os olhos se dirigem. Existe um duplo centro.

M - Idealmente, o modelo de organização deve aproximar-se de uma elipse?

E - Sou bastante cético em relação às plantas elípticas, um pouco pelo que dizia Álvaro Siza. Pessoalmente, quando entro num espaço como este, não me sinto numa igreja, embora quando racionalizamos pareça bom e funcione. Provavelmente cria espaços interessantes e é útil para pequenos grupos.

Monsenhor Giancarlo Santi - sacerdote e arquiteto, figura importante no desenvolvimento das normas da Conferência Episcopal Italiana para o arranjo das igrejas - quando se cansou de todos estes assuntos disse ao bispo que o enviasse a uma paróquia. Ao chegar à paróquia tentou mudar o layout da igreja para um layout elíptico. Não durou um ano. Os fiéis foram falar com o bispo para que mandasse outro padre...

Talvez pudesse funcionar para um grupo, mas generalizar isso... Não o vejo.

M - Acha que a disposição longitudinal e a diferença de espaços devem ser preservadas (presbitério vs assembleia)?

E - Não sei, às vezes pode ajudar, mas temos que ver cada caso específico. Tem de se ver se vale a pena para a leitura geral do espaço fazer isso ou não.

Pessoalmente, penso que ainda existem muitos preconceitos sobre o que supõe separar os sacerdotes dos fiéis. A proximidade do sacerdote, tanto em si mesmo como no momento da celebração, não pode ser traduzido em algo automático. Houve um tempo em que os padres, para estarem mais perto dos fiéis, tiravam o talar... Não tenho tanta certeza de que seja esse o caminho. Acho que a proximidade é outro tipo de coisa, é mais uma atitude vital do que uma questão formal. Existem padres muito distantes que estão vestidos com roupas civis e padres muito próximos que estão vestidos com vestes talares. O mesmo acontece com o presbitério na nave. Não é pelo facto de o presbitério estar elevado ou separado da nave, que a liturgia será mais incompreensível ou compreensível. Principalmente, desde a descoberta do sistema de som (invenção que se difundiu na década de 1960), o padre pode estar longe e ser ouvido perfeitamente: isso não é problema agora. Outra coisa é que efetivamente não haja uma separação brutal, mas mesmo muitas novas igrejas são mantidas com uma organização longitudinal.

Acho que os problemas têm que ser vistos de vários pontos de vista: a conversão do espaço, a identidade da arquitetura, a preservação do carácter do edifício. Eu penso que, para a liturgia, a arte de celebrar (*ars celebrandi*) é muito mais importante do que o espaço onde é celebrada. A atitude do padre, a recepção da comunidade, a limpeza do edifício, que não haja cartazes, que não haja objetos estranhos, que tudo esteja no seu lugar, as instalações - como os tubos e a iluminação são integrados, a acústica -, o traje do sacerdote, etc: tudo isso é muito mais importante do que a disposição dos fiéis, porque fala de respeito, fala de decoro, fala de piedade, fala de religião. Questões muito elementares como essas influenciam a adoração muito mais do que o espaço. Nesse sentido, eu acho que a arquitetura é sobrevalorizada, que lhe damos demasiada importância. Penso que as pessoas não o percebem tanto.

São muito mais as pessoas que dizem que vão a uma determinada igreja porque o padre prega muito bem do que aquelas que dizem que vão a uma determinada igreja porque gostam de sua arquitetura.

M - Que ensinamentos podemos tirar deste tempo de confinamento?

E - Pois, não sei ... Exceto a comunhão, que não pode ser física, mas é espiritual, para mim resulta muito similar.

O não estarmos fisicamente ali, o estarmos noutra lugar ... estamos em casa, mas entramos na celebração como entramos num filme, numa série ou num jogo de futebol.

Na verdade, isso já acontece em muitos outros lugares. Se formos fazer uma peregrinação a Roma, Lourdes ou Fátima, iremos estar muito longe do presbitério e, com sorte, teremos um ecrã por perto onde poderemos acompanhar a celebração. Mas estamos ali e sabemos que estamos.

A teologia clássica dizia que os sacramentos atuam nos fiéis de duas maneiras: por si próprios e segundo a capacidade de quem os recebe. Obviamente, comungar significa receber Jesus Cristo no seu próprio corpo, isso é indiscutível. Outra coisa é a consciência que temos disso e, claro, que supõe um esforço por parte dos fiéis, por forma a se prepararem realmente para aquele acontecimento e, muito poucas vezes, para não dizer nunca, estamos totalmente cientes do que está a acontecer. Nesse sentido, a comunhão fisicamente não existe, evidentemente, mas do ponto de vista espiritual, sim.

Esta ausência de comunhão física de maneira permanente pode tornar-se um problema, mas provisoriamente não me parece tão grave: ajudará a promover a consciência da comunhão material. E por falar nisso, da materialidade do espaço arquitetónico. De qualquer forma, ainda há muito a fazer. Muitíssimo.

d. Entrevista ao arquiteto João Alves da Cunha (Julho de 2020)

Manuel Vilaça Ribeiro: O que é que se sucedeu, para que, passados mais de 50 anos do Concílio, ainda não haja um consenso sobre a forma que o espaço litúrgico deve tomar, quer nas novas, quer nas antigas igrejas?

João Alves da Cunha: Essa falta de consenso deve-se à oposição entre duas formas muito distintas de ver e ser Igreja, uma aberta a mudanças e outra acérrima defensora de uma tradição supostamente fixa. Acho que há, neste momento, estas duas tensões muito fortes e que enquanto não se ultrapassar, não se resolverá a questão do espaço litúrgico. Apesar da tradição da Igreja ser marcada por uma grande capacidade de mudança e adaptação a cada tempo, há uma Igreja mais tradicional que só se revê numa certa orientação do espaço... E depois, se prestarmos atenção, vemos que não é só a questão da orientação do espaço. São os paramentos, os candelabros...

M: E o número de castiçais, de degraus...

J: E outras coisas também. Vemos isso na forma como nos olhamos, a forma como nos vestimos, até na forma como falamos com os outros e nas palavras que usamos...

Acho que há um trabalho que está totalmente em falta. Há muita gente que se revê numa eclesiologia mais comunitária, mais envolvente, mais participativa, mais horizontal. Mas este horizontal não é um horizontal desprovido de Deus, é um horizontal em que Deus está no centro.

Gosto muito de dar o exemplo de um teatro, de um auditório, de um cinema ou de um parlamento, de compreender como é que as pessoas ocupam o espaço e o que são chamadas a fazer nele.

Provavelmente, mais inconscientemente, entramos em determinados espaços semelhantes para estarmos mais calados... vamos ao cinema, e temos uma distribuição, uma organização espacial, onde é suposto estarmos calados a assistir ao que está no écran. Vamos ao teatro e é suposto estarmos calados a ver o que se está a passar no palco, o que outros estão a *performar*. Se formos a uma conferência é suposto estarmos calados a assistir, estamos na sala de aula e é suposto estarmos calados a ouvir o que o professor está a dizer. É o modelo que a Igreja está a replicar e se calhar não tem consciência disso. Mas ter pessoas a assistir é precisamente aquilo que o Concílio Vaticano II mostrou que não deve ser. Quer pessoas participantes e ativas. Está lá repetido várias vezes, por isso mais explícito é impossível. Portanto não foi um engano, não foi alguém que lá pôs essa ideia às escondidas! No entanto, parece que ficou esquecido...

É a participação ativa que se pretende, não uma assistência, e os espaços litúrgicos que fazemos ainda hoje, então aqui em Portugal, são de assistência. Há igrejas a ser inauguradas que são exemplo disto. Por exemplo, a Igreja de Manta Rota, que inaugurou na semana passada...

Eu vejo muitas comunidades e muitos párocos que depositam tudo no envolvimento de um artista ao conceber a igreja, mas isso não é suficiente.

Isto não tem a ver com aquela questão de se o arquiteto é crente ou não é crente, não tem nada a ver com isso, porque o ponto é perceber-se o que é que se quer. Se o arquiteto tiver um bom programa, há-de, à partida, saber responder ao programa. Obviamente poderia ajudar a enriquecer o programa, a melhorar o programa, chamar à atenção a alguns pormenores do programa. A verdade é que a grande maioria dos arquitetos não faz a mínima ideia de o que é a realidade litúrgica, de o que é a realidade eclesiológica e, portanto, vai repetir os modelos que vê, porque acredita que aqueles são os modelos que estão aprovados pela Igreja. Até porque para um certo tipo de arquitetura são modelos bastante convenientes, que dão muito jeito, esta arrumação é muito prática.

M: O problema está no programa?

J: Exatamente. O problema está antes, o problema está no programa. Eu costumo dizer, um arquiteto para desenhar um cemitério não tem de estar morto, não é? Nem para desenhar um hospital não tem de ser doente ou que ser médico. Não é por aí, não é essa a questão. Acho que ter um bom programa é essencial. Por exemplo, a Igreja de São Lourenço em Munique, onde eu tive a graça de poder estar numa missa de Pentecostes, é uma igreja modelo do Movimento Litúrgico. Uma igreja inaugurada em 1955, quando ainda nem se falava do Concílio. Tem, no entanto, um projeto que considero admirável. Estive lá com o padre João Norton e com o arquiteto Bernardo Miranda e foi espantoso, porque os três sentimos o mesmo, completamente integrados, mesmo tendo sido uma missa em alemão. O espaço claramente que nos ajudou a estar dentro daquela comunidade. Foi um projeto que resultou de uma equipa muito boa, foi resultado de um trabalho extraordinário entre um extraordinário arquiteto, mas também extraordinários teólogos e liturgistas.

M: É importante uma equipa multidisciplinar?

J: É fundamental uma equipa multidisciplinar que reflita e trabalhe para chegar a uma boa resposta. Faz toda a diferença.

M: Há algumas questões sobre a própria terminologia que gostaria de abordar. Esta questão de se dizer que determinados movimentos ou pessoas são muito tradicionalistas e outros não, é na verdade algo contrário, não é verdade?

J: É, exatamente. A verdadeira tradição é a mudança, a Igreja sempre se soube adaptar. É como dizes, é exatamente ao contrário. Quando se diz que a tradição está com os que, por exemplo, apenas aceitam a missa Tridentina, não é verdade, é exatamente ao contrário. A verdadeira tradição da Igreja é a mudança. Obviamente que a mudança traz riscos, mas o que é a Igreja se não arrisca? Como o Papa Francisco diz, é preferível uma Igreja ferida, mas que arrisque, que saia. Ou vamos estar aqui fechados dentro dos muros, dentro das paredes, dentro do “sempre foi assim”?

M: Mas neste caso é uma mudança que também não é muito radical em si, acaba por ser uma nova liturgia e um novo espaço litúrgico que, na verdade, nada de novo têm. Porque sempre foi havendo, de certa forma, ao longo dos tempos, logo desde o início, essa ideia da reunião, da mesa, da fração do pão, da assembleia dos fiéis reunida e não distante... Portanto eu acho que na verdade, esta mudança toda não é assim tão radical, é radical aos olhos das pessoas que se calhar desconhecem um pouco da história da Igreja e da arquitetura das igrejas.

J: Radical é exatamente o contrário, é dizer que tem de ser assim, porque sempre foi assim.

M: Que não foi. É falsa essa ideia.

J: Sim. Basta pensar como a Igreja foi até Constantino, a reunir-se em casas, em salas, à volta da mesa. Este era o cristianismo...

M: Sim, o nosso pensamento está limitado a um período de tempo muito reduzido.

J: Um exemplo: a Igreja de São Roque não tinha bancos. Mas nós esquecemo-nos destes pormenores e dizemos “sempre foi assim!”. Mas é falso. Os bancos entraram no séc. XVIII na Igreja. Até aí, não havia bancos. Até se dizia, quando o Padre António Vieira ia proferir o sermão a São Roque, para se ir “pôr o tapete a São Roque”, que era a forma de se marcar lugar no espaço aberto que era o interior da igreja.

M: E há mais exemplos destes que julgamos que sempre foram de determinada forma, quando na verdade não foi assim...

J: A concelebração surgiu no Concílio Vaticano II e durante um período da história da Igreja não havia missa às nove horas ou ao meio-dia como hoje conhecemos. As pessoas entravam na igreja,

viam em que altar é que estava um padre a celebrar a missa (de costas e em latim) e aproximavam-se como podiam. O que sucedia era que muitas das vezes não entravam no início da celebração, o que fazia com que no fim dessa tivessem de ir a uma outra capela lateral onde estivesse um padre a começar outra missa para segui-la, mas apenas até ao ponto onde tinham apanhado a anterior...

M: O interior das igrejas, antigamente, tratavam-se de verdadeiros salões sociais...

J: Sim, era um espaço também de socialização e até de negócios. Sabe-se que se faziam negócios porque eram espaços imensos onde as pessoas se encontravam e por ali deambulavam. E como vês, bastam um ou dois pontos para conseguirmos perceber que o “sempre foi assim” é errado.

M: Teria sido diferente se os documentos conciliares tivessem definido pontos mais claros relativamente a este assunto?

J: Bem, eu acho que era difícil o Concílio poder ter ido mais longe. Acho que a reflexão não estava madura a este ponto e ao mesmo tempo, não sei se alguém acreditaria que pudesse haver um modelo decretado, digamos assim, um modelo imposto.

M: Eu analisei o *sacrosanctum concilium* e realmente muda o paradigma sem querer impor. E do que li de pessoas que escreveram acerca do Concílio, o que o Concílio quis, ao contrário dos outros, que impuseram regras e definiram dogmas, foi reorientar, de uma forma mais calma, a Igreja num determinado sentido, mas apesar de tudo acaba por estabelecer alguns pontos mais claros, como a questão da participação ativa. E, portanto, estando a questão da arquitetura tão intrinsecamente ligada com a liturgia, como temos vindo a falar, achei estranho o facto de não haver nenhuma reflexão, mais, de não haver uma única vez a palavra arquitetura em todo o documento. Mas é interessante notar que, os padres conciliares, apesar de não quererem ser responsáveis por definir normas arquitetónicas, queriam que essa mudança acontecesse, de tal forma que depois sai a *inter oecumenici*, a *eucaristia mysterium*... em que claramente a *inter oecumenici* dá já a definição do que deveram ser os pontos definidores de uma igreja, não apresentando um modelo estático, mas linhas orientadoras...

J: Atenção que quando nessa altura se fala em arte já se fala em arquitetura. Esta separação entre arte e arquitetura é nossa, é mais recente, nós é que separamos, ao tirar a arquitetura das Belas Artes. Para todas estas pessoas, a arquitetura era uma das Belas Artes, porque eles faziam a formação juntos. Quando se falar em arte na *sacrosanctum concilium*, inclui os arquitetos. Não há, portanto, necessidade de isolar ou de distinguir, de destacar a palavra arquiteto ou arquitetura. Portanto, não se pode dizer que como a palavra não aparece que era uma coisa secundária ou que de menos importância.

A propósito dos documentos do Concílio e até onde é que foram e não foram, curiosamente, o feedback que os arquitetos do MRAR me deram, é que viram um programa arquitetónico nos documentos conciliares. Porque ao lê-los, encontraram neles um programa que desafiava a ir mais além do que aquilo que eles pensavam ir e conheciam. A forma como a Igreja é chamada a ver-se a ela própria e na relação com o mundo tem uma inevitável consequência arquitetónica. E a história é o que é, as coisas avançam da maneira que avançam e realmente, de certa forma o que Bento XVI diz é verdade... fala-se sobre o Concílio, que no fundo, na realidade só deu esses frutos, só resultou nisso, na língua vernácula e no padre celebrar virado para o povo. E o Concílio era muito mais do que isso, portanto se dissermos que o Concílio foi só para isso, bem eu acho que só por isso já tinha valido a pena. Mas acho que há muito que ficou completamente aquém.

M: Na maior parte dos casos, principalmente em igrejas antigas, a única coisa que se fez foi afastar o altar da parede...

J: E isso foi claramente negativo, porque com o tempo, isso só não basta, falta todo o resto. Fazendo apenas isso, a única coisa que se fez foi criar um obstáculo, foi pôr um muro entre o padre e a

assembleia. A forma arquitetónica de paralelepípedo, e não cúbico, não ajuda nada. Ainda expecciona mais esta noção de obstáculo. E é engraçado ouvir o Papa Francisco quando falou da questão da construção de pontes em vez de muros. Lembro-me sempre disso quando penso no altar da capela do Colégio de S. José das irmãs dominicanas no Restelo, do Diogo Pimentel. Aquele altar cria uma relação com a assembleia completamente diferente, é extraordinário. É daquelas coisas, que para nós arquitetos nos deve interpelar: a simples rotação de uma mesa altera brutalmente as relações e dinâmicas espaciais.

M: É o que acontece em Santa Isabel...

J: No caso de S. Isabel acontece na Semana Santa. São situações, e lá está, acho estas situações espetaculares, porque nos desinstalam brutalmente, e nós somos seres de hábitos, muito facilmente nos viciamos nos hábitos e no sempre foi assim, porque é seguro, porque conhecemos, é terreno conhecido. E de vez em quando, estas coisas desinstalam-nos, fazem-nos perguntar: porquê? E realmente, porque não assim, por que é que é sempre da outra maneira, e porque não pode ser assim?

Outro exemplo: a vivência do espaço da igreja do Colégio São João de Brito. Saberás certamente da intervenção do Bernardo Miranda. Eu estudei dos 3 aos 18 anos no colégio S. João de Brito, perdi o número de vezes que fui à missa no modelo anterior. Tenho completamente dentro de mim a imagem, pequenino e ver aqueles degraus todos, são vários, para aí uns dez degraus, não sei, e o altar lá ao fundo. E lembro-me perfeitamente de pensar, aquilo está mesmo lá em cima, está tão longe, que aquilo não é para mim, porque está tão distante. Quando voltei a entrar na igreja já depois da mudança, foi tipo “uau”, aqui sou chamado a um sítio que convida completamente a uma outra relação, com o altar, outra relação com a eucaristia, aqui eu percebo a participação ativa.

Relativamente ainda à questão das igrejas antigas, apenas dizer que é dos maiores desafios que temos, mas também das maiores oportunidades. Acho que pode passar muito por aí, alguma da renovação e do espírito novo. As igrejas podem passar precisamente por aí, pelo que se possa fazer no interior dessas igrejas antigas. Vi no teu inquérito e achei muito curiosa a pergunta cuja ideia era “como sentiu a celebração da Missa à distância”. Houve um grande número de não justificado por acharem que o espaço sagrado era a igreja. E dentro da igreja, se esmiuçarmos junto dessas pessoas, ainda há um espaço mais sagrado, que é o espaço do presbitério, o espaço do altar. Esse então é o santo dos santos. Eu estou convicto, que o espaço mais sagrado é cada um de nós, é esse o espaço mais sagrado aos olhos de Deus. Eu acho que se Deus estiver a olhar para uma igreja e para uma pessoa, acho que não tem dúvidas para onde é que ele vai apontar e dizer este é o meu espaço sagrado.

Outro exemplo bom é se pensarmos na localização da igreja da Expo, que por pouco estava debaixo da ponte, precisamente porque não se reservou um espaço para um equipamento religioso no plano original...é espantoso ver isso, o equipamento religioso nem foi tido em conta. Sinto que isto nos levava a outro tema, que é onde é que a Igreja é chamada a estar hoje em dia, em termos de edifício?

Até fevereiro ou março, muita gente diria que o espaço sagrado é aquele que está dentro da igreja. E agora? Mantém-se esse? Ou nos casos em que a celebração passou para o exterior, está-se a celebrar a eucaristia em espaço profano? Passamos para o espaço profano? Ou também é espaço sagrado? Como é que se põe uma linha, um limite num mundo onde é tudo criação de Deus? Quem sou eu para pôr uma linha naquilo que Deus criou e que ainda por cima disse sempre que era belo? Deus olha, vê o que criou e disse que é belo. Sou eu que vou pôr uma linha a dizer até aqui é sagrado, daqui para ali é profano? Não consigo fazer isso, não consigo.

M: Li uma frase do Frei Frederico Munk que dizia “não podemos deixar que as igrejas se tornem monumentos mortos, que sejam espaços museológicos”. E realmente é isso que está a acontecer. E é engraçado porque a igreja é se calhar o único monumento ou dos poucos monumentos-edifício com

uma história brutal que acompanhou séculos, e séculos, de vivências e mudanças, que apesar de tudo ainda vive, que ainda é um objeto vivo. Mas realmente é difícil conseguir um equilíbrio e a Igreja tem este carácter único de ser um monumento que acompanhou, mas que não está só museologicamente conservado, existe ali qualquer coisa a acontecer.

J: Já debes ter lido de certeza o livro do Klemens Richter, “Espaços de igrejas e imagens de Igreja”. Há lá um ponto que o autor toca ao de leve, mas que é fundamental a propósito das intervenções e das mudanças nas igrejas antigas. Diz lá algures que a Igreja tem de deixar cair o tabu, relativamente aos seus edifícios. Grande parte das igrejas estão classificadas como monumento, ganharam o estatuto de monumento, já não são só igrejas, são aquilo a que se chama património das cidades e de um povo inteiro. É o caso da igreja de São Roque por exemplo. A igreja tem de deixar cair o tabu e perceber que essa igreja pode ser importante para a identidade histórica de um povo, mas se a sua forma histórica a está a impedir de gerar Igreja nos nossos dias, então tem que saber largar essa igreja, entregá-la à musealização e a comunidade tem de procurar outro espaço que a ajude mais a ser Igreja, sem ter medo disso. É necessário ser livre, porque a Igreja não é aquele edifício, a Igreja é muito mais do que isso. Temos que usar as coisas enquanto elas nos ajudam. Neste caso, nas igrejas, é exatamente a mesma coisa, elas são um meio, existem para nos ajudar. Mas se estão a ser um obstáculo, então temos de ser livres e saber libertarmo-nos delas. Ou então mudá-las para as tornar num meio que nos ajude. É como a frase “O sábado é feito para o Homem”, e não o contrário. A igreja é exatamente o mesmo, a igreja é feita para servir as pessoas, não o contrário, não podemos inverter a ordem dos factores. Não é uma tarefa nada fácil, nem se podem alterar assim os espaços porque as decisões que são impostas de cima para baixo vão correr mal, mesmo que sejam boas. Podem ser muito bem intencionadas, nós podemos ter todas as boas intenções, pode ser a solução espetacular, mas se as pessoas não forem chamadas a participar, não dá em nada. As pessoas têm de ser envolvidas, a comunidade tem de ser envolvida, tem de fazer caminho, não se podem queimar etapas, não se podem dar saltos.

M: Por achar que as pessoas têm de ser chamadas a participar e que têm algo a dizer, promovi o inquérito. Decidi aproveitar este momento único que estávamos a viver enquanto Igreja e enquanto mundo, que poderá estar a despertar alguma sensibilidade para determinadas coisas. Pois, pela primeira vez as pessoas foram obrigadas a restringir-se às suas casas para assistir ou celebrar a missa e de certa forma terem uma saudade que nunca tiveram, e ao mesmo tempo um distanciamento crítico que nunca tiveram relativamente ao espaço onde celebravam. Pela primeira vez, foram elas a definir o espaço onde celebraram a missa. Definir o lugar, definir a forma, definir o que colocar... Qual é o contributo que se pode tirar das celebrações litúrgicas neste tempo de covid? Qual foi o seu impacto?

J: Desde já os meus sinceros parabéns pelo inquérito, é uma coisa extraordinária. Há sondagens eleitorais que não chegam nem a metade dos inquiridos conseguidos. Quase duas mil pessoas é um excelente número!

Em primeiro lugar que fique claro que eu não partilho nada da opinião de que isto da pandemia é algo enviado por Deus. Nada, zero, não partilho nada dessa tese. Mas acho que é uma oportunidade para refletirmos. O que é a questão da igreja? E o que é que é a Igreja? A pandemia e o confinamento vieram tornar estas questões muito evidentes. Aliás, as missas online vieram tornar totalmente evidente que, afinal, se calhar puxar o altar para a frente e passar a missa para português não é suficiente porque, se calhar, a maior parte das vezes continuamos a assistir mais do que a participar, se calhar a maior parte das vezes, o que fazemos mais é assistir do que participar. E estas são duas coisas completamente diferentes. O confinamento veio expor isto de forma bruta e crua.

Outro pormenor interessante é que as missas nunca estiveram suspensas, estiveram suspensas para nós leigos, mas nunca houve suspensão de missas. Lá fora, em Itália, em França, na Alemanha, nos Estados-Unidos, houve padres que deixaram de comungar em solidariedade com as suas comunidades. Foi extraordinário! Eles disseram “ou é a comunidade toda que celebra a eucaristia

ou não é ninguém! Portanto se a minha comunidade está em jejum eucarístico, eu também estou.” Isto é extraordinário, isto é Concílio Vaticano II! Mas não foi isso que nós vimos aqui em Portugal. Nós fomos convidados a ligar o computador, o telemóvel, a televisão ou o que pudéssemos, e assistir a outros a celebrar e a comungar. Pode-se dizer “Ah a gente celebra sempre de alguma maneira, é melhor que nada.” Ok, certo. Mas vamos lá sem medo cavar isto um bocadinho mais fundo. Nós estávamos a assistir e a prova é que quando chegava o momento da eucaristia, da comunhão, quem é que comungava?

M: Há uma tendência muito grande, não só em Portugal, de jovens quererem descobrir o que é que era a missa antiga. Como o vê?

J: Podem conhecer as missas anteriores, mas só peço é que não fiquem por aí. Porque é importante conhecerem-se todas as missas anteriores, para que não fiquem a pensar que uma específica era a única anterior, porque no fundo é uma das muitas anteriores. Eu acho que devia fazer parte da formação de todos os cristãos conhecer a história da Igreja.

M: Acho que o confinamento deu um contributo positivo nesse sentido. Desafiou-nos a pensar de forma diferente e a vivermos uma Igreja um pouco diferente...

J: Não vejo nada contra que se saiba o que é a missa em latim e o que foram as missas anteriores, porque quanto mais sei das outras missas, mais sei que é nesta que me revejo. Temos de estar abertos a que também esta liturgia possa ser repensada. Quando se deu o concílio também ninguém sabia como ia ser, não havia Zoom para ninguém, não havia telemóveis, não havia internet, portanto não havia nada disto. Esta nossa realidade está, também, a interpelar-nos a coisas novas. Mas o Espírito Santo não é isso? Não é sempre novo?

e. Resultados do Inquérito

O presente inquérito, que a nosso ver seria sempre oportuno, nasceu da vontade de aproveitar um momento totalmente novo na vida da Igreja: o facto de pela primeira vez se terem fecharem as portas das igrejas tendo, os fiéis, sido privados de poderem presencialmente participar nas celebrações. Perante esta realidade foi, através de suas casas, que passaram a acompanharam as celebrações, tendo sido confrontados, talvez muitos pela primeira vez, com a necessidade de refletir acerca do espaço litúrgico. E, distanciados da igreja que habitualmente frequentam, serem críticos acerca do lugar onde habitualmente celebram.

O inquérito teve assim como público alvo os fiéis (principais utilizadores do espaço) com o objetivo ouvir o que têm a dizer acerca do espaço litúrgico, não só pelos factores que anteriormente enunciamos, mas também pelo facto de, na generalidade, lhes ser vedado o acesso à discussão da definição do espaço litúrgico, comumente restringido aos padres e à Igreja.

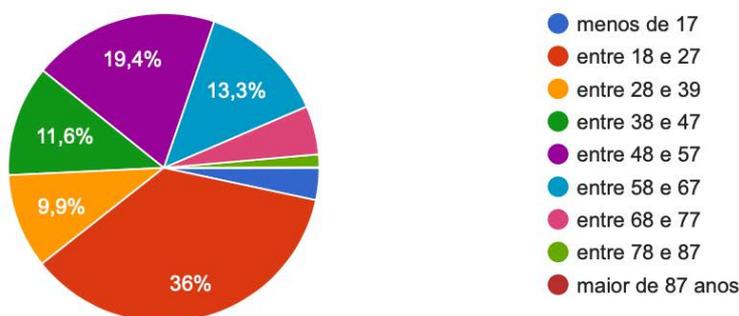
Assim, através de dois pontos gerais (celebração litúrgica em casa, e celebração litúrgica na igreja), procurou-se compreender de que forma é visto, pelos fiéis, o espaço litúrgico e que caminho deverá vir tendencialmente a seguir, em obediência ao princípio de que os fiéis leigos têm uma palavra a dizer na sua definição.

O inquérito foi disponibilizado online através da plataforma *Google Forms*, tendo sido explicado, desde logo, no seu cabeçalho, que se enquadrava no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, realizada no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, clarificando ainda que os resultados obtidos seriam utilizados somente para fins académicos.

O inquérito contou com a participação de 1787 pessoas. E, a divulgação, foi feita a título pessoal, daí se compreender um certo desequilíbrio da amostra ao nível das idades (entre 18 e 27), distrito (Coimbra) e Movimentos (Jesuítas), parâmetros em que nos enquadrámos. Contudo, um desequilíbrio que não nos parece invalidar a amostra e conseqüentemente seus resultados.

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

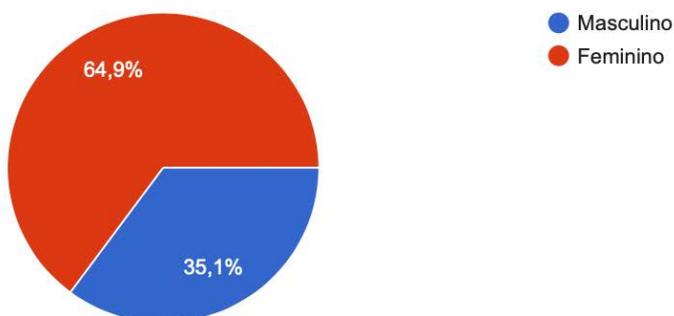
1. Idade



Como é possível analisar, através do gráfico, este dado respetivo à idade das pessoas inquiridas apresenta uma amostra bastante equilibrada (quase todas as taxas etárias próximas dos 10%).

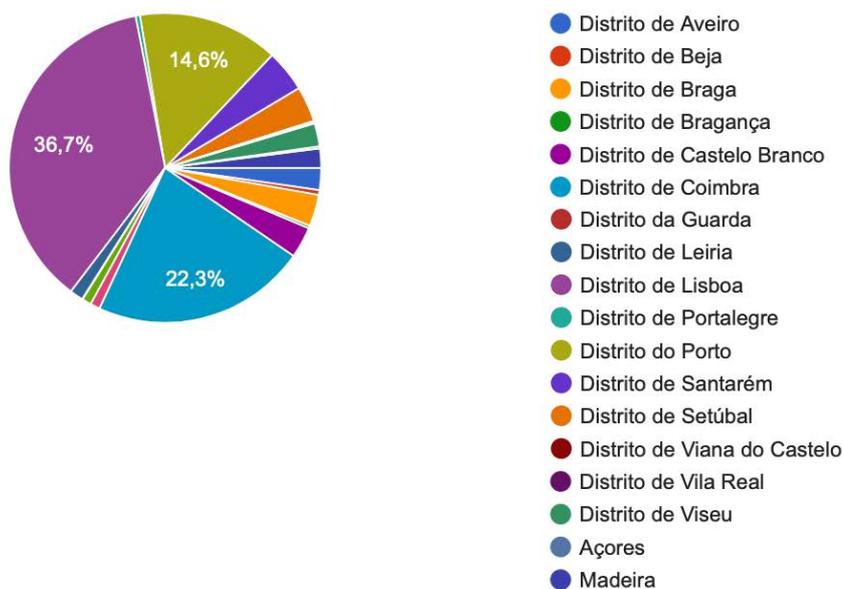
A desequilibrar a amostra, em superioridade, encontra-se a faixa etária entre os 18 e 27 anos, numericamente superior (36%- cerca de 3,5 vezes maior) seguindo-se-lhe a faixa etária dos 48 aos 57 anos (19,4%- quase o dobro). A desequilibrar a amostra, em inferioridade, encontram-se as possibilidades de opção opostas: a faixa etária “maior de 87 anos” da qual apenas houve um inquirido (0,1%), o que se compreende dada a reduzida população que aqui se inclui e a dificuldade que têm em lidar com as novas tecnologias, e a “menos de 17” (3,4%) seguindo-lhes a “entre 68 e 77” anos com (5,1%).

2. Sexo



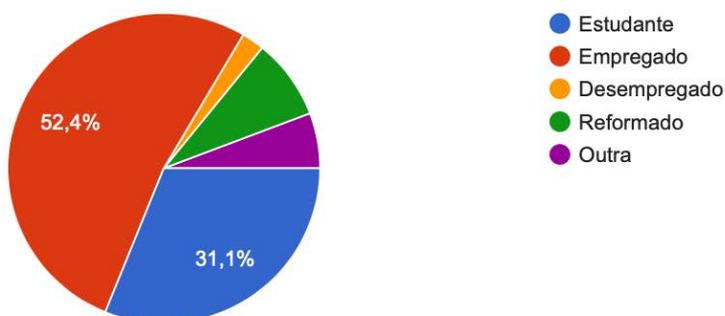
Como o gráfico indica, foi maioritário o número de respostas do sexo feminino (64,9%-quase o dobro) em relação aos do sexo masculino (35,1%). Possivelmente, a circunstância de haver uma larga representação de pessoas em idade universitária, em que predominam largamente as mulheres, pode explicar parte desta maior representação do sexo feminino.

3. Distrito



Relativamente ao distrito a que os inquiridos pertencem, é possível verificar um certo equilíbrio, atendendo à relação populacional de cada, verificando-se apenas uma grande disparidade no que toca ao Distrito de Coimbra, apresentando uma amostra muito superior em relação aos demais (22,3%) .

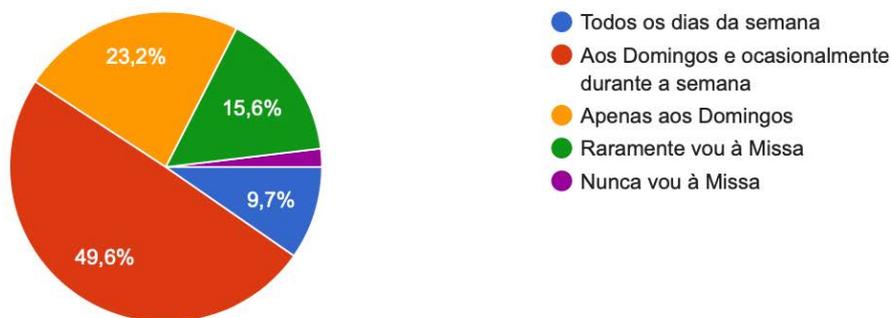
4. Ocupação



Quanto à ocupação, é dominante a amostra de pessoas empregadas (52,4%) seguindo-lhe a de estudante (31,1%). Ficando longe dos 25% a soma das restantes ocupações (Desempregado + Reformado + Outra= 16,6%). O alto número de estudantes traduz o facto de ser também elevado o número de jovens da nossa amostra, pois que as cifras que correspondem a estes dois grupos são quase idênticas (31,1 e 36%). Tal circunstância parece-nos favorável, uma vez que, para perceber a evolução do pensamento da população cristã, é correto valorizar a opinião dos mais educados e que, pela sua idade, constituirão no futuro a maioria daquela população.

II. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO ESPECÍFICOS

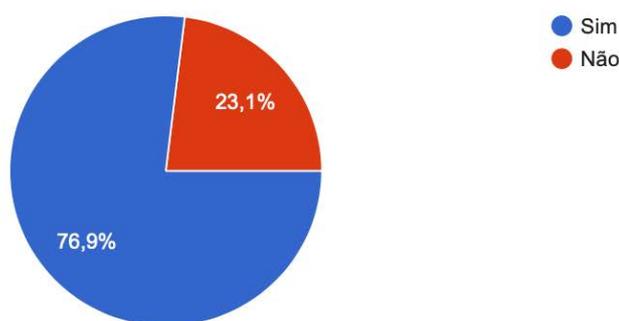
1. Com que frequência vou à Missa?



A maioria dos inquiridos, cerca de metade da amostra (49,6%), respondeu que ia à missa “Aos Domingos e ocasionalmente durante a semana”, sendo a segunda fatia (23,2%) referente a quem vai à missa “Apenas aos Domingos”, e 9,7% respondeu que ia “Todos os dias da semana”. A destacar, que 15,6% raramente vai à missa e 1,9% nunca vai à missa.

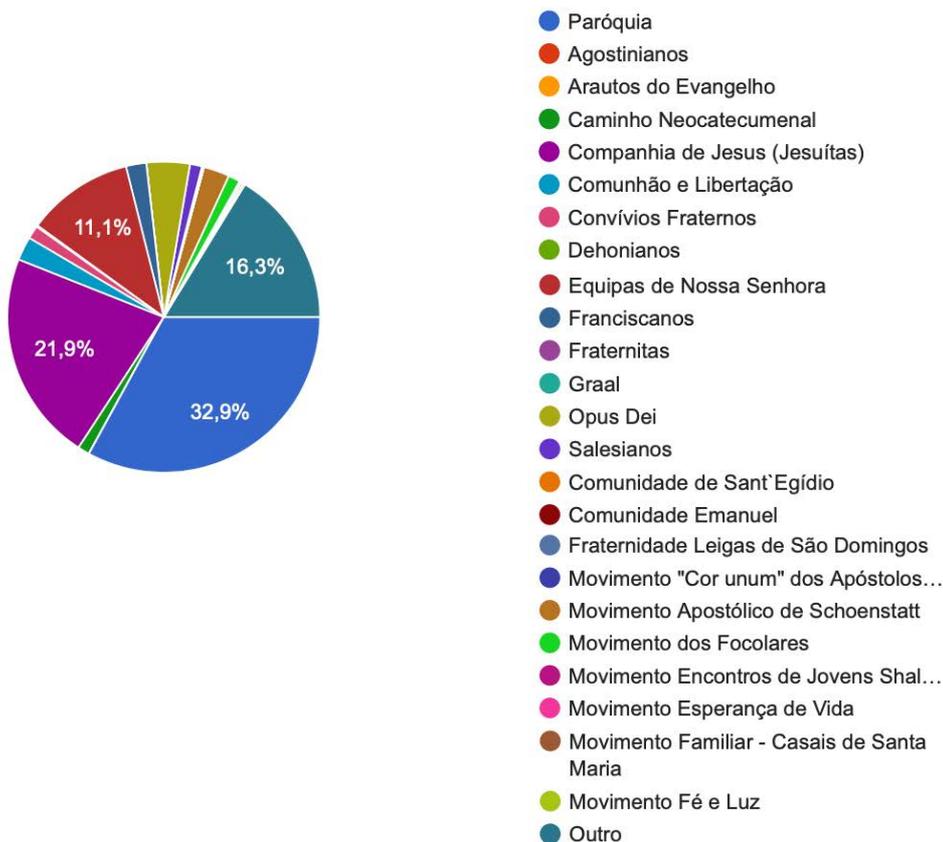
Esta baixa percentagem dos que nunca vão à missa permite concluir que quase todos os inquiridos (98,1%) se incluem no grupo dos fiéis, dando solidez à avaliação pretendida do pensamento da população portuguesa.

2. Pertencem a alguma Paróquia, Obra, Comunidade, Fraternidade ou Movimento?



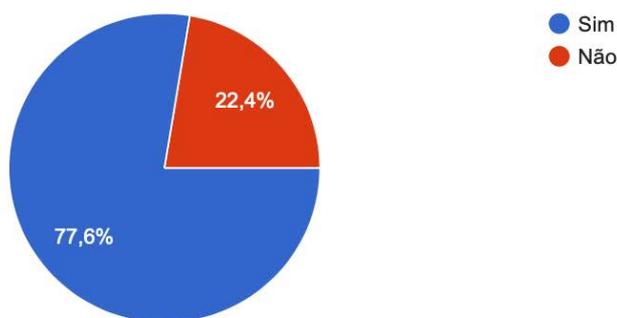
Através deste gráfico podemos compreender que maioria dos inquiridos pertence a uma Paróquia ou Movimento (76,9%), e que 23,1% não. Isto mostra um empenhamento dos fiéis superior ao que, porventura, é habitualmente percebido na sociedade portuguesa.

2.1. Se respondeu sim, indique:



A maioria dos inquiridos pertence a um movimento (67,1%), e 32,9% pertence a uma paróquia. É possível notar um desequilíbrio, em superioridade, relativamente ao número de inquiridos pertencentes à Companhia de Jesus (21,8%) e às Equipas de Nossa Senhora (11,1%).

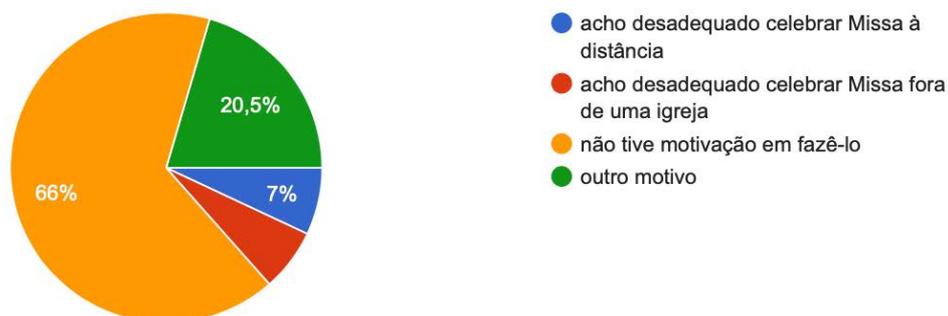
3. Durante este tempo de confinamento e, não me podendo deslocar a uma igreja, celebri a Missa a partir de casa?



A maioria dos inquiridos (77,6%) afirma ter celebrado Missa a partir de casa e 22,4% afirma não o ter feito. Daqui podemos concluir que 4,9% ($22,4 - 17,5^{492} = 4,9\%$) deixaram de ir à Missa.

⁴⁹² 17,5% é a soma dos inquiridos que raramente vão à missa (15,6%) e dos que afirmam nunca ir (1,9%)

3.1. Durante este tempo de confinamento não celebrei a Missa em casa porque:



A esta pergunta a maioria dos inquiridos (66%) respondeu que não tinha motivação em fazê-lo, seguindo-lhe a resposta “outro motivo” (20,5%). Em minoria e muito próximos entre si ao nível de valores foram as pessoas que responderam “acho desadequado celebrar Missa à distância” (7%) e “acho desadequado celebrar Missa fora de uma igreja” (6,5%). Podemos assim concluir que a causa de não acompanhar a missa em casa se deve, em 13,5% dos casos, à oposição de princípio a tal tipo de participação à distância. Fica por saber se, entre os que responderam “outro motivo”, todos não queriam mesmo assistir ou se gostariam, mas houve motivo que as impediu.

3.1.1. Se respondeu "outro motivo", especifique qual:

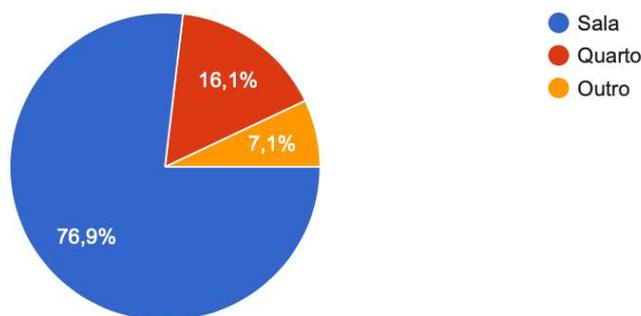
Dos 76 inquiridos que especificaram o motivo pelo qual não acompanharam as celebrações litúrgicas a partir de casa, 11 pessoas (0,6%) afirmam ter continuado a ir presencialmente à Missa. No entanto, alguns dos inquiridos (20 pessoas, 1,1%) afirmam que não celebraram a Missa a partir de casa, pelo facto de serem leigos e, por isso, não podem celebrar Missa, apenas “assistir” ou “ouvir Missa”, tendo os restantes inquiridos nomeado motivos quase sempre relacionados com o facto de habitualmente já não ser costume irem. Aqueles que responderam distinguindo “celebrar” de “assistir” ou “ouvir” mostram uma profundidade de conhecimento superior à mediana dos fiéis, que torna improvável tratar-se de pessoas que não assistiram à missa em casa. Estes dados confirmam, também, o que comentamos acerca das respostas à pergunta anterior.

III. CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EM CASA

(sobre a forma como vivi a celebração da Eucaristia, a partir de casa, durante o período de confinamento)

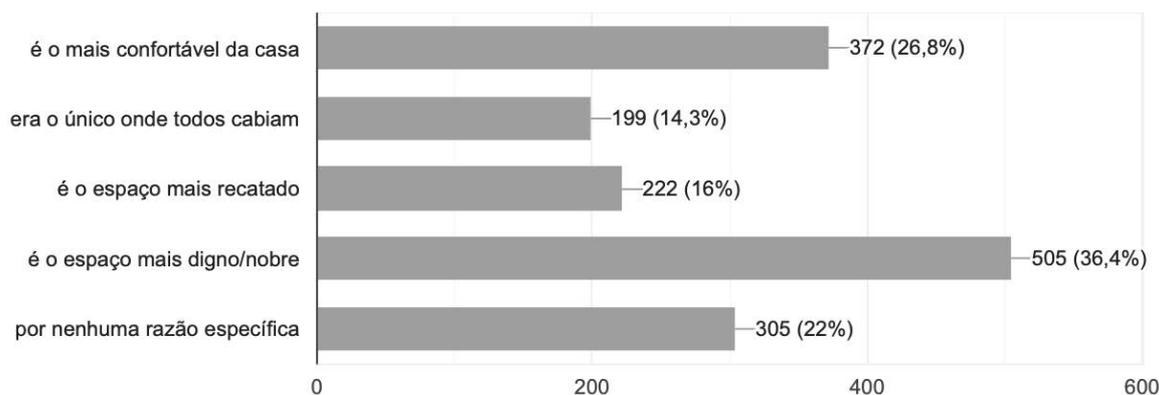
Relativamente à terceira parte do inquérito (celebração litúrgica em casa) a amostra tem menos 400 (22,4%) inquiridos, que correspondem ao número de pessoas que responderam que não seguiram a celebração litúrgica a partir de casa. Da amostra total, 1787 pessoas (100%), responderam a esta parte 1387 (77,6%) pessoas.

1. Qual o espaço da casa escolhido para a celebração?



Quanto ao lugar escolhido, a larga maioria afirma ter escolhido a sala (76,9%), sendo que 16,1% optou pelo Quarto, e 7,1% por “outro” local.

2. Porque foi esse espaço o escolhido?

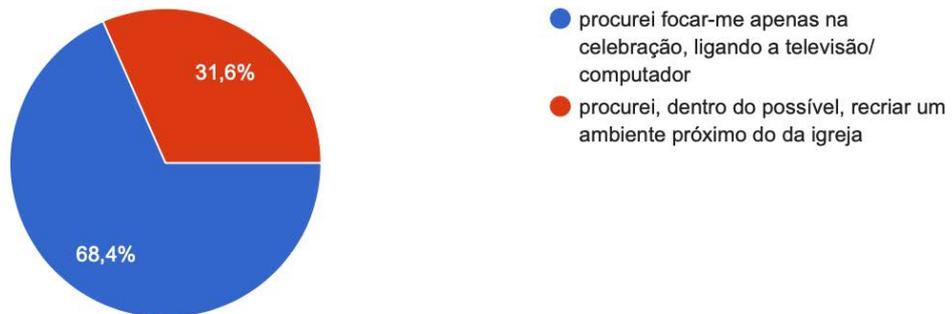


A escolha do espaço prendeu-se na maioria (36,4%) pelo facto de ser “o espaço mais digno/nobre”. Seguidamente, próximos numericamente e aos pares, estiveram por motivo o facto de ser “o mais confortável da casa” (26,8%) e “por nenhuma razão específica” (22%). E por ser “o espaço mais recatado” (16%) e por ser “o único onde todos cabiam” (14,3%). Também é crível que a presença na sala de habitantes que não queriam participar do momento da celebração da missa tenha condicionado uma escolha alternativa.

Atendendo a que as respostas “mais confortável” e “único onde todos cabiam” se ligam, em última análise, ao conforto de todos durante a missa, podemos concluir que a escolha do local se prendeu

maioritariamente (63,2% num universo de 115% das respostas) ~~pele~~ com o seu conforto para o fim procurado. Por isso, este facto não pode deixar de ser considerado quando se reformula o espaço litúrgico de uma igreja pré-conciliar.

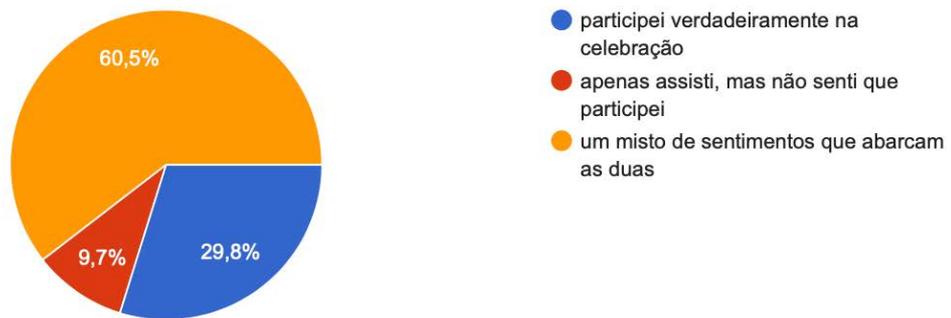
3. Nesse espaço:



A grande maioria procurou focar-se na celebração, ligando a televisão/computador (68,4%) e 31,6% procurou, dentro do possível, “sacralizar” o ambiente, recriando um ambiente próximo do da igreja. Se tomarmos em consideração que as pessoas foram surpreendidas pela pandemia e, de certo modo, tivessem por isso sido impedidas de pensar em ir além da mais simples improvisação, a taxa de quase um terço de pessoas que procuraram recriar um ambiente “sacralizado” assume outro significado que a sua mera expressão numérica.

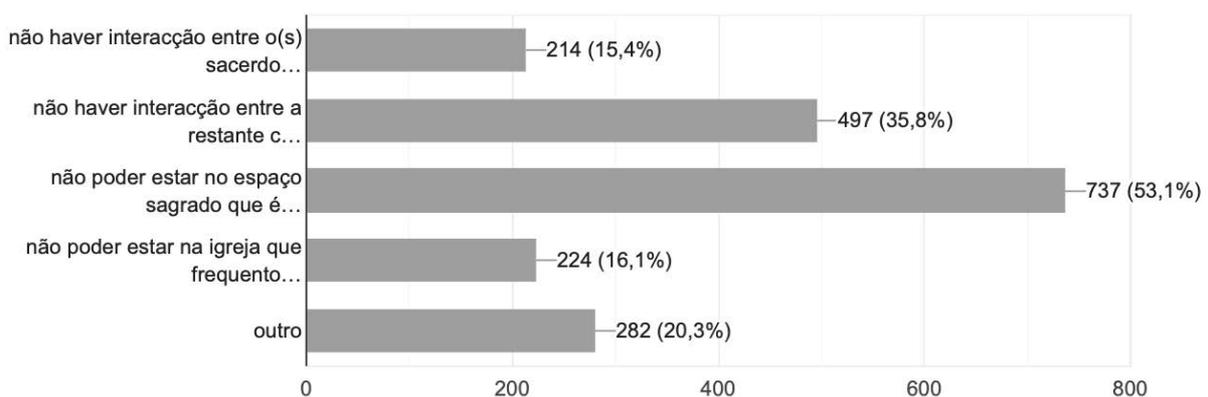
Através destas três questões podemos concluir que, na sua larga maioria, houve cuidado no momento da escolha do espaço.

4. Neste tempo de celebrações em casa senti que:



Esta tratou-se de uma pergunta em que a maioria da escolha (“um misto de sentimentos que abarcam as duas”- 60,5%) se tratou de uma opção intermédia entre o “participei verdadeiramente na celebração” (29,8%) e o “apenas assisti, mas não senti que participei” (9,7%).

5. O que para mim foi mais difícil?



De notar que sendo possível responder a mais do que uma opção, o total das escolhas atingiu os 140,7%.

Mais de metade dos inquiridos (53,1%) afirma que a maior dificuldade se prendeu com o facto de “não poder estar no espaço sagrado que é uma igreja”, sendo o facto de “não haver interação entre a restante comunidade de fiéis” a segunda dificuldade apontada (35,8%).

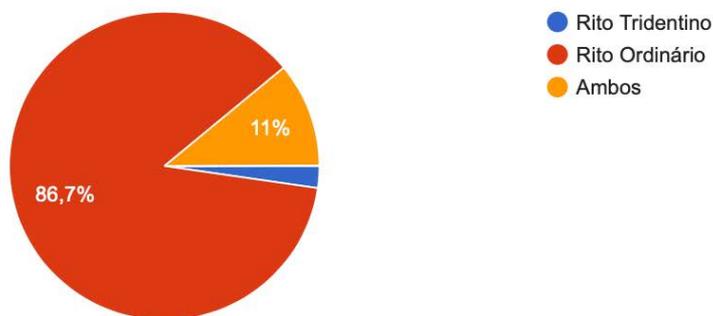
As três restantes possibilidades de escolha encontram-se com valores próximos: “outro” com 20,3%, “não poder estar na igreja que frequento habitualmente” com 16,1%, e “não haver interação entre o(s) sacerdote(s)” com 15,4%.

Estas respostas revelam que, apesar de a maioria ter respondido à pergunta anterior que sentiu “ter participado verdadeiramente na celebração”, ela reconhece a diferença relativamente a assistir à missa na igreja.

IV. CELEBRAÇÃO LITÚRGICA NA IGREJA

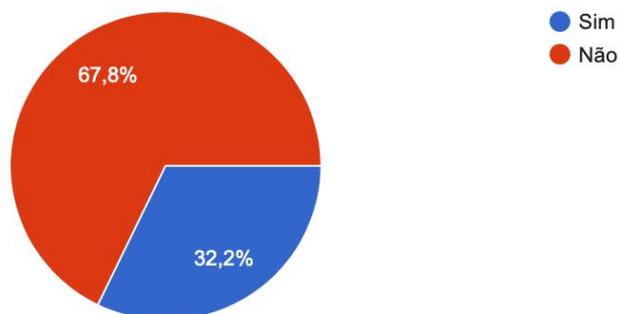
(o que penso acerca do que deve ser uma igreja nos tempos de hoje)

1. Qual dos ritos me identifico mais?



Sem espaço para dúvidas, o ordinário, é o rito com que os inquiridos se identificam mais (86,7%), sendo 11% os que se identificam tanto com o ordinário como com o tridentino, e 2,3% os que se identificam mais com o rito tridentino.

2. Já alguma vez participei numa missa de rito tridentino?

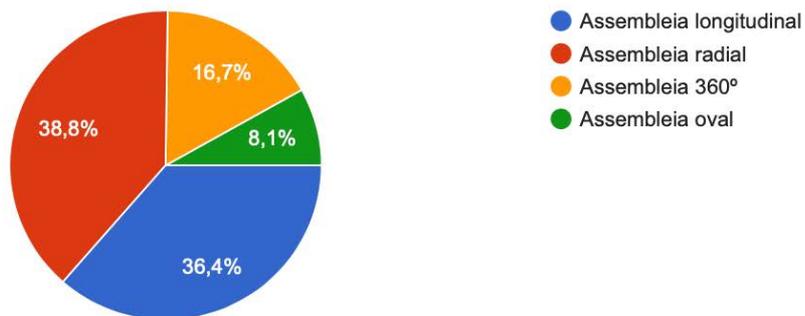


Com esta pergunta, conclui-se que a maioria dos inquiridos nunca participou numa missa de rito tridentino (67,8%), sendo 32,2% os que já o fizeram.

Destas duas perguntas podemos concluir que, apesar de 32,2% das pessoas já terem participado numa missa de rito tridentino, apenas 13,3%⁴⁹³ se identifica mais com este rito.

⁴⁹³ 13,3% é a soma dos que na pergunta 1. responderam que se identificavam mais com o rito tridentino (11%) e com os que responderam que se identificavam tanto com o tridentino como o ordinário (2,3%).

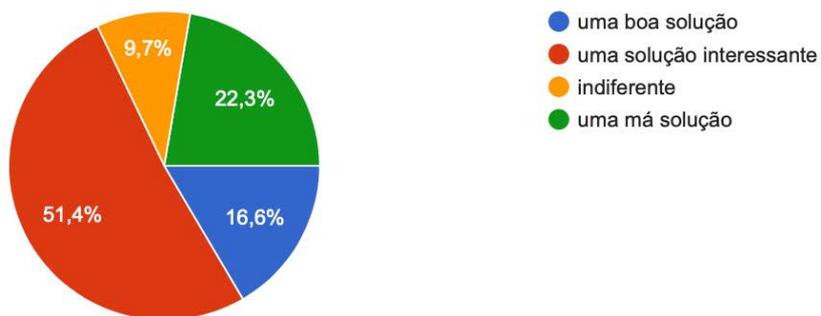
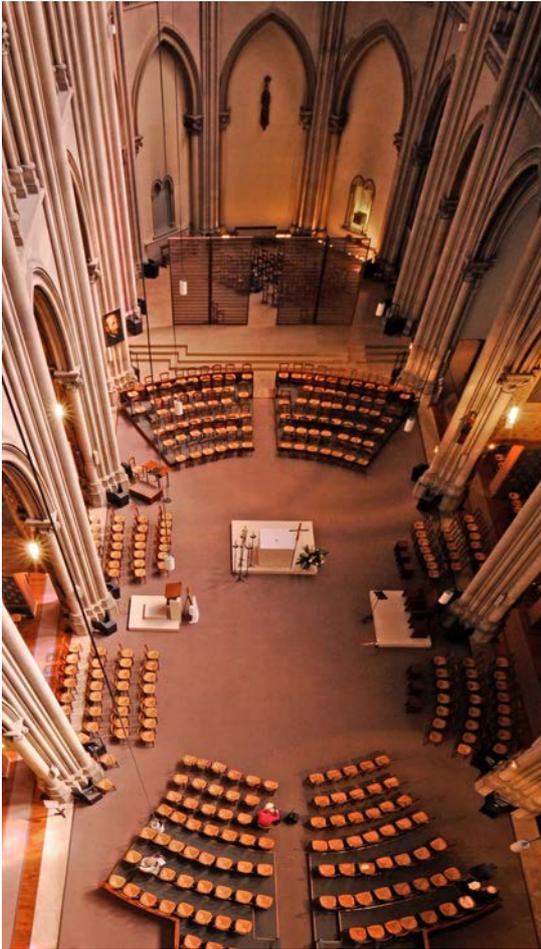
4. Relativamente à disposição da assembleia, qual destas igrejas me parece mais acolhedora para a celebração da Missa?



Quanto à disposição preferível, a tendência recaiu entre a “Assembleia radial” (38,8%) e a “Assembleia longitudinal” (36,4%), seguindo-lhe a “Assembleia 360°” (16,7%) e, por fim, a “Assembleia oval” (8,1%).

Podemos assim concluir que, apesar de ainda se sentir uma tendência tradicionalista de uma assembleia longitudinal, perde já em maioria, tendendo a prevalecer “novos” tipos de disposição da assembleia.

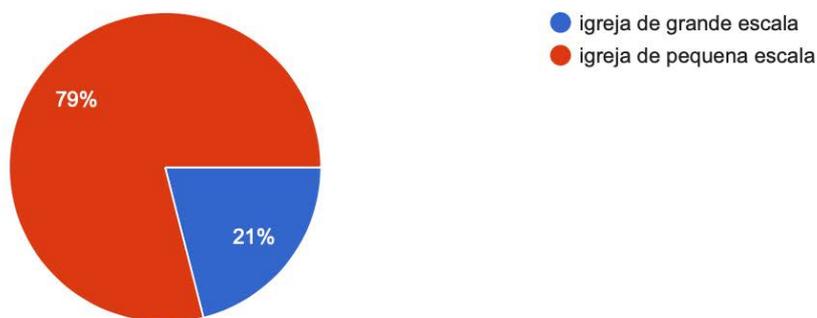
5. Esta fotografia é da Igreja de Santo Inácio, em Paris. O que acho acerca desta reorganização do espaço litúrgico?



Como podemos constatar através da visualização do gráfico, a maioria tende em achar positiva este tipo de solução. A maioria afirma tratar-se de uma opção viável (77,7%⁴⁹⁴), sendo apenas 22,3% os que acham tratar-se de “uma má solução”.

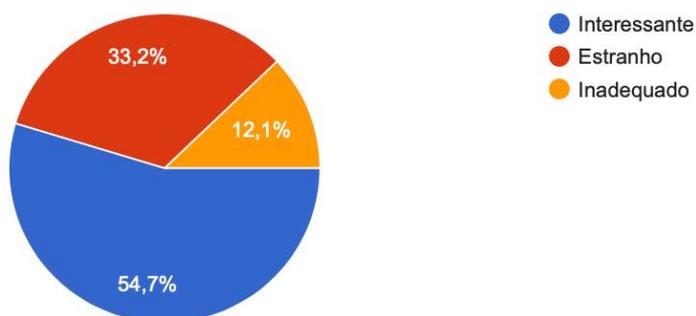
⁴⁹⁴ Soma das respostas: “uma boa solução” (16,6%), “uma solução interessante” (51,4%), “indiferente” (9,7%)

6. Que tipo de igreja me parece mais acolhedora para celebrar Missa?



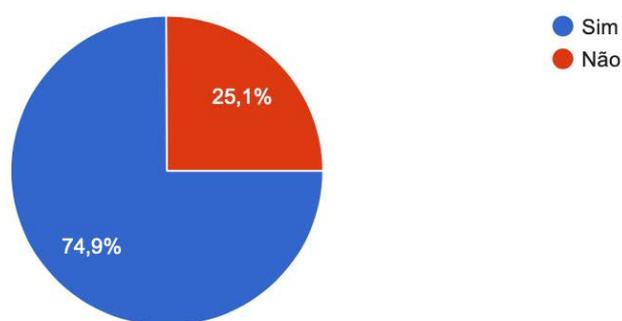
A larga maioria (79%) dos inquiridos afirma uma “igreja de pequena escala” como mais acolhedora, ao invés de uma “igreja de grande escala” (21%).

7. A seguinte imagem refere-se à celebração da Missa de 5ª feira Santa, onde é recriado, para a celebração o cenário bíblico da Última Ceia. De que forma o vejo?



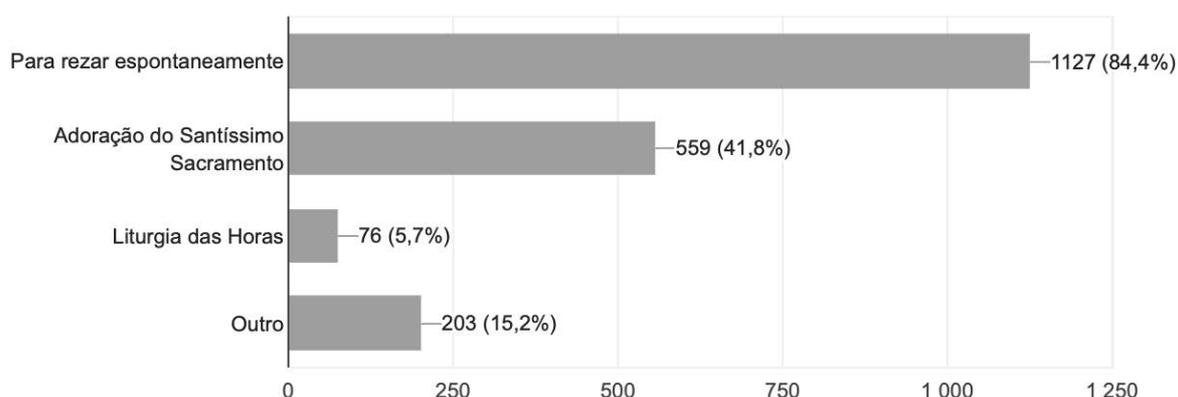
Perante a imagem apresentada, a maioria (54,7%) dos inquiridos afirma ser uma opção “Interessante”, 33,2% “Estranho”, e 12,1% “Inadequado”.

8. Costumo ir à igreja para além da celebração da Missa?



A maioria dos inquiridos (74,9%) afirma ir à igreja para além da celebração da Missa, sendo que 25,1% não o costuma fazer. Isto mostra que, para a grande maioria dos fiéis, a igreja não deve servir só para a celebração eucarística, o que deve ser tido em consideração no desenho e organização do seu espaço

8.1. Se respondeu sim na pergunta anterior, identifique o motivo pelo qual se dirige a uma igreja para além da participação na Missa.



Prevalece como motivo (84,4%) o facto de ir “Para rezar espontaneamente”, seguindo-lhe 41,8% dos inquiridos para “Adoração do Santíssimo Sacramento”, 15,2% por outro motivo, e por fim, 5,7% para a “Liturgia das Horas”. Por isso, sem prejuízo da resposta às exigências da liturgia eucarística, há que ter em especial atenção a necessidade do espaço favorecer o recolhimento adequado à oração individual e à adoração do Santíssimo Sacramento.

8.1.1. Se respondeu não, explique o motivo que o leva a não ir:



A larga maioria (86,4%) respondeu como motivo o facto de não ter esse hábito, 6% por outro motivo, 4,7% pelo facto de ser um espaço pouco acolhedor, e 3% por não ter habitualmente nenhuma igreja próxima.

Pode parecer estranho que só 4,7% ache o espaço pouco acolhedor, mas deve notar-se que se trata de pessoas que não costumam frequentar a igreja fora da missa dominical, pelo que a sua opinião é menos relevante que a dos seus frequentadores mais assíduos.

9. O que para mim é mais importante numa igreja?

[725 respostas que se desdobraram em 814]

9.1. Objetos Litúrgicos (sacrário; altar; etc.)

[144 respostas]

ALTAR (7 respostas)

Expressões: (7x) O altar.

AMBÃO (1 resposta)

Expressões: (1x) O ambão.

CONFESSIONÁRIO (1 resposta)

Expressões: (1x) Ter um confessionário

ARTE SACRA (22 respostas)

Expressões: (1) Iconografia existente, nem demasiada nem ausente; (2) louvor e glória que se dá a Deus através da arte; (3) presença de telas e imagens inspiradoras; (4) sem muitas imagens; (5) qualidade das obras de arte que integra; (6) adequada iconografia sem demasiadas imagens que a encham; (7) Pintura, escultura, Boa decoração como quadros, frescos ou escultura; (8) Haver obras de arte que me aproximem das imagens sagradas; (9) a imagem de N Senhora Uma imagem de Nossa Senhora uma imagem de nossa senhora; (10) respeito pelo local sagrado e imagens (ou estátuas) que ajudem na oração, isto é que não provoquem choque por serem feias ou inapropriadas; (11) que se sinta a presença do espírito Santo através de imagens...figuras de santos; (12) obras de arte; (13) Arte sacra (as formas de representação da Palavra: pintura; escultura; vitrais...); (14) imagens; (15) imagens de Jesus, Maria, beleza das obras de arte, a arte; (16) qualidade das Imagens de Nossa Senhora e outras existentes, tudo por esta ordem; (17) poucas imagens; (18) bonita arte sacra; (19) imagens de Cristo e Nossa Senhora. (20) imagens em 3D e em 2D para nos fazer meditar; (21) Não direi importante, mas agrada me entrar numa igreja pequena com pinturas nos tetos e imagens antigas. Têm sempre boa energia; (22) beleza das obras de arte.

CRUZ (6 respostas)

Expressões - (1) A cruz; (2) A imagem de Jesus na cruz; (3) Cruz; (4) um Crucifixo visível; (5) Uma cruz e a imagem de Cristo bem visível; (6) Ver o crucifixo no altar.

SACRÁRIO (101 respostas)

Expressões- (40x) Sacrário; (41) Sacrário presente; (42) O sacrário em posição central e destacada; (43) o sacrário esteja num lugar digno; (44) O sacrário como está colocado; (45) A posição do sacrário santíssimo; (46) Perceber onde é o sacrário; (47) Foco no Santíssimo Sacramento; (48) O lugar onde está o santíssimo; (49) Centralidade do sacrário; (50) Santíssimo exposto em local digno e visível; (51) O sacrário ao centro; (52) A presença de Cristo vivo no sacrário...; (53) Poder contemplar o Sacrário/Santíssimo; (54) o santíssimo exposto; (55) A presença de Jesus no sacrário; (56) O sacrário, que deve ser particularmente artístico;

(57) Sacrário (presença de Cristo na sua forma física); (58) O sacrário é o foco; (59) A centralidade de Jesus no sacrário; (60) A presença visível de Deus no Sacrário; (61) O permitir que se possa orar e focar no essencial que é a presença do Deus vivo, no sacrário...todas as opções que tiram o sacrário do centro da nossa orientação, não servem o propósito de ser local de culto; (62) A presença de Jesus no Sacrário; (63) O Sacrário que é onde Jesus está; (64) A presença de Jesus Vivo no Sacrário; (65) o foco no sacrário; (66) Sacrário e retábulo; (67) Que Jesus esteja no sacrário e que todo o espaço que o envolva seja para o adorar, mesmo que durante a Missa; (68) A presença de Cristo no sacrário; (69) Ter o Senhor no Sacrário; (70) Sacrário com o Santíssimo; (71) Poder olhar para o sacrário, para uma cruz; (72) A reverência prestada ao Santíssimo Sacramento, sem o qual as igreja não passariam de edifícios; (73) Presença do Senhor Oculto no Sacrário; (74) Santíssimo Sacramento; (75) Sacrário Jesus! A presença do Santíssimo; (76) Exposição do santíssimo; (37) boa ornamentação do sacrário para permitir o encontro com o Senhor Jesus no Sacrário; (78) Presença de Jesus ressuscitado que vive entre nós e em nós; (79) proximidade com o Divino Sacrário; (80) Ter Jesus Sacramentado no Sacrário; (81) A presença do Santíssimo; (82) Acho que a parte mais mais importante é o foco no Santíssimo; (83) Tudo mas a adoração ao santissimo é muito importante; Sacrário digno; (84) A presença de Jesus no santíssimo sacramento; (85) O facto de ser um local onde todos os dias está Cristo no sacrário e podemos conversar com ele na sua casa; (86) O Santíssimo Sacramento; (87) Jesus sacramentado; (88) A presença de Jesus, no Sacrário ou exposto; (89) Além do destaque do Sacrário; (90) A presença do Santíssimo; (91) A exposição do Santíssimo; (92) Se for na igreja edifício, eu sinto que o mais importante é o santíssimo; (93) Reverencia para com a presença de Jesus no Sacrario; (94) Reconhecimento fácil- Uma fácil identificação do sacrário. Entrar e reconhecer automaticamente que ali está o Santíssimo; (95) Sinais da presença eucarística; (96) Visão clara do sacrário assim que se entra; (97) Sacrário fácil de identificar; (98) sentir que Jesus está presente; (99) Sacrário visível o mais amplamente possível (indiferente do lugar onde nos ajoelhamos); (100) A presença de Cristo no sacrário; (101) Tudo mas a adoração ao santissimo é muito importante;

CAPELA DO SANTÍSSIMO (6 respostas)

Expressões - (1) Capela do Santíssimo digna mas com poucas distrações; (2) Santíssimo - Se é propício à oração e se principalmente está num lugar diferente do espaço da celebração da eucaristia; (3) Existência de Capela do Santíssimo; (4) O Santíssimo estar sempre acessível num espaço mais recatado onde se possa penetrar mais profundamente na oração; zona do sacrário; (5) O recato do lugar onde está o sacrário; (6) O espaço acolhedor do Sacrário;

9.2. Organização espacial / Estética

[131 respostas]

PRESBITÉRIO (1 resposta)

Expressões: (1) o espaço do presbitério

ALTAR (29 respostas)

Expressões: (14x) Uma boa visibilidade para o altar; (15) posição do altar localização do altar; (16) A centralidade do altar; (17) Proximidade ao Altar; (18) Cota mais elevada do Altar; (19) A implantação do altar como centro da cerimonia; (20) Durante a missa é o altar; (21) Altar deve ser o lugar central; (22) centrada no altar; (23) foco no altar para privilegiar momentos de oração e uma atenção à Santa Missa sem grandes elementos de distração; (24) o altar deve ter um destaque central, em matéria nobre, pois ali se vai se vai repetir e celebrar o sacramento da Eucaristia, como na quinta feira santa, mistério central da nossa fé; (25) Uma clara centralização do sacrário/altar; (26) Beleza de todo um espaço a convergir para o Altar e o crucifixo. (27) ver bem o que se passa no altar; (28) boa visualização do altar em todos os espaços da igreja; (29) Condições para ver bem o que passa no altar; (30) Boa visualização do altar em todos os espaços da igreja;

SACRÁRIO (3 respostas)

Expressões: (1) Poder ver o sacrário; (2) O Sacrário bem visível (e a presença do Ss Sacramento bem visível com a chama encarnada; (3) a visibilidade do sacrário; (4) a visibilidade, Presença visível e destacada do Sacrário com o Smº Sacramento, e respectiva lamparina;

AMBÃO (3 respostas)

Expressões: (1) O espaço do ambão. (2) Que o ambão tenha uma posição de relevo, diria, de solenidade para a proclamação da Palavra de Deus; (3) Espaço propício para escutar a palavra de Jesus;

CONFESSIONÁRIO (1 resposta)

Expressões: (1) confessionários visíveis, para mostrar a disponibilidade do sacerdote, e ao mesmo tempo recatados para que as pessoas vejam que é um sacramento também muito acessível;

PROXIMIDADE ENTRE A ASSEMBLEIA E O PADRE (4 respostas)

Expressões: (2x) Estar próxima da comunidade, próximo do altar; (3) Disposição dos bancos/ altar; (4) Sentimento de proximidade, permitindo simultaneamente o recolhimento pessoal mas também a comunhão com a assembleia

DISPOSIÇÃO ESPACIAL GERAL (28 respostas)

Expressões: (1) Divisão do espaço; (2) Disposição espacial; (3) Nas igrejas como a de santo Inácio em Paris distraio me muito. As outras não me afeta tanto assim há sim outros aspectos como o local onde me sento ser cómodo, não estar em cima de todos.... Ser grande ou pequena depende da comunidade em si; (4) a localização dos diversos pontos; a colocação ou disposição dos vários elementos; (5) Organização funcional do espaço; (6) O espaço; (7) Espaço celebrativo amplo e desimpedido; (8) Que o espaço permita estabelecer laços de comunhão;

(9) Um espaço que não seja muito devassado; O espaço; O espaço em si; (10) Sentir comunhão e não afastamento (através das relações visuais e espaciais entre celebrante, fiéis, símbolos e zonas destinadas aos vários ritos); (11) Conseguir ver o crucifixo e a hóstia a ser consagrada e NS; (12) Estar a rezar com o santíssimo sacramento e poder manter contacto com as pessoas, sacerdotes e colegas meus acolitos da paróquia; (13) A fácil identificação dos espaços (altar, sacrário, etc); (14) proximidade; (15) Fácil acesso, espaço exterior circundante e fácil movimentação no seu interior independentemente da sua área; (16) Deve haver uma distinção entre presbitério e assembleia, um caminho a percorrer desde a entrada até ao altar; (17) O espaço e a coerência espacial; (18) A forma como permite a comunhão entre todos; (19) Sentir que estou na Casa de Deus e não num salão com um altar; (20) A boa convivência entre consagrados e comunidade; (21) ter um bom lugar de oração pessoal; (22) O espaço de oração; (23) e não ter peditório à porta; (24) Espaços amplos, incluindo um hall amplo para algumas atividades; (25) Espaço individual; (26) Imponência proporcionada pela disposição, por Cristo ao centro, por representação de caminho; (27) Disposição de arte sacra; (28) os objetos litúrgicos, o mobiliário estejam todos de acordo, que sejam da mesma família;

DISPOSIÇÃO DA ASSEMBLEIA (9 respostas)

Expressões: (1) O arranjo espacial (disposição da assembleia perante o altar); (2) Disposição da assembleia; (3) Gosto de igrejas de configuração oval para comunidades pequenas e que se conheçam bem, mas prefiro igrejas de configuração longitudinal para a missa dominical, que tem normalmente uma assembleia maior e com menos intimidade. (4) A disposição da assembleia de formato em cruz tem mais significado; (5) assembleia em quadrado, mesa proporcional ao espaço celebrativo. Presidente como lugar de Cristo, mais abaixo e central- a boca da Palavra e mais abaixo, mesa da Eucaristia; (6) disposição da comunidade; (9) Assembleia organizada.

SIMPLICIDADE (14 respostas)

Expressões: (1) Uma igreja simples que aponte para o essencial; (2) Ser minimalista e simples; (3) O equilíbrio entre a dignidade do espaço sagrado, o acolhimento dos fiéis e a simplicidade de acabamentos própria do gosto do nosso tempo (para igrejas recentes, sécs. XX e XXI) e demonstrativa da simplicidade que pautou a vida de Cristo; (4) O espaço Minimalista simplicidade; (5) Que todo o ambiente propicie a adoração, reparação e louvor a Deus...; (6) Não haver demasiados rococós e etc, pesam; (7) Quanto ao edifício a sua humildade; (8) gosto... arranjos de florais simples e não obras de floristas...; (9) simplicidade; (10) A decoração não ser pesada; (11) Simplicidade; (12) E é a simplicidade; (13) A humildade; (14) Não ostentação.

SACERDOTE(S) (2 respostas)

Expressões: (1) Visibilidade de todos os sacerdotes; (2) Ver o celebrante.

ESTÉTICA/ HARMONIA/ BELEZA/ DIGNIDADE DO ESPAÇO (37 respostas)

Expressões: (1) Uma igreja bonita; (2) Uma arquitetura de beleza notável com qualidade distinta; (3) Que a beleza do espaço me conduza a Deus Estética; (4) A beleza, que seja capaz de nos transportar para a intimidade da relação com Deus; (5) Algum cuidado estético; (6) Beleza, que aproxime os fiéis de Deus; (7) Estética e a harmonia dos materiais (construção/ decoração); (8) ser bonita; (9) beleza; (10) que tudo eleve a Deus; (11) Tudo a elevar para Deus;

(12) uma decoração e ambientação com bom gosto e a beleza na ornamentação; (13) a beleza do edifício; (14) A harmonia do espaço; (15) A sua beleza; (16) com um ar arranjado; (17) Uma beleza austera que motive a oração a meditação e o amadurecimento da espiritualidade individual em comunidade; (18) A beleza e a glória a Deus; (19) A beleza também importa; (20) Dignidade do espaço que mostra o respeito reverente pelo sagrado; (21) Que sua arquitetura conduza nossos sentidos para o céu; (22) qualidade da obra arquitectónica; (23) Nobreza do espaço nas suas proporções harmonia; (24) Um espaço magistral mas não enclausurado; (25) qualidade da arquitectura; boa arquitetura; (26) Uma arquitetura que faça as pessoas pensarem primeiro em Deus porque passamos o dia a correr e sem pensar nele; (27) Qualidade do projecto de arquitectura que permita o recolhimento; (28) Em termos arquitectónicos, não sei. Mas não gosto muito de váriaas igrejas contemporâneas; (29) um pensamento arquitectónico; (30) Arquitectonicamente até dá gosto entrar para rezar!; (31) a maneira como o espaço pode evocar uma ligação com o divino; (32) Qualidade do projecto de arquitectura que permita o recolhimento; (33) Os básicos servem. Não os sei de cor, mas deve haver um conjunto de atributos que devem ser incluídos numa Igreja. Isso é o mais importante; (34) cuidado (igrejas com arquitectura 'adequada' de outras funções prévias, ou 'contemporanea' onde não se teve em conta a tradição, ou 'feias' são muito distractivas ou pouco acolhedoras); (35) Arquitectonicamente, o importante são elementos que criam a ambiência e motivam à concentração e a prática da atividade a que é destinada; (36) A coerência e adequação à comunidade que a frequenta; (37) Arquitetura.

9.3. Conforto / Sensações / Ambiente (387 respostas)

9.4. Factores Celebrativos e Comunitários (151 respostas)

SILÊNCIO (126 respostas)

Expressões: (98x) O silêncio; (99) O recolhimento (silêncio); (100) O respeito e Silêncio; (101) O silêncio quando não estamos em hora de missa; (102) O ambiente (silêncio); (103) Os espaços de silêncio ou o silêncio total, dependendo do momento ou da circunstância (tipo de cerimônia ou oração); (104) O silêncio é sentir a presença de Jesus na Eucaristia; (105) O silêncio...; (106) Silêncio que me permita ter a paz que procuro; (107) A paz o silêncio o acolhimento que conduz à oração .. Jesus!; (108) O silêncio quando não estamos em hora de missa; (109) A calma é o silêncio; (110) O silêncio que se faz sentir; (111) O silêncio diante do santíssimo sacramento; (112) o ambiente de silêncio, calma que ajude a "parar"; (113) O silêncio que convida à reflexão; (114) Quietude; (115) A calma e o silêncio; (116) O silêncio e a presença do Senhor; (117) O silêncio (paz) fora da hora da eucaristia; (118) O silêncio para ajudar a concentração; (119) e o silêncio no meio do ruído da cidade...; (120) O respeito pelo silêncio de quem está a rezar um silêncio que apenas pode ser quebrado pelo chilrear da passarada; (121) O silêncio é a luz que deixa ver mas não incomoda; (122) Silêncio exterior; (123) A celebração da missa sem barulho de pessoas; (124) O silêncio que ajuda a sentir mais próximo de Deus; (125) Um ambiente propício à oração, com o mínimo de ruído; (126) O poder falar com Deus em silêncio na sua Casa.

LUZ / ILUMINAÇÃO / LUMINOSIDADE / CORES (93 respostas)

Expressões: (52x) Luz/ Iluminação/luminosidade; (9x) Ter luz natural; (2x) A luz natural/artificial; (63) sem luz excessiva; (64) a claridade; (65) Ambiente luminoso; (66) luminosidade adequada; (67) Não ser escura; (68) Características da luz- luminosidade suave; (69) Optimizar a iluminação nas diferentes horas do dia; (70) a luz deve ser inspiradora; (71) Equilíbrio entre a arquitetura do edifício e a luz; (72) Iluminação apropriada; (73) Correcta luz natural e artificial; (74) Controlo da luz natural e artificial; (75) Luz natural controlada para dar ambiente sagrado); (76) Ajuda-me muito espaços com muita luz. Luminosidade A luz é muito importantes para esse desígnio; (77) espaço claro e iluminado; (78) Que tenha boa luz; (79) A presença de Luz; (80) Uma luz acolhedora e quente; (81) luminosidade adequada; (82) Uma luminosidade que incida mais nos locais fulcrais e menos forte nas zonas dos fieis - uma luz diferente da do exterior que crie um ambiente propício à espiritualidade; (83) Uma luz acolhedora e quente e cores claras; (84) Ambiente luminoso que propicia a meditação; (85) as cores não serem demasiado fortes; (86) Acho que é bastante importante haver boa luz, para ser mais cativante e acolhedor;

(87) O "convite" ao acolhimento/recolhimento através da exposição à luz solar - ter luz solar na maior parte possível do dia e a iluminação ser através de vitrais longitudinais e com uma extensão de cerca de 2/3 da parede, agradam-me particularmente; (88) A manutenção da iluminação; (89) iluminação equilibrada; (90) conforto visual; (91) Claridade; (92) Não ser muito escura; (93) Ambiente que convide à oração na luz.

AMBIENTE/ RECOLHIMENTO / ACOLHEDOR/PAZ/SERENIDADE

(154 respostas)

Expressões: (60x) acolhedora; (61) Um espaço acolhedor que convida ao recolhimento; (62) Recolhimento, em que todos possam participar sem interferir ou distrair o resto do povo; (63) Sensação de paz e recolhimento; (64) O ambiente propício à oração; (65) A intimidade e o poder recolher-me; o ambiente que permita bem estar para o encontro com Deus; (66) O ambiente propiciatório à oração; (67) O ambiente (silêncio/música e iluminação dos Elementos essenciais); (68) O ambiente de acolhimento que o espaço oferece; (69) Uma igreja acolhedora; (70) Ser super acolhedor; (71) Atmosfera geral; (72) Um ambiente de contemplação e sacralidade; (73) Um ambiente acolhedor; (74) O recolhimento que me proporciona; (75) Espaço sereno; (76) espaços que permitam alguma intimidade na oração; (77) A sensação de paz; (78) Setir-me em casa; (79) Como resulta de uma resposta anterior, poucos "distradores" que afastem a atenção da centralidade do altar nas celebrações eucarísticas ou do sacrário quando se trata da oração noutros momentos; (80) Ter espaço para a minha relação pessoal e única com Deus; (81) Ser um espaço que invoque a presença de Deus trinitário; (82) Recolhimento, oração e encontro; é a casa de Deus, mesmo sendo também uma casa de adoração/oração dever ser acolhedor; (83) Do ponto de vista físico que seja acolhedora; (84) A envolvimento do espaço que permite uma maior intimidade e aproximação a Deus; (85) A calma; (86) Que o ambiente ajude a rezar; (87) Sentirmo-nos em casa; (88) Ser um espaço que convida à oração; (89) Ambiente que promova o recolhimento; (90) O sossego e a paz que uma igreja emana; (91) Ambiente que facilite a oração; (92) Ser um espaço que convida à oração; (92) O ambiente de recolhimento e proximidade com Deus; (93) oferecer recolhimento; (94) Ambiente devoto; (95) Ambiente de recolhimento; (96) tranquilidade; (97) O ambiente favorável ao recolhimento; (98) Ser um espaço sereno e convida à meditação; (99) Ser um espaço sereno e convida à meditação; (100) Ser um espaço de oração; (101) um ambiente que permita oração pessoal sem distrações; (102) A possibilidade de recolhimento para rezar em silêncio sem ruídos; (103) Espaço que apele ao silêncio e interioridade. Apelo ao sagrado; (104) Penso que se refere a igreja, edifício. Nesse caso valorizo a capacidade de envolvimento; (105) Permitir um momento de recolhimento; (106) envolvimento sagrada; (107) paz que proporciona; (108) Ser um espaço sereno e convida à meditação; (109) sensação de espaço calmo; (100) O templo ser facilitador de oração e celebração; (101) A tranquilidade; (102) O ambiente sagrado; (103) Permitir recolhimento; (104) Ser calma; (105) não físico mas de conforto e liberdade; (106) Ambiente acolhedor e recatado; (107) espaço agradável; (108) que todo o ambiente propicie a adoração, reparação e louvor a Deus; (109) O ambiente de Paz e Serenidade; (110) Ser apelativa; (111) Ambiente sugestivo do espiritual; (112) Atmosfera de recolhimento; (113) Sentir-se num lugar calmo, seguro, pessoal e social e divino; (113) Ser um local propício para estar com Deus; (114) locais de recolhimento; (115) espaço que leve ao louvor a Deus; (116) Sentir calma no ambiente e paz; (117) Ambiente que convida à oração; (118) Ambiente recolhido e propício a oração; (119) sossego; (120) Que permita o recolhimento; (121) Locais de recolhimento; (122) Poder estar "recolhido", sentindo-me mais próximo de Deus; (123) O sentir como local Sagrado que chama ao recolhimento; (124) Espaço de recolhimento nos momentos não celebrativos; (125) A possibilidade de recolhimento; (126) Quietude; sentir-me recolhida; (127) O ambiente tranquilo e acolhedor; (128) Poder rezar com mais tranquilidade num local propício a isso; (129) Ser um espaço sereno e convida à meditação; (130) ambiente que convida a uma proximidade com o altar; (131) Tranquilidade para rezar assembleia de pessoas – Eklesia; (132) O sentimento de tranquilidade; (133) Que seja acolhedora, mas também permita oração individual e serena; (134) Um espaço de reflexão individual, de introspecção e paz; (135) Ser digna e acolhedora; (136) O recolhimento; (137) A Tranquilidade que transmite!; (138) Ambiente propício à oração e recolhimento; (139) A paz que me transmite; (140) Um ambiente intimista que convida à reflexão; (141) Ter um ambiente acolhedor;

(142) Acolhimento que ajude o encontro com Deus e com os irmãos; (143) A oportunidade do recolhimento para me encontrar com e em Deus; (144) Atmosfera calma, se sentir bem; (145) Paz interior; (146) Deve ser acolhedora e permitir fácil recolhimento; (147) A tranquilidade que me transmite; (148) O ambiente, decorativo, para quando se visita a Igreja fora da celebração Litúrgica; (149) Não ser demasiado dispersa, próprio para a oração; (150) Serenidade Paz; (151) A paz que me transmite; (152) O sentir-me em paz; (153) sentimento de Paz; (154) O ambiente de paz.

CLIMATIZAÇÃO/ TEMPERATURA (14 respostas)

Expressões: (4) Climatização (5) Ventilação adequada em função do número de participantes; (6) Não sentir frio; (7) Isolamento térmico; (8) temperatura confortável (nem muito abafado, nem muito frio); (9) temperatura confortável; (10) Fresco; (11) temperatura ambiente; (12) aquecimento; espaço e arejado, temperatura temperada: nada de pés frios!; (13) Conforto nomeadamente a temperatura; (14) No conforto temperatura.

MÚSICA (10 respostas)

Expressões: (1) Música de qualidade; (2) música de fundo; (3) Uma música sacra suave que catalize um ambiente de elevação espiritual; (4) cânticos de fundo por exemplo; (5) Órgão de Tubos; (6) Coro; (7) numa celebração eucarísticas, aprecio a animação musical; (8) Ambiente que convide à oração na música; (9) música calma propicia a meditação; (10) A existência de instrumentos musicais litúrgicos (órgão, entre outros).

A COMUNIDADE (PAROQUIAL/CRISTÃ/PESSOAS/FIÉIS) (31 respostas)

Expressões: (10x) A comunidade; (11) Sentir-me em comunidade; (12) A presença da Comunidade, do Povo de Deus; (13) Sentido de Comunidade Cristã; (14) Ser o lugar da assembleia cristã e a proximidade entre a comunidade; (15) partilhar oracao com a familia crista que é a igreja; (16) A sua comunidade de fiéis; (17) Estar em comunidade; (18) A comunidade dos cristão; (19) O sentido de comunhão em Cristo; (20) O sentir me em comunhão; (21) Comunidade, saber como vão os outros e caminhar lado a lado no caminho da fé; (22) comunhão fraterna; (23) As pessoas juntas em adoração; (24) A Igreja, todos os baptizados, vivam como irmãos; (25) A comunidade que a frequenta; (26) O encontro comunitário; (27) Estar em comunidade e tomar parte do corpo de Cristo; (28) Na minha paróquia encontrei uma família da qual me sinto inteiramente integrada; (29) Na comunidade eclesial, chamada igreja, sinto que seja a união e a comunhão; (30) entre leigos; (31) A comunidade eclesial; (32) Um forte sentido de comunidade e entreaajuda.

SACERDOTE (23 repostas)

Expressões: (10x) O padre; (11) o Sacerdote como Pastor, como rosto de Cristo diariamente; (12) O padre que dá a missa, se o padre for uma seca a missa também o será; (13) O padre e como celebra a missa; (14) O paroco tb é importante; (15) O Padre; (16) O bom humor do Padre e paroquianos, é meio caminho andado; (17) Capacidade do Padre de inovar para cativar os crentes; (18) O sacerdote; (19) O desempenho do sacerdote; (20) A disponibilidade, a flexibilidade do Padre; (21) Capacidade do Padre de inovar para cativar os crentes; (22) na Missa o padre que seja próximo da assembleia, respeite horários e fala da realidade; (23) apoio espiritual presentes.

EUCARISTIA / LITURGIA / HOMILIA (12 respostas)

Expressões: (1) A celebração da Eucaristia; (2) Missa tradicional, também chamada de Missa Tridentina o que é uma designação pouco rigorosa; (3) participar na Eucaristia; (4) celebração da missa; (5) A celebração; a liturgia; (6) celebração; (7) a liturgia: O genius loci... o modo como se celebra, o que se transmite, e como se transmite; (8) haver missa; (9) celebração da missa; (10) a homilia; (11) Palavra esclarecida e esclarecedora do celebrante nas homilias; (12) a qualidade da homilia.

UM ESPAÇO PARA TODOS (9 respostas)

Expressões: (1) Uma Igreja de portas abertas; (2) O facto de ser um espaço aberto e pronto a receber qualquer pessoa que precise de apoio; (3) assistência sempre disponível aos mais aflitos; (4) integradora de todos; (5) Sentir que é um espaço aberto a todos; (6) Ser um espaço que esteja sempre de porta aberta!!! A qualquer um!!!; (7) O encontro com os outros e com os sacerdotes; (8) A abertura; (9) Estar aberta.

O ENCONTRO (8 respostas)

Expressões: (1) O encontro com o Senhor; (2) proximidade com Deus; (3) a presença de Deus; (4) presença de Jesús; (5) Espaço de encontro com o espírito(al); (6) A presença de Jesus; (7) A relação; (8) O encontro com Jesus Cristo.

ACOLHIMENTO (14 respostas)

Expressões- (9x) Acolhimento; (10) A união e sentir-me integrado; (11) Ser acolhido; (12) dever ser amável; (13) o acolhimento ambiente caloroso Sentir-me acolhida no espaço acolhimento; (14) O conforto, no sentido de acolhimento.

PRESENÇA DE CRISTO (19 respostas)

Expressões- (3x) Sentir a presença de cristo; (2x) A presença de Deus; Jesus! Presença de Jesus; (6) A presença do Senhor; (7) A presença viva de Jesus; (8) A certeza da presença de Deus; (9) A presença de Deus; (10) A comunhão "física" que sinto com Deus por estar na Sua casa; (11) A presença viva de Jesus; (12) Deus; (13) Sentir a presença de Deus, porque é um lugar que inspira sempre calma. (14) A presença de Deus; (15) Jesus! Jesus!; (16) A presença de Deus; (17) a presença do Senhor; (19) A presença de Jesus no sacramento.

PALAVRA DE DEUS / SENHOR (4 respostas)

Expressões: (4x) sentir a palavra de Deus.

CASA / ESPAÇO DE COMUNHÃO (6 respostas)

Expressões: (1) Ser a casa de Deus; (2) Espaço de oração e de comunhão com Cristo; Sentir-me na casa do Pai; (3) Ser a Casa do Pai onde a assembleia dos fiéis se reúne e onde o sacerdote, que é pontífice, nos torna presente a Pessoa de Jesus e nos liga ao Pai Ser centrada em Cristo, morto e Ressuscitado e não no sacerdote que deve ser o mais servo dos servos, e portanto o menos visível possível; (4) Sentirmo-nos em casa; (5) Estar num local sagrado e poder estar em intimidade com Deus; (6) Sentimento de casa de Deus.

ESPIRITUALIDADE / FÉ (15 respostas)

Expressões: (1) A espiritualidade que nos envolve; (2) Envolver-me espiritualmente; (3) Referência ao sagrado, transcendente; (4) Expressão do sagrado; (5) Que o utente possa sentir uma boa conexão com o Divino e com o seu Eu Interior; (6) A fé das pessoas que lá entrar, se forem com fé qualquer espaço será bom; (7) A própria existência, em si; (8) A partilha do Amor do Pai fazer nos sentir em comunhão com Deus; (9) A experiência vivida; (10) A comunhão; (11) Sacramentos; (12) comunhão com Deus; (13) A presença de Deus Acolhedor e que sinta a presença do espírito Santo; (13) Tudo à sua maneira é “importante” sem na realidade o ser. A importância está no que se “sente” e não no que existe fisicamente; (14) Para mim a forma como o espaço está desenhado é-me quase indiferente; (15) Para mim a estrutura não é um ponto para a escolha.

2 respostas de resumo:

Sentir a Fé; a adaptação às mudanças atendendo ao avanço do conhecimento científico; e a divulgação das atividades paroquianas e litúrgicas à entrada, em espaço aconchegado e não em placards de feira...; e haver confissões; necessidade de me confessar, de rezar, de meditar de olhar para o altar, adorar Nossa Senhora...; a liberdade; Que ajude a e a oração dos fiéis. Consagração; Que a sinta como igreja viva, adequada ao espaço onde se insere e às circunstâncias; e; Sentir a Fé ; a adaptação às mudanças atendendo ao avanço do conhecimento científico; e; e a divulgação das atividades paroquianas e litúrgicas à entrada, em espaço aconchegado e não em placards de feira...; e haver confissões; necessidade de me confessar, de rezar, de meditar de olhar para o altar, adorar Nossa Senhora...; a liberdade; Que ajude a e a oração dos fiéis. Consagração; Que a sinta como igreja viva, adequada ao espaço onde se insere e às circunstâncias;

A nobreza e excelência da iluminação (natural e artificial), do espaço repercutida na escala (proporções), da acústica, dos materiais, das obras de arte, da articulação dos lugares funcionais (presbitério/reserva eucarística/batistério/confessionário), do altar, do ambão, das alfaias litúrgicas, do mobiliário. O Santíssimo Sacramento; Percebermos que há uma diferença entre a azáfama da rua/casa/trabalho e o estar presente diante de Nosso Senhor, tal como os 3 Apóstolos diante de Jesus Transfigurado ficaram num estado de assombro. As igrejas devem tornar possível essa atitude (algo que se verifica não apenas na arquitetura mas também na música e, como este questionário relevou, no rito) e tratar tudo com muita dignidade; Os materiais são muito importantes para esse desígnio.

10. Se pudesse, que alteração espacial realizava na igreja que frequento?

[255 respostas]

1º Objetos Litúrgicos (sacrário; altar; etc.)

[44 respostas]

ALTAR (3 respostas)

Expressões: (1) Recuperava o altar-mor, pintado de dourado, agora acastanhado, sem tinta; Altar novo; (2) Um altar com cruz e duas velas de cada lado; (3) Um altar mais digno.

CRUZ (5 respostas)

Expressões: (1) Substituição do crucifixo; (2) Tirar a imagem de Jesus a morrer na cruz, despido e triste e substituir por algo mais leve e alegre. A imagem de Jesus a morrer não acrescenta nada é muito estranho especialmente para as crianças. Sejamos alegres e caminhar na esperança, não na desgraça; (3) Colocar Cruz no altar; (4) Punha um crucifixo mesmo à frente do altar. Como fundo do crucifixo haveria um retábulo a aludir à Última Ceia e à Comunhão dos Santos, para que as pessoas nunca esquecessem a componente sobrenatural e sacrificial do sacramento; (5) Colocava um Crucifixo visível.

CONFESSIONÁRIO (2 respostas)

Expressões: (1) Confessionários ou local para confissões na Igreja; (2) Adição de confessionários.

ARTE SACRA (15 respostas)

Expressões: (1) Adicionaria mais obras de arte, como pintura e escultura, idealmente antigas (pré-séc. XIX exclusive); (2) Menos imagens e mais significado; (3) Imagens mais bonitas (gosto muito das igrejas da Baixa); (4) Mais estátuas/quadros/obras de arte; (5) Alteraria toda as estatuetas; (6) Substituíria as imagens de roca antigas por outras mais inspiradoras; (7) Mais imagens e imagens mais bonitas; (8) Tirava imagens muito mal feitas e feias assim como o mobiliário novo de cadeirões vermelhos no altar; (9) Nossa senhora e cruz grande presentes, grande falta.; (10) Tirava de lá uns quadros feios que só servem para distrair; (11) Aumento de arte sacra (vitrais, estátuas de santos, frases da Escritura nas paredes ou tecto, etc) disponível; (12) Quadros das passagens da via sacra mais contemporâneos, bem como estátuas dos Santos. (13) Esvaziava de tantas imagens por vazias de mensagem espiritual; (14) Poria vitrais nas janelas (15) Retirava objetos ou paredes que pudessem ser barreiras para a comunicação e para a percepção da mensagem transmitida pelo sacerdote.

MODERNIZAR (3 respostas)

Expressões: (1) Um órgão decente (temos bons organistas e um órgão eletrónico que nem se compara a um verdadeiro). Dou graças a Deus pelo que já temos, o que aqui coloco seria utópico; (2) Modernizava; (3) Uma modernização nomeadamente na iluminação, decoração, bancos, etc.

BANCOS/GENUFLETÓRIOS (16 respostas)

Expressões: (1) Aproveitava mais o espaço e punha mais bancos para as pessoas se poderem sentar e não ficarem de pé; (2) Mudava a disposição dos assentos; (3) Colocava em todos os bancos um apoio para as pessoas se ajoelharem, em vez de só existir em alguns bancos; (4) Mais bancos; (5) Ter mais lugares; (6) Arranjaria mais sítios onde as pessoas se pudessem sentar/apoiar; (7) Mais bancos; (8) Mais lugares sentados; (9) Aumentava a igreja por ser muito pequenina e frequentemente há muita gente de pé; (10) Os bancos de madeira; (11) Os bancos são incómodos; (12) Mudava os bancos; (13) Dotava a bancada de melhores genuflexórios, anatomicamente adequados; (14) Apoio para ajoelhar é terrível, ‘fere’ as pernas por ser muito alto; (15) A largura dos bancos, para se poder passar sem incomodar quem já está sentado; (16) Punha genuflexórios em frente ao presbitério para facilitar a quem queira receber a Comunhão de joelhos.

PRESIDÊNCIA (2 respostas)

Expressões: (1) Mudança do local da presidência; (2) Assegurava que de todos os pontos se via bem o sacerdote.

AMBÃO (2 respostas)

Expressões: (1) Instalação de um púlpito; (2) Relocalização dum ambão novo.

SACRÁRIO (13 respostas)

Expressões: (1) Sacrário na nave central e não numa capela lateral; (2) Colocava o Santíssimo numa das capelas da igreja que são mais recatadas do que no nicho onde se encontra actualmente; (3) Poria o Sacrário na zona mais central da igreja; (4) Sacrário ao centro (ao fundo) e não na lateral; (5) Colocaria o sacrário atrás do altar; (6) Tabernáculo no centro da igreja à frente do Altar; (7) Mudava o sacrário; (8) Posição do sacrário; (9) O Sacrário no centro do Presbitério; (9) Colocava o sacrário numa posição de maior destaque; (10) Sacrário não necessariamente atrás do altar, em destaque (em relação com uma luz particular, motivos simbólicos e estilo próprio); (11) Colocava o sacrário ao centro. Nunca de lado; (12) Colocaria uma Capela lateral destinada ao Santíssimo com Genuflexórios para convidar e ajudar à oração; (13) Construía uma capela do Santíssimo.

ALTAR (20 respostas)

Expressões: (1) Relocalização do altar; (2) Colocava o altar no centro; (3) Desaparecia o altar-mesa, usado versus populum, para ficar apenas a uso o altar-mor ("de costas para o povo"); (4) Retirar a mesa que serve de altar para o Novus Ordo Misæ, usando exclusivamente o altar tradicional. (5) Aproximava o altar das pessoas; (6) Aproximava a assembleia do altar; (7) Aproximava os bancos da assembleia do altar; (8) Trazia o altar para o meio da assembleia; (9) Proximidade entre a mesa do altar e as pessoas; (10) Boa visualização do altar em todos os espaços da igreja; (11) Altar mais próximo; (12) Aproximava o altar das pessoas; (13) Maior proximidade de toda a assembleia do altar onde se consagra; (14) Não tenho a certeza da minha opinião mas, acho que preferia que estivéssemos todos virados para o altar; (15) Aproximava a assembleia do altar; (16) Assembleia mais próxima do altar ; (17) O altar é pouco visível do fundo da Igreja e por vezes das laterais também; (18) Alterava a zona onde está o altar!; (19) Colocaria o altar junto as portas de entrada para poder acolher melhor os crentes, fazendo obrigar a entrar as pessoas p dentro da Igreja; (20) Maior proximidade com o altar; (20) Assembleia mais próxima do altar.

CORO (12 respostas)

Expressões: (1) A criação de um espaço para o coro que seja próximo do altar (aproximando os elementos do coro da celebração) e cuja localização não perturbe a circulação das pessoas dentro da igreja; (2) Colocava o coro mais centrado em relação à assembleia; (3) A colocação do coro; (4) A criação de um espaço para o coro que seja próximo do altar (aproximando os elementos do coro da celebração) e cuja localização não perturbe a circulação das pessoas dentro da igreja; (5) Mais espaço para o coro cantar e a assembleia poder vê-los; (6) Punha o coro em um lugar quase invisível; (7) Talvez colocar o órgão e coro mais inseridos na assembleia; (8) Tirar o coro de trás do altar, distração; (9) Coro;

(10) Relocalização do grupo coral (tirava-o do presbitério: espaço entre o altar e o sacrário); (11) A localização do coro atrás do altar; Reservava um espaço mais ajustado ao coro; (12) Gosto muito da igreja da nossa paróquia. :) apenas daria um local de maior destaque para o coro.

ENTRADA / ACESSOS (6 respostas)

Expressões: (1) Creio que a maioria tem saídas pouco amplas. Sendo um local em que as pessoas saem todas ao mesmo tempo, devia ser mais fácil sair; (2) Facilitar acessos a pessoas de mobilidade reduzida; (3) Maior acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida; (4) Espaço à saída para cumprimentar os paroquianos; (5) O sistema de entrada (com portas automáticas); (5) O acesso que é difícil para idosos e pessoas com deficiência motora; (6) Acesso para deficientes.

WC (2 respostas)

Expressões: (1) A localização do WC; (2) Alteraria a casa de banho para uma com melhores condições.

ECRÃS (3 respostas)

Expressões: (1) Hoje em dia muitas igrejas em Portugal têm projectores ou ecrãs para que todos possam acompanhar as leituras e músicas. Acho uma ótima ideia no entanto parecem elementos algo estranhos que muito dificilmente estão em equilíbrio com a arquitectura da igreja (principalmente se estivermos a falar de igrejas barrocas...). Acho que seria interessante arranjar uma solução mais harmoniosa para a utilização das novas tecnologias em igrejas antigas e histórias; (2) Colocava uns ecrãs com a passagem dos cânticos; (3) Projeção do guião da missa (com as leituras e os cânticos) sobre tela ou parede, abolindo as folhas de papel.

CONFIGURAÇÃO / DISPOSIÇÃO DA ASSEMBLEIA (37 respostas)

Expressões: (1) A configuração radial (para configuração longitudinal), em que me sinto muitas vezes exposta e com varias distrações em torno do altar; (2) A igreja tem uma história que tem muito valor para a comunidade e, não sendo um monumento importante nem a mais bonita em termos estéticos, tem um valor simbólico que me faz gostar dela como está. Se vou a outra igreja, também não é o espaço físico que mais me atrai, é a celebração que ali vai decorrer, por um motivo que para mim é importante, com pessoas que são significativas, ... No entanto, se fosse possível alterá-la, penso que faria com que a assembleia estivesse mais em redor do altar (mas não em 360°, pois quem fica atrás do sacerdote perde muito das celebrações); (3) Tendo em conta que uma das que frequento é radial (Dehonianos de Coimbra), tornava-a menos radial para que toda a assembleia pudesse ver bem o Sacerdote; (4) A minha Igreja atual já sofreu uma mudança de disposição (de longitudinal para radial) antes de eu a frequentar, pelo que me habituei a esse formato e encontro mais conforto nele É talvez uma constante impossível de resolver. Mas a quantidade de pessoas dentro de uma igreja excede muitas vezes a capacidade da própria igreja; (5) A disposição da assembleia; (6) Colocava numa disposição radial; (7) As igrejas que frequento têm um espaço idêntico uma é redonda a outra octogonal com o altar encostado a um dos lados o que as torna mais acolhedor e dá uma sensação de proximidade e de participação mais activa que as tradicionais em forma de cruz não fazia; (8) Radial; (9) Depois da pandemia tentava que as pessoas se sentassem mais perto para estarmos mais juntos e sentir-se mais à comunidade; (10) Talvez em forma de U; (11) Semi círculo; (12) Proximidade do Altar em relação à assembleia e os bancos dispostos da maneira possível a uma maior visualização entre todos; (13) Faria uma disposição radial; (14) Reorganizava o espaço no sentido radial; (15) Como na minha paróquia a assembleia é longitudinal uma alteração tipo Ig Sto Inácio em Paris ou tipo radial seria desejável; (16) Formato em cruz;

(17) Bancos com igual direção; (18) Possibilitar o ad orientem. Não a ideia que apresentou acima de 360°. É interessante vai na linha dos espetáculos, mas evitaria ter gente a ver as cotas. As igrejas vem mudando, mas ainda são muito tradicionais nesse modelo; (19) Aproximava mais o celebrante da assembleia. Mudava os bancos de forma a ficar radial; (20) Como o espaço é grande, pediria aos fiéis para irem ocupando os bancos mais próximos ao altar, e ir preenchendo os outros conforme fossem chegando. Instalação de um púlpito e adição de confessionários Os bancos são desconfortáveis O espaço reorganização do presbitério (exclusivo para a celebração da liturgia das horas); (21) Punha-a mais radial (360 não gosto porque algumas pessoas ficam de costas o que, na homília, é aborrecido!); (22) Assembleia mais próxima do altar Colocava os bancos em forma circular a volta do altar. Em vez da planta latina propunha uma planta radial; (23) Assembleia radial. Atualmente é 270°; (24) Assembleia 360°; (25) Disposição dos lugares; (26) Tirava os bancos; (27) Melhorava a disposição dos assentos; (28) Disposição; (29) Reorganização da assembleia; (30) Colocava menos bancos, de forma 360 graus e mais confortável e acolhedora; (31) Aproximava as cadeiras da assembleia do altar; (32) Proximidade entre a assembleia e o padre; (33) Procuraria criar formas de aproximar o celebrante da comunidade; (34) O presbitério ser mais próximo dos fiéis; (35) Habitualmente celebro missa numa capela, na qual o altar está alguns degraus acima da assembleia, numa disposição longitudinal. Talvez tornaria o altar mais próximo, e uma assembleia radial (mas ambas as modificações são difíceis em capelas pequenas); (36) Deslocava o altar para uma posição mais central, facilmente executável na Igreja que frequento e na qual já pude promover algumas alterações; (37) Colocar o altar no centro da Igreja e os cristãos em semi - círculo;

CONFIGURAÇÃO / DISPOSIÇÃO GERAL (20 respostas)

Expressões: (1) Tornava-a mais pequena; (2) É talvez uma constante impossível de resolver. Mas a quantidade de pessoas dentro de uma igreja excede muitas vezes a capacidade da própria igreja. Concretamente não sei que alteração poderia ajudar de um modo geral, talvez seja mais complexa que uma alteração espacial; (3) Aumento espaço; (4) Mais pequena; (5) Gosto de tetos altos, pintados, gosto de olhar para cima, para me concentrar; (6) Mais espaço; (7) Tornava-a maior; (8) Tornava-a um espaço menos alto e mais acolhedor; (9) Sinto-me acolhida quando entro e está vazia!; (10) Espacial, nenhuma; (11) Todos um pouco mais perto; (12) Proximidade; (12) Locais de recolhimento; (13) Salas para reunião de movimentos, grupos e convívio; (14) mudava as paredes/ bancos porque o ambão e a credência tapam de muitos ângulos a vista do Sacrário; (15) Retiraria os vários pilares que acompanham a nave central da igreja porque isso retira muita visibilidade; (16) Tem 3 naves e não se vê toda a assistência. Tirava paredes; (17) Acho também que podiam aproveitar mais o espaço; (18) A actual comunidade de padres que a alma já lhe deu uma grande volta, no bom sentido, pelo que já não sugiro nada, até porque a sua dimensão e tipo de arquitectura não permitem grandes alterações; (19) criava um espaço menor, para quando as celebrações têm menos pessoas; (20) O espaço reorganização do presbitério (exclusivo para a celebração da liturgia das horas);

CONSERVAÇÃO E MELHORAMENTOS (6 respostas)

Expressões: (1) Melhorava os acabamentos para a tornar mais acolhedora e envolvente; (2) Tirava os ajulejos que são vulgares e foram postos à revelia do projeto arquitetónico e a estragam; (3) Reorganização da assembleia, tratamento da parede de fundo do presbitério, substituição do crucifixo; (4) Mais madeira, sempre madeira, menos mosaicos, principalmente os que lembram terraços e entradas de casas; (5) Tirava uma parede em gesso cartonado que esconde um vitral; (6) Nenhuma ou pequenos detalhes ou melhorias;

ILUMINAÇÃO (19 respostas)

Expressões: (1) A iluminação; (2) Não tem janelas; (3) Uma melhor iluminação; (4) Melhor iluminação; (5) Tornaria com mais luz, mas sem ser direta; (6) A quantidade de luz natural; (7) Mais luz; (8) A entrada de luz; (9) Mais luz natural; (10) Alterava a iluminação; (11) Melhorava a luz; (12) Luz, durante as celebrações - mais luz dá mais vida e alegria a um momento comunitário que nos deve (pre)encher e dar ânimo para levar para o dia-a-dia; em recolhimento gosto da penumbra; (13) deixaria entrar mais luz mas sempre a vir de cima; (14) A luz; (15) Adicionava mais janelas, criaria uma igreja mais luminosa e agradável, usaria o exemplo da igreja Do Arq. Siza Vieira; (16) Mais luz; (17) Trazia mais luz ao espaço através de janelas, claraboias ou vitrais e à noite uma luz mais quente artificial; (18) Mais luz Natural (existe luz artificial e natural, mas a luz natural é melhor); (19) Mais luz.

SOM / ACÚSTICA (23 respostas)

Expressões: (1) Correção acústica; (2) O som; (3) A acústica; (4) A acústica; (5) Melhor acústica; (6) Melhorava a acústica; (7) O som (tratar a acústica do espaço para ficar mais silenciosa); (8) Melhor acústica; (9) Melhorava a acústica; (10) As características acústicas; (11) Melhorava sistema de som; (12) Melhorava o Sistema de Som; Instalação sonora; (13) Melhoraria do sistema de som e revestimento que reduzisse o excesso de reverberação; (14) Mudanças para melhorar a acústica; (15) Trabalharia o som; (16) Correção Acústica; (17) Acho que o que mais parece influenciar o bem estar dentro das igrejas é a acústica, por exemplo, dá-me gosto estar na Sé Velha; (18) Melhorar as condições de som; (19) A acústica; (20) A acústica não é boa; (2x) Sistema de som; (23) Melhorava a acústica.

CLIMATIZAÇÃO (14 respostas)

Expressões: (1) criava conforto, para não ter frio demais nem calor demais; (2) Melhor gestão da temperatura ambiente; (3) E aquecimento adequado; (4) Pôr aquecedores na Igreja porque é muito fria no Inverno; (5) É muito desconfortável por ser demasiado fria; (6) Colocava aquecimento radial; (7) Melhorar as condições térmicas; (8) O frio no inverno; (9) Climatização; (10) Aquecimento; (11) Criação de um ambiente mais acolhedor, nomeadamente no que respeita à climatização inverno/verão; (12) Ar condicionado; (13) Aquecimento; (14) No entanto tem betão à vista em excesso: é fria e feia;

ESTÉTICA / CORES (3 respostas)

Expressões: (1) A cor das madeiras dos bancos e das paredes (de um alaranjado para algo que transmitisse mais paz, madeiras claras ou com velatura branca, paredes de cor neutra). Se o espaço a volta for visualmente neutro, o altar passa a ter maior destaque, reduz a minha distração com tudo o resto para poder rezar “melhor”; (2) Não sei se fazia... mesmo não sendo o espaço que mais gosto. A história diz muito também. Bania tudo o que constitui mau gosto, desconhecimento litúrgico e "vitrine" de loja de decoração...o espaço liturgico deve ser simultaneamente local de celebração e de oração individual...; (3) Cores mais claras

4º FACTORES CELEBRATIVOS E COMUNITÁRIOS

[18 respostas]

SIMPLICIDADE (2 respostas)

Expressões: (1) Menor formalidade; (2) Tornava mais simples;

SACERDOTE (3 respostas)

Expressões: (1) Colocava um padre mais novo e menos agarrado e obcecado com o dinheiro; (2) Sentir que todos celebramos juntos com o sacerdote, que somos uma família e o centro é Jesus; (3) é essencial ter confessoriais com sacerdotes a confessar;

A COMUNIDADE (PAROQUIAL/CRISTÃ/PESSOAS/FIÉIS) (3 respostas)

Expressões: (1) responsabilizar mais a comunidade pela celebração da Eucaristia; (2) Como o espaço é grande, pediria aos fiéis para irem ocupando os bancos mais próximos ao altar, e ir preenchendo os outros conforme fossem chegando; (3) Trazer mais leigos;

MÚSICA (1 resposta)

Expressões: (1) As cantigas não precisavam de ser tão anticuadas;

EUCARISTIA / LITURGIA / HOMILIA (8 respostas)

Expressões: (1) Nenhuma celebração do rito Tridentino e não Novus Ordo; (2) Teria de vez em quando incenso, é tão bonito e o cheiro tem força; (3) Freqüento mais do que uma igreja, mas considero um grande erro nos anos 70 terem retirado e/ou abolido o uso dos altares-mor. A consequência foi retirar a noção de que a liturgia é uma acção que se expande para Deus; (4) O foco excessivo na Última Ceia, em detrimento da dimensão sacrificial do Calvário, fez com que a liturgia se tornasse num acontecimento fechado, com a desculpa de que "Ele está no meio de nós" (que no caso do Português nem corresponde à tradução correcta do latim - et cum Spiritu tuo). A liturgia fechada sobre si mesma dá a impressão de que já chegámos ao nosso destino, quando o próprio Jesus diz que é longo e tortuoso o caminho que leva à salvação... vamos a caminho e o sacerdote, que não está de costas (!!!) é como que a pessoa que vai à frente numa peregrinação (e já agora fica a nota de que a postura "ad orientem" não é exclusiva do Rito Tridentino - ainda no dia 18 de Maio o Papa Francisco celebrou ad orientem no altar de S João Paulo II). E fico-me por aqui; (5) A duração das missas, para 45 min. Máx. 50 min; (6) No espaço nada faria, na liturgia, sim!; (7) Freqüento a Igreja da Lapa, onde todos os pormenores são levados ao rigor e, apesar de conservadora das tradições, acompanha cabalmente as exigências da vida actual. Gosto do espaço que a arquitetura da igreja propõe e concordo com as alterações que freqüentemente fazem quando preparam eventos que enchem demasiado a igreja, nomeadamente concertos ou festas religiosas como Natal, Ano Novo, Páscoa, festa da Senhora da Lapa, etc.; (8) SOBRE A PERGUNTA DA PREFERENCIA DE IGRJAS PEQUENAS OU GRANDES: a vivência da missa depende da pessoa, não do número de pessoas à volta;

ESPIRITUALIDADE / FÉ (1 resposta)

Expressões: (1) Se optar por projetar igrejas, que todos que nelas entrarem se sintam mais próximos de Deus

